STEPHEN WARD-
ATRAVÉS DA VOZ DIRETA
DE LESLIE FLINT
Tradução: Amadeu António

STEPHEN WARD À CONVERSA COM ROSE CREET

290863

As sessões que se seguem foram gravadas durante uma série de sessões privadas que o Sr. Leslie Flint, o médium de voz independente, deu a uma senhora idosa chamada Rose. O comunicador é o Dr. Stephen Ward.

O Dr. Stephen Ward era filho de um cónego da Igreja de Inglaterra. Tornou-se um osteopata conhecido e talentoso que contava entre os seus amigos e conhecidos políticos, aristocratas e artistas do palco e do cinema. O Sr. John Profumo tinha sido Ministro da Guerra até que os lamentáveis incidentes relativos a Christine Keeler e outros tornaram a sua demissão uma necessidade. Devido à sua associação com estas pessoas, o Dr. Stephen Ward foi preso sob acusações das quais não se conseguiu defender.

Alguns dos seus chamados amigos, que poderiam ter ajudado na sua defesa, acharam conveniente abandonar o país. Dentro de uma teia de mentiras e perjúrio, o Dr. Stephen Ward viu-se sozinho e a carregar os fardos que outros deveriam ter partilhado com ele. Em desespero, tomou uma overdose de comprimidos para dormir e morreu a 3 de agosto de 1963.

290863

Stephen Ward: [Voz fraca] Olá, alguém a tentar falar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Sim?

Rose Creet: Olá.

Stephen Ward: Boa noite, sinto-me... Não sei se me devo comportar perante ti. Acho que muito bem.

Rose Creet: Oh, consigo ouvir-te tão bem. O quê?

Stephen Ward: Muito novo. Não compreendo. Sim. Muito sobre isto. Fomos reunidos.

Rose Creet: Oh, sim. E o Dr. Marshall?

Stephen Ward: Sim, esse é o nome dele. Oh, sim. Muito gentilmente.

Rose Creet: O que é que isso significa?

Stephen Ward: Sim. Tentar falar. Oh, a porta é muito dura. Muito dura.

Rose Creet: Sim, mas vais habituar-te. É novo para ti agora.

Stephen Ward: Muito mesmo. Sim. Eu tenho muito arrependimento ("regression").

Rose Creet: Sim? Eu sei que sim.

Stephen Ward: Eu sei. Eu sei que sim. Sim. Morri com a ideia. Eu não era muito adepto disto. Não. Mas até que acontecesse muita coisa, eu não compreendia isto. Pensei que me tinham falado sobre isso. Sim, esse tipo de coisa. Ouvi falar disso, claro, certo? Uma vez, há muitos anos, tive algum tipo de experiência. E agora, se o mestre era um médium, se era uma vidente ou o quê... Bem, é tudo muito estranho.

Rose Creet: Será muito estranho. É estranho para todos. Há muitas pessoas comigo. Portanto, pensar em mim é muito estranho.

Stephen Ward: É bom, muito, sabes. Eu não consegui apanhar bem isso. Lamento, mas não consigo dizer. Bem, muito mesmo. Talvez consiga noutras alturas, mas é extraordinário ser capaz de falar desta maneira. Eu nunca acreditei em tudo isto. Tinha algumas ideias vagas sobre o assunto. Sim. É tão extraordinário.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Percebo agora que é um pouco tarde.

Rose Creet: Oh, meu Deus. Nunca é tarde demais. Ainda estás na guerra, não estás?

Stephen Ward: Não. É a tua afirmação. Como é que sabias? Eu não disse quem era.

Rose Creet: Tu não sabias, mas sabias. Foi extraordinário.

Stephen Ward: Sim. Eu queria, se pudesse, ter de fazer contacto com as pessoas. Sim. Claro. Certo. De qualquer modo... a minha consciência está limpa.

Rose Creet: Tenho a certeza de que sim.

Stephen Ward: Eu ouvi-o. Eu enfrentei-o. Fui tolo. Sim. Foram tolos e muitos, e há má vizinhança. Tu trabalhaste arduamente.

Stephen Ward: Tentei fazer o que pude, e certas coisas que eu era... E quero dizer que não era verdade. E coisas semelhantes que eram verdadeiras. Fiz certas coisas porque estava destinado a fazer. Foi realmente útil, e eu não queria ter a certeza. Mas suponho que cometi os meus erros e não sei quem não os comete. Mas a ideia do lixo com que encheram a casa de banho [metáfora para a imprensa/tribunal], o que imprimiram é totalmente falso. Tenho a certeza de que fui usado. De mais formas do que uma. Eu não paguei a ninguém. Não tenho para onde ir. Não guardo rancor a ninguém. Não. Mas acho que devia ter aguentado firme.

Rose Creet: Sim. Desejas ter aguentado firme?

Stephen Ward: Eu deveria ter aguentado firme. E estou bem. Não. E talvez venha um dia falar contigo.

Rose Creet: Eu adoraria. Não te preocupes.

Stephen Ward: E vários outros amigos aqui têm sido muito gentis comigo. E devo tentar e falarei contigo novamente. Isso é simplesmente fantástico. Sim. E quero agradecer, não só a ti, mas a qualquer outra pessoa que esteja aqui agora, contei a alguns amigos meus, eles ajudaram. Muito obrigado. Virei falar contigo se puder e irei à noite. Não, não, não, devias ter pensado. Oh, Deus. Por favor, também. Adeus.

*** * ***

091263

Este som foi gravado a 9 de dezembro de 1963, resolução média. Olá, Rose. Olá. Muito simpático da tua parte vires falar comigo novamente. Oh, ali está, oh, ali está o Stephen. Sim. Oh, meu amigo perdido há tanto tempo. Oh não, não perdido há tanto tempo. Oh, conta-me tudo sobre ti e como estás.

Estou a dar-me muitíssimo bem. Muito estabelecido, muito feliz, e não tenho arrependimento nenhum. Sinto agora que, bem, libertei-me, suponho, ou fui libertado de todos os velhos laços e confusões. Oh, perdido há tanto tempo.

Tive um início difícil, mas agora sinto-me muito melhor, muito, muito melhor, em parte devido ao meu próprio esforço e muito, claro, devido à ajuda que me foi dada por tantas pessoas maravilhosas que temos. Lamento muito saber sobre a Christine.

Bastante duro. Sim, tu sabes. Tu sabes. Oh, sim, eu sei disso. Sim. Lamento muito por ela de qualquer forma. Sim. De certa forma, eu falaria agora, apenas lhe dava alguns meses. Eu falaria agora, encurtava ou algo assim. De certa forma. Oh, deram-lhe nove meses. Eles, acho que encurtaram. Encurtaram. Hein? Não consigo imaginá-la a lavar ou a esfregar. Pobre cabra.

De certa forma, está tudo acabado. Sim. Eles tiveram o seu quinhão de carne, agora talvez deixem tudo estar e esqueçam tudo. Sim, acho que eventualmente poderá ter sido mais fácil. Como estás a dar-te? Estou a dar-me muito bem. Bom. Estás com muito bom aspeto. O Dr. Marshall diz-me que estás muito melhor. Oh, estou muito melhor agora, sim. Bom. Como está o velho *tum-tum*? O meu velho *tum-tum*, ele ficou comigo até eu vir para aqui. Bem, espero que sim. Seria bastante peculiar se andasses por aí sem um. É muito bom vir falar contigo novamente. Oh, tenho estado ansiosa por que viesses.

Oh, estou muito, muito feliz. Muito mais estabelecido. Não tenho arrependimentos agora. Hoje foi o pior, de qualquer forma. Sim. Agora vou organizar-me um pouco e decidir o que quero fazer. Acho que deveria obviamente continuar com a arte. E sou muito, muito dedicado à música. Gostaria de ser um músico muito bom. Sim. Estou interessado em música há muito tempo. Oh, conta-me, tu... Bem, parece a coisa mais fantástica.

Sim? O facto de podermos realmente conhecer estas pessoas que admirámos e de quem ouvimos falar tanto. Sim, é verdade. Ele é uma personalidade maravilhosa. É? Mas parece que ele tem o diabo atrás dele agora mesmo. Não sei o que se passa. Sabes tudo sobre isso? Bem, o Dr. Marshall, que parece estar muito bem informado sobre a maioria das coisas... Sim. ...parece pensar que ele realmente... bem, deu tudo de si, por assim dizer. Ele deu tudo de si ao tentar fazer algo bastante especial para ti. É verdade. O que deveria ter acontecido no teu aniversário. Por isso sabe Deus se vai acontecer pela altura do

Natal. Ele está determinado a tentar dar-te um presente, mas eu acharia que isso seria quase impossível, não acharias? Não, eu acharia que sim.

Mas as pessoas têm recebido o que chamam de uma pausa às vezes. Mas não sei o que acontecerá. Estou a lê-lo e eu... Tipo moedas do céu, queres dizer? Hmm? Tipo moedas do céu (*pennies from heaven*). Sim. Não sei o que acontecerá. Oh, bem, estou muito, muito mais feliz, e tenho uma espécie de *rom*, suponho que se pudesse dizer que é um *rom*. É um *rom*. Sim. Bem, é um *rom*. Sim. Numa espécie de... Bem, não gostava de lhe chamar um hotel. Não é propriamente um hotel. É uma espécie de... Não sabia bem como lhe chamar. É um lugar grande, e há todo o tipo de pessoas lá, gente de toda a espécie, na verdade. É muito interessante estar apenas entre elas, porque vês tanto e aprendes tanto com elas.

E estou muito contente, e estou muito feliz, e estou a aprender imenso. E há aqueles que ensinam... Não sabia bem como lhe chamar. É uma espécie de mistura de um hotel, uma escola, e no entanto não nos sentimos restringidos de forma alguma. Quero dizer, não se espera que faças isto ou aquilo. Ninguém te chateia ou incomoda. És deixado por tua conta. As crianças decidem. As sugestões são-te feitas, as quais podes aceitar ou descartar. Depende inteiramente de ti.

Mas é um lugar extraordinário quando vamos lá. Algumas pessoas poderiam quase dizer que é como um reformatório, embora não seja propriamente um reformatório, e no entanto, de uma forma estranha, é. Acho que é conforme nós... Espero mudar a nossa atitude sobre as coisas e a vida em geral, e pensar de forma diferente. E acho que a ideia principal do lugar, na verdade, é impedir-nos de pensar demasiado em coisas materiais e no passado, e tentar direcionar as nossas mentes de certas formas para coisas que seriam benéficas para nós no nosso progresso. É tudo tremendamente interessante, na verdade. Ao início, não sabia bem o que pensar daquilo. Era uma combinação muito extraordinária de todo o tipo de coisas estranhas, sabes. Como uma escola, como Boston, como... não sei o quê. Era a parte mais peculiar.

Enfim, comecei a ver o lado bom daquilo. Ao início, fiquei um pouco divertido com certos aspetos, mas na verdade é extraordinário porque podes comer e podes beber aqui, podes ir para a cama, podes jogar cartas se quiseres. Na verdade, podes fazer mais ou menos todas as coisas que terias feito na Terra. E parece não haver restrição real. Mas gradualmente, começas a perceber que muitas das coisas que tinhas o hábito de fazer são inúteis e sem sentido de qualquer maneira. Não têm substância. Esse é o ponto principal, creio. Começas a descobrir que coisas que parecem ter realidade e substância, já não têm. E, portanto, começas a mudar a tua atitude e começas a pensar: "oh, bem, isto não é realmente necessário. Estou apenas a fazer isto, e é tão estúpido". E deixas de desejar fazê-lo, e não fazes nada. E parece que mudas gradualmente em consequência disso.

É tremendamente interessante. Oh, que interessante. Tu vais a... Eu vou nadar, jogo ténis, ando a cavalo. Temos cavalos e animais aqui, animais de estimação. Vi pessoas com os seus cães e gatos de estimação, inclusivamente. Na verdade, há algumas mulheres aqui também, e misturamo-nos todos muito livremente. Claro que não há sexo nem nada disso. E o engraçado é que não posso dizer honestamente que o sexo tenha entrado nos meus pensamentos, quase nada. Acho que com o turbilhão e tudo o que se passava ao meu redor quando deixei o teu lado, esse aspeto de mim, da minha mentalidade, pareceu não desempenhar papel nenhum. Não senti qualquer tipo de instinto nessa direção. É como se esse lado da minha natureza tivesse mais ou menos desaparecido. Francamente, vejo as coisas de forma tão diferente de qualquer maneira.

E o extraordinário são as diferentes personalidades e personagens que conhecemos e o tipo de roupas que usamos. Ao início, eu sei que isto soa estúpido, mas uma das minhas primeiras reações foi para uma, bem, suponho que lhe chamarias uma festa. Pelo menos havia todo o tipo de pessoas reunidas lá, e todos estavam muito alegres e pareciam bastante felizes, e era tudo muito livre e descontraído. E alguns dos trajes que estavam a usar pareceram-me um pouco estranhos. E a minha primeiríssima impressão foi que era um baile de máscaras ou algo assim, porque havia pessoas em todo o tipo de trajes e de todo o tipo de

tempos e eras, e não percebi ao início que estas eram almas que são, bem, algumas delas são professores que estão ligados ao lugar. E comecei a perceber isso depois, e eles estavam a assumir aquele aspeto exterior em parte porque lhes agradava e em parte porque acrescentava cor e criava algo para semelhança e interesse.

E eu queria sentir tanto calor vindo de todas estas várias pessoas também, especialmente daquelas que tinham obviamente progredido e que estavam a agir como professores e guias. E os vários graus e condições de vida aqui são tão interessantes. E os trajes eram puramente pessoais. Se sentes que te queres vestir de uma certa maneira, então podes fazê-lo e fá-lo. Na verdade, nunca senti muito desejo de me vestir de outra forma que não fosse provavelmente uma camisa aberta e calças e tudo isso. Quero dizer, não consigo aceitar a ideia de apenas eu próprio, a ideia de que me posso vestir com uma espécie de túnica. Às vezes sinto-me um bocado tonto com isso, mas acho que me habituarei à ideia e desenvolverei isso mais tarde. De momento estou muito feliz apenas por usar uma camisa de malha aberta e um par de calças de lazer (*slacks*), vês. Sim, é o que costumas dizer.

Sim, bem, sempre me senti mais feliz assim, e em consequência sinto-me agora, vês. Enfim, tenho de te contar muito sobre isto, e posso fazê-lo. Sim. Mas, sabe Deus, a pessoa só tem de esperar por... Vês, o problema comigo é, e acho que se aplica até àqueles que professam saber muito sobre este assunto, quero dizer, eu não sou do tipo... espero não estar a meter-me onde não sou chamado. Não quero ser... Oh, não, não te estás a meter onde não és chamado. Acho que às vezes eles baralham-se com o tempo. Sabes, eu baralho-me terrivelmente. Quero dizer, por exemplo, alguém pode dizer: "oh, sim, venho falar contigo na próxima sexta ou quinta", ou quando for, e tem a intenção de o fazer, mas às vezes perde-se toda a noção de tempo. E tu... E talvez meses depois, vês.

É terrivelmente difícil. Suponho que estes guias que realmente sabem sobre o assunto consigam contar o tempo muito melhor, mas pessoalmente acho isso terrivelmente confuso. Oh, eu sempre perguntei por ti, e dizem-me que te dás muito... Sim, dou. E gostam muito de ti, sabes. Oh, eu dou-me bem. Digamos

assim. Eu dou-me bem. Toda a gente gosta de mim. Mas tens de admitir, o que tens de aceitar nesse ponto, querida, é que a vasta maioria das pessoas com quem estou são muito melhores do que eu, por isso é natural que nos demos bem. Eu não sou da alta roda, sabes. Não, mas eu tenho o Frédéric e o Dr. Marshall... Oh, sim, bem, eu conheci-os, claro, e eles são muito progressistas, e são muito interessantes, e tenho a certeza de que são muito prestáveis. Achei-os muito prestáveis.

Mas sinto-me, não exatamente desconfortável com eles porque têm sido tão bondosos comigo, mas sinto ainda que estão a milhas de distância de mim, que me sinto como um... bem, não sei bem o quê. Como um piolho numa cabeleira, sabes. Oh, tu dás-te maravilhosamente. Sim, mas tenho a certeza de que me dou muitíssimo bem com... Sempre me dei muito bem com as pessoas, mas acho que tudo deve vir a seu tempo, obviamente. Quero dizer, não posso esperar correr antes de caminhar, pois não? Sim. Enfim, estou-te muito grato. Oh, não precisas de estar grato. Bem, eu estou grato. Sabes, tens sido muitíssimo doce e muito bondosa, e os teus pensamentos têm sido uma grande ajuda para mim. Enfim, virei ver-te novamente assim que puder. Sim, está bem. Não posso dizer quando, mas espero que seja esta semana. Oh, eu espero que sim. Tu sentas-te... disseram-me, o Marshall diz-me que te sentas duas noites por semana. É verdade. É verdade. Bem, eu virei quando quer que isso seja. Está bem. Não te esqueças. Não me esquecerei. Tudo de bom, querida.

Adeus. Adeus. Adeus.

040164

Primeiro comunicador: Mickey (Guia de Leslie Flint). Segundo comunicador: Stephen Ward. Som gravado a 4 de janeiro de 1964. Médium: Leslie Flint.

Bom Ano Novo! Oh, Bom Ano Novo, querida! Faz muita diferença, não faz? Diferença nenhuma. Não existe tal coisa, na verdade, tendo em conta todo o

tempo do tempo, pois não? Qual é a diferença entre o dia 31 de dezembro e o dia 1 de janeiro? Não faz diferença nenhuma, pois faz? O sol continua a girar, e a terra, e tudo o resto. O tempo é apenas uma ilusão. É verdade. Nós já partimos, não foi, querida? Esperança. Cheios de esperança.

Sim, toda a gente espera que um novo ano seja melhor do que o anterior, mesmo que o anterior tenha sido bom. As pessoas estão sempre a olhar para a frente, nunca estão satisfeitas com o momento. Tens toda a razão, querida. Ou estão a olhar para trás, para o passado, ou a olhar para a frente, para o futuro, e acabam por se livrar de todo o presente. Não sabes que o passado, o presente e o futuro são todos o mesmo? Bem, faz tudo parte da mesma coisa, não faz? Sim. Hoje és o produto do que foste ontem, e o que vais ser amanhã depende do que és hoje também.

Quero dizer, é tudo evolução geral. Acho que as pessoas mais sábias são as que vivem apenas o presente. Eu também acho, e que tiram o máximo partido dele, e tentam fazer o melhor que podem nele e com ele. É isso mesmo. E deixar que o futuro cuide de si próprio. Afinal de contas, estás a moldar o futuro através dos teus padrões de vida e de pensamento de hoje, não estás? Sim, é verdade. E, no entanto, as pessoas estão sempre a queixar-se do futuro e, quando ele chega, estão insatisfeitas com ele; mas elas são as criadoras dele. Suponho que devas estar a ouvir muito disso agora. Fica-se farto.

As pessoas dizem: oh, o que vai acontecer amanhã? O que vai acontecer na próxima semana? Vou conseguir isto? Vou fazer aquilo? Estão cheias do que pensam que podem ter e do que podem não ter, ou do que querem e do que não querem, sabes? Toda a gente anda atrás de alguma coisa e, quando a conseguem, não estão satisfeitas. Muitas vezes preferiam estar sem isso, se o tivessem. Ninguém sabe o que quer. Quanto mais têm, mais querem. Sim, e sejamos... É estúpido porque, o que quer que tenham, não pode durar muito tempo, pois não? Não, claro que não. Como se pode ter o vestido mais bonito, ou a casa mais bonita, ou o conjunto de diamantes mais bonito? De que serve isso? É apenas temporário, não é? Mais cedo ou mais tarde, ou aquilo te deixa a ti, ou tu deixas aquilo.

Só há uma coisa de que não podes escapar: de ti próprio. Por isso, mais vale fazeres de ti uma pessoa o mais agradável possível, para que possas viver feliz contigo próprio. A maioria das pessoas é infeliz porque está farta de si própria. Não, tu não. Tu não estás farta, pois não? Podes estar farta das pessoas, mas não estás farta de ti própria, espero eu. Ficas irritada contigo mesma, mas isso é natural, porque à medida que envelheces o corpo deixa-te ficar mal. Sentes que já não podes fazer o que tinhas feito. Sim, e depois, quando olhas para trás, pensas para contigo nas coisas que poderias ter feito quando tiveste oportunidade. Não importa, a vida é um negócio complexo.

Isso é porque as próprias pessoas são complexas. Em vez de serem simples nas coisas fundamentais, são todas complicadas. Se ainda não são complicadas, começam a complicar as coisas porque estão fartas de não serem complicadas. Viva, aqui vamos nós com isto. Ninguém sabe o que quer, e ninguém sabe o que vai receber, pois não? E metade das pessoas que lá chegaram não sabem se lá chegaram ou não. És um rapaz sábio. Bem, as pessoas que tiveram bons tempos felizes têm arrependimentos porque já não os têm agora, e no entanto seriam infelizes se não os tivessem tido. Então, onde é que ficamos? Ninguém parece satisfeito. O mundo está cheio de desilusão, ilusão e não sei que mais.

Isto tem acontecido há milhares de anos e, em vez de melhorar, piora. Apesar do que as pessoas dizem, as religiões no Ocidente não descansam sobre isso. De facto, as religiões complicam frequentemente as coisas. Há mais ódio e amargura entre religiões do que em qualquer outra coisa. Religiões e política. Eu também gostaria que pudesse ser de outra forma. Mas é uma coisa engraçada: não se consegue ter paz, felicidade e uma espécie de boa vontade nem sequer entre famílias e amigos, quanto mais entre nações. Haverá sempre problemas entre as pessoas enquanto as pessoas permanecerem iguais ao que são. E até terem uma base espiritual sobre a qual viverem as suas vidas de uma forma sensata, então haverá sempre problemas.

Não no teu tempo de vida, meu caro. E não será no do velho Flint. Suponho que devia desejar-te um bom ano novo, não devia? Bem, podes fazê-lo se tiveres vontade. Bem, mais vale entrar no espírito, sabes, bom ano novo e pronto. Oh,

obrigada. Não te posso desejar um, pois não? Bem, pensei que ficarias infeliz se eu não o fizesse. Oh, não sei. Não acredito realmente em anos novos e anos velhos. Bem, para que serve aquela festa de Ano Novo então? Bem, porque é o que se espera de uma pessoa, suponho. Bem, eu não sou... Ele começou e agora toda a gente... Bem, eles têm de ir a algum lado, não têm? Mais ninguém se dá ao trabalho de os convidar. Ele está a gostar de ter convidado as pessoas. Mas ele é curioso, não é, Al? O que queres dizer com curioso? Curioso para ver como se dão todos uns com os outros.

Não sei. Oh, ele é, não é? Tu fazes isso por ele. Não, eu gosto das pessoas apesar de todas as coisas que me irritam. Além disso, dás-lhes a oportunidade de lhes dares um raspanete quando elas vêm. Estás aí? Sim. Bem, o que tens andado a fazer? Literalmente nada. Por outras palavras, a aproveitar ao máximo a oportunidade de te afastares do teu grupo. Não és nada ansiosa. Bem, afastei-me por um tempo muito curto, mas foi curto, acredita em mim. Não te culpo, querida. Afinal de contas, passo não sei quanto tempo a ajudar e a voltar e a fazer trabalhos desses. Fico contente por me afastar daqui. Quando tiver oportunidade, mudo isso. Deixo-vos entregues aos vossos próprios recursos. Eu disse que me atingiu. Eu disse-o. Um dia virei falar de forma realmente sensata. Oh, acho que o fazes com bastante frequência na tua forma de brincar.

Oh, sim, nas tuas brincadeiras e como eu lhe estava a dizer. Bom Ano Novo. Sim? Bom Ano Novo, eu disse. Oh, Bom Ano Novo. Bom Ano Novo para ti, Edna. Oh, obrigada. Bom Ano Novo para ti também. Mais vale entrar na onda, como os outros. O quê? Eu disse: mais vale entrar na onda. Sim. Bom Ano Novo para todos. Esperemos que seja um Bom Ano Novo, mas duvido. Ah, dizemos sempre isto. Não vejo agora como pode haver tal coisa como um Bom Ano Novo no vosso mundo. Quanto mais se vê do vosso mundo agora, deste lado, mais percebo como ele é bastante sombrio.

Percebo agora demasiado bem por que razão se deve ver, porque é tudo tão fugaz. Oh, acho que o mundo está a ficar pior a cada ano que passa. Bem, acho que, falando de um modo geral, as pessoas estão a ficar piores. Estão a tornar-se muito mais egocêntricas, muito mais inclinadas a ignorar o próximo e, desde que

elas estejam bem, o resto que se lixe, sabes. Sim, sim. Francamente, vou estar fora disso. Tenho a certeza que sim, Stephen. No início não estava, claro. Sentia-me ressentido por ser o responsável pelo que aconteceu, mas, no entanto, não estou arrependido agora.

Não, acho que estarias, e deves estar muito feliz agora. Vejo a vida sob uma luz tão diferente. Percebo as grandes possibilidades e percebo o fracasso total que todos parecemos fazer dela. Mesmo quando temos oportunidades maravilhosas, tão poucos de nós as aproveitam plenamente e fazem as coisas que poderiam tão bem fazer; o que, muito francamente, consigo ver agora na minha própria vida. Em retrospetiva, percebo que, em alguns sentidos, bem, fiz algum bem, particularmente no que toca à minha cura, mas percebo que desperdicei muito do meu tempo em futilidades. E talvez não devesse dizer isto — em pessoas fúteis; mas, por outro lado, acho que temos de perceber que, para se viver de todo uma vida, temos de, até certo ponto, dar-nos aos outros.

Não podes viver para ti próprio, mas a questão é saber como dar-te, e em que sentido, e como fazê-lo. E acho que todos cometemos o erro de não percebermos quais são as coisas que realmente importam. Percebo agora que andava atrás de coisas que eram tão insubstanciais. Acho que todos o fazemos. Acho que não podemos fugir disso, num sentido. É quando estamos na terra e somos jovens, particularmente, que corremos atrás das coisas insubstanciais, das coisas do momento, das coisas que nos atraem. É como um homem a correr com uma rede de borboletas a tentar apanhar uma borboleta bonita. Quando a apanha, qual é o objetivo? É muito melhor deixar a pobre criatura voar livre e apreciá-la em pleno voo, na beleza de um dia de verão, em vez de tentar apanhá-la e espetá-la num armário. Estamos todos a tentar roubar algo a outra pessoa.

Estamos todos a tentar fazer algo que, no seu próprio cumprimento, não nos traz qualquer felicidade real e traz miséria. É uma coisa difícil saber como viver. Sinto ainda que não vivi, num sentido. Suponho que seja estúpido de certa forma e, no entanto, tantas pessoas com quem falei... e suponho que todos tenhamos este arrependimento de que poderíamos ter feito muito mais com as nossas vidas. Ah sim, acho que a maioria das pessoas pensa dessa maneira, Stephen. E não é

até ficarmos provavelmente muito mais velhos que começamos a ver a sabedoria das coisas; e então, de alguma forma, talvez seja por termos envelhecido tanto que ficamos bastante contentes por nos sentarmos à lareira com um bom livro e fazermos muito pouco mais.

Senhor, essa é a minha fase de vida agora. Eu sei, mas num sentido mesmo isso — bem, não digo que esteja errado — mas acho que devíamos abrir os nossos corações e as nossas mentes às pessoas mais do que talvez o fazemos. Acho que às vezes perdemos, de forma inconsciente, oportunidades, mesmo quando somos velhos, de fazer coisas que são muito valiosas. Podemos dar — sei que nem sempre é aceite — mas podemos dar bons conselhos e ajuda às pessoas através da experiência, da nossa própria experiência, àqueles que estão no limiar da vida. Acho que a velhice, num sentido — à parte a doença e a enfermidade, nas quais não vejo compensação alguma — tem compensações de outro tipo. Através dos nossos próprios erros e das coisas que poderíamos ter feito e não fizemos — por outras palavras, do nosso viver — podemos olhar para trás e ver nisso uma lição de vida com a qual, se quisermos, podemos ajudar aqueles que escutarem e ajudar aqueles que estiverem dispostos a ser ajudados.

Mas mesmo isso, suponho, é agridoce, porque muitas vezes, quando queres desesperadamente fazer algo e ajudar alguém, descobres que ou eles não aceitam o teu conselho ou o que estás a oferecer, ou, se o fazem, é meramente superficial, e vão fazer exatamente o que acham que devem fazer de qualquer maneira. E se tentas falar-lhes da verdade tal como a conheces, eles podem aceitá-la à superfície, mas não a aceitam realmente de forma profunda. Não tem realmente grande efeito neles. Acho que, de certa forma, estou contente por não ter chegado a velho e, no entanto, no mesmo sentido, gostaria de o ter feito. Suponho que seja realmente uma coisa estúpida pensar assim. Suponho que seja o facto de que mesmo aqui, embora tenha tido imensa experiência nova e tenha encontrado muita verdade...

*** * ***

300764

Rose Creet: Como estás, Stephen?

Stephen Ward: Boa noite. Boa noite. Parecem eras e eu suspeito de ti.

Rose Creet: Sim. E dizes-me, provavelmente, cerca de um mês, se for o caso.

Stephen Ward: Não parece muito tempo. Provavelmente é porque tenho andado por aí bastante e parece muito tempo sem conseguir passar. Não é o facto de eu ter vindo ver-te praticamente dia sim, dia não. Só para ver como estás enquanto os rapazes estão fora. Gosto de ficar de olho em ti.

Rose Creet: Oh, isso é muito simpático da tua parte.

Stephen Ward: Não que não tenhas muitas outras pessoas, mas, no entanto, sinto-me como se fosse um dos mesmos.

Rose Creet: Claro que és.

Stephen Ward: Sinto-me como se estivesse num trabalho de estrada pago. Estou muito, muito contente por saber que estás por perto. Quando me sinto realmente com vontade de dizer, suponho que sou difícil de conhecer.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Sinto que tenho sido duro. Por isso, certamente sabes. Devo dizer que estás com muito bom aspeto. Digo que poderias realmente usar isso por mim?

Rose Creet: O quê? Quem não está fora?

Stephen Ward: Eu estou. Não pensei nisso.

Rose Creet: Porquê?

Stephen Ward: Não sei, mas gosto da cor.

Rose Creet: Gostas da cor?

Stephen Ward: Sim, eu sei. Sei que gostas de mim em tons malva.

Stephen Ward: Gosto de cores pastoris suaves. Conheço os tons de verde suave, azuis suaves. Tento colocar alguns tons malva nisso. Na verdade, o malva fica um pouco melhor do que o teu cabelo. Como está a moda agora?

Rose Creet: Bem, porquê preocupar-se com a moda? As mulheres mais bem vestidas não querem saber da moda. Eu não me preocupo com a moda.

Stephen Ward: Mas eu não me preocupo com a moda. Simplesmente não sei o que se passa. Não tenho uma figura bonita. Por isso vou à loja e sou graciosa. Não há moda aqui. Conheço pessoas todos os dias que desenham, dizem que sim. Realmente ainda não sei muito sobre esse lado da questão, mas certamente parece-me que ninguém pode desenhar nada para ti. Sabes que o próprio trabalho é que o desenha? Por outras palavras, acho que conforme pensas e conforme te tornas, num sentido, conforme te vestes. Eu sei que isto soa difícil. Não posso evitá-lo.

Mas descobri que é algo para as próprias mulheres. É para as mulheres. É para as mulheres... Quero dizer, não sei. É para as mulheres, porque acho que as pessoas, em todos os tons de cor, de todos os estilos, chegam ao seu nível. Então estou a começar a perceber e a aprender agora que, bem, quase se pode julgar. Não apenas julgar num sentido longo, quase se pode dizer que tipo de pessoa uma pessoa é, por qualquer meio. Pelas roupas que estão a usar, que de alguma forma estranha, pela própria natureza do seu próprio ser. Podem ser vistas com clareza.

Stephen Ward: ...Podem ser vistos com clareza, na cor e no material, na forma e no estilo, de acordo com o seu caráter e a sua natureza. É terrivelmente interessante. Estou a aprender a conhecer as pessoas quase num relance.

Rose Creet: Oh, isso é maravilhoso. Sim, isso é extraordinário.

Stephen Ward: O que quero dizer com isto é que talvez eu não conhecesse realmente a pessoa, digamos, o nome e o íntimo dela, mas pode-se dizer mais ou menos o caráter geral de alguém pela coloração — não apenas pelo que estão a usar, mas pelo tipo de "aura" que emana deles. E a consciência interior que se tem, ou a perceção que se tem do temperamento e da natureza da pessoa, e também dos seus interesses, é extraordinária.

Claro, nem toda a gente aqui, por exemplo, é altamente sensível ou altamente artística, nada disso. Mas é uma coisa extraordinária, mesmo presumivelmente a pessoa mais comum, depois de estar aqui há algum tempo e

das mudanças subtis que ocorrem à medida que assimilam novos conhecimentos e experiências, como elas mudam e começam a apreciar frequentemente coisas em que normalmente na Terra nunca teriam pensado, muito menos apreciado. Quero dizer, aqui vês este tipo de maravilhoso pensamento de mudança a sair das pessoas. Não é uma coisa súbita, claro, mas é algo a que se é sensível e tudo o mais.

Penso que todo o ponto sobre a vida aqui, pelo que consigo perceber, é a sensibilidade da pessoa, o sentimento que se tem, a reação emocional, a sensibilidade em relação a todo o tipo de coisas, o entretenimento para os outros e a perceção que se tem consigo mesmo de que até um indivíduo, como eu ou qualquer outro, é uma parte muito importante nas vidas e na construção de caráter, na moldagem e no desenvolvimento de outras pessoas. Aprendi imenso com tantas pessoas que sinto como se estivesse a assimilar todo o tipo de coisas e todo o tipo de pessoas. E gradualmente a minha própria natureza está a mudar. Não diria que, em alguns sentidos, sou obviamente diferente do que era na Terra, mas posso sentir em mim uma perceção das coisas que certamente me mudou.

Faço coisas muito mais plácidas. Agora, quando estava na Terra, não sabia o que era ser plácido. Na verdade, era uma das coisas mais difíceis para mim: ser capaz de relaxar. De facto, acho que nunca relaxei realmente. Se o meu corpo alguma vez relaxava, o que era raro, o meu cérebro nunca o fazia. Estava sempre totalmente ativo. Estava sempre a remoer coisas dentro de mim e estava sempre um passo à frente, o tempo todo. Por isso, quando falava com as pessoas, se ficasse entusiasmado, descobria que, por querer dizer tanto, era muitas vezes incoerente. Eu sabia que era uma espécie de falta de controlo, por assim dizer, por causa das palavras que saíam de mim em jorro e, de alguma forma, parecia nunca ser capaz de as deitar cá para fora com rapidez suficiente.

Era confuso de certa forma, e uma das razões, não apenas porque gosto de café, mas porque o acho calmante — e vejo que é uma coisa magnífica — mas, claro, era uma espécie de antídoto. Mas o ponto é que consigo ver-me agora de uma forma tão diferente. Consigo ver-me como certamente nunca me vi antes. Certamente não quando estava encarnado. Consigo ver como as coisas são

diferentes. Fiz certas coisas, claro, e quão melhor teria sido se não as tivesse feito. Mas, ao mesmo tempo, consigo ver-me sem qualquer sentimento de auto-infetação — não queria dizer isso — mas consigo ver que, num sentido, eu não poderia ter sido diferente do que fui. Não teria sido a minha vida, de qualquer maneira, e possivelmente não teria sido bom para mim. Pode ter sido bom para outras pessoas que eu fosse diferente, mas para mim eu tinha de ser como era, e percebo que grande parte disso se devia a uma espécie de pressão que vinha de fora de mim.

Não me refiro exatamente ao lado físico da minha vida, mas percebo agora que muita da ternura que eu tinha, e muitas das emoções que sentia, que às vezes nem eu próprio compreendia, e certamente uma certa quantidade do talento que tinha no sentido artístico, vinha não só de dentro de mim — que era uma coisa natural — mas vinha de fora. Percebo agora algo que nunca tinha percebido antes: que eu era um médium. Por outras palavras, eu era sensível a tal ponto que me via a fazer coisas, ou a expressar-me de uma forma que me surpreendia. Ou sentia que dizia algo — de facto, até poderia estar a ter uma discussão ou conversa com alguém e, do nada, ouvia-me a dizer coisas que eram quase estranhas à minha natureza — e percebo agora que era hipersensível e, portanto, estava muito sob a influência de forças que não percebia. E às vezes, claro, vamos admiti-lo, também era afetado pelas próprias condições materiais ao meu redor e também as pessoas do vosso lado me influenciavam, possivelmente muito mais do que eu percebia na altura. Na verdade, há certas coisas que fiz que, realmente, se eu pudesse ter sido uma pessoa mais racional, nunca teria feito.

Rose Creet: Se estavas sob a influência das pessoas, podes agora olhar para ambos os lados. Já descobriste quem te influenciava na altura em que estavas na Terra?

Stephen Ward: Oh sim, tenho uma certa noção. Percebo agora que estava a ser influenciado por várias pessoas: algumas eram pessoas muito boas, especialmente as que tentavam influenciar-me no caminho certo, e que certamente me influenciavam no que diz respeito ao meu trabalho artístico, aos meus esboços e pinturas, toda essa parte. E, claro, também percebo que fui

ajudado silenciosamente na minha cura. Quero dizer, eu provavelmente fazia as coisas... o filme [o conhecimento] que eu tinha, tinha algo, e certamente comecei a fazê-lo, mas percebo agora que a cura era feita através de mim — uma grande parte dela era feita através da agência de certos médicos deste lado, que encontraram em mim um instrumento ou um médium através do qual podiam trabalhar, que podiam manipular e através do qual podiam verter, poder-se-ia dizer, uma espécie de força espiritual, ou certamente uma força rejuvenescedora de natureza psíquica, que beneficiava as pessoas. Isto independentemente do meu próprio talento genuíno ou conhecimento, mas percebo agora que todas as coisas que aconteceram através de mim eram coisas para as quais eu era apenas o instrumento mediúnico.

Percebo agora que deveria ter sido, e poderia ter sido, um médium muito bom, o que possivelmente teria sido uma coisa maravilhosa, mas já vi como os médiuns passam pelo "moedor" como este [Leslie Flint]. Estou muito contente, num sentido, por não o ter sido. Mas, na verdade, eu não gostaria de ser um médium, e odiaria ser um médium — embora diga que gostaria de servir e ajudar e trabalhar para que as pessoas tivessem conforto.

Rose Creet: Não ficarias feliz com isso?

Stephen Ward: Oh sim, fui designado para voltar. E tenho a certeza absoluta, não me consigo imaginar a voltar à Terra e não quero voltar, e não acho que haja qualquer necessidade real. Não quero dizer com isto que tenha um sentido de perfeição tão elevado. Odiaria saber que me tornei presunçoso sobre isso, mas acho que a minha última etapa na Terra foi definitivamente algo que eu não tinha experienciado. Não quero dizer com isto viver o dia a dia, e acho que isso é um pensamento aterrador. Mas acho realmente que as vidas das pessoas devem seguir um certo padrão.

Acho que não há dúvida sobre isso. Quanto mais estudo outras pessoas e as suas vidas na Terra, parece-me que, bem, elas têm livre-arbítrio, mas ao mesmo tempo têm de se mover do ponto A para o ponto B, ou o que quer que me aconteça. Não podem realmente desviar-se. Podem ser capazes de ir um pouco para este lado ou para aquele lado, mas eventualmente devem voltar à linha

estreita. Cheguei a essa conclusão: que tudo é método, método, método matemático. Ao dizer isto, quero dizer cientificamente. Sei que estou, mais uma vez, a tentar provar algo cientificamente — quero dizer, isso é impossível. Mas eu acho, e cheguei a esta conclusão discutindo com outros aqui e eles concordam todos — embora não pareça na Terra e certamente não seja possível prová-lo — que tudo se ajusta à matemática.

E parece-me que a ciência — e discuti isto com uma das pessoas aqui — eles dizem que a ciência provará a matemática e, cientificamente, a realidade da vida e da vida além da morte, e como aquilo que parece ser a morte não é o fim. É uma coisa espantosa. É apenas uma certa camada, como se fossem camadas de consciência. Quando estás na Terra, tens uma camada de consciência que te permite experienciar e saber sobre certas coisas, dentro de certos limites. Mas existem certas pessoas dotadas, pessoas que podem evoluir ou desenvolver-se ainda na Terra para uma camada de consciência mais elevada.

É apenas uma questão de camada de consciência, porque tudo o que está a acontecer está a acontecer agora, mas lá porque estás numa condição de vida ou consciência limitada, só consegues ver até certo ponto. Não tens conhecimento do que está fora dela. É como estar numa sala que está escura. Vês apenas o que vês, e conforme te ajustas à escuridão, podes, em certa medida, perceber algo de forma minúscula. Mas uma vez que ligas a luz e vês tudo na sala... é apenas o facto de que só estás a experienciar o que tu próprio podes experienciar sob as condições em que estás naquele momento particular. E não há dúvida de que existem muitas, muitas camadas de consciência, e é possível, enquanto ainda se está na Terra, entrar numa camada de consciência mais elevada. Mas é algo que obviamente levará tempo, experiência e grande paciência, e certamente significa que terias de rejeitar um grande número de coisas que podem parecer importantes, mas que não são.

Por outras palavras, suponho que é como viver em dois mundos ao mesmo tempo, e esse estado aplica-se a mim agora. De certa forma, estou a viver em dois mundos neste momento. Quero dizer, em princípio, estou a viver no meu próprio ambiente, e essa é a condição na qual me encontro, na qual estou

plenamente em casa, plenamente ciente, plenamente consciente e sei tudo o que acontece ao redor; na qual sou parte. E também estou consciente, em princípio, da Terra, ao entrar nela e ao entrar nas mentalidades dos indivíduos que possam estar na Terra e pelos quais estou interessado; e portanto, vejo e percebo tudo porque estou a entrar nessa camada de consciência. Mas também estou a perceber e a entrar, lenta mas seguramente, numa camada de consciência mais elevada.

Por outras palavras, estou a começar a perceber, a começar a elevar, num sentido — suponho que dirias — o meu eu consciente para uma nova forma ou nova condição. É uma coisa extraordinária como, se quiseres e se acreditares sinceramente e tiveres fé e fizeres o esforço, como podes experienciar todo o tipo de coisas que podem ser bastante anormais para outras pessoas. O ponto é que as pessoas só são cegas porque não querem ver, porque não fazem o esforço. Por outras palavras, as pessoas apenas se agarram ao que conhecem e não têm desejo de saber mais nada.

Rose Creet: Isso é verdade, se queres falar abertamente, falas abertamente.

Stephen Ward: Pois eu estou realmente ansioso por descobrir tudo o que for possível. E sabes, falando de tudo isso, é por isso que te digo, sabes, é poesia e uma nova moralidade. Oh sim, todas essas coisas contam. Mas não escrevi exatamente isso, quanto é que não gostaria de dizer, mas todas desempenham um papel. Mas essas são as coisas básicas que tu és, e tudo isto é influenciado, até certo ponto, pelo sistema planetário. Há alturas certas em que certas pessoas são afetadas pelos movimentos dos planetas.

Rose Creet: Sim. Sim.

Stephen Ward: Sabes, eu estou aqui sentado e o que as pessoas não percebem é — acho que a pessoa comum olha para o céu, vê as estrelas e vê o sistema planetário. Mas por causa desta vasta distância, olham para isso como algo exterior a elas. Mas, na verdade, uma vez que vislumbras a realidade, o espaço e o próprio tempo, nesse sentido, não têm existência.

Rose Creet: Uau.

Stephen Ward: Quero dizer, não têm existência enquanto tens a perceção ou a consciência de que és material; mas depois pensas em ti próprio como estando

além do material. Por outras palavras, uma vez que a pessoa percebe que tem uma alma, ou que tem um espírito, e que o corpo é apenas o invólucro, e que pode entrar no nosso mundo, nas nossas condições de pensamento... Uma vez que percebes a imensidão disto, uma vez que podes recorrer a ela — esse é o ponto — é como um íman. Percebe que podes ser atraído para a Terra. É realmente difícil de explicar, mas suponho que dirias que se algumas pessoas estão presas por um fio de luz, elas não o percebem, e é preciso um esforço para as tirar dali. Mas sabes, uma vez que percebes o íman e respondes a ele, é espantoso como és muito mais capaz de compreender, como és muito mais capaz de visualizar, ver e experienciar.

Não me levou assim tanto tempo a ajustar-me e a aprender a conhecer-me a mim próprio e a compreender o propósito e o significado das coisas. Percebo a imensidão da vida, percebo que uma vida não é nada. É... bem, é como um grão de areia no deserto. Acho que não passámos apenas por duas ou três vidas, provavelmente por dezenas e dezenas de vidas. Algumas pessoas, provavelmente mais do que outras; algumas pessoas voltam à Terra deliberadamente por escolha própria para algum trabalho específico que queiram ou tenham de fazer, ou porque foram escolhidas.

Acho que é prodigioso que toda a gente tenha andado para trás e para a frente, e que isso é muito necessário, e que o mundo terreno é agora muito mais do que parece. Não é apenas o que parece à superfície; é um berçário muito necessário, no qual temos de aprender e experienciar todo o tipo de coisas na escola. Às vezes somos alunos rebeldes e temos apenas de voltar novamente. Às vezes não ficamos muito tempo, mas, lá está, não parece ser a duração do tempo que ficamos que importa.

É o que simulaste em ti próprio, ou o que talvez tenhas alcançado, não necessariamente para ti, porque me parece que a maior parte do que é prodigioso é feito quando te esqueces de ti próprio. Creio que o egoísmo é uma das maiores barreiras ao progresso real.

Rose Creet: Sim, sim. Exato.

Stephen Ward: Ou estou a aprender muito; o Marshall tem sido uma grande ajuda hoje e, francamente, embora provavelmente ainda não lhe tenha dito muito, provavelmente dirá. Mas sabes, ele é um tipo curioso. É uma das poucas pessoas que ainda não consegui decifrar.

Rose Creet: O que é isso?

Stephen Ward: Ele é muito... não sei como explicar isto, suponho que é como um homem de mil faces, poder-se-ia dizer; é um personagem complexo e, vês, ele tem a capacidade de — deixa-me dizer-te, caso ele não te tenha dito nada. Ele deixar-te-á saber o que ele pensa que deves saber, nada mais.

Rose Creet: Não, ele sabe disso.

Stephen Ward: E ele sabe como se retirar. E também sabe como — não diria contornar as coisas, porque isso soa a falsidade — mas o que quero dizer é que ele deixará que vejas às vezes um certo fator, ou um lado da sua natureza, ou um certo aspeto de si próprio. Mas ele é apenas uma pessoa diferente se o vires na totalidade. Sabes, é como se apanhasses um vislumbre aqui e ali, e depois tentasses juntar tudo e fazer algo com isso. Ele é um tipo de indivíduo curioso, interessante e versátil. Às vezes vi que ele era um tipo inteiramente diferente, e ele nem saberia se eu dissesse... se eu tivesse uma ferramenta, ele nem associaria à música. Isso é extremo.

Rose Creet: Sim, bem, vês, ele tem a capacidade... uma vez ele pregou-me uma partida.

Stephen Ward: Sim. Eu não tive essa experiência.

Rose Creet: Uma vez ele pregou... eu levei com uma partida, enfim, mas é uma piada, é uma piada chocante.

Stephen Ward: De qualquer forma, um dia vi o que pensei, na altura, ser um homem muito velho, que parecia — se tivesses de descrever Moisés, bem, não estarias errada, algo desse género. Tinha uma barba longa e cabelo fluido, com uma espécie de hábito, ou uma espécie de túnica longa e franzida, com um cajado na mão; e vi-o a caminhar na minha direção.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E pensei — isto só me ocorreu depois, tem sido muito difícil, não é um facto, mas muito estranho. Por um lado, ainda se veem pessoas muito velhas, o que é invulgar; pessoas na nossa condição, a maioria perdeu essa aparência muito jovem, e isto é porque não existe, num certo sentido, velhice aqui. Eu tinha descoberto o facto de que não havia uma nova velhice, e não me ocorreu... enfim, ele falou comigo, parámos, e ele falou de uma forma muito... bem, não sei como explicar, mas de uma forma não exatamente religiosa, não diria isso.

Rose Creet: Oh, eu sei.

Stephen Ward: Mas, de qualquer modo, deu-me a impressão de que era uma espécie de patriarca muito antigo, sabes?

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E ele tinha... mas o estranho era que ele parecia tão velho, mas os seus olhos pareciam jovens e brilhavam; e eu pensei, bem, não sei. Tive este homem no resto do mundo, e ele falava-me sobre a alma e a evolução, e como era necessário abrir-se ao mais alto possível. Na verdade, ele deu-me uma espécie de narração e uma palestra sobre o que me pareceu ser algo de um nível muito elevado — não diria religioso, mas certamente espiritual, sabes? Mas o tempo todo havia ali um brilho de alegria e uma espécie de advertência gentil — será essa a palavra?

Enfim, ele pediu-me para caminhar com ele, e eu caminhei com ele; e eu não estava a olhar para ele o tempo todo, mas algo parecia atrair os meus olhos para o plano da frente e, à distância, parecia haver uma espécie de iluminação. E eu não percebi isto, mas era a mente dele que estava a criar uma ilusão para eu olhar, em vez de olhar para ele; ele estava a sorrir e a falar comigo, sobretudo sobre coisas semirreligiosas, e eu estava fascinado com esta visão gloriosa ao longe. Parecia um pôr do sol e, no fundo, havia uma cidade magnífica; na verdade, como lhe chamas, não poderia ser muito mais, mas parecia estar banhada num sol glorioso. Parecia que poderia ser algo como Belém, ou talvez uma das antigas cidades orientais; de qualquer modo, não notei o que a cidade era.

Para mim, parecia tão real, mas percebi depois que isto era um reflexo da mente dele, criando esta imagem, como uma miragem ténue; e lá, descobri mais tarde, que este era um lugar no qual ele tinha vivido, e no qual passou muitos anos, e onde desempenhou um papel muito importante, de facto. Enfim, conforme avançávamos, este edifício, ou este conjunto de edifícios, ao aproximarmo-nos, parecia estar a recuar na perspetiva... e não sei se foi pensamento meu, porque a perspetiva parecia errada, e à distância parecia uma ilusão, e o próprio tempo parecia parar. Foi quase peculiar e depois... bem, percebi depois, ele desapareceu. Eu não sabia que ele ia desaparecer, mas ouvi a sua voz a dizer: "Bem, ver-te-ei muito em breve, mas reconhecer-me-ás, embora não como me vês agora". E eu virei-me para olhar e ele tinha-se ido; e o que soube a seguir foi que... bem, parecia que eu tinha tido uma espécie de sonho e acordei no meu próprio lugar, dentro deste grande hospital, um lugar para sessões.

Enfim, descobri muito tempo depois — ou pelo menos algum tempo depois — quando vi o Frederick ("Fred") novamente; e ele olhou para mim e eu pensei... era algo, não sabia o que era, mas algo era tão familiar... e então percebi os olhos. E ele riu-se e disse: "Bem, reconheceste-me?". Eu disse: "Tu não és o velho". Ele disse: "Bem, fui, mas não sou agora; foi uma das minhas encarnações". Portanto, fiquei fundado por isto. Sabes, todos esses pensamentos... achas que ele vai fazê-lo? Bem, ele veio a mim como Toth, e eu devo... e ele sabe como corre.

Rose Creet: Bem, eu não sabia. Tenho a certeza de que é, ele diz-se Fred. Bem, ele parece... agora que mencionas isso, ele parecia exatamente como, provavelmente, um rapaz antigo pareceria.

Stephen Ward: Sim. Mas esta pequena e estúpida cidade, não sei bem como isso se liga, mas era verdade; esta cidade parecia-me antiga mas, lá está, a cidade pode não ter tido ligação com ele no sentido de ser a sua cidade naquela fase particular da sua vida. Infindavelmente, percebo certas coisas de qualquer maneira; é evidente para mim que ele é uma alma muito antiga, que teve muitas encarnações, que foi chamado por muitos nomes e que viveu em tempos antigos; acho que não há dúvida de que viveu na Roma antiga, e acho que teve uma

encarnação assíria, acho que teve várias encarnações noutros tempos, noutros países. Mas, sabes, ele é este personagem extraordinário porque tem a capacidade de mudar. Não quero dizer necessariamente que ele mudaria sempre as suas feições ou aparência, mas sente-se que há alturas em que ele é quase uma pessoa diferente; ele pode estar a falar contigo, ou pelo menos a transmitir-te pensamentos, e depois quase altera todo o tom da conversa e toda a sua maneira de ser ou o que está a tentar expressar.

No tema também, às vezes ele é como um fogo-fátuo, está aqui e ali, e num minuto pensas que ele está contigo e ele foi-se. Não sei por que razão haveria de ser assim, mas isto é algo que se pode fazer, e é por isso que nos tornamos mais experientes nestas coisas. Podemos recriar... suponho que é isto: ainda se pode, de uma forma estranha, reverter para algo que já fomos, e nunca se pode saltar para a frente até que tu próprio o tenhas tornado possível; mas é interessante saber como todos estes diferentes "eus" podem quase ser trazidos à tona.

Rose Creet: Sim, é extraordinário.

Stephen Ward: É quase como se tivesses uma biblioteca, um volume, e cada um não estivesse vivo, e que podes estender a mão e pegá-lo, lê-lo e assimilá-lo, e tornar-te parte dele. Não é uma coisa extraordinária? Não é apenas um livro da vida. Eu sei que isto é, num sentido, alegórico, mas o ponto é que estamos todos, não simplesmente vivos, e no entanto, todos se encaixam, fazem todos parte uns dos outros. Não é uma continuação. É como uma história e diferentes capítulos.

Cada capítulo é importante, e o segundo ou o terceiro ou o quarto capítulo não poderiam existir se não tivesse sido pelo primeiro, segundo ou terceiro, e assim por diante. Cada aspeto de nós próprios, cada parte de quem fomos, cada indivíduo em que nos tornámos, é tudo parte de algo tremendo, algo que é tão vasto que a pessoa se pergunta se poderá alguma vez estar completo. E acho que isso, agora falando sobre a existência da vida lá atrás, é a única coisa que parece fazer sentido para mim, porque percebo que não se pode simplesmente fechar o livro, ele tem de continuar; e é a única coisa que torna a vida suportável, ou é a única coisa que torna a vida possível. Esta perceção é quase algo novo para se ter, algo fresco para saber, algo novo para descobrir: o entusiasmo de ser, o

entusiasmo de descobrir, o entusiasmo de mudar, e tornar-se, e aprender — e é fascinante.

Rose Creet: Exato!

Stephen Ward: É uma coisa extraordinária. Não é estático. Acho que agora se vê que a vida não é estática. Se fosse estática, deixaria de ser. Se não pudesse existir, seria uma seca — quando o mês [a ideia de] morte fosse o esquecimento completo. Aqui, sente-se o formigueiro da vida, o entusiasmo da vida, e o conhecimento que vem, e a experiência que se segue, e as pessoas que se conhecem, e as coisas interessantes que elas te podem contar e partilhar, e a forma maravilhosa como tudo se encaixa... é como um tremendo e glorioso puzzle, cada peça tem o seu lugar.

A questão está em descobrir onde ela encaixa, para ver que tipo de imagem se forma. E depois, quando pensas que o terminaste, não está de modo algum terminado. Descobres que ele se estende cada vez mais longe, até que possivelmente nem consegues visualizar o fim, mas consegues vê-lo em parte, e consegues compreendê-lo em parte, e consegues vê-lo como um pedaço de uma imagem completa; mas é excitante, vibrante e maravilhoso. E sabes de uma coisa... estou tão contente por estar morto.

Rose Creet: Sim, eu estava precisamente a pensar nisso agora mesmo... [risos].

Stephen Ward: Estou tão feliz. Sabes, sinto que finalmente... sinto uma paz, e estou realmente em paz. E o extraordinário é que — eu espalhava a minha mente na Terra sobre coisas de paz — pensas que uma tranquilidade completa é nada, que não há nada para perturbar. Mas há sempre tanta coisa a acontecer e fazemos parte disso, só que não ficamos irritados ou afetados de qualquer forma prejudicial. Estamos o tempo todo excitados e em suspense para saber mais. Sabes, estar em paz aqui significa estar muito vivo.

Rose Creet: Sim, e é por isso que eras tão inquieto na Terra, porque acho que és o tipo de pessoa que quer sempre saber e quer sempre experienciar. E agora tens isso.

Stephen Ward: Mas percebo agora que, olhando para trás, poderia ter feito as coisas de forma tão diferente em alguns erros, mas ainda assim, não quero ter arrependimentos. Não tenho arrependimentos no sentido das coisas más.

Rose Creet: Não, não faças isso.

Stephen Ward: Estou muito feliz. Quero que saibas disso. E o conforto que tenho, acredita em mim, deve-se a ti, e deve-se ao facto de eu poder vir aqui falar; e isso está a ajudar-me. E estou muito feliz. Quero que saibas que o conforto que tenho deve-se a ti, está a ajudar-me mentalmente, é uma libertação imensa para mim e certamente ajudou-me a elevar-me para longe das condições da Terra. Nem te digo o que significou para mim vir aqui. Tem sido maravilhoso. Enfim, tenho de ir, porque consigo sentir o poder a diminuir e não quero esgotar o tempo do médium. Mas tem sido maravilhoso.

Mas ver-te-ei novamente, se tudo correr bem, na próxima semana. Enfim, contar-te-ei mais sobre o teu amigo Frederick. Posso contar-te histórias sobre ele, é realmente fantástico. Oh, ele não me impediria, porque ele não tem estado para me impedir. Na verdade, sabes, ninguém pode realmente impedir ninguém de fazer algo se eles quiserem, porque não têm livre-arbítrio completo [neste contexto, Stephen refere-se à liberdade de espírito]. Enfim, vou-me embora. Que Deus te abençoe. Quero perguntar-te sobre esta fotografia e terás um pouco desta tua fotografia. Obrigado.

Rose Creet: Oh, valha-me Deus. Quero dizer, não consigo identificar realmente. Não me lembro. Sei que sou uma rapariga. Mas poderei lembrar-me e descobrir.

Stephen Ward: Sim. Mas tenho de ir.

Rose Creet: Está bem. Está bem. Obrigada.

* * *

O DOUTOR MARSHALL FAZ A APOLOGIA DE STEPHEN WARD 020963

Dr. Marshall: (Dirigindo-se a Rose Creet) Esta noite também queria adiantar algo... por aqui este meu amigo Stephen ansiar muito por isso.... Por acaso ele até se encontra muito calmo e muito (...) com relação a isso. De certo modo não fico surpreendido que ele se tenha saído tão bem, por se ter adaptado às águas. Creio que em parte isso se deva ao facto de ele ainda se encontrar (num certo sentido) mentalmente próximo à terra, o que dadas as circunstâncias, creio que seja compreensível. Naturalmente que acho, pelo que me tem sido dado colher, que ele sente que devia ter continuado a lutar; penso que ele sente que preferiria jogar nas suas mãos; creio que isso ainda o preocupa um pouco...

Claro que na minha opinião não há razão para se preocupar indevidamente acerca desse aspeto que, num certo sentido, suponho naturalmente se alterará, ele mudará a perceção que tem das coisas. Penso que ele acha que devia ter permanecido no vosso lado e lutado como com efeito lutou tão bem e enfrentado aquilo, com base na possibilidade de virem a dar-se repercussões e uma recorrência... Na realidade eu penso que não teria parado, de facto estou certo de que todo esse negócio ter-se-ia prolongado, em seu benefício na verdade. Penso que teria ido preso, que era o que sem dúvida lhe teria sucedido... Ele teria visto a sentença alterada, por achar que teria metido um recurso, e a sentença teria sido muito reduzida.

Acho que ele percebe agora que eu acho que ele sentiu, e com o tipo de pessoa que ele era, altamente desenvolto e muito sensível, sinto que ele tenha sentido que tinha todo o peso contra si, por (...) tal como se mostrava, estar a ser muito alimentada contra ele, e todos os amigos, que ele achava que eram amigos, o terem abandonado. Acho que ele foi um homem que afundou a própria embarcação e ninguém lhe deu uma mão quando as águas se mostraram tão tempestuosas que achou que não teria nada porque prosseguir. Creio, com toda a franqueza, que ele foi conduzido ao suicídio por toda aquela situação que foi criada, em parte pelos seus amigos. Toda a situação se tornou tal que ele achou que não conseguia enfrentar mais toda aquela situação. E acho que possivelmente ele terá sentido em si mesmo que poderiam ter sido feitas certas declarações, e

que ele poderia ter feito que e que outros poderiam ter feito que praticamente poderiam tê-lo desimpedido e indicar que certamente teria alterado o veredicto. E eu penso que ele recearia, por afinal ele ser um ser humano... recearia que ele próprio poderia ter dito certas coisas de que se poderia arrepender.

Ele era um homem, por mais estranho que possa parecer... estou certo de que ele era um homem de integridade, um homem dotado de fraquezas, num certo sentido, sem dúvida, mas... ele manteve a boca calada quando poderia ter falado, para proteger aqueles mesmos (alguns deles) que foram a causa dele se ver em toda a situação em que se viu. Toda aquela situação, todo aquele negócio lhe pesou de tal modo na ideia, durante os últimos dias, que acho que ele terá sentido que não conseguia mais enfrentá-las.

É claro que basicamente não havia nada, quer se goste de admitir ou não, e mesmo agora ele não diz nada. Eu não sei, penso que se ele chegar a falar contigo com franqueza não acho que ele te conte nada que possa incriminar quem quer que seja... Se ele não disse isso no teu lado, estou absolutamente certo de que não o dirá deste, terás que aceitar isso. Estou certo de não ter dúvidas quanto ao facto, de que todo aquele julgamento teve basicamente um carácter político, e que fizeram dele um bode expiatório.

Creio que ele percebeu isso, que ele percebeu muito bem durante todo o julgamento que tudo pesava contra ele e que ele não tinha hipótese alguma. Mas não resta dúvida de que algumas dessas moças mentiram deliberadamente, e gostaríamos de dizer que muita foi a pressão que foi posta nelas, porquanto na realidade uma delas, pelo que pude apurar, foi-lhes imposta uma pressão considerável para que dissessem certas coisas que obviamente não estavam em jogo... O que não quer dizer que tenha sido culpa das moças.

Não as estou a desculpar, mas (...) diz-me que, por detrás disso estava algo muito mais sinistro, que foi o sistema. Precisam enfrentar o facto de que não podem ir contra o sistema sem que o sistema, com todo o seu poder e a sua posição lhes enfie o calcanhar na cara. Penso que o Ward disse que foi vítima do sistema, e creio que todo o julgamento foi, pelo que consigo apurar, uma desgraça. Creio que já to disse antes, não quero que o Ward... mas gerar-se-á um

tremendo volume de discussão, e virá a ser publicada muita coisa em artigos de jornal, que certamente nada farão em defesa da justiça, tudo quanto decerto não ajudou este país. As outras nações em certa medida, não viram mais ou menos nada de sinistro nem nada de particular invulgar no facto de alguém ter tido ou mantido um caso com uma prostituta. Qualquer outra nação tê-lo-ia silenciado e isso teria sido o fim da coisa, mas parece que neste pós-guerra isso serviu bode expiatório. Teriam ficado livres, e claro, saído de mansinho muito silenciosamente...

Rose Creet: Penso no que sucederá no caso do suicídio, doutor...

Marshall: Não sei porque te deverás preocupar com isso, Rose, eu penso que terás compreendido o suficiente sobre isso para saberes que mesmo nos piores casos de suicídio, ou seja, nos casos de suicídio em que a pessoa esteja plenamente consciente, quero dizer, no sentido correto, para cometer tal coisa e adotar uma saída dessas, mesmo nos piores casos de suicídio não existe (num certo sentido) qualquer condenação deste lado, não existe realmente nenhuma condenação. Mas aquilo que estou evidentemente a tentar dizer... mas talvez não acreditem muito bem nisto, é que em caso de guerra, acho que ele sente - e isto foi o que (...) sentiu – que ao passarem do vosso mundo para este, não se livram dos problemas. Por outras palavras veem-se sobrecarregados pelos problemas.

Rose: Doutor, não poderão ajudá-los de algum modo?

Marshall: Sim, creio que sim e estou certo de que o fazemos, ou seja, se ele vier, ocasionalmente, que eu sei que ele quer vir, e que virá conversar convosco esta noite, mas não... não lhes quero passar a impressão errada, mas estou certo de não seres do tipo de pessoa que o deprecie. Não me interpretes mal, refiro-me a um certo tipo de sentimento... mas o que quero dizer é que muitos destes círculos Espiritualistas onde o suicídio é suscitado, ou uma alma qualquer vítima de suicídio necessitada de auxílio é trazida, os participantes tendem a menosprezar, como se estivessem a admoestar um garoto travesso.

Com efeito não é bem isso, mas penso que o que quero é que entendas que este homem, Ward, tem orgulho – não se trata do tipo errado de orgulho. Creio que ele tenha sido um homem que, bom, foi um personagem extraordinário. De

facto, quanto mais começo a conhecê-lo mais começo a gostar dele. Eu preocupar-me-ia, evidentemente, por toda a gente necessitar de auxílio, mas aprendi a gostar de tal modo dele e realmente quero ajudá-lo quanto puder... Acho que o podemos ajudar, mas não devemos nunca tornar isso demasiado óbvio.

Rose: Ah, não.

Marshall: A coisa passa pela maior naturalidade possível e debater o que quer que seja suscitado da forma mais natural. Se eu fosse a ti não lhe fazia nenhuma pergunta pertinente. Se ele quiser debater algum tema abertamente que o faça, em absoluto. Na realidade ele está a começar a assentar extremamente bem, mas creio que se sinta um pouco preocupado, do ponto de vista material, com respeito a certos escritos e a certas coisas que deixou para trás, por pensar que ele queira que isso seja publicado, e existe uma certa tensão com relação à publicação dessas coisas.

Elas serão obviamente publicadas, mas o que eu quero dizer é, certas coisas pessoais por que ele está ansioso por publicar, e... não sei se deva dizer isto... quero dizer, para mim torna-se difícil, mas creio que ele sente que certas coisas que ele deliberadamente deixou para trás, para publicação, venha a ser suprimido, e que certas pessoas que envolve tenham motivos pessoais. Mas quer isso venha a ser suprimido nesta nação eu não penso que de algum modo venha a ser suprimido noutro, de modo que o provável é que venha a vazar.

Rose: Bom, eu acredito que as suas memórias, ou isso, venham a ser publicadas em França, numa outra altura, mas não em Inglaterra.

Marshall: Vai surgir muita discussão com respeito a este julgamento. Creio que venha surgir muita argumentação...

Rose: Espero que sim...

Marshall: E penso que todo o arraial que envolveu o Ward e as circunstâncias passem. Uma vez mais, irá suscitar muita controvérsia e muita discussão, mas creio que isso venha a fazer muito bem, porque decerto o quadro foi mais pintado de negro do que o que foi.

Ward: Boa noite, Sra. Creet.

Rose: Boa noite:

Ward: Foi ótimo ter podido vir.

Rose: Ah, fico satisfeita por ter voltado. O doutor Marshall esteve a falar bastante sobre si...

Ward: Acredito que sim.

Rose: Está muito melhor, não?

Ward: Oh, eu estou bem. Estou muito melhor do que da última vez que falei contigo... Encontro-me perfeitamente bem agora, e estou plenamente inteirado quanto a toda a situação, e muito mais capacitado a ver tudo por diferentes ângulos. Eu não era livre e talvez, não amargurado, mas com pena de mim próprio. Mas agora estou bem e espero que, à medida que me habituar a toda esta coisa seja capaz de conversar contigo sobre diversas coisas. Mas há certas coisas que não penso seja prudente discutirmos. Não que me faça diferença a mim falar nisso mas não desejo criar mais infelicidade aos outros...

Rose: Mas, se houver alguma coisa que possamos fazer por si que...

Ward: Obviamente nenhum de vocês poderá fazer nada por mim, tanto quanto posso apurá-lo, penso que não, entendes? Como iriam possivelmente consegui-lo, exceto pela oportunidade de vires e de conversares, por o achar muito agradável, por um lado. Acho que é ótimo ter uma amiga com quem falar e... bom, também há algo de que queria falar, e possivelmente corrigir uma ou duas coisas do que tem sido dito, que é bastante errado, e possivelmente... quem sabe, em algum momento posterior talvez me seja possível discutir certos aspetos dessas coisas que as pessoas do teu lado estiverem preparadas para ouvir... Não que traga qualquer benefício, mas por ser assaz prazenteiro, por haver certas pessoas que gostaria de eventualmente contactar, embora de momento isso esteja fora de questão.

Rose: (...) e verei o que pode ser feito.

Ward: Decerto que não desejo incriminar... (O contacto perde-se)

Rose: Está aí, doutor Ward? (Pausa)

Ward: Peço desculpa, perdi a ligação. Isto é muito difícil. Dizia eu que não tenho desejo de incriminar quem quer que seja. Mas a coisa extraordinária está

em que eu não fiz absolutamente nada que incriminasse quem quer que fosse. Na realidade toda a incriminação foi feita pelas pessoas; eu não a procurei nem fiz nada que pudesse incriminar alguém. A coisa está em que todo este negócio me foi forçado. Eu procurei evitar a questão para bem de todos e na verdade não me preocupei comigo próprio como alguns poderão ter pensado. Preocupava-me muito mais com aqueles cujos nomes foram incomodados; quero dizer, as pessoas foram mesmo... eu tentei protegê-los no começo, mas no final elas deixaram-me ficar mal.

Rose: (Ininteligível)

Ward: Aposto que agora o farão. Gostaria que percebesses isso. Que não o farei. Não quero que ninguém sofra. Mas sinto que se certas pessoas tivessem falado em meu nome poderiam facilmente ter traçado um quadro completamente diferente, e isso teria criado um aspeto inteiramente diferente da coisa toda, só que essa gente, sabes, só pensava o tempo todo em si mesma e deliberadamente mantiveram fora do processo. De facto alguns... bom, não direi tanto, mas alguns deles foram forçados a manter-se de fora. Foi um negócio sujo, receio bem. O engraçado é que fiz tão pouco de real e fundamentalmente errado; cometi algumas tolices, claro que sim, não o contesto, mas ao mesmo tempo, não creio que tenha feito nada de terrivelmente errado.

Rose (Inaudível)

Ward: Isso acontece e é desafortunado na medida em que... eu gostava de estar na ribalta, gostava de estar com as pessoas que importavam. Agora vejo a tolice que isso era e paguei pelo erro que cometi nesse aspeto, asseguro-te.

Rose: (...) contou, mas afinal de contas vocês era artista e escritor.

Ward: Isso é bem verdade, deixa que to diga...

Rose: Eu penso que sim. E músico, ocasionalmente.

Ward: Sim, mais ou menos. Não propriamente, mas era aficionado da música. E com toda a franqueza, isso dava-me muito mais prazer. Talvez olhando agora em retrospeto eu perceba que obtinha mais prazer das minhas capacidades artísticas do que qualquer outra coisa. Mas eu era suscetível a biscates com mulheres; não era nada de invulgar, afinal simplesmente aconteceu. Certas dessas

raparigas... bom, misturaram-se com certa gente que eu introduzi. Quero dizer... com toda a franqueza, não tive qualquer proveito com aquilo. Eu só tinha um bom relacionamento.

Rose: Pois, estava a tentar ajudá-las...

Ward: Eu tentei ajudar tanto! Deus meu, eu consegui-o, eu fiz mais por uma ou outra delas do que mais alguém terá feito. Mas ainda não tenho vontade de o discutir.

Rose: Não, meu caro, não o discuta (...)

Ward: O doutor Marshall fez-me sorrir mesmo agora.

Rose: Porquê?

Ward: Por ter dito que querias uma fotografia minha.

Rose: (Ri) como diabo é que ele sabia disso?

Ward: Não sei. Ele disse-mo há instantes antes de interromper. Ele disse-me que tu querias uma fotografia minha. Para que quererias tu uma foto minha?

Rose: Ah, não sei. Eu admiro-o de uma forma espantosa.

Ward: Porquê, se eu fui uma pessoa vulgar, a sério. A parte engraçada é que se analisarmos todo esta tolice toda, eu fui uma pessoa extremamente comum, e o que mais me fascina é que nunca fiz nada nesse mesmo sentido. De facto parte das coisas de que fui acusado eu nem sequer sabia nada sobre elas e certamente não as cometi. O facto de os meus amigos homens terem tido interesse por certas raparigas que eu conhecia, o que fizeram em parte não teve que ver comigo, depois de tudo o que foi dito e feito... Porque me haveria de chatear? Eu não sou responsável. Mas eu fiz tudo quanto podia por aquilo tudo.

Rose: Pobre homem. Não tem importância (...) agora, não está?

Ward: Sim, claro que sim...

Rose (...) o trabalho que consegue fazer do seu lado, quando se habituar às vibrações e tudo o mais...

Ward: É estupendo, entendes...

Rose: E é bem verdade...

Ward: Pois, quando o descobrir faço-te saber. (Riso geral)

Rose: Eu queria uma foto sua para pôr...

Ward: Não me digas que vais vender a minha fotografia nas lojas. Onde a vais arranjar?

Rose: Não sei. Uma amiga minha conhece um Americano que a trouxe de Nova Iorque ou algo assim.

Ward: Meu Deus! (Rose: O quê?) Nada! Parece-me muito estranho. (Rose ri) Que ele tenha uma fotografia minha, por supor que os jornais Americanos...

Rose: (...) veja o quão espiritual se tornou.

Ward: Talvez não o consiga suportar por ela...

Rose: (Inaudível)

Ward: ...verei o que posso fazer por isso. (Rose: Maravilha!) Afinal foi o que o doutor Marshall fez. Ele é um bom companheiro, não? (Rose: Ah, ele é uma alma adorável.) Devo dizer que é muito amável, e que lhe agradeço imenso. (Rose: Ele é uma alma adorável e fez tanto por mim) Mas sabes, realmente é demasiado (...) para palavras. Com a reputação que tenho! Certas pessoas dizem ser muito arriscado entrar em contacto comigo. (Riso geral)

Rose: Ele aprecia-o muito, o doutor Marshall.

Ward: E eu aprecio-o igualmente; ele é muito amável...

Rose: Sabe que ele me foi de uma enorme ajuda, doutor. Olha só, dois médicos juntos.

Ward: Pois é. É um bocado à moda antiga mas é muito agradável. (Riso geral)

Rose: Li algo num outro jornal acerca de (...) e mais alguns que nos fizeram um chá. Foi muito interessante.

Ward: Serve de muito andar a falar das minhas boas obras agora que me encontro morto! (Riso geral) É um desperdício, não achas?

Rose: Não fale em estar morto por se encontrar muito vivo neste instante...

Ward: Mas tecnicamente encontro-me morto.

Rose: Olhe o que foi capaz de fazer, desde o seu lado.

Ward: Não paras de dizer o que eu fiz desde este lado, mas num certo sentido preferia ter passado mais uns anos no vosso, se tivesse podido gozar de paz e sossego para me divertir. Quero dizer, se não me foi permitido que me

divertisse, por Deus, que se me for permitido divertir-me aqui espero conseguí-lo. (Riso geral) Já que sou imoral (...) de qualquer modo.

Rose: De qualquer modo possui um grande sentido de humor.

Ward: É muito necessário, muito necessário. Sabes quão extravagante e estúpido te parecerá, aceitar uma boa chávena de café.

Rose: Aah! Eu li acerca disso!

Ward: Não sei por que haveria, pois com toda a franqueza, suponho que seja um espírito desencarnado, sem tripas onde meter o café. Mas o fantasma de que estou a falar vem cá abaixo ao que vocês chamam de nível material. Mas é engraçado.

Rose Um dos seus amigos falou muito bem de si nos jornais e disse (...) todo o dia e toda a noite.

Ward: O que tudo isso me trás à lembrança é que tudo quanto posso ter, suponho, é um tipo de perce

ção disso. Eu sei que isto soa estúpido, mas eu tinha tomado café aqui. Mas agora que vim conversar contigo já não sei se o tomei ou se terei imaginado que o tomei. Deve ter sido na minha imaginação. De qualquer modo falaremos de coisas mais inteligente da próxima vez, preciso ir-me agora.

Rose: Adeus.

Marshall: ...na verdade, como provavelmente já sabes, quando uma pessoa vem aqui pela primeira vez, a recordação das coisas materiais é muito forte e ela mostra-se muito veemente no momento. E eles têm, mm, coisas que eles querem; como café e assim por diante [e] se as desejarem, por que não? É tudo uma coisa mental, não têm uma realidade real enquanto tal. Mas para... para ele é uma realidade.

Creet: Pois.

Marshall: Embora, quando ele volta assim, ele provavelmente pense que o que aconteceu ou o que aconteceu desde a sua morte, em certa medida, tenha sido uma espécie de estado de sonho.

Vê bem, é um estado muito difícil de se estar e isso é algo que acontece a muitos. Demora um pouco a eles se ajustarem, mas ele há de ajustar-se. Ele aprende rápido.

Creet: Ah, pois.

Marshall: Ele é um sujeito muito bom.

Creet: Muito.

Marshall: E acho que ele fará um excelente progresso.

Creet: Ah, sim. Cuide dele doutor...

Marshall: E depois... não precisas preocupar-te com ele porque, acredita, ele estava longe de ser um pecador; ele foi muito mais um condenado do que um pecador.

Creet: Claro. Claro. É por isso que nos preocupamos tanto com ele.

Marshall: E, pelo amor de Deus, garota, mantem essa tua maldita temperatura baixa e não te enerves tanto. Fica tranquila e não te chateies.

Creet: Bem, agora sinto-me melhor

Marshall: Bem, espero que sim.

* * *

050963

Voz Masculina (Doutor/Espírito Guia): A **5 de Setembro de 1963**, eu e o Lesley fomos à faculdade, ler cartas; boa noite, doutor. Eu não pretendia dizer muita coisa esta noite, porque queremos ver o que conseguimos fazer, mas sei que compreendem, por isso, sejam pacientes, se faz favor, ou não conseguirei ver se podemos ajudar aquele amigo. Eu posso ser maior, quem estiver bem. Ou não consigo ver. E para o meu quadro, já agora, Rose, o que aconteceu ao quadro dele, está lá? Vou tirá-lo, pô-lo no meu cotovelo. Muito bem. Mais vale juntar-me à Galeria Rose. Sim, eu tirei-o. Não sei se ele fez aquilo, eu era um homem muito bom. Eu? O quê? É muita coisa. Força. Oh! Olá! Não, peço desculpa.

Ninguém me vai perguntar como virei depois do anjinho, se eles te apanharem. Hmm? Pelo menos. Sim, não, está bem.

Rose: Preciso de ti. Preciso de ti. Amo-te. Amo-te. Amo-te. Tu precisas de mim? Tu precisas de mim? Como sentes a minha falta? Hmm? É muito importante. Foi como se tivesses falado com o Dr. Moore. Sim. Vá lá. Vês o teu quadro? Valha-me Deus. Onde é que o arranjaste? Hmm? Onde é que o arranjaste?

Rose: Arranjei-o no escritório do American Tribune em Londres.

Stephen Ward: Tens a certeza absoluta de que não o arranjaste na Reunião Rose da Scotland Yard?

Rose: Sim. Recusei-me a ir à Reunião Rose.

Stephen Ward: Então tinhas todos os meus amigos. Não sei. Só espero que sim. Digo-lhes que sou um orador razoável, não direi? Bem, por que não? Pensa um pouco em mim: uma parede para as ovelhas e outra para os bodes. Eu não conheço o género. Não sei. Não sei a diferença entre os bodes e as ovelhas. Acho que o teu cliente estaria no centro, com as mulheres todas em volta. O que dizes? Põe-me no centro e põe as mulheres todas em volta. Oh, eu sei que era isso que pensavas. Mas tens muitas mulheres adoráveis. Não, quero dizer, estive em posições. Estive em posições. Acho que não. Acho que não. Posso tirar algo disso. Tens muito poucas amigas mulheres.

Rose: Sim. Muito poucas o quê?

Stephen Ward: Minhas amigas. Sabes, um bocado mole no meu braço traseiro. Fui sempre mole como nada mais. Sim. Todas as pessoas moles gostam de mim. Se eu não tivesse sido mole, não me teria metido num sarilho ou algo assim. Não. Vergonha. Por que haveria eu? Movimento-me agora. Estou bastante feliz. Sim. Muito mais estabilizado do que na última vez que falei convosco. Na verdade, vir aqui parece ter-me feito algum bem. Estou-lhe muito grato. Foi isso? Eu não conseguia partilhar aquilo. Eu não diria tal coisa. Consegues ouvir melhor na gravação?

Rose: Sim. Acho que ele está a passar por um momento difícil.

Stephen Ward: Isso é tão mau de ouvir. Queres tentar uns braços? Está bem? Sim. Ele disse-me. Parece acontecer. Ele está. Parece mais leve. Sim. Mais leve. Mais leve na cabeça. Mais leve na cabeça. Mais leve no conjunto. Eu sei. É uma pena. Não sinto minimamente que esteja morto.

Rose: Não? O que poderá ser?

Stephen Ward: Porque é que não mostro bem como é suposto sentir-me ao estar morto com quê? Bem, acho que não. Eu vivo imenso. Estou muito mais vivo quando se está morto do que quando se está aqui. Estás na verdade numa prisão nos nossos telemóveis aqui. Bem, quando eu não pretendia ir para uma prisão. Bem, não sei se não o fizeste. Ou não deveria dizer isso. Enfim. Aha. Não fizeste? Hmm? É mais ou menos isso. Percebi mais do que nunca. Fui apenas um bode expiatório.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Tenho andado a investigar algumas coisas. Descobri umas quantas coisas também. Percebi que eu era... bem, tive de levar com as culpas, sabes.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Coisas estranhas, eu não fingi ser assim tão inocente. Mas certamente não era nada daquilo que quiseram fazer parecer. Oh. Eu não queria falar sobre isto. Oh, boas pessoas, de certa forma. Oh, boas pessoas.

Rose: E tinhas os teus pontos muito bons, sabes.

Stephen Ward: Bem, espero que sim. Oh, sim, Padre. Olhe para os pinheiros que mostrou às pessoas. Agora sei como te gabar que nem um louco. As pessoas parecem dar-se melhor comigo. Oh, não verei o embaraço. Por isso está tudo bem. Bem, não há de qualquer espécie.

Rose: Espero bem. Tenho uma grande admiração por si. Pelas coisas que fez no mundo. Nunca o vi. Nunca o conheci. Mas li sobre diferentes coisas.

Stephen Ward: Não, suponho que agora que estou morto, todas as coisas melhores serão mencionadas. Vou-me formar em qualquer lado. Há algumas pessoas. Como te sentes agora? Vou travar uma batalha contigo, estou bem. Uma pessoa consegue preparar as coisas e criar um sentimento do mundo. Tu és.

Ainda acho um pouco difícil ajustar-me a... bem, a ideia toda; quero dizer, percebo que estou morto. Como já disse, estou muito vivo e muito feliz.

Rose: Oh, que bom.

Stephen Ward: Ao mesmo tempo, sinto-me um pouco confuso quando volto. Oh, sim. É, quero dizer, quase como viver em dois mundos ao mesmo tempo.

Rose: Sim, acho que os meus amigos disseram isso, quando descem para falar na Terra. Mas tu ajustas-te muito, muito rapidamente, eu sei disso. Pode ser um pouco difícil para ti neste momento. E eles estão sempre prontos para te ajudar, no entanto. Eles são maravilhosos. Perdeste o elo?

Stephen Ward: Acho que sabes que eu era o elo perdido.

Rose: Pensei que tinhas dito: "não sabias que eu era o elo perdido?".

Stephen Ward: Sim. Há muita gente que vai sentir a tua falta aqui, de qualquer forma. Acho que eu era o elo perdido que sou. O elo da corrente disso, evidência circunstancial.

Rose: Sim, é verdade. Acho que foste maravilhoso na forma como te contiveste.

Stephen Ward: O que falta é que usei tudo o que tinha para o fazer. Mas conseguia ver a rede a apertar, a apertar, o tempo todo. E sabia que estava a lutar impotente. Não há beleza fixa ali. Porquê preocupar-me com isso? Então vamos falar sobre esse tipo de assunto. Ora, fala apenas do que sentes. Rastrear é um hábito, sabes, falar sobre isso. Quero dizer, nem todos fomos realmente apresentados, nem tudo isso importa muito. Certo. Sinto como se te conhecesse há eras, por estranho que pareça.

Rose: Sente o quê?

Stephen Ward: Como se te conhecesse há eras. Oh, sim. Sei que tem sido algo, como tu... O que disseste? Tu dizes? Eu ouvi-te o tempo todo. E depois poderei intervir. Negócios estranhos. Negócios estranhos. Oh, sim. Negócios estranhos. Sim, é verdade. Acho que tu... É melhor eu continuar a falar. Falar ajuda-te, não ajuda? Se eu falar, ajuda-te. Acho que eles estão a permitir que

tenhas o teu domínio neste momento para te habituares. Isto é... Isto é um negócio de emparelhamento. É um negócio. Sim. E nós estivemos no negócio de emparelhamento. Sim. E nós estivemos no negócio de emparelhamento. Bons velhos anos, quem tinha dinheiro? A minha reputação vai... o quê? Obviamente com a minha reputação. Pada... Sim.

Olha para o Goonson... Desculpa, sim. Quem está aí? Goodlamson, Paddy. Perto demais. Claro, oposto. Ele não estaria aqui, por mais alta que fosse a alegria. Este negócio é um negócio bom e mau... O que é bom saber, o que é mau saber? É isso mesmo. É isso que é bom saber. É por isso que tu gostas... Como estavas a roubar. Não me conheces da mesma forma. Porque ele é um bocado a dúvida do mundo. Com certeza. Desculpa, não sabia muito bem que não consegues analisar isso. Bem, foi o melhor que se fez. Oh, sim? Eu não conseguia... Percebo isto. Não sei por que arranjaram tanta gente. Obviamente, obviamente, alguém tinha de levar com as culpas. Alguém tinha de ser um bode expiatório. Mas por que não? Sei que fiz algumas coisas tolas, claro que fiz. Mas... bem, não fiz mais do que milhões de outros lá fora.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Podia contar-te coisas que te deixariam os cabelos em pé. Conheço muita gente, as pessoas que se safaram impunes disso. Antes de mais, eu não lhes diria, não o diria. Eu sei, eu conheço essas coisas. Se eu me tivesse esforçado um pouco mais e tivesse deixado escapar algumas coisas, e nomes de pessoas.

Rose: Ainda bem que não me contou.

Stephen Ward: Não, não serve de nada. É melhor do que uma pessoa ficar metida no sarilho e passar pelo meio da lama feita de sete. Mas devo admitir, não esperava que uma ou duas pessoas ficassem ao meu lado. Oh. Ninguém ficou ao teu lado hoje. Não propriamente agora. Isso é quem, bem, não sei o que estás a dizer. Pessoas que poderiam ter-me ajudado, as pessoas que poderiam ter-me ajudado, fizeram muito por quatro. Sim. Não disseram aquela maldita palavra em minha defesa. Faz com que alguns deles fiquem totalmente liberalizados, e se eles têm este maldito pensamento de tirar dinheiro disso. Oh. Enfim. Oh, não

sabes que as coisas vão saindo aos poucos? As coisas estão prestes a sair, quanto mais saírem, verás. Espero que sim. Sabes, a coisa extraordinária aqui é que, quando olho para trás para mim próprio e estou tão longe, limpando a minha imagem, percebo realmente que mais do que uma pessoa, que é ali publicitada, que parvoíces foram ditas aqui. Acho que tenho este tipo de urso azul ou algo assim. Onde estás? Na verdade, eu consigo... Conheço muita gente que vai, tenho um pequeno mundo familiar, um pequeno mundo chocado. Sim. Está tudo escondido porque eles estão no topo da sociedade. Oh, sim. Eles safaram-se.

Rose: E safaram-se.

Stephen Ward: Eles apanharam a instituição, sabes. É verdade. Alguém tinha de pagar o preço. Não importa. Sabes, entre a religião e a política, eu não tive hipótese.

Rose: Sim. Não tenho a certeza. Mas não consigo compreender por que te escolheram a ti.

Stephen Ward: Porque era bastante óbvio. Estava a pensar em mais uns olhos. Sim. Estava a pensar numa ou duas pessoas que visitaram o meu lugar. Sim. Encontravam raparigas lá e, às vezes, quando eu estava fora, eles faziam uso do lugar. E, portanto, tentaram usar-me por gerir um bordel por tais parvoíces. Sei que um dos teus amigos tinha escrito sobre ti por causa deles e enviou-te para Sachsville, Boston, para vires. Eu sabia que costumavas guardar o teu... na montra, de repente, devias ser aconselhado a fechá-la. Aquele raio do espelho de dois sentidos. Tivemos de pensar nisso primeiro. Era assim que as coisas eram.

O meu marido estava com fome, ela era um cordeiro. Eu estava lá, por isso estou a brincar. Mas, realmente, coisas saíram dali. Na verdade, vi o lado engraçado da coisa no sentido e no lado do facto de que estava a ir contra mim. No início, receio. Eu desenterro uma árvore para te ajudar. Nem uma única piada, não quero dizer isso. Mas nunca consigo ver o lado engraçado da coisa. E suponho que, num sentido, nas fases iniciais, conheço o tipo de... Agora são como os especialistas. Suponho, raios me partam, eu nunca... O grande trabalho,

muito bom. E isto era algo muito sério. E eu estava a ser atado em nós. Sabes, eu não aguentei o suficiente logo no início disso. Sabes, sim?

Rose: Eles vieram visitar-te, ou os teus amigos? Então, espero que isto estivesse a acontecer. Eles mantêm a distância?

Stephen Ward: Quem não se preocupa? Queres dizer, se vieram à prisão? É isso que queres dizer?

Rose: Sim.

Stephen Ward: Não fiquei impressionado. Não conseguia ver onde queriam carregar-me até esse ponto. Sabia que tinha sido um bocado tolo, mas nada... não fiz nada criminoso. Mas suponho que, para Adão, eu disse que não fiz nada mais do que mil, enquanto uns quantos fariam atrás de portas fechadas. E os funcionários costumavam correr à frente e que se lixe. Ele fez. E então, não importa, não te perturbes de todo. Da próxima vez, se eu alguma vez voltasse, tomaria o véu.

Rose: Gostarias de voltar outra vez?

Stephen Ward: Não, não gostaria.

Rose: Achas que não?

Stephen Ward: Não, uma vez. Uma vez é desejo suficiente que eu possa dizer. Sim. Pelo menos, não quereria ter outra experiência. O quê? Eu não gosto de coisas boas, de qualquer maneira. Houve um que vi que pagaria o preço. Ele não consegue escapar, safou-se impune. Ele não gosta de os apanhar. Alguém apareceria sempre para estragar tudo, sabes? Nada dura para sempre. Eu apenas tive de... Mas...

Stephen Ward: Vais... Percebes isto? Eles são uns estúpidos chapados. Acho que sinto falta da maioria dos mortos e de um bom café. Depois de o silêncio acabar, sabes o que faço da próxima vez?

Rose: O quê?

Stephen Ward: Trago um pouco de café nos franzires de testa para aqui. Devo fazê-lo? Bem, como posso fazer isso? Bem, podes... Posso ter uma satisfação? É o médium. É isso. Eu não sabia. Somos a tribo e agora. Pensei que pudesse. Sim, John. Eu ainda não sabia o suficiente sobre este negócio.

Rose: Não.

Stephen Ward: Mas o que posso dizer sobre algumas destas pessoas que vêm aqui parece... Eles estão tão habituados a passar por isto.

Rose: Sim.

Stephen Ward: É bastante simples para eles.

Rose: Sim. Acho que te vais habituar mais a isso, de qualquer maneira.

Stephen Ward: Oh, vais. Em todo o lado, não me esqueci.

Rose: O quê?

Stephen Ward: Certo, as fotos estão... Certo, vamos lá.

Rose: Não, não te esqueceste. Tens tempo, está por toda a tua vida.

Stephen Ward: Estava apenas a dizer. Não me esqueci.

Rose: Espero que estejas. Tens tempo, espaço, fá-lo.

Stephen Ward: Tenho de aprender mais sobre este negócio. Nunca fiz nada assim. Mas espero que tenhas vindo com bastante frequência. Sabes, é muito simpático da tua parte dares as boas-vindas e usares os teus sentidos.

Rose: Oh, certo.

Stephen Ward: Não conhecia mais ninguém que possivelmente pudesse entrar.

Rose: Não. Bem, achas que isso é interessante, não é?

Stephen Ward: O quê?

Rose: Bem, achas que isso é interessante, não é? Porque me pareceu que...

Stephen Ward: Oh, o quê?

Rose: Toda a... raiva, foi contra ti.

Stephen Ward: Oh, eu não acho que... O engraçado é que não achei que ele estivesse do teu lado. E as pessoas que deveriam ter vindo a ti estão... Compreendes? Sessão.

Rose: Sim. Bem, contra mim.

Stephen Ward: Sim. Mas até a imprensa, de forma estranha, foi contra mim.

Rose: Sim. Oh, a imprensa foi contra ti porque suponho que eles tinham de estar connosco.

Stephen Ward: Bem, eu não acho que eles estivessem realmente contra mim. De nós. Não, não pensei realmente nisso de todo. Tinha um trabalho a fazer, e eles não puderam evitá-lo. Era tudo material bom, sabes, de cara a cara. Alguém tinha de... Como eu digo, alguém tinha de levar com as culpas, e fui eu.

Rose: Sim. Sim. E eles ficaram felizes.

Stephen Ward: Eu não me importo. Vamos esquecer isso. Acho que vais visitar o Lucky. Bem, eu importar-me-ia de estar no teu lugar aí.

Rose: Oh, valha-me Deus. Oh, bem, adoro isso. Bem, espero que venhas aqui eventualmente.

Stephen Ward: Com certeza. E estou ansioso por chegar lá. Olá. Eu tive a minha vida, a tua vida está apenas... ou apenas começou. És bastante jovem, não és? O que foi aquilo? A minha vela arde por ambas as extremidades. Não durará a noite.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Oh, meus amigos. Oh, meus amigos. Dá uma luz adorável. Sabes disso?

Rose: Sim, eu sei. Sabes, eu pessoalmente crio tudo.

Stephen Ward: Oh. Vamos olhar aqui um pouco mais. Oh, valha-me Deus. Não estou num estado poético esta noite. Estou num mundo caótico, estou num poético. Estás, não estás ainda? Bem, de uma certa maneira, tentando de certa forma passar pelo discurso, sabes?

Rose: Sim.

Stephen Ward: Mas eu não diria que tenho exatamente medo de tudo isto. Sabes, deves ser paciente, sabes?

Rose: Sim.

Stephen Ward: Deves ser. Deves ser. Deves estar ansiosa, não estás? O que é isso?

Rose: Devo ter estado terrivelmente ansiosa. Sim.

Stephen Ward: O que disseste? Disseste que gostas da maioria das mulheres, vais dizer-me que estou ansioso.

Rose: Não, estou ansiosa porque quero que sejas mais feliz aí.

Stephen Ward: Certo, certo. Estou muito feliz com isso. Estou a divertir-se, acho eu.

Rose: Oh, sim. E estás bem.

Stephen Ward: Mas quero fazer um pouco de investigação deste lado, agora com o que tenho. Mas do teu lado também. Faz o teu "eu" ali. Quero descobrir algumas coisas que outras mulheres na altura faziam e ainda fazem.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E, na verdade, provavelmente deves saber que não te queimei de loucura por algo assim. Mas estou curioso em descobrir, se puder, o que alguns destes vigaristas têm andado a fazer.

Rose: Sim. Achas que serás capaz de o fazer?

Stephen Ward: Bem, sabes. Um casal sentado ali, não há portas fechadas para mim agora, nem portas nenhumas. E posso olhar para os malditos arquivos se quiser.

Rose: Oh, sim. Faz isso. Faz isso.

Stephen Ward: Senhor, se puder, vou dar uma bela volta de exploração. É isso.

Rose: Não o todo, faz isso, por favor.

Stephen Ward: Está bem, eu aviso-te outra vez.

Rose: Sim. Se houver alguma coisa. Avisas?

Stephen Ward: Sim. Mas espero as terríveis circunstâncias entre nós e entre nós. E isso seria como esperávamos. Ele está, de certa forma, muito interessado na Terra.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E acho que ele está. Vamos ver se o corpo dele quer descobrir algumas coisas. Ninguém se vai encontrar com ele?

Rose: Provavelmente sim. Provavelmente vai simplesmente seguir mais em frente.

Stephen Ward: Sim. Enfim, estamos a cuidar dele. E vamos trazê-lo outra vez na segunda-feira.

Rose: Oh, sim. Oh, sim. E faz isso atrás dele.

Stephen Ward: Eu farei. Não esperes demasiado. Ainda temos fotografias assinadas. Oh, sim. Não, não, não. Adeus.

Rose: Adeus. Muito obrigada. Adeus. Adeus, Nikki. Bem, ele é.

* * *

–09/09/63

Comunicador: Dr. Stephen Ward, com a ajuda do Dr. Charles Marshall. O som foi gravado a 9 de setembro de 1963, com resistência média. "Olá, Dr. Drew".

Apenas para que saiba que estou aqui. Sim, ótimo. O Stephen Ward está aí? Olá, pode falar um pouco mais alto? Sim, tente. É o Dr. Ward? Olá, olá Dr. Ward. Sim, consigo ouvi-lo agora, muito melhor. Como está? Estou muito bem.

Diga-me, podemos ser menos formais? O quê? Podemos ser menos formais? Menos formais? Quanto é que vai falar comigo? Oh, eu adoraria chamar-lhe Stephen. E chame-me Rosie, porque toda a gente o faz. Novos e velhos, todos me chamam Rosie.

Bem, estou muito interessado em saber, desde a última vez que falámos, como tem passado? Está a achar a vida interessante? Acho que a morte é muito interessante. A morte? Muito interessante. Não tenho a certeza se consegue ouvir o que estou a dizer. Estou a tentar falar consigo o melhor que posso. Ouvi isso. É um ato bastante difícil para mim, mas estou a fazer o melhor que me é possível nestas circunstâncias. Sim. Ainda não estou muito familiarizado com isto, por isso deve ser paciente. Oh sim, sou bastante paciente.

Sou muito paciente em relação a este assunto. Tenho estado aqui como um viciado, por isso deveria sê-lo. Sei que é difícil para si, mas quanto mais tentar, melhor será. Ouvi dizer que vem aí um alvoroço dos diabos. Sim. Parece-me que vai ser tudo muito interessante, a música. Sim. Uma das raparigas foi presa. Presa? Será extremamente interessante. Estou bastante ansioso para que tudo isto surja. Não estou tão preocupado com as raparigas. Não. Na verdade, lamento um

pouco. Sim. Sinto-me algo curioso por saber qual será a reação em relação a outras pessoas ainda não nomeadas.

Não. Não suponho que todos venham a ser nomeados, pois não? Não sei. Não sei, mas parece-me haver a possibilidade de terem de publicar algo. Estou curioso por saber o que está a acontecer e gostaria de ser mantido bem informado. Bem, a questão é que nos jornais diz... conhece o Denning, não conhece? Conheço-o muito bem. Bem, ele já tem o relatório pronto, e... Bem, é a isso que me refiro, porque me pergunto se o vão suprimir ou o quê, sabe, porque acho que vai haver um alvoroço dos diabos. É interessante saber se vai mesmo ser suprimido. Bem, vai ser entregue ao Macmillan. E o que ele vai fazer com isso, só o céu sabe.

Teremos de esperar para ver. E eu dir-lhe-ei o que acontecer. Bem, eu descobrirei então; porque eu deveria ser capaz de, de certa forma, sintonizar, por assim dizer, e saber o que se passa através da tremenda... força de pensamento ou algo que ocorre, porque neste momento estou muito mais consciente dos pensamentos, que são muito grávidos e muito reais para mim, na verdade. De facto, estou mais ou menos, suponho, em contacto — provavelmente mais em contacto, num sentido, com certas coisas — do que talvez muitas pessoas pudessem imaginar, mesmo as pessoas envolvidas do vosso lado.

Isto porque pareço ter apanhado o jeito agora de ser capaz de, de certa forma, sintonizar e estar consciente do que as pessoas estão a pensar. Ao início achei isso bastante desconcertante, mas agora acho-o muito interessante, muito divertido. Pela primeira vez estou a conhecer as pessoas pelo que elas realmente são, através dos seus pensamentos interiores. Sabe, é uma coisa extraordinária como se passa pela vida e se ouve as pessoas a dizer blá, blá, blá, blá, blá, mas o tempo todo elas estão a pensar em algo completamente diferente, sabe.

E agora, em vez de ouvir o blá, blá, estou a ouvir a realidade dos pensamentos interiores. É tudo altamente interessante e, num sentido, por vezes bastante divertido, mesmo que por vezes seja um pouco deprimente pensar que as pessoas podem ser tão malditos hipócritas; mas é terrivelmente interessante. Suponho que sim. Por isso, vou abrandar em relação a tudo o que se passa, andar

por aí a ouvir o que esta ou aquela pessoa está a pensar, e vou fazer um pouco de suavização por minha conta, sabe. Oh, muito bem.

E sabe, tem sido muito, muito rápido a... A quê? A conhecer os pensamentos interiores das pessoas e por aí fora. Bem, eu só desejava a Deus ter tido este tipo de habilidade antes de vir para aqui. E teve. Sou muito diferente. Bem, teve. O senhor estudou psicologia. Como lhe chama? Bem, sei um pouco sobre psicologia. Você era psiquiatra, não era? Não me atreveria a chamar-me tal coisa. Oh, um osteopata, maioritariamente. Estava mais interessado nos ossos das pessoas do que nos seus pensamentos. Mais interessado no quê? Nos ossos delas do que nos seus pensamentos. Oh, sim.

No que toca a uma carreira, quero dizer. Sim, sim, eu sei. Na verdade, eu era um pouco uma mistura quando se pensa nisso, porque estava realmente a lutar contra mim próprio metade do tempo, perdendo ao longo de todo o caminho, claro, mas isso é de esperar, suponho. Suponho que nalgumas coisas fui talvez um pouco tolo e fraco, mas tive os meus momentos. Sabe, na verdade, percebo agora demasiado bem que eu era demasiado sensível. Sim. Costumava tentar encobrir isso com uma espécie de fachada, mas não funcionava realmente, sabe. Sim, sim. Sinto-me muito feliz por vir falar consigo.

É imensamente amável da sua parte. Posso chamar-lhe Rose agora, e não... É muito mais agradável. Detestaria ter de continuar a dizer Sra. Creed, Sra. Creed. Soa tão terrivelmente distante uma vez que, afinal de contas, estamos ambos a partilhar uma comunicação muito única que, na verdade, eu pensava estar em dúvida. Não é chamar Sr. e Sra. um ao outro. Parece um pouco ridículo, não acha? É bem verdade. Fico muito contente por ter sugerido isso. Então a pobre da Christine está em tribunal outra vez, não está? Sim. Pobre miúda. Um bocado cabra, na verdade, mas enfim.

Ela é o quê? Esqueça, não importa. Tenho pena dela. Disse um bocado cabra? Disse, não disse? Não importa. Ela adora refestelar-se na publicidade e acho que está realmente assustada lá no fundo. Sinto pena, de certa forma. Mais vale deixar a maldita coisa cair. Estou muito curioso por saber se vão trazer as outras pessoas do outro lado da barricada, porque é nisso que estou interessado.

Todas as pobres pessoas que não conseguem recuperar bem estão todas a aparecer na ribalta, mas o outro grande burburinho... O engraçado é que eu pensava que eles eram meus amigos.

Ah, nunca se conhecem os amigos, pois não? Sim, bem, nunca se conhecem os amigos de alguém. Suponho que numa emergência se possa ter a sorte de encontrar um ou dois. Eu não encontrei nenhum. Porquê preocupar-se? Todas estas pessoas com quem tem falado são muito, muito amigáveis com elas e não são boas para elas. É por isso que a admiro imenso por isso, e o seu caráter mostra-se de forma muito, muito forte para mim, agora que tem tentado falar comigo. Bem, não sei exatamente como é que isto chega até si porque, francamente, num sentido, é tudo o nosso... você nem saberia.

Quero dizer, eu sei que estou a falar consigo. Estou a concentrar os meus pensamentos. Estou a conseguir passar, mas sabe Deus como é que isto soa. Mas, de qualquer forma, desde que perceba. Sabe, você própria é uma pessoa notável. Eu? Sim, acho que sim. Bem, quero dizer, não consigo imaginar que, depois de todo aquele blá, blá de publicidade e tudo o resto, alguém mais se desse ao trabalho. Aqui está você, uma pessoa muito comum, se me permite dizê-lo — quero dizer, o que quero dizer é que não procura tontices nem publicidade. Quero dizer, está a fazê-lo pelo mundo apenas pela bondade do seu coração. É muito generoso da sua parte.

Bem, eu não o consigo evitar. Não gosto de crueldade, sabe, Bob, e acho que tudo isto tem sido muito, muito cruel, não tem? Bem, interessa-me até certo ponto. Estou interessado. Estou interessado em ver quão mais hipócritas as pessoas conseguem ser. Acho que lhe fará um bem enorme. Bem, não sei. A mim não me fará bem nenhum, mas poderá fazer um pouco de bem à justiça. É isso que espero: que agora veja que há a possibilidade de que o que me aconteceu não volte a acontecer. Quero dizer, pode ser que eles sejam um pouco mais cuidadosos e um pouco mais atenciosos. Esperemos que tenha tido algum efeito na lei, por um lado, e na forma como eles procedem.

Sim. Ainda assim, fui um tolo. Hum? Devia ter sido muito mais sensato e cuidadoso. Fui demasiado descontraído. Pensei, bem, o que eu estava a fazer não

era assim tão mau. Na verdade, eu não achava que fosse mau de todo, mas este e aquele aproveitaram-se plenamente disso. De resto, parece estar a ceder. Livrou-se. Sim, é isso. Mesmo assim, não tenho maus sentimentos ou qualquer inimizade ou algo do género. É apenas que percebo que, bem, eles não foram ofensivos nem nada. Para que serve? Quero dizer, não faz sentido.

Não me sinto mal em relação a ninguém. Não me sinto mesmo mal em relação a ninguém. Na verdade, num sentido, sinto antes pena deles. Pena de pensar que não têm a decência e não têm o tipo de caráter que eu pensei que pudessem ter. Acho que quando uma pessoa não tem caráter suficiente para defender algo numa altura daquelas, então, num sentido, precisa de piedade. Sim. Porque acabam por sair a perder a longo prazo. Sim, é verdade. Você própria é toda uma personagem, não é? Porque é que não diz nada? Sabe, ainda não consigo bem acreditar. É você, que eu nunca conheci. Sou eu. Tenho a certeza de que, se eu tivesse vivido, nunca a teria conhecido.

Teria sido extremamente improvável, mas você parece ter um certo interesse em mim. Acho que é muito digno, muito simpático e muito amável da sua parte, acho eu. Bem, não sei. Claro que sou. Não sei. Bem, claro, não deveria dizer isso. Sim, diga. O seu amigo, o Dr. Marshall, tem sido imensamente decente para comigo, muito simpático. Ele diz que... não exatamente isso. Ele está a rir-se quando o diz, por isso suponho que olhe para mim como este tipo de totó. Não sei bem o que pensar dele, na verdade. Ele diz que você é uma espécie de cobaia.

O quê? Ele diz que você é uma cobaia. Uma cobaia? Quem é uma cobaia? Eu, acho. Porquê? Não sei. Talvez seja a ideia dele de uma piada. Mas ele é um pouco antiquado, por isso provavelmente tem esse tipo de coisas. Oh, ele é uma alma velha maravilhosa. Bem, concordo consigo. Concordo plenamente. Ele tem sido a pessoa mais amável e interessante de se conhecer. Ele tem sido, de alguma forma, uma grande ajuda para mim, realmente. Foi ele que me fez vir aqui, porque disse que você queria falar comigo. Eu disse: bem, que raio quer uma mulher estranha falar comigo, já desliguei toda a má publicidade.

E como já estou deste lado, qual é o objetivo? Mas ele disse: "oh, bem, tens de vir falar com ela. Ela está muito interessada em ti e tem muita pena de ti". Eu disse: bem, não quero que ninguém tenha pena de mim em particular. Na verdade, não estava muito entusiasmado por vir no início. Não, não, não, não, Stephen, não era que eu tivesse pena de ti. Tinha pena das pessoas que te trataram daquela maneira. Oh, eu pensei que você tinha pena demais deles. Pensei que queria que eles tivessem o que mereciam. Estou desapontado consigo.

O Stephen Marshall era o Charles, o Dr. Marshall. Charles, chamo-lhe eu. Ele parece pensar que você está tremendamente interessada em qualquer pessoa para além de... bem, suponho que lhe seria interessante. É bem verdade. Suponho que eu, de certa forma, pago a conta. Paga, porque é um artista. Bem, não sou um pianista de relevo. Bem, ele diz que claramente não é um pianista. E diz também que tem uma queda por *Paris Chopin*. Sim. E ainda não tive o prazer de conhecer esse cavalheiro. Ainda não? Não, suponho que seja um prazer vindouro, por isso provavelmente não tive o prazer de o conhecer através de si; deixá-la-ei saber o que penso dele, caso me cruze com ele.

Oh, sim, sim. Sabe, na verdade, se não fosse muito sério, seria bastante engraçado, não acha? O quê? Bem, nós. Você sentada num quarto escuro a falar comigo vindo do nada, por assim dizer, e eu estando, num sentido, completamente fora de um corpo — pelo menos tenho um corpo, mas certamente não um físico. O que quer dizer, onde é que estou? Estou na sala a falar consigo. Na sala? Sim. O Marshall diz que você tem tensão alta. É verdade. Oh, por Deus, não vou de forma alguma afetar isso. Oh, não, não, não, não. Acho que nunca dei tensão alta a nenhuma mulher. Estava no meu direito de duvidar, mas nunca consegui. Oh, acho que é uma coisa maravilhosa, porque também me preocupo consigo.

Bem, talvez eu não me preocupe consigo. Nunca pensei que fosse capaz de vir e falar tão bem como o fez. Bem, nunca pensei que tivesse de vir falar, realmente, porque é um escape. Para além disso, estou algo ansioso, num sentido, por entrar em contacto. Note que eu tinha uma vaga ideia deste assunto, mas nunca lhe dei muita importância. Em todo o caso, estava muito mais preocupado

com coisas materiais, fundamentalmente, suponho. Suponho que, realmente, eu era uma mistura. Sabe, olhando para trás, percebo que era uma mistura estranha. Mas não acho que fosse nem de perto tão mau como algumas pessoas pensaram.

Na verdade, nem acho que fosse mau de todo. Fui apenas infeliz, creio eu. Oh, toda a gente teve momentos bons e maus. De qualquer forma, como lhe disse antes, certamente vim para o distrito certo. O que disse? Não consegui apanhar isso. Desculpe. Acho que disse antes que a maioria das pessoas, se ouvissem falar disto, diriam: bem, claro, ele veio para o distrito certo. Não sei. Tenho a reputação de um pai de Bayswater e de bater ao portão e toda essa tontice. Qualquer pessoa pensaria que o sexo só era praticado em certas áreas. Eu sei. É no mundo inteiro.

Bem, claro que é. É um instinto natural. O disparatado é que, se segues os teus instintos naturais, metes-te em sarilhos. Se segues instintos anormais, metes-te em sarilhos. Que raio é suposto alguém fazer? É precisamente isso. E tudo parece apontar para o sexo com as pessoas hoje em dia. Oh, o sexo só é permitido se fores estar com a tua mulher ou com outra pessoa qualquer. Sim. Você deve ter sido um personagem muito divertido e muito interessante. E muito, muito espirituoso. Bem, suponho que podia sê-lo quando necessário ou quando me sentia com humor para ser espirituoso. Mas também estive muito deprimido.

Costumava ter acessos terríveis de depressão. Tinha? Porquê? Não sei porquê, mas tinha. Porque é que alguém tem? Suponho que era muito afetado por todo o tipo de coisas que na altura não compreendia e de que estou a começar a tornar-me consciente agora, interiormente. Percebo que somos todos algo afetados por todo o tipo de coisas. Às vezes coisas que nada têm a ver com questões materiais ou coisas relacionadas com a terra, isto é. Quero dizer, acho que ficamos sob influências de que temos pouco conhecimento quando estamos do vosso lado.

Estou apenas a começar a tornar-me vagamente consciente do facto de que há todo o tipo de influências a serem exercidas sobre nós de fontes externas, do éter, da atmosfera e de todo o mundo. Quero dizer, todo o tipo de impressões e

todo o tipo de pensamentos de outras pessoas há muito chamadas de mortas. Sim. E se fores sensível como eu era, e muito tenso e imaginativo e emocional como eu era, então acho que, quase de uma forma natural, assumes coisas que, num sentido, nada têm a ver contigo, mas pertencem a outras pessoas. Percebo agora que fui muito a vítima dos pensamentos de outras pessoas.

Eu não era exatamente fraco, num sentido, mas estava muito sujeito a estados de espírito e aos pensamentos e personalidades de outros. E costumava ter, por vezes, de me afirmar para conseguir sacudir isso. Mas sabe, você é um personagem muito interessante porque, embora eu só a conheça há muito, muito pouco tempo — de facto, apenas uma semana ou duas, para ser rigoroso — e mesmo agora não a conheço realmente; mas o que quero dizer é que sinto, e de facto não só sinto como sei pelo que vi à sua volta das pessoas que conheci aqui, porque foram todas pessoas novas para mim.

Nunca soube nada sobre elas, mas vi todo o tipo de pessoas por aqui quando estive presente, pessoas que muito obviamente estão muito, muito interessadas em si e obviamente pessoas que lhe foram de ajuda em algum momento ou que a ajudam agora, suponho; pessoas que se interessam por si e a ajudam, mas ainda não conheci este fulano — quero dizer, francamente, estou mortinho por conhecê-lo. Admiro imenso a música dele e costumava tentar tocar, mas sem muito sucesso, receio. Oh, muito bem! Oh, que maravilha, é uma sensação boa. Valha-me Deus, não diria muito bem se me ouvisse a tentar tocar a música dele, teria de me dar os parabéns por isso.

O que é que tentava tocar? Oh, qualquer coisa. Qualquer coisa que conseguisse, mas raramente com pauta. Mais de ouvido. Note que conseguia ler música até certo ponto, mas acho que eram coisas que me vinham no estado de espírito e no momento e não me preocupava com a partitura, mas conseguia apanhar as coisas bastante bem e dedilhá-las; por isso, é como tudo o resto, é prática, sabe. É estranho — você não me conhece o suficiente para saber se é estranho ou não — mas o ponto é que eu nunca conseguia concentrar-me por muito tempo em nenhuma coisa; era um autêntico indeciso nesse sentido.

Tinha os meus momentos e os meus momentos, mas dava tudo por algo durante um tempo e depois largava e tentava outra coisa. Oh, como isso é parecido comigo! Eu tento algo e... Tenho de vir falar consigo outra vez. Creio no que me disseram, que têm este assunto duas noites por semana. Sim, é verdade. Vou voltar mais cedo; tentar voltar na quinta-feira. Não sei em que dia o faço; não estou tão confuso com o tempo. Deixarei que o seu amigo Marshall me traga; ele é quem conhece os meandros. Sim, aprenderá muitas coisas comigo. Não consigo aguentar mais, querida, espero que me perdoe, mas voltarei à espera de... bem, sim. Bem, conforme for sabendo coisas, dir-lhe-ei, e conforme você for sabendo coisas, diga-me; será 50-50. Adeus, minha querida, adeus. Adeus, abençoada.

* * *

230963

Comunicadores: Stephen Ward e Dr. Marshall. Esta fita é pessoal. O nome dela é Sra. Rose Creet, que está no primeiro andar, que está no rés-do-chão. Sim, senhora. A quem estou muito grato.

Rose Creet: Tu não estás o quê?

Stephen Ward: Grato. Grato.

Rose Creet: Então dizes que estás?

Stephen Ward: Muito grato.

Rose Creet: Porquê?

Stephen Ward: Muito grato. Mulheres. Tenho tido uma esperança tão tremenda comigo, ou algo assim. Estou aqui. Acho que deveria chamar a esta casa, eventualmente, a "casa de muitos desses".

Rose Creet: É verdade?

Stephen Ward: Nacionalmente, o meu fogão para aprisionar.

Rose Creet: Oh, é assim na Terra?

Stephen Ward: É, sim.

Rose Creet: Ah, meu Deus, quanto?

Stephen Ward: Não estou aqui para contar. Eles estarão lá com vida, a minha voz. Estou realmente lá porque, francamente, não vou prestar respeitos daqui a umas semanas e eles são exatamente os mesmos. Oh, meu Deus. Estou a falar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Estou.

Rose Creet: Sim?

Stephen Ward: Muito mais. Muito mais. Mantenham-se abertos. Teria ido muito mais longe. Mas estamos muito mais conscientes de tudo.

Rose Creet: Estão.

Stephen Ward: Não, sim, estou muito, muito melhor. Tu estás a falar. Eu pessoalmente provo aqui que eu, bem, eu não tinha muitas coisas para fazer. Sou muito solidário. Curioso, como me enviam ao mesmo tempo, de certa forma. Bem, eu tenho zero dias. Eu sei. Sei que experiencio várias experiências diferentes.

Rose Creet: Consigo realmente acreditar nisso. Sobrevivência, e os santos sabem que tu estás...

Stephen Ward: Sim, estou. Estou. Nunca tinha pensado nisso. Nunca tinha pensado nisso. Nunca tinha pensado nisso. Depois vi-o. Tu realmente não estavas aqui para me ajudar.

Rose Creet: Nunca tinhas pensado nisso.

Stephen Ward: Nunca tinha pensado nisso. Tu não estavas aqui para me ajudar.

Rose Creet: Sim, estou.

Stephen Ward: Então, não estás aqui para me ajudar. Não podes ajudar-me.

Rose Creet: Estou. Estou.

Stephen Ward: Estou a viver, e sobrevivência, e os santos sabem que tu compreendes, sabes o que estou a dizer. E eu faço isto. Foi possível. Mas nunca tive conhecimento para o motor. Tive uma ou duas pessoas. Estão a descontar comigo agora mesmo. Não estou a tentar nem interessado nisso.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Agora, claro, faço o que vou compreender. Sim. E devo dizer que tem sido uma ajuda tremenda vir aqui. Consegui falar por uns escassos minutos.

Rose Creet: Oh? Oh, compreendo.

Stephen Ward: Ouvi uma mensagem com uma história sobre, novamente, fazer um musical ou algum tipo de peça ou algo sobre mim. Sim. É bom ser chamado, obrigado por tudo. Estava a perguntar-me se seria possível dizer-me mais alguma coisa. E tu, e tu supõe-se que sejas o herói.

Rose Creet: Valha-me Deus. Bem, espero que seja muito bom e que... Porque é que não obténs um poder de sustento?

Stephen Ward: Bem, não sei. Acho que farás demasiado disso ou deixar-te-ás... Não acho que sejas nem metade tão... Eu não era nem de perto tão mau se estivesse apenas ansioso pela dimensão noturna. Há o pensamento das pessoas.

Rose Creet: Tenho a certeza de que és.

Stephen Ward: Eu pessoalmente, olhando para trás. Sim. E não sou tolo para tentar branquear-me. Não acho realmente que eu fosse, de forma alguma, mau no sentido do significado do que eu era. Como o mundo vê, talvez imoral. Mas todos o são, mais ou menos. Não acho que exista... Bem, eu conheço pessoas vossas, a caminhar por aí agora, que são muito mais imorais do que eu alguma vez pensei ser. Quero dizer, na verdade, certas coisas ter-me-iam horrorizado. Mas este é o Oeste Livre. Não me importo de ser um bom ator nisto. Sim. Devo dizer que certas pessoas hoje não são, de todo, atores respeitadores disto. Uma pessoa como eu, muito [em] investigação. Sim. Oh, sim, eu espero por ela. Bem, não é bom falar disso. Quero dizer, eu falo. Mas desde que se possa fazer qualquer outra pessoa na casa. Não vi o que tens a ver com isso.

Rose Creet: Esse é um bom rapaz. Posso chamar-te rapaz?

Stephen Ward: Bem, não sei se poderias, em comparação. Não estava a dizer que a pessoa estava apenas ali. Sim. Não há nada que eu possa concluir de qualquer forma. Mas sabes, tenho de atender o telefone para o pôr ali. Percebo que a única coisa de que me arrependo em todo o lado é do facto de ter tido a tolice de fazer o que fiz.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Não importa. Vamos ultrapassar isso. Mas lembro-me de como foi toda a situação. Mas eu sabia que estava desta forma para o afastar. Tenho-me aqui contra mim. Nunca o saberia. Bem, eu simplesmente não conseguia encarar a prisão. Era um monstro. Eles tentaram a sua mensagem interminável para te enganar, sabes? Eu nunca o fiz. Tu não estás consciente. Tu não estás consciente. Meio consciente. Meio consciente. Quero dizer, eu estava meio consciente de estar com alguém que estava lá e eu não estava por ali. Sim. Mas não sabia bem o quê. Caso contrário, como disse, vim atrás de todos eles. Não, sabes. Foi apenas na tua vida, lembro-me. De repente, foi algo que eu estava a tentar fazer. Fi-lo para criar simpatia por mim próprio. Tão estúpido. Ah. Sabes, as pessoas descobrem todas que eu estive aqui e não encontrei nada. Elas querem. Sim. Sim. Mas espanta-me que te interesses por mim.

Rose Creet: Sim. Bem, não sei. Suponho que seja algo na minha natureza de quem é justo. Não sei como pôr em palavras, esse é o problema.

Stephen Ward: Tu és. Claro que é. Claro que foi. Sete dos teus amigos dizem-me que és sempre uma campeã do amor. Claro que é. Claro que é. Claro que é. Quando eu não te chamaria aquilo, diz, eu não te chamaria perdida. Então estás longe disso agora. E eu estou longe de estar perdido. Mas eu era um do caminho. Não. E depois todo o caminho de estar perdido em muito daquilo que é o movimento. Sim. Precisei de ajuda quando cheguei aqui. E certamente parecia interessado em ajudar. Poderia ter-te usado, num sentido, para ser um homem perdido. Estava muito ansioso por estar fora. Agora não tanto, acho. Mas continuava curioso. Estava muito interessado em esperar para ver qual seria o próximo filme. Sim. Estou muito curioso sobre este relatório típico. Suponho que não o faremos. Não quero saber. Ninguém aqui vai acreditar nisto. O diário tem sido, no que lhe toca, feito de forma justa. Não sei. Só tiveram uma segunda Câmara dos Lordes, creio eu, onde não esteve sentado. Foi mais tarde. Eles devem ficar bem. E o relatório obtido vai ser analisado na minha cama. Vai?

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Valha-me Deus. É tudo. É simpático. É simpático. É simpático. Provavelmente teve muito que se lhe diga. Na verdade, acho que estiveram bem com o tempo do atrevimento.

Rose Creet: O que é isso?

Stephen Ward: Provavelmente estivemos bem com o tempo do atrevimento. Sim. Estou ansioso para que tudo venha cá para fora. Há muita coisa. Será suprimido. Tenho a certeza disso. E como o vemos. Tu sempre foste espiritualista?

Rose Creet: O quê?

Stephen Ward: Tu sempre foste espiritualista?

Rose Creet: Não. Não acreditava em nada, a dada altura.

Stephen Ward: Conheci o teu irmão.

Rose Creet: Sim. Oh, conheceste?

Stephen Ward: Sim. Ele tem caráter. Muito simpático. Muito charmoso. Gostas dele? Muito musical. Conheci-o no meu dólar. Sim, não conheci a tua mãe.

Rose Creet: Oh, vais conhecer. Se conheceste o meu irmão, conheces a ela. O Dr. Marshall fala muito, muito bem de ti.

Stephen Ward: Marshall tem sido muito bom para mim, mas...

Rose Creet: E ele diz que tu...

Stephen Ward: Ele era muito da velha guarda lá. Sim. Foi uma grande ajuda para mim naquelas coisas diferentes. Muito bom. De quem tenho a certeza que ele foi [ajuda], homens charmosos. Estás tu própria confinada à casa?

Rose Creet: Sim, eu sei que é muito. É uma grande ajuda. Música.

Stephen Ward: Garanto que deves sentir falta de sair para os concertos para terminar. Essa é uma coisa de que sinto falta. Muito, muito mesmo. A rádio é uma grande bênção, não achas? Rádio.

Rose Creet: Sim. Não gosto da rádio, do concerto na televisão ou rádio. Nunca dizem, deve estar fora da plataforma de concertos. Não achas?

Stephen Ward: Sim, sinto que sim. Ias a muitos concertos?

Rose Creet: Não a um grande número, francamente. Um pouco, tantos quantos o melhor, gostaria de ir a demasiados, mas fui àquele grupo. Vi uma fotografia tua no jornal, o neto, e era um jornal francês chamado Match. Era muito simpático o que diziam sobre ti e isso. Quem é que os franceses teriam chamado? Provavelmente nunca, por isso eu era um francês. Muito fã de música. E gosto muito de discos.

Stephen Ward: Sim. Sim, eu sei. Sabes, os discos modernos e as bandas de rádio modernas também são muito, muito velhos. São?

Rose Creet: Sim. O que queres dizer com os modernos? Os que são de agora?

Stephen Ward: Ah, sim, são. Ah, sim. Eu gostava de estar sentado ali no salão, estamos bastante perturbados com as pessoas em redor, irritando-as. De facto, de certa forma, soa melhor do que o que estamos a tocar.

Rose Creet: Sim, claro. Isso é, tipo, há qualquer coisa. Também chego a uma imagem do que lhe fizeste. Algo é?

Stephen Ward: Oh, sim. Então é muito de escola secundária, eu próprio, plano médio. Vá lá. Eu gosto de boa música.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas não professava de forma que pela boa música, nunca fui uma pessoa que entrasse num grande estudo. Quero dizer, não professava ser músico. Quero dizer, podia pensar nisso. Gosto de boa música, alguma boa música. Não. Eu não gostava de boa música. Isto é porque as pessoas pensavam que tu tinhas a certeza. Gosto do tipo de música de que gosto.

Rose Creet: Sim. És muito apaixonado por isso.

Stephen Ward: Eu gosto. Não, não é. Tu gostas. Eu consigo recuar e depois gosto, oh, agora não. Uma ou duas coisas, sim. Por isso não poderia dizer, por isso fala comigo, eu fico tipo, oh, agora não. Não aguento. Tu escreves de volta?

Rose Creet: Não. Não muito, sim, nessa altura. Eras aplicado na tua própria.

Stephen Ward: Não sou muito fã da vida. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Eu gosto. Tu és um

caráter bastante interessante, chilreando. Chegaste aí? Estás bastante bem. De que forma achas interessante?

Rose Creet: Oh, a tua noite para muitas pessoas, ao teu redor para muitas mulheres.

Stephen Ward: Não, esse Deus não. Não. Estás a viver aí, com...? Deves conhecer o teu Basco muito bem.

Rose Creet: Conheço. Chego a Mooji depois de viver o tempo suficiente para viver. Prefiro não ficar longe dos ninhos. Na verdade, não devemos falar disso. De um lado, acabando de o fazer agora.

Stephen Ward: Porque não? Há muita coisa interessante para fazer lá. Muito poucas destas são as mais interessantes. Nunca deixo de me maravilhar. Sabes, olho para trás para a minha vida e percebo que há tantas coisas que me interessam sentir hoje.

Rose Creet: Quais eram as coisas?

Stephen Ward: Tentei afastar-me do aspeto físico das coisas. Sabes, percebo agora que no meu nome e no sentido, consegui começar a ter um vislumbre disso. Mas percebi, num sentido, que eu próprio era muito psíquico. Eu era muito sensível, extremamente, peço desculpa. Na verdade, estava a pensar muito altamente disso, mas eu era muito, muito mais sensível do que a pessoa comum provavelmente está totalmente ciente. Eu costumava crescer para o som porque, bem, tinha de ser. Aquele fundo profundo lá dentro, eu era extremamente sensível e não era preciso muito para me magoar. Embora eu nunca ou raramente o partilhasse. As pessoas não estavam interessadas em mim. Eu nunca consegui ficar no tipo de viver das aparências. Ah, não. Ah, não.

Gostava de músicos e artistas e pessoas criativas, pessoas do teatro, tipo pessoas que alcançariam algo, ou que estavam em processo de fazer algo, mas que valesse a pena; não tinha muito tempo para o tipo "borboleta". Havia muitas pessoas, coisas simples, e eu era desse tipo, francamente, eu não era. Eu andava por aí, claro, ao fim da noite. Conhecia muita gente, claro, nas profissões.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Muita gente parecia ter a ideia errada. Na verdade, não, não desejava branquear-me, mas na história de dizer, sem ser ninguém.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Eu estava lá, realmente, de certa forma, [as pessoas] entenderam-te muito mal.

Rose Creet: Sim, eu achei que sim. Achei que sim. Quanto mais isso me aborrecia e o ruído, mais qualquer coisa é.

Stephen Ward: Em algumas das histórias ridículas que se espalharam, e coisas que sugeriam coisas que foram ditas, que eu supostamente era cúmplice da lei, ou que consenti perante a lei, coisas que eu supostamente fiz a mim próprio. E posso dizer-te muito honestamente que um bom sintoma que eu supostamente faria é completa e absolutamente infundado. Sou verdadeiro. Não há dúvida sobre isso. Isto não é tentar branquear-me. Fui definitivamente feito um bode expiatório. Não digo que não cometi erros. Não digo que não fiz coisas que, num sentido, como o mundo entende, ou a lei — e uma vez que eu não era contra tudo — não fiz nenhuma das coisas com as coisas realmente terríveis, pelo menos as coisas que vocês pensam que eu fiz.

Rose Creet: Porque é que dizem coisas dessas?

Stephen Ward: Sempre. Acho que em alguns casos foi definitivamente um bom trabalho.

Rose Creet: Sim. Sim. Tenho a certeza. Mas porquê?

Stephen Ward: Comecei a perceber isso cada vez mais.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Tinham de ter alguém.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E como eu era aquele em cujo apartamento certas pessoas podem ter sido apresentadas, porque eu era o tipo de pessoa que não podia importar-me menos se duas pessoas quisessem ficar um bocado juntas e fossem pessoas altamente respeitáveis... Quero dizer, não estou a dizer que as raparigas se tornariam respeitáveis. Não. Elas não eram brutas. Eram boas muitas horas. E conduziam-se a noite toda, socialmente, e todo esse tipo de coisas. Quero dizer,

acho que era simpático ser num sentido. Posso dizê-lo depois delas, é verdade, mas o ponto é que não vi nenhum objetivo aqui. Não, não fiz nada de diferente do que milhares de outras pessoas não façam.

Quero dizer milhares de pessoas, milhares de amigos meus, e amigos de outras pessoas, deixam as pessoas usarem o seu apartamento para o fim de semana, e coisas assim. Se elas começassem a usar, então por um momento, os amigos tinham uma rapariga lá ou algo assim. Mas não é tão respeitoso de tudo isso. Calhou apenas que as pessoas envolvidas fossem certas famosas daquelas pessoas. Esse é o problema. E elas ainda tinham estado a ter o cuidado e eu tive-o. Pergunto-me o que te vai acontecer.

Rose Creet: Bem, acho que tudo encaixa bem, claro. Queres dizer a Keira, a Christine? Estavas a pensar nela?

Stephen Ward: Sim, eu sei. Estava a pensar nela. Acho que a colocaria de novo.

Rose Creet: A Christine?

Stephen Ward: Oh, sim. Não sei. Mas ela vai partir. Não sei quando os ventos vão acontecer. Eles vão puxá-la. Aqui está uma lição. Lá vão eles. Oh, ela é uma rapariga traquina. Lá está ela. Não, ela não tem forma de resmungar ali. Bem, não desejava soar indelicado. Mas ela está a cronometrar de propósito no final. E oh, ela e as outras raparigas a juntarem-se. Oh, sim. Não sei o que é pior agora. Sou apenas eu, as pessoas que vão ter o público. Elas estão a tê-lo. Há uma boca engraçada por trás disso. Mas tu podes tê-lo, sabes. Quero dizer, eu não o tenho. Quero dizer, não quero que ninguém sofra. Não quero que ninguém leve com as culpas. Não quero que ninguém seja magoado. Tu conheces a coisa toda. A coisa toda deveria ter sido esmagada logo no início. É estúpido.

Rose Creet: Sinto todo esse amor agora, Stephen. Tu sabes isso. Quero que vocês os dois atravessem para lá. Tanto tempo nisto tudo. É estúpido.

Stephen Ward: Sim. De facto, a coisa toda poderia ter sido esmagada no início. Teria havido alguém a ser magoado, também.

Rose Creet: Bem, no passado, eu merecia-o. Eles tinham de chegar a conhecer a lei da causa e efeito.

Stephen Ward: Bem, sim. Vou perceber cada vez mais dessa lei da esquerda. Sim. Claro, o efeito que fizemos. Vou causar um efeito. É algo que eles disseram?

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Não importa. Agora somos felizes. Valha-me Deus.

Stephen Ward: Sabe, não se trata de ser o seu homem. Estou apenas a editar para estar do seu lado, mas não levarei tempo a chegar lá. Você é boa demais, minha querida. Oh, boa demais. Dizem que os bons morrem cedo. Olhe para a minha idade, hein? A idade em vida vai ter a ver com o morrer. Não sei se você morreria. Oh, idades. Sim. Vai ser diferente. Vou voltar agora. Quero dizer, não me importava de voltar para conversar, mas estou interessado até certo ponto em coisas ou então, sabe, a vida é realmente esperada. Mas não estou profundamente preocupado. Estou preocupado, não estou? Sou tipo, não. Não sinto que vá ser de algum serviço real. Espero poder aprender e talvez tenhamos de voltar e fazer algum bem ajudando algures. Sim. Vou poder ser de algum serviço.

Rose Creet: Isso é adorável. Agora, isso é muito simpático para mim. É diferente. Mostra apenas o quão gentil você é. Sempre pensei, imagine que os seus amigos devem desfrutar um pouco de uma cura. Acho que isso é interessante para mim. Isto é, se você falar com eles sobre isso.

Stephen Ward: Oh, eu não digo uma palavra. Estou apenas à espera que eles falem comigo. Tenho algumas fotografias aqui fora. Bem, se usar isto como um bengaleiro ou algo assim, as pessoas põem as cabeças na mesa. Devem ver as minhas fotografias e perguntar-se que diabo é isto tudo. Eu deixo-os saber. Simplesmente, se você o fizesse. Bem, é bom saber isso. Estou muito grato. Estou. É muito simpático no seu negócio. Eu gostaria que você fosse magoada através de mim.

Rose Creet: Você gostaria que eu fosse magoada?

Stephen Ward: Eu não gostaria que você fosse magoada através de mim. Oh, não. Não creio. Oh, eu sou novo em tudo isso agora. Para lhe mostrar, alguns dos seus amigos ficariam escandalizados se soubessem com quem você está a entrar em contacto. Isto é, se eles acreditassem numa tempestade, entrando em

contacto comigo. Sim, eu sei. Eles pensariam que sou tão bom. Não sei bem o que devem pensar que eu sou. Estou apenas à espera. A julgar pelo que tem saído nos jornais e pelas exagerações das suas próprias mentes, devem pensar que sou tão bom. Oh, mas há alguns deles, meus amigos, que me levaram para fora. Portanto, eles são do tipo.

Rose Creet: Oh, existem, sim. Claro, acho que isso é verdade. Quero dizer, não estou a ser furado. Acho que muita gente, pessoas inteligentes, se lessem nas entrelinhas e entre as linhas e vissem por trás das cenas, como quem diz, quero dizer, eles percebem muito bem, mas era bastante óbvio que é tudo plástico ali. Sim. Isso é verdade. Bem, de qualquer modo, Dr. Ferris...

Stephen Ward: Oh, ele gosta de si. Há muito, sabe, Stephen. Bem, eu gosto de si.

Rose Creet: Ele diz que você é. Não diz? Não, eu gosto de si. Ele diz que você é. Não diz? Continue a melhorar um pouco, querido, e ele diz que, conforme ele vier falar consigo, você vai encontrá-lo muito, muito... Bem, provavelmente parece haver espaço para melhoria. Bem, porquê? Há um trabalho mais firme para cada um de nós, para quem ele conhece no lado de fora. Não, sinto-me um autêntico bebé em comparação com algumas destas pessoas. Quero dizer, atenção, nenhum deles é o que eu chamaria de um tipo saudável, saudável. Oh, não. Ninguém me pregou sermões ainda, graças a Deus. Quero dizer, não gosto de pessoas que pregam e que falam com superioridade.

Quero dizer, nenhuma das pessoas aparece. Isso é uma coisa que acho que é muito mais. Ninguém deste lado que eu tenha conhecido. Conheci muita gente e ninguém alguma vez me pregou ou falou com superioridade ou sequer me fez sentir que sou um pecador grave. Não, sabe, quero dizer, é extraordinário. Eu disse, não é o que a mãe esperaria? Não, não é muito interessante. Ninguém me trata assim aqui. Eu disse, sou uma carga de um tipo de ser humano. Quero dizer, tratam-me com respeito. Quero dizer, ninguém me serve. Ninguém diz... ninguém disse ainda que eu fiz mal.

Uma das coisas divertidas aqui são as pessoas no lado de fora, as pessoas que sabem que eu fiz mal. Na minha própria consciência, tenho estado nas

minhas mãos agora. Eu sabia que fiz certas coisas. Não desejo os seres humanos. Arrependo-me. E, claro, fiz coisas tolas. Não acho que pudesse fazer nada. Mas eu poderia considerar, incerto, alguma vez deste lado, talvez, pensando por dias. Não achei que fosse muito agradecidamente, agradecidamente errado. Como o Martin disse, a última coisa começa. Muita gente no lado de fora assumiu que eu era um autêntico louco varrido, o pecador, o mais de todos. O que acha?

Rose Creet: Eles confiam em tudo o que leem no jornal mais próximo, é tudo.

Stephen Ward: Bem, não é nada disso. Quero dizer, mesmo pessoas que professam ter mergulhado no meu caso, outros sabem também, aparecem com algumas mentiras deslavadas, sabe, francamente. Algumas coisas apareceram, atingiram-me como sendo bastante estúpidas, mas esperam que eu seja o evangelho. Eu disse, sabe, é muito bom sentir que posso falar consigo. Eu apreciaria.

Rose Creet: Bem, eu aprecio que venha falar comigo. Estava muito ansiosa pela sua vinda. E acho que será bom para ambos. Será interessante para mim ouvir.

Stephen Ward: Seria muito bom para mim. Mas posso ser muito informativo, porque francamente, estou aqui há pouco tempo. A minha experiência é muito limitada, naturalmente.

Rose Creet: Sim, mas há essas pequenas experiências que eu gostaria de ouvir, porque quando eu for, o mais importante, vou passar pelas mesmas coisas que você está a passar. Por isso quero ouvir tudo sobre isso. É dessa forma que o que você faz me ajuda.

Stephen Ward: Imagino que as suas experiências ao vir para aqui sejam diferentes das minhas. Através de tudo. Você tem um longo conhecimento disto e tem estado em comunicação com as suas próprias pessoas e todo o tipo de pessoas deste lado obviamente ajudaram-na imenso. E eu sou, num sentido, um pequeno coeficiente válido. Oh, não sei. Você acha que sabe que é assim? Bem, pelo que consigo depreender do que me contaram, do que aprendi sobre si, é que,

bem, as suas condições serão certamente muito mais equilibradas do que as minhas.

Bem, meu querido bando, sabe? Bem, não estou a questionar ou a discutir. Não sei quantas vezes já tive. Você já teve, eu sou, como sei? Ouça o que lhe disse agora. Estive na economia por tantas vezes. Oh, não deixe todo esse assunto comigo. Que o meu irmão que você perdeu. Não deixe todo esse assunto com a reencarnação. Você acha realmente que isso é verdade? Acha que eu provavelmente voltarei de novo?

Rose Creet: Bem, eu não vou pelo que você pensou. Voltar, você não quer voltar?

Stephen Ward: Bem, eu certamente não quero voltar. Odiaria pensar que a reencarnação, a reencarnação, como lhe chama, é verdadeira. Você acha realmente que é verdadeira? Pela forma como é. Não consigo imaginá-lo, sabe. Acho que uma vida é suficiente para qualquer pessoa.

Rose Creet: Você quis dizer isso? Espere, você não é forçado a voltar, sabe?

Stephen Ward: Oh, não é?

Rose Creet: Não, não, não há imposição. Mas se tiver um forte desejo de voltar, suponho que possa.

Stephen Ward: Suponho que tenho o conhecimento disso. No outro dia, quando vim aqui, e você não tinha uma sessão marcada, nem nada disso. Mas eu vim, pensei que talvez pudesse estar a acontecer algo assim. Vim e vi várias pessoas aqui. Um descobri que era o seu marido.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E o outro era um homem que era um padre. Ele era. Eu não sabia quem ele era. Pois vi-o a andar para trás e para a frente no seu caminho. E tentei comunicar com ele. Mas não consegui chegar minimamente perto dele. E tudo o que ele fazia era andar de um lado para o outro. Deu-me um olhar tão terrível. Bem, não na Terra.

Rose Creet: Quer dizer um padre do seu lado?

Stephen Ward: Bem, ele não estava no lado de todos. Ele ficou bem. Sim. Mas parecia estar num estado de transe e algo mais. Não consegui tirar nada dele.

Isso é tudo o seu marido. Eu não sabia quem ele era. Mas descobri depois, o seu marido, ele parecia um autêntico génio. Bem, ele era muito agradável. Mas eu vi um quebra-cabeças sobre este clérigo, ou este tipo católico, imagino que fosse. Estava a andar de um lado para o outro com as mãos, apertadas à frente dele. Como se estivesse a rezar. Oh. Bem, sabe, eu tive um amigo aqui que era um músico muito, muito bom.

Rose Creet: Bem, ele disse-me, porque ele olhou e deu-me um olhar tão extraordinário, que eu quase não o encontro. Oh, então não tenho tido nenhum contacto com ele.

Stephen Ward: Bem, acho que o encontro. Senti que este homem estava a olhar através de mim. Oh, sim. Há apenas um facto, francamente. Acho que no final do dia senti-me desconfortável nesta casa. Oh, digo-lhe, acho que deve ser um prazer pagar-lhe uma vez e perguntar sobre um amigo meu que é um músico muito, muito bom. E se ele estivesse a olhar em primeiro lugar, a cuidar dela, e ele é muito um biltre. Bem, não sei por que razão ela pagaria algo desde a porta da sua casa de banho até isto. Fico contente por me ter dito. Bem, ele parecia, embora eu achasse que ele parecia estar absorto em pensamentos.

E eu estava honestamente tão louco quando ele olhou diretamente para mim, quase como se estivesse a olhar através de mim, e continuou a caminhar. Estou a pedir a um marido para se encontrar comigo. Esqueci-me. Por que teria ela? Porque ele não ficou. Pelo menos não que eu saiba. E ele simplesmente desapareceu, no que me diz respeito. Não o vi lá atrás. Não estava a falar sobre essa conversinha sobre ele, este homem. Tenho estado a vê-lo. Espero que o seu marido seja um autêntico génio nisso. Sim. De qualquer forma, o seu marido tinha um cão com ele.

Rose Creet: Um cão?

Stephen Ward: Sim. Não sabia se era um cão seu ou daqui.

Rose Creet: O meu marido deve ter tido. Nunca pensei que outra coisa fosse doce para mim, e ele encontraria animais para mim. Mas este cão em particular era um dos cães grandes, um como um Dogue Alemão.

Rose Creet: Oh, sim, sim. Um cão castanho. Não um Dogue Alemão. Oh, sim. Oh, a sério? Nós mantemos muitos cães aqui e ali, sabe. E eu tinha um lindo galgo, um Ramey, mas era o meu favorito. E um cavalo, que é de corrida, Queen era o nome. Você alguma vez cavalgou com ele?

Stephen Ward: Não diria que eu pudesse cavalgar depois de um passeio ao luar, mas não era um dos meus sonhos. Sabe quem é a Strong desde que a vi?

Rose Creet: Quem?

Stephen Ward: Strong. Strong. Agora, ouviremos uma noite quando eu vim, e ela estava de pé com uma multidão de pessoas e não sei que mulher atraente ela era. Uma mulher muito atraente, que eu associo a alguma ligação com as suas pessoas aqui, ou algo assim. Vi uma de uma. Oh, sim. Tudo o que sei é que o nome dela é Farms. Oh, sim, agora. Estou a conhecer todo o tipo de pessoas. Quero dizer, não apenas o Dr. Marshall e o Mickey, se lhe chama assim.

Rose Creet: Claro, o Mickey, claro.

Stephen Ward: Acho que o estudo básico dele é o gato do bando. Sim.

Rose Creet: Bem, ele provavelmente não é um homem jovem.

Stephen Ward: Sim. Pessoa extremamente simpática. Extremamente agradável. E muito alegre, muito feliz. E, no entanto, sempre que o ouvi tentar comunicar ou falar para a Europa, era um espetáculo, era infantil.

Rose Creet: Isso mesmo.

Stephen Ward: E achei que era estúpido, parecia. Lucy, na verdade, tenho a certeza de que ele poderia falar de forma muito mais adulta e é uma pessoa inteligentíssima. Porque eles assumem. Acho que o Mickey morreu quando tinha cerca de 30 anos.

Rose Creet: Oh, mas ele parece ter 22 ou 23.

Stephen Ward: Sim, agora. E ele é muito alto, um rapaz muito bem constituído. Ele tem. Bem, ele não começa o braço dele, mas deveria assumir uma espécie de personalidade estranha, o que ele disse obviamente não ser verdade. Não sei se ele consegue. Por que fazem isso, mas eles fazem isso. E a sua mãe? Não vi a sua mãe, mas ouvi do seu irmão. Sim. E a sua mãe, que, que não está lá, não sei se provavelmente não era conhecida de todo, mas se olhar

para o seu irmão, ela parece muito jovem. Sim. E o seu irmão parece muito jovem. Felizmente ele não morreu. Ele era muito jovem. Morreu quando tinha 70 anos.

Rose Creet: Não, ele era um marido. Sim. E ele parece bastante jovem. Parece um homem de uns 30 anos. Acho que ele tinha mesmo 70 quando morreu. Sim, ele andava por aí.

Stephen Ward: Acho que foi por isso que fiquei surpreendido. Que as pessoas nunca parecem ir para lá. De facto, há apenas pessoas que olham para fora. São as pessoas que pensam nisso. Ora, aquele padre, por exemplo, olhe para fora. Sim. E, no entanto, todos os outros, mesmo que tenham morrido velhos, parecem jovens. Sim. Acho que aquele padre deve estar a pensar em si próprio e em tudo no passado como ele era. Sim.

Porque ele parecia um homem de cerca de 60 anos. Oh, sim. Ele parecia um personagem extraordinário, aquele homem, não sei por que disse isso. Olhos muito brilhantes e fixos. E, no entanto, era um tipo de homem velho que, como posso dizer, idealizou, teve um pensamento ético e olhou para cima. Oh. Há um personagem extraordinário. Eu também estava a pensar em algo sobre ele. Sim. Pelo menos para mim tem sido uma espécie de fanático nisso.

Rose Creet: Acho que sei o que quer dizer porque ele esteve aqui uma vez. Sim. Porque ele soou desta forma aqui. Acho que ele, num sentido estranho, através do estado de espírito, estava ali, ali. Sim.

Stephen Ward: Acho que ele precisa de ajuda, aquele homem, sabe.

Rose Creet: Acho que sim. Ele provavelmente não quereria que ninguém o ajudasse. Devo mencionar que fazemos coisas boas, não fazemos?

Stephen Ward: Devo falar com o Dr. Marshall sobre ele. Sim. Bem, não o vi aqui. Ele viu-o aqui quando você esteve a ter a sua sessão. Não. Mas foi apenas nesta ocasião antiga quando pensei que poderia haver algo como isto a acontecer na guerra. E vi o seu caçador e vi uma ou duas outras pessoas. E vi este velho padre a caminhar para trás e para a frente.

Rose Creet: Então quando estávamos a ter uma sessão na guerra

Stephen Ward: Não, não foi quando você teve uma sessão. Oh. E você nunca o viu quando teve uma sessão. Por que não o identifica? Ele faria qualquer um no salão ou algo assim. Não. Acho que ele estava a deliberar. Parecia-me que ele estava bloqueado e enganado, deliberando. Oh, sim.

Dr. Marshall: Talvez o Marshall possa dizer-lhe algo sobre ele. Sim, eu talvez saiba sobre isto. Oh, sim. Estou a ouvir o que estava a ser dito sobre o padre. Sim. Não quero que fique preocupada com isto. Na verdade, aquele padre está a começar a ver santos. E ele teve sempre educação quando veio. Houve duas ocasiões em que ele não se tornou. Ele tem voltado aqui muitas vezes. E penso na ideia da possibilidade de falar novamente.

Nesse sentido, ele tem sido pensado como alguém que estava fora e está muito melhor. E estou à espera que o deixem falar consigo. As pessoas encontram uma grande mudança nele. De todas as cenas diferenciais. Sim. Oh, ele está a dar-se muito bem. Tenho-o mantido deliberadamente afastado até ao momento em que estivesse pronto para o trazer de volta, sob circunstâncias um pouco diferentes. E acho que vai encontrar uma grande mudança nele. A propósito, o nosso amigo está a dar-se muito bem. Muito bem. Com um bom sentido de humor. E creio que ele influenciou muito a equipa, não tinha ele pensado. Comunista. Comunista. Quer dizer, notável, isto é maravilhoso de observar. Mas, lá está, sabe que muitas vezes é assim, não é? É muitas vezes o modo como certas pessoas e as ajudas, tal como o mundo vê. Não são particularmente pessoas boas. Por vezes fazem mais progresso aqui do que o círculo de pessoas boas alguma vez faria. Sim.

Porque por vezes pessoas muito boas, embora sejam boas em muitos aspetos, em muitos sentidos a sua conceção e atitude, e o nosso grupo é muito estreito. Sim. E sabe, como disse antes, muito frequentemente uma pessoa tem bons tons de opiniões, bons tons de grandes ideias, muitas vezes faz um progresso mais rápido aqui do que uma pessoa que tem opiniões fortes. É disso que os físicos e os padres de que temos falado se tratam. Ele estava tão imerso nas suas crenças. Acho que tanto assim que ele era inteligente e difícil. Ele acreditava, acreditava absolutamente que tudo o que ele aceitava era uma

obrigação. A fome disse que mais ninguém poderia estar certo ali. Não há atitude de que a sua crença particular fosse a única que restava. Mas, claro, ele está agora pronto para mudá-lo.

Ele tem estado aqui várias vezes. E acho que ele estimulou, se posso usar a palavra, algo na atmosfera e na força e no espaço, e ajudou-o. Ele não é afetado e não era um bom... E ele certamente não vai agora ao seu amigo. E ele certamente não assombra agora, se posso usar tal palavra. Sim. E ele não é grande coisa porque eu estava doente. E ele está a começar a encontrar o seu verdadeiro eu. E há muito nele que, claro, é excelente. É bom. E depois olhar para fora e voltar e falar com ele mais tarde. Sim, eu não iria... Sinto que é hora de eu ir. Vou deixá-lo passar.

Rose Creet: Oh, certo. E alguns grandes estudantes também. Ele está a fazer uma excelente impressão.

Dr. Marshall: Ah, sim. Muito bom. Eu conseguia ouvir isso. Deixe-o vir outra vez.

Rose Creet : Sim, certamente deixarei. Sim, deixarei. Sim, deixarei. Deixarei.

* * *

091260

Stephen Ward: Olá. É muito bom ter vindo falar de novo.

Rose Creet: Oh, ora, oh, ora, Stephen.

Stephen Ward: Sim.

Rose Creet: Oh, aí está o meu amigo não-perdido.

Stephen Ward: Oh, não, não, não, não, não. Quão velho, Timmy? Tudo sobre o teu passo. Como estás, porquê? Dá-me tudo.

Stephen Ward: Muito estabelecido. Muito feliz. E não estou no meu melhor para escrever. Sinto agora que deveria, bem, libertar-me. Fui libertado. Estou presente. Vou mover os meus próprios laços e confusões.

Rose Creet: Oh, isso seria um bom começo.

Stephen Ward: Mas agora sinto-me muito melhor, muito, muito melhor. Em parte, é o meu próprio esforço e uma grande dose, claro, também, da ajuda da vida. Sendo dada por algumas pessoas maravilhosas que temos, lamento muito pela Christine, muito bem.

Rose Creet: Sim, tu sabes, tu sabes.

Stephen Ward: Oh, sim, eu sei sobre isso. Sim. Lamento muito, de qualquer forma.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Enfim, falo agora. Acho que não tens mais do que alguns meses. Falo agora de resumo e de muita coisa, de qualquer forma.

Rose Creet: Oh, nove meses, eles desistiram.

Stephen Ward: Acho que são curtos, são curtos também. E a filha.

Rose Creet: Hein?

Stephen Ward: Consigo imaginá-la a lavar tudo ou a esfregá-la? Coitada da cadela. Coitada da cadela. Enfim, está tudo acabado.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Tens de martelar a carne, agora talvez deixar tudo lá, ficar a saber tudo sobre isso.

Stephen Ward: Sim, acho que eventualmente poderá ser fácil.

Rose Creet: Como é que vais indo para casa?

Stephen Ward: Vou indo para casa muito bem. Estás com muito bom aspeto. Diz o Marshall... o Marshall diz-me que estás muito melhor.

Rose Creet: Oh, estou muito melhor agora, sim?

Stephen Ward: Bom.

Rose Creet: Como é que não vens cá abaixo?

Stephen Ward: Eu não venho cá abaixo. Ficaria comigo até eu ir para aí. O que é que a esperança diz? Vou dar-lhe um abraço por ti se ela não atuar sem um. Depois virei falar contigo outra vez. Oh, tenho querido vir. Ficaste muito, muito feliz, muito mais estabelecida. Mas todos os dias é agora, muito, muito, muito pior, de qualquer forma.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Não, vou organizar-me um pouco e decidir o que quero fazer. Acho que deveria obviamente continuar com a nossa. Gosto muito, muito de música. Tenho de ser um músico muito bom. Fui apresentado a vários dos teus amigos, incluindo o Felix Shepard [sic - Chopin].

Rose Creet: Está bem, eu também.

Stephen Ward: Parece realmente muito fantástico.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Acho que se pode muito bem conhecer estas pessoas que admiramos e um terço é muito melhor.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Ele é uma personalidade maravilhosa.

Rose Creet: É?

Stephen Ward: Mas parece que tem o diabo atrás dele agora mesmo. Ele vai-se embora. Sabes tudo sobre isso?

Rose Creet: Bem, o Dr. Marshall parece gostar muito, muito dessas coisas.

Stephen Ward: Sim. Ele partiu mesmo. Bem, tenho tempo. Eu estava tipo, bem, estou a tentar fazer algo enquanto era especial para ti.

Rose Creet: Está certo.

Stephen Ward: Deveria ter acontecido no teu aniversário. Portanto, sabe Deus se aconteceu pela altura do Natal. Ele está determinado a tentar dar-te um presente. Mas eu deveria saber que era quase impossível.

Rose Creet: Não, eu deveria ter pensado que sim.

Stephen Ward: Mas as pessoas têm estado a sair-se bem, dizem às quatro ou às vezes. Mas não sei o que vai acontecer. Não tenho estado nisto a tempo. Então, as moedas devem acontecer.

Rose Creet: Sim. Seria adorável. Então fala-me de ti, Steve. O que é que te atrai tanto aqui?

Stephen Ward: Bem, estou muito, muito mais feliz do que estou. Tenho um tipo de vida. Sei que soa bastante fantástico dizer isto. Mas tenho um tipo de papel. O meu sentido espiritual de papel. É um papel. É um papel. É um papel.

Bem, eu não lhe chamaria um hotel. Não é propriamente um hotel. É um tipo de... Acho que não queria chamar-lhe. É um lugar grande. Há todo o tipo de pessoas lá. Todo o tipo de pessoas, na verdade. É realmente interessante apenas estar entre elas. Porque as vês. Eu deveria aprender tanto com elas. E estou muito contente e muito feliz. E a aprender imenso com isso. E há outros que ensinam. Eu não queria bem chamar-lhe. É um tipo de mistura de um hotel, uma escola.

E no entanto não nos sentimos restringidos em lado nenhum. Quero dizer, não é suposto fazeres isto ou fazeres aquilo. Nunca, de facto, conforme estás a bolar, não tens de... os teus próprios dispositivos para escolher e decidir, as sugestões e a natureza, que podes ter exceto pela cicatriz que não pode depender de ti. Mas é um lugar extraordinário. É uma boa ideia. Algumas pessoas conseguem quase dizer algo com vulto e ameaça. Muita coisa não é realmente um vulto e ameaça. E contudo, de uma forma estranha, é, acho que sou eu. Ajudo a mudar a nossa atitude sobre as coisas, e volto em geral, e tipo, penso sobre as mentes.

E acho que a ideia principal do lugar é realmente impedir-nos de pensar demasiado em coisas materiais, e pedir e tentar de certa forma dirigir as nossas mentes em certos caminhos, o mais das coisas que nos beneficiariam no nosso programa. Há todo o tipo de coisas interessantes, na verdade. Ao início, eu não sabia bem o que pensar daquilo. Era uma combinação menos extraordinária de todo o tipo de coisas estranhas. Sabes, como uma escola, como um salão de baile, eu não sabia o quê. Era menos peculiar levantar-me. Muito bem, comecei a ver a boa ideia. Ao início, eu estava nas notícias sobre certos aspetos daquilo. Mas, na verdade, é extraordinário porque podes comer e podes beber aqui, podes ir para a cama, podes jogar cartas se quiseres.

De facto, podes fazer todas as coisas, mais ou menos, que fazias na Terra. E as coisas nunca têm restrição real. Mas gradualmente, começas a perceber que muitas das coisas que tinhas o hábito de fazer têm propósito e usos. Enfim, elas não têm substância. Essa não é uma parte inteira. Acho que começas a descobrir as coisas que parecem ter realidade e substância, mas não têm. E, portanto, começas a mudar o teu depois. Depois começas a pensar: "oh, bem, isto é bom".

E eles estão apenas a fazer isto. Isto é estúpido. E deixas de desejar fazê-lo. E não fazes tudo. E parece que se mudares gradualmente a tua consequência, é bastante interessante.

Rose Creet: Oh, que interessante. E vais trabalhar?

Stephen Ward: Acho eu, mulheres, jogo ténis. Eu cavalgo. Temos cavalos e animais aqui, animais de estimação. As pessoas têm cães de estimação. Até gatos. Na verdade, há algumas mulheres aqui também. E misturamo-nos todos muito livremente. Claro que há sexo nelas, como ali. E o engraçado é que eu tenho um armistício ali, e o sexo entrou nos meus pensamentos, realmente. Eu também os tenho. Penso: o que fazem o turbilhão e tudo o que se passa à minha volta quando deixei o vosso lado? E o melhor aspeto de mim próprio, a minha materialidade, é como que dançar para uma parte minúscula da digressão.

Não tenho sentido qualquer tipo de instinto nessa direção. Não há maneira, esse lado da minha natureza desapareceu mais ou menos. Não. E, muito francamente, vejo as coisas de forma tão diferente, de qualquer maneira. E a coisa extra é que não é. A pessoa ali não se importa. É apenas uma das necessidades do tipo de roupa que muito se usa. E à primeira vista, sei que soa bastante estúpido. Mas uma das minhas primeiras reações foi para um, bem, suponho que vais ao parque. Pelo menos há também pessoas reunidas lá. E toda a gente estava muito alegre. E pareciam bastante felizes. E era sempre muito fácil. E alguns dos trajes que usavam impressionaram-me muito. E a minha primeiríssima impressão foi que era um baile de máscaras. Porque havia pessoas que pensavam os trajes e todo o tipo de tempos e eras. E eu não percebi ao início. E estas eram almas que eram alguns dos professores que se tinham anexado ao lugar.

E depois tive de perceber isso depois e eles estavam a assegurar esta saída onde eu me vestia. Para estacionar porque isso os agradava. E para estacionar porque agia a cor e fazia algo pela leveza e pelo interesse. E eu queria sentir tanto calor vindo de todas estas várias pessoas. Para a situação que é, para ser honesto, eles progrediram. E que estavam a atuar como professores e guias. E havia vários graus e condições de vida aqui. E tão interessante. E os trajes eram bastante

pessoais. Se sentes que queres vestir-te de uma certa maneira, então podes. Podes fazê-lo.

Stephen Ward: Na verdade, nunca senti grande vontade de me vestir formalmente. Então eles têm um jeito. E provavelmente têm sido camisa e calças e esse tipo de coisa. Quero dizer, não consigo aceitar a ideia — apenas eu próprio — a ideia de que me posso vestir com uma espécie de túnica. De certa forma, sinto-me um bocado tonto com isso. Mas acho que me deveria habituar à ideia e desenvolvê-la mais tarde. De momento, estou bastante feliz apenas por usar uma camisa de malha aberta e um par de calças leves, normalmente.

Rose Creet: Sim. Isso é ao que estás realmente habituado.

Stephen Ward: Sim. Eu era tão feliz. Está lá atrás.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E depois chegamos ao que eu faço agora. Tu dizes, de qualquer forma, devo contar-te muito sobre isso. E eu posso.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas sabe Deus. Bem, eu só tenho de ter esperança por ti. Há problemas comigo aqui? Não és tu que se aplica a eles? Mesmo aqueles que professam saber muito sobre este assunto? Quero dizer, eu não sou do tipo... espero não estar a fingir perante eles. Aqui, não pretendo ser... oh, não, não estou a fingir. Mas acho que às vezes eles confundem-se com o tempo. Sabes, eu digo-lhes. Quero dizer, por exemplo, alguém pode dizer: "oh, sim, venho falar contigo, e é sexta ou quinta-feira" ou o que quer que seja. E a pessoa tenciona fazer isso. Mas às vezes perde-se toda a noção do tempo. Acho que tu vais correr. Talvez um mês depois, percebes. Vai ser difícil. Suponho que estes guias que realmente sabem sobre isto conseguem dizer as horas. Muito melhor do que... pessoalmente, acho isso totalmente confuso.

Rose Creet: Oh, eu pergunto sempre por ti. E eles dizem-me a verdade.

Stephen Ward: Acredito em ti. Acredito muito em ti. Oh, eu dou-me com todos. Põe a coisa assim. Toda a gente gosta de mim. Mas depois deves admitir, o que tens de aceitar é nesse aspeto. Serei honesto. A vasta maioria das pessoas

com quem estou são muito melhores do que eu. Por isso é natural que nos demos todos bem.

Rose Creet: Não do grande nom-shared que tu tens.

Stephen Ward: Não, mas tenho alguns. O Frédéric tem de ser...

Rose Creet: Bem, sim, mas eu conheci-os. Claro, na casa deles, muito progredidos. E eles estão muito interessados. E tenho a certeza de que são muito prestáveis.

Stephen Ward: Tenho-os achado muitíssimo prestáveis. Mas sinto-me... não exatamente desconfortável. Porque eles têm sido tão amáveis comigo. E ainda sinto que eles estão tão à frente de mim, a milhas, que me sinto um bocado como eles. Mas não sabia bem o quê. Como as vidas na cabeça do inferno, sabes.

Rose Creet: Oh, tu não queres isso. Oh, tu não queres isso.

Stephen Ward: Sim, mas tenho a certeza de que deveria. Eu fico bem de saúde. Quase ficava bem de saúde com as pessoas. Mas não acho que estivesse tudo a vir desta vez. Quero dizer, eu meio que levei a coisa a dar um passeio, não levei?

Rose Creet: Sim. Alguém muito grato a ti?

Stephen Ward: Oh, não precisas de estar...

Rose Creet: Bem, eu estou grata. Sei que tens sido terrivelmente doce e muito amável. E os teus pensamentos têm sido uma grande ajuda.

Stephen Ward: Qualquer pessoa que venha ter contigo conseguirá um sentido que eu consigo.

Rose Creet: Sim, está bem.

Stephen Ward: Não posso dizer quando, mas espero que seja esta semana.

Rose Creet: Oh, espero que sim. Tu sentas-te, dizem-me — o Martin diz-me. Tu sentas-te duas noites por semana.

Rose Creet: Está certo. Está certo.

Stephen Ward: Bem, eu virei quando quer que isso seja. Está bem. Não te esqueças.

Rose Creet: Não me esquecerei. Tudo de bom por aí.

Stephen Ward: Adeus.

Rose Creet: Adeus.

* * *

160164

Stephen Ward: Olá. Stephen? Sim. Que interessante. Que bom. Como está? Estou muito feliz por vir. Não tenho estado ansioso por voltar novamente ao espiritual. As vezes em que não foi possível vir antes... Bem, houve várias razões. A idade, claro, para ser franco. Senti, de certa forma, que há muito para organizar aqui e que devia aclimatar-me mais à minha nova vida.

E, na verdade, considerou-se — e eu concordei — que talvez não fosse muito bom eu voltar com demasiada frequência até me organizar um pouco e, bem, livrar-me de algumas das velhas inibições e das conceções materiais das coisas. Sabes, eu estava... acho que as outras pessoas estavam todas preocupadas, num sentido, talvez até quando eu estava, mas acho que a ideia era afastar-me do esforço para que eu pudesse refrescar-me e, de uma forma geral, assimilar o conhecimento e a experiência aqui.

E depois, quando chegasse o momento certo, então, claro, poderia voltar. E, bem, não teria o mesmo tipo de efeito sobre mim que provavelmente... bem, que aconteceu realmente nas fases iniciais. Senti que a Terra estava a puxar demais, mas agora consigo resistir a essa puxada e voltar sem qualquer tipo de sentimento negativo e, bem, revivê-lo sem que isso fique "agarrado" a mim.

Podias explicar isto, mas nas primeiras semanas, meses, era como se a Terra estivesse a puxar com muito mais força do que a minha nova vida aqui e suponho que, de certa forma, fosse mau para mim. Mas, de qualquer modo, estou grato por ter tido a oportunidade de vir falar nas fases iniciais e estou muito mais feliz agora por poder vir; sinto, sem qualquer tipo de receio, que isso pudesse inibir o meu progresso por aqui. Sinto agora que consigo resistir, se quiseres, à puxada da Terra e a todas as outras associações, e consigo voltar com uma mente muito

mais livre e quando me sinto mais à vontade; enquanto antes eu estava, de certa forma, entre uma coisa e outra.

Eu estava a ser tão puxado para a Terra por todos eles, pelo que se passava e por todos os que ainda lá estavam, e estava a ficar tão absorto nisso, mais do que deveria, suponho; e agora, claro, consegui resistir a tudo isso e libertar-me, e percebo que, ao focar simplesmente a minha mente aqui na minha nova vida... bem, não posso deixar de admitir que tem sido melhor para mim e posso voltar sem essa preocupação indevida. Ou porque será? Oh, eu sei.

De qualquer forma, quero agradecer-te verdadeiramente pelos teus amáveis pensamentos e orações, porque tenho estado, verdadeiramente, muito consciente deles; sabes, é uma coisa extraordinária como os pensamentos que nos chegam são tão grávidos, tão fortes, sabes? É algo extraordinário, porque senti que, nas primeiras semanas após a minha partida, a puxada da Terra era tremenda. É tal e qual como se eu estivesse a ser atraído por uma espécie de íman de volta à Terra, sabes? E de volta aos velhos refúgios, às pessoas que eu conhecia, e eu tentava desesperadamente fazer com que soubessem que eu estava lá e nunca olhei para os problemas dos nervos, claro.

E depois fui trazido para aqui e não sabia bem se eram totalmente os teus pensamentos que me traziam aqui — em parte possivelmente, sem sequer o perceber nas fases iniciais — mas durante anos tem sido uma forma muito útil de voltar e desabafar um pouco e agora, claro, estabeleci-me muito mais deste lado. Já não é o esforço que era. Tudo parece natural pelo facto de eu estar a falar contigo. Há muitas pessoas que me enviaram pensamentos muito, muito bons.

Sim, eu reconheço isso. Eu realmente reconheço isso mais agora, ou numa fase de manutenção. Reconheci-o na altura porque a minha consciência estava muito mais com as pessoas que eu conhecia e pessoas associadas, bem, ao meu julgamento e a todo aquele negócio que tiveste. E acho que estava a receber muito mais os pensamentos de pessoas que eram, no seu todo, favoráveis ou úteis para mim. De qualquer forma, consegui certamente descartar tudo isso e sinto-me muito, muito grato a ti e ao Dr. Marshall e ao médium e, bem, a todos os que foram tão maravilhosos para comigo. Honestamente, não sei o que teria feito sem

todas as pessoas maravilhosas que me ajudaram e, acredita, elas ajudaram-me mesmo.

Sinto-me uma pessoa tão diferente. Ninguém, sinto eu, tem razão ali. Sinto que não há peso nenhum. Há uma espécie de... não sei como dizer, mas sabes, parece que eu estava acorrentado de alguma forma, mas tudo isso passou, sinto-me tão livre. Oh, que experiência adorável. E agora estou a começar a estabilizar para assimilar o meu novo conhecimento. Estava certamente a tornar-me muito mais interessado em todas as formas de arte. Tive alguma expressão disso na Terra. Quero dizer, eu dava uns toques, bem, dava uns toques. Não o fazia assim tão mal, mas agora sinto que consigo realmente dedicar-me a isso. Quero dizer, eu consigo, sabes, conheci algumas pessoas extraordinárias, maravilhosas, maravilhosas, maravilhosas. Quero dizer, não há "estupidezes" no sentido de ser muito artístico, porque nunca me encontro numa posição de escuta enquanto alguém fala comigo. Mesmo que eu soubesse, como tu sabes, sobre este assunto, continuaria a achar muito intrigante às vezes e difícil talvez de compreender, mas pude conhecer todo o tipo de pessoas interessantes por aqui.

Sim. Pessoas que eu admirava, pessoas que, claro, eu nunca poderia admitir, mas pessoas que eu respeitava e admirava, e pessoas que me fascinavam por uma razão ou outra, e especialmente no mundo da arte. Sim. Bem, agora percebo também, o que não percebia antes, que quando eu estava a desenhar e a pintar, embora tivesse o meu próprio talento natural, eu estava, até certo ponto, a ser ajudado. Quem me dera ter sabido mais sobre isso na altura. Na verdade, percebo agora que se tivesse dedicado mais tempo e mais pensamento a isso, e provavelmente me tivesse empenhado a fundo, poderia ter sido um artista de bastante sucesso. Bem, já sinto que poderia ter alcançado muito mais. Poderia ter feito algo realmente valioso, mas enfim, isso faz tudo parte do passado. O que é importante é o presente e o futuro. E o que dizes ser maravilhoso é que existe um futuro.

Quero dizer, francamente, há tantas pessoas — e suponho que, até certo ponto, eu pudesse contar-me como um homem que, quando partiu, realmente não tinha fé, nem nenhum tipo de crença real em nada. Eu tinha algum conhecimento

ligeiro, tinha algumas noções de coisas psíquicas, não propriamente mecanizadas na mente. Queria experimentar e tentar coisas selvagens, e esse tipo de coisas, mas nunca o fiz tão a sério como era. Estava a pensar mais nas linhas materiais de "o que vai acontecer a seguir", esse tipo de coisa, e tudo isso, mas de certa forma, suponho que tivesse um pressentimento de que havia algo depois disto. Mas nunca tive a certeza, claro; quem é que pode ter? Mas provavelmente há um "nove" agora, para todo o mundo.

Sinto, na verdade sinto agora, que quero fazer algo, não apenas aqui, não apenas aqui do ponto de vista de fazer algo valioso, como coisas mentais e espirituais, de uma forma real, uma forma definitiva; mas sinto que gostaria de transmitir a minha experiência e o meu conhecimento e talvez saber, saber que um dia poderei encontrar alguém com quem possa trabalhar e ajudar, porque esse é o amor dos deuses, por assim dizer, mas essas são possibilidades.

Rose Creet: Claro que sim, Stephen, não é verdade? Consegues ouvir-me?

Stephen Ward: Sim, consigo ouvir-te. Olá. Consigo ouvir-te. Mas continua, vá lá. Quem está aí? Eu não queria saber. O que se passa? Oh. Não consegues sentir. Muito obrigado, a sério. Muito obrigado. Não poderei falar contigo novamente na próxima segunda-feira.

Rose Creet: Poderás?

Stephen Ward: Sim, prometo. Vou conseguir também. Vou conseguir. Bem, lamento. O Marshall diz que o meu tempo acabou, mas eu conheço o texto. Precisamos de ti. Precisamos de ti. De qualquer modo, adeus. Vêmo-nos na segunda-feira. Adeus.

* * *

300164

Comunicador: Dr. Stephen Ward, com a ajuda do Dr. Charles Marshall.

Stephen Ward: Olá. Olá, tudo bem?

Rose Creet: Oh, Stephen.

Stephen Ward: Como soubeste que era eu?

Rose Creet: Oh, conheci a voz. Sei que a ouvi.

Stephen Ward: Oh, eu não sabia se a minha voz era distintiva ou não, vês.

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: É-me muito difícil perceber exatamente como ela soa. De qualquer forma, sou eu. Consigo ouvir-te. Muito claramente.

Rose Creet: Muito claramente. É um prazer vir falar contigo outra vez.

Stephen Ward: Sim. É muito difícil. Mas eu disse, consegues ouvir-me bem?

Rose Creet: Consigo ouvir-te muito bem. Se não conseguir, eu aviso-te.

Stephen Ward: Muito obrigado. Então podes perguntar como estás. Consigo ver que estás a corar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Estava tudo muito bem.

Rose Creet: Sim, está. Estão a cuidar de mim muito, muito bem aqui, Stephen.

Stephen Ward: Bom. E tu podes cuidar de mim também.

Rose Creet: Valha-me Deus. Não creio que seja capaz disso. Olhar por mim mesma já me consome o tempo todo.

Stephen Ward: É verdade. É um bom ponto. Não precisas de mo perguntar. Sinto que ainda tenho tanto. Sei que tenho tanto do homem, tanta experiência. Por um momento, pensei que estava apenas a começar a assimilá-la e a apreciá-la realmente bem.

Rose Creet: Sim, e vais descobrindo coisas, percebes. Isso é bastante rápido.

Stephen Ward: É extremamente difícil para mim saber ainda muitas coisas. Estou a começar gradualmente a sentir, a acomodar-me e a habituar-me a tudo. Mas ainda não sinto a plenitude da Terra. Isso é de esperar por enquanto.

Rose Creet: Sim, claro. Não é tão bom.

Stephen Ward: Estou muito feliz por voltar porque, bem, por várias razões. E volto aqui porque quando sinto isto, sei onde possivelmente poderei falar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Quero dizer, ser capaz de falar por si só já é uma coisa espantosa. É algo que nem eu consigo compreender bem. É por isso que ainda me sinto no mundo e em como o mundo está. Quando não estou a falar, se me puderes pôr aqui para dizer que te lembras.

Rose Creet: Sim. Pergunto-me se há algo que eu possa fazer para te pôr em comunicação com alguém que esteja agora na Terra. Mas isso não seria bom para ti, pois não?

Stephen Ward: Acho que não. No momento, possivelmente não. Um pouco mais tarde, sim. Se alguém demonstrar algum interesse real, talvez te interesses pela maior parte da doçura.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas, com algumas exceções, duvido. Penso eu. Enfim, veremos. Estou bastante feliz como estou.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Eu vou ver várias pessoas, claro. Mas elas limitam-se a dizer "não", não tenho a certeza de qual é o objetivo. Acho que não há muito que eu possa fazer para as ajudar, na verdade. Realmente, não creio que haja nada que eu possa fazer. E, em todo o caso, acho que não apreciariam mesmo que eu tentasse.

Rose Creet: Não, suponho que nenhum dos teus amigos soubesse realmente sobre este assunto.

Stephen Ward: Não propriamente. Tivemos algumas conversas sobre isso muitas vezes. Estava muito, muito cheio de ideias. Quero dizer, não chegaste a entrar no assunto de todo. Em todo o caso, eu não era uma das pessoas que realmente se aprofundava nisso. Estava interessado até certo ponto. Sabes, tenho tantas pessoas que querem ouvir sobre algo assim.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Bem, surge na conversa. Mas ninguém entra numa sala profunda. Em todo o caso, a maioria das pessoas parece pensar que é algo passageiro. Acho que nunca há realmente uma imagem do assunto. Quem mais seria capaz de entender isto? Haveria mais paz e tolerância. Na verdade, eu não gostaria que as pessoas pensassem que eu era apenas um tipo superficial. Quero dizer, eu pensava de forma bastante profunda. Muito mais profundamente do que possivelmente as pessoas percebem.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas às vezes tinha quase medo de pensar demasiado profundamente. Como tantas pessoas, suponho eu. Uma pessoa sente que deve fazer algo, mas pensa: "bem, à medida que se envelhece, não há tempo para pensar em coisas dessas hoje". E vive-se o dia a dia e espera-se pelo amanhã, até isso.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E a minha vida foi sempre para o filme. Mas muita gente percebeu que muitos dos meus interesses foram para os meus esforços artísticos. E eu não era muito dado à arte.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas senti sempre a satisfação em mim próprio. Eu disse: "o que é que isso faz?". Senti sempre que poderia ter feito muito melhor.

Rose Creet: Oh, foi.

Stephen Ward: Depois, houve uma luta noutra direção ainda. E depois houve o meu outro trabalho. E eu estava bastante ocupado em mais do que uma vertente.

Rose Creet: Sim, eu conheço a tua vida.

Stephen Ward: E tantas coisas foram ditas sobre mim que, honestamente, são absolutamente falsas. Não pretendi ser um marco no filme em pouco tempo. Sou uma pessoa muito comum. Certamente. Nunca te pedi para te esqueceres de mim. Não me quer agora.

Rose Creet: Não.

Stephen Ward: Não sou exatamente uma musa. Não diria isso. Não. Não quero mostrar isso àquelas pessoas.

Rose Creet: Obrigada.

Stephen Ward: Não sinto que esteja nessas ações. Certamente não as ajudou. Não percebo que, quando lanças maus pensamentos, eles voltam a saltar para os teus amigos e amigos.

Rose Creet: Sim. Tenho a certeza de que sabes, e acho que é verdade.

Stephen Ward: É difícil, eu compreendo isso. Quando se está do vosso lado, sabes, desejam-se coisas boas. E muitas vezes as pessoas têm estado no pior. E eu digo: "não, o que é a natureza humana?". E não estou a dizer que, bem, a única coisa é que pudesse ser de outra forma. Acho que se pode levar isto até ao fim. Por isso, sente-te bem. Se eles gostam desse tipo de coisas, então terão de sofrer no seu devido tempo. E eu não estou a pensar mal sobre a saúde da riqueza e coisas do género. Acho que se deve tentar ser paciente e tolerante.

Rose Creet: É verdade.

Stephen Ward: Sei que não foi fácil, claro. E, por vezes, possivelmente fomos maus. Não sei. Acho que depende inteiramente da situação individual. De um modo geral, a maioria das pessoas, fundamentalmente, tem boas intenções. Mas suponho que é um grande problema, na verdade. Sinto-me tão diferente de várias formas. E no momento, no sentido da confusão, ainda sou um homem pleno. Mas mantive-me em cima a tempo. Sabes o que quero dizer? Estás prestes a terminar. Tens de pagar para defender o facto de estares com as pessoas que me acolheram. E puseram as coisas no sítio certo. Pelo menos, ser-me-ia extremamente útil com o tempo. E pagaram para me defender. Que eu não estaria aqui para rever. Quero dizer, não há nada por que lutar. E isso deu-me a ideia de poder comunicar isso. Eu meio que desvaneço quando eras a riqueza. Essa possibilidade que ouvi foi-me retirada. Mas, como digo, poder vir ter contigo ajuda.

Rose Creet: Eu sei.

Stephen Ward: Acho que as pessoas aí, acho que muita gente seria muito mais feliz se percebesse que as pessoas deste lado podem comunicar. E ajudaria

em ambos os lados. As pessoas que chegaram recentemente aqui. Muita gente, mas do outro lado, sabes. Acho que faz uma diferença tão vasta. O mundo inteiro, se quiseres fazer isto. E é bem verdade: se eu não percebesse que esta é a minha vida agora, ter-me-ia ajudado a viver aí.

Rose Creet: Claro que sim. E terias sido capaz de ajudar outros também.

Stephen Ward: Bem, de qualquer forma. Acho que sim.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E agora eu teria sido capaz de fazê-lo. É tudo muito excitante, maravilhoso poder falar. Acho que é a coisa mais fantástica. Estou a dizer que não estás a ter um inverno mau.

Rose Creet: Um inverno mau?

Stephen Ward: Sim.

Rose Creet: Oh, muito obrigada. Mudando de assunto, provavelmente.

Stephen Ward: Bem, estamos, estamos, estamos. É o que fazemos. Mudando para a Idade do Gelo agora.

Rose Creet: Mudando para a Idade do Gelo agora. Sim, vamos para o carro. Não estou preparada para ti.

Stephen Ward: Oh, está certo. Posso entrar, por favor?

Rose Creet: Não podes.

Stephen Ward: Sim, está certo. Tens sorte. Oh. Tu estás no gelo, gelo. Eu gosto é de calor. Deve ser feito de novo de há uns 50 anos. É o orgulho, sabes.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Deve estar calor. Eu sempre gostei destas casas georgianas velhas e grandes.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Sempre gostei do mundo vasto e de coisas mais terríveis lá.

Rose Creet: Oh, certo.

Stephen Ward: Quero dizer, ouvindo apenas a imponência. Digo eu. Mas conheço proporções e relevância, sem problemas.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Vejo algo que é ótimo para morrer nisso.

Rose Creet: Oh, estou a desfalecer.

Stephen Ward: É o ódio do caminho, sabes, algures. Quero dizer, os tempos mudaram tanto que, na verdade, de certa forma agora, claro que vou estar aqui. Mas como fiz isso comigo mesmo, sabes, eu estava confuso, por isso estou assim agora. Gosto de tantas coisas. Amo a beleza em todas as suas várias formas e feitios e maneiras. Realmente fui um adorador da beleza, suponho eu.

Rose Creet: Sim, foste. E uma coisa muito, muito boa também. Tudo o que fizeste, pelo qual te culparam, foi sobretudo feito porque também tinhas um olho artístico e habilidade artística. E as coisas que tu sempre pensas estão no quadro.

Stephen Ward: Senti tanta felicidade e prazer e alegria. E, bem, todas as coisas que eram belas.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Música artística de mulheres, ou pintura, ou até mulheres, quero dizer, não todas.

Rose Creet: Por que não?

Stephen Ward: Quero dizer, as pessoas têm ideias tão estranhas, certo? Bem, não vamos entrar por aí demasiado longe. Por isso ainda está lá.

Rose Creet: Eu sei. Está muito, muito perto.

Stephen Ward: Está. Não me era conhecido. É o facto de que certas coisas as sugeririam, as quais ainda cairiam. Quero dizer. Não, sim. Mas de qualquer forma, pergunto-me se isso é justo. É a tua vida.

Rose Creet: Não, não, não. Não sou uma deusa.

Stephen Ward: Está bem. Se geres uma casa, não o faças. Mas acho que estive aqui. Tenho sido muito afortunado. Foi a companhia que tive e as pessoas que conheci, e as pessoas artísticas, claro, que naturalmente me atraem. E têm sido simpáticas para mim. Têm sido simpáticas para mim. Têm sido gentis e prestáveis. E sei onde estiveram em vários aspetos. Suponho que lhes chames concertos, sem concertos. Há género, musical e por aí fora. E ouvi o teu grande amigo tocar. E quantos? Eles têm sido simpáticos para mim.

Rose Creet: Oh, totalmente.

Stephen Ward: E a música dele aqui é de tirar o fôlego. Quero dizer, é tão soberba. Não digo que seja culpada. Não digo isso. Bem que poderia. Mas sabes, realmente, é algo que ultrapassa a descrição, e é inútil tentar explicá-lo ou sequer descrevê-lo numa forma anterior. Tudo o que se pode dizer é isto: e se alguém que viesse para aqui fosse, como muitas vezes são, então eles vêm do nada. Estão infelizes e tristes. E sentem-se pessimamente com todas as pessoas que amam e que deixaram para trás.

E a incerteza das coisas, e a estranheza das coisas. Na verdade, sei que as pessoas têm sido levadas a concertos e recitais e por aí fora. E a música em si, de certa forma, acalma a pessoa. Meio que nos eleva e dá-nos um sentimento de paz absoluta. E tranquilidade. E afasta todos os nossos próprios medos e dúvidas. E há uma espécie de tranquilização e um tipo de sentimento de emoção de que tudo está bem com todos vocês.

Quero dizer, como indivíduo, estava. A pessoa sente-se calma e revigorada. E teve uma experiência maravilhosa, como de facto teve. Mas é algo tão profundo que vou dizer-lhe que mal começo a ajudar-me a apanhar a música. E acredito que ele faz imenso. Músicos anónimos fazem-no. Nessa forma de ir a isso e tocar e dar música, que é tão prestável e calma e porque, num sentido, é uma forma de cura, porque as pessoas quando chegam aqui pela primeira vez, muitas vezes precisam mesmo de cura, não é que tenham de ser ajudadas na sua atitude mental e perceção mental das coisas.

Elas têm de ser, por assim dizer, afastadas do materialismo macabro das coisas da vida e elevadas para uma esfera mental e espiritual superior. E nisso, e na música, o sentido da mente dele, ele realmente faz isso. Meio que, meio que retira de nós tanto, que ficamos ansiosos por discutir connosco mesmos. Ajuda-nos a, conforme usamos a palavra, limparmo-nos. Não esperava esta palavrinha, mas em todo o caso, tudo o que posso dizer é que foi a experiência mais calmante e maravilhosa.

Mas pareceu fazer-me sentir tão diferente neste aspeto, que quase senti num sentido que passaria por mim. Não, foi quase como se toda a beleza e todo o amor nela e toda a cor e toda a glória de tudo... era realmente, realmente era

permanente e valia a pena no homem. Estava lá, e todos os seus plenos poderes e todas as letras e as palavras de si mesmo e as palavras das coisas parecem diminuir.

E o que posso dizer é um resultado. Foi uma experiência tão extraordinária. O resultado foi que me senti vitalizado, mas muitos dos cuidados e da crueza que sentia e da depressão, tudo desapareceu da noite para o dia, se posso pôr as coisas assim. Foi uma experiência tão extraordinária. E nesta sala vasta, que era realmente tão vasta que, num sentido, não se conseguia descrever as suas dimensões.

Era tremenda. E a parede parecia ser feita de — se pudesse ser madrepérola — porque era como se estivesse a emitir iluminação e cor, mas com a mesma delicadeza, o sentido de Houston [tonalidade] e tão, tão bela. Não havia nada de duro na coloração. Era tudo suave e pastel e era uma luz que parecia vir do centro. E era uma grande cúpula, que tinha traçados intrincados no uivo do céu. Mas era como se a cúpula fosse feita de renda.

A renda mais delicada e intrincada que havia, mas não era renda. Era algum tipo de ligando-as [ligas básicas/metálicas], ou algo do género, mas num design de renda intrincado. E através disto, era simplesmente uma luz menos bela, os ouros de luz, que pareciam passar e brilhar em cada detalhe teu. E massas e massas e massas de pessoas, de todas as nacionalidades, não há tipos ou matizes de vida humana, poder-se-ia dizer.

E nesta espécie de estrado de véu no centro, porque toda a gente tinha bons pensamentos, estava este instrumento nesta ocasião, que era um piano magnífico, que na verdade era algo que eu nunca tinha visto antes, porque nunca tinha visto um piano que dissesse, bem, eu nunca tinha visto um piano, mas na verdade é verdade, mas parecia ter vários teclados que me deixaram intrigado. Parecia restrito no mesmo sentido. Parecia ser um banco de teclados. E era como se não fosse branco, mas sim de uma cor perolada, como se pudesse ter sido feito de metal de cor. Não, há algo sobre isso.

Stephen Ward: Eu não disse... bem, e depois digo claramente que, quando a música começou, não só todo o lugar parecia inundado por uma luz e sombra

mutáveis, mas o próprio piano parecia... imagina isto... como se a sala que mudava devesse ser música; e ao ser tocado, parecia emitir um tipo diferente de reflexos ou luz. E, por vezes, parecia estar absolutamente, bem, quase um pouco iluminado. Soube então o que pensar deste homem. Isto estava além de qualquer descrição.

E, claro, ele tocou música que eu nunca tinha ouvido antes. Quero dizer, eu estava bastante familiarizado com a música de Chopin, mas de algumas partes lembro-me muito bem, e gosto muito dos pontos altos e do efeito na qualidade da música. Era interessante na altura, mas esta música era algo que eu nunca ouvira antes. E era simplesmente monumental. Valia tanto a pena. Quero dizer, se realmente quisesses algo — eu não ia dizer o quê, claro que é — eu não sei onde, quero dizer, está além da descrição.

E ele parecia tão extraordinário. Quero dizer, vou dizer-te uma coisa. Bem, ele parecia... sei que soa terrível eu dizer isto, bem, digo terrível para mim. Eu não... e como explicar isto, não sei, dizer que sou sacrílego, mas ele parecia realmente um deus. Quero dizer, ele parecia tão extraordinário, elegante, e tão jovial; e o seu rosto era tão calmo, e tinha uma serenidade em si. E os olhos eram tão cativantes, e eram como que... cheios de vitalidade e vida e brilho. E o cabelo, que era comprido — o qual acredito que ele teria tido quando estava na Terra, porque o seu cabelo era muito belo, ondulado e comprido, e de uma cor castanha muito suave.

E ele parecia... a sua testa era alta, e o nariz tinha uma certa altivez, mas havia também uma grande dignidade; e essa nem sequer é a palavra certa. Não sei bem. Meio que repele a dignidade. E o rosto, que era tão nobre na sua expressão, e preenchido com uma... solidão, que é uma palavra antiga para um homem jovem. Quero dizer, costumava-se amar nesta sala ali adiante, mas havia uma solidão no rosto que, claro, era obviamente masculino, mas havia algo ali que estava a ser tocado de alguma forma.

Eu disse que era a música dele. Eu disse que era a música dele. Eu disse que era a ideia da música. O jogo naquela obra maravilhosa, maravilhosa, que era tão absolutamente bela. Quero dizer, era um pouco como isto: de certa forma, eu

poderia dizer que a magnificência da música, e a magnificência do edifício, e toda a composição da estrutura, e o esplendor de tudo... bem, ele refletia-o, ou era refletido a partir dele, não sei de que forma dizer, mas tudo o que posso dizer é que ele era absolutamente... bem, absolutamente adequado para aquilo.

Quero dizer, ele era a mesma coisa. E ele tinha a gentileza e a doçura, e havia um sentimento com ele de que, bem, é como se ele pudesse ter sido um irmão, ou um pai; e, num sentido, havia todo o carinho de uma relação humana a fluir dele, mesmo que não se falasse com ele. Quero dizer, sentia-se; havia um carinho de toda a bondade da natureza humana, fosse masculina ou feminina, ou também uma qualidade de criança; era uma coisa extrema, porque eu não sabia como fazê-lo. Quero dizer, bem, há um... sentia-se que se tocava a sua alma. Eu disse: é isso.

E a alma que, devido à sua vasta experiência de vida, e ao seu desabrochar, e ao desenvolvimento, e à beleza da sua música — a música da alma. Acho que a questão toda era que ele expressava a coisa, e tudo o que vinha dele estava ali, e qualquer um podia senti-lo, podia ser tocado por aquilo. E toda a massa de pessoas ali... quero dizer, era fantástico. É como se pudesses ter estado numa espécie de gala tremenda, na qual todos estavam representados, de todas as nações; e, de facto, de certa forma, era um tipo de gala, porque nem todas as pessoas ali, de modo algum, eram recém-chegadas.

Quero dizer, como eu... eu, num sentido, sentia-me como um anão entre gigantes, mas o ponto é que foi tão fantástico para mim pelo facto de que eu... tal como muitos daqueles jovens rapazes, eles deveriam estar a dar-me aquilo para o presente, porque senti que isto era verdadeiramente algo para... para aqueles que realmente tinham, obviamente, alcançado grandes alturas, o que senti que eu certamente não tinha, e sabia que não tinha. Mas percebo agora que foi feito não só para meu benefício, mas para o benefício de outros também; mas era algo que era necessário para me ajudar, para fazer o desafio, e para ver com uma visão clara a vida que se estendia diante de mim.

Porque a própria música falava de inúmeras experiências que, embora não as consiga explicar em palavras, eu senti algumas delas enquanto a música era

tocada, porque eram as experiências de incontáveis almas humanas, em todas as fases da evolução; e também a própria música sugeria, pela sua própria estrutura, este conto e a sua cor. Representava todo o tipo de nacionalidades, porque não estava confinada, de forma alguma — por exemplo, ao que se poderia chamar a vossa música pura — porque a qualquer momento havia definitivamente indicações de possivelmente todo o tipo de povos, e até tempos que não sei dizer. Pois tudo o que sei é que, quando estava ali sentado, estava consciente de todo o tipo de imagens que pareciam flutuar por todo o meu ser, de todo o tipo de lugares e tempos e pessoas.

Soube que numa ocasião foi como se, de alguma forma extraordinária — não sei como isto pôde acontecer — mas de alguma forma extraordinária, eu fosse transportado para o antigo Egipto. E a música em si era tão estranha, e no entanto, bela, e no entanto, ultimamente, muito, muito, muito familiar, num sentido. E desde este momento de experiência, disseram-me que, há séculos e séculos, eu tive alguma ligação com o antigo Egipto, e isto pode ter sido algum reflexo disso. E as noites ligadas a isso de alguma forma estranha, não sei, mas tudo parece estar, gradualmente, a tornar-se um pouco mais vivo, a tornar-se um pouco mais real e compreensível. Mas, na altura, parece... por vezes, há uma estranha familiaridade.

De alguma forma, ele estava a estender a mão, não necessariamente apenas para mim, mas para outros, e a dizer-lhes algo sobre si mesmos; era algo extraordinário, nem sei como te explicar isto.

Rose Creet: Oh, explicaste lindamente, sabes? Deixaste-me tão feliz.

Stephen Ward: E sabes, conheces o Albert Hall, que suponho que de certa forma poderia ser chamado de monumental; e no entanto, eu não achava que fosse uma coisa assim tão grande, mas se imaginares um Albert Hall, mas tão belo, mas com fileiras sobre fileiras, sobre fileiras de assentos. E era como se cada fileira de assentos representasse, ou cada grupo de fileiras de assentos representasse uma nacionalidade.

Não quero dizer com isto que as pessoas estivessem separadas por causa dessa nacionalidade, nada disso; mas acho que é bastante óbvio que, em muitos

casos, algumas destas pessoas tinham chegado recentemente, e eram de nações diferentes e, portanto, para aquele momento particular ou momento de experiência, suponho que fosse necessário, porque se sentiriam mais felizes e confortáveis com pessoas... e possivelmente ainda mentalmente, se não verbalmente, comunicavam umas com as outras na sua própria língua.

Enfim, tudo o que sei é que, para mim, foi das experiências mais inspiradoras que já tive, e certamente acho que foi a que mais me ajudou. E depois tive, desde então, outras, e claro que tiveram um efeito semelhante em mim, o positivo; mas como essa foi a minha primeira experiência, é uma das coisas que ainda está na minha mente. Mas a maioria diz-me que há todo o tipo de experiências em relação não apenas à música, mas em relação a muitas outras coisas que eu ainda tenho de... por assim dizer... Quero dizer, por exemplo, a pintura, que, claro, me atrai imenso. Conheci alguns artistas e espero ser capaz de fazer algo nessa direção mais tarde, de forma mais séria. E uma das minhas grandes ambições é conhecer Miguel Ângelo, e presumo que isso acontecerá.

Rose Creet: Ah, sim. Acabaram de me dar um livro de presente sobre a vida de Miguel Ângelo, e tu serás muito feliz nessa atmosfera.

Stephen Ward: Com certeza. Com certeza serei. E olha, o que é interessante, claro, é ver as pessoas aqui, nos seus vários trajes. É extraordinário, havia tantos trajes, e seriam rudemente belos. Conhecer pessoas é verdade. Usam uma túnica, suponho que nesta, dizem que é uma túnica antiga, um tipo de traje de prata, que parece ser, obviamente, o mais popular; mas tenho visto pessoas que podem não ter trajes, e tenho visto algumas em trajes de tempos antigos. E parece-me que estas pessoas estão numa espécie de... não sei se se pode chamar... bem, mas certamente numa condição de espírito como se estivessem a viver o tempo todo no passado.

Sei que tenho sido levado a estes vários lugares, e tem-me sido mostrado, como que num sentido de exemplo para mim, mas só o achei de uma forma passageira, porque sinto que algumas destas pessoas estão como se estivessem paradas no tempo; mas a natureza desse pensamento, percebes.

Rose Creet: Eu sei.

Stephen Ward: E percebo, claro, que embora haja muito no passado que é essencial para o progresso de alguém, e uma parte do inconsciente mostra que certos aspetos da vida de alguém, ou talvez as linhas de outros que importam... acho que é por isso que a história desempenha um papel muito importante, podemos aprender com a história, podemos estimular o conhecimento a partir dela e a experiência, e por aí fora. Mas acho que ficar parado no tempo certamente é algo mau, porque algumas destas pessoas, obviamente, pelo que consegui perceber, pararam mentalmente e nunca mais fizeram qualquer tentativa de mudar a sua perspetiva, e o desejo de mudança de premissa, o que é mau.

Felizmente, isso nunca me aconteceu. Não posso dizer isso, porque acho que sempre tive uma mente muito inquisitiva, e sempre estive muito alerta para a possibilidade das coisas; e mesmo no outro lado, estava sempre ansioso com as minhas experiências, e queria fazer mais, e não apenas no sentido... tive de assumir muitas coisas, e tive, até certo ponto, de ser firme perante um certo sentido que foi para a minha casa.

Mas enfim, o que realmente importa é que a pessoa deve estar sempre a ser estimulada por novas experiências, e pela oportunidade de experiência e mudança. E é muito triste quando vejo alguns destes estilos [pessoas] que obviamente vivem nas suas pequenas comunidades, vivendo numa espécie de mundo de sonho, se quiseres, e eles não pareciam ser capazes de fazer muito progresso, ou simplesmente não queriam.

Enfim, gostaria de fazer algo mais tarde. Se puder, sob a forma de ajuda, porque me disseram que há vastas extensões de almas que entram nessas áreas, que atuam na capacidade de, bem, resgate ou professores. Sim, mais tarde, não agora, claro; tenho demasiado para processar, mas ainda assim... mas ainda assim, pensei muito sobre fazer coisas eu próprio, sim, porque percebi, num sentido, que estou a viver agora. Mas enfim, eu não conto. Mas tu tens uma... muito clara, muito clara... eu não estou...

Stephen Ward: Enfim, estou muito contente, porque gostaria de vir falar contigo com frequência. E agora que estou a falar contigo, as minhas feições... sinto que... bem, eu apenas quero. E eu sei, claro, do teu grande interesse por

Chopin. Eu estive nesse concerto em particular; quero dizer, interessar-te-ia, mas acho que ele simplesmente não te conta nada sobre isso.

Rose Creet: E ele nunca me conta nada desse género.

Stephen Ward: Oh, não estou surpreendido. Não estás surpreendida. Tu és, muito francamente... embora eu acredite que ele seja, ele é um bocado brincalhão por uns tempos, não numa entrevista, mas acredito que ele é uma pessoa muito simples. Quero dizer, acho que ele é tão velho quanto se gabaria do que consegue fazer, mas eu não conseguiria fazê-lo. Acho que ele é o tipo de pessoa que provavelmente não te diria. Ele preferiria muito mais que, se alguém te fosse contar, fosse outra pessoa a fazê-lo. Espero que consigas, espero conseguir manter-me em muito bons termos com ele.

Rose Creet: Desejo-te isso.

Stephen Ward: Sinto que gostaria de saber mais, porque ele realmente é, e obviamente, uma pessoa maravilhosa, um tipo maravilhoso. E obviamente um homem de grande, grande intelecto, saber e experiência. E com certeza ele não me ensinou muito, e eu não gostaria de aprender mais sobre música; certamente não gostaria de ir a mais concertos dele. E, bem, eu desejava — eu sou terrível, não sabia disto — mas o Marshall, que parece saber tanto, tem sido certamente uma grande ajuda para mim.

Ele diz que, se vieres aqui com frequência e se fores ao concerto dele, então ele quer dizer... eu não sou... sou uma união viva, porque, evidentemente, tu vais, e muita outra gente vai, e viajam para lá, por isso ele não dormirá em mim, e por aí fora.

É muito eficaz, faz-me lembrar algo, mas lembra-me porque aqui está um tipo... eu costumava ter uns sonhos bastante fantásticos, os quais, olhando para trás, agora percebo que, até certo ponto, poderiam muito bem ter sido uma espécie de viagem para fora da Terra, temporariamente, no sentido espiritual ou astral — não sei como lhe chamar por aqui, sabes?

Rose Creet: Sim. Oh, a mãe dele falou contigo. Eu nunca consigo falar contigo, nunca consigo.

Stephen Ward: Oh, sim. Eu não me sento a ter estes sons e coisas, e eu sou uma segunda-feira, segunda-feira com o Marshall. Phil, do polaco, e depois... depois eu deverei vir outra vez na segunda-feira.

Rose Creet: Oh, eu gostava que visses, podias contar-me tanta coisa.

Stephen Ward: Enfim, estou muito contente por ter falado contigo esta noite, tenho muitas coisas para tratar contigo. Quando eu tiver subido ao meu melhor, bem, não vou fazer comentários. Tenho estado bastante entusiasmado. Não fiz demasiadas promessas, mas acho que, de qualquer modo, consigo. É maravilhoso. Bem, vamos ficar entusiasmados; o Martin fica preocupado quando ele fica entusiasmado. Ele preocupa-se quando fica entusiasmado. Muito bem. Muito bem. E então, estou a chamar-te aqui. Confirma comigo. Estou a chamar-te aqui.

Rose Creet: Sabes, ele está a melhorar, não está? Está a portar-se muito, muito bem. Meu Deus.

Stephen Ward: E eu acho que, possivelmente porque ele é, num sentido, demasiado metade, talvez seja mais fácil para ele transmitir certas coisas para ti que alguns dos outros não conseguem passar. Sim, eu estou a vir, meu Deus. Trazer-te-ei na segunda-feira.

Rose Creet: Trarás. Sim.

Stephen Ward: Oh, sinto-me muito melhor. Sinto-me muito melhor. Tu tornar-te-ás sobre tudo isto, porque me acolhe se fores recitada.

Rose Creet: Não, não irei.

Stephen Ward: Sentirás pela tua saúde. Tenta apenas tornar-te desapaixonada sobre o assunto. Enfim, boa noite a todos. Adeus.

* * *

310164

Comunicador: Dr. Stephen Ward, com a ajuda do Dr. Charles Marshall. Som gravado a 31 de janeiro de 1964.

Hein? Olá, Ryan. Oh, Stephen. Como soubeste que era eu? "Oh, conheço a voz. Conheço-a entre cem...". Oh, eu não sabia se a minha voz era distintiva ou não, vês. "Oh, sim". É muito difícil para mim aperceber-me disso. Consegues ouvir-me? "Consigo ouvir-te lindamente, com muita clareza". Fico muito satisfeito por poder vir e falar contigo novamente. Sim. É muito difícil, mas suponho que me habituarei. Consegues ouvir-me bem? "Consigo ouvir-te muito bem. Se não conseguir, aviso-te".

Oh, muito obrigado. Não preciso de perguntar como estás. Vejo que estás a florescer. Sim. Estás a sair-te muito bem. Sim, estou. Eles estão a cuidar de mim muito, muito bem aqui, Stephen. "Bom. E tu também podias cuidar de mim". Valha-me Deus. Não creio que seja capaz de cuidar de ninguém no momento; consome-me o tempo todo cuidar de mim próprio. "Tens razão. É um bom ponto. Continua assim". Sinto que ainda tenho tanto... na verdade, sei que tenho tanto para aprender, tanto para experienciar. No momento, estou apenas a começar a assimilar e a apreciar tudo isto realmente bem. "Sim, e fizeste-o bastante depressa, quase".

É extremamente difícil para mim saber, claro, ainda muitas coisas. Estou a começar gradualmente a acomodar-me e a acostumar-me a tudo. Mas, às vezes, ainda sinto a atração da terra, mas suponho que seja de esperar durante algum tempo. "Sim, porque não foi assim há tanto tempo". Nota que estou muito feliz por voltar porque, bem, por várias razões. Estou feliz por voltar aqui, de qualquer forma, porque pelo menos sei onde posso possivelmente esperar ser capaz de falar. Sim. Refiro-me a que ser capaz de falar é, em si, uma coisa tão espantosa. É algo que ainda agora não consigo compreender bem.

É por isso que ainda me sinto um pouco atordoado e intrigado sobre como, quando estou a falar, se consegues fazer disso um relato que conheças. Pergunto-me se posso fazer algo de alguma forma para que entres em comunicação com alguém que conheças na terra. "Mas isso não seria bom para ti, pois não, Steve?". Acho que não, não de momento. Possivelmente um pouco mais tarde, sim, se alguém mostrar algum interesse real, interesse genuíno e quiser falar comigo. Sim. Mas com algumas raras exceções, duvido.

Enfim. De qualquer forma, veremos. Estou muito, muito feliz como estou. Sim. Eu visito várias pessoas, claro, mas elas... bem, elas simplesmente não sabem que estou lá, por isso, qual é o objetivo? Francamente, não há muito que eu possa fazer para as ajudar. Aliás, realmente, não creio que haja nada que eu possa fazer. E, em qualquer caso, não suponho que eles apreciariam, mesmo que eu tentasse. "Não, não suponho que nenhum dos teus amigos soubesse realmente sobre este assunto hoje".

Não realmente, não. Tivemos pequenas conversas sobre isso muitas vezes. Foi muito, muito ao estilo dos anos 80. Quero dizer, não chegámos a aprofundar o assunto de todo. Em todo o caso, eu não era o tipo de pessoa que realmente mergulhava nisso. Estava interessado até certo ponto, mas, sabes, como tanta gente, ouve-se falar de uma coisa destas e ocasionalmente o tema surge numa conversa, mas ninguém entra nisso profundamente. Em qualquer caso, a maioria das pessoas parece achar que é algo lúgubre, sabes.

"Eu sei, não é ridículo? Gostava que o mundo inteiro fosse capaz de compreender isto. Haveria mais paz e tolerância". Na verdade, eu não gostaria que as pessoas pensassem que eu era apenas um tipo superficial, sabes. Quero dizer, eu pensava de forma bastante profunda, muito mais do que possivelmente as pessoas percebiam. Mas às vezes tinha quase medo de pensar de forma demasiado profunda.

Como tanta gente, suponho, sentimos que devíamos e que tínhamos a obrigação, mas pensamos: bem, quando for mais velho, essa será a altura de pensar em coisas dessas, sabes. E vivemos o dia-a-dia e esperamos pelo amanhã. E a minha vida foi sempre, em mais do que um sentido, bastante cheia. Mas muita gente parece não perceber que grande parte do meu interesse foi para os meus esforços artísticos.

Sabes, eu era muito, muito dedicado à arte. Mas sentia-me sempre insatisfeito comigo próprio. Suponho que todos os artistas se sintam. Sentia sempre que poderia ter feito muito melhor. E, por outro lado, havia uma luta noutras direções também. E depois havia o meu outro trabalho, vês. E eu estava bastante ocupado em mais do que um sentido, sabes. "Sim, eu sei que estavas". E

tantas coisas foram ditas sobre mim que, honestamente, são absolutamente falsas. Refiro-me a que não professo ser um moralista. Sou... sou apenas uma pessoa muito comum.

"Bem, não importa, Stephen. Esquece tudo isso". Bem, isso já não me afeta agora. Na verdade, estou mais... não exatamente divertido, não diria isso. Mas sinto antes pena dessas pessoas, francamente. Sinto que foram uns asnos. E certamente não os ajudou. As pessoas não percebem que quando lanças maus pensamentos, eles voltam para ti mil vezes multiplicados. Sim. Tenho a certeza de que sabes. E penso que, claro, é muito difícil. Compreendo isso, quando se está do teu lado. Sabes, tentar sempre pensar coisas agradáveis. E muitas vezes as pessoas trazem à tona o que há de pior.

E suponho que o pior seja muito humano e natural. E não estou a dizer que se consiga ser necessariamente sempre de outra forma. Mas acho que se conseguirmos lançar o melhor de nós, sabes, e sentir: bem, se eles gostam desse tipo de coisa, então terão de sofrer no seu devido tempo. E o facto de eu pensar mal deles não ajudará, algo desse género. E, sabes, acho que devemos tentar ser pacientes e tolerantes. "Tens toda a razão". Mas nem sempre é fácil, claro. E, por vezes, possivelmente, pode até ser mau. Não sei.

Acho que depende inteiramente da situação individual. Mas, falando de um modo geral, a maioria das pessoas é fundamentalmente bem-intencionada. Mas suponho que seja um grande problema, realmente. Mas sinto-me tão diferente de tantas formas, que estou, num sentido, um pouco baralhado de momento. Mas superei isso inteiramente. "Vais superar. Vais superar". Refiro-me a que és quase a única pessoa... se não fosse por uma ou duas pessoas que me ampararam, se o puder dizer assim, ou pelo menos foram extremamente prestáveis e bondosas para comigo, perante a assistência, então eu não estaria aqui a falar contigo.

Quero dizer, eles abriram a porta para mim. Deram-me a ideia de ser capaz de comunicar. Eu sabia vagamente que existia essa possibilidade. Tinha ouvido dizer e tudo isso. Mas, como digo, ser capaz de vir falar contigo ajuda. Eu sei. Acho que as pessoas não... acho que muita gente seria muito mais feliz se conseguisse perceber que as pessoas deste lado conseguem comunicar e que isso

ajudaria ambos os lados. Pessoas que vieram recentemente para aqui, as pessoas que estão na Terra de momento, e que estão tristes, sabes.

Acho que faria uma diferença tão vasta em todo o mundo se alguém compreendesse isto. Tenho a certeza de que, se não percebesse isto como o sei agora, ter-me-ia ajudado imenso. "Sim, claro que teria. E terias sido capaz de ajudar outros também". Bem, creio que sim, sim. Tenho a certeza de que teria sido capaz. Mas é tudo muito empolgante e maravilhoso ser capaz de falar. Acho que é a coisa mais maravilhosa. Fico tão contente por não estarem a ter um inverno mau. "Um o quê mau?". Inverno. Oh, ainda bem. "Estamos a mudar de assunto, não estamos?". Bem, estamos, estamos. O último inverno foi desagradável. Estamos na idade do gelo agora, por assim dizer. "Sim, vai ser duro". Deve ter sido bastante mau para ti. "Oh, a mim não me importa porque não me sinto tão mal. Não foi, certamente".

Tens sorte. É uma casa muitíssimo agradável. Gosto desta casa. Deve ser magnífica. Com 50 anos de novo, é um orgulho, sabes. "Oh, sim". Casa adorável. Sempre gostei destas casas antigas de estilo georgiano. "Sim". Sempre gostei destas salas vastas e tudo esse tipo de coisa. Oh, gosto. Não digo isto apenas pela grandeza. Oh, não. Mas refiro-me às proporções e à elegância e tudo esse tipo de coisa. "Sim". Parece ser algo que está gradualmente a desaparecer. "Oh, receio que sim". Sabes, nalguns aspetos, acho que os tempos mudaram tanto que, na verdade, embora esteja radiante por estar aqui, suponho que me adaptei bastante bem.

Sabes, eu era uma pessoa baralhada. Percebo isso agora. Gostava de tantas coisas. Refiro-me a que amo a beleza em todas as suas várias formas e feitios. Fui realmente um adorador da beleza, suponho. "Sim, foste. E foi algo muito, muito bom também. Tudo o que fizeste e pelo qual as pessoas te culparam foi feito maioritariamente porque tinhas aquele olhar artístico e a habilidade artística, e isso agradava-te". Bem, eu... "Dava-te prazer". Encontrei tanta felicidade, prazer e alegria em todas as coisas que eram belas... "Sim". ...e artísticas, fosse música, pintura ou até mulheres. Quero dizer, afinal de contas, por que não?

Acho que as pessoas têm ideias tão estranhas, enfim, poderíamos entrar por aí e falar durante horas, mas é tudo tão estúpido. "Eu sei. É muito, muito insensato. Muito insensato". O que me irrita é o facto de terem sido sugeridas certas coisas que estavam tão erradas. Refiro-me a... "Oh, sim". Mas, enfim, não vou entrar por aí. É apenas... "É a tua vida". Não, não. Eu não sou um artista. Está bem. Está bem. Se preferires não falar disso, não fales.

Mas acho que tenho estado aqui, tenho tido muita sorte com a companhia que tenho tido e com as pessoas que conheci, e as pessoas artísticas, claro, que naturalmente me atraem, e têm sido muito compreensivas, bondosas e prestáveis. Já fui a vários — suponho que lhes chamariam concertos — com os nossos concertos, de vários tipos, musicais e por aí fora. E ouvi o teu grande amigo tocar. "Ouviu? E quão magnífico!". Oh, em geral. Oh. E a música dele é de tirar o fôlego. Refiro-me a que é soberba. Não suponho que ele te diga. Bem que podia. Mas sabes, realmente, é algo que desafia qualquer descrição e é inútil tentar explicá-lo ou até descrevê-lo de qualquer forma ou feitio.

Tudo o que se pode dizer é isto: se alguém que chega aqui estivesse — como frequentemente acontece quando vêm do teu mundo — talvez muito infeliz e triste e talvez sentindo-se muito mal por causa das pessoas que ama e que deixou para trás, e pela incerteza das coisas e pela estranheza de tudo... na verdade, sei que as pessoas têm sido levadas a concertos e recitais e por aí fora.

E a música em si... ela acalma-nos e eleva-nos, dando-nos um sentimento de paz e tranquilidade absoluta, e retira todos os medos e dúvidas, dando-nos uma espécie de segurança e um sentimento de emoção de que tudo está bem connosco, refiro-me a nós como indivíduos, por assim dizer. Mas sentimo-nos calmos e revigorados e como se tivéssemos tido a experiência mais maravilhosa — o que, claro, tivemos — mas é algo tão profundo que nem sequer podemos esperar descrevê-lo.

E acredito que ele faz imenso, tal como outros músicos, nesse sentido de irem àqueles locais e tocarem e darem música que é tão prestável e calmante, porque num sentido é uma forma de cura, pois as pessoas, quando chegam aqui, muito frequentemente precisam de cura na medida em que têm de ser ajudadas na

sua atitude mental e na perceção mental das coisas. Elas têm de ser, por assim dizer, afastadas das coisas mais grosseiras e materiais da vida e elevadas para uma esfera mental e espiritual superior.

E a música é tão sublime que faz realmente isso. Ela afasta de nós tanto daquilo que estamos ansiosos por dispersar. Ajuda-nos a — ia usar a palavra — purificar-nos. Não usei a palavra de forma eficaz, mas, de qualquer forma, tudo o que posso dizer é que foi a experiência mais calmante e maravilhosa, e pareceu fazer-me sentir tão diferente, ao ponto de me sentir quase, num sentido, uma nova pessoa.

Não, era quase como se toda a beleza e todo o encantamento e toda a cor e toda a glória de tudo o que realmente era permanente e valioso no homem estivessem ali em todo o seu poder, e o "eu" menor e o pior de nós, e o pior do nosso ser, parecessem diminuir. Tudo o que posso dizer é que foi uma experiência extraordinária e que depois me senti como uma espécie de pessoa revitalizada; e muitos dos cuidados e do peso que eu sentira, e da depressão, foi como se tudo tivesse desaparecido da noite para o dia, se o puder dizer assim.

Foi uma experiência extraordinária e, neste salão vasto — que era realmente tão vasto que não se conseguiria descrever as suas dimensões — era tremendo; e as paredes pareciam ser feitas de algo que poderia ser madrepérola, porque era como se estivessem a emanar iluminação e cor, mas tão delicada e tão difusa e tão bela que não havia nada de agressivo na coloração; era tudo suave e pastel, e havia uma luz nova que parecia vir do centro, como se houvesse uma grande cúpula com rendilhados intrincados através dela.

Não sei como descrever isto, mas era como se a cúpula fosse feita de renda, a renda mais delicada e intrincada; bem, suponho que não fosse renda, era algum tipo de alabastro ou algo do género, mas com um desenho de renda intrincado e através dele filtrava-se uma luz belíssima, uma espécie de luz dourada que parecia atravessar e brilhar no auditório.

Havia massas e massas de pessoas de todas as nacionalidades e tipos, todas as tonalidades da vida humana, poder-se-ia dizer; e sobre uma espécie de estrado elevado no centro — porque todos estavam agrupados em redor — estava apenas

este único instrumento nesta ocasião, que era um piano deslumbrante. Na verdade, era algo que eu nunca vira antes, pois nunca vira um piano com aquele aspeto; bem, reconheci-o como um piano pela sua forma, é verdade, mas parecia ter vários teclados, o que me intrigou.

Não parecia restrito no mesmo sentido, parecia ter fileiras de teclados e era como se não fosse branco, mas de uma cor perolada, como se pudesse ter sido feito de madrepérola ou algo desse género — não disse que era.

Depois, apenas posso dizer que, quando a música começou, não só todo o lugar pareceu inundado por luz e sombra mutáveis, como o próprio piano parecia emanar algo próprio conforme o estado de espírito da música que nele era tocada; parecia emitir diferentes tipos de reflexos de luz e, às vezes, parecia estar absolutamente... bem, quase iluminado. Realmente não sei como descrevê-lo, porque está além de qualquer descrição. E, claro, ele tocou música que eu nunca ouvira antes.

Quero dizer, eu estava bastante familiarizado com a música de Chopin, de algumas peças lembrava-me muito bem e, aliás, eu gostava muito de ballet e, claro, toda a música dele é usada no ballet; mas esta música era algo que eu nunca ouvira antes e era tão tremenda, tão emocionante... quero dizer, era realmente algo — não ia dizer que é, embora claro que o seja — fora do vosso mundo. Está além de qualquer descrição. E ele tinha um aspeto tão extraordinário. "Oh, conta-me".

Bem, quero dizer que ele parecia... sei que soa a algo pavoroso de se dizer, mas não quero dizer pavoroso, não sei como colocar isto porque não quero parecer sacrílego, mas ele parecia realmente um deus. Refiro-me a que ele parecia absolutamente elegante e tão juvenil, e o seu rosto era tão calmo, tinha uma serenidade, e os olhos eram tão cativantes e cheios de vitalidade, vida e brilho. E o cabelo, que era comprido — o que creio que ele teria tido quando estava na terra devido ao seu período histórico — mas a questão é que o cabelo dele era absolutamente lindo, ondulado, comprido e de uma cor castanha acaju muito suave.

Ele parecia... a testa era alta e o nariz, como sabes, era proeminente, mas havia uma grande dignidade — suponho que nem seja a palavra certa, não sabia bem — uma espécie de repouso e dignidade, e o rosto era tão nobre na sua expressão e tão inundado por um encantamento, que é uma palavra estranha para usar num homem — usa-se a palavra encantamento para uma mulher — mas havia um encantamento naquele rosto que, sendo obviamente masculino, tinha algo como se estivesse a ser tocado de alguma forma pela... suponho que fosse a sua música. Acho que foi isso que lhe deu aquele aspeto maravilhoso que era tão absolutamente belo.

E era — posso colocar assim? — a única forma que posso dizer é que a magnificência da música e a magnificência do edifício, e toda a composição e estrutura, e o esplendor de tudo aquilo... bem, ele refletia-o ou era refletido dele, não sei de que forma colocar, mas tudo o que posso dizer é que ele era absolutamente... bem, absolutamente certo para aquilo. E, no entanto, havia uma gentileza e uma doçura, e havia um sentimento com ele de que... bem, como se ele pudesse ter sido um irmão ou um pai.

Sente-se que havia todo o encantamento das relações humanas a fluir dele, mesmo que não se falasse com ele; sentia-se que havia ali a beleza de toda a bondade da natureza humana, fosse masculina ou feminina, e algo de infantil também. Era uma coisa extraordinária porque não sei como descrevê-la; tudo o que sei é que se sentia que se tocava a sua alma — suponho que seja isso — e a própria alma, devido à sua vasta experiência de vida e ao seu desdobramento e desenvolvimento, e à música da alma... acho que a questão era que ele expressava tudo.

Tudo o que vinha dele estava lá e todos podiam senti-lo, ser tocados por isso. E todo o tipo de pessoas ali... era fantástico. Era como se estivéssemos numa espécie de gala tremenda onde todos estavam representados, de todas as nações; de facto, de certa forma, era um tipo de gala porque nem todas as pessoas ali eram, de modo algum, recém-chegados — como eu. Num sentido, senti-me como um leitão entre gigantes.

Mas a questão é que foi tão fantástico para mim porque o facto de eu, francamente, me sentir tão indigno de ter recebido a oportunidade de sequer estar presente... porque sentia que isto era verdadeiramente algo para aqueles que obviamente tinham alcançado grandes alturas, o que eu sentia que certamente não alcançara, e sabia que não o fizera. Mas percebo agora que foi feito não só para meu benefício, mas para o benefício de outros também; mas era algo necessário para me ajudar a mudar e a ver com uma visão mais clara a vida que se estendia perante mim. Porque a própria música falava de inúmeras experiências que, embora não as consiga explicar por palavras, conseguia senti-las enquanto a música era tocada, porque eram as experiências de incontáveis almas humanas em todos os estágios de evolução.

E também a própria música sugeria, pelo seu próprio tom estruturalista e pela sua cor, que representava todo o tipo de nacionalidades, porque não estava confinada de forma alguma, por exemplo, àquilo a que se poderia chamar música europeia; nela havia por vezes indicações definitivas de possivelmente todo o tipo de povos e até tribos, possivelmente. Não posso afirmar, porque tudo o que sei é que, quando estava ali sentado, estava consciente de todo o tipo de imagens que pareciam flutuar através do meu próprio ser: de todo o tipo de lugares, tempos e povos.

Soube, numa ocasião, que era como se de alguma forma extraordinária — não sei como isto pôde ter acontecido — mas de alguma forma extraordinária fui transportado para o antigo Egito, e a música em si era tão estranha e ao mesmo tempo bela e vagamente, muito vagamente, familiar. E, aliás, desde esta altura, desta experiência, disseram-me que há séculos e séculos tive uma encarnação no antigo Egito, e isto pode ter sido algum reflexo disso e depois liguei-me a isso de alguma forma estranha, não sei; mas tudo parece estar gradualmente a tornar-se um pouco mais vivo para mim, um pouco mais real e compreensível.

Mas, na altura, parecia por vezes tão estranhamente familiar, como se de algum modo ele estivesse a estender a mão — não necessariamente apenas para mim, mas para outros — e a contar-lhes algo sobre eles próprios. Foi extraordinário, realmente não sei como explicar-te isto.

"Oh, explicaste lindamente, sabes, fazes-me tão feliz". E conheces o Albert Hall, que suponho que nalguns aspetos pudesse ser chamado de monstruosidade e, no entanto, não acho que seja tão mau como as pessoas pensam; mas se puderes imaginar um Albert Hall, mas tão belo, mas com filas sobre filas sobre filas de assentos, e era como se cada fila de assentos representasse, ou cada grupo da fila de assentos representasse, uma nacionalidade. Não quero dizer que as pessoas estivessem separadas por causa dessa nacionalidade, não quero dizer isso de todo, mas acho que é bastante óbvio que, em muitos casos, algumas destas pessoas tinham chegado há pouco tempo e eram de nações diferentes, e por isso para aquele momento particular da sua experiência suponho que fosse necessário, porque se sentiriam mais felizes e confortáveis com os seus pares, com quem possivelmente ainda falavam, se não verbalmente, mentalmente, na sua própria língua.

Enfim, tudo o que sei é que para mim foi a experiência mais inspiradora que tive até agora e, certamente, acho que a que mais me ajudou; e desde então tenho ido a outras e, claro, têm tido um efeito semelhante sobre mim, mas possivelmente por aquela ter sido a minha primeira experiência, é a que permanece mais vívida na minha mente. Mas o Marshall diz-me que existem todo o tipo de experiências em relação não apenas à música, mas em relação a muitas outras coisas que ainda tenho de ver.

Por exemplo, a pintura, que claro que me atrai tremendamente. Conheci alguns artistas e espero ser capaz de fazer algo nessa direção mais tarde, de forma mais séria. E uma das minhas grandes ambições é conhecer Miguel Ângelo, e presumo que isso acontecerá. "Ah, sim, acontecerá". Acabaram de me dar um livro de presente sobre a vida de Miguel Ângelo, e tenho a certeza de que serás muito feliz nesse ambiente. Tenho a certeza, tenho a certeza.

O que é interessante, claro, é ver as pessoas aqui nos seus vários trajes. É extraordinário, porque alguns dos trajes são de uma beleza desconcertante. A maioria das pessoas, é verdade, usa uma túnica. Suponho que o mais aproximado seja dizer um tipo de traje romano antigo, um tipo de toga, que parece ser obviamente o mais popular. Mas tenho visto pessoas com todo o tipo de trajes, e

tenho visto alguns com trajes de tempos antigos; e algumas destas pessoas parecem estar numa espécie de — não sei se lhe podes chamar um mundo próprio — mas certamente numa condição própria, como se estivessem a viver o tempo todo no passado. Sei que tenho sido levado a estes vários lugares e que me têm sido mostrados, suponho num sentido como exemplo para mim, mas acho isso um bocado deprimente de certa forma, porque sinto que algumas destas pessoas estão como que paradas no tempo, pela própria natureza dos seus pensamentos, percebes. "Ah, eu sei".

E percebo, claro, que embora haja muito no passado que é essencial para o progresso de alguém, que devamos estar conscientes, digamos, de certos aspetos da nossa vida, ou talvez das vidas de outros, nesse aspeto... acho que é aí que a história desempenha um papel muito importante. Podemos aprender com a história, podemos assimilar conhecimento dela, e experiência, e por aí fora, mas acho que estar parado no tempo é certamente algo mau, porque algumas destas pessoas, obviamente, pelo que consegui perceber, pararam mentalmente e nunca fizeram qualquer tentativa real de mudar a sua perspetiva e desejo de mudança ou progresso, o que é mau.

Felizmente isso nunca me aconteceu, posso dizê-lo honestamente, porque acho que sempre tive uma mente muito inquisitiva e sempre estive muito atento à possibilidade das coisas; mesmo quando estava do teu lado, estava sempre ansioso por novas experiências e queria fazer mais num sentido artístico e, de facto, havia tantas coisas que eu tinha que, até certo ponto, foram estancadas por certas circunstâncias que não foram culpa minha.

Mas, enfim, o que realmente importa é que alguém deve ser sempre estimulado por novas experiências e pela oportunidade de experiência e mudança, mas é muito triste quando vemos alguns destes companheiros que obviamente vivem nas suas pequenas comunidades, vivendo numa espécie de mundo de sonhos, se preferires, e não parecem ser capazes de fazer grande progresso, ou provavelmente não querem. Enfim, gostaria de fazer algo mais tarde, se puder, na forma de ajuda, porque me disseram que existem vastos grupos de almas que vão de diferentes esferas deste lado, que agem na

capacidade de — bem — trabalho de resgate, ou professores; sim, mais tarde, não agora, porque obviamente tenho muito a aprender eu próprio e, portanto, não sou funcional de todo, ainda não tenho muito que contar nem estou a fazer coisas por mim próprio ainda, porque percebo que, num sentido, estou habilitado legalmente, mas enfim, tudo conta, não é verdade? "Tens uma forma de falar muito fluente". Tenho? Não faço ideia. "Muito, muito claramente. Eu adoro isso".

Enfim, fico muito contente porque gostaria de vir falar contigo muitas vezes e, agora que estou a começar a orientar-me, por assim dizer, sinto que quero fazê-lo. E sei, claro, do teu grande interesse em Chopin e estive neste concerto em particular, e sabia que isso te interessaria, e estava ansioso por vir contar-te. "Sim, e ele nunca me conta nada disso".

Oh, não me surpreende, sabes, não me surpreende mesmo, porque francamente, embora eu acredite que ele seja um bocado brincalhão às vezes — disseram-me — creio que ele é uma pessoa muito simples no fundo; quero dizer, não acho que ele seja o tipo de pessoa que se gabaria do que pode ou não pode fazer, acho que ele é o tipo de pessoa que provavelmente não te contaria. "Preferia muito mais que fosses tu a contar-me, não é mais ninguém, pois não?". Sim. Espero ficar em muito boas relações com ele.

Gostaria muito que ficasses. Sinto que gostaria de o conhecer muitíssimo bem, porque ele é realmente, obviamente, uma personalidade maravilhosa e um personagem maravilhoso, e obviamente um homem de grande intelecto, saber e experiência, e com certeza ele pode ensinar-me muito; e eu gostaria de aprender mais sobre música e, certamente, gostaria de ir a mais concertos dele. E disseram-me — eu não sabia disto, mas o Marshall, que parece saber tanto, tem sido certamente uma grande ajuda para mim — ele diz que tu vens muitas vezes aqui e que vais a estes concertos e tudo o mais.

"Vou". Fico um pouco surpreendido, porque evidentemente vens, tal como muita outra gente, e viajam no chamado sono e por aí fora. Aliás, isso faz sentido para mim, porque há anos eu costumava ter sonhos que chamava de fantásticos, os quais, olhando para trás agora, vejo que, até certo ponto, poderiam muito bem

ter sido viajar para fora da Terra temporariamente num sentido espiritual, ou astral — não sei como lhe chamam aqui, não é? "Sim. Oh, a maioria de nós fala contigo".

Venho falar contigo sempre que posso. "Oh, sim. Eu sento-me sempre e tenho estes sons e coisas à segunda e à quinta-feira, com a ajuda e permissão do Marshall e tudo isso, e voltarei na segunda-feira". Oh, quem me dera que voltasses, Stephen, podias contar-me tanta coisa. Enfim, estou muito contente por ter podido falar contigo esta noite. "Falas comigo lindamente". Bem, tentei o meu melhor e, bem, não vou fazer promessas. Estou a ficar bastante entusiasmado. Não devo fazer demasiadas promessas, mas farei o que puder, de qualquer forma. "Oh, é maravilhoso". Bem, não te deves entusiasmar demasiado. O Marshall fica preocupado contigo quando te entusiasmas. "Não, não, nem por isso". É mau para a tua saúde e eu serei culpado por isso. Enfim, tenho de sair, mas adeus e que Deus te abençoe.

Que Deus te abençoe. Rose, ele está a melhorar. "Não está?". Está a sair-se muito, muito bem. Meu Deus. E acho que, possivelmente porque ele está, num sentido, ainda aqui na Terra, pode ser mais fácil para ele transmitir-te certas coisas que alguns dos outros não conseguem passar. Enfim, trá-lo-ei na segunda-feira. "Vais trazê-lo?". Sim. Oh, espero que a segunda-feira seja melhor. E, por favor, mantém a calma com tudo isto, porque me preocupa se te entusiasmas demasiado. "Não, não me vou entusiasmar". Não é bom para a tua saúde. Tenta apenas manter a calma e a imparcialidade. Enfim, boa noite, Rose. Oh, obrigada.

* * *

060264

Comunicador: Dr. Stephen Ward, com a ajuda dos guias de Leslie Flint, Mickey e Dr. Charles Marshall. Som gravado a 6 de fevereiro de 1964. Boa noite.

Boa noite, Rosie. Noite feliz. Noite feliz. "Espero que sim. Espero que sim. Aposto que sim". Olá, Dr. querido. Estou muito bem. "Bom". Olá. Lamento imenso o que aconteceu na segunda-feira. "Oh, vamos lá. Está fora de questão". O que aconteceu, Doutor? Oh, a energia não estava muito boa. O médium parecia muito cansado. Sim. Achei que não valia a pena tentar continuar. Seria apenas um grande esforço e duvidei que tivéssemos alcançado grande coisa. Oh, sim. E há momentos em que sentimos, como sabem, que não é melhor continuar. Sim, tem toda a razão. Eu achei isso. Achei que era mais sensato esperar.

Parece ser um longo caminho. Bom dia. Trouxe o Stephen. "Trouxe?" Sim. Sabes, ele é realmente excelente a explicar as coisas com um olhar de artista, não achas? Bem, acho que é porque ele é essencialmente um tipo artístico, de temperamento artístico, e penso que ele — estando aqui há tão pouco tempo — é provavelmente, num sentido, mais capaz de transmitir certas coisas. Sim. Alguns de nós estão aqui há muito tempo.

Acho que ele está cheio de entusiasmo, claro, e assimila as coisas muito rapidamente; continua muito ligado a nós, num sentido, e provavelmente está a sentir-se como se estivesse aqui. Sim. Não sei, mas devo admitir que ele certamente parece estar a alcançar muito e a sair-se muito bem. Oh, ele vai ser uma alma magnífica, se já não o for. "E é por isso que estou tão ansiosa por que ele venha, Doutor, porque ele consegue explicar as coisas às pessoas que estão na terra talvez melhor do que aqueles que já se afastaram muito".

Bem, espero que consigas falar com ele agora que ele está aqui, claro. Trouxe-o connosco esta noite. Oh, sim. Enfim, eu... "Obrigada por o trazer, Doutor querido". Não me agradeças. Ele está muito interessado em vir, sabes. Acho que ele encontraria o caminho por si próprio, com certeza. Tenho a certeza de que ele ficaria feliz em vir para estar com qualquer pessoa que esteja realmente interessada. Olá, Rose.

Oh, olá. Isso é maravilhoso. Oh, que bom. Oh, está bastante alto agora. Olá. Consegues ouvir-me? Sim, consigo ouvir-te. Como estás esta noite? Lamento imenso o que aconteceu na segunda-feira. Eu disse que queria vir falar contigo na segunda, mas todos pareceram achar que não era particularmente bom, e... Sim.

Bem, tive de concordar com os restantes, sabes. "Oh, sim, eles têm de cuidar de ti". Mas tudo me parecia bastante bem, embora eles achassem que não era boa ideia forçar a nota, sabes. Eu disse: oh, bem, tive de aceitar o que eles disseram.

Como estás esta noite? Bom rapaz. Oh, estou muito bem, ansiosa por ouvir a tua voz. E aqui estás tu. E estás aqui. Maravilhoso. Tu explicas as coisas de forma tão bela, Stephen, especialmente às mulheres que ainda estão na terra.

Não sei se explico ou não. Eu acharia que algumas destas pessoas que estão aqui há eras voltariam para ti e explicariam as coisas muito melhor do que eu. Em qualquer caso, o conhecimento delas seria muito mais profundo e experiente. "Oh, isso sim". Mas, enfim, eu apenas te conto as coisas tal como as recordo e as experiencio. Sabes, quero dizer, eu não entro propriamente em... bem, não sei, tento entrar em algum detalhe, mas é muito difícil, claro.

Oh, é difícil, eu sei, mas ainda assim dominas tudo num tempo muito curto. Estás aí? Oh, sim. Estava apenas a tentar pensar com clareza sobre o que falar. "Está bem. Ficarei encantada com tudo o que falares. E provavelmente nunca me deste a oportunidade de intervir, sabes, tão rapidamente". Bem, lamento imenso, mas quero dizer, se houver quaisquer perguntas ou algo que eu possa responder, ficaria muito feliz em ajudar. "Bem, acho que sabes tudo o que é preciso. É um prazer ouvir-te".

Ainda estou aqui. E se eu falasse agora? Não sei. Estás aí, orador? Perdi a ligação. Oh! Por favor, não queria dizer isso. Está bem, está bem. Bom. Vou ficar calado. Sabes, uma das primeiras coisas de que me tornei consciente, logo no início, foi o facto de toda a gente parecer ser capaz de saber exatamente o que eu estava a pensar, o que achei terrivelmente, terrivelmente embaraçoso. Sim, é bem verdade. Eu ouço-o. Aliás, achei tão embaraçoso que, durante bastante tempo, tentei desesperadamente controlar os meus pensamentos e não pensar em nada que fosse constrangedor. Refiro-me a que, por exemplo, quando cheguei aqui pela primeira vez, suponho que ainda gostava muito do meu antigo "eu", que claro que era quem eu era.

Sabes, eu... bem, apenas pensava da forma antiga. Quero dizer, era a única forma que conhecia, de qualquer maneira. Não podia fazer muito mais em

relação a isso. E via-me a pensar em todo o tipo de coisas e pessoas, sabes. E ao fim de muito pouco tempo, comecei a perceber que, sem eu ter de proferir uma única palavra, as outras pessoas estavam perfeitamente conscientes dos meus pensamentos, o que achei extremamente embaraçoso. Mas não agora. Já não por causa disso. Oh, sim. Já superei isso agora porque, bem, por um lado aprendi — suponho que, de certa forma, essa seja uma das primeiras coisas que se aprende — a controlarmo-nos. E a não viver, num sentido, artificialmente ou a ser artificial, mas a controlarmo-nos, no pior sentido, e a começar a pensar com uma clareza de pensamento na direção certa. E suponho que, num sentido, há uma lição automática que se aprende sobre o autocontrolo e também sobre o aperfeiçoamento de si próprio.

Mas agora estou a começar a ser capaz de captar os pensamentos de outras pessoas. E acho isso tremendamente interessante: ser capaz de sintonizar com elas e mentalmente ser capaz de retribuir e compreender as coisas que me estão a transmitir. Enquanto ao início achava impossível fazer isso. Achava que era muito difícil para mim estar consciente do que as outras pessoas estavam a pensar. Na verdade, nunca me passou pela cabeça que se pudesse fazê-lo. Aliás, costumavam falar comigo da mesma forma que quando se estava na Terra. E eu assumia que era necessário.

Mas comecei a perceber muito cedo, depois de estar aqui, que eles eram capazes de responder aos meus pensamentos não ditos. Eram capazes de me dizer, por exemplo: "Oh, eu não faria isso, meu caro", ou "não é necessário fazer isto ou aquilo, e devias controlar-te nesta ou naquela direção".

Por outras palavras, eles estavam muito conscientes do que eu estava a pensar ou até de perguntas que eu lhes ia colocar. Respondiam-lhes automaticamente. Quero dizer, assim que eu pensava — antes mesmo de eu ter enunciado qualquer palavra, se tivesse tentado falar de todo — eles eram capazes de captar num segundo. "Sim, sim. E em breve serás capaz de fazer isso tu próprio". Bem, sim, estou certamente a aprender agora. Estou certamente a começar a ser capaz de o fazer.

E uma das coisas mais esclarecedoras, creio, foi o facto de os animais — com os quais tenho tido algo a ver desde que estou aqui — serem capazes de responder tão rapidamente aos nossos pensamentos. Parecem saber instintivamente e também — o que para mim é extraordinário — é quase como se, dentro do meu ser interior, eu estivesse consciente do que eles estão a pensar e do que me estão a transferir.

Não sei como explicar isto. Quero dizer, se disséssemos que um cão fala, soaria estúpido, mas eles não falam propriamente no sentido comum — claro que não — mas o que fazem é ter este poder de transmitir o pensamento de tal forma que ficamos conscientes do que estão a pensar, do que estão a tentar transmitir. Quero dizer, eles parecem ter quase aprendido uma linguagem e, no entanto, não é uma linguagem no sentido de terem de enunciar palavras para retratar ou descrever algo, mas sabemos automaticamente o que estão a transmitir — não pelo som, mas pela pura força de pensamento que emana deles, suponho.

Oh, sim, percebo. Muito intrigante, na verdade. Maravilhoso. "É por isso que eu gostaria de ir quase primeiro para os animais". Bem, na verdade os animais formam uma parte muito importante da vida aqui, mas de uma forma estranha, realmente; suponho que preencham uma lacuna muito importante. Ocupam um lugar muito importante. Não se consegue imaginar uma vida sem animais — pelo menos eu não consigo — e eles parecem fazer parte da nossa existência aqui, mas de uma forma tão natural que não há nada de estranho, por exemplo, em termos ao nosso redor todo o tipo de animais. Não quero dizer necessariamente que, como na Índia, as vacas andem pelas ruas. Não me refiro propriamente a isso, mas sim a animais domésticos particularmente: cães, gatos, pássaros.

Oh, sim, vi elefantes, mas eles vivem num estado de... suponho que lhe chamarias selvagem, e no entanto não há selvajaria nisso, do ponto de vista de ser uma espécie de selva. Não sei como explicar isto. É quase estúpido tentar explicar algumas destas coisas. Percebo isso porque vi todo o tipo de paisagens, todo o tipo de condições de vida, e no entanto parece haver uma ordem em tudo. Parece haver um ambiente ou condição natural sem qualquer sentimento de

desordem. Por outras palavras, é um mundo de ordem, não de desordem. E se existe um estado de desordem, acho que deve ser com um indivíduo e possivelmente em certas esferas ou planos; pelo que consegui perceber, se as pessoas vivem num estado de ser desordenado, é por causa desse estado de espírito desordenado. Sim, sim. E os animais parecem estar a viver uma existência natural aqui.

E o que é extraordinário também é que os animais, nalguns sentidos, que eram muito grandes na Terra — seja porque vemos de forma diferente, e ainda não o posso afirmar — não parecem grandes aqui. "Ah, era isso que eu queria saber". Por exemplo, um animal enorme, que pareceria desajeitado ou pesado, ou que nos faria sentir talvez nervosos ou com medo dele por causa do seu tamanho enorme, não é necessariamente assim aqui. Acho que, de certa forma, claro que existe proporção aqui — obviamente deve existir — e há espaço, há uma espécie de três dimensões, mas é como se houvesse mais do que isso.

Não sei se se consegue explicar uma quarta dimensão, mas há um sentimento aqui de que há muito mais para além do tempo, do espaço e do tamanho. Parece que, embora existam todo o tipo de lugares, todo o tipo de condições de vida ou existência, todo o tipo de vistas — que poderíamos em alguns sentidos associar a vistas, lugares ou países terrenos — parece haver cada aspeto de paisagem e cada aspeto de lugar tal como nos lembraríamos na Terra, mas com uma visão maior ou uma perceção maior, e sem qualquer dos inconvenientes, se posso usar uma palavra tão estúpida; mas, por exemplo, um elefante — dos quais vi vários — para mim (sei que isto deve soar perfeitamente louco) não parecem assim tão...

Não estou a dizer que não sejam inspiradores num sentido, mas seja porque de alguma forma estranha eles são pequenos, ou porque não me parecem enormes... se isto pode ser uma coisa psicológica peculiar — peculiar a mim nesta fase da minha evolução — não faço a mínima ideia, mas vi elefantes que não me pareciam muito maiores, por exemplo, do que um cão muito grande.

Oh, sim, sim. "E não são tão pesados, pois não?" Bem, não, e eu realmente, honestamente, não sei como explicar isto, porque mesmo se pensarmos num bebé

elefante na Terra, continua a ser bastante enorme em comparação com a maioria dos animais domésticos. Sim. Mas vi animais aqui que obviamente, do ponto de vista material de qualquer forma, diminuíram de tamanho. Sim. E parece que, com a diminuição de tamanho, a inteligência, presumivelmente de alguma forma estranha, aumenta. Oh. Ora, não estou a dizer que um elefante do vosso lado, por causa do seu tamanho, não seja necessariamente inteligente.

Tenho a certeza de que é. "Não, eles são, sim". Mas seja porque de alguma forma bizarra as criaturas selvagens, como as conhecemos na Terra, perdem a selvajaria ou perdem o aspeto puramente material de si mesmas até certo ponto e assumem um aspeto mais gentil ou mais pequeno conforme se sintonizam mais e vivem mais perto, talvez, dos seres humanos... eu realmente não sei a resposta para isto, porque me dizem que existem muitos animais que têm o tamanho que se esperaria que tivessem, certamente se estivessem na Terra, e até maiores. Mas existe evidentemente algum tipo de lei que se aplica aos animais e que obviamente não se aplica aos seres humanos.

Parece que a maioria dos animais, num sentido, está mais abaixo na escala da evolução. Podem, claro, ter grande inteligência na Terra e podem ter muitos instintos que podem ser comparados com os seres humanos. Na verdade, sabemos que muitos animais, de muitas formas, são, em certos sentidos, até mais inteligentes do que os seres humanos. Os seres humanos podem ter o poder, digamos, da fala. Podem ter o poder de ser capazes de alcançar e fazer muitas coisas de uma forma material, quando na Terra, que os animais não conseguem fazer. Mas não há dúvida de que, nalguns sentidos, os animais estão mais desenvolvidos de uma forma sensibilizada, no que toca a certos aspetos da vida — certamente da vida na Terra.

Seja porque vivem muito mais próximos da natureza, ou porque o homem se afastou da natureza... mas é tudo muito complexo, mesmo para mim no momento. Sei disto: que os animais certamente mudam nos seus estágios de evolução e atingem um certo estágio de ser quando estão, num sentido — não digo equiparados aos seres humanos, porque acho que há uma diferença distinta — mas existe certamente um elo ou laço mental muito forte, e tenho a certeza de

que os seres humanos progridem até certo ponto de acordo com o seu amor e consideração pelo reino animal. Acho que existe aqui um equilíbrio que provavelmente nunca foi totalmente percebido na Terra.

Acho que os seres humanos que mostram uma perceção inteligente do lugar da vida animal e respeito por ela, e consideração, afeição e amor — que esses próprios indivíduos, enquanto seres humanos também, são mais evoluídos do que talvez a média. E o reino animal recebe do ser humano, quando na terra, um certo algo que é muito importante para o seu crescimento e desenvolvimento.

Parece-me — colocando as coisas desta forma, e sei que é muito mau se as colocar assim — parece-me que toda a vida, qualquer que seja a forma ou feitio que tome, ou em que categoria a coloquemos — quer seja o elemento humano ou o homem, quer seja uma besta, quer seja um pássaro, quer seja até uma flor, quer seja qualquer forma de natureza, por muito insignificante que possa parecer ou ser — faz tudo parte da vida.

E acho que temos de aceitar o facto de que toda a vida está nalguma forma ou feitio. Seja humana ou não, é toda a mesma vida. E é toda a mesma força. E só porque pode ter uma forma externa ou um tamanho peculiar a si mesma ou a certos aspetos da natureza — que para alguns, para o ser humano particularmente, pode parecer estranho ou não no mesmo patamar ou no mesmo tipo de ser do homem — não altera o facto de ser uma forma de vida, ser uma forma de existência. Se está mais abaixo na escala, se se está a desdobrar ou a desenvolver-se, não faz a mínima diferença.

O que realmente importa é que quando o homem percebe que faz parte de toda a vida e tem respeito, consideração, afeição e amor por todos os aspetos da vida, por muito insignificantes ou humildes que sejam — conforme ele começa a compreender e a apreciar isto, começa a conhecer-se, compreender-se e apreciar-se mais a si próprio e também evolui mais; e, na sua evolução, também o resto da vida evolui com ele.

Sim, sim, sim. Oh sim, eu acredito perfeitamente nisso. Temos um pequeno cão aqui. Já viste este pequeno cão aqui? Sim, já. Acho que ela é provavelmente muito... não sei se lhe chamas psíquica, mas tenho a certeza de que é altamente

inteligente e tenho a certeza de que é altamente sensível a nós, porque tenho a certeza de que ela nos viu, em todos os momentos, a movermo-nos pelo local. "Sim, porque os olhos dela andam muito de um lado para o outro". E tenho a certeza de que ela está bastante desenvolvida. Estou muito intrigado com esse cão, sabes. É uma criatura muitíssimo inteligente. Não creio... acho que seria uma coisa maravilhosa se as pessoas pudessem perceber o quanto os animais, especialmente talvez os animais domésticos por causa da sua associação com o homem, respondem ao homem e aos seus pensamentos e ações; e como podem estar em sintonia, e como conseguem transmitir as suas próprias pequenas personalidades e os seus pensamentos, e como conseguem comunicar tanto sem proferir um som, sem serem capazes de falar.

Isso foi o que descobri aqui: esta capacidade maravilhosa de comunicar não apenas com o próprio homem, por assim dizer, mas também com as várias outras formas de vida que existem aqui. É quase, também, como se, por exemplo, aqui pudesses conversar.

Sei que soa estranho, mas é quase como se pudesses conversar com a natureza aqui. Podes conversar com árvores, riachos e rios, e todo o tipo de vida, e moscas. Na verdade, tenho ido passear com pessoas que me levaram especialmente pela experiência a vários sítios como bosques, e tenho passado pelo que parecem ser florestas onde as árvores são enormemente altas e as flores parecem crescer em grande profusão — todo o tipo de flores, muitas das quais nunca vi na terra, de todos os tons e cores, muitas cores que nunca vi.

"Elas não morrem, pois não?" Não, parece ser uma primavera eterna, uma vida eterna. E o que é tão extraordinário é a música — e só posso dizer que para mim é como música — que parece vibrar de toda esta vida, que parece estar a zumbir e cheia de harmonia, cheia de melodia e beleza. Parece ter uma vida inteiramente própria, que parece estar a cantar.

Sei que soa quase estranho, mas é quase como se houvesse uma canção de louvor — se alguém o pode dizer — numa vida aqui, que parece ser uma melodia bela, suave, mas no entanto harmoniosa, que varia, mas ao mesmo tempo é sempre harmoniosa e sempre revigorante. Só posso dizer que ainda não senti

realmente — exceto talvez nos estágios muito iniciais da minha vinda para aqui — qualquer desejo de repouso ou de sono ou cansaço, ou a necessidade de algo para estimular. Nos estágios muito iniciais de estar aqui, ainda mantinha a ideia de que precisava de sustento, ou de que precisava disto ou daquilo e, em consequência, essas coisas pareciam ser quase — poder-se-ia dizer — automaticamente providenciadas para mim. Mas agora essas coisas, claro, já não me incomodam nem me parecem necessárias. "Sem problema". Não.

Isso é bom. O curioso é que acho que a coisa de que parecia precisar mais nos estágios iniciais era café e cigarros e coisas assim, vês. Mas é estranho como alguém muda. Tão estranho. E, sabes, temos lugares enormes que talvez para algumas pessoas soem um bocado — diria — assustadores, ou algumas pessoas que não gostam da ideia, e suponho que nalguns sentidos algumas pessoas não gostariam; mas são albergues ou locais enormes que, em si mesmos, são uma maravilha assim que percebemos quão tremendamente empolgantes podem ser. Locais onde as pessoas vivem e são alojadas, e onde são ajudadas, encorajadas, aconselhadas e gradualmente encaminhadas, poder-se-ia dizer, para aceitarem e compreenderem as coisas aqui.

Algumas pessoas vão para estes lugares — são estações de receção — e são enormes, com grandes dormitórios ou salas e locais onde nos podemos reunir e discutir e ouvir; onde se podem ver realmente o que chamariam de filmes, embora não sejam propriamente filmes. São coisas projetadas numa espécie de ecrã onde se vê todo o tipo de coisas relativas ao homem, a indivíduos, a nós mesmos, por exemplo, até. É como se por vezes pudessem ser projetadas ali coisas que nós próprios estamos a fazer e nem sabemos que as estamos a fazer.

É quase como se estivéssemos sentados num lugar e estivéssemos a ver-nos a nós mesmos, mas não o "eu" que pensamos conhecer, mas o "eu" real; e ficamos conscientes, em consequência, dos nossos defeitos e também das nossas boas qualidades. É como se víssemos a realidade de nós próprios pela primeira vez. Nem sequer é embaraçoso.

Quase se pensaria que poderia ser embaraçoso, mas não é, porque estamos aqui pela primeiríssima vez; suponho que acabamos por nos aceitar, começamos

a compreender-nos e a perceber as influências que foram exercidas sobre nós, por que fizemos certas coisas, por que nos tornámos um certo tipo de indivíduo — ou, por outras palavras, por que nos tornámos como somos através de todo o tipo de influências que não são, necessariamente, sempre culpa nossa.

Por outras palavras, é como se fosse um processo de educação sobre nós próprios e sobre que pontos podemos ter alcançado no nosso desdobramento ou desenvolvimento, e o que podemos esperar alcançar, as possibilidades e as oportunidades que nos são apresentadas aqui. Recomendo todo o tipo de indivíduos que falam connosco, discutem coisas connosco e nos ajudam.

Existem todo o tipo de produções, até teatrais, que são encenadas com um objetivo definido em vista, mas ao início nunca captamos o facto de haver algo de educativo nisso, suponho. Suponho que, num sentido, somos guiados tão suavemente que nem percebemos que estamos a ser educados enquanto somos entretidos. Nunca parece haver nada que seja aborrecido, realmente.

Acho que muito, claro, depende do indivíduo em primeira instância. Algumas pessoas, suponho, vão para fases ou lugares que não são tão evoluídos; talvez seja quase como se estivéssemos a passar pelo jardim de infância e depois do jardim de infância para uma escola comum. É uma experiência extraordinariamente esclarecedora e alguns destes lugares, como eu disse, são tão vastos; e há lugares onde, por exemplo, se pode descansar e relaxar completamente e, se quisermos, numa primeira fase, em necessidade de sono e repouso, podemos tê-lo porque provavelmente para algumas pessoas isso ainda é necessário.

E depois, as pessoas visitam-nos, provavelmente por vezes pessoas que conhecemos e que partiram antes de nós, talvez parentes ou amigos. E, claro, há casos excecionais onde algumas pessoas, creio eu, vão diretas para os seus parentes ou para o seu amigo em particular, ou talvez para o seu marido ou esposa. Mas a maioria das pessoas, parece-me — ou pelo menos uma grande percentagem — parece ir para o que, suponho, se poderia chamar de estações de receção; e estas estações de receção parecem estar preparadas para todos e para cada tipo de pessoa, e para cada tipo de diversão e interesse.

Há todo o tipo de jogos que se podem jogar, se estivermos inclinados para isso, e piscinas. Há tudo aqui. Na verdade, em alguns sentidos, quando nos tornamos conscientes das coisas, é como um lugar de luxo que esperaríamos encontrar nalguns locais do mundo reservados para esse fim, com todas as vantagens e todo o tipo de oportunidades para relaxamento e, ao mesmo tempo, para educação; é um sistema extraordinário.

E no entanto, embora existam pessoas que obviamente estão encarregues, nunca há qualquer sentimento de estarmos sob qualquer regra ou de termos de fazer isto ou aquilo. Parece-me que, automaticamente, fazemos as coisas quase espontaneamente porque, num sentido, talvez no início os pensamentos dos indivíduos envolvidos que controlam, dirigem e organizam enviem as suas ondas de pensamento e nós respondamos a elas; mas nada é imposto, nunca somos levados a sentir que estamos sob o comando de alguém ou que nos estão a dar ordens.

É este sistema extraordinário que funciona aqui, que comecei a perceber ser fantástico; e é tudo feito por força de pensamento dominada — ou, digamos, tornada possível — pelo amor e afeição que emanam de indivíduos cuja tarefa é ajudar aqueles que, gradualmente, estão a ser levados a aprender, a serem educados e inspirados a tornarem-se e a fazerem coisas melhores.

Quero dizer, a coisa mais extraordinária comigo é que consigo ver-me com uma clareza de visão que nunca pensei que fosse possível. Consigo ver-me em todos os meus muitos aspetos: o meu "eu" pior e o melhor, as boas qualidades e as não tão boas, as falhas, todas as coisas que se destacavam; e no entanto, embora num sentido eu não estivesse embaraçado por elas, ao mesmo tempo estava consciente delas.

E estava consciente de que provavelmente, por vezes, poderia ter feito algo de forma bastante diferente e teria sido melhor se o tivesse feito; mas, no entanto, percebi que toda a experiência era necessária e que se aprende. Acho que percebemos aqui, mais do que qualquer outra coisa, que a vida na terra é um lugar onde obviamente temos de aprender e, por vezes, as experiências desagradáveis são as mais necessárias.

Aprende-se, obviamente, mais com o sofrimento do que com a felicidade e a tristeza e, claro, sacrificarmo-nos e darmo-nos aos outros da melhor forma que pudermos significa maior progresso e maior felicidade a longo prazo. Acho que as pessoas não percebem — eu certamente não percebia, suponho que como a maioria dos seres humanos — que, embora tivesse os meus momentos de depressão e tivesse aprendido a detestar estar demasiado sozinho, talvez tivesse medo por vezes de estar só. Acho que sempre tive medo de mim próprio porque, lá no fundo, acho que era, num sentido, talvez um bocado mórbido; mas acho que era uma pessoa que tinha quase medo da solidão, tinha medo de mim próprio e de tudo isso, por isso acho que era um personagem tão complexo.

Percebo agora que devo ter sido, mas adorava estar com pessoas, adorava a luz, o brilho e a cor, e adorava a beleza e, claro, essa é a coisa que me deu a maior alegria de todas aqui: descobri a beleza na amplitude de tudo o que alguém poderia desejar. Beleza em cada forma, em cada feitio e em cada sentido, em cores além da descrição, em sons que nunca se poderia esperar reproduzir, mas que se consegue pressentir, sentir e experienciar. É aqui que nos sentimos, pela primeiríssima vez, plenamente vivos, plenamente vitais, plenamente capazes de lidar com tudo, plenamente capazes de fazer as coisas que o mundo terreno certamente nos negou.

Refiro-me a que os grandes artistas na terra, tenho a certeza, devem ter sentido isto, num sentido, e sentiam-se exasperados por estarem tão confinados; que os instrumentos que queriam tocar pareciam não ser capazes de responder a algo que se passava dentro deles, de que estavam muito conscientes; e os grandes poetas nunca conseguiam encontrar palavras para descrever as coisas que viam, sentiam — a intensidade do seu ser. Acho que toda a vida artística e apreciação na terra, para qualquer pessoa que seja real e sinceramente artística e esteja realmente a esforçar-se por mostrar, experimentar, por dar de si, por assim dizer, a partir do seu "eu" interior, acharia tudo o que fizesse até certo ponto dececionante, porque não há método, não há forma de superar as limitações da terra e de tudo o que a terra contém. Refiro-me a que a terra contém muito que é maravilhoso e muito que é empolgante e muito que é emocionante, mas continua,

num sentido, a limitar-nos se tivermos uma natureza artística e se vivermos dentro de nós mesmos com grande profundidade e explorarmos cada aspeto e cada ângulo de qualquer esforço artístico que estejamos a tentar produzir.

Quero dizer, parece-me que todos os grandes artistas devem ser, por essa mesma natureza, almas sofredoras, porque não há forma de se desonestarem com grande satisfação. Têm momentos de exultação, momentos em que sentem que estão a dar o seu melhor, quando são, de alguma forma estranha, de alguma forma temerária, capazes de lançar fora de si parte da perceção interior acumulada da intensidade da vida e do ser e do latejar da alma que os perturba. Na verdade, quanto mais artística é uma pessoa, mais perturbada de alma ela deve estar.

E acho que é por isso que vejo muitos grandes artistas, grandes músicos e qualquer pessoa que tente expressar o que está no seu âmago, aquilo que sabe, sente e pressente tão fortemente; deve sentir-se, por vezes, terrivelmente fora de sintonia com as coisas materiais. Parece haver tanto para encontrar, tanto para descobrir, e tão pouca oportunidade é dada, e tantas coisas são restritivas. Acho que todos os grandes artistas — aliás, aqueles artistas que conheci, aquelas almas que conheci aqui que eram, de alguma forma, indivíduos artísticos que se esforçavam por fazer algo consigo próprios, qualquer que fosse a forma tomada, fosse música ou arte — não eram pessoas felizes.

Não acho que pudessem alguma vez ser muito felizes. Muito pouco tempo. Era tudo espontâneo. Era tudo algo do momento. E acho que tantos deles devem ter sofrido, porque qualquer pessoa que traga ao vosso mundo algo que seja realmente belo, qualquer coisa que seja realmente maravilhosa, qualquer coisa que seja realmente, poder-se-ia dizer, verdadeiramente de Deus — se o pudermos dizer assim — então devem ser sofredores. Não pode ser de outra forma, porque não se pode conceber e trazer ao vosso mundo algo profundo dentro da própria alma, algo até além da terra, poder-se-ia dizer, dos confins terrenos.

É um trabalho de amor, e é um trabalho que, no seu esforço, deve destruir até certo ponto. Não vejo como possa ser outra coisa, porque o esforço exigido, a tensão tremenda que ocorre deve, até certo ponto, ter um efeito material muito

prejudicial sobre o corpo físico. E acho que é por isso que, muitas vezes, tantas pessoas que são músicos, por exemplo, ou artistas de qualquer forma ou feitio, são — como o mundo o vê, pelo menos — um pouco estranhas ou desequilibradas ou, nalguns casos, como o mundo o vê, acabam por enlouquecer.

Acho que quanto mais um artista tenta criar, mais ele está a dar de si mesmo, mais ele está, por assim dizer, a tirar do mais profundo de si próprio; quanto maior a tensão, maior a responsabilidade e mais difícil deve tornar-se para o corpo ser capaz de suportar o stresse e a pressão disso. Vi isto em pessoas, e li sobre isso, claro, e conheci desde então certas pessoas a quem isto aconteceu, e acho que é algo fundamental.

Acho que é, claro, obviamente... o que eu não conseguia ver então, mas é obviamente o espírito do homem. É o irromper do espírito a partir de dentro, quebrando os ossos e os grilhões, expressando-se e tentando dar de si e, em consequência, algo tem de ceder, e algo tem de ser afetado, e claro que é o corpo físico. Sim, é isso mesmo. Sim, está certíssimo.

Não acho que qualquer grande artista de algum mérito, de alguma consequência, se estiver constantemente a trabalhar, constantemente a dar de si, possa possivelmente viver até uma idade muito avançada. Sabemos que há exceções, mas a questão é que a vasta maioria dos grandes artistas, pessoas que foram realmente grandes seres criativos — mesmo assumindo que vivam até serem, como o mundo diz, velhos — acho que se tornaram muito afetados pelos esforços que fizeram; e sei de pessoas com quem falei aqui que, em muitos casos, foram enviadas de volta, ou voltaram por sua própria vontade, para corpos físicos com um plano definido, com um trabalho definido a fazer, e foi uma tensão tremenda e um grande esforço fazê-lo através de um corpo físico, num mundo material, com todas as diferentes restrições; mas fizeram o seu trabalho e alcançaram o que se propuseram fazer. Acho que todos os grandes artistas, os artistas verdadeiramente grandes, deixam a sua marca na sua época e no próprio tempo, e que as únicas coisas — aliás, acho que se olharmos para trás na história, a única coisa que vive realmente, que vive verdadeiramente através do tempo, é o trabalho alcançado.

Por exemplo, com a música: a beleza da música e as melodias e harmonias que foram criadas, que podem ser recriadas por outros músicos, por pessoas que são capazes de ler e tocar novamente, por assim dizer, aquilo que foi dado; mas não é apenas isso, existe em muitas outras formas, mas nada que seja um trabalho artístico, verdadeiramente artístico — e quando digo artístico, refiro-me a algo que brota do próprio espírito lá no fundo, que é indestrutível — nada o pode destruir; é essa a parte do homem que vive.

Existem muitos outros aspetos do homem que a vasta maioria das pessoas de mentalidade material assume que vivem, mas não são coisas vivas; são coisas monótonas, mortas e lúgubres que apenas têm o seu lugar na história porque, num sentido material, têm algum significado para aqueles que pensam de forma material. Mas as coisas verdadeiras, as coisas vivas, as realidades, são as coisas da mente e do espírito que foram libertadas, lançadas na sua época e no seu tempo e que ainda existem quando os homens — de facto, os compositores de música, por exemplo, ou a pessoa que escreveu o livro ou o artista que criou o quadro...

O seu nome pode ser uma memória por causa do que alcançou, mas a pessoa em si, num sentido, não é importante, mas a obra que foi dada ao mundo vive. Mas o que é importante aqui é que o indivíduo vive e a obra vive também; mas um trabalho maior é feito pelo indivíduo que se libertou do corpo e agora é muito mais livre para pensar e agir e fazer coisas sem as obstruções e as dificuldades dos corpos e da existência materiais. Se ao menos se pudesse explicar e fazer as pessoas compreenderem que as realidades da vida — a vossa vida, ou esta vida, ou qualquer vida — as realidades da vida nem sempre são o que parecem à superfície, não apenas as coisas materiais e as coisas conceptuais materiais, mas as realidades espirituais que irromperam e quebraram os seus limites e deixaram a sua marca no seu tempo e época e no mundo, e que ainda vivem.

Estas são as coisas que continuam e não são destruídas. Estas são as coisas que significam algo. Estas são as coisas que são o espírito indestrutível. É tão difícil, até para mim às vezes, perceber plenamente todas estas coisas, e estou

gradualmente a começar a compreender. Sabes, vir falar contigo, Rose, ajuda-me muito. "Ajuda?" Oh, fico tão contente por ouvir isso, Stephen.

Mas sabes, ajuda-me também, porque falas realmente tão bem sobre coisas que eu queria saber; e começaste a falar dos animais e dos elefantes especialmente, e eu queria saber sobre eles. Acho que se pode dizer honestamente que tudo na terra que é verdadeiramente do espírito — por outras palavras, tudo o que é verdadeiramente bom — vive aqui. Sim.

E todo o resto cai gradualmente pelo caminho e não tem significado. Acho que, se pudermos pegar em todo o bem, em todo o encantamento, em toda a beleza, em todas as coisas que são de real consequência da terra, das vidas individuais, da humanidade e de cada aspeto da própria vida... tudo isso existe aqui e tem o seu significado e o seu lugar; e esquecer o menor e o pior, as coisas que são desagradáveis e... bem, coisas que em si mesmas são puramente materiais não têm lugar aqui. Mas as coisas que são verdadeiramente do espírito, essas existem e têm significado, têm poder. Este é um mundo que me parece tão perfeito quanto algo pode ser e, no entanto, o tempo todo estou a experienciar o que penso ser a perfeição.

Estou a perceber que há uma forma maior de perfeição ainda por vir e que eventualmente olharei para trás para certas fases da minha existência percebendo que estava a passar por um estágio de evolução no qual pensava que a perfeição existia onde havia apenas imperfeição. E acho que tudo em si deve obviamente tornar-se cada vez mais encantador, cada vez mais empolgante, cada vez mais belo, cada vez mais harmonioso. Sinto apenas que a vida é bem e encantamento contínuos.

"Bem, é assim que tu sentes, Stephen". Bem, é o que eu sinto. Não posso dizer que senti tudo isso no início, mas sinto-o agora que percebo que tanto mudou comigo, tanto aconteceu comigo, tanto aconteceu com pessoas que me são próximas e queridas e pessoas de quem ainda gosto e algumas ainda na terra. Sinto que a mudança ocorreu para elas também, para algumas delas. Elas nem sequer sabem disso. Nem sequer percebem. Continuam a fazer quase o mesmo, continuam a pensar quase nos mesmos moldes, mas a influência que estou a

tentar exercer sobre elas está a ter um efeito subtil. Ainda não o sabem, mas terá. Espero ser capaz de fazer algo para as ajudar e para as fazer perceber que existem coisas maiores e coisas melhores e coisas mais belas pelas quais viver, pelas quais trabalhar e pelas quais lutar.

É isso que quero fazer. À medida que progredir, quero ajudar os outros a progredirem também. Enfim, sinto-me tão grato para contigo porque tornaste isto tão maravilhoso para mim. Tu nem sequer sabes disso ainda, mas num sentido foste parcialmente responsável, de qualquer forma, por muito do que me aconteceu porque, de facto, és a única pessoa, David, que conheço na terra que realmente tem um interesse genuíno e sincero neste tipo de coisa e que realmente mostrou toda essa sinceridade e bondade para comigo, conhecendo este assunto e tornando possível que eu voltasse, e o Dr. Marshall e outros que foram tão terrivelmente bondosos para comigo.

Não consigo dizer o quão grato estou a ti e a todos eles. Enfim, quero vir falar contigo novamente em breve, mas o Marshall está a fazer-me sinal, a dizer-me que estou a usar demasiada energia, por isso tenho de ir; mas quero apenas que saibas, querida, que estou muito grato e obrigado por tudo.

E gostaria que um dia... pois não suponho que seja capaz de o fazer, porque conheço o teu amor por elefantes... mas adoraria ser capaz de trazer um para ti e fazer o raio do bicho barritar ou algo assim; de certa forma, nunca se sabe. Vou falar com o Sabu, ele é o rapaz dos elefantes. Bem, não sei. Talvez esteja a falar da boca para fora agora, mas sei que amas elefantes particularmente. Não serve de nada eu trazer uma das minhas coisinhas pequenas. Se queres algo que conheces, é mesmo como um elefante. Enfim, não sei. Estou a dizer disparates agora. Enfim, tudo de bom. E tenho de ir. *Cheerio*.

Oh, *cheerio*. Oh, muito obrigada, pessoal. Tenho de ir agora. Adeus, Rosie. Adeus. Adeus, querida.

"Não é ele maravilhoso?" Sim. Explicando as coisas de forma tão bela. "Onde está o Doutor? Ele disse que tu voltarias". Lamento, Rose. Tenho de ir. "Oh, sim, está bem". Receio que o Stephen... não conheço ninguém como ele, que fale tão depressa e consuma tanta energia. É espantoso, mas ele está a sair-se

extraordinariamente bem. Mas tenho de ir. Boa noite, querida. "Boa noite, Doutor". Adeus.

"Deixe-o vir outra vez, Doutor". Claro. Ele é maravilhoso. "Vejam este ritmo alucinante a que ele fala". Sim. "Gostava que o meu espetáculo descobrisse algo". Tenho de ir.

* * *

100264

Comunicador: Dr. Stephen Ward. Médium: Leslie Flint.

Penso que ele se está a habituar cada vez mais, sabe, ao meu trabalho. Oh, sim. Adoro a forma como fala, depressa. Costumava falar muito depressa quando estava aqui, não era? Sim, suponho que sim, sim. Sim, eu sei, li sobre si. O seu Stephen Ward está bem? Quem é que pensa que é? O quê? O que é que a faz dizer isso, se o Stephen Ward está bem? No que é que isso se torna, "bem"? Quer dizer se o Stephen Ward está todo errado? Acho que está a tornar-se muito correto agora.

Sim, mas quero dizer que muito poucas pessoas, suponho, se saem muito bem. Quem diria, "o Stephen Ward está bem"? Não, não, muito simpático, Stephen Ward, todos gostamos de si, sabe disso? Obrigado. Sim, gostamos. Sim, sei que gostam, mas enfim, isso é... isso é uma verdadeira... embora, francamente, eu esteja fora de perigo agora, se estiver tudo bem. Sim. Sim.

Oh, mas Stephen, você é muito interessante, sabe. Sabe o que eu queria muito perguntar-lhe. Sim, por favor, pergunte. Sendo médico, um osteopata, sabe tudo sobre o corpo humano e as diferentes... a estrutura do corpo e os ossos e por aí fora. Agora, o que acontece consigo quando sai do seu corpo?

E como se sente quando não há órgãos de espécie alguma e não há ossos nem nada disso? Que tipo de forma tem? Bem, na verdade, no que me diz respeito... sim... mesmo agora... sim... para todas as aparências externas, e certamente para a minha sensação, se o puder dizer assim, o meu corpo é identicamente o mesmo. É. Na aparência e na estrutura, na aparência, de certa forma.

Quero dizer, não sei. Perguntou-me algo e acho que é, de certa forma, embaraçoso de responder. Tudo o que posso dizer é que me sinto identicamente o mesmo e pareço identicamente o mesmo. A única coisa é que certamente não tenho qualquer tipo de corpo físico como tal, mas sem qualquer um dos seus defeitos. Ah, sim, mas e quanto aos ossos e às coisas que uma pessoa tem? Sente algum osso? Bem, não posso dizer que sinta quaisquer ossos no sentido em que sinto, se mover o meu braço ou a minha cabeça... sim... que, como se poderia estar na terra, consciente dos ossos.

Sim. Mas sei que pareço ter uma estrutura óssea e tudo esse tipo de coisas, mas na verdade, eu não... bolas, eu realmente não sei. Não creio que seja... obviamente, não é o mesmo corpo. Tudo o que posso dizer é que parece, para todas as aparências externas, e certamente se sente idêntico ao corpo terreno, mas provavelmente de uma forma muito mais, não sei, refinada, por assim dizer. São nuances pouco cristãs, claro, francamente. Nunca pensei necessariamente nisso.

Nunca pensei em mim como tendo ossos e tudo esse tipo de coisas. Sei que eu, como digo, pareço o mesmo, mas se sou estruturalmente construído da mesma forma, com os mesmos materiais, realmente não creio que possa ser. Não. Nunca sequer pensei nisso, não seriamente. Bem, pensei em perguntar-lhe, porque acabou de passar por esta fase. Bem, não pareço um fantasma insosso, nada disso. E tenho formas e tudo o mais. Bem, não... Certamente não parece o que eles chamam de fantasma, apenas

fantasma, pois não? Não, eles... não sou nenhum espectro. Não é o quê? Espectro. Oh. Desculpe. Oh, bom, bom.

Ainda bem. Bem, não lhe pergunto mais nada, mas acabou de me falar sobre algo muito interessante, e aprendi muito com o que disse, o que é melhor para quem ainda está na terra, que é a forma como explica as coisas. Está aí? Já fiz tudo lá fora. Estou apenas a tentar recompor-me aqui e ali, a perguntar-me o que é pensar sobre isso. Há mil e uma coisas. Dizem que, se continuar a falar, é melhor para usar a sua voz. Não sei. Sim, é verdade. Ajuda, num sentido.

Oh, sim. Acho que também, pelo que percebo, depende bastante do indivíduo, do que ele está a dizer. Sim. Quero dizer, a sua pergunta deixou-me desorientado. Oh, a mim também. Francamente, nunca pensei seriamente na minha aparência, tudo o que sei é que pareço bem, que me sinto bem. Parece que não precisamos de nenhuma das coisas que, quando chegámos pela primeira vez, pareciam essenciais, necessárias, mas na verdade não são. De qualquer forma, vou fazer-lhe a mesma pergunta outra vez. Estava a instruir-me em Espanha. Esteve lá, não esteve? Não sei o que é Espanha. Certamente estive em Inglaterra. Tem andado a passear.

Oh, sim, tenho estado a ver todo o tipo de coisas e lugares, lugares que teria gostado de ter visitado. Oh, sim. A minha velha cozinha dois ou três frascos, sabe, com todos os rendilhados e tudo o mais. Ficar nos melhores hotéis e ninguém sequer sabe que estou lá. Acho que estive em Nice duas vezes, recentemente. Oh. Sim. E estive em Roma, Paris. É uma coisa extraordinária, ser capaz de me deslocar, fazer coisas, visitar lugares, e todo o sentido da cultura, as pessoas lá. É bastante claro, para ser franco. Oh, sim. Quando desce aqui.

Sim, sim. Geralmente acho mais fácil "incidir", suponho que se possa dizer, sobre alguém que parece muito sensível e muito recetivo. Não quero dizer que estejam conscientes de mim, mas eles emitem algo. Consigo

perceber pela luz ao redor deles que são simpáticos e que são o tipo de pessoa com quem, bem, é agradável ligar-me. E embora não se apercebam, e certamente não se sugere nada, ou pelo menos eu não o faço, talvez alguns de vós vejam claramente, e estejam conscientes das coisas mais através da agência, por assim dizer, de alguém do vosso lado que é compreensivo. E geralmente acho que é melhor fazer isso.

E às vezes encontro alguém com quem caminho e sintonizo, ou sintonizei com eles, se preferir, e achei muito interessante, e descobri que ver as coisas funcionaria para eles. Sei que soa estranho, mas é o que tenho estado a fazer, mas percebo que não faz muito sentido, de certa forma. É o que eu andava a fazer há algum tempo, na minha primeira vinda para aqui. Ia aqui ou ali. Isso está a tornar-se cada vez menos importante para mim, mas é divertido e interessante andar por aí. É algo irritante, não tanto agora como era no início, não ser capaz de... suponho que soe estranho, porque se podia ver as coisas, estar consciente das coisas, e no entanto nada era sólido ou real, e nunca se podia tocar em nada.

E naqueles primeiros dias, eu estava muito ansioso, num sentido, por comer e beber, e achei muito, num sentido, algo irritante, chato, estar num restaurante, por exemplo; e eu estava a obter algum tipo de satisfação através do ato de eles comerem, e eu providenciava o paladar, por assim dizer. De forma muito peculiar, não sabia bem como explicar, é que eu obtinha alguma satisfação com isso mas, ao mesmo tempo, era um pouco frustrante. Não se consegue. Não é possível obter satisfação. Não, não. É uma espécie de coisa indireta.

Sabe, quero dizer, é muito peculiar. Suponho que tenha sido comigo que, até certo ponto agora, percebi que estava preso à terra por pensamentos e condições; e quando comecei a perceber que podia deslocar-me, e que podia visitar lugares e fazer coisas, comecei a pensar para comigo: oh, bem, não me importaria de estar nalguma quinta, e era quase

numa fração de segundo após o pensamento, ou o pensamento ativo de desejar estar lá e, em consequência, divertia-me assim, estando em todo o tipo de lugares diferentes e conhecendo diferentes interesses e vários indivíduos. Eu podia estar lá quase automaticamente, conforme o pensamento me vinha à cabeça; eu estaria lá e vê-los-ia, e porque tinha nomes e havia algum elo, ligava-me a eles, interessava-me e divertia-me.

Fiquei aborrecido com isso depois de algum tempo, mas tudo isto foi antes de eu realmente começar a ganhar fôlego e a progredir, por assim dizer, para algo, bem, um pouco abaixo do velho material. Divertia-me, no entanto. Diverti-me um pouco. Eu costumava fazer... descobri, por exemplo, que às vezes podia, por pura força de vontade, fazer o que agora, claro, percebo que provavelmente não deveria ter feito, mas havia partidas e coisas assim — não que eu fosse um pregador de partidas por natureza, mas às vezes ficava um pouco enfurecido por as pessoas não me verem ou não me levarem a sério, e fazia coisas tontas e estranhas, tentando atrair a atenção delas, ocasionalmente no trabalho; e elas ficavam conscientes de algo estranho a acontecer, mas invariavelmente, claro, atribuíam-no a alguma coisa estúpida na sala ou, sabe, não prestavam atenção. Isso deixava-me mais furioso do que nunca depois de algum tempo. Fartei-me disso e parei.

Mas tentei atrair a atenção aqui e ali, muitas vezes, e uma vez aconteceu a alguém, e perguntaram à figura, porque não há nada de errado com o mundo, sou eu. Ha ha ha! Diria que pensa que tem de ir a casa do Sr. Ferguson, e chega lá num instante. Como chegou lá? Bem, agora sei, claro, o que não compreendia então; e, de facto, aconteceu-me quase por acidente, por assim dizer, que eu queria estar... pensei como seria bom estar nalgum lado, perguntei-me o que uma certa pessoa estaria a fazer, e era como se por um segundo, um momento — pode ter sido mais longo, claro — eu perdesse uma espécie de consciência e depois ficasse consciente,

digamos, de um novo lugar, de uma nova condição, de um indivíduo, percebe?

É como se, quase por um segundo — pode ser mais, não sei — perdesse a consciência. Por outras palavras, perde-se a perceção de um certo lugar ou condição e depois, de repente, fica-se ciente de outro lugar ou condição e está-se realmente lá. É exatamente assim. Nunca tive uma experiência como essa antes. Acho que é apenas a perda de consciência de uma condição de vida e o tornar-se consciente de outra. Mas tudo acontece, ou parece acontecer — pode levar algum tempo, realmente não sei. Não tenho qualquer sensação, por exemplo, de viajar propriamente dita. Por exemplo, não me sinto a flutuar sobre telhados e através do mar e depois a dizer subitamente: "Ah, aqui está Paris". É isso que eu quero saber?

Não, bem, nunca tive essa experiência, mas não creio que se deva descartar a ideia porque creio que já aconteceu a pessoas; e acho que o que realmente acontece, e o que me foi dito, é que acontece a pessoas que ainda estão na terra e, no seu sono, fazem viagens astrais e estão conscientes de flutuar no espaço e estão conscientes de flutuar, por assim dizer, através do céu sobre telhados e por aí fora, e aterrar em certos lugares. Acho que é uma coisa inteiramente diferente. Quando ainda se está ligado ao corpo, de alguma forma estranha, o cordão que liga o espírito ou a alma ou o que quer que seja ao corpo físico é tão elástico em si mesmo, de alguma forma estranha, que se continua ligado ao corpo físico por ele e isso restringe-nos, creio.

Mas quando morremos, quando estamos completamente cortados do corpo material e não estamos de forma alguma ligados, então é uma questão inteiramente diferente. É uma questão de consciência, de estar num certo lugar, ou destinado a estar num certo lugar. E não há esforço, não há algo a segurar-nos, é a isso que realmente se resume. Acho que enquanto se está obviamente ligado ao corpo e à coisa material, e não morto como o

mundo entende, então somos impedidos, ou dificultados, ou retidos pela ligação com o corpo físico. Esse passo acontece e estamos cortados, então ficamos livres, completamente livres do corpo; e o espaço e o tempo, parece-me, já não nos seguram, percebe?

E podemos, mentalmente, por assim dizer, pelo mero pensamento, transportar-nos para qualquer lugar ou condição para o qual tenhamos tornado possível estar. Quero dizer, por exemplo, eu não conseguiria entrar num nível muito mais elevado de temor, porque não atingi a consciência disso. Percebe, o ponto central de tudo é que penso que se pode viajar e pode estar-se em lugares de acordo com a nossa perceção consciente dessas condições ou lugares. Mas não até que esse tempo tenha sido atingido. É por isso que, por exemplo, quando se está ligado ao corpo e se pode fazer viagens astrais, continua-se muitas vezes restrito a condições astrais, porque a consciência do eu não tem perceção de nada além dali.

E também, em segundo lugar, continua-se fisicamente ligado à matéria e ao próprio corpo por este tipo de cordão etérico, ou como lhe chamam, e por isso é restritivo. Mas uma vez que se passe isso, uma vez que se quebre esse cordão etérico pela morte, então não há restrições e pode-se elevar para e estar em condições, todo o tipo de lugares e condições, de acordo com o pensamento. Ah, sim, compreendo agora. Compreendo agora. Explicou muito bem. Obrigado. Bem, é muito difícil de explicar, porque devo admitir que acho difícil compreender certas coisas, mas sou muito bom a assimilar conhecimento e a apanhar coisas aqui e ali, sabe, e as coisas têm-me sido explicadas, e às vezes não fizeram sentido ou não as compreendi totalmente.

Mas a maioria das coisas que me explicam, compreendo-as bastante bem, mas há algumas coisas que acontecem. Por exemplo, veja bem, com a senhora, estive aqui uma vez quando estava definitivamente fora do seu corpo e estava profundamente a dormir na cama; e porque eu estava aqui

— não só eu, mas várias pessoas, a sua mãe, que conheci, e o seu irmão, e também o Dr. Marshall, porque às vezes nós vimos; eu não venho tanto como os outros, francamente, mas nunca ficámos acordados com frequência — mas eu estava nesta ocasião e a senhora estava definitivamente fora do seu corpo, porque o seu corpo físico estava deitado na cama, profundamente a dormir, e a senhora estava fora dele.

E tentámos... eu estava um pouco frustrado, mais do que eu próprio, porque não me sinto proficientemente apto para fazer grande coisa a esse respeito, mas estava muito solidário, naturalmente interessado, e eles tentaram convencê-la, ou levá-la, para o mundo etérico, como lhe chamam.

Estavam a ter alguma dificuldade consigo, eu não sabia do que se tratava, se era por a senhora não estar... não sabia bem o que era, mas havia alguma dificuldade. Enfim, pouco tempo depois, provavelmente apenas dez minutos, a senhora acordou novamente. Acho que deve ter estado, ou não, a descansar, provavelmente a dormir. "Eu não estava bem a dormir". Não estava totalmente fora, sabe. Sim, sim, sim. Mas eu sei que eles tentam, e sei que às vezes têm sido muito bem-sucedidos em a senhora deixar o corpo e viajar no espaço. E uma vez vi o seu marido, mas ele estava sentado no seu quarto, e acho que estava à espera que a senhora deixasse o corpo. Mas não acho que deixe o corpo assim tanto, francamente.

Acho que há alturas em que provavelmente deixa. Mas, sabe, conheci o seu marido e não sei muito sobre ele, claro, mas ele é um tipo porreiro, e é um bom contador de histórias também. Se ele o diz. Na verdade, é muito afortunada, realmente, porque parece estar rodeada de amigos, rodeada de pessoas. Nunca estive aqui sem que houvesse pelo menos várias pessoas. Muitas vezes o seu irmão, e muitas vezes a sua mãe. Sim. E numa ou duas vezes conheci Frédéric Chopin. Oh, sim. Oh, sabe qual é a razão disso? Porque creio que tive muita "re-informação". Bem, pode ser, não saberia

muito sobre isso, mas é bem possível. Consigo imaginar que são almas bastante antigas, não é? Oh, sim.

Queridas almas antigas. Almas muito antigas. O meu pai disse-me uma vez: é uma maravilha não lhe terem dado um bilhete de época. A sério? Quer dizer que tem andado a ir e a vir? Sim. Em corpos diferentes e tudo isso? Sim. Bem, nunca percebi bem isso. Tinha algum interesse para mim, mas não sabia realmente muito sobre reencarnação. É bem possível. Ficará a saber. Oh, não gostaria de pensar agora que teria de voltar e passar por tudo outra vez. Pessoalmente, suponho que tenha um bom propósito e razão, mas eu não quereria particularmente, eu próprio, voltar. Não, agora não.

Agora, já passou para o outro lado antes. Esteve evidentemente no Egito, não esteve? Sim, eu sei, mas não me agrada muito a ideia disso. Tive alguma consciência disto, mas não queria voltar outra vez. Aprendi a não pensar em voltar outra vez. Ajustado à minha nova vida, mas francamente, oh, espero que não. Não gostaria de pensar que tinha de voltar outra vez. Bem? Sabe, adoro vir falar consigo. Adoro isso. Sabe, sei que dou muito trabalho, percebe.

Bem, gosto de pensar... gosto da forma como faz coisas boas. Bem, faço o meu melhor, mas francamente sinto, às vezes, que não estou exatamente à vontade aqui — não diria isso — mas sinto apenas que... bem, como se pode explicar algo assim? Tenho de tentar pensar como lhes posso transmitir isto, e é muito difícil saber. Alguma vez dá palestras a alguém, sim? Não propriamente, não. Não diria que... não, eu não... não diria que dei palestras. Mas já deu... suponho que poderia... bem, dei, sim, mas enfim, não vejo grande interesse em falar sobre isso. Oh, sim, mas eu... Fala tão claramente, tão bem.

Oh, bem, isso é porque estou a fazer um esforço muito, muito especial. Percebo que, se queremos passar através deste tipo de coisa,

temos de pôr realmente tudo o que temos nisso, e temos de nos concentrar com toda a força, sabe, um homem, para reunir os pensamentos e traduzi-los e enfatizar, sabe. É bastante óbvio: não vale a pena hesitar, não vale a pena balbuciar, temos apenas de avançar e fazer o melhor que pudermos. Além disso, gosto muito de vir. É toda uma educação falar consigo, em todo o caso. Oh, ainda bem que também me educa, acredite em mim.

Bem, estamos a ajudar-nos mutuamente, sim. Sim, isso é obviamente... bem, pelo amor de Deus, se quer que eu continue a vir, não diga... não aborreça o Marshall, pois não? Não, não. Sei que não o pode evitar, é natural, quero dizer, não se pode falar contra uma faca assim, pois não? É o seu tempo, e tenho todo o respeito, quero dizer, mas acho que ele se preocupa muito consigo, acho que ele pensa que tem estado excitada demais, e... oh, isso é da natureza dele. Eu sei, mas ele pode vir contra mim. Não que me importe, não tenho medo nenhum dele, mas estou preocupado consigo. Mas o Stephen tem sido maravilhoso, sabe.

Na verdade, ele é um tipo porreiro, uma das pessoas mais simpáticas que já conheci. Oh, eu gosto muito dele. E ele tem um sentido de humor maravilhoso, realmente, um humor seco. Na verdade, ele é uma pessoa muito, muito simpática, dou-me muitíssimo bem com ele. Tem sido muito doce e muito amável para comigo, e sei que tudo o que diz é para o bem, é para o melhor para o indivíduo. O mesmo para si e para mim, imagino. E ambos temos consideração por ele, e você e eu... tem sido feito muito por si e tem sido feito muito por mim, e não devemos, bem, tomar as coisas demasiado como garantidas, sabe, quero dizer, devemos tentar colaborar. Oh, eu tento, eu tento. Mas o que eu adoraria, sabe, conforme for aprendendo, venha cá contar-me.

Não consigo aguentar-me tão bem esta noite, deve perdoar-me por isso, mas tentei aguentar-me o máximo que pude. Enfim, talvez na segunda-feira, quando nos virmos outra vez, possamos ter uma conversa a

sério. De qualquer forma, sabe que faço o meu melhor. Não a deixarei ficar mal, velha querida. Provavelmente é saudável. E cuide de si, e Deus a abençoe. Adeus.

* * *

Comunicadores: Dr. Stephen Ward e Jane Stirling, filha da casa onde Frédéric Chopin ficou, no Castelo de Stirling, na Escócia).

070464

(A Aluna e Benfeitora. *Stirling começou a ter aulas com Chopin em Paris, por volta de 1843. Embora fosse uma pianista talentosa, Chopin considerava o seu estilo por vezes demasiado rígido. Proveniente de uma família abastada, Jane apoiou Chopin financeiramente de forma discreta, muitas vezes enviando-lhe dinheiro anonimamente para não ferir o seu orgulho. Face à Revolução de 1848 em Paris, Jane Stirling organizou e financiou uma digressão de Chopin pela Inglaterra e Escócia. Apesar do sucesso social, a viagem foi fisicamente devastadora para o compositor, cuja saúde (tuberculose) já estava bastante debilitada.*

Após a morte de Chopin em 1849, Jane Stirling assumiu a missão de preservar o seu legado: Pagou as despesas do funeral e o transporte da irmã de Chopin, Ludwika, para Paris. Comprou muitos dos pertences de Chopin (incluindo o seu piano Pleyel) para garantir que não se dispersassem. Conservou e organizou diversos manuscritos e objetos pessoais, que mais tarde foram entregues à família do compositor na Polónia, formando a base de coleções museológicas atuais.

Jane Stirling nunca casou e vestiu-se de luto pelo resto da vida após a morte de Chopin, dedicando-se inteiramente à memória do mestre. Editor.)

Lendo a diferença... Olá. Oh, eu sei quem é. Tu não és... tu não és o fundador que pensas que és; tu não pensas que és e as outras pessoas também não pensam que és... quem é o fundador? A tua voz não soa como costuma soar, pois não, Ward? Meu Deus, quem é...? Este não é o Ward. Alguém está a imitar. Quem está a falar? Se és o Ward, nunca soube que também eras ator. Artista osteopata e agora ator? Não saberia dizer. Não comeces a personificar ninguém. Deus acaba de fazer o que eu estava... estava a pregar-te uma partida. Oh, tu!

Estava a repetir algumas das coisas que tenho ouvido, sabes. "Panda pavoroso", sabes, "os justos merecimentos de Deus", "belo espetáculo, rapaz", toda essa tontice. Tens ouvido isso ultimamente? Oh, tenho estado a ouvir coisas, sabes. Sim, na verdade, sabes, realmente é bastante divertido agora, num certo sentido. Sim, estou a ver. Suponho que, de certa forma, não devesse, mas vejo o lado engraçado da coisa. Sim, deves ver o lado engraçado, porque é engraçado como todos tivemos de pagar o preço.

Sim. Nunca soubeste de um livro escrito recentemente? Ouvi falar disso. Ouvi falar, mas não o li. Eu acabei de começar a lê-lo. Não o leste? Não, mas quero dizer que é muito a teu favor. Oh, muito bom. Ludovic Kennedy, conheces o nome? Sim, Ludovic Kennedy. Bem, ele tem estado a criticar o juiz, para começar. Aquela coisa, sabes... Griffiths Jones. Pelo que li até agora, ele é muito divertido. Quem, o juiz? Não, não, não o achei nada divertido. Não, não. O Ludovic foi engraçado sobre o Griffith Jones. O Griffith Jones é o homem que não te estava a defender, ele era... tu conheces esse Griffith Jones, não conheces?

Enfim, estás a pensar no caso judicial. Caso judicial, sim. Bem, acabei de começar a ler o livro, por isso tens de me contar tudo, hã? Tens de me contar tudo. Sim, contarei assim que terminar o livro. Então, alguém escreveu realmente um livro sobre mim, sobre a minha vida? Sim, suponho que sim, mas não é de todo contra ti. Este homem, pelo que li, parece pensar — como tu já me disseste — que foste o bode expiatório do *establishment*, e isso está escrito a preto e branco no livro. Claro que fui um autêntico bode expiatório.

Sim. E agora as raparigas... as raparigas que estão... quero dizer, a Chris está na prisão, não está? Sim, ela deve sair a qualquer dia, não deve? Ela está a

pagar o preço. Não é engraçado como todos os outros saíram impunes? E o que tens andado a fazer, Stephen? Oh, o que tenho andado a fazer... a vasculhar, a organizar as coisas, a organizar-me a mim próprio, a tentar descobrir tudo o que me é possível. Não me estou a sair nada mal, considerando que... bem, diverti-me imenso. Ouvi algo sobre este livro, mas não sabia bem se tinha sido publicado; não sabia exatamente qual seria a atitude dele.

Então já saiu? A atitude, até agora, é muito a teu favor. Oh, muito bom também. Sim, agradeço a amabilidade da pessoa em questão, mas não suponho que faça muito bem. Não sei, talvez faça. Pode ser que torne as coisas um pouco mais fáceis para outros no futuro, embora não saiba... uma vez que ficas do lado errado do *establishment*, já foste. Não há justiça então; alguém tem de pagar o preço. Sim, eu sei. Como estão todos, querida? Oh, eu estou bem. Pareces bem. Continua a falar. Não... vão dizer que desapareceste, a intenção desapareceu. Batalha muito difícil. Ainda não me habituei realmente a isto, mas acabarei por me habituar.

Sim. E o que é isto sobre a Mandy? Compreendo que ela vai ser atriz de cinema. Valha-me Deus, ela vai fazer o papel de Christine Keeler? Meu Deus, ela nem precisará de representar. Um bocado estúpido, na verdade, quando se pensa nisso. Ainda assim, suponho que não o devesse dizer. Eles não levarão os meus cinco xelins; não vale cinco xelins, na verdade, sabes. Só serve para mostrar, não é? Sim. Sensacionalizando tudo. Extraordinário. Ainda assim, parece que fiz algum bem a alguns deles. A imprensa está muito... no *Daily Mirror* há uma fotografia tua muito simpática e estão a falar sobre este livro que saiu. Oh, queres dizer as críticas? Estão a criticar o livro, estão?

Sim. Deves conhecer o Ludovic Kennedy, não conheces? Sim, claro que sim. Não o conheço terrivelmente bem, não. Mas ele está muito do teu lado. Oh, isso é muito bom. Qual era o título outra vez? Suponho que seja... oh, não sei... bem, acho que é muito bom que saia outra vez, sabes. Desde que não te afete. Espero que não me afete minimamente. Francamente, quero dizer, não me importo... não vai fazer diferença para mim. Desde que não te afete, fico muito,

muito contente por certamente não me afetar minimamente, porque já deixei tudo resolvido há eras.

De certa forma, fico surpreso por alguém escrever um livro, especialmente sobre mim. De todas as pessoas, não pensaria que fosse assim tão interessante. Oh, bem, é a injustiça do tribunal, sabes. Oh, alguém percebeu isso. Sim, bem, isso é bom. Sim, bem, eu não fiquei inerte; eu sabia disso, mas eles não conseguiam apanhar-me por uma acusação e pretenderam apanhar-me por outra. Isso foi bastante óbvio. Sim, eles tentaram várias coisas. Queriam ter a certeza absoluta de que eu ia pagar o preço, sabes. Sim, mas enfim, não penses nisso. Bem, não estou a pensar nisso.

Acho que foste tu que discutiste isso primeiro, e tu... já não me lembro agora, mas não importa realmente. Posso falar sobre isso de forma bastante... bem, sem qualquer tipo de emoção, desapaixonadamente. Oh sim, de forma desapaixonada. Faz diferença. Sinto tanta pena pela Valerie, sabes. Por quem? Valerie Profumo. Oh, acho que ela tem sido maravilhosa, sabes. Sim, ela manteve-se ao lado dele e tudo o resto. Acho que ela é realmente uma das poucas de nós que saiu disto com distinção, sabes. Sinto mesmo que ela é uma pessoa maravilhosa.

Sim, porque ele também... bem, provavelmente não deveria dizê-lo, mas enfim. Na verdade, eu poderia dizer muito, mas nunca o faria; não traria qualquer benefício. Mas acho que ela é maravilhosa pela forma como se manteve firme; tem sido, ao longo de todo o processo, de grande ajuda. Porque, acredita, eu poderia dizer imenso sobre certas pessoas, mas não traria qualquer benefício. Não há sentido nisso. Mas acredita em mim, as pessoas que deveriam ter ido para o "casco" são as mesmíssimas pessoas que se estão a bronzear ao sol e a divertir-se nas melhores estâncias e tudo o mais.

Sim, creio que sim. Tenho a certeza. Não acho, sei muito bem. Quero dizer, é fantástico; é realmente, quando pensas na justiça britânica... bem, os pratos da balança foram fortemente inclinados contra mim, mas foi tudo bastante acumulado e deliberado. Tenho a certeza que estás aí. Tive de pagar o preço, com certeza. Não estou arrependido — quero dizer, não me arrependo de nada.

Percebo que todos nós, bem, pagamos o preço mais cedo ou mais tarde. Mas pareceu-me que... bem, suponho que não devesse ter tirado a minha própria vida; foi errado.

Mas no livro está a ser mostrado muito sobre as injustiças da lei. Oh, acho que não há dúvida sobre isso. Mas justiça britânica... injustiça. Uma vez que ficas do lado errado do grupo, já foste, companheiro. Podes fazer o que quiseres, desde que o faças silenciosamente e não os arrastes para o meio. Mas, meu Deus, se eles virem um dos seus rapazes ser arrastado e isso trouxer qualquer descrédito ao grupo, então tratam de garantir... Estás a falar de uma caça à raposa. Não consigo compreender porque é que as pessoas não se chegam à frente e expõem aqueles que foram vistos através de tudo; fazes um grande barulho sobre isso. Apenas este tipo que escreveu o livro é que se chegou à frente, mas claro, suponho que até ele tenha de ter cuidado, hein?

Creio que ele não tem cuidado nenhum. Não sei o que vai acontecer. Consigo ler-te por completo. Oh, consigo ver-te sentada na cama; não descansarás enquanto não o leres. Não descansarei. Trouxeram tanta tontice para o caso. Sim, realmente, francamente, fiquei abismado com algumas das declarações que foram feitas. Simplesmente não conseguia acreditar que estava a ouvir bem, sabes. Certas declarações... na verdade, certas coisas foram ditas que, francamente, me deixaram completamente sobrecarregado e confuso. Não conseguia acreditar que as pessoas pudessem ser mentirosas tão chocantes, sabes. Com o devido respeito às raparigas, elas certamente vieram com algumas histórias.

Sim, vieram, especialmente uma delas. Mas, ainda assim, não guardo qualquer má vontade. O que está feito, está feito. Quero dizer, eu realmente não sei. Já vi espetáculos; não quero falar sobre isso. Não vou comprar essa história, mas provavelmente compreenderei. Bem, eu sabia que eles pretendiam "liquidar-me". Achei que era tão óbvio. Cheguei ao ponto em que pensei: "bem, já foste, companheiro", e simplesmente não me apeteceu continuar. Parece que tens uma visita; alguém está a tocar à tua campainha. Foi...? Oh, ouvi-a tocar, sim. Mas não quis dizer nada.

Oh, não digas nada, a sério. Estás à espera de alguém? Não, não, ninguém. Não te preocupes com isso. Acho que é alguém que se esqueceu da chave. Oh, compreendo. Certo. Não, não, porquê? Não, eu não daria uma espreitadela. Deste uma espreitadela? Que doce. Tu és realmente um amor, sabes. Mas pôs-nos a todos... bem, e há várias campainhas para tocar. Os rapazes lá de baixo... porque é que não tocam naquela campainha? Consegues ver quantos são? Stephen, estás aí? Perturbado. Não me importo, eu volto. Sim, consegues ouvir-me? Sim, consigo ouvir-te bem. Não creio que a campainha volte a tocar.

Oh, eles estão bem agora. Vamos saber do que estamos a falar. Não creio... oh, estão a falar do julgamento. Bem, tens de ler este livro e deixar-me saber. Sim, sim, estarei muito curioso e muito interessado. Vou tentar e... não sei. Não mimes... oh, olá. Sim, consigo ouvir-te. É um bocado difícil, não é? Não te consigo ouvir agora. Olá, Stephen. Olá, Stephen. Oh, não creio que o Mickey crie tal comoção com alguém que esteja lá em cima e se tenha esquecido da chave. Não tenho a certeza se consegues ouvir agora.

Oh, sim. Consegues ouvir agora o que digo? Sim, obrigada, Jane. Consigo agora, Stephen. Só pensei que gostarias de saber que eu estava aqui. Oh, estou aqui com o Frédéric. Oh, ótimo. Estamos todos a tentar ajudar o nosso novo amigo. Oh, sim, o Sr. Stephen. Ele é uma pessoa tão simpática e tenho a certeza de que, quando se habituar mais a isto, tornar-se-á um comunicador muito bom. Ele é um jovem muito fino e gostamos muito dele, de facto. E ficámos todos com muita pena de tudo o que aconteceu; foi uma tal lástima. Claro que ele teve as suas falhas, mas quem não as tem? Ninguém é perfeito.

Mas eu só queria que soubesses que não me esqueci de ti, embora não tenha vindo há algum tempo; e que estamos todos aqui esta noite. Estamos a fazer o nosso melhor, como sabes, mas é natural que seja um pouco difícil por vezes, compreendes. Claro. Fico tão contente por te ver com tão bom aspeto. Oh, e os médiuns aguentarão, espero. Sim, eu estou bem. Oh, que doce da tua parte vires falar, Jane. O Stephen ainda está aí? Ainda está aqui, mas acho que achou isto um bocadinho cansativo. Oh, acho que ele perdeu o contacto, como lhe chamas, sabes. Ele não pareceu ser capaz de regressar devidamente.

Por isso, um de nós decidiu — dois de nós decidimos ser uma casa... Frédéric. Oh, ele está muito bem e muito ocupado, claro, e muito feliz. E, claro, acolhemos este novo amigo sob a nossa asa e estamos a fazer tudo o que podemos por ele, todos nós aqui, porque sabemos que ele foi um membro do nosso grupo há muito tempo. Conta-me algo sobre isso, Jane, se puderes. Achas que consegues? Claro, conta-me. Ele era uma pessoa muito simpática há muito tempo. Sim, em Roma. Em Roma? Sim. E também era um "bumpy"... um quê? Um "bumpy"... oh, como lhe chamam? Uma das nossas encarnações, sim.

E ele também lá estava. Era um artista e era muito habilidoso também; costumava decorar as casas com murais. Oh, sim. Mas foi morto. Foi morto no terramoto na erupção do Vesúvio. Mas esse é o elo. Ele não estava exatamente ligado de forma próxima, mas estava ligado porque era aceite pelo seu talento e pelo seu brilhantismo ao fazer decorações, creio. E estava a trabalhar nalgumas decorações na altura, durante a erupção do Vesúvio; e antes de conseguir escapar, foi morto. Na verdade, foi morto por um pilar que caiu, pelo que consegui entender. Se o pilar não tivesse caído e o tivesse matado, ele poderia ter tido uma oportunidade de fugir. Mas, claro, ficou atordoado e, na altura em que provavelmente teria recuperado os sentidos, era demasiado tarde.

Foi o que me contaram, de qualquer forma. Sentimo-nos muito atraídos por ele... desenhos nos "better brothers"? Não sei. Não, não, mas ele fez muito do trabalho que creio que ainda hoje se pode ver em diferentes casas. Oh, e acho que ele era aceite socialmente, o que era algo invulgar na época para artistas ou artesãos — serem aceites nas melhores casas. Mas ele era uma pessoa tão talentosa e muito requisitada, sabes. Sim. Mas talvez alguém te possa contar mais sobre isso do que eu; mas posso assegurar-te que estamos a fazer tudo o que podemos para o ajudar. Ele está muito mais feliz agora.

Oh, graças a Deus. Mas ele teve de voltar para nós, como muitas pessoas fazem, para ganhar experiência e conhecimento. Sim. E o que pode parecer uma tragédia nem sempre é uma tragédia. Pode parecer assim do ponto de vista material, quando se vê do vosso lado, mas não é necessariamente assim deste lado, do aspeto da vida como nós a vemos. Às vezes é necessário que as pessoas

experienciem coisas desagradáveis, para serem testadas e passarem por grandes provações e tribulações. Às vezes tem de ser. Enfim, ele está muito mais feliz agora e está a começar a descobrir muitas coisas; e em breve entrará no seu próprio ambiente e será uma pessoa muito feliz, disso tenho a certeza absoluta.

Ele explica as coisas lindamente. Consigo imaginar bem, porque enquanto ele ainda está associado ou próximo da terra, sim, é natural que tenha, sabes, uma certa habilidade para transmitir, talvez até melhor do que aqueles de nós que cá estão há muito tempo. Às vezes é mais difícil para nós explicar certas coisas que podem ser de grande interesse para ti. Mas enfim, tenho a certeza de que ele fará o seu melhor. Oh, tenho a certeza que sim. É bom falar contigo outra vez, minha querida, e todos enviamos o nosso amor e as nossas bênçãos para ti. Agora está tudo bem, e dá o meu amor a toda a gente, claro, e especialmente ao Frankie. Sim, claro. Sim, obrigada, Jane, por vires.

Olá, Rose. Olá. Posso pedir-te para... sim, tenta usar a tua influência no que diz respeito ao médium, e para que ele não vá, ou não considere, pelo menos por enquanto, fazer quaisquer viagens longas e desnecessárias. Uma viagem longa e desnecessária? Sim. Compreendo que tem havido alguma conversa sobre a possibilidade de ir ao continente. Sim. Eu não aconselharia isso, certamente não por agora. Talvez num momento posterior possa vir a ser, mas não por agora. Apenas fazer uma certa quantidade, como sugerimos, e não se sobrecarregar. Sim. Ele não está em condições de considerar percorrer longas distâncias ou assumir responsabilidades, por mais tentadoras que sejam.

Mas eu preferiria muito que ele estivesse em paz e sossego, que fizesse uma quantidade limitada de trabalho e que cuidasse de si aqui. Com certeza, Doutor, tenho a certeza de que ele ouviu. Sim, ouvi. Obrigada. Cuida de ti, jovem. A pessoa que tem estado sentada contigo é um cavalheiro extremamente simpático, mas ao mesmo tempo, quanto a dar sessões — não necessariamente apenas para ele, mas para qualquer outra pessoa — continua como estás. Espera um pouco; talvez um pouco mais tarde as coisas sejam diferentes. Fica aqui nesta casa, mas não penses em ir para o estrangeiro ainda. Deixa isso comigo. Oh, tenta estar contente. Lamento a interrupção, Rose. Está tudo bem, está tudo bem.

* * *

061155

Comunicador: Stephen Ward. Som gravado a 6 de novembro de 1955 (data mencionada no áudio original), com resistência média. "Consigo perceber que sou capaz de transmitir a minha personalidade, sabem, e o tipo de voz".

Na verdade, eu não sabia realmente que me saía tão bem. Sinto muitas vezes que deveria fazer muito melhor. É muito difícil saber exatamente como é que a nossa voz soa. Não creio que se consiga saber. Acho que a pessoa se concentra — se é que me faço entender — todo o seu ser. Penso que, quanto mais nos conseguimos concentrar como pessoa, sabem, esquecendo todas as influências externas... Por outras palavras, exercer um esforço tal que, presumivelmente, se consiga transmitir, mais ou menos, algo de si próprio como se era. Por outro lado, suponho que tudo dependa do indivíduo e da sua capacidade de se recapturar na memória.

Sinto que, por vezes, particularmente agora — suponho que por estar aqui há bastante tempo e ter feito algum progresso numa vida diferente — não é de todo fácil recuar para o antigo "eu". É quase como se tivéssemos uma personalidade dupla; como se fôssemos algo que nos tornámos agora e, ao mesmo tempo, algo que fomos outrora. É uma espécie de mistura de dois "eus", o antigo e o novo. Sim, não é uma coisa muito fácil de fazer, pois não? Não sei. Embora possa ser mais fácil quando se entra na vida terrena.

Bem, suponho que, de certa forma, seja como uma pessoa quando tem, digamos, 70 anos, e se senta a refletir sobre o passado, tentando recapturar a memória de si mesma quando tinha 20: como era a sua aparência, quais eram os seus pensamentos e ideias, e a sua personalidade em geral. Olhamos para trás e vemo-nos como uma pessoa quase completamente diferente, mas claro que, num sentido, somos. Já não somos os mesmos que éramos há, digamos, 30 anos.

Amadurecemos, mudámos de tantas formas diferentes. É como se fôssemos um antigo "eu" que mal é reconhecível.

É como se estivéssemos a voltar atrás. Temos de nos concentrar imenso para pensar em certos períodos de tempo em que vivemos a nossa vida, nas pessoas que conhecemos, no tipo de coisas que dissemos e no tipo de interesses que tínhamos. Pensamos: "oh, céus, era mesmo eu? Era assim tão estúpido, ou tão atrevido?", e por aí fora, sabem? Enfim, é muito estranho. O que eu sei é que venho aqui e sinto-me perfeitamente em casa. Sempre me senti, mais ou menos. Quero dizer, senti-me um pouco estranho na primeira vez que tentei comunicar, porque tudo era novo e bizarro, mas nunca me senti como se fosse, num certo sentido, um estranho — o que, num sentido, claro que era.

Senti apenas que isto era, de certa forma, o meu lar. Uma coisa muito estranha, porque nunca tinha estado dentro deste lugar antes e nunca a tinha conhecido realmente. Estive aqui algumas vezes isoladas com uma ou duas outras pessoas, como o Dr. Marshall — em liberdade condicional, suponho, sabem? E mostraram-me os meandros, deram-me algumas dicas sobre o que fazer e o que não fazer, e disseram-me para ficar ali parado, como um bom menino, a observar e a absorver tudo. E, eventualmente, "se fores bonzinho, deixamos-te tentar por ti próprio".

Mas, sabem, nunca me senti como se estivesse fora disto. Sempre me senti como se fizesse, de algum modo, parte disto. E, acreditem, meu Deus, a senhora tem um séquito. Parece que não tem noção. Se falássemos de uma rainha... meu Deus, a senhora tem mesmo, sabe? Um verdadeiro séquito que se aglomera ao seu redor. Parece a Rainha de Sabá a ir visitar Salomão. O que é que isso significa? Oh, suponho que tenha vivido tempo suficiente para reunir uma quantidade enorme de pessoas. Suponho que, estando interessada há tanto tempo neste assunto, tendo um interesse tão vasto e profundo e tendo tantas sessões, tenha ido acumulando e acumulando, até que agora tem um séquito. É como... bem... "Bem, o médium é que o deve ter".

Oh, ele. Ele tem um séquito, com certeza, mas são maioritariamente de outras pessoas. São o quê? Maioritariamente de outras pessoas. Sabe, suponho

que, sendo um médium, aparecem todo o tipo de figuras curiosas, parentes de pessoas que se sentaram com ele ao longo dos anos. De vez em quando, eles voltam e pensam: "oh, pode haver aqui uma oportunidade de dizer uma palavra". E suponho que o médium atraia mais, num sentido, porque as pessoas deste lado sabem que ele é uma espécie de via pela qual podem chegar às pessoas na Terra.

Portanto, na verdade, eu não gostaria de ser médium, porque, com as diferentes pessoas que se ligam — boas, más e indiferentes — deve ser um trabalho penoso. Quero dizer, todo o tipo de influências em jogo. Creio que eles têm de ser bastante estáveis. Acho que um médium não só deve ser altamente sensível, claro, para ser médium, mas, meu Deus, deve ter uma vontade de ferro se quiser passar pela vida minimamente bem. Eu sei, ele é muito, muito glorioso também. Suponho que, num sentido, isso seja compreensível, porque são tantas as influências trazidas ali. Quero dizer, por pessoas do vosso lado e pessoas deste. Na verdade, imagino que ser médium seja o negócio mais desconfortável.

Na verdade, eu sei que isto soa a loucura, mas por acaso não esteve hoje a pensar, em particular, num cisne? Num cisne? Sim. Sim. Bem, é a coisa mais extraordinária, porque entre o médium e a senhora, alguém — sei que isto soa a loucura, mas não o posso evitar — colocou o mais belo cisne. Oh. E pergunto-me se haverá alguma razão especial, porque... "Tenho estado a imaginar cisnes na minha mente". Bem, deve ser isso, porque, veja, o seu amor pelos cisnes e o facto de provavelmente ter estado hoje a pensar num cisne trouxe à existência uma espécie de figura etérica, suponho que se possa chamar assim, de um cisne. É extraordinário.

Quero dizer, eu não costumo ver este tipo de coisas. Quando digo que não vejo coisas... quando vejo coisas aqui, para mim, elas são a realidade. Mas isto, percebo que é uma espécie de cisne etérico construído por um pensamento consciente ou subconsciente. Não tem um ser real como tal, mas é algo que obviamente lhe é muito próximo e querido, e deve ter estado a pensar nisso porque, através do seu processo de pensamento, criou isto, mesmo que seja apenas temporário. "Oh, eu explico-lhe como aconteceu, Stephen. Tenho um

hábito de usar fósforos *Swan Vestas*, e há a imagem de um cisne na caixa, e estive a olhar para ela e, na minha imaginação, estou a pensar em cisnes".

Bem, isso só prova, é uma ilustração para mim, tal como provavelmente o é para si; porque sei que, estando eu aqui nesta sala, consigo ver este cisne que foi evocado, e é muito, muito bonito. É muito real, no sentido em que é algo que não é exatamente uma realidade no nosso lado da vida, mas é uma coisa muito real pelo poder do amor que lhe é dedicado. Deve ter uma grande afeição por cisnes. Sabe, as pessoas do vosso lado... na verdade, foi algo que me intrigou ao início, quando comecei a voltar e a saber algo sobre a comunicação.

Às vezes eu via coisas e sabia que, embora fosse, em aparência, uma realidade, havia algo naquilo que não era real; e tive de aprender a distinguir entre a realidade das coisas e a criação de forças de pensamento que constroem imagens. Vejam, em redor da terra existem estas imagens e estes quadros mentais que as pessoas criam quando estão a pensar com muita força, ou quando estão tremendamente interessadas em algo em particular. Ou seja, mesmo que seja apenas temporário nalguns casos — por exemplo, com uma pessoa que possa estar a pensar muito sobre um determinado assunto, evocando-o e criando-o — é como uma espécie de estado de sonho.

É algo que, à sua maneira, enquanto dura, é muito real; e, no entanto, há uma diferença subtil. Quero dizer, por exemplo, agora consigo distinguir muito facilmente entre a realidade das coisas e estas coisas que são trazidas à existência por uma mente subconsciente. E acho que é isso que acontece, francamente, com certos tipos de pessoas que não são realmente médiuns e que provavelmente criam imagens dentro de si mesmas, e até criam personagens falsas e fictícias. Eu não percebia isto até o Marshall me ter alertado para tal nas fases iniciais: ser capaz de distinguir as realidades destas outras coisas que não têm substância real, embora possam parecer ter forma, mesmo que temporária.

E cheguei à conclusão, pelo que o Marshall me disse e pela experiência que fiz questão de adquirir, relativamente a alguns destes fantasmas que as pessoas veem e que parecem ser bastante reais. Por outras palavras, as pessoas do vosso lado veem uma imagem, ou veem uma figura, e veem-na como um fantasma,

mas não tem substância, não tem realidade; é algo que foi criado na atmosfera por fortes forças de pensamento, talvez ao longo de séculos, e não tem realidade como pessoa. Por outras palavras, o indivíduo não está presente; ou seja, a forma fantasmagórica é meramente uma coisa criativa imaginária que surge na atmosfera, por vezes de forma muito poderosa, e pode ser vista.

Aprendi muito sobre isto porque o Marshall tem sido uma grande ajuda para mim. E descobri também que com figuras, pessoas, isto é, na ficção... quero dizer, por exemplo, tomemos um livro que tenha sido escrito e lido por milhões de pessoas, e o autor dedicou imenso à evocação, poder-se-ia dizer, das personagens, criando personagens vivas e muito reais, por assim dizer — tanto que as pessoas quase sentem que elas são reais e que existem. Pelo próprio processo de pensamento das pessoas a concentrarem esse pensamento nos acontecimentos dos indivíduos em questão, elas podem criar temporariamente, numa espécie de alucinação, um mundo; é uma espécie de ambiente muito próximo. É algo onde estas pessoas se podem tornar temporariamente imagens sem qualquer substância fundamental real. Quero dizer, não são pessoas, não são almas, mas percebe o que quero dizer — é terrivelmente interessante.

Oh, bem, estou a pisar terreno já conhecido, peço desculpa por isso. Não quero dizer-lhe coisas que já saiba, mas é tremendamente intrigante. Mas o que é intrigante para mim é este cisne, porque o vi tão distintamente na sala. Já se foi agora, já se foi; possivelmente porque falámos sobre ele e perdeu o seu poder, mas era algo muito forte. E creio que é verdade: quando as pessoas têm um interesse muito, muito forte em algo, elas conseguem... vês, acho que é isso que acontece com os artistas, pessoas criativas. Acho que essa é a beleza da coisa, vês? Um artista criativo pode trazer algo para o seu trabalho que é tão poderoso que tem uma espécie de dimensão além das coisas materiais, e tem uma força viva por trás.

Nunca se pode tornar, claro, meramente uma alma como tal, mas tem uma força ou um poder que é muito, muito forte, e muitas pessoas conseguem sentí-lo, mesmo gerações após a morte do indivíduo que o criou. Qualquer grande obra de arte ainda tem um poder tremendo para comover as pessoas, para afetar as

pessoas, seja grande música ou grandes pinturas, ou o que quer que seja na forma de um esforço artístico no qual o criador tenha colocado tanto de si. Continua vivo, não perde nada; de facto, se alguma coisa, ganha com o tempo.

É fortalecido pelo amor, pelo afeto e pelo interesse que lhe é dedicado por incontáveis milhões de pessoas e, claro, algo assim vive aqui. Não é uma vida no sentido de um ser humano, mas é um "algo" muito vital que se tornou ainda mais real pelo pensamento e pelo amor de inúmeras pessoas que lhe dedicaram tanta admiração e tanto afeto. "Sim, mas é apenas temporário, não é? Não continua a viver". Bem, não, não nesse sentido, não; mas eu estava a pensar mais, num sentido, em relação à música, que, claro, me atrai tanto. Quero dizer, a grande música, por exemplo, ainda continua aqui. Grandes sinfonias continuam a ser tocadas, mas são tocadas num estado mais perfeito, de uma forma mais perfeita e, claro, o som é muito mais tremendo e há muito mais harmonia.

Não consigo explicar isto, mas também se aplica aos grandes artistas que criaram grandes quadros. Esses quadros ainda adornam lugares aqui, grandes edifícios que são usados constantemente pelas pessoas por várias razões; grandes salões e locais de aprendizagem e ensino, grandes bibliotecas onde estão contidos grandes livros, grandes locais onde as pessoas se reúnem para cantar e onde se toca grande música. Vês, tudo isto ainda continua. Tudo o que foi criado em beleza, tudo o que foi criado pelo homem com o poder vindo de dentro de si que vale a pena, ainda existe. São apenas os piores aspetos da humanidade, os piores aspetos do homem, que gradualmente perdem o seu poder. O material físico, tudo isso, perde-se.

É apenas a beleza que permanece e o que vale a pena. É muito difícil explicar isto numa linguagem comum porque não se consegue, realmente, sabem. Não, eu sei. Quero dizer, a cultura de gerações de nacionais, nacionalidades... a cultura nunca é realmente perdida. Quero dizer, seja arte do antigo Egito, ou antiga Abissínia, ou seja algo mais recente; se essa arte foi verdadeiramente criativa, criada com a mente aberta à beleza e às coisas do espírito — por outras palavras, se é algo que tem a vitalidade da vida, falo aqui da vida espiritual, por

trás — se é bom, se vale a pena, se é verdadeiramente belo, se é verdadeiramente criativo no sentido mais elevado, ainda existe. Não se perdeu.

Quero dizer, estive em locais onde as pessoas vivem, nalguns sentidos, poder-se-ia dizer, de forma muito semelhante ao que fariam na terra, mas num sentido mais elevado. Por outras palavras, encontram-se povos que se reúnem e formam comunidades que vivem e têm um tipo de vida que, nalguns sentidos, não é diferente da vida que levavam na terra, sem todos os defeitos. Por exemplo, há pessoas que progrediram tremendamente aqui, mas que ainda preferem e continuam a usar o mesmo tipo de vestuário que teriam usado talvez há 2.000 anos.

Mas se visse as roupas que usam, elas não são apenas muito coloridas; os materiais que usam — e são materiais muito reais, não são algo que foi apenas evocado pela imaginação, embora haja pensamento por trás, claro — mas estas substâncias que são usadas são substâncias naturais extraídas da própria vida aqui. E são formadas, feitas, desenhadas e criadas. E era... vês, as pessoas têm esta ideia vaga sobre o nosso mundo, e é algo, talvez, um pouco insosso, e é algo um bocado religioso e por aí fora.

Não é nada disso. É um mundo muito real e, quando realmente progrides e começas verdadeiramente a compreender do que se trata, e como viver a vida, e como te tornares realmente parte dela, percebes que tudo aqui é criativo, e tudo o que é criativo é trazido à existência pelo esforço. Não te cai subitamente no colo. Não tens subitamente algo só porque pensas que o queres. Não, é feito através do esforço. O que queres dizer? Bem, por exemplo, há pessoas que criam materiais belos a partir de várias substâncias de matéria. Não posso dizer, por exemplo — porque isso não seria verdade — que tenhamos materiais feitos de lã ou retirados de ovelhas ou cordeiros, esse tipo de coisas. Naturalmente, o reino animal é algo que serve a humanidade, mas serve a humanidade num sentido diferente, de uma forma diferente da que existe na terra.

Nós nunca matamos, porque não há necessidade de matar. Em qualquer caso, não se pode matar aqui. Os animais têm a sua liberdade, têm a sua forma de vida, e há uma grande paz e tranquilidade entre o reino animal. E o reino animal

move-se livremente com o reino humano, embora haja, num sentido, uma separação; mas é apenas uma separação de experiência, uma separação de conhecimento, uma separação na medida em que a raça humana é mais avançada. No entanto, há substâncias que são extraídas...

Não consigo descrever isto com exatidão, mas existem substâncias que são extraídas do meio natural, da própria natureza, que podem ser utilizadas e transformadas em várias coisas, como material para casas; e também se podem extrair coisas do solo, que é tão sólido e real para nós como o vosso mundo o é para vós — substâncias que são tão reais e naturais para nós como as substâncias do vosso mundo o são para vós. Estes são materiais de construção, ou materiais que usamos para construir; e os arquitetos desenham os edifícios e os artesãos criam-nos. Por outras palavras, pessoas que adoram usar as mãos num sentido criativo e usam estas diferentes substâncias para criar edifícios ou roupas.

Sabem, as pessoas parecem ter esta ideia de que basta pensar num edifício bonito e ele aparece; não é assim. Pode ser assim, num certo sentido, nalgumas esferas próximas da terra, onde a força do pensamento é tal que certas coisas lhes são necessárias e elas estão num estado de ilusão, mas isso é algo muito temporário. Na realidade da vida aqui, quando fazemos algum progresso, percebemos que não ficamos apenas sentados, ou a andar por aí, ociosamente sem fazer nada; trabalhamos na comunidade e com a comunidade, mas fazemos coisas que nos atraem, coisas que são a realidade em si e criativas.

Por exemplo, uma pessoa que queira compor grande música continua a compor grande música; um grande artista que queira pintar tem materiais para pintar grandes quadros e murais — aliás, muitos grandes artistas trabalham nos murais dos edifícios aqui, e usam materiais que, nalguns sentidos, não são diferentes dos materiais da terra. É difícil explicar isto, mas o ponto é que existe uma solidez e uma realidade nisto; nada está lá apenas pelo desejar, é preciso fazer o esforço. Pessoas que adoram costurar e fazer coisas com as mãos, seja algo muito simples, podem fazê-lo; e existem materiais que, de certa forma... não digo que sejam exatamente iguais, mas não o são, e nem todos vêm das mesmas fontes, ou das fontes que se esperaria ou que se conhecia na terra.

As substâncias, nalguns sentidos, são muito semelhantes ao tipo de substâncias que tinham na terra para trabalhar, mas nenhuma forma de vida sofre. Enquanto no vosso mundo, para criar algo, muitas vezes para fazer algo criativo — possivelmente no reino animal em particular — um animal tem de sofrer ou ser usado para benefício do homem, aqui é uma coisa completamente diferente. É como se a própria natureza criasse coisas por sua própria iniciativa que podem ser usadas, e se desse de livre vontade à humanidade. Não sei como o posso explicar. "Por natureza, refere-se a árvores?" Sim, mas veja, quando falamos de natureza — e percebo que assuma naturalmente e com razão, pois é só por isso que pode julgar ou experienciar as coisas — a senhora pensa na natureza sob a forma de árvores e florestas e no chão, na terra e em todas as coisas que lá crescem, no reino animal e por aí fora.

A questão é que, quando falamos de natureza, uso este termo apenas para tentar explicar algo, e mesmo assim é muito pobre; mas na natureza, se puder usar o termo novamente, todo o tipo de outras coisas são providenciadas. Por outras palavras, a natureza está o tempo todo a recriar, a dar e a trazer à existência certas coisas e substâncias e certas formas de... eu ia usar o termo "vida", o que num certo sentido é verdade. Mas toda esta vida, toda esta substância, ou o que quer que lhe queiram chamar, não lhe consigo dar um nome ou forma exata, mas no entanto faz tudo parte de uma existência natural na qual nos encontramos, que se está a dar à humanidade para ser usada.

Por outras palavras, não é algo que se esteja a tirar; é algo que vos está a ser apresentado, que vos está a ser dado, que está a ser formado para vós, para que o possam pegar e usar para a beleza da vida e para a melhoria da vida. Por outras palavras, tudo o que é feito aqui funciona — não sei se me estou a exprimir bem — funciona segundo um tipo de padrão. É como se tudo tivesse o seu lugar por uma razão; nada é posto ali sem uma razão, nada é apresentado sem um propósito. Vejam, tudo se encaixa numa forma ou num padrão. Não sentem, por exemplo, que se quiserem fazer algo aqui, para o fazerem têm de tirar de alguma outra fonte que possa ser prejudicada; é que outra fonte, se o pudermos dizer assim, está a oferecê-lo com amor e com todo o desejo de que o usem.

Por outras palavras, está a contribuir, tal como nós contribuímos uns para os outros na nossa evolução e na nossa consciência de progresso e desejo por ele; assim, todas as outras coisas que não são humanas — isto é, do ponto de vista da vida humana ou da personalidade — também se estão a apresentar. Vejam, se conseguirem imaginar um mundo, o nosso mundo, no qual tudo está a contribuir para o bem comum; ninguém tira do outro em detrimento do outro, seja individualmente ou no sentido da natureza. Enquanto o homem abusa da natureza, aqui a natureza contribui para o homem, mas não é abusada pelo homem. É algo quase difícil de explicar, porque somos, num sentido, parte da natureza e a natureza é parte de nós; e se o homem conseguisse perceber isso na terra, numa maior extensão — que a natureza está a contribuir de livre vontade... Mas a questão é que o homem nem sempre percebe o que deve tirar da natureza e o que não deve tirar.

O homem aprendeu a matar, o homem aprendeu a usar a natureza, muitas vezes de uma forma para a qual nunca foi destinada e, em consequência, ele destrói, muito frequentemente, coisas que pela sua própria natureza teriam dado, e que dão, nalguns sentidos dão. É muito difícil colocar isto da forma que quero, mas aqui tudo é... eu ia usar a palavra "perfeito", talvez não seja a palavra correta a usar, mas tanto quanto é possível atingir ou conhecer uma forma de perfeição, é isto. É um mundo em que tudo contribui de livre vontade para o outro, para o bem comum e para a felicidade de todos os envolvidos; e cada aspeto da vida aqui é uma fonte natural e uma sequência natural de eventos. Não sei como o posso explicar. "Oh, eu ouço muito bem o que está a explicar".

Quero dizer, não pense, veja — e tenho a certeza de que não pensa isto — mas nós somos pessoas reais, somos sólidos na nossa estrutura. Não sugiro que tenhamos uma estrutura física identicamente igual à da terra, por exemplo, embora a pessoa se possa ver a si própria ou ver os outros, se preferir, e parecemos identicamente iguais a como éramos na terra no nosso auge — ou seja, temos forma e feitio, temos mãos e unhas e por aí fora; então é verdade, para todas as aparências externas, somos. Mas cheguei à conclusão de que não somos identicamente os mesmos num sentido fundamental. É como se, de

alguma forma, tivéssemos atingido... antes de continuar com esta questão da perfeição, que considero irritante porque possivelmente não existe tal coisa, não sei... mas parece, de qualquer forma, que atingimos uma forma de perfeição.

É como se perdêssemos os piores aspetos de nós mesmos, sejam mentais ou físicos, ou ambos; e retemos tudo o que é bom, tudo o que é necessário. Mas, por exemplo, não que alguém fosse capaz de cortar o dedo, mas, veja, a questão é esta: os nossos dedos, para todas as aparências externas, são os mesmos que eram na terra, mas não creio que tenhamos sangue, não creio que tenhamos ossos, não no mesmo sentido em que a senhora entende o significado do termo. É como se tivéssemos um corpo que, para todas as aparências externas, é idêntico, mas obviamente não é o mesmo; não é carne e sangue, não é organicamente o mesmo, mas no sentido visual é o mesmo. É por isso que nos reconhecemos, claro, uns aos outros.

Mas também, outra coisa que descobri... por exemplo, imaginemos alguém que se olha ao espelho e diz: "oh meu Deus, quem me dera não ter este aspeto", sabe, "gostaria de ser diferente na aparência, gostaria de ter sido mais alto, gostaria de ter sido mais magro", e por aí fora. Bem, não pense que, só porque tem um corpo físico na terra que lhe causa alguma preocupação e com o qual está insatisfeita, essa figura será necessariamente a mesma aqui. Aquilo é puramente físico. Por outras palavras, se tiver, figurativamente falando, uma aparência de que não gosta e que lhe causa grave preocupação, isso não será necessariamente o mesmo aqui; ou seja, pode mudar e muda.

Mas o que considero vitalmente importante — e isto suponho que seja talvez o aspeto mais importante — é que cedo aprendemos a perceber que somos indivíduos que habitaram possivelmente inúmeros corpos em diferentes épocas, corpos físicos; e que enquanto numa encarnação na terra podemos ter sido, bem, não particularmente atraentes fisicamente, noutra podemos ter sido muito atraentes fisicamente. Então revertemos, se quiser, até certo ponto para o que gostaríamos de ser; por outras palavras, perdemos certos aspetos do nosso "eu" material. E, claro, este é o ponto central no sentido de uma das principais

questões da evolução: perdemos o sentido da conceção física e material, não pensamos em nós próprios dessa forma física.

Não pensamos tanto no facto de não termos sido felizes com a nossa aparência numa encarnação em particular, ou de termos sido felizes com outra. O ponto é que aqui, à medida que começamos a assimilar a vida e a compreender a vida e a tornar-nos verdadeiramente parte dela, começamos a perceber que os aspetos físicos e materiais não são realmente importantes. O que era importante para si na terra, e a sua insatisfação, por exemplo, com a sua aparência física, não importa aqui, porque não vemos dessa forma. Vemo-nos uns aos outros como somos, como seres espirituais, como indivíduos que mudaram e perderam o seu "eu" pior, o seu "eu" físico, e não nos preocupamos com isso.

Portanto, num sentido, somos reflexos — não quero dizer fisicamente, mas exteriormente aparecemos como somos, não como corpos na forma ou feitio que costumávamos pensar, ou queríamos pensar de nós próprios. Por outras palavras, somos reconhecíveis, temos forma e feitio conforme necessário. Por exemplo, se alguém me quisesse reconhecer, presumo que me reconheceria; mas, ao mesmo tempo, embora me reconhecessem, saberiam que era eu com uma grande diferença. Quando as pessoas pensam em alguém que amam e que partiu, pensam nessa pessoa como se lembram dela, como têm fotografias dela, e assim por diante; e é só nisso que conseguem pensar.

É uma coisa extraordinária como... é interessante que as pessoas se esqueçam da personalidade; mas ao longo de vários anos na terra, quando tentam pensar em alguém que lhes foi muito próximo e querido — não digo que não consigam recapturar a aparência da pessoa, suponho que a maioria das pessoas consiga — mas é extraordinário, ainda assim, quantas pessoas têm de ir ver uma fotografia para terem a certeza da aparência da pessoa se ela estiver morta há 30 anos. E quando se trata de pensar nelas, pensam em pequenos incidentes ou coisas que se destacam, sim, mas muito se perdeu no processo, muito do que possivelmente teria importado, num sentido, é esquecido.

E quando se trata da voz, acham terrivelmente difícil lembrar-se de como soava; por outras palavras, veja, quando uma pessoa está na terra, naturalmente,

essa é a parte ou o aspeto da pessoa que a impressiona com mais força. Em todo o caso, pode-se viver com uma pessoa na terra durante 50 anos e ainda assim não conhecer realmente essa pessoa; conhecem-se certos aspetos da natureza e do caráter dessa pessoa, mas não se chega realmente, fundamentalmente, ao fundo da questão. Por outras palavras, ninguém conhece realmente ninguém na terra. O ponto é que conhecem certos aspetos da sua natureza e do seu caráter, conhecem-nos de um ponto de vista físico e por aí fora, mas muito nunca pode ser transmitido, muito nunca pode ser dado, quando na terra: como é a vossa real personalidade, como são verdadeiramente lá no fundo.

Bem, claro, as pessoas pensam muito quando estão na terra, naturalmente, em termos físicos. E claro que as pessoas gostam de pensar que, ao virem para aqui, se encontrarão novamente e verão a pessoa que amam e que essa pessoa será identicamente a mesma. Bem, num sentido, claro, isto não é bem assim; claro que reconhecerão a pessoa e claro que pelo momento temporário, se puder usar o tempo, essa pessoa parecerá a mesma, para vosso benefício. Por outras palavras, a pessoa saberá que vocês querem que ela seja a mesma e que tenha a mesma aparência, para que possa ser plenamente compreendida e reconhecida.

Mas cedo começa a tornar-se claro para o recém-chegado que existem diferenças e que a pessoa, nalguns sentidos, mudou. Mas, claro, o que realmente acontece é que aqui, sob as condições mais subtis e sensíveis sob as quais existimos, somos capazes de retratar, se preferir, ou capazes de emitir muito mais do nosso "eu" real do que alguma vez poderíamos na terra; e as pessoas envolvidas são capazes de se mostrar muito mais claramente como indivíduos e o que realmente são do fundo da sua alma. Por outras palavras, aqui trata-se de perceção de alma e reconhecimento de alma muito mais do que reconhecimento facial e material como fazem na terra.

Ou seja, só quando realmente chegam aqui e se aclimatam à vossa nova forma de vida, e começam a reagir de maneira normal a outras pessoas, é que começam a tornar-se verdadeiramente conscientes de como as pessoas são. Na terra há todo o tipo de camuflagem e fachada; podem amar muito uma pessoa e sentir que a conhecem muitíssimo bem e, num sentido, conhecem-na até certo

ponto, mas ninguém sente realmente a intensidade e a plena realização do que essa pessoa é, porque uma pessoa é mais do que aquilo que se vê, mais do que pode expressar, mais do que pode ser conhecido. Existem demasiadas limitações na terra para que alguém conheça realmente alguém.

Podem saber certas coisas, podem pressentir certas coisas, podem sentir certas coisas, mas só quando as pessoas começam a pressentir e a saber a partir da consciência interior e da perceção da alma interior é que começam a entrar verdadeiramente em sintonia com uma pessoa ou parte de uma pessoa. Vejam, todos os elementos destrutivos, todas as coisas que causam preocupação e tristeza e mágoa, e todas as coisas que angustiam, e todas as coisas que irritam e incomodam, e todas as coisas que criam barreiras entre os seres humanos na terra desaparecem gradualmente aqui e começam a viver juntos numa harmonia pacífica, na tranquilidade e no conhecimento e experiência mútuos.

Por outras palavras, tornam-se, num sentido, sem individualidade restante; tornam-se parte um do outro. Verdadeiramente, num sentido, estão casados; é como se de alguma forma se perdesse tanto do que mantinha as pessoas afastadas quando na terra. Perdem-se todos os piores aspetos do eu e começam a sintonizar-se e a vibrar harmoniosamente, não apenas com indivíduos e pessoas que conhecem e amam, mas com toda a vida e toda a natureza. Tudo subscreve; é algo que não se consegue explicar porque, muito honestamente, ninguém pode alguma vez explicar às pessoas no vosso mundo certos aspetos da vida aqui, porque estão além de qualquer descrição.

Não há forma de o descrever; mas se conseguirem compreender que toda a vida, qualquer que seja a forma ou feitio que tome, qualquer que seja a maneira como se demonstre ou se dê ou tenha o seu ser, tudo aqui — falo das esferas das quais estou agora consciente — tudo está em perfeita uníssono. É como se tudo batesse com o mesmo coração, com a mesma melodia, o mesmo tipo de vibração que em si mesma, tanto quanto se pode usar este termo — sei que não é correto usá-lo — é a perfeição. Mas vejam, existem muitas, muitas formas e estados de ser diferentes, e é verdade que existem condições ou estados de ser onde as

coisas estão muito desafinadas, onde as vibrações estão muito, bem, fora de harmonia.

Mas eu sinto — aliás, não sinto, eu sei — que desde que tenho voltado aqui nos últimos dois anos, tenho progredido. Não o digo num sentido de vaidade, mas progredi; saí do clangor e da desarmonia das minhas primeiras semanas e meses após a transição. Já não sou afetado por isso, nem sou puxado de volta pelas coisas da terra; já passei essa fase. Sinto que, quando volto agora, estou a sintonizar-me — é verdade que convosco, com esta condição aqui — mas já não estou tão consciente do mundo exterior que ainda vos deve afetar porque ainda estão nele.

Já não me afeta; não sugeriria com isso que perdi o interesse no mundo se lhe puder ser útil, mas ao mesmo tempo já não tem aquele mesmo sentimento ou efeito sobre mim. Sinto agora que me encontrei realmente, suponho que seja a forma de o expressar. "Oh, estou tão contente por ouvir isso". E vocês têm sido uma grande ajuda para mim; creio que nunca saberão o quanto. Acho que ninguém pode explicar isto, mas eu fui trazido para aqui e estava muito perdido em mais do que um sentido — quero dizer, estava realmente num estado emocional de grande angústia, estava muito perturbado com tantas coisas e pessoas e realmente não conseguia sossegar e encontrar-me.

E ao início acho que fui um fardo; devo ter sido desmoralizante para alguns dos outros, mas eles foram tão amorosos e tão pacientes, tão calmos e plácidos comigo, enquanto eu por dentro estava em ebulição, sabem. Estava a ficar nervoso e irritável e sabe Deus o que não me estava a acontecer, mas todos os outros pareciam tão calmos e eu pensava: meu Deus, não sei como é que eles conseguem ser assim. Mas eram, apesar de verem, como eu conseguia ver até mais profundamente do que esperava ver naquela altura, ver o estado do mundo e os assuntos do mundo, ver dentro dos corações mais íntimos de pessoas que conheciam e até amavam, e ver o turbilhão efervescente da vida em geral, e as desilusões e deceções que obviamente devem ter tido e enfrentado, e ao mesmo tempo permanecerem calmos e cheios de amor. Acho que é por ter aprendido tanto sobre o amor; é engraçado dizer isto num sentido, porque de certa forma eu

pensava... bem, não quero dar a impressão errada novamente, mas existem muitas formas e tipos de amor, eu sei, mas de alguma forma eu nunca soube o que era o amor.

* * *

FALA SOBRE O VERDADEIRO SENTIDO DA COMUNHÃO DOS PRIMEIROS PADRES DA IGREJA PRIMITIVA

040564

Stephen Ward: Como estás, Mickey?

Mickey: Nada mal, "whiskas".

Stephen Ward: Sim, eu digo que ele tem razão, naturalmente, e ouço uma ausência de estação no palco de um cladium ou algo do género. E, valha-me Deus, que artista. Sabes, honestamente, nunca vi ninguém, não ouvi ninguém que consiga ser, quando quer, tão excruciantemente engraçado. Sabes, ele tem realmente uma piada, um engenho natural. É extraordinário. É mesmo. Sabes, ele é um fenómeno nas estações musicais. Ele é mesmo uma bela peça! Não se consegue evitar amá-lo, sabes? E não há fingimento. Ele é assim por trás de tudo o que faz ou diz. Ele é mesmo um doce. É mesmo. Mas, meu Deus, ele é engraçado. Ninguém o leva a mal no embrião, pois não? Ele diz que é porque todos sabem que é apenas o seu típico humor cockney. É muitas vezes feito de forma muito deliberada e muitas vezes para nos animar. E eu sei que tem sido o modo dele, sabes? Há sempre um método por trás desta loucura. E muitas vezes há muito bom senso por trás disso. Muito bom senso. Ganhei bastante em vir aqui, apenas a ouvi-lo, sabes?

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Ele é um personagem absoluto. É mesmo. É um tipo adorável. Ele é mesmo engraçado. Oh.

Rose Creet: Eu faço o meu melhor, de qualquer forma.

Stephen Ward: Eu sei que fazes. És um anjo, és um amor.

Rose Creet: Caramba, eu não sou anjo nenhum, não, não digas isso.

Stephen Ward: Jamais serei tal coisa. Não o ideal ortodoxo, bem, de qualquer forma. Bem, não sei. Não sei. Não sei... Não tenho halo nem asas. Ninguém tem tal coisa.

Stephen Ward: Mas essa é a conceção geral de um anjo. Essa é a típica ideia religiosa ortodoxa. É um anjinho. Cada igreja, sabemos que cada igreja tem um. Absolutamente. E todos os grandes artistas. Não. E acho que toda a ideia é simbólica em todo o lado. Não creio que ninguém do teu lado pense realmente que os anjos andam por aí a voar. Temos asas e auréolas. É tudo simbólico, não é? Acho que esta é a única coisa que é um anjo.

Não que os adultos tenham algum senso comum e nos digam. Bem, acho que alguns dos chamados adultos e inteligentes acreditam mesmo nesse tipo de coisas, sabes, os velhos conservadores. O que mais me surpreende. Bem, de qualquer forma. É uma conversa com as pessoas, sabes. Eles tornam-se os outros que foram deixados de fora primeiro no pai dela. Sim, eu sei. Bem, eu tenho esta ideia de que ele é um herói belo, um cavalheiro doce, como o Mickey diria, com testemunhas mudas. Ele é uma testemunha muda. Quem é que ele chamou e implorou a este tipo? Bem, eu sei. Então, ele referia-se ao Marshall.

Rose Creet: Pois.

Stephen Ward: É o último dele. Não, na verdade, não é. Pelo menos se ele não for visto. Quero dizer, eles não andariam por aí. Mas eu não o vi. Não estive dessa forma. Como o Mickey diz, em sintonia (rapport) com ele. Ele provavelmente anda por aí. Mas quando estou concentrado em falar, é como se estivesse alheio a tudo o resto. Exige toda a minha... bem, tudo o que tenho para conseguir comunicar. Significa uma grande dose de concentração pessoal e qualquer outra coisa fora disso, para mim, no momento, não existe. Consegues ouvir-me falar com a tua cultura. Como é que farias isso? Não te vás embora, espera um minuto. O que estás a dizer?

Rose Creet: Eu digo, tu consegues ouvir-me quando eu venho. E eu faço-te perguntas.

Stephen Ward: Sim, claro que consigo. Estou muito consciente dos teus pensamentos. Quando estou em sintonia, como o Mickey diz outra vez, com esse tipo de contacto. É quando estás em contacto, mentalmente, por assim dizer, concentrando-nos como se fôssemos um lago humano na Terra, que ficamos então cientes dos pensamentos do indivíduo e do que eles estão a tentar transmitir, ou do que estão a transmitir, e do ambiente em que se encontram e por aí fora. Vês, toda a ideia parece-me ser a comunicação. É como se quisesses entrar em contacto com alguém, pensas nessa pessoa, e pensas com muita força e concentração. E, automaticamente, estás com essa pessoa.

Conforme pensas, entras, por assim dizer, em sintonia, e tornas-te consciente do que essa pessoa está a fazer e de onde essa pessoa está, do que está a tentar transmitir, especialmente numa tentativa de comunicação como esta. É porque estou ciente, conscientemente ciente do teu desejo pela minha comunicação, pelo meu desejo de vir, o meu desejo de estar presente, o meu desejo de dizer certas coisas, que sou capaz de o fazer. Se não houvesse o desejo, se o desejo não estivesse lá por parte das pessoas na Terra pela comunicação — ou, já agora, se as pessoas na Terra deixassem de pensar muito profundamente em alguém — então essa pessoa não sentiria o impulso de voltar e possivelmente nem faria a tentativa.

Rose Creet: Pergunto-me se não será... se não será bom para eles tentarem concentrar-se muito.

Stephen Ward: Oh, bem, talvez eu te dê uma ideia errada disto num sentido, porque, em primeira instância, claro, acho que é óbvio que ninguém pode obrigar uma pessoa a vir. Ninguém pode forçar a vontade de uma pessoa para ela vir. Tal como se nós não quiséssemos vir, bem, simplesmente não vínhamos. Quero dizer, a questão toda é que depende dos indivíduos envolvidos. Se houver um laço muito forte de amor e afeto e um grande interesse, e um grande desejo de comunicação, e se o desejo fundamental for bom, então é perfeitamente natural e a coisa normal. Não há nada de estranho, bizarro ou invulgar nisso. Não vejo por que razão alguém se deveria opor a isso, ou por que alguém deveria vir com algumas das coisas estúpidas com que as pessoas vêm, tipo: "bem, é errado

chamar os mortos". É tão estúpido, porque não podes. E depois, alguém pode chamar os mortos. No fim de contas, em primeira instância, eles [não] estão mortos. Em segundo lugar, podemos estar e muitas vezes estamos em sintonia contigo. Por outras palavras, porque amamos as pessoas na Terra, e estamos interessados nelas, e desejamos saber como estão e o que estão a fazer. Podemos tentar e ajudá-las. Voltamos por nossa própria vontade. Mas quando a pessoa na Terra está ciente da possibilidade de comunicação, quando a pessoa na Terra deseja a comunicação, deseja a troca intelectual, então, claro, é maravilhoso, porque significa que podemos então fazer o contacto. Se houver um instrumento ou um médium de algum tipo, e pudermos manter a comunicação, tudo isso é o que é a comunhão.

Se a ideia real de comunhão com os fundadores da igreja primitiva, pelo que consegui apurar, era a perceção de que podiam comungar — não necessariamente, claro, o que aconteceu quando os discípulos se reuniram no cenáculo. Eles estavam em comunicação. E eles costumavam, obviamente, os primeiros membros da igreja costumavam reunir-se e costumavam comungar. Costumavam sintonizar-se, costumavam enviar pensamentos para pedir ajuda e orientação e elevação espiritual. E assim, em consequência, recebiam-na. Não há nada de novo nisto. É algo que tem acontecido desde que o tempo começou, imagino eu, desde que o homem se tornou homem. Não há nada de novo ou estranho ou esquisito ou maravilhoso nesse sentido. É normal e deveria ser considerado um procedimento normal. Na verdade, era para isto que a igreja se destinava. Não quero dizer que a igreja se destinasse a ser uma organização tal como a conhecemos, pelo que consegui apurar. Destinava-se a que as pessoas que tivessem a perceção e o conhecimento destas coisas se reunissem para comungar e para procurar conselho — ou seja, conselho espiritual e orientação — para que pudessem viver as suas vidas de acordo e, em consequência, serem pessoas mais felizes, viverem melhor e de forma mais útil, mais espiritual. Parece-me que toda a base dos ensinamentos da religião, das ideias de religião verdadeira, baseia-se ou deveria basear-se na comunhão. Sem comunhão, não há contexto, não há perceção do caminho da vida espiritual.

Rose Creet: És um médico muito interessante. Consegues testar a fonte aí?

Stephen Ward: Bem, claro que sim. Quero dizer, repara no pequeno Samuel no Antigo Testamento. Ele ouviu a voz do que ele pensou ser Deus a chamá-lo. E, no fim, ele foi capaz de fazer com que outros compreendessem e percebessem que isto era assim. Mas duvidaram dele. Vês, toda a gente é sempre posta em dúvida numa primeira instância, porque a maioria das pessoas, mesmo que se chamem a si mesmas religiosas, quando se chega às verdades básicas, são, num sentido, ignorantes e, num sentido também, têm muito medo. E a questão é que, quando aceitam de alguma forma a possibilidade, assumem sempre que podem ser demónios. Estão sempre preparadas para o mal. Estão sempre à espera que seja algo mau. E o ponto é que, se os seus pensamentos fossem corretos e se a sua atitude fosse correta, não haveria necessidade de sentir ou pensar isso. O ponto é que, como até certo ponto é verdade, ou uma ligeira verdade, são necessários todos os feitios e todos os tipos de pessoas para fazer o nosso mundo, tal como o vosso. De qualquer forma, as pessoas neste sistema, neste mundo, são todas as pessoas que outrora viveram e caminharam no vosso mundo, e é verdade que existem alguns que não progrediram muito. A questão é que, se procuras, se procuras de forma justa e espiritual, com um bom motivo e intenção, então serás capaz de comunicar e atrairás pessoas que te ajudarão, que serão guias espirituais e prestáveis. Muito depende da abordagem do indivíduo.

Rose Creet: Sim. Exato.

Stephen Ward: Mas não significa que tenhas de ser beata apenas num sábado, ou que tenhas de ser estreita no sentido da abordagem religiosa. Não tens de te sentar e cantar hinos e todo esse tipo de disparates. Em todo o caso, essa é uma conceção muito materialista. Além disso, qual é o objetivo? Reiterar as mesmas palavras e as mesmas melodias duvidosas. É o suficiente para afastar qualquer espírito que se preze. Isso afasta-me de qualquer igreja, percebes? Oh, não sei. Parece-me que é estúpido e a forma como as pessoas, não sei, elas comportam-se e tentam explicar estas coisas como se não existissem. E, no entanto, se eu não o percebesse, é a base própria dos rituais e desse lugar; sem isso, não há nada. Parece-me que sem esta perceção, sem a comunicação, sem a

verdade do espiritualismo, haverá algum sentido em alguma coisa? Haverá um sentido na vida? A dificuldade é que existem muito, muito poucos. Pessoas que são capazes de aprender como fazer as coisas e comportam-se melhor perante o público. Diz ao presente quão jovens eles são.

Rose Creet: Exato. O que é que isso significa? O que disseste?

Stephen Ward: Não sei, alguém disse algo. Oh, literalmente alguém disse algo sobre o seu três milésimo empacotamento, a corrente. Bem, de qualquer forma, onde estávamos? Bem, bem... Enfim, vamos falar de outra coisa, com certeza.

Rose Creet: Oh, tudo bem. Sim, tudo bem.

Stephen Ward: Mas quase antes, de qualquer forma, diferentes pessoas relataram as suas experiências e as suas reações. Eu estou muito, estou apenas alerta. Sim, eu sei que estou. Oh, esqueci-me, sabia que havia algo que te ia contar. E é que eu não me lembro exatamente quando, porque o tempo é algo que não consigo fixar bem. Mas recentemente, de qualquer forma — ponho as coisas assim — encontrei-te por aqui. E tu... encontrei-te por aqui.

Rose Creet: Encontraste?

Stephen Ward: Sim. E eu sabia que tu, às vezes, deixavas o teu corpo durante o sono. E tu vens aqui, tu vens mesmo aqui, e estás frequentemente com o teu corpo em particular. E às vezes estás montada em... e depois, muito recentemente, estiveste aqui. E tu, tu e eu, encontrámo-nos, isto é vibrante. Estavas muito entusiasmada, porque eu sabia quão interessada estás em mim, em particular. E o teu pai também foi de grande ajuda.

Stephen Ward: E, na verdade, tivemos uma longa conversa. Tivemos uma longa cavaqueira juntos. E percorremos o que tu chamarias de uma caminhada, o que de certa forma foi. Éramos o teu pai e eu próprio. E tu? Eu fui à caminhada. Eu conseguia caminhar. Claro que conseguias caminhar. É o teu pai. É o teu pai... [repetição]. Claro que foste à caminhada. Tu podes caminhar aqui. E percorremos o que tu chamarias de uma longa caminhada, enfim. O que não foi nada de especial. Mas, de qualquer modo, não ficaste cansada, porque aqui ninguém se cansa realmente. Se alguém se cansa, é por causa da força do

pensamento ou do pensamento da perceção da distância; o pensamento da perceção de que se deveria estar cansado. E isso acontece a algumas pessoas quando chegam aqui pela primeira vez, porque ainda se agarram à velha ideia de que, se caminharem muito, têm de estar cansadas.

Mas, felizmente, tu tens vindo cá bastantes vezes ao longo de vários anos. E, na verdade, eu tenho querido ter uma longa conversa contigo por aqui, independentemente de falar contigo através de um médium e esse tipo de coisas. Pensei como seria simpático ser capaz de ter uma conversa contigo aqui. Então, quando vieste, estavas bastante madura, e encontrámo-nos todos aqui juntos. Eu disse, depois disso, que induzimos — após três semelhantes — que esta árvore é, de alguma forma estranha, capaz de ajudar alguém a ganhar conhecimento e experiência.

Mas, seja pelo facto real da árvore em si, seja pela pura beleza da árvore, ela é capaz de, por assim dizer, elevar-nos de tal forma que ficamos simplesmente compostos e em repouso; que conseguimos, de uma forma estranha, sintonizar-nos através da sua beleza com vibrações, suponho, de outra esfera, ou possivelmente com as mentes de pessoas que são ainda mais avançadas. Somos capazes de ganhar experiência e conhecimento, e isso é indiretamente, obviamente, devido à influência desta árvore. No início, quando isto me foi dito pela primeira vez, pensei: "Isto soa a uma mãe, ou à mãe...". Bem, quando pensei, não liguei muito a uma árvore do conhecimento; bem, é um som de vida, mas como é que é a árvore do conhecimento?

Mas acho que é a própria atmosfera que ela nos dá, que nos faz sentir tão relaxados e tão absolutamente e maravilhosamente felizes, por causa da pura beleza; e ela emana um sentimento perfeito, e as flores e o carinho dela são tais que parecemos, de certa forma, ser transportados. E através disso, pode muito bem ser que estejamos sintonizados, ou que possamos sintonizar-nos, com experiências e certas vias de pensamento de outras pessoas que são mais avançadas. De certa forma, é certamente um tipo de ligação; suponho que, de certo modo, a árvore é um médium formal.

Rose Creet: Oh, a sério?

Stephen Ward: Sim. Quando eu pensava... eu sempre amei as árvores da Terra, sabes. Acho que, mesmo na Terra, elas choram mais, sabes, quando estás à chuva, como se fôssemos um com a Terra. Bem, não há dúvida sobre isso, mas na Terra a natureza emana uma quantidade tremenda de força vital e um grande poder de cura; e não há dúvida de que as árvores emanam uma grande dose de força. E estou bem certo de que, se as pessoas pudessem sair mais para o campo, para longe das vilas e cidades, e estar perto da natureza — estar perto das árvores, em particular — sentiriam uma grande dose de vitalidade e poder a entrar nelas, o que as ajudaria a ponderar sobre isso.

Sei que isso é bem verdade, porque eu próprio tive experiência disso. Quero dizer, uma surpresa terrível, provavelmente gostarias de perguntar: "Eu falava com as pessoas? Usava a minha voz?". Quando se tem um hábito — o qual descobri que muita gente tem ao vir para aqui, quando ainda estão ligadas à Terra — há o pequeno hábito de verbalizar as perguntas. Eu acho que é isso, e ainda não ultrapassei a ideia, e nem sequer é necessário, porque agora descubro que nem sequer é necessário verbalizar uma pergunta ou fazer vibrar a condição da atmosfera; as vibrações emitem som, e isso aplica-se à maioria de nós aqui.

Mas com as pessoas que vêm logo após o falecimento, ou nesse estado seguro [o sono], tal como tu tens feito de tempos a tempos, invariavelmente elas verbalizam os seus pensamentos, elas vibram, fazem som. Não é propriamente necessário; na verdade, muitas vezes, antes do som real ser emitido, o pensamento já lá está, nós sabemo-lo. Porque, no teu caso, estás cheia de perguntas, estás cheia de... aliás, sabes, tantas que quase atropelam umas às outras, que se consegue sentir que estás o tempo todo a questionar, a desejar isto, a desejar aquilo. E então, às vezes, temos de tentar — pelo menos sei que o teu irmão teve de tentar — segurar-te e controlar-te um bocado, porque às vezes não se conseguia acompanhar o ritmo e as coisas que queres saber. Mas isso é tudo. És muito inquisitiva, sabes?

Rose Creet: Bem, claro, não sou uma inquisitiva...

Stephen Ward: Eu sei, mas quero dizer que és realmente muito mais do que a maioria. Pareces ter percebido as coisas muito rapidamente, também.

Normalmente não levas muito tempo para entender algo, muitas vezes antes de a resposta terminar, tu já percebeste, sabes? E também pareces ser capaz de te mover aqui muito facilmente, e não há esforço, o que, claro, me agrada que seja assim.

Mas notei que, às vezes, quando as pessoas vêm no seu estado de sono — porque ainda estão, suponho, ligadas a algum tipo de memória presa lá — se, por acaso, caminhavam mal na Terra, elas automaticamente caminham mal aqui, porque presumivelmente, de alguma forma estranha, ainda pensam que têm de o fazer; não foram capazes de se libertar da ideia de que estão completamente longe da Terra e, portanto, não estão necessariamente ligadas ou obrigadas a fazer automaticamente o mesmo. Acho que é porque tens vindo tantas vezes que és capaz de te libertar de todas as velhas inibições e de todas as coisas que, normalmente, seriam comuns para ti. Acho que, realmente, muito francamente, pelo que vi de ti por aqui nesta ocasião, de certa forma tu estás tanto aqui como estás na Terra.

Acho que mentalmente... mentalmente... eu nem digo que andas por aí o dia todo a pensar em nós, ou que temos um sinal, como me dizes — não creio que isso fosse necessariamente bom, de qualquer maneira — mas acho que, pela tua própria natureza e pelo profundo interesse que obviamente tens tido, e pelas longas comunicações que tens tido todos estes anos, isso ajudou-te a tal ponto que, quase automaticamente, consegues estar em sintonia connosco.

E quando dormes, o teu corpo está a descansar e tu estás realmente fora do corpo; e não acontece sempre, mas tu podes, tu entras mesmo no ambiente aqui, e estás a responder, e estás a tornar-te parte desta vida, e no entanto, num sentido, ainda estás na Terra.

Rose Creet: Bem, fico muito feliz por me teres dito isso, Stephen, porque eu sinto... porque sinto que passo mesmo para o outro lado, mais ou menos.

Stephen Ward: Bem, tenho a certeza absoluta de que, quando vieres para aqui definitivamente, tu terás — e acho que nunca há razão para pensar o contrário — tu terás esta passagem fácil, porque não haverá nada daquela luta

para resistir que algumas pessoas têm. Não haverá nada desse tipo de apego às velhas fadas [crenças antigas], à velha ideia de... nenhum apego à Terra.

Acho que haverá uma libertação que será tão natural. Nós vemos onde tantas pessoas têm uma libertação antinatural, porque ainda pensam e ainda se agarram à Terra, aos pensamentos de certas coisas. A tua perceção está tão à frente disso, tens estado tão em sintonia com o nosso mundo, que será a coisa mais natural do mundo entrar plenamente nele. Não creio que haja quaisquer complicações ou dificuldades; aliás, tenho a certeza de que, quando chegar a hora, será a coisa mais natural; será como estar num país e acordar noutro que te é familiar, porque já o visitaste antes. Não será estranho nem difícil de compreender.

Rose Creet: Bem, mas eu conheço algumas pessoas... ouvi falar de algumas pessoas que simplesmente não passam... elas ficam presas... será que, quando estão a passar, ficam tão perturbadas?

Stephen Ward: Bem, acho que isso é, claro, o elemento do indivíduo; o agarrar-se e o lutar é uma reação física e é também, até certo ponto, a vontade individual. Acho que o indivíduo percebe que as coisas lhe estão a fugir e luta para se segurar, percebes.

Rose Creet: Tu não sentiste isso, pois não?

Stephen Ward: Não, não senti, porque, no que me dizia respeito, suponho que foi pela própria natureza da minha passagem. Foi... foi interessante, vês, a minha passagem não foi natural e, portanto, não é a mesma coisa; mas, vês, ao fazer o que fiz, não foi como ir dormir e, no entanto, o mais estranho — e isto é extraordinário — o mais estranho foi que eu sabia o que se estava a passar. Suponho que o meu espírito deve ter, obviamente, deixado o corpo, pois estava consciente das pessoas a tentar reanimar-me, a tentar trazer-me de volta, por assim dizer.

E eu não tinha qualquer desejo de voltar. Não tive qualquer tipo de desejo de lutar para voltar. Aprendi desde então sobre o desejo de lutar para regressar ao corpo. Por outras palavras, para viver; eu poderia tê-lo feito, mas eu já estava tão fora do corpo e suponho que a única coisa que me passava pela mente era que eu

simplesmente já não queria viver mais. Não queria estar na Terra no corpo. Não queria passar por tudo aquilo outra vez, e eu tinha passado por tanto, não tinha nada. Não tinha nada e, em consequência, não fiz qualquer esforço para ficar.

Mas, se tivesse sido uma pessoa comum, possivelmente, que quisesse viver e percebesse que esse esforço estava a ser feito em seu benefício, ela teria ajudado; por outras palavras, teria feito o esforço ela própria para voltar, para forçar o caminho de volta para o corpo. Mas foi estranho, porque me lembro muito distintamente de me ver no que parecia ser uma mesa de operações, ou algo parecido, e algumas coisas estavam sobre o meu rosto; eu sabia o que se estava a passar, uma espécie de bombagem de ar para dentro de mim, ou a fazerem algo peculiar.

Enfim, eu estava ali de pé e conseguia ver o que estava a acontecer, e percebi que o que se passava era que estavam a tentar reanimar-me, a tentar de certa forma trazer-me de volta. Mas eu não estava interessado. Senti para comigo: "bem, continuem com isso, eu digo, é muita gentileza vossa, mas eu não... eu não quero. Estou muito feliz como estou. Se quero alguma coisa, é ir-me embora." É isso.

Rose Creet: Isso é interessante.

Stephen Ward: Oh, bem, enfim, isso é de um ponto de vista pessoal. Olho para trás e penso para comigo: "bem, talvez devesse ter enfrentado as coisas", mas não sei. Não tenho arrependimentos e as coisas certamente correram bem. Não tenho arrependimentos. Enfim, sempre estive grato por toda a gentileza que me mostraste. De qualquer modo, espero ver-te novamente em breve. Volto para falar contigo de novo, se puder.

Rose Creet: Pois.

Stephen Ward: Enfim, vou-me embora.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Enfim, todo o meu amor e que Deus te abençoe, e espero que venhas aqui outra vez em breve.

Rose Creet: Sim, sim. Tu fazes-me lembrar.

Stephen Ward: Sim. Estou a tentar lembrar-me, como fazer-me lembrar. Bem, acho que consigo fazer isso. Enfim, não posso. Eu fá-lo-ei. Adeus. Deus te abençoe. Vemo-nos.

Rose Creet: Adeus, Stephen.

Stephen Ward: Adeus.

Rose Creet: Adeus, querido. Onde está o Doutor?

Mickey: Ele não está aqui esta noite. Foi bastante interessante esta noite. Muito interessante. Bagwiska.

Rose Creet: O quê?

Mickey: Bagwiska, não achas?

Rose Creet: É a primeira vez que oiço isso, é novo. Nunca ouvi isso antes. Não acho que seja um bagwiska. Sempre fui um doutor, mas talvez tenha parado. Nunca fui um doutor. Adeus.

* * *

140564

Stephen Ward: Olá, David. Tudo bem? Daqui o Stephen.

David: Oh, Stephen.

Stephen Ward: E então, eu digo, estou ótimo. Tens uma mensagem do teu marido. Sim. Ele é um tipo castiço, não é? Sim. Pela idade, claro, ele não é propriamente velho, mas percebo, naturalmente, que ele esteve bastante sob os vossos cuidados. Como é que ele é, Stephen? Bem, ele não sabe bem. Claro, suponho que disse ao Tim, digo eu, um tipo castiço, mas acho que é o facto de eu estar consciente daquilo que consigo ver.

Há outra coisa que descobri, algo que, de certa forma, me intrigou ao início, mas agora já não. Mas quando alguém contacta uma pessoa, especialmente num lugar como este ou nos sounds como lhe chamas, se conseguires ver essa pessoa como ela era e como viveu na Terra nos últimos anos da sua vida, também podes vê-la como ela é, num certo sentido, aqui deste lado. É como se visses a mesma pessoa em dois níveis diferentes. É extraordinário. Consigo vê-lo como ele

obviamente era no último ano de vida, mais ou menos. E também o consigo ver como ele presumivelmente seria nos seus, bem, meados dos 20 anos, suponho eu. E tal como ele é aqui, um tipo alto e de porte direito, bastante bem parecido, na verdade.

E também, muito mais velho, é bastante intrigante, na verdade, porque de certa forma, quando ele estava a falar contigo, acho que ele se estava a concentrar fundamentalmente em várias coisas. E creio que esta questão deste lugar onde não ficaste não lhe saía do pensamento. Quero dizer, ele deve saber isto, passando por vezes por factos reais. De qualquer forma, a coisa está muito presente. E creio que ele estava a pensar neste lugar e em si próprio e na associação com ele. E, portanto, num certo sentido, acho que ele estava a concentrar-se sem sequer se aperceber do seu antigo eu. Sabes, tal como ele era quando o conheceste pela última vez.

E, claro, quando ele estava longe da Terra e longe desse tipo de pensamentos, ele liberta-se dessas coisas. E ele é bastante jovem, ágil e ativo, logicamente. Percebes, é só quando voltamos ao trabalho que, por assim dizer, quase subconscientemente, assumimos o antigo eu e tornamo-nos como éramos, até certo ponto, quando estávamos na Terra; embora possamos estar muito distantes disso agora, é assim que muitas vezes temos de aparecer, em parte devido ao facto de que, quando entramos nas condições da Terra, quase automaticamente pensamos em nós mesmos como somos. E, em consequência, recorremos, mesmo que por horas temporárias, claro, a essa condição.

E é por isso que suponho que, quando entramos no sono do comunicador, muitas vezes nos esforçamos — ou talvez nem sequer nos esforcemos às vezes, acontece quase automaticamente — tornamo-nos, digamos, coisas que pertenciam ao antigo eu. Mas é extraordinário, na verdade. É como se pudéssemos ver-nos em retrospetiva, e pudéssemos ver-nos em todos os diferentes níveis, e todo o tipo de pensamentos e de coisas diferentes surgem a flutuar. É muito peculiar.

E acho que o mais difícil é que, embora estejamos muito conscientes de todos os homens ou coisas que nos dizem respeito, como o nosso passado, é

muito difícil por vezes "refreá-los" ou segurar o pensamento, e se conseguirmos, há um deles que queremos enviar como uma espécie de teste ou mensagem, percebes. Nem sempre é possível. É extraordinário, como se estivesses quase mentalmente consciente de todo o tipo de coisas, está tudo lá. E, ao mesmo tempo, tentas segurar algo e depois empurrá-lo. E quero dizer, é... é muito peculiar, como se quisesses estar estático para comunicar. Mas, o tempo todo, estes pensamentos, algumas condições e emoções, e até o que está associado à vida terrena de cada um, está tudo misturado, ou tudo a vibrar e a afetar.

É muito difícil de explicar, mas tudo o que tenho a dizer é que aprender a comunicar é uma arte. Já descobri que é realmente algo que surge o tempo todo, muito rapidamente. Quero dizer, a pessoa tem de aprender a... a comunicar. Sim, mas temos de ter muita concentração numa só coisa. Sim, e muitos pensamentos. Sim, e acho que esse é realmente o problema principal, tanto quanto consegui perceber em relação à comunicação, não só do nosso ponto de vista, de sermos capazes de nos segurarmos firmemente a uma certa linha de pensamento, mas, por exemplo, quando alguém do vosso lado, que é o destinatário da mensagem que estamos a tentar transmitir, faz alguma pergunta ou levanta algum problema, parece que isso se atravessa no que estamos a pensar; e a pessoa tenta desesperadamente segurar o que quer dizer e, ao mesmo tempo, concentrar-se no que a pessoa na Terra está a perguntar, e depois tentar entrar nessa vibração da linha de pensamentos e tentar encontrar uma resposta adequada; e pode muito bem acontecer que não se consiga. Sei que às vezes pode ser muito confuso, sabes?

Não consigo imaginar as coisas dessa maneira, porque era perfeitamente possível querer tentar escrever um livro sobre nós, sobre algo, muito. Paraste completamente e não conseguiste retomar uma boa linha depois. Agora, eu compreendo isso. Bem, como sabes, viste o primeiro lugar. Sim. O primeiro lugar é... não creio que, nos melhores momentos, sirva para comunicar. Não quero dizer com isto que não seja uma coisa boa de se fazer, que não seja a coisa certa a fazer, mas acho que deve ser... eu certamente percebo, no que me diz

respeito, que requer um grande esforço e uma grande concentração, até para fazer o contacto inicial.

E depois, claro, a pessoa tem de se concentrar, estou mesmo louco para dizer certas coisas que quero transmitir, encontrar palavras e frases, e encontrar o melhor método de as expressar; e depois, por exemplo, se alguém como tu faz uma pergunta que é perfeitamente relevante para o que se está a tentar transmitir — pode ser sobre um assunto inteiramente diferente, pode ser, digamos, um desvio, ou afastar-se completamente do ponto ou daquilo sobre o qual eu, por exemplo, decidi falar — é quase como se fosses completamente cortado. Sabes, tens de sair disto, e depois corrigir os teus pensamentos, pensar arduamente na pergunta que foi feita, e depois tentar entrar nessa vibração, tentar entrar nessa linha de pensamento, por exemplo, depois obter a resposta, segurá-la, voltar atrás, concentrar-te em voltar atrás, concentrar o teu pensamento na resposta que desejas transmitir e, realmente, não é fácil. É muito peculiar. É como tentar fazer várias coisas ao mesmo tempo, e provavelmente não fazes nenhuma delas muito bem, e é muito difícil. Acho que o melhor é não respirar sequer.

Bem, eu acho... eu acho que quando, por exemplo, falo realmente para mim próprio, se venho preparado para dizer certas coisas, o que faço — e tenho a certeza de que as minhas pessoas também o devem fazer, embora não se diga necessariamente, de modo algum, todas essas coisas — mas temos certas coisas que queremos transmitir, e fazemos o melhor para transmitir esses pensamentos e ideias, ou o que quer que sejam, e de repente, no meio disso, alguém diz "oh, tal, tal, tal, tal", e ficas completamente, completamente apanhado desprevenido, e tens de te concentrar muito, que nem um louco, neste novo problema ou nesta nova pergunta, e é muito difícil.

Acho que o melhor é esperar até ao momento em que, no meu caso pelo menos, eu tenha terminado o que quer que quisesse dizer, e então podes dizer "bem, estás pronto para responder a uma pergunta?" ou "achas que podes responder a uma pergunta?" ou "achas, mesmo sabendo alguma coisa sobre isto ou aquilo?", ou o que quer que seja. Acho que é melhor assim, porque a única coisa é que, claro, na altura em que terminei de dizer as coisas que decidi, e de

me concentrar arduamente, que nem um louco, para as transmitir, a pessoa fica, num certo sentido, mentalmente exausta.

Na verdade, acho francamente que, embora não se queira admitir, há uma grande dose de sorte neste negócio, quanto ao que se consegue transmitir, quanto se teve sucesso em fazer. Por exemplo, há alturas em que tem sido comparativamente fácil, e outras vezes em que é tão difícil... não sei, valha-me Deus, isto simplesmente não é possível; e no entanto outra pessoa pode ter vindo e ter-se saído muito bem mesmo, parecem ter entrado na vibração, parecem ter conseguido passar, enquanto eu não consegui, nem de perto... bem, às vezes consigo passar e consigo falar contigo de forma bastante racional, sensata e inteligente, já o fiz, e provavelmente outra pessoa vem com isso.

É tudo uma questão de facto, a coisa toda é tão flutuante o tempo todo, e muito depende da quantidade de poder e energia que parece ser gerada, presumivelmente de forma mágica, pelo médium. Às vezes ele pode parecer exausto ou, pelo menos, presumo que seja isso, e de qualquer forma, a força ou poder, seja o que for, parece ser muito fraca. Outras vezes, parece ser muito forte. Não, claro, obviamente deve depender disso. Compreendo realmente que existem outros fatores que podem desempenhar algum papel, ou nada com a tua própria saúde, enquanto assistente, e a do médium, saúde e, claro, todo o tipo de condições que pertencem ao nosso lado.

Às vezes temos um aglomerado de pessoas que — não digo que o façam deliberadamente — mas parecem ficar no caminho. Não quero dizer que fiquem no caminho num sentido físico, mas ficam no caminho, ficam no caminho de uma forma mental. Os pensamentos deles parecem provar ou, de alguma forma, perturbar, e então é difícil, talvez para nós, certas pessoas cujo trabalho é, de qualquer forma, tentar manter a linha desimpedida. Eu sei que isto parece loucura. Não sei como explicar a seguir.

Há algo que ainda... que eu tenho de construir, uma barreira ou uma parede, por assim dizer. Não quero dizer uma parede real, mas é uma espécie de parede mental de proteção ou, talvez, não exatamente proteção, mas certamente uma parede que mantém de fora outras interferências ou pensamentos. Por exemplo,

tem havido alturas em que estive aqui e houve uma ou duas personalidades muito fortes que foram atraídas para aqui, que não estão, em alguns casos, perto da Terra, e não longe desse médium. Em alguns casos, de qualquer forma, personalidades mentais fortes que impõem os seus pensamentos. De tal forma que, embora possam não ser audíveis para ti, podes não ouvir os pensamentos deles a chegar ao teu som, podes até nem estar consciente da presença deles. Se eles, no que te diz respeito, é apenas uma "comidela de cão", não há nada de errado com isto acontecer. Isto também não foi nada grave.

E sabes, há muita atividade que pode estar a acontecer à nossa volta, mas podemos estar a tentar subjugar alguém ou subjugar alguma influência. E na verdade, posso dizer-te francamente, embora possas ter uma noite ocasional em que te pareça que não é talvez um desperdício de esforço, mas que muito pouco parece ter transparecido e talvez seja dececionante, digamos assim, um grande trabalho pode ter sido feito aqui para ajudar certas pessoas ou alguma alma em particular que tenha sido atraída para aqui. E em consequência, ficámos felizes por aproveitar a oportunidade para ajudar essa pessoa, porque estou muito interessado em tentar fazer este tipo de trabalho.

Gostaria de estar num grupo para fazer trabalho de resgate. Gostaria muito, porque não só sinto muita simpatia por eles e sinto que a necessidade é muito grande, e é um trabalho maravilhoso. Mas sinto que me posso educar a mim próprio no sentido de que se pode aprender com isto. E também acredito que podemos aprender com todos, pelo menos alguma coisa. Pode nem sempre ser agradável, mas pode ser muito bom para nós. Pode muitas vezes ser muito necessário. Acho que aprendemos uns com os outros, e acho que podemos não só ajudar os outros fazendo-lhes bem, mas num certo sentido, talvez também nos possamos ajudar a nós próprios.

Sim, sim. Podemos apenas falar. Mas o teu marido parece-me ser um caso muito interessante. Suponho que poderias objetar por eu lhe chamar um caso, e não creio que ele apreciasse muito. Mas, de certa forma, ele é uma personagem extraordinária. Imagino que, embora tenha obviamente feito algum progresso desde que está aqui, ele ainda é, em certos aspetos... Pode muito bem dever-se ao

facto de estar perto noutras alturas, e talvez com este outro negócio material muito em voga agora, isso possa ter algum efeito, que ele ainda pareça, em certos aspetos, algo materialista. Acho que é possivelmente devido ao facto de ele ainda ser atraído por certos aspetos da vida material. Pode ser apenas temporário devido às circunstâncias do momento, mas acho que ele progrediu obviamente.

Pelo que me disseram — e não acredito, não quero que penses que falamos uns dos outros, mas num certo sentido falamos, porque quando sintonizamos ou nos tornamos parte de algo como isto, por exemplo, onde encontras todo o tipo de pessoas que estão a fazer a tentativa de comunicar, e tens alguém encarregado, como o Marshall, ou até o Mickey, por exemplo, e outros, que são muito proficientes neste tipo de opinião, que é uma pessoa altamente sensível, que consegue sintonizar-se muito com outras pessoas, e com os seus pensamentos, vibrações, condições e tudo o mais.

Uma vez que a pessoa própria, ainda no início, se pode tornar ainda mais sensível. Por exemplo, noto que coisas que acontecem às vezes e, num certo sentido, também posso aprender algo com elas, porque noto com algumas pessoas que, obviamente, estão completamente fora do seu elemento quando vêm comunicar, e é muito difícil para elas, e para algumas pessoas em particular é muito difícil, digamos, perder algo de si mesmas para que lhes seja possível comunicar; e noutras, elas têm de entrar no pensamento material e na ideia das coisas antes de poderem sequer comunicar.

Portanto, ao fazer isso, há grandes dificuldades envolvidas, e especialmente com alguém, por exemplo, que está aqui talvez há bastante tempo, que fez grandes progressos espirituais, para eles recorrerem a falar sobre coisas mundanas e materiais, ou entrarem novamente em pensamentos materiais noutro nível, é muito difícil. Acho que essa é uma das razões pelas quais às vezes encontras discrepâncias, ou podes encontrar coisas que parecem, e por vezes devem ser mesmo, bastante discordantes, ou talvez fora de tom, ou desadequadas, ou talvez às vezes o que pode parecer à superfície ser impreciso; e estas coisas devem-se obviamente ao facto de não existir tal coisa como o meio ou forma perfeita de comunicação.

Nota bem, com isto não quero dizer que não existam momentos, que não haja momentos em que é possível obter uma comunicação bastante boa e precisa, mas quando consideras os muitos perigos, as complicações, as dificuldades e todas as pessoas que podem estar envolvidas, e os vários pensamentos que devem emanar dessas pessoas, e quando te lembras que os pensamentos são reais e tangíveis, e que depois, sem dúvida, tudo o que te possamos transmitir deve ser, nas fases iniciais, pensamento, e só depois chega ao teu som, é transmitido — e lá está, na transmissão do pensamento para o som, e até na substância da frase ou da palavra, podem ocorrer mudanças, mesmo inconscientes para nós.

Stephen Ward: Quero dizer, tu ouves o som, ouves o que dizes como uma voz, mas o que está realmente a acontecer é que nós temos pensamentos, que são muito fortes, por vezes, e muito tangíveis, na medida em que são transmitidos para ti; podem, por vezes, perder algo do significado inicial.

Ou, por exemplo, imagina uma definição, digamos, de mãe. Quero dizer, por exemplo, mother, e madre, e por aí fora, tudo significando a mesma coisa. Pode muito bem acontecer, por exemplo, que venha alguém que é familiar de uma pessoa presente, e pode ser a mãe dessa pessoa em particular, e ela pode recordar-se de ser tratada, por exemplo, pela filha por um certo nome, por exemplo; e ela pode pensar na palavra "mãe", por outras palavras, tentando imprimir e transmitir o facto de que é ela. Mas no processo de criação do som, no processo de mudança, uma vez que "mãe" pode ser interpretado em várias palavras diferentes significando a mesma coisa, pode sair "mãe", enquanto o destinatário da mensagem pode dizer: "Bem, não creio que pudesse ter sido a minha... a minha mamã, porque nós tratávamo-la sempre por mamã, por que haveria ela de vir e chamar-se a si própria mãe?"

O ponto é, se reparares, a força do pensamento é "mamã", mas na... na mudança para a vibração sonora, ou ao vibrar a atmosfera, como eu disse, a palavra pode ser ouvida — pode perfeitamente sair noutra forma, mas significando o mesmo. É a substância; é o ponto; é a substância da matéria que realmente importa. Desde que o significado seja o mesmo...

Rose Creet: Compreendo perfeitamente, sim. Obrigada, Stephen, obrigada.

Stephen Ward: Mas estou a aprender gradualmente certos aspetos da comunicação, e gostaria de me tornar, tanto quanto for humanamente possível, ou tanto quanto for possível, um bom comunicador. Quero dizer, gostaria de ser um comunicador tão perfeito quanto for possível ser. Quão perfeito isso pode ser, nunca se pode saber com certeza. E depois, lá está, eu diria que também há imprevistos; por muito que se saiba, ou se pense que se sabe a maioria das respostas, pode-se saber as palavras, mas aprender a rotina e aprender os rituais... se eu aprendesse o método e o suprimento... de facto, uma pessoa pode aprender todas as nuances e tudo o mais sobre comunicação, mas continua a não estar livre do facto de que pode haver um momento no tempo em que pode nem ser possível comunicar, ou, se o fizeres, será muito mal feito.

E depois podes estar consciente, de facto, de que o estás a fazer — e eu acho que tu o estás a fazer extraordinariamente bem este mês — de que estás a concentrar o teu pensamento, e sabes, e estás a transmitir, tanto quanto sabes, bastante bem; mas o que está realmente a acontecer na outra ponta, que no sentido é o que importa para quem recebe a mensagem, é outra coisa.

É verdade que eu consigo captar, por exemplo, as respostas que, por exemplo, tu possas dar. Eu posso dizer-te algo, tu podes dizer: "Oh, sim, e muito obrigada, eu compreendo", ou "eu não compreendo", ou "oh, tal". E quero dizer, por outras palavras, estou plenamente consciente, estou a falar para mim próprio, estou muito consciente das tuas respostas, não apenas pelo meu som, mas às vezes também pelo som; mas invariavelmente, consigo receber o teu pensamento ou a resposta, digamos, antes de vibrares a atmosfera e criares som. É a coisa mais estranha quando se está a comunicar, porque é... é como se estivesses parcialmente lá e parcialmente não lá. Às vezes estás a ouvir, às vezes estás a sentir, às vezes estás a receber a força do pensamento. É um aglomerado de várias coisas a acontecerem ao mesmo tempo. É muito difícil ficar tão sintonizado, ou seja, tão completamente sintonizado, que consigas realmente ouvir e saber exatamente o que está a ser dito.

Quero dizer, eu sei que respondo a perguntas, sei que respondo se disseres algo, mas, francamente, por vezes é difícil, e às vezes, de facto, tenho a certeza

de que estás a falar e eu não estou aqui; e tenho a certeza de que tu, por vezes... estás a falar e não me estás a ouvir. Achas? Nós nem sempre sabemos com absoluta certeza quanto estamos a registar, e nem sempre sabemos quanto é que tu... quanto é que tu estás a dar. Percebes o que quero dizer? É peculiar às vezes. Acho que às vezes oiço o fim de uma frase, e por isso, o início, e não o meio. Às vezes é como se... quase como se uma pessoa fosse surda e não ouvisse nada, e depois, de repente, consegues ouvir, e com certeza, ou ficas consciente das palavras sonoras e da força do pensamento que as transmite, sabes, do lado oposto.

É de uma forma tão complexa que nem te consigo dizer quão complexos são os meios. Mas acho que isto é algo que a pessoa pode fazer por si própria e acho que o estou a fazer gradualmente, e espero vir a recordar-me eventualmente. Mas tu és uma comunicadora, e será sempre difícil.

Rose Creet: Sim. E o Leon estava a dar a ilustração há pouco, quando estava a falar, quando explicaste sobre o som — que às vezes consegues ouvir, às vezes não consegues vir aqui. Notei que eu não conseguia ouvir, às vezes tu não conseguias dizer nada, mas peço-te sempre que o aceites. É o que há, se vires de qualquer forma. Espero que te tornes um bom comunicador, não vale a pena tentar de outra forma.

Stephen Ward: Sim. Está bem, Leon, ajudaste-me. Pela paciência, estás a sair-te melhor do que bem e a estar extraordinariamente bem. Consegues ouvir isso?

Rose Creet: Sim, obrigada. Tenho saudades do Kitchen. Tenho saudades dele. Tenho saudades dele. Tenho saudades dele. Tenho saudades dele. Enfim.

Stephen Ward: Muito bem, Shlifa. Oh, meu amor. Que Deus te abençoe. Nós amamos-te. Vemo-nos outra vez em breve.

* * *

010664

Às vezes, bem, com certeza ficam muito intrigados quanto ao que estaremos a fazer, se é que estamos a fazer algo, numa conversa.

Sim.

Temos a certeza de que ficam, pois às vezes podemos parecer não estar a fazer nada, no que vos diz respeito, ou seja, nada parece estar a acontecer. Muitas vezes, muito está a acontecer nos bastidores, onde estamos o tempo todo a tentar desesperadamente manter toda a manifestação e o poder a circular.

Podem não estar a falar, mas estamos certamente a tentar aguentar e a fazer o que podemos e, depois, através de alguém, falar; alguém que sintamos que pode ser útil e informativo. Mas não creio que possam alguma vez compreender as muitas complicações que existem na comunicação. Mesmo nos melhores momentos, mesmo quando talvez o que disseram... tudo isto é uma cidade maravilhosa, maravilhosa.

Não creio que possam possivelmente perceber quanto esforço, e quanto trabalho, e quanto tem de ser feito para produzir sequer um sussurro; e depois, numa noite onde possivelmente as conversas foram variadas e em muitos, e talvez em vários casos, foi possível transmitir imenso ao longo de um período talvez bastante longo, até o falar em si. Alguns breves momentos nalguns casos, noutros casos, em certas condições por vezes produzimos o que podemos, e de facto trazemos muita coisa.

Mas a sessão é variável a tal ponto que, mesmo numa sessão muito memorável, nunca se pode ter a certeza de quais serão os resultados. É muito complicado.

Eu sei disso, Dr. querido, eu sei disso, mas eu gosto apenas de ouvir a minha voz no escuro e espero que também a consiga ouvir.

Bem, claro que nós, naturalmente... estou a fazer a sua voz, e nós naturalmente gostamos de responder a ela, mas muito frequentemente não é necessário que fale no consciente dos pensamentos. E muitas vezes tentamos responder às suas perguntas, às vezes com alguma substância, outras vezes mais próximo do fracasso, mas fazemos o melhor que podemos sob as condições prevalecentes, tal como elas possam existir na ocasião em que vimos.

Não sou mal compreendido. Eu sei que isto não é irrelevante, às vezes acho que é bom reiterar porque muita gente simplesmente não compreende. Não creio que mesmo muitos dos chamados espiritualistas de longa data e experiência alguma vez percebam plenamente ou compreendam as muitas dificuldades com que se tem de lidar.

E estas dificuldades não são necessariamente do nosso lado, às vezes são muito do vosso lado; às vezes são puramente físicas, às vezes são de plano puramente mental; todo o tipo de influências por vezes começam a trabalhar e têm de ser vigiadas, têm de ser postas em linha, por assim dizer, para que possa haver um canal o mais claro possível para, pelo menos, estabelecer algum contacto sensato e definido.

E lembrem-se que os pensamentos para nós ainda são reais em si mesmos, e podem estar no nosso curso, ainda reais no vosso lado, mas para nós o pensamento é uma realidade, uma coisa viva; e às vezes temos de os conter, todo o tipo de pensamentos, todo o tipo de pessoas, todos os tipos de indivíduos, bons e maus. Nem sempre é fácil manter um canal limpo; uma das nossas maiores dificuldades é a luta para manter um canal limpo.

Não importa.

Não, não, não, não. Estou apenas a falar assim. É para manter as vibrações a funcionar, em parte por causa delas; em segundo lugar, acho que vale a pena reiterar; e em terceiro lugar, enquanto estou a segurar os pensamentos, outra pessoa está a ser preparada para vir falar convosco.

Consegui dizer uma palavra, porque não tive mão nisso; agora que sei como comunicar razoavelmente bem, ajudo-os, também sem utilizar demasiado poder, porque, ao fazer o esforço por mim, não é a mesma coisa. Aquele que vem é ele, está a ouvi-lo e a observá-lo.

Oh, presumo que ele esteja a ouvir e tenho a certeza de que está a observar. Mais uma vez, deve ser muito difícil para si compreender quando tento explicar esta coisa de observar. Claro que podemos ver, claro que estamos obviamente cientes das nossas próprias condições e do nosso próprio ambiente, e também

estamos cientes das condições e do ambiente quando descemos até si; é como se fôssemos capazes de os perceber em duas esferas ao mesmo tempo.

E um bom comunicador, um que esteja habituado a comunicar, sabe como agarrar o aspeto material de todo este processo de comunicação, o que é uma forma tão bem-sucedida que ele é capaz de comunicar de todo.

Encontramos, claro, pessoas que tentam reter essa força de pensamento em relação às coisas que desejam transmitir, em vez de o fazerem, perdem o contacto físico ou o conteúdo, e em consequência o resultado é bastante abortivo. É muito difícil, porque é, num certo sentido, como tentar fazer duas coisas ao mesmo tempo: segurar o pensamento que se trouxe para transmitir ou transferir, saber, num nível não material, e estar consciente e ciente das condições materiais em que vocês existem, nas quais estamos a tentar transplantar, se quiserem, ou transferir esse pensamento da nossa própria vibração.

Pode ser... e depois há o aspeto físico da comunicação, a transmissão do pensamento no silêncio, há as cordas vocais, que em todos os momentos estão a ser afetadas pelas condições; mesmo nos melhores momentos, as condições devem sofrer flutuação. Muito depende de algo; visto que é uma coisa muito confusa, a comunicação; não tão má para aqueles de nós que estão mais habituados, mas muito confusa para os novatos.

E muitas vezes, por exemplo, à pergunta mais simples que fazem, eles confundem-se, eles perdem o contacto, tentando recuperar o pensamento da resposta ou os pensamentos que lhes foram dados, e podem querer transmitir algo, e têm de soltar o controlo do físico para reter o pensamento, ou obter o pensamento para transmitir de volta para si; e na altura em que possivelmente obtiveram o pensamento da resposta, a pergunta foi feita na maior parte do contacto físico, desistindo dela.

E é por isso que muitas vezes uma alma com experiência tem de intervir e transmitir, às vezes, de facto, na primeira pessoa, por essa pessoa, senão eles poderiam baralhar tudo. É muito difícil e muito confuso, e também há a própria personalidade de cada um, a tal ponto que a pessoa, num sentido, é reconhecível

na voz — refiro-me à voz em si — ou no modo, na maneira de falar, de tantas outras formas.

Quero dizer, o ponto central é que estamos a tentar fazer certas coisas, várias coisas, poder-se-ia dizer, ao mesmo tempo; e apenas um comunicador realmente experiente pode ter o que eu chamaria de algum sucesso; e mesmo ele ou ela pode, de tempos a tempos, falhar. Eu digo que é um milagre conseguirmos transmitir o que transmitimos; mas, no entanto, sabemos que existem muitos limites, num sentido, porque experienciámos muito ao longo dos anos de comunicação, quando fomos capazes de criar uma sala e fizemos muito pouco; às vezes, podemos ter um tilintar ou nada de todo.

As condições em si mesmas, quer seja uma sessão para si ou para outra pessoa; e o médium em si pouco mais poderia fazer. Ele pode ser o mais passivo possível, e o mais cooperativo possível, doando o seu poder o melhor que pode, mesmo inconscientemente, poder-se-ia dizer; o ponto é que é uma coisa muito complicada. Em qualquer forma, devia estar mais seguro disto. Essa é uma das razões pelas quais ele diz que o sucesso de Stephen, para um recém-chegado completo, acho que ele se sai tão bem.

Ele parece ter sido capaz de fazer isso; pensando no primeiro caso, claro, obviamente, ele era uma personalidade muito forte, e ainda é. Acho que ele, em qualquer profissão que exercesse, deixaria a sua marca. Acho que ele poderia ter tido um grande sucesso de várias formas na Terra, e a tragédia é que a sua vida foi interrompida; mas, no entanto, deste lado, a sua personalidade é tal que a sua ânsia e o seu desejo de saber tudo o que pode, e de assimilar conhecimento, e a ansiedade que tem em fazer um contacto, o desejo de um contacto, e desejar saber os meandros, ele é um investigador, é uma pessoa muito séria.

Não há nada de muito... quero dizer, ele pode às vezes, pela fala, dar a aparência de ser um tipo de indivíduo fútil; ele não o é, pensa de forma muito profunda, e é uma pessoa muito sincera, muito genuína e muito bondosa. Eu penso pessoalmente que ele tem sido extraordinário, e espero lembrar-me de o fazer, e ser capaz de o levar a falar, segurando o pensamento, num sentido, para ele esta noite. Suponho que ele esteja a encontrar o indivíduo.

De certa forma, ele é... há algo, uma pessoa dele próprio de certa forma, e acho que ele está a tentar remediar algum pensamento material que se impôs sobre ele desde os últimos dias, mas acho que ele tem, de qualquer forma, apenas de se lembrar. É tudo o que tenho aqui. É tudo o que tenho no meu caminho. Há algo melhor?

Terceiro mundo.

Está bem, então, vamos falar sobre isso. O terceiro mundo. O terceiro mundo. Quão mais profundo? Como está?

Chegou bem, com certeza. Muito obrigado. E muito bem.

Bom. Muito obrigado. Estou extremamente bem. Continuo a saltar de um lado para o outro, e tenho coisas que despertam interesse, até certo ponto, de certa forma, coisas materiais; mas elas não têm o peso de um interesse para eu estar lá; mas, no entanto, não consigo libertar-me completamente de certos aspetos da vida material nela.

Sim.

Mas uma das coisas que considero mais difíceis de suportar, e não desejo ser indelicado, mas em todo o caso, esta treta da hipocrisia religiosa, suponho que não devesse dizê-lo, mas não me permite perder mais nada. O que diz?

Está bem, continue.

Esta treta religiosa.

Oh, sim. Ainda assim, é algo que acontece lá, e nós simplesmente temos uma calamidade, mas suponho que seja estúpido, mas alguém quer falar sobre isso. Como está? Acho que é apenas treta.

Oh, sim, fale sobre isso. É tudo muito interessante para mim, é estúpido, se puder.

Oh, não é. Acho que percebo o que quer dizer. Você não o faz.

Não?

Eu disse, você fá-lo.

Sim. Pobre velha igreja. Onde está? Onde está? Só preciso de saber. Como está? Está. Obrigado. Obrigado. Você nem sequer o faz. Sim, Confissão. Oh, sim.

Eu estava a dizer, vim cedo porque queria, de certa forma, preparar o caminho. Sei que isto pode soar estúpido, mas descobri que, se vou comunicar, digamos, à noite, se puder vir cedo durante o dia, então eu... não sei como explicar isto. É como se eu entrasse nas condições, suponho. Apenas sobre si, eu próprio, de que maneira, não sabia como aguentar, mas por que razão há um inconsciente, de estar sozinho, inconsciente do que tenho de alcançar à noite, na teia da comunicação.

E havia este tipo de tom religioso, um tom deles, meio estúpido, meio... isto está a acontecer. Eu estava a usar a conversa. Acho que, meu amigo, havia ali algum padre estúpido, do lado de fora, quero dizer, eu não sabia o que ele diria no banho, e eu sabia como esperar que o padre descobrisse isso; certamente, este homem era uma criatura velha, um padre naquilo, e ele estava, não sei, a pôr palavras na boca daquela pessoa, mas acho que ele deve ter estado de certa forma, porque é como se houvesse uma personalidade dupla a trabalhar ali, e foi muito interessante e, ao mesmo tempo, muito enfurecedor.

E pensei para comigo: bem, não me cabe a mim entrar nisto, e não sei, houve este jogo onde captei as condições e a vibração do bocado. E não é sensato meter-me nisso, mas na verdade, foi tudo um bocado, um bocado irritante. Suponho que não devesse ter estado lá, mas não pude evitar pensar nisso. É muito irritante para mim. Como foi estúpido. Sim. Sim.

Estou tão contente que esteja... espero que tenha ouvido isso. Fiquei muito irritado, mas continuei a chorar. Estava à espera que viesse para aqui, e tudo isto, bolas.

(Parte desta fita não foi regravada por ser pessoal para o assistente. Parte dela.)

Não vejo como é que alguém pode realmente ser completamente... bem, quero dizer, parece-me que é tudo melhor, parece, porque o rapaz tendo de matar de uma forma ou de outra, suponho, toda a vida vive uma da outra. Quero dizer, suponho que não consigo viver por isso. A natureza é muito, muito cruel, sabe.

Bem, é uma coisa forte de se ver.

Sim. E há outra coisa que me acontece sempre, e as pessoas dizem: "bem, Deus, Deus é bom, Deus quer que faças isto, e quer que faças aquilo", e dizem a qualquer pessoa que Ele sabe... eu ainda estou pronto, mas todo o tipo de coisas, na natureza, à parte, e também, de certa forma, fundamentalmente cruéis. Claro, até você seria... apenas faça um, para descobrir sobre este tipo de coisas, e diga-me, porque que coisas não fazem um homem ser compreendido?

Bem, eu tento ver a coisa desta forma. Quero dizer, eu sou... eu sei que soa sacrílego, mas não acredito que o mundo tenha sido criado por um ser supremo, ou Deus. Não acredito em Deus no sentido ortodoxo ou sagrado. Penso que o homem surgiu através de gerações de mudança. Presumo que, nos estágios iniciais, ele não era o homem como o conhecemos, e evoluiu imenso, e mudou, e mudou, e evoluiu, e tornou-se, como sabemos, mais ou menos o homem.

Suponho que, para mim, todos temos o instinto de nos mantermos vivos; o homem matava, matava o outro, mas isso ainda é assim. Mas desta vez, claro, em nome da religião, o que torna a coisa bastante pior. Mas naqueles dias, o fim da religião, de qualquer forma, pelo menos tinham começado a encontrar algum tipo de religião. Começaram a adorar as outras coisas que conseguiam ver, como o sol, e a lua, e as estrelas, e pelo menos eram inteligentes, e após adorarem algo que pudessem ver, isso dava-lhes algum calor ou algum conforto.

Mas, hoje em dia, claro, é moda adorar algo que não se vê, e que não se conhece realmente e sobre o qual se ignora tudo, que o próprio homem gosta de assumir que compreende e conhece, ou tenta compreender, e sabe que não faz a mínima ideia, de qualquer forma, e isso parece-me sempre uma loucura. Eu só estou preocupado em descobrir o máximo que posso, e de que maneira for, é bom, de qualquer forma.

Bem, a verdade é que não estou preocupado com o que quer que você provavelmente venha e me diga do púlpito porque tenho um braço castigado, ou um braço castigado, ou seja o que for que fosse, eu nem sequer me importo, homem.

Oh, nós somos adoráveis. Oh, apenas uma alma ali, atrás do meu próprio passado. Oh, certo. As pessoas parecem tão estúpidas porque se a verdade fosse

muito estreita, e se fossem homens honestos, homens verdadeiramente honestos, admitiriam o facto de que não sabem. Mas eles dão voltas à porcaria da montanha e do oceano, vão aqui, estão em todo o lado, mas eu sou uma estrada direta, e tentam explicar algo que eles próprios nem sequer sabem, e admira-me, eles não sabem, também me parecem tão densos.

Oh, adorável, Stephen. Oh, diga mais também.

Bem, eu penso que, se uma pessoa vai ser, como eu vejo, inteligente, então tem de ter uma mente completamente e perfeitamente aberta para receber, e se não conseguir aceitar algo, e num sentido, possivelmente rejeitá-lo, ou até pô-lo de lado, e dizer: "bem, não tenho a resposta para isso, e isso pode ser o que me disseram, talvez não seja a resposta, mas não me satisfaz, mas não o estou a descartar completamente, mas ao mesmo tempo não o aceitei".

Mas as pessoas aceitam todo o tipo de coisas estranhas, só porque é o que se deve fazer, porque foi ensinado através das gerações, porque o seu avô acreditava nisso e você tem de acreditar nisso. Quero dizer, metade dos problemas no mundo parecem ser porque os seus bisavós acreditavam em certas coisas, isso é passado de família em família, e de nação em nação, e espera-se que continue cego através de cada geração, aceitando os... aceitando os chamados factos, que não são factos de qualquer maneira, porque é o que se deve fazer, e todos os factos, o que é uma estupidez corporal.

Não fazes ideia! Recebes isso de certas formas, e depois na religião, recebes isso na política, exatamente, e recebes este tipo de coisa, que o teu país é o país, o teu povo, a tua bandeira é a bandeira, e que deves morrer se for necessário. Mas aqueles que usam um século para a morte, para voar para... para salvar o país, ou salvar a bandeira, podem esconder-se muito bem. Mas todas estas pessoas que advogam estas coisas, colocam-se sempre em posições muito boas onde estão bastante confortáveis, e invariavelmente fazem um lucro dos diabos com isso também, financeiramente.

Não tenho tempo para o "sistema" (Establishment). Mas é na política original o que é: é corrupto no topo.

Absolutamente!

E não há nada mais corrupto do que a igreja no topo. Quer se pegue nesta geração ou em gerações pré-natais, a única coisa é que piora de uma forma diferente; enquanto nos velhos tempos eram cruéis na forma como se tratavam uns aos outros, hoje são um pouco mais subtis, mas continuam a fazer as coisas à maneira deles.

Eu sei, não consigo compreender isto. É extraordinariamente velho, o que as diferentes igrejas têm.

Bem, eu penso que é, e fundamentalmente, cada indivíduo que nasce, quer se aperceba plenamente ou não, pergunta-se, deseja de certa forma saber algo sobre a vida, e de onde veio, para onde vai. Quero dizer, não é muito depois de se crescer, quando se começa a ir para a escola, quando se começa a ler no estudo, começa-se a aprender coisas e começa-se a pensar por si próprio, começa-se a perguntar se há algo além da morte, quando se percebe que a morte é o melhor.

Se colocar a coisa assim, nos seus 90 e tal anos ou algo assim, é tão infinitesimal no tempo, e o homem gosta de sentir que há algo sobre ele que é diferente disso. Que é diferente do reino animal e que merece viver num círculo além da morte; e pensa que deve haver alguns deuses de alguma força algures, e ilude-se com várias coisas, e aceita a religião, camadas cegas, como uma espécie de resposta. Ele nunca chega a acreditar nela, finge que sim, mas as coisas inteiras parecem ser tão simples num estupor simples.

É como se o homem tivesse de ter algo a que se agarrar, o que de certa forma eu compreendo; penso que pode ser, e tem sido, uma bênção para muita gente, eu compreendo isso, mas parece-me que o homem perde o seu desejo pela verdade, ou de encontrar a verdade, quando se agarra a algo e aceita outros homens cegamente, porque os seus antepassados o fizeram, e porque é o que se deve fazer, e porque se houver algo nisso, bem, ele está bem no outro lado de qualquer maneira, e se não houver, bem, ele não diz nada. Sabe, é como uma espécie de apólice de seguro, sabe. Paga-se tanto por semana e aposta-se na coisa do seguro se estiver aqui...

E por outras palavras, se houver algo naquilo em que acredita, então fez a sua contribuição e vai ficar bem, sabe, obtém a resposta. É uma espécie de

joguinho na religião, invariavelmente, um avanço do egoísmo das vossas pessoas. O que é que vão tirar dali. E também, não apenas aqui, o que vão tirar dali se não houver aqui, como eles pensam, mas também muito frequentemente o que teria acontecido.

E o que vão tirar daí, do vosso lado, por irem à igreja, conhecerem as pessoas certas e conseguirem apresentações nas casas das pessoas, e ouvirem o último escândalo daquele lado, e talvez conseguirem um bom negócio de alguém que esteja bem posicionado na igreja. Sabe, é tudo uma espécie de batalha em troca.

Certo.

Bem, é, sabe. Quero dizer, não há como fugir a isso. Se estiver bem com a igreja, e for uma das igrejas que têm riqueza ali, e tiver as pessoas certas a frequentá-la, então passa a conhecê-las na comunidade. É convidado e talvez esteja a negociar certas ações ou títulos, ou talvez esteja num certo tipo de negócio, e eles pensam em nós próprios. Então ele vai àquela igreja. Acho que lhe devíamos dar o negócio também. E acho que... dar-lhe o negócio também. Mais uma vez, fique atento. E em breve "tu coças as minhas costas, Jack, e eu coço as tuas".

Oh, bem sintonizado. Luta onde pisa. Sentimentos, como dizem de novo.

Estamos a discutir. Estou a perguntar-me, você compreende aqui e está a perguntar-se. No sentido de que não acho que... sou bom em pessoas religiosas, e eu, claro, há mais peças de época de nós do que onde... a música é da hipocrisia. O que eu sei é-me mais do que qualquer coisa é, e este é o facto que eles sabem. Esqueceram-se de mim esta tarde. Eles eram como... este tipo de "eu sei". Eu nunca me importo. Alegremente sei o que sei. Valeu a pena morrer para descobrir. Deixe-me.

Sim. Oh, sim. Isso foi bom. Oh, sim. Terceiro. Selo terceiro. Estará bem. Oh, eu sei.

* * *

290664

Stephen Ward: Quantos anos tem?

Rose Creet: Ela é jovem, 9.

Stephen Ward: Oh, estás muito atrasada. Dias felizes!

Rose Creet: Dias saltitantes.

Stephen Ward: Disseste dias felizes?

Rose Creet: Oh, bom.

Stephen Ward: Porquê?

Rose Creet: Tão velho e um dia feliz quando venho falar contigo.

Stephen Ward: Oh, bom. Não é um dia comum. Não é uma segunda ou uma terça-feira. O que quer que me aconteça é um dia feliz.

Rose Creet: Oh, o meu dia. Eu não olhei para isto como um momento comum.

Stephen Ward: Foi um dia comum. Eu não olhei para isto como um dia feliz.

Rose Creet: Bom.

Stephen Ward: Pensei que ainda te remeteria a um dia feliz algures no teu lado. E fiquei bastante interessado de vez em quando. E quando fiz isso, ouvi aquilo? Bem. Um dia feliz para mim também. Tão velho e um momento feliz por eu ter conseguido passar e dizer algumas palavras?

Rose Creet: Ha, ha, ha. Não temos muitos pensamentos. Seremos capazes de seguir caminho. Mas não devemos ser egoístas.

Stephen Ward: Por que não?

Rose Creet: Alegria. Quero dizer, afinal de contas, eu gostaria de sentir o que ele está a ter de mudar e descansar. Acho que ele precisa, de qualquer forma.

Stephen Ward: Sim, precisa. Mas não devemos ser egoístas, pois não?

Rose Creet: Oh, eu percebi. Ele sabe que eu não sou egoísta. Ele sabe. Mas a piedade não é cuidar de alguém? Um dia, acho que a piedade é cuidar deles. A piedade conta como benefício para mim também.

Stephen Ward: Ha, ha, ha. Ha, ha, ha. Então poderíamos ter uma sessão extra ou algo assim para ter uma pequena oportunidade extra. Tu tens os meus pensamentos. Eu não vim para dizer isso. Acho que ele pode, mas não vou tirar vantagem. No que toca ao que eu acho que fazemos, tiramos vantagem, suponho eu, num certo sentido, cada vez que tentamos comunicar, tiramos outra vantagem porque isso deve exigir muito dele. Mas pelo que consegui perceber, parece-me que os médiuns têm uma espécie de algo extra que as outras pessoas não têm. Mas ao tirar-lhes isso, acho que deve ser um grande esforço. Primeiro, devo mencionar que é terrível ser um médium, num certo sentido. Porque, num sentido, estás a ser usado de uma forma que, como devo mencionar, o pregador. Os pais dele, segundo o que todos vocês dizem, não assinaram, dizem que se ele tirar a fotografia, podem sempre parar.

Rose Creet: Bem, eu não saberia disso. Quero dizer, não estou a par de tudo isto. Mas eu teria pensado nisso. Afinal de contas, vem de uma força viva, o que o torna possível. E eu teria pensado que isso seria um grande stresse e tensão sobre a constituição de uma pessoa, particularmente se o têm feito repetidamente, dia após dia, ano após ano, como eu imagino; isso não prejudicou a saúde deles. E então é possível. Eu poderia imaginar, estou apenas a dizer-te o que eu pensaria. Quero dizer, posso estar errado, mas eu teria pensado isso.

Stephen Ward: Tens razão, razão. Eu deveria ter pensado que tu serias capaz de dizer tudo isso de um ponto de vista médico. Mas só posso assumir que, se um médium estivesse a ser usado, constantemente, o stresse e a tensão seriam algo tremendo. E eu pessoalmente, eu conheço um médium, na verdade. O que acontece é que, num sentido, nunca és tu próprio, completamente. Quero dizer, afinal de contas, é uma força vital que está a ser usada. Caso contrário, poderia até ser possível. Quero dizer, isso é óbvio, penso eu, que se vais estar sob stresse, algo que permite às pessoas comunicar, e às vezes, através dos vivos, algo deve ser teu, que deve vir da pessoa em questão, que é o médium. Portanto, essa pessoa deve estar a usar uma grande dose de vitalidade e energia. E algo deve estar a sair deles o tempo todo, o que deve ser, num sentido comum, de uma forma comum, uma grande necessidade física para eles. E, portanto, ao fazer uso

disso, parece-me que, bem, estás a consumir a minha vida, matéria sangrenta. Quero dizer, [posso estar] errado.

Rose Creet: É por isso que sempre pensei a mesma coisa. É por isso que acho que o Dr. Marshall e o Dr. Nightingham [não devem] fazê-lo demasiado.

Stephen Ward: Bem, eu francamente não sei como é que um médium consegue. Quero dizer, parece-me incrível que, julgando pelo pouco que sei sobre o assunto, vindo apenas ocasionalmente falar contigo, e o esforço que tem de ser feito, e todo o trabalho que acontece nos bastidores, e apenas usando alguns indivíduos do teu lado, de quem o meu talento foi extraído. Quero dizer, fazer isto talvez duas ou três vezes por dia, ou algo assim, seis dias por semana ou o que seja, parece-me loucura. Quero dizer, [posso estar] errado. Eu achava que fazer isto duas vezes por semana era o suficiente para qualquer homem, mas fazê-lo duas vezes por dia, durante seis dias por semana, parece-me a própria loucura. Mas quero dizer, achei que estava errado. Não sabia que parecia uma loucura para mim.

Rose Creet: Bem, o Dr. Marshall interveio várias vezes, mas o dever disso é que, se ele não escuta, e as pessoas têm, elas simplesmente não passam.

Stephen Ward: Bem, eu conheço esse facto. Sabes, tentou-se mais do que isso, mas eu estive aqui, Marshall, pensa, olha, eu vou verificar, e acho que deveríamos fazer muito para não fazer nada. Sabes, achei que tinha sido repreendido, vai ser uma dúvida, também, sabes? E eu assumiria que é por uma razão muito boa. E às vezes, de facto, até, bem, eu consigo perceber agora, quando olho para a emanação do conhecimento mediúnico, eu saberia sempre dizer quando ele está na melhor forma ou se ele está um pouco, bem, ou se não está. E, claro, ele não tem estado muito bem ultimamente, e eu soube mais ou menos se não ia ser isso. Na verdade, aqui ao lado, estaremos juntos. Eu não entendi realmente.

Rose Creet: Oh, tu entenderás tudo. Estou à espera que entendas tudo o que haverá no dia. E eu fiquei muito intrigada com aquela casa que tu querias ter, não pensei.

Stephen Ward: Bem, não era exatamente uma casa, mas significa que está longe de ser uma casa; era um edifício vasto e muito impressionante, muito imponente e muito bonito. Espero vir a saciar a minha curiosidade depois de conseguir um vizinho melhor. Ao mesmo tempo, sei que não me deveria ser permitida a entrada neles até à primeira vez.

Rose Creet: Bem, eu estou pronta se tu puderes.

Stephen Ward: Oh, como é que te preparas?

Rose Creet: Oh, sim, é tudo muito bom para ti. Quero dizer, tudo o que tens de fazer é, bem, apenas ouvir-me falar. Quero dizer, não desejo ser rude, mas acredita em mim. Mudar a si próprio. Quero dizer, eu sei que mudei muito, mas não conseguia saber o que era suposto eu fazer antes de estar numa posição de entrar nesse ambiente ou o que quer que seja lá, mas por um bocado, ainda há muito para me acontecer. Na verdade, ainda não sei bem o que é suposto eu fazer. Na verdade, tudo isto não é sobre tornar-se um tipo de espiritual assustador.

Rose Creet: Oh, obrigada. Para, para, para.

Stephen Ward: Bem, na verdade, agora consigo ver o lado engraçado até nisso. Quero dizer, pode soar exatamente da mesma forma para algumas pessoas. Suponho que seja o facto de eu conseguir ver coisas diferentes, claro. Mas o ponto é que ser espiritual não é como... bem, como provavelmente algumas pessoas parecem imaginar na Terra. Não é tornar-se um "santinho". É a apreciação do que é bom.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E fazer o bem ou tornar-se bom, estou a tentar colocar as coisas assim, não vai parecer horrível quando eu o estiver a reproduzir. Mas torna-se um instinto natural, seguindo um instinto natural com todos ainda para fazer aquilo que é correto, e que é apenas normal, e uma espécie de ser, tanto quanto qualquer coisa, parece-me, estar em sintonia ou em harmonia, e uma espécie de ser, não sei, dentro de ti mesmo, cheio de amor, e esse amor em si parece, bem, num certo sentido, não há portas, certo? Não sei como explicar isto, mas não é uma coisa de "santinho".

Rose Creet: Não, não, eu não sei.

Stephen Ward: Santo Deus. Isso seria terrível. Tudo o que sei é que me sinto diferente. Essa pessoa, à medida que se começa a sentir coisas diferentes, quer tornar-se diferente, e quer perder certos aspetos do antigo eu. Parece que alguns outros aparecem em ti, e coisas que pareciam vitais ou importantes ou necessárias, parecem tornar-se ténues e quase, bem, de facto, são sem importância, e mal temos consciência delas.

Penso que é perder de si próprio certos aspetos da natureza de alguém, e a mudança que vem é tal que quase esqueces, de certa forma, tanto quanto se pode, certo, memórias para trás e para trás, eu tenho, claro, mas penso que o importante, nas fases iniciais de vir para aqui, é deixar essas coisas para trás, não pensar nelas, não te agarrares aos pensamentos que, evidentemente, e certamente parecem prender-nos, acho que a ideia toda é libertares-te de muitas coisas que, depressa começas a perceber, não têm significado aqui; o que tinha um significado na Terra e tinha um lugar, já não tem um significado ou lugar aqui, e em consequência, conforme mudas na tua perspetiva e nos teus desejos, passas a desejar coisas que, de alguma forma, são tão naturais, porque são as realidades, e são o tipo de realidades que estás a procurar, e as realidades a que te estás a agarrar e a compreender, e elas meio que te elevam do teu antigo eu, e tu aprecias tanto mais plenamente, porque consegues ver e compreender estas coisas que importam mais plenamente.

Tornam-se uma realidade viva para eles, enquanto que, outrora, eram uma espécie de sonho, ou eram aspirações, eu diria, que tinhas na Terra, as quais, sob as circunstâncias, em condições materiais, pareciam quase impossíveis de trazer à existência; aqui, os obstáculos parecem ser removidos, e a pessoa faz isso a si própria até certo ponto, mas, no entanto, passas a perceber, tendes a perceber que são as realidades que estás a procurar, as realidades a que te estás a agarrar, e todas as coisas antigas, coisas que pareciam estar fora de controlo de certa forma, já não parecem, embora isso possa parecer algo que, importantemente, deve ter sido milhões de coisas na Terra, já não significa nada aqui. Perdes tanto, mas já não importa. Portanto, claro, eu acharia que seria perfeitamente natural, porque,

sabes, eu ainda tenho um conceito de arte, onde, assim que obténs a tua antiga realização, existem algumas outras razões, já não és manipulado.

Bem, vamos tentar encontrar uma razão para continuar. Percebes, quando chegas aqui pela primeira vez, ainda estás muito, muito na forma de pensar de alguém, e de facto, ainda estás muito no sentido material, agarrado à antiga ideia e pensamento, e não é fácil libertares-te deles, e para ti, digamos, por agora, eles ainda têm um papel importante a desempenhar, tu ainda te agarras a essas coisas, e o que há a fazer, claro, é perceber que elas já não são importantes; não é fácil libertares-te destas coisas, e penso também que as circunstâncias da passagem de alguém, e as condições de pouco antes da passagem de alguém, têm essa parte muito importante.

É por isso que eu imagino que o processo gradual de morrer, que tantas pessoas temem, à sua maneira estranha, é a forma da natureza de ajudar um indivíduo a libertar gradualmente o seu domínio sobre muitas das coisas que pareciam importantes na altura, que na realidade nunca tinham sido importantes. Por aqui, tu também derivas gradualmente.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Para este mundo, e estás mais consciente disso. O ponto é que eu acho que depende muito do percurso individual. Quero dizer, se souberes sobre este assunto, se perceberes que a morte é um portal para uma vida grandiosa, cheia de vida, uma oportunidade maior, e maior, maior conhecimento, maior compreensão, maior tolerância; por outras palavras, se perceberes que este é um mundo onde o amor predomina, e que estarás rodeado de pessoas que amam também a cada momento, e que há pessoas, e não apenas as que conheces, mas pessoas que vêm da partilha do amor para te ajudar, assistir ou mostrar-te os caminhos. Toda a atmosfera muda por causa disto, e para uma pessoa que compreende esta verdade antes de vir para aqui, é uma questão completamente diferente, mas a pessoa comum que não sabe, que tem medo de morrer, que drena a ideia de morrer, e se agarra talvez a algum tipo de credo ou conhecimento sombrio a que se prende, e isso não lhes dá necessariamente uma satisfação ou a segurança de que precisam.

E depois, mais uma vez, oxalá muitas pessoas não tivessem fé em ferramenta nenhuma, é muito difícil para elas, mas vês esta verdade, esta realização da vida após a morte, ela não teria sido entendida adequadamente do teu lado. Certamente deve significar que essa pessoa, quando passar, terá a passagem mais tranquila, e que saberá automaticamente o que esperar, e será recebida de tal forma que não haverá nenhuma das dificuldades que muitas pessoas têm quando vêm para aqui. É muito difícil para algumas pessoas quando vêm pela primeira vez.

Rose Creet: Oh querido, eu gostava de poder levar esta gravação a todos os meus amigos, hein?

Stephen Ward: Percebes, afinal de contas, o que é tão importante é que uma pessoa é o que ele ou ela pensa, e se eles têm ideias fixas fortes, não há ideias, e não são facilmente deslocadas mesmo deste ou de qualquer lado quando chegam pela primeira vez. Apesar do facto de estarem à espera, poder-se-ia dizer, de uma nova vida, ainda estão, num pensamento de coisas, a agarrar-se a pensamentos e ideias, e convicções religiosas, e todo o tipo de sentimentos e ideias estranhas, que não têm qualquer relação com a realidade da vida aqui.

Por outras palavras, eles agarram-se a estas ideias preconcebidas, que são o entrave para eles, e mesmo quando as pessoas pensam que vão ter com eles e falar com eles, ou tentam transmitir-lhes a verdade, a memorização do que transpareceu, eles não aceitarão necessariamente sempre, e rejeitam-no, e muitas vezes pensam que as pessoas vieram para os ajudar, querendo dizer que deveria ser óbvio que qualquer pessoa inteligente, essa pessoa, que vem como uma pessoa boa, por causa desse conceito e crença estreitos, eles vão meio que empurrar essa pessoa para o lado e rejeitá-la, e aceitarão essa pessoa de todo; e de facto, em alguns casos, olham para essa pessoa como um demónio, ou alguém que veio para os ler mal, porque tantas pessoas, ficarias surpreendida, têm esta ideia forte de que vão renascer, e muitas vezes estão sob a impressão de que vão ter um corpo físico, num mundo material, e que vai haver um grande dia de ressurreição para eles, e que eles são, de alguma forma peculiar, selecionados, que são de alguma forma peculiar diferentes, e todos os outros, eles não pensam

que eles pensam, e assumem que estas pessoas são, milhares são espíritos malignos ou maus, que vêm tentar tirá-los do tribunal correto, e esse é o grande problema com a maioria destas pessoas; existem comunidades inteiras de pessoas que vivem em três mundos completos, poder-se-ia dizer, no seu próprio, onde têm as suas crenças religiosas, onde prestam culto, onde cantam os seus hinos, e têm as suas reuniões de oração, e de facto, conduzem uma vida aqui que, de certa forma, é muito parecida com aquela vida religiosa na Terra, e eles acreditam mesmo que foram selecionados para estar num determinado lugar, e vivem num mundo que, para eles, deixa-me explicar, é uma grande realidade, e que, para eles, é um mundo de felicidade completa, porque nesse mundo deles, num sentido, ninguém mais pode entrar, não importa quem seja a pessoa que queira ajudá-los, é extremamente difícil combater esta força de pensamento que eles emitem, que é tão forte e tão poderosa; eles acreditam realmente que estão num mundo que é especialmente constituído e feito para eles, até ao momento em que serão ressuscitados, trazidos de volta à Terra, e se tornarão a elite de Deus.

Stephen Ward: Claro que estou a falar aqui da seita mais restrita de pessoas e, obviamente, não quero... mas fui levado a um destes lugares e pude testemunhar esta vida que eles levam, que para eles é um estado de existência muito feliz. Eu não gostaria de pensar que não é, porque é; porque eles estão a viver num mundo que para eles é tão real como tu és para ti, ou como eu poderia ser para mim, e tudo o que acontece nesse mundo, de criação própria, dos seus próprios pensamentos, é tudo conforme desejam e anseiam, e vivem num mundo que para eles é uma forma perfeita de existência. E, na verdade, qualquer pessoa que lá vá para tentar falar com eles, ou ajudá-los, ou para tentar tirá-los de lá, é na realidade... é tão rejeitada e tão desprezada. De facto, ficarias surpreendida como, por vezes, as pessoas que lá vão para os ajudar são alvo de orações por parte destas pessoas, para que sejam libertadas do que eles consideram ser "coisas" e para que lhes seja permitido tornarem-se bons, tal como eles são bons.

Por outras palavras, eles acreditam honestamente que são pessoas que vivem bem e que são chamados de discípulos eleitos especiais, ou povo eleito, e que serão capazes de regressar a nós eventualmente, quando o mundo chegar ao

fim. Bem, estou a falar de um tipo muito especial de seita, mas é um lugar vasto. Quero dizer, não estou a falar de algumas centenas de pessoas, estou a falar de, literalmente, milhares e milhares de pessoas que vivem num mundo, ou numa parte de um mundo, que é tão real para elas como o teu é para ti ou o meu para mim. Mas este é, claro, o mundo deles, que eles próprios criaram, que ajudaram a criar enquanto estavam na Terra e que continuam a tornar realidade até ao momento em que, claro, possam mudar os seus pensamentos — o que começará nalguns, poderá levar séculos, não sei, mas é possível.

Rose Creet: Alguma vez discutiste com eles, ou...?

Stephen Ward: Bem, não discuti porque, muito francamente, sinto que eu próprio... não somos capazes de assumir esse processo, que eu estou a tentar sortear das pessoas, que sinto que houve outras produções de mim, mas sou terrivelmente curioso e estou terrivelmente interessado, e suponho que seja a minha curiosidade natural e também, possivelmente a partir daí, eu aprenda — bem, claro que aprenderei — e isso ajudar-me-á imenso no meu próprio programa. Estou interessado em ir a qualquer lugar a que alguém esteja disposto a levar-me; aliás, quanto mais as pessoas estiverem preparadas para vir ter comigo e dizer: "ó rapaz, gostávamos de ir visitar certos sítios, há ali um grupo curioso ali em baixo, sabes, não está a acontecer tudo lá em cima". Eu sou todo a favor, vou a qualquer lado, porque penso que ao ver todos estes povos variados e diferentes, e a forma como vivem, e a forma como cantam, e a forma como agem, vou aprender algo; e possivelmente mais tarde, quando eu próprio tiver progredido mais e souber como comprar as coisas ou como não "meter os pés pelas mãos", serei capaz de fazer o bem a estas pessoas, onde quer que estejam ou quem quer que sejam.

Não quero começar a moralizar, não quero começar logo a tentar mudar ninguém. Mas quero aprender mais sobre mim próprio para que, em consequência, possivelmente eu mude, e possa, em certa medida, ser capaz de fazer algo noutro lugar e ajudar outros. E eu não seria tão... bem, eu disse: "não faças isto para tentares melhorar". Eu nunca diria a estas pessoas... sim, eu não saberia como lidar com estas pessoas porque, bem, francamente, elas à sua

maneira são muito poderosas. Não, bem, não estou a comparar conversas dessas com as pessoas. Nunca deves, nunca deves diminuir o poder do inimigo. Não quero dizer que estas pessoas sejam minhas inimigas, não as entendas assim.

Mas quero dizer, se olhares para a Igreja Ortodoxa no teu mundo, seja o Catolicismo Romano, seja o Budismo ou o que quer que seja, à sua maneira particular, tem um grande poder e tem uma grande influência sobre milhões de pessoas; e essas pessoas, em si mesmas, porque pensam da mesma forma, como ovelhas que são todas automaticamente conduzidas, por assim dizer, a aceitar certas coisas, tornam-se como um exército enorme, que é muito poderoso, e não é fácil combater tal força. Não estou a dizer que seja necessariamente má, não estou a dizer que seja necessariamente boa. Penso que se deve abandonar a ideia de mal e bem, num certo sentido, porque ambas as palavras — se alguém as aceita — o que é que a pessoa quer dizer? É um bocado estúpido, porque se há um sentido, não existe uma linha de demarcação entre o bem e o mal; isso pode soar estranho a algumas pessoas, mas, num certo sentido, todo o bem e o mal estão entrelaçados e ligados, especialmente na Terra. Por aqui as coisas organizam-se um pouco melhor, é verdade. Mas o ponto é que há muito mal na bondade.

Quero dizer, observa as pessoas; não há religião, observa a religião, seja ela qual for, há uma grande dose de bem nela — bem que é feito pelo indivíduo e bem que é feito coletivamente por vastos números de pessoas — e há bondade nos ensinamentos, mas também há muito mal no exemplo; há muitas coisas que não são boas e são muito más. Vês, qualquer coisa que seja seguida até um extremo tão longo deve, no fim, tornar-se má, mesmo que tenha começado tão boa quanto é. E parece-me, porque me parece que, pelo menos no Cristianismo, no início, começou por ser bom, era bom, a essência era boa, era pura; mas depois tornou-se, ou mudou, tornou-se afetado; tornou-se afetado pelos pensamentos das pessoas e pela sua interpretação, e depois, em consequência, pelas suas ações; e depois pela estreiteza de pensamento, e depois pelo dogma, pelo credo; e depois as pessoas pareciam ter a ideia de que possuíam a verdade e que, se uma pessoa não acreditasse ou não pensasse como elas, deveria ser

obrigada a acreditar, e se não pudesse ser obrigada a acreditar, então deveria ser posta de lado, deveria ser ensinada... foi o que se fez.

Parece-me que, vês, mesmo naquilo que era bom no início, o mal advém daí; esse mal vem através do homem, ao tentar forçar-se sobre o outro, forçar a sua ideia, forçar a sua religião, ou a sua fé, ou a sua crença; e torna-se uma coisa idiótica, e o homem fica cego por isso, percebes? E uma vez que o homem fica cego por algo em que acredita até tal grau, ele torna-se anulado, torna-se tipificado, torna-se como um pedaço de ouro e torna-se automaticamente algo que não tem alma, poder-se-ia dizer; é como se tivesse sido condenado, e não consegue pensar por si próprio, não consegue fazer nada por si próprio, tem de ser feito automaticamente; e, em consequência, perde a sua identidade. E a coisa mais importante é que um homem tenha a sua identidade, e isso parece-me a coisa gloriosa sobre esta vida aqui; que quando começas realmente a organizar-te, quando começas a perceber a importância vital desta vida e naquilo que ela se pode tornar, então tens a tua identidade; não te tornas, e não fazes parte de, algum tipo de seita peculiar, ou organização, ou religião, ou como lhe queiras chamar; não acreditas necessariamente nisto porque é "o que se deve fazer"; não estás a procurar, estás a pesquisar, e, em consequência, tornas-te um indivíduo pleno, no verdadeiro sentido; tens a tua identidade.

Não te tornas subitamente — embora num sentido te tornes parte de uma grande massa de vida humana, pois de facto nunca podemos ser independentes, fazemos todos parte uns dos outros — mas ao mesmo tempo, não perdemos a nossa identidade; pelo contrário, construímos a nossa identidade através da nossa experiência e tornamo-nos cada vez mais um indivíduo em consequência. É por isso que penso que também é notável e maravilhoso que aqui, ao aprender, ao experienciar, ao abrir-se para assimilar tudo o que se pode e ganhar todo o conhecimento e experiência que se pode, e dando tudo o que se tem dentro de si, e o afeto e consideração por todas as pessoas, não importa quem sejam, ou o que pensem, ou como sejam... de alguma forma estranha, isso volta para ti multiplicado por mil e, em consequência, tornas-te cada vez mais individual.

Reténs algo e, ao mesmo tempo, perdes o que não presta; e reténs aquilo que é bom, e isso expande-se e cresce, e subitamente percebes que és uma pessoa diferente, sentes-te diferente, és diferente e tens um poder maior, maior. Até eu já descobri isso, de uma forma lenta; descobri que há muito a curto prazo, que tenho um poder em mim mesmo, e não tenho experiência de quando estava... quando estava na Terra, tinha algum tipo de perceção do poder interior, mas não o compreendia, pois não? Nem sempre o usei necessariamente ou o desenvolvi, porque provavelmente, num sentido, não sabia como fazê-lo; mas sabia que havia dentro de mim, como em todas as pessoas, uma grande possibilidade. E é sobre essa possibilidade dentro de si próprio que se deve fazer algo enquanto se está na Terra, e não ser, de forma alguma, travado pela estreiteza de pensamento; e é isso que me parece ser a maior barreira no mundo.

Existe este tipo de nulificação, de robotização, de apenas acreditar no que se espera que acredites, ou no que os teus pais queriam, ou no que os teus pais pensavam, ou no que a tua igreja te ensina, ou no que o teu vigário te diz, ou no que é considerado a coisa certa a fazer pela sociedade, e por aí fora. Quanto mais te alimentas destas ideias estúpidas, e dos credos e dogmas estúpidos, e dos hábitos sociais estúpidos, mais anulado e estupidificado te tornas, menos indivíduo és; e parece-me que esse é o grande inconveniente: que as pessoas se tornem uma espécie de robôs de botão, sem alma, e não dão a si próprias a oportunidade de fazerem nada consigo mesmas. Tornam-se apenas, bem, o que é cómico, além de aceite, porque estás a fazer o que todos os outros estão a fazer e, portanto, estás "certo".

Na verdade, penso que é justo dizer que as pessoas estão muito, muito mais certas, e as pessoas que não se conformam... há um conformismo, creio eu, muito, muito... as pessoas que realmente têm muito pouco caráter, muito pouco dentro de si, ou pelo menos têm-no lá dentro mas não o reconhecem e não fazem nada a esse respeito; são apenas cópias a papel químico, cópias a papel químico, cópias a papel químico, cópias a papel químico. Por isso aprendi muito e às vezes fico um pouco... não, não excitado... em ação. Quero que percebas — não sei, tu percebes — que não há nada mais simplificador, nulificador e mortal do que

conformar-se. Nessas instituições rígidas, tu nunca te conformarias quando estavas na Terra, e...

Rose Creet: Quando tentei, de uma forma estranha, posso não ter tido sucesso, mas não me refiro apenas ao lado físico, mas não, eu tentei, sem o perceber totalmente, sabes, nem sequer sabendo como me estava a envolver, talvez o tenha feito de certa forma às cegas, mas reconheci certas coisas dentro de mim; às vezes é verdade, não sabia o que poderia ter feito, aliás, houve momentos em que costumava ficar muito próxima de mim própria, às vezes pensava que estava na fraqueza, quando deveria ter sido forte; às vezes sentia que poderia ter realizado muito ou uma ideia... mas sei que se deres vazão a esses instintos naturais e a esses poderes naturais que o homem tem dentro de si, então daí pode vir, e vem, muita coisa que é boa.

No meu mundo de cura — não explico isto totalmente — mas sei isto: que não era apenas uma manipulação, quero dizer, não era apenas o conhecimento certo da estrutura das armações, do corpo e de algo que importava. Claro que isso era importante, mas percebo agora que eu estava a verter de mim próprio, possivelmente sem o compreender, no entanto estava, algum poder vital, algo que fluía de mim; não apenas simpatia pela pessoa que é maior, sabes, e não apenas o tipo de sentimento humano, mas a multiplicidade que me permite, que eu dava às pessoas. Quero dizer, não queria falar de mim próprio, mas o ponto é, o ponto é que o dinheiro em si nunca foi uma grande coisa; quero dizer, muitas pessoas que eu ouvi ou tentei ajudar, o dinheiro nem sequer entrava nas contas.

Stephen Ward: Nunca pensaste nisso agora. Claro que aqueles que tinham posses para pagar, naturalmente pagavam, mas havia muitos que não tinham nem podiam, e eu ficava muito feliz por ajudá-los. E acredita, em relação ao mundo dos negócios que causou todo o problema, o som das finanças e do dinheiro que me enfiaram na cabeça em todo o lado. Eu sei, eu sei, tudo isso é uma questão que... não tem sido sobre isso.

Rose Creet: Não, maravilhoso. Eu tenho de ouvir estas coisas.

Stephen Ward: É honesto dizer que o dinheiro nunca... nunca me entrou na cabeça. Na verdade, estou muito, muito seguro, e tenho a certeza de que estou a

ser correto ao dizer isto, que dei muito mais do que alguma vez recebi, e ninguém certamente me pagou por isso. Quando eles disseram... bem, eu não queria entrar nisso agora, mas é essa parte que me enoja; é um aborrecimento que me perturba, no fim de contas.

Rose Creet: Oh, boas notícias.

Stephen Ward: E eu, como te disse antes, vir aqui falar contigo é algo muito maravilhoso porque me dá uma espécie de libertação. Não te consigo explicar isto, mas tu talvez entendas; é novo. Não sabia que não podia falar com as pessoas aqui, e que não falo com as pessoas — eu falo. E, na verdade, nem sequer é necessário falar, porque a simpatia e a compreensão e o amor que fluem, poder-se-ia dizer, automaticamente de cada alma aqui — as que fizeram algum progresso — é tal que não temos de dizer nada. A pessoa sabe, sente.

É difícil pôr em palavras, mas quando venho aqui, sinto isso. Na verdade, vamos pôr as coisas assim, é muito mais simples: recebo de ti os mesmos sentimentos que recebo, digamos, do Dr. Marshall e de outras pessoas aqui que têm sido tão maravilhosas para mim. É o mesmo amor e a mesma compaixão e a mesma compreensão e a mesma tolerância. São todas estas coisas fundidas numa só, que recebo de ti, exatamente as mesmas. E se não fosse por isso, tenho a certeza de que não seria capaz de vir falar; nem quereria. E é isso que me espanta, honestamente, o que me espanta nestes círculos, nestas sessões — como lhes queiras chamar — o que quero dizer é que há uma série de pessoas que entram em contacto, ou comunicam com pessoas deste lado, e espanta-me que consigam obter o que quer que seja, porque muitas vezes — e eu já assisti a algumas destas coisas — não há compaixão real, não há um amor e compreensão profundos e permanentes, nem simpatia. Eu sou a pessoa que está a comunicar através do médium que está a ser usado. Na verdade, o limite para eles é apenas o ato de entrar em contacto e obter o máximo que puderem disso, o que os beneficiará no sentido material e não no mundo espiritual. Francamente, como é que algum médium aguenta isto, e de forma impura, na altura, eu simplesmente não sei.

Acho que é algo fantástico qualquer ser humano aguentar o stresse e a tensão do que vocês chamam de médiuns. Se fosse eu, caramba, eu simplesmente não conseguiria. Quero dizer, eu quero ajudar as pessoas, mas quando vejo como vejo agora — e tenho a certeza de que um médium é sensível o suficiente para perceber, ou certamente deveria ser — a atitude mental e as intenções por trás desta comunicação que é exigida por algumas pessoas do teu lado. Deve ser desorientador e dececionante. Como alguém pode continuar a ser um médium e trabalhar nesse sentido espanta-me.

Acho que eles têm uma profundidade de sentimento pela humanidade e pelas pessoas muito maior do que a média, muito mais, senão não conseguiriam fazê-lo. Francamente, eu não gostaria de ser um médium. Não creio que ninguém deste lado que saiba — mesmo eu agora, e os outros que sabem muito mais do que eu — diria, se fosse honesto, que queria ser um médium. Claro, ficamos felizes por usar o médium. Claro, aproveitamos todas as vantagens que podemos, e estou muito contente por isso, mas ao mesmo tempo, sinto mais pelo médium do que por qualquer outra pessoa. Oh sim, mas, e o médium, eu apenas... vês, é sensato eu dizer tudo isto?

Rose Creet: Bem, é perfeitamente justificado sentires-te assim. E acho que seria muito estranho se não fosse. Acho que seria muito peculiar para o médium, por vezes, porque, afinal de contas, há uma mensagem de pessoas de ambos os lados, ele não aguentaria.

Stephen Ward: Sim. Sim. Enfim, tenho de ir, estou sempre a dar à língua. De qualquer forma, virei e manterei o que combinámos para quinta-feira, e se tiveres uma sexta à noite e uma segunda à noite, eu aparecerei.

Rose Creet: Oh, certo. Vou adorar.

Stephen Ward: Enfim, tenho de ir. Vou-me embora. Mas ver-te-ei na quinta-feira.

Rose Creet: Está bem.

* * *

040865

Esta sessão foi gravada no dia **4 de julho**, Dia da Independência Americana, sessão com o Sr. Flint. Sim, sou eu. Mas fale comigo à vontade.

Bem, tenho tido experiências muito interessantes, claro. Tenho assistido a algumas das palestras aqui por seres de outras esferas, aprendendo muito sobre muitos aspetos da vida. Embora, muito francamente, de momento, não tenha sentido um impulso para fazer qualquer mudança que seja. Estou tão particularmente feliz no meu próprio ambiente, mas é sempre interessante ouvir comunicações de outras células de esferas mais elevadas. E, muito francamente, certamente será durante o tempo, porque todo o caleidoscópio da vida por aqui é tão intenso e tão extraordinário.

Mas, na verdade, sabe, eu não sabia... o tempo não existe para nós, claro, no mesmo sentido que existe para si. Mas nós medimos, num sentido, o tempo, mas não pela soma da lua e das estrelas, ou algo do género. Parece que a vida inteira de alguém está tão cheia de tantos eventos interessantes e também de tantas coisas, de pessoas tão interessantes. E temos estado a ouvir alguns oradores notáveis, pessoas notáveis de outras esferas, contando-nos sobre vários aspetos das suas vidas.

É tudo muito fascinante, mas claro, percebo que eu próprio ainda não vivo em conjunto em qualquer lugar no caso do meu desejo de ter na condição de vida que para mim é tão normal, e tão natural, e tão feliz, e tão tranquila, tão pacífica; e estou a simular tanto de tantas formas diferentes. E também estou a expressar-me com um sentido artístico também. Tenho dedicado um grande interesse ao meu trabalho sobre pintura de Deus, e porque sempre tive aptidão para isso. Tenho estado aqui, tenho sido capaz de o desenvolver e aprofundar, e agora acho que estou realmente a ter algum sucesso.

Quero dizer, o sucesso aqui não é, sabe, como é na terra num sentido material; o sucesso aqui é de uma forma estética. É algo para si próprio, a perceção de que está a ser criativo e também, claro, não apenas ali, tornei-me muito interessado em matemática e música, e tenho estado em muitos concertos

magníficos, por grandes músicos, e ouvi novos pirralhos, novas sinfonias, e algumas das orquestrações são tão extraordinárias.

Tenho estado, claro, ultrajado, apenas tão tremendo por aqui, e também, os nossos instrumentos são os vossos, que são bastante novos em muitos deles, obviamente, instrumentos foram concebidos e trazidos à existência por aqui. Não temos as mesmas limitações que vocês têm.

Que tipo de instrumentos são esses, os novos, têm algum limite ou algum tipo de...?

Bem, suponho, suponho, num sentido, claro, obviamente, que isso é um limite, que presumi que esse limite é realmente, até certo ponto, condicionado pelo ambiente e pela condição de vida na qual se existe e pelo conhecimento e experiência das pessoas envolvidas, no que diz respeito àqueles que criam os instrumentos e àqueles que os tocam, e àqueles que compõem a música, claro. Suponho que se possa dizer que sim, há limites, mas são apenas limites da mente e da imaginação e da capacidade criativa num certo alcance, se preferir uma experiência ou um certo nível de consciência e aptidão.

Claro, percebo agora que estamos a viver num mundo sem limites e, se houver de todo algum limite, conforme possa parecer, deve-se a si próprio, na medida em que só consegue apreender uma certa parte; e se estivermos concebidos do facto, o qual, claro, se percebe gradualmente, de que esta vida é sem limites, então, claro, em cada condição de vida ou ambiente em que se encontre, atinge um certo ponto. Por outras palavras, investe-se e torna-se simulado, ou melhor, assimila-se tudo o que aquela experiência particular lhe pode dar, claro, e então o horizonte torna-se mais amplo e maior, e então evolui gradualmente para uma nova condição, após ter tido a beleza que a anterior lhe pôde dar. Por outras palavras, é ilimitado.

A única coisa é que você, num sentido, pode parecer estar limitado por um certo espaço de tempo, se quiser, mas, lá está, isso pode variar de acordo com o indivíduo. Algumas pessoas conseguem assimilar tanto num tempo competitivamente curto, enquanto outras levarão muito mais tempo; mas a condição de vida na qual me encontro é tão feliz, e tal ambiente que será um

esforço completo sem uma alegria para mim, que não concebo, embora perceba que existem condições ilimitadas muito para além do meu horizonte. Mas a questão é que não sinto qualquer necessidade de expandir de momento, bem, o que eu sou é uma experiência simulada, sabe, porque isto é para mim a minha vida.

Mas claro, percebo que isto é apenas uma passagem, é apenas um aspeto muito pequeno do eu, é apenas um pequeno aspeto da evolução e da existência de alguém, e esta é a coisa gloriosa, maravilhosa e extraordinária sobre o negócio da saúde todos os anos: que se está tão imerso e tão feliz na condição em que se encontra, conhecendo todo o tipo de pessoas, de mente semelhante à sua, com interesses semelhantes e desejos semelhantes, e também encontrando muitos amigos que se conheceu no passado e fazendo novos amigos, e tornando-se gradualmente tão envolvido com o modo de vida, que se torna uma coisa tão extraordinária e feliz em si mesma, que não se consegue conceber de modo algum algo além do seu marcador o tempo todo; enquanto se expande a experiência, percebe-se que, muitas vezes, deve haver muitos outros visitantes muito distantes, que eventualmente alcançaremos quando chegar a hora, mas não se sente necessidade de apressar a sua cidade ou de recuperar.

Exuberante, ia dizer, o que não é verdade no mundo, porque a pessoa torna-se extremamente exuberante. Quero dizer, depois de ter estado em Bruxelas e de termos tido recitais aqui, quem não está nalgum grande trabalho, claro que se fica envolvido nele, e claro que se torna exuberante, ou é diferente, sabe, e você é a ação para isso, que estas são medidas de experiência, não é? Acho que é verdade dizer que estamos todos a viver dentro de uma certa medida de experiência, e isto é verdade para nós, e esta ideia é adequada para nós durante tanto tempo quanto for essencial e necessário.

E conheci tantas pessoas aqui, mas que também vêm de outras esferas — presumo que seja a única palavra que posso usar — ou condições de vida, que podem ser reveladoras, de uma forma ou de outra, e estou a expandir a minha experiência e o meu conhecimento em muitas direções. E, claro, tenho estado a fazer uma certa quantidade de trabalho com outros, e agimos como uma banda, é

assim que lhe chamam, ou um grupo que é semelhante; entramos frequentemente na vida da Terra, racional e adicional, e ajudamos a resposta das pessoas, ou pessoas da nossa geração, ou pessoas que estão a passar para o outro lado e precisam de orientação, precisam de ajuda e precisam do nosso viver.

E ficamos no condicionador residual do ambiente onde nunca seremos felizes, e também para sintonizar com a forma como interagimos e usamos essa expressão da consciência de outras pessoas que estão à espera e prontas para receber; e somos albergues aqui, ou lugares onde as pessoas são recebidas, e onde são nutridas, ou onde lhes é dada ajuda, e dada a perceção das coisas, o que é necessário para isso. Nós ajustamo-las, porque algumas pessoas levam algum tempo para despertar ou reajustar-se; de facto, há algumas pessoas que, por um período de tempo — estou a usar esta expressão "tempo" — mas têm de ter as coisas com muita calma, muito tranquilamente, porque existem algumas circunstâncias da sua passagem que as perturbam, e precisam deste tempo para recuperar ou reajustar-se.

Percebe, tudo aqui é feito no que chamaria de vagarosamente e, no entanto, mais uma vez, isso depende do indivíduo; suponho que, num sentido, seria verdade dizer que vivemos uma existência do tipo vagarosa, o que não significa que sejamos uma faculdade ou que estejamos atrasados, mas é apenas que assimilamos tanto e, às vezes, ficamos o que chamaria de, suponho, exaustos. Não é uma exaustão extra, como a entende fisicamente, mas percebe, assimila-se tanto, e absorve-se tanto, e experiencia-se tanto, e depois tem-se um período — e só posso dizer que é um período de tempo, num sentido — em que se relaxa ou descansa, e meio que... de facto, algumas pessoas dormem, mas não como você denomina dormir, porque percebe, tenho de usar palavras materiais para lhe explicar algo que é sempre inexplicável. Mas é muito difícil, porque se quiser, por exemplo, se ficar terrivelmente imerso em algo, e ficar, por assim dizer, tão emocionalmente envolvido, tem uma espécie de mental... uma espécie de exaustão, suponho, e então sente necessidade de relaxar, e pode ter uma forma de sono, onde se perde, e também parece, a sua consciência, e então acorda renovado.

Embora não tenhamos dia ou noite, e não tenhamos o que denomina horas, que são reservadas para o sono, ou horas reservadas para o trabalho, temos algo que é uma espécie de... onde é comparável aos nossos sistemas inatos, e é sobre isso que descobrimos: que se dermos muito de nós mesmos e estivermos envolvidos intensamente em algo, que tenha sido percentualmente avistado por isso, e então nós levamos isto até um ponto, mas depois, novamente, temos uma reação e sentimos necessidade de relaxamento ou descanso, e precisamos de nos impulsionar, suponho, de alguma forma, com nova energia, sabe.

Temos uma quarta vida aqui, que nalguns aspetos é semelhante à vossa, e assimilamos tanto da atmosfera, e esta atmosfera, na qual existimos, é muito mais rara do que essa; nós respiramos e suponho que, no sentido, temos pulmões e órgãos internos, tal como vocês têm, embora, conforme se progride, alguns aspetos do velho corpo material caiam, e descobrimos que certas coisas já não são necessárias. Mas, no que me diz respeito, e temos uma atmosfera muito fina, conforme você calhou a pôr a questão, e há uma espécie de consciência de respiração, mas, se é exatamente a idêntica, a mesma, o que duvido muito, como teria sido, quando estou fora, tenho a certeza de que não pode ser perfeitamente percentual, mas temos ar, pelo menos o que parece ser; por outras palavras, respiramos e nós, porque isso... exatamente, sabe, quero dizer, isto é algo em que não pensei e sobre o qual nunca falei.

Bem, isso parece-me extraordinário porque, eu... a questão da respiração, porque é que isso acontece?

Bem, quero dizer, só posso pôr a questão desta forma, embora possa não soar, mas é viável, ou faz... não... não é... não é... não é... não é. Percebe, acho que o ponto central é que estamos a viver neste ambiente que, embora um pouco afastado do caminho, não deixa de ser um bocado desnecessário e um bocado uma condição natural, e tanto quanto sei, estou consciente, por exemplo, do que chamaria de respiração, embora possa não ser exatamente igual ao que era no exterior, tanto quanto sei, pode não ser; mas há este sentimento de uma tremenda espécie de elação, e o sentimento de leveza, o sentimento de substância, ambiente, tal como o que, por exemplo, qualquer coisa à minha volta é muito

real, muito sólida, muito concreta; e numa cadeira, é uma cadeira, é muito real, muito sólida, uma sala é uma sala, e tem paredes, e tem o que chamaria de guarnições, e temos tapetes e coisas desse género — você está a achar isto muito estranho, e há algumas pessoas que, na terra, nunca seriam uma grande doença — mas a questão é que tudo aqui é criativo, não é necessariamente apenas criativo apenas pelo que estamos a pensar, por forças de pensamento; há pessoas aqui que se deleitam em fazer vários trabalhos, ou em fazer vários ofícios, e deve recordar-se de que as pessoas não poderiam ser felizes em qualquer forma de existência, e este nível de ser criativo de alguma forma, se tivessem algum tipo de trabalho para fazer, seria uma história essencial para elas e, portanto, alguém que ama um jardim terá um jardim, e trabalhará num jardim, e cuidará de um jardim, e as flores crescerão, etc.

Pode não haver um ambiente, muito poucos, por exemplo, deste lado experienciam muitos dos problemas que alguém experienciaria; não havia condições para isso, mas eu não tinha visto ervas daninhas no jardim, mas isto eu disse, esta paixão, não afetou; mas por aqui, as pessoas, pensando num nível diferente de consciência, visualizando, ou pensando apenas na beleza, ou pensando apenas em coisas criativas que são de valor, e não se juntam a outros. Em consequência, e no estado de ser mais progredido, uma vez que não pensa num nível de profissional, você não pensa, ou não pensa mal, ou não pensa e se preocupa com coisas que são desnecessárias, então estas coisas deixam gradualmente de existir, e você está a viver num mundo consciente onde, conforme pensasse, assim criaria.

Embora, ao mesmo tempo, isso não queira dizer que, se desejar algo, ou pensar em algo, isso se torne necessário ou automático; tem de trabalhar para um certo objetivo, para um certo fim, tem de criar, e tem de produzir, e é por isso que aqui, este mundo, este mundo tão real, não é um mundo vago, não é algo em que apenas deseja pensar e lá está; tem de trabalhar para um objetivo, tem de estabelecer uma meta, tem de experienciar muitas coisas. E algumas das coisas, claro, nas fases iniciais, têm de ser erradicadas de si próprio. Pode carregar uma visão forte, há ideias fortes, ou fortes seja o que for, que seja prejudicial ao seu

progresso; então tem de aprender a pôr algumas de lado, afastar algumas de si; depois tem de se concentrar nas coisas que realmente são de importância, abrir os seus olhos, por assim dizer, para a distância que a minha cabeça tem, e depois simular o conhecimento e apenas preparar, ou dá-los a si, e a oportunidade de o agarrar com as duas mãos e fazer bom uso dele, conhecendo pessoas, como se conhece todo o tipo de pessoas.

Então você tira delas algo que elas têm para dar; elas estão aqui há muito mais tempo, com mais experiência, grandes professores, grandes filósofos, grandes profetas também, num sentido. Embora pareça estranho quando se fala de profetas e profecia aqui, no nosso mundo, em referência a coisas que ainda estão para vir, porque isto acontece; porque as células, como eu disse antes, são capazes de saber demasiado bem sobre encarnações no passado, e também aquilo que ainda está para vir, que está, por assim dizer, escondido no passado, escondido temporariamente, mas está tudo a ser preparado. Porque, conforme está a pensar e a agir hoje, no seu mundo, assim está, até certo ponto, a preparar-se para o mundo que está para vir.

Criando as condições sob as quais se encontrarão, e por aqui, as pessoas estão a fazer exatamente o mesmo, num período, criando a condição de vida que, para elas, é feliz e também, ao mesmo tempo, abrindo o caminho para uma experiência maior e outra existência ainda mais longe e mais remota, como deve ser temporariamente, mas está tudo lá.

Sabe, eu acredito, aprendi, que tudo está lá, à espera de ser descoberto, não é necessariamente algo que tenha de ser criado, necessariamente, imediatamente, ou no futuro imediato, por assim dizer, mas já lá está. Porque está lá, não está? Suponho que os profetas de que fala, do outro lado, esse tipo de pessoas, farão com que você descubra estas coisas. Sim, é interessante, porque na verdade, quero dizer, há realmente coisas que, como um, admito que começo a ver agora, que nunca se entra nem se sai ainda, que a vida é contínua, e que todas as suas indústrias e experiências são diferentes em colações o que tiveram, e diferentes compradores e todas estas coisas. No passado, estas coisas pelas quais passou,

ainda estão lá, no jardim das traseiras; mas aquilo que costumava ser o futuro já está, por assim dizer, num sentido, preparado.

Como? Isso não quer dizer que você só possa evoluir numa direção de sete. Sim. Pode evoluir em muitas direções, de facto, você tomará estas rotas, se quiser, para chegar ao mesmo ponto, e estas rotas, se quiser, ao passarem por diferentes ambientes, podem ser muito necessárias, e tenho a certeza de que devem ser, onde algumas pessoas vão pelo caminho mais direto, outras irão numa direção diferente, mas estão todas a chegar, no interesse, ao mesmo bom e ponto. Mas para alguns é necessário experienciar isto ou aquilo, e para outros experienciar algo, mas é bastante diferente. A esperança, a variedade, e é uma variedade tremenda de experiência, e estar aqui é inacreditável.

Quero dizer, no seu mundo, pode ter muitos casos extraordinários de inspiração, e evolução, e desenvolvimento, de acordo com o que quer que transpire, ou por aí fora, mas aqui isto é muito mais, digamos, muito mais variado. Quero dizer, uma pessoa não tem apenas de ficar num certo modo; por exemplo, uma pessoa pode desempenhar esse modo, e até cairmos e tornarmo-nos algo, num sentido, bastante diferente, ou até acreditar, muito, digamos, diferente. E no entanto, ele não consegue escapar de si próprio, como muitas pessoas que fogem ou não percebem a verdade, das células verdadeiras; ele fez o balanço nas células verdadeiras, como pesquisando nas células verdadeiras; o trabalho que ele perceberia é que somos uma combinação de muitas células.

Quero dizer, por exemplo, na minha última encarnação, eu fui um certo algo, e dei a aparência de... onde a minha vida foi, bem, erradamente as coisas que aconteceram, eu vejo agora que não podiam ganhar um vazio e claro, e no entanto, ao mesmo tempo, foi algo que agora não me arrependo, porque sinto que estas coisas tinham de ser. Sabe, na verdade, de tudo isto, saí muito melhor do que um número de pensamentos. Acho que tive de ser submerso no sentido, tive de ser por assim dizer deitado abaixo, tive de aprender certas coisas que só podiam ter sido feitas de uma certa maneira.

Acho que é óbvio que na vida de todos, mais cedo ou mais tarde, devem passar pelas muitas faces, muitas condições, muitas distribuições, muitos

desapontamentos; devem alcançar uma felicidade preformada, e devem também experienciar as mortes. Todas estas coisas, claro, aconteceram a muita gente, a maioria das pessoas esteve aqui, mais ou menos, não tendo numa encarnação e noutra; mas consigo ver agora que nos lisonjeamos de que somos isto, ou somos aquilo, ou o que quer que seja, numa existência, ou numa vida, e conhecemo-nos a nós próprios como essa pessoa, e outras pessoas conhecem-nos; isto é apenas uma pessoa de nós próprios reais, e estamos envolvidos de tal forma uns com os outros, e somos todos muito, num sentido, bastantes, embora por vezes houvesse uma oração para planear, houvesse uma oração para meio que encaixar, mas era toda aquela pessoa.

Mas consigo ver todo o grupo de nós próprios, pessoas, são reunidas através desta experiência de tipo verde muito grande, em diferentes eras, diferentes décadas, e o que tenho aqui e a coisa toda é aquela noite, é um padrão. Vejo este padrão tão claramente agora, e não tenho arrependimentos, claro, agora, em relação à minha última encarnação, à minha última intuição de vida; vejo que não podia ter-me a mim próprio, e que também tive de desempenhar um papel que, nalguma medida de oito outras pessoas, e o problema, o que me aconteceu, uma certa quantidade de bem viria de tudo isso, e acho que isto é verdade. Acho que, até certo ponto, não houve nenhum deste creme disto, e que, num sentido, a minha vida não foi desperdiçada, ou que foi em vão, porque acho que, pelo que me aconteceu, as coisas desenvolveram-se de modo que nunca mais poderia acontecer. E não acho que pudesse acontecer outra vez, e a ninguém, como me aconteceu a mim.

Acho que tive de, por assim dizer, tornar-me como uma chave, e tranquei a porta, nalguma medida, de experiência que beneficiaria outras pessoas que viessem depois; porque, se tivesse ganho uma recompensa como vejo agora, muito claramente, mas quando fiz o que aconteceu comigo, até certo ponto, que tinha de ser — não estou a sugerir que era uma marioneta, mas não acho que... então é verdade dizer que, em certas alturas, as pessoas entrarão no vosso mundo, e acontecerá algo que elas têm de fazer. Que elas não tenham consciência disto, de facto, podem não estar conscientes do âmago, mas as suas vidas, de alguma

forma ou feitio, são criadas de seres votantes, temporariamente, num sentido material, para que os homens beneficiem.

Não acho que a minha morte, e o que me aconteceu, realmente, de alguma forma, tenha sido um apetite desperdiçado. Acho que, até certo ponto, isto abriu a porta, onde quer que eu tenha pessoas, bem, até certo ponto beneficiarão; não acho que tal coisa tenha acontecido comigo, provavelmente, ou pudesse alguma vez acontecer outra vez em Inglaterra. Acho que eu estava ali, até certo ponto, para escapar, e é verdade; mas acho que o conjunto peculiar de circunstâncias em que comecei a evoluir, que não foram totalmente obra minha, de facto, até certo ponto foram-me impostas, mas ao mesmo tempo não foi uma vida desperdiçada, não foi um esforço desperdiçado.

Não tive quaisquer arrependimentos; quando cheguei aqui pela primeira vez, estava cheio de arrependimentos e tinha tanto tempo para a Terra, terrivelmente agarrado ali, e de facto fui levado a coisas normais, a coisas para mim, para olhar e olhar, e ajudar-me a ver-me a mim próprio e a reajustar-me, e a reajustar-me nisso; mas consigo ver tudo e é verdade, bem, num sentido verdadeiro, e é verdade, aquele primeiro grupo, Daniel, e vejo agora que a minha vida tinha de ser como foi, não poderia ter sido de outra maneira. Eu não estava errado, exatamente, poderia ter rasgado num jogo, mas ao mesmo tempo percebi que, até certo ponto, as vidas de algumas pessoas são deliberadamente trazidas à existência, num sentido material, para cumprir um certo algo que é essencial para a identificação do bem-estar, ou para a educação, se preferir, sobre isto que está para vir. Quero dizer, eu sei que simplesmente faço as coisas, mas as facas são estúpidas, de algumas formas; primeiro, nem sempre vi as coisas do meu departamento, as minhas unhas.

Mas, só vejo agora que, de muitas formas, eu estava a resolver algo, que era em parte cómico, e também algo que seria um benefício num tempo posterior, o que está agora, certamente, a tornar-se bastante óbvio. Tive o pensamento, pela geração que veio depois, porque o que me aconteceu poderia, quase com certeza, não voltar a acontecer com qualquer outra pessoa, e, provavelmente, apanhado em algo que era não apenas uma coisa pessoal, mas eles viram-no, se fosse algo

que é muito maior. Oh, mas o que acontece às pessoas? Oh, muitas pessoas. Oh, isso aconteceu-lhe a si. Bem, elas também estavam, num sentido, quero dizer, este é o ponto, quero dizer, é tão fácil sentar-se e brincar, nem para, nem para dizer, isto é preto e aquilo é branco.

Existe tal coisa como o preto e existe tal coisa como o branco. E cada ser humano, na verdade, é uma mistura de muitos matizes, sabe. E até se tem de ver isto, e, às vezes, as pessoas são apanhadas no círculo, ou são apanhadas numa espécie de posição onde não conseguem ser capazes de escapar, e só podem fazer o que podem fazer, ou o que lhes é permitido fazer, nos confins daquele grupo em particular, daquele espaço em particular, e, quero dizer, não sei, claro, eu tenho muitos deles, ou, sabe, sentimento em relação a qualquer pessoa. Quero dizer, quer sejam as pessoas que estão interessadas.

* * *

020764

Stephen, estás aí? Alguma vez ouviste falar de um tipo chamado Howard Carter? Oh, sim.

Sim, bem, tenho passado momentos bastante interessantes com ele. Ele é um egiptólogo, sabe. Exatamente, exatamente. Bem, na verdade, tenho tentado descobrir algo sobre esta barca da encarnação egípcia, sabe, e a tentar saber mais sobre isso; e, na verdade, fui levado a visitá-lo. Ele é uma pessoa muito intrigante e interessante, e tem-me contado imenso sobre o Egito e os tempos antigos. Diz-me que há muitas, muitas pessoas, incluindo ele próprio, que estiveram na Terra há séculos, no Egito, e que ele imagina — não tem a certeza, mas parece pensar — que eu possivelmente também estive, e vai tentar descobrir.

Ele é muito interessante porque diz que, embora, claro, já tenha deixado a Terra, tem voltado e continua muito interessado na egiptologia, do ponto de vista de tentar ajudar as pessoas a encontrar mais coisas que ainda lá estão escondidas. E diz que pensa que, muito em breve, haverá um achado muito grande, que será,

talvez não exatamente um paralelo a Tutankamon, mas semelhante, em moldes parecidos. Diz que tem tentado ajudar, guiar certas pessoas a um determinado local; diz que eles vão dar com ele e que será uma verdadeira revelação, porque nunca foi saqueado, está praticamente intacto, segundo a evidência dele.

Diz que haverá um "elo perdido"; diz que há um elo perdido na egiptologia, uma grande lacuna que eles não conseguem bem explicar, ou que tem havido durante muito tempo uma certa incerteza entre os egiptólogos sobre onde certos reis se encaixam, e certas dinastias ou algo assim. Eu não compreendo tudo, mas ele parece pensar que o elo perdido, como ele lhe chama, vai ser encontrado, e vai ser bastante interessante de todos os ângulos. E, na verdade, ele prometeu — porque, repare, de momento ainda não sei bem o que pensar de tudo isto, ainda sou um tipo de aprendiz, sabe — mas ele diz que, se eu quiser, vai apresentar-me a *Akhenaton* e a várias outras pessoas interessantes.

Oh, sim, por favor, oh, não, Peter, eu gostaria que ele o fizesse. Porque devo dizer que estou muito absorto em tudo isto. O Marshall contou-me um pouco sobre o assunto e disse: "bem, o tipo a quem deves ir ver, que provavelmente te porá no caminho certo, por assim dizer, é o Howard Carter e alguns dos seus amigos". Por isso, fui vê-lo, e Carter vai apresentar-me a um bom número de amigos, e vamos ter algumas discussões sobre isso. Ele vai mostrar-me — não sei como o vai fazer, claro, mas é o que ele diz — ele diz: "bem, posso mostrar-te imenso sobre os tempos antigos no Egito, através de métodos pictóricos". Eu não percebi bem o que ele queria dizer.

Pictóricos? Sim, bem, pensei que quando ele disse pictóricos, se referia a alguns livros de imagens, ou pinturas, ou num sentido pictórico desse género, percebe? Mas ele, evidentemente, não se refere a nada disso. Ainda não experienciei isto, mas ele diz que é uma questão de ser capaz de transmitir forças de pensamento para a atmosfera, de modo que se consigam ver realmente imagens vivas, como se estivéssemos quase a olhar para um ecrã de cinema ou algo assim, e são como que réplicas de incidentes, de eventos passados. E ele diz que este registo na atmosfera também acontece do vosso lado.

Diz que, tomando o antigo Egito como exemplo, o antigo Egito registou imenso na atmosfera em redor da terra, no Egito, claro, e que em certas alturas, certas pessoas sensíveis conseguem sentir e ver alguns destes incidentes; e como, de facto, muitas vezes o são, ele diz que os egiptólogos, investigadores e exploradores são pessoas extremamente sensíveis. Embora talvez não vejam com os olhos, têm uma perceção interior, uma consciência interior, que os ajuda consideravelmente no seu trabalho. De qualquer forma, ele diz que há vários túmulos que não foram tocados, que estão completamente intactos, não sofreram interferências, e que serão encontrados — pelo menos um em particular, mas diz que há outros.

Diz que há muitas coisas a acontecer neste momento, no que respeita a certos egípcios deste lado, que se estão agora a esforçar para ajudar na exploração. Penso que tem havido muita — eu sei que isto pode soar loucura, não o posso evitar — mas ele diz que tem havido muita discussão ou debate entre um certo grupo aqui em relação a esta Barragem de Assuão, e que isto por si só causou, não exatamente inquietação ou algo do género, porque num sentido, uma vez que se está aqui e se está estabelecido e feliz no ambiente, não se tem necessariamente de preocupar muito com a terra. No entanto, há certas almas egípcias deste lado que ainda estão muito interessadas e muito preocupadas com a sua história passada, e interessam-se pelo Egito de hoje.

Ele diz que tem havido guardiões de alguns dos túmulos durante séculos, e é verdade, diz ele, que de facto todos os túmulos tinham uma maldição sobre eles; e diz que há verdade nos rumores que circularam, de que certos túmulos tiveram, quando foram abertos ou saqueados em diferentes alturas, um efeito prejudicial nos indivíduos envolvidos. Diz que, particularmente nos túmulos reais, havia espíritos guardiões, e diz que houve definitivamente muita reação da abertura do túmulo de Tutankamon, por exemplo. Mas diz que quanto aos futuros túmulos que possam ser abertos, não pensa que haverá qualquer efeito sobre os investigadores ou qualquer das pessoas envolvidas na abertura.

Perceba, não sei se isto faz sentido para si — na verdade, estou apenas a dizer o que ouvi, não compreendo necessariamente tudo — mas ele diz que há

egípcios não evoluídos por aqui, isto é, egípcios que, por várias razões, ainda estão muito próximos da terra e não progrediram, e estas são as entidades que tiveram esse efeito sobre as pessoas que saquearam os túmulos, percebe? Mas as almas mais avançadas, claro, estão a tentar evitar isto e, de facto, têm sido bem-sucedidas em muitos casos. Os egípcios avançados, as almas que realmente progrediram, estão muito ansiosas por que alguns destes túmulos sejam descobertos, para que as pessoas na terra tenham uma maior perceção do maravilhoso estado avançado do império egípcio, dos povos egípcios, porque eles eram um povo muito evoluído.

De facto, num período, particularmente na sua história, eles tinham muito a ver com coisas psíquicas, e alguns dos sacerdotes eram médiuns extraordinários, segundo conta Carter, e conseguiam — e faziam-no — coisas notáveis, sendo capazes de evocar vários espíritos de raças mais velhas e antigas. É tudo muito intrigante para mim. Estou apenas a dizer-lhe o pouco que sei, mas provavelmente não é tão interessante. "Não, é de grande interesse, porque eu já sei isto por mim mesma". Oh, peço desculpa, vou ter de continuar. "Está tudo bem, continue, gostaria de ouvi-lo de si novamente". Enfim, ele prometeu contar-lhe muito mais sobre isso, e vai tentar descobrir exatamente onde eu me encaixo, e ele é muito interessante, por outras palavras.

"Por favor, nunca o tragas para casa; ele veio e falou-me sobre isto e disse que voltaria, mas não vem há algum tempo". Parece que já me meti no vosso círculo, não é? Parece que é uma espécie de grupo. "Sim, eu diria que sim, porque o Marshall conhece-o, e tu conheces o Marshall, conheceste este homem, Howard Carter, e está tudo meio entrelaçado e ligado; parece que eu devo estar algures nesta imagem". Estás, decididamente estás. Claro, o Marshall diz que tu tiveste muitas encarnações, que és uma alma antiga. Eu disse: bem, ela pode ser uma alma antiga, mas é certamente uma velha querida. Mas Emily, tu és, sabes, devo dizer que sinto tal afinidade, como se fizesse realmente parte de todo o esquema, percebes, como se fosse uma coisa natural.

Não creio que alguma vez fosse um sucesso — pelo menos, não posso dizer — mas não sinto que seria um sucesso em mais lado nenhum na comunicação.

Simplesmente não sinto que seria, de alguma forma; tudo aqui parece tão propício, há uma atmosfera tão maravilhosa de paz, tranquilidade e liberdade. "Bem, claro, esta é a melhor leitura que podes encontrar". Oh, não sei quanto a isso, ele é bastante bom. Vejo que não queres continuar a dizer isso. "Não, está bem". Caso contrário, eu não o faria; não é meu. Ele é bom. É verdade que ele vai dar serviços na Suécia? Sim. Bem, isso será interessante. Suponho que falem sueco lá. Há um cientista lá, que veio.

Será muito interessante se os comunicadores falarem em sueco. Sim. Porque tenho a certeza de que o Flint não sabe o seu sueco. Certamente ele próprio não pensa que sabe, de qualquer forma. Mas essa é a dificuldade com os médiuns, por regra; a menos que saibam várias línguas, é muito difícil falar numa língua diferente daquela que eles próprios conhecem. Oh. Bem, não sei muito sobre esse lado da questão, mas pensaria que, do ponto de vista das provas, seria maravilhoso se, por exemplo, o médium fosse à China e os comunicadores falassem em chinês e o médium não soubesse uma palavra da língua. Penso que seria uma prova maravilhosa. Mas creio que ele já teve pessoas a falar em... "Oh, temos tido isso de tempos a tempos". Sim, ele já teve.

Oh, eu gostaria de tentar encontrar alguém que viesse falar nalguma língua estrangeira. Sim. Exceto que, nesse caso, você não perceberia uma palavra. Consegue falar noutra língua? Não, inglês. Não sou grande coisa a francês. Alemão? Não propriamente, não muito. Eu não era grande coisa em nenhuma língua. Enfim. Isto sobre Carter é interessante; gostaria muito que alguém viesse e falasse com um antigo egípcio e esse tipo de coisa, seria fascinante. Talvez o Carter pudesse arranjar isso. Ele é toda uma personagem, sabe. Ele já passou por aqui uma vez. Na verdade, embora ele não seja egípcio — quero dizer, não do ponto de vista... "Oh, a sério?".

Ele parece um egípcio. Não quero dizer tanto que se pareça, facialmente, com o que se imaginaria que um egípcio seria há séculos, mas ele veste-se de forma algo peculiar. Não sei se é um traje egípcio, mas veste-se com umas vestes fluidas, um pouco como, não sei, como vestes árabes. Ele tem um grande interesse pela egiptologia. Oh, a sério? Isso tem muito a ver com o assunto. Ele é

um grande estudioso, de qualquer forma, e penso que posso aprender muito com ele em relação a diferentes raças, não necessariamente apenas os egípcios. Espero aprender muito, porque ele diz que, claro, houve raças antigas muito antes dos egípcios, e até os chineses, particularmente, recuam muito tempo.

Mas diz que houve outra raça de pessoas que viveu na terra e diz que havia uma grande extensão de terra que era quase tão grande como a Rússia ou por aí, que estava no meio do Atlântico, há séculos e séculos e séculos, e que se afundou. Afundou-se, sabe. Tudo isto é muito intrigante. Quero dizer, ouço estas coisas e não sei; aceito-as, porque não assumiria que alguém me diria algo que não fosse verdade, mas gostava de saber mais. Gostava de obter realmente alguns factos, se pudesse. E os de *Akenaton* também? Sim. Sabes quem foi *Akenaton*? Bem, não sei bem. Vais descobrir, vais descobrir.

Evidentemente, *Akenaton* teve várias encarnações, como a maioria de nós teve. Estou mortinho por saber mais sobre as minhas. Pelos vistos, tu já viveste um bom número de vezes; o Stuart Marshall diz-me que ele também, e diz que o médium já teve imensas, e não sei, é tudo muito intrigante. "Oh, estou tão contente por estares a ficar a saber quem eles são". Mas o que achei uma vez muito interessante — e não pretendo compreender — eu estava a olhar para alguém uma vez, e nunca falei com essa pessoa, note-se, mas estava a olhar, aliás, estava com vários amigos, várias pessoas que me têm ajudado imenso, e estava a olhar em frente... não sei onde posso situar isto, sei que soa estranho.

Estávamos numa estrada, estávamos apenas a caminhar, é tudo o que lhe posso dizer, e era tudo muito agradável. E o extraordinário foi que, à medida que essa pessoa se aproximava de mim, essa única pessoa parecia ser três pessoas; é como se ele estivesse lá — o homem estava lá — e atrás dele estava outro homem, e atrás deste outro homem. E parecia que os três homens se estavam a fundir, e foi extraordinário porque, embora fossem três entidades separadas, eram todos o mesmo homem. Havia uma espécie de semelhança tremenda e, no entanto, havia uma diferença entre eles. Estavam trajados de forma diferente ou vestidos de forma diferente.

O que estava à frente tinha as mais belas vestes — suponho que diria que eram de cor lilás, uma espécie de lilás arroxeado — e eram debruçadas com uma espécie de padrão grego em ouro, com mangas compridas e algo largas, e a cintura parecia estar presa com um cinturão dourado. O cabelo era de um tipo dourado belíssimo, encaracolado, parecia o quadro *Bubbles*; e o homem, claro, era muito mais velho. Atrás dele estava outro homem, que parecia semelhante ao da frente, exceto que era uma réplica, mas mais escura; o cabelo era muito mais escuro e a tez parecia mais escura, e tinha uma pequena barba, e o seu traje era bastante diferente.

Parecia que era, bem, poder-se-ia dizer quase de um período diferente; ele parecia, bem, o segundo homem, o que estava atrás, parecia mais um judeu ou alguma figura bizantina do passado. E depois havia outra pessoa mais ao fundo, e esta pessoa parecia muito semelhante a ambas as outras, exceto que o rosto era mais longo, mas havia uma espécie de semelhança: as maçãs do rosto eram mais altas, os olhos eram muito mais claros e o cabelo era algo muito comprido, até aos ombros; tinha uma túnica curta e uma espécie de manto por cima de um ombro, que era de um vermelho rico. Mas isto era tudo muito intrigante, porque era como ver um homem em três — semelhante e, no entanto, diferente.

Havia uma espécie de névoa tremenda em redor desta pessoa, destas figuras, e eu simplesmente não conseguia perceber nada. E eu queria tanto... foi como se tivesse ficado mudo; queria abrir a boca e dizer algo e não conseguia. Mas dois dos meus companheiros que estavam comigo pareciam ser capazes de manter uma conversa. Eu conseguia senti-los, conseguia senti-los a manter uma conversa e, no entanto, ao mesmo tempo, não ouvia nada. Mas sentia que algo se passava entre os meus companheiros e aquela figura. Eventualmente, depois de tudo isto terminar, este trio tornou-se — não sei como explicar isto, soa tão estúpido — mas eles pareceram fundir-se num só.

E então tornou-se, de alguma forma, muito mais compreensível para mim. Não sei o que aconteceu ali, mas tudo o que sei é que, quando os três se fundiram num só, foi como se a minha mudez... como se eu fosse libertado da minha mudez, e fui capaz de, de certa forma, fui capaz de ouvir e fui capaz de estar

consciente do que estava a acontecer e do que estava a ser dito. E verificou-se que estes três se conheciam, e os outros dois companheiros comigo e esta personalidade de três em um conheciam-se. Esta personalidade era alguém de uma esfera diferente que, evidentemente, na sua própria esfera ocupava um cargo elevado — só posso dizê-lo assim.

E que, por vezes, ele visitava estes meus amigos e também outras pessoas que conhecia nesta esfera em particular. Ele vinha com uma mensagem — evidentemente esta mensagem da qual não fui informado, não tinha nada a ver comigo — mas esta mensagem tinha a ver com outra pessoa que eles conheciam e que estava a terminar algum trabalho que estava a fazer naquela esfera em particular onde eles estavam, e eu também. E que ele deveria ser levado; por outras palavras, ia ser retirado da condição ou ambiente ali e entrar nesta outra condição com esta personalidade de três em um. Não compreendo, é tudo tão extraordinário. Mas enfim, fui capaz de falar com os meus companheiros muito mais livremente mais tarde.

Eles explicaram-me tudo isto: que ele era de facto uma alma muito grande, que tinha uma grande sabedoria e habilidade, e que era capaz de trazer memórias de eventos passados, não apenas na terra, claro, mas na sua própria esfera e noutras esferas que habitava. Explicaram que ele era um líder e que fazia parte do seu trabalho visitar outras esferas para ajudar, para dar encorajamento e orientação, e também para dar instruções a várias pessoas para que pudessem assumir algum trabalho especial. Evidentemente, naquela ocasião, ele tinha vindo saudar uma certa pessoa cujo trabalho estava terminado, por enquanto, naquela esfera em particular, e que deveria ser retirada para voltar a esta outra condição de vida.

Repare, tudo isto é terrivelmente... não sei, na verdade é impossível explicá-lo devidamente porque tudo soa muito peculiar, tenho a certeza, mas descobri que é uma questão de consciência; tudo é uma questão de consciência. Sim. Eles evocam os seus eus antigos e não apenas dois ou três, mas às vezes muitos, e conseguem comunicar com experiências passadas. Sei que isto parece loucura, mas eles fazem-no. "Sim, isso é bem verdade, foi o que me disseram também

enquanto falávamos". De qualquer forma, vou investigar tudo; estou muito interessado em tantos aspetos diferentes da vida aqui e contar-te-ei, Rose.

Enfim, tenho de ir agora, querida, mas ver-te-ei amanhã à noite numa noite de geleia. Está bem. Teremos um bom momento antes de o médium entrar naquele avião. Está bem. Deus te abençoe. "Obrigada por me contares tudo isto". Oh, não tem de quê; receio ter feito uma pequena confusão, mas fiz o meu melhor. É muito difícil explicar estas coisas, sabe.

* * *

300764

Olá, Leslie. Olá, Stephen. Boa noite.

Boa noite. Parece que passou uma eternidade desde que te falei. Sim. Provavelmente foi apenas há cerca de um mês, se tanto. Parece mesmo muito tempo. Possivelmente é porque tenho andado de um lado para o outro e parece muito tempo sem conseguir comunicar. Na verdade, tenho vindo ver-te praticamente dia sim, dia não, apenas para ver como estás enquanto os rapazes estão fora. Gosto de ficar de olho em ti, sabes. "Oh, isso é muito simpático da tua parte". Não que não tenhas imensa gente, mas, no entanto, sinto que sou, bem, um dos homens de confiança. "Claro que és". Sinto-me como se fosse o inquilino que não paga renda.

Fico muito, muito contente por saber que andas por cá. Bem, sinto-me realmente como um tipo de — poder-se-ia dizer — convidado na casa, sabes. Sim. Sinto que a casa está aberta. "Para ti, certamente". Devo dizer que tens muito bom aspeto. Diga-me uma coisa, podia realmente vestir aquilo por mim? O quê? Vestir o quê? Um vestido. Não pensei nisso. Porquê? Não sei, mas gosto das cores. Gostas da cor? Sim, muito bonita. Eu sei, gostas de me ver de tons malva. Gosto de cores pastel suaves. Sim, absolutamente. Malvas, verdes suaves, azuis suaves. Tentei arranjar alguns malvas. Na verdade, o malva ficaria muito bem com o teu cabelo. "Já não se usa, não se encontram". Oh, bem, porquê

preocupar-se com a moda? As mulheres mais bem vestidas estão sempre fora de moda.

Eu nunca me preocupo com a moda. Perdão? Eu nunca me preocupo com a moda. "Já estou na fase do corniso *(floração espetacular da primavera).* Já não tenho aquelas figuras belíssimas. Está bem para as mulheres que são altas e graciosas". Bem, aqui não existe moda. Não que as pessoas evidentemente não desenhem — suponho que o façam. Ainda não sei muito sobre esse lado da questão, mas certamente parece-me que ninguém pode desenhar nada para ti até que tu próprio sejas capaz de o desenhar. Por outras palavras, acho que conforme pensas e conforme te tornas, assim, num sentido, te vestes.

Sei que isto soa algo absurdo e não o posso evitar, mas descobri que é algo que vem de dentro de nós, até o tipo de cores que usamos e quase, poder-se-ia dizer, o estilo — se é que se pode chamar estilo — o que é extraordinário, porque tenho visto pessoas em todo o tipo de cores e estilos; mas estou a começar a perceber e a aprender agora que, bem, quase se pode julgar — não quero dizer julgar no mau sentido — mas quase se pode dizer que tipo de pessoa alguém é pelas próprias roupas que está a usar. Como se, de alguma forma estranha, pela própria natureza do seu ser, fossem capazes de se vestir ou cobrir em cor, material, forma e estilo de acordo com o seu caráter e a sua natureza. É terrivelmente interessante. Estou a aprender a conhecer as pessoas quase num relance.

Oh, isso é maravilhoso. É simplesmente extraordinário. O que quero dizer com isto é que talvez não conheça realmente a pessoa no sentido de a conhecer profundamente, mas consegue-se dizer, mais ou menos, o caráter geral de alguém pelas cores — isto é, não apenas pelo que estão a usar, mas pelo tipo de brilho que emana delas e pela consciência interior que se tem, ou perceção que se tem, do temperamento, da natureza e também dos interesses da pessoa.

É extraordinário. Claro que nem toda a gente aqui, por exemplo, é altamente sensível ou altamente artística ou algo do género; mas é extraordinário ver como até a pessoa presumivelmente mais comum, depois de estar aqui há algum tempo e das mudanças subtis que ocorrem à medida que assimilam novo

conhecimento e experiência, como elas mudam e começam a apreciar frequentemente coisas em que normalmente, na terra, nunca teriam pensado, quanto mais apreciar. Aqui vê-se este tipo maravilhoso de mudança a ocorrer nas pessoas.

Não é uma coisa súbita, claro, mas é algo para o qual se está muito sensível. Acho que o ponto central sobre a vida aqui, pelo que percebo, é a sensibilidade da pessoa, o sentimento que se tem, a reação emocional, a sensibilidade para com todo o tipo de coisas relativas aos outros e a perceção que se tem dentro de si mesmo de que até um indivíduo como eu, ou qualquer indivíduo, pode desempenhar um papel muito importante nas vidas e na construção do caráter, na moldagem e no desenvolvimento dos outros. Tenho aprendido imenso com tantas pessoas que sinto que estou a assimilar todo o tipo de coisas de todas as fontes e pessoas, e gradualmente a minha própria natureza está a mudar.

Não diria que nalguns sentidos sou vastamente diferente do que era na terra, mas consigo pressentir e sentir dentro de mim uma perceção de coisas que certamente me mudou. Sinto-me muito mais plácido, por exemplo. Ora, quando estava na terra, não sabia o que era ser plácido. Aliás, era uma das coisas mais difíceis para mim: ser capaz de relaxar. Na verdade, não creio que alguma vez tenha relaxado realmente. Se o meu corpo alguma vez relaxava, o que era raro, o meu cérebro nunca o fazia. Estava sempre terrivelmente ativo. Estava sempre a remoer coisas dentro de mim e estava frequentemente um passo à frente o tempo todo. Mesmo quando falava com as pessoas, se ficasse excitado, descobria que, por querer dizer tanto, era frequentemente incoerente.

Costumava perder o controlo, por assim dizer, porque as palavras saíam em jorro e, de alguma forma, nunca parecia ser capaz de as deitar cá para fora com rapidez suficiente. Era confuso, de certa forma. Sabes, uma das razões, não apenas por gostar de café e tudo o mais, é que o achava calmante, tal como o cigarro e todo esse tipo de coisas. Mas, claro, era uma espécie de antídoto. Mas a questão é que agora consigo ver-me de uma forma tão diferente. Consigo ver-me como certamente nunca me vi antes, certamente não quando estava na terra.

Consigo ver quão diferentemente poderia ter feito certas coisas, claro, e quão melhor teria sido se o tivesse feito. Mas, ao mesmo tempo, consigo ver-me sem qualquer tipo de sentimento de satisfação pessoal. Não me refiro a isso, mas consigo ver que, num sentido, eu não poderia ter sido diferente do que fui. Não teria sido a minha vida, de qualquer forma, e possivelmente não teria sido bom para mim. Poderia ter sido bom para os outros que eu fosse diferente, mas para mim eu tinha de ser como fui, e percebo que muito disso se deveu a um tipo de pressão vinda de fora de mim próprio. Não me refiro exatamente apenas ao lado puramente físico da minha vida, mas percebo agora que muitas das tendências que tive e muitas das emoções que senti — que às vezes nem eu próprio compreendia — e certamente uma certa dose do talento que tinha no sentido artístico, estava a vir não só de dentro de mim, o que era algo natural, mas também estava a vir de fora.

Percebo agora algo de que nunca me tinha apercebido antes: que, sem o saber, eu era um médium. Por outras palavras, eu era sensível a tal ponto que me via a fazer coisas, ou a expressar-me, frequentemente de uma forma que me surpreendia. Muitas vezes, por exemplo, dizia algo — aliás, podia estar a ter uma conversa comum com alguém — e depois, do nada, ouvia-me a dizer coisas que eram quase estranhas à minha natureza; e percebi que era hipersensível e, portanto, estava muito sob influência sem o perceber. E às vezes, claro, admitamos, eu também era afetado pelas próprias condições materiais ao meu redor e as pessoas do vosso lado influenciavam-me, possivelmente muito mais do que eu percebia na altura.

De facto, houve muitas coisas, certas coisas certamente que fiz, que na realidade, se eu pudesse ter sido uma pessoa mais racional, nunca as teria feito. Foi a influência de outras pessoas que foi tão forte sobre mim, de ambos os lados. "Descobriste quem te influenciava agora que passaste para aí? Por que razão estás...". Oh sim, tenho uma certa noção. Percebo agora que estava a ser influenciado por várias pessoas. Algumas eram pessoas muito boas, especialmente quem tentava influenciar-me no caminho certo, e certamente influenciaram-me no que toca ao meu trabalho artístico, aos meus esboços e

pinturas, esse tipo de coisas; e, claro, também percebo que fui consideravelmente ajudado na minha cura. Quero dizer, eu costumava provavelmente assumir que tinha aquele "algo", e certamente comecei a tê-lo, mas percebo agora que a cura que era feita através de mim, grande parte dela, era feita através da agência de certos médicos deste lado que encontraram em mim um instrumento ou um médium através do qual podiam trabalhar e que podiam manipular, e através do qual podiam verter, poder-se-ia dizer, um tipo de força espiritual ou, certamente, uma força rejuvenescedora, que era de natureza psíquica e que beneficiava as pessoas.

Isto faz parte do meu próprio talento genuíno ou conhecimento, mas percebo agora que muitas vezes coisas que aconteciam através da minha agência eram coisas para as quais eu era apenas o médium ou instrumento. Percebo agora que deveria ter sido, e poderia ter sido, um médium muito bom, o que possivelmente teria sido algo maravilhoso de ser; mas depois de ver como os médiuns passam por dificuldades como este, estou muito contente, num sentido, por não o ter sido. Isso é ser egoísta, suponho. Na verdade, não gostaria de ser médium. Odiaria ser médium, num sentido. Gostaria de servir e ajudar e trabalhar para as pessoas e trazer-lhes conforto e cura.

"Mas serias mais feliz aí agora". Oh sim, decidi não voltar, e tenho a certeza... não me consigo imaginar a voltar à Terra. Não quero voltar e não creio que haja qualquer necessidade real. Não quero dizer com isso que atingi um estado tão elevado de afeição. Odiaria que alguém pensasse que me tornei presunçoso sobre isso, mas acho que a minha última... bem, a minha última etapa, poder-se-ia dizer, na Terra foi definitivamente algo que tive de experienciar. Não quero dizer com isso que tudo esteja pré-determinado. Acho que isso é um pensamento medonho. Mas acho que as vidas das pessoas devem seguir um certo padrão. Acho que não há dúvida sobre isso.

Quanto mais estudei outras pessoas e as suas vidas na Terra, parece-me que, embora tenham livre-arbítrio, ao mesmo tempo têm de se mover de A para Z ou de A para B ou o que quer que seja. Não podem realmente desviar-se. Podem ser capazes de ir um pouco para este lado ou um pouco para aquele lado, mas

eventualmente têm de voltar à linha estreita. Cheguei a essa conclusão de que tudo é matemático. Com isto quero dizer cientificamente. Não que eu vá tentar provar nada cientificamente. Acho que isso é impossível. Mas eu acho, e cheguei a esta conclusão — discuti-a com outros e todos concordam — que embora não pareça assim na Terra, e certamente não seja possível prová-lo, tudo se encaixa com a matemática. E parece-me que a ciência — e discuti isto com uma ou duas pessoas — e elas dizem que a ciência provará matemática e cientificamente a realidade da vida e da vida além da morte, e como o que parece ser a morte não o é de forma alguma.

Aliás, num sentido, é apenas uma certa camada, que é como camadas de consciência, na verdade, pelo que pude perceber; que quando estás na Terra, tens uma camada de consciência que te permite experienciar e saber sobre certas coisas dentro de certos limites. Mas existem certas pessoas dotadas, pessoas que podem evoluir ou desenvolver-se enquanto ainda na Terra para uma camada de consciência superior. É tudo uma questão de camada de consciência, porque tudo, tudo o que está a acontecer, está a acontecer; mas apenas porque estás numa condição de vida onde a tua consciência só é capaz de espreitar até um certo ponto, não tens conhecimento do que está fora dela. É como estar numa sala que está escura. Não vês nada, mas pressentes as coisas; e conforme te ajustas mais à escuridão, consegues, até certo ponto, de uma forma minúscula, perceber. Mas assim que ligas a luz, vês tudo na sala.

Acontece apenas que estás apenas a experienciar o que tu próprio podes experienciar sob as condições em que estás naquele momento em particular. E não há dúvida de que existem muitas, muitas camadas de consciência, e é possível, ainda na Terra, espreitar e entrar numa camada de consciência superior. Mas é algo que obviamente levará tempo, experiência e grande paciência; e certamente significa que terias de rejeitar um grande número de coisas que podem parecer importantes, mas que dentro de ti provavelmente sabes que não são importantes. Por outras palavras, é, suponho, como viver em dois mundos ao mesmo tempo, e num sentido isso aplica-se a mim agora. Num sentido, estou a viver em mais de dois mundos. Quero dizer, por exemplo, estou a viver no meu

próprio ambiente — isto é, a condição na qual me encontro, na qual estou plenamente em casa, na qual estou plenamente ciente, plenamente consciente e conheço tudo o que acontece ao meu redor, do qual faço parte.

E também estou consciente, por exemplo, da Terra, ao entrar nela e entrar, por assim dizer, dentro das mentalidades dos indivíduos que possam estar na Terra e pelos quais me interesso — como tu e esta casa e por aí fora — e por isso vejo e percebo e sei porque estou a entrar nessa camada de consciência. Mas também estou a perceber e a entrar, lenta mas seguramente, numa camada de consciência superior. Por outras palavras, estou a começar a perceber, estou a começar a elevar, num sentido — suponho que dirias — o meu eu consciente para uma nova forma ou uma nova condição.

É uma coisa extraordinária como, se quiseres e acreditares sinceramente e tiveres fé e fizeres o esforço, podes experienciar todo o tipo de coisas que podem ser bastante anormais para outras pessoas, das quais elas próprias veem pouco ou nada e provavelmente nada sabem. O ponto é que as pessoas só são cegas porque não querem ver, porque não querem fazer o esforço. Por outras palavras, as pessoas limitam-se a agarrar-se ao que conhecem e não têm desejo de saber nada além disso. "É verdade. O senhor é um buscador, percebe". Bem, estou realmente ansioso por descobrir tudo o que me for possível.

Sim. E, sabes, falando de tudo isso, é por isso que existe, sabes, a astrologia e a numerologia. Oh sim, todas essas coisas fazem sentido. Não sei exatamente em que medida, não me atreveria a dizê-lo, mas todas desempenham um papel. Não há dúvida de que estamos, por exemplo, sob influência, até certo ponto, do sistema planetário. E não há dúvida de que existem certas alturas em que certos povos são afetados pelos movimentos dos planetas.

Sim. Sim. Vês, eu quase disse e fiz o que as pessoas não percebem: acho que a pessoa comum olha para o céu e vê as estrelas e vê o sistema planetário. Mas porque está a esta distância vasta, olham para isso como algo exterior, muito além delas. Mas na verdade, uma vez que agarres a realidade de que o espaço — e o próprio tempo, quanto a isso, num sentido — não tem existência... quero dizer, tem uma existência enquanto tens a perceção ou a consciência de que és

matéria, e não assumes ou não pensas em ti próprio como estando além do material.

Por outras palavras, uma vez que uma pessoa perceba que tem uma alma, que tem um espírito, e que o corpo é meramente o invólucro, que pode entrar noutros mundos, noutras condições de pensamento — embora seja tudo uma condição de pensamento, vibração de pensamento — uma vez que percebas a imensidão de tudo isto, uma vez que possas socorrer-te disso, esse é o ponto; é como um íman, se ao menos pudesses perceber que podes atrair, ser atraído por estas coisas. É muito difícil de explicar, mas suponho que se possa dizer que algumas pessoas são como alfinetes — elas não o percebem, mas são como alfinetes, por aí espalhados ociosos; é preciso um íman poderoso para as atrair. Mas sabes, uma vez que percebas o poder do íman e respondas a ele, é espantoso quanto mais és capaz de compreender, quanto mais és capaz de visualizar e ver e experienciar.

Quero dizer, não levei assim tanto tempo a ajustar-me, a aprender a conhecer-me e a compreender o propósito e o significado das coisas. Percebo a imensidão da vida; percebo que uma vida não é nada, é como um grão de areia no deserto. Penso que não temos apenas, talvez, duas ou três, mas provavelmente dezenas e dezenas de vidas — algumas pessoas provavelmente mais do que outras. Algumas pessoas talvez voltem à terra deliberadamente por escolha própria, para algum trabalho específico que queiram ou tenham de fazer, ou para o qual tenham sido escolhidas. Acho que é bastante óbvio que toda a gente tem andado num vai e vem, e que isso é muito necessário, e que o mundo terreno é muito mais do que parece.

Não é apenas o que parece à superfície; é um berçário muito necessário no qual temos de aprender e experienciar todo o tipo de coisas. É uma escola, por vezes com alunos muito maus, e por vezes temos de voltar novamente. Não ficamos muito tempo, mas, lá está, não parece ser a duração do tempo que ficamos que importa, mas sim o que assimilamos dentro de nós, ou o que talvez tenhamos alcançado — não necessariamente para nós próprios, pois parece-me que, frequentemente, o maior progresso é feito quando nos esquecemos de nós

mesmos. Parece-me que o egoísmo é uma das maiores barreiras ao progresso real. Sim, sim, sim, é verdade.

Oh, estou a aprender muito; o Marshall tem sido uma grande ajuda para mim e, claro, o Frédéric, embora ele provavelmente ainda não lhe tenha dito muito, mas provavelmente dirá — mas sabe, ele é um tipo curioso. É uma das poucas pessoas que ainda não consegui decifrar. Oh, olhe, o Frédéric... ele é muito... não sei como dizer isto, suponho que seja como um homem de mil faces, poder-se-ia dizer; é um personagem complexo e, veja, ele tem a capacidade de... deixe-me dizer-lhe, ele não lhe disse — não suponho que tenha dito — ele deixá-la-á saber o que pensa que a senhora deve saber, nem mais, nem menos. "Eu sei disso, sim". E ele sabe como retirar-se, e também sabe como — não diria encobrir, porque isso soa a enganador — mas o que quero dizer é que ele a deixará ver, por vezes, uma certa faceta ou lado da sua natureza, ou um certo aspeto de si próprio, mas ele é uma pessoa muito difícil de ver por completo, ou no seu todo, sabe? É como se apanhássemos um vislumbre aqui e ali, e depois tentássemos juntar as peças e fazer algo a partir disso.

Ele é um tipo de indivíduo curioso, interessante e versátil. Por vezes vi-o com uma aparência inteiramente diferente, e nem sequer saberia que era Frédéric Chopin; nem sequer o associaria à música. É simplesmente extraordinário. "Isso é provavelmente melhor do que ser um mentiroso". Sim, bem, veja, ele tem a habilidade. Uma vez pregou-me uma partida — não sei como explicar isto, mas uma vez pregou... suponho que lhe chamaria uma partida, de qualquer forma, mas é uma piada, é assim que é usada num certo sentido.

É uma piada chocante. Enfim, um dia vi o que pensei, na altura, ser um homem muito velho que parecia... bem, se tivesse de descrever Moisés, não estaria muito longe disso, por assim dizer: com uma longa barba cinzenta, cabelo esvoaçante e com uma espécie de hábito, ou uma espécie de túnica comprida que parecia de gabardina, com um cajado na mão. E vi-o a caminhar na minha direção, e isto pareceu-me muito estranho, na verdade, por várias razões. Por um lado, raramente se veem pessoas muito velhas, é muito invulgar. As pessoas na nossa condição e ambiente parecem todas muito jovens, e isso é porque, num

sentido, aqui não há velhice. Mas eu ainda não tinha descoberto o facto de que não havia velhice, e não me pareceu nada estranho naquela aparição, ou naquela pessoa.

Enfim, ele falou comigo; parámos e ele falou, e falou de uma forma muito... bem, não sei como dizer, mas não exatamente de uma forma religiosa, não diria isso. Mas, de qualquer forma, deu-me esta impressão de que era uma espécie de patriarca muito velho, sabe? E o extraordinário era que ele parecia tão velho, mas os seus olhos pareciam tão jovens e cintilavam, sabe? E eu pensei... bem, eu não sabia. Este homem é um velho ranzinza, sabe? Estava a falar-me sobre a alma e a evolução, e como era necessário abrirmo-nos ao mais alto possível... Aliás, ele estava a dar-me uma espécie de palestra oratória sobre o que me parecia ser um tema muito elevado — não diria religioso, mas certamente espiritual, sabe? Mas o tempo todo havia ali um brilho de alegria e uma espécie de admoestação bondosa.

Será essa a palavra? Enfim, ele convidou-me a caminhar com ele, e eu caminhei com ele. E eu não estava a olhar para ele o tempo todo. Na verdade, por estranho que pareça, algo parecia atrair os meus olhos para o primeiro plano e, à distância, parecia haver este tipo de iluminação. E eu não percebi, mas era a mente dele que estava a criar esta ilusão para eu olhar, em vez de olhar para ele. Mas ele estava a sorrir e falava-me sobretudo sobre um tema religioso, ou semi-religioso. E eu estava fascinado com esta espécie de visão gloriosa que se estendia na distância. Parecia que o sol se estava a pôr, mas ao fundo estava uma cidade magnífica — suponho que lhe chamaria isso, não poderia ser muito mais. Parecia estar banhada por este sol glorioso que se afundava. E era uma cidade muito antiga; parecia que poderia ter sido algo como Belém, ou talvez uma das antigas cidades orientais, de qualquer forma.

Nunca cheguei a descobrir que cidade era, ou o que era. Para mim parecia tão real. Mas percebi depois que isto era um reflexo da mente dele a criar esta imagem, como uma espécie de miragem. E, pelos vistos, descobri mais tarde que este local era um lugar onde ele tinha vivido, onde passara muitos anos e onde tinha desempenhado um papel deveras importante. E enfim, mas conforme íamos

avançando, de alguma forma, em vez de este edifício — ou este conjunto de edifícios — se aproximar, como seria de esperar, parecia estar a recuar. E achei isto muito estranho, porque parecia que a perspetiva estava toda errada, a distância parecia ser uma ilusão e o próprio tempo parecia ter parado.

Era quase bizarro. E então, bem, percebi depois, ele estava prestes a desaparecer. Não sabia que ele ia desaparecer, mas ouvi a sua voz dizer: "bem, ver-te-ei novamente muito em breve, mas reconhecer-me-ás, mas não como me vês agora". E virei-me para olhar, e ele tinha partido, e eu estava sozinho. E a próxima coisa que soube foi que... bem, foi como se tivesse tido uma espécie de sonho e acordasse no meu próprio... onde eu estava, naquele grande hospital, ou local, centro de receção de que lhe falei antes. Enfim, descobri muito tempo depois — pelo menos deve ter sido algum tempo depois — quando vi o Frédéric novamente.

E ele olhou para mim, e eu achei que havia algo — não sei o que era — mas algo era tão familiar. E então percebi: os olhos. E ele riu-se e disse: "bem, reconheces-me?". Eu disse: "tu não és o velho". Ele disse: "bem, eu era, mas não agora. Mas foi uma das minhas encarnações". E eu fiquei tão estupefacto com isto. Ele disse: "sabes quem era?". "Acho que deve ter sido Thor, o antigo druida. Bem, ele apareceu-me como Thor, lembro-me, há anos". Bem, não sei. Tenho a certeza de que é o rosto dele. Bem, ele parecia — agora que menciona isso — ele parecia exatamente como provavelmente um antigo druida pareceria.

Sim. Mas esta vasta cidade... não sei bem como é que isso se liga aos druidas, mas esta cidade pareceu-me uma antiga... mas, lá está, a cidade pode não ter tido ligação com ele no sentido de ser a sua cidade naquele período particular da sua vida. Mas, evidentemente, percebi certas coisas; é perfeitamente evidente para mim que ele é uma alma muito antiga, que teve muitas encarnações, que foi chamado por muitos nomes e que viveu em tempos remotos. Acho que não há dúvida de que ele viveu no antigo Egito, viveu na antiga Roma e penso que teve uma encarnação assíria; penso que teve várias encarnações noutras eras, noutros países, e é possível que tenha sido, como diz, um druida. Certamente, agora que menciona, ele parecia o que se imaginaria que um druida poderia parecer. Sim.

Mas sabe, ele é um personagem extraordinário porque tem a capacidade de mudar. Não quero necessariamente dizer que mude sempre as suas feições ou a sua aparência, mas sente-se que há momentos em que ele é quase uma pessoa diferente. Ele pode estar a falar consigo, ou pelo menos a transmitir-lhe pensamentos — o que suponho ser uma das grandes coisas sobre isto — que de repente todo o tom da sua conversa e todo o seu modo de ser, ou o que ele está a tentar expressar, será diferente, e o tema também. Por vezes ele é como um fogo-fátuo, sabe? Está aqui e ali, e num minuto pensamos que ele está connosco e ele partiu. Não sei porque será, mas creio que isto é algo que se pode fazer, e é por isso que alguém se torna mais experiente nestas coisas. Podemos recriar — suponho que seja isso — a nós mesmos de uma forma estranha.

Podemos reverter para algo que já fomos, e nunca podemos saltar para a frente até que nós próprios, obviamente, o tenhamos tornado possível. Mas é interessante saber como todos estes diferentes "eus" podem ser quase trazidos à tona, poder-se-ia dizer. É espantosamente trazido à tona, suponho. Sim, é extraordinário. É quase como se tivéssemos uma biblioteca de volumes, e cada um é uma vida, e pudéssemos estender a mão, pegá-lo e lê-lo, e assimilar e tornarmo-nos parte dele, ou ser ele, se preferir. É uma coisa extraordinária. É como se fôssemos todos... Não é apenas o livro da vida. Sei que isto é, num sentido, alegórico ou algo assim, mas o ponto é que somos todos vidas separadas e, no entanto, todas se encaixam, fazem todas parte umas das outras.

É como uma continuação. É como uma história em diferentes capítulos. Cada capítulo é importante; e o segundo, o terceiro, o quarto ou o quinto capítulo não poderiam existir se não tivesse sido pelo primeiro, pelo segundo e pelo terceiro, e assim por diante. É como se cada aspeto de nós próprios, cada caminho que percorremos, cada indivíduo em que nos tornámos, fizesse tudo parte de algo tremendo que é tão vasto que a pessoa se pergunta se poderá alguma vez estar completo. E penso que esse é todo o segredo da existência e da vida, pelo que percebo. É a única coisa que no agora parece fazer algum sentido para mim, porque percebi que não se pode simplesmente fechar o livro.

Tem de continuar, e essa é a única coisa que torna a vida suportável; é a única coisa que torna a vida possível: esta perceção de que há sempre algo novo a acrescentar, algo fresco a saber, algo novo a descobrir — o entusiasmo de ser, o entusiasmo de descobrir, o entusiasmo de mudar e de nos tornarmos e de aprendermos. É fascinante. É uma vida gloriosa. É uma coisa extraordinária. Não é estática. Acho que esse é todo o segredo: a vida não é estática. Se fosse estática, deixaria de o ser. Aliás, não se poderia existir. Seria uma maçada. Uma pessoa quereria a morte, o esquecimento completo. Aqui sente-se o formigueiro da vida, o entusiasmo da vida e o conhecimento que vem, e a nova experiência que se segue, e as pessoas que conhecemos e as coisas interessantes que elas nos podem contar, e as coisas interessantes que nos podem mostrar, e a forma maravilhosa como tudo se encaixa. É como um puzzle tremendo e glorioso.

Cada peça tem o seu lugar. A questão é descobrir onde encaixa e que tipo de imagem forma. E depois, quando pensas que o terminaste, não está de modo algum terminado. Descobres que se estende e vai mais e mais longe, até que possivelmente nem consegues visualizar o todo, mas consegues vê-lo em parte, e consegues compreendê-lo em parte, e consegues ver um bocadinho da imagem completa. Mas é empolgante, cativante e maravilhoso. Sabe, honestamente, estou tão contente por estar morto.

"Sim, eu própria estava a pensar nisso agora". Bem, deves estar muito, muito feliz agora. Oh, estou tão feliz, porque sinto que finalmente — sei que isto não soa estranho, mas soa quase como uma espécie de paixão ou algo assim — sinto-me em paz. Sim. E estou realmente em paz. E o extraordinário é que, suponho que quando alguém na terra pensa em paz, pensa em tranquilidade completa, sem nada, sem fendas, sem nada para perturbar. Bem, o estranho é que, embora não haja nada para perturbar e não haja fendas, há sempre tanto a acontecer, e fazemos parte disso, que não nos sentimos irritados ou afetados de qualquer forma prejudicial; estamos o tempo todo entusiasmados e em pulgas para saber mais. Sabe, estar em paz aqui significa estar muito vivo. Sim.

E é por isso que se é tão inquieto quando se está na terra, porque acho que és o tipo de pessoa que sempre quis saber. "Bem, eu sempre quis experienciar". E

conseguiste-o agora. Mas percebo agora que, olhando para trás, poderia ter feito as coisas de forma tão diferente nalguns aspetos... mas ainda assim, não quero ter arrependimentos. Ter arrependimentos, num sentido, é algo mau. "Não, não faças isso". Estou muito feliz. Sim, quero que saibas disso. E uma parte importante disso, realmente, acredita em mim, deve-se a ti e ao facto de eu poder vir aqui e falar; ajudou-me imenso, libertou muito de mim e certamente ajudou-me a elevar-me, para longe das condições da terra.

Não lhe consigo dizer o que significou para mim vir aqui. Tem sido maravilhoso. Enfim, tenho de ir, porque sinto que o poder está a minguar e também sei que o médium deve estar cansado; mas tem sido maravilhoso e ver-te-ei novamente, se tudo correr bem, na próxima semana. De qualquer forma, contar-te-ei mais sobre o teu amigo Frédéric, posso contar-te algumas histórias sobre ele. "Não, não, porque ele vai impedir-te por um dia". Oh, ele não me vai impedir, porque ele não tem a capacidade de me impedir. Na verdade, sabes, ninguém pode realmente impedir ninguém de fazer algo se assim o quiserem, porque todos têm livre-arbítrio completo. Mas, sabes, ele é que deveria contar-te estas coisas, não outra pessoa. Enfim, tenho de ir.

Enfim, Deus te abençoe. "Eu preferia perguntar-te sobre este teu quadro, sabes, quem tirou este teu quadro". Oh, valha-me Deus, perguntas-me agora... eu não consigo, a sério, não me lembro. Foi há tanto tempo que poderei lembrar-me e descobrir. Mas tenho de ir. Está bem. Está bem. Adeus. Adeus. Adeus. Oh, Nicky. Sim, ele está maravilhoso esta noite. Adeus.

* * *

060864

"Não consegues ouvir o que eu digo?" Sim, consigo ouvir.

Eu disse que está tudo bem. Sim, ouvi-te. Se eu chegar tarde, achas que não venho? Se eu chegar cedo, ficarás surpreendida. A minha filha estará sempre lá

quando puder. É muito difícil estar calma e agradável, não é, Rose? Oh. Não são canos a verter, são cães doentes. Eu sei. Oh, exatamente o que aconteceu na nossa... não importa... noites de sessão. Não importa. Não afetou as condições. Não nos afetou. E espero que não te vá afetar a ti. Não, não. Bom.

Agora, talvez possamos acalmar-nos para a nossa sessão. Perfeito. Lá e aqui é o mesmo. Diferença nenhuma. Estou muito, muito perto. Estou muito próximo. Estás. Muito, muito perto. Não tente compensar isso. Quando dizes muito, muito perto, o que queres dizer? Muito perto. Muito perto do teu mundo. Muito perto de ti nesta sala. Muito perto da tua consciência. Por outras palavras, em total sintonia. Oh, entendo. Oh. Extremamente perto. Oh, valha-me Deus.

Oh, quem me dera poder tocar-lhe, doutor. Oh. Espero não ter... Podes estender a mão com prazer. Se receberás algo na mão, não o posso dizer. Ora, como é que chegaste tão perto assim? Com a energia? Sim, porque a energia esta noite está extremamente boa. Oh, entendo. Oh. Valha-me Deus.

Ele estava bastante perto. Nunca o tive tão perto. Soa como um *slogan* de um político. Um *slogan* de um político? O que queres dizer com isso? Quem foi que eu ouvi que fez um lema ou algo do género de "nunca estivemos tão bem"? Oh, sim, Macmillan. Macmillan. Quão errado ele estava. Bem, não sei. Suponho que nalguns aspetos o homem tivesse razão. Eu não saberia muito sobre política, graças a Deus. Graças a Deus. Estou grato, John, desta vez. É o que causa todos os problemas, maioritariamente.

Sim? Olá, minha senhora. Olá. Olá. Sim. Olá. Consegues ouvir-me? Sim, sim. Bom. Como estás? Oh, é o Stephen, não é? Sim. Oh, sim. Como estás? Oh, estou bem, obrigado. Lamento por terça-feira, mas simplesmente não consegui. Não, nada pôde acontecer na terça. Não, não sei porquê. É apenas uma daquelas coisas. Realmente ainda não sei o suficiente sobre o assunto para ser capaz de compreender o porquê.

Tudo parece estar muito bom esta noite. Oh, graças a Deus por isso. Apesar da tua pequena... Será que estou apenas a ficar tão quente e incomodada? Sim, eu sei. Aliás, eu perguntava-me o que se estava a passar. Estavas a correr de um lado para o outro como uma criança de dois anos. Parecias estar a ter alguma

cura especial de que eu nada sabia. De repente, moveste-te tão depressa desde que te conheço. Bem, o que posso eu fazer a si e ao doutor, suponho? Oh, não, acho que não. Os dois doutores.

Bem, não sei quanto a dois. Há também imensa outra gente. Há? Bem, na verdade, há todo um grupo deles, e ninguém quer realmente ficar com o crédito. Todos trabalham juntos. E por que estão eles tão interessados assim? Bem, eles gostam muito de ti, para começar. Em segundo lugar, porque, bem, se alguém se puder manter em forma e bem, tanto melhor; muito melhor do que estar doente e enfermo. Quero dizer, chegará o tempo em que, claro, pouco ou nada poderá ser feito, e então irás apenas calmamente dormir e acordarás por aqui. Oh, que bom. Entretanto, eles cuidarão de ti.

Tu juntaste-te ao grupo, não foi? Bem, de certa forma, sim. Não sei se sou oficialmente um membro, mas estou muito sintonizado com eles. E eu venho ver-te por mim próprio, à parte do resto. E, bem, tenho tentado ajudar. Não quero ficar com o crédito pelo trabalho de outras pessoas. Todos trabalhamos juntos. Em todo o caso, num sentido, o crédito não é de ninguém. Bem, somos todos uma espécie de... Tu és tão modesto por aí. Estás a tornar-te como os outros, e em breve serás em tudo como eles.

Minha querida, se queres viver feliz com as pessoas, tens de ser mais ou menos como elas, não tens? Eu pensava que eras um individualista. Claro, somos todos individualistas no sentido em que temos a nossa própria personalidade. Mas suponho que não leve muito tempo para alguém perceber o que está certo e o que está errado, o que é bom e o que não é bom, alguém que vive numa condição que é harmoniosa. E, afinal de contas, a harmonia é muito mais importante do que a desarmonia. Eu vivi num mundo de desarmonia, e estou muito contente por estar num onde há harmonia. Tu esqueces tudo sobre o outro mundo.

Oh, não estou a esquecer exatamente. Mas, ao mesmo tempo, estou muito absorto na minha nova vida, que é, afinal, o que importa. O passado é importante, ou foi, e continua a sê-lo no sentido em que, bem, estou grato pelas experiências, boas e más; mas na realidade, claro, estou muito mais preocupado com o presente

e com o possível futuro. Por que haveria de me preocupar demasiado com o passado? Terminou. Tens toda a razão. E no entanto, embora se fale do passado como se estivesse terminado — o que, num sentido, não deve estar, nunca termina — porque o passado, o presente e o futuro são um só. É isso mesmo. Não há realmente um corte ou uma linha de demarcação. É tudo um só.

As pessoas parecem não perceber que é tudo uma única vida. Olham para ela como algo completamente diferente, que a vida passada é o começo e o fim; ou se não pensam assim, e pensam que há algo após a morte, nunca olham para esta vida como fazendo parte da vossa, ou a vossa parte da nossa. É uma continuação, mas sob melhores circunstâncias e melhores condições, com uma perspetiva mais iluminada e melhores perspetivas, graças a Deus. Espero passar nos testes eventualmente. Testes? Bem, suponho que, à vossa maneira, lhes chamariam testes. Não quero dizer que tenhas de ir perante... Estás a testar-te a ti próprio, queres dizer.

É isso mesmo. Mas não quero dizer que tenhas de ir perante um homem com uma grande barba branca ao telefone ou algo assim e responder a um monte de perguntas estúpidas. Não me refiro a esse tipo de teste, mas sim a passar no teste dentro de ti próprio e a reconhecer coisas das quais gradualmente nos vamos tornando conscientes, e a tornar essas coisas realidades em ti mesmo. É o tipo de mudança gradual que deve ocorrer em alguém antes que se possa realmente dizer: bem, pelo menos estás no caminho da recuperação ou no caminho do verdadeiro progresso, sabes. Era exatamente isso que eu estava à espera. Respondendo aos meus amigos no outro dia, ontem, tu não devias estar ali.

Oh, bem, eu não estava. Alguém que eu devesse conhecer, ou não conhecer; e na verdade, suponho que não se deva dizer que não se quer conhecer ninguém, mas às vezes, sabes, é um alívio tão grande afastarmo-nos da vida e das coisas saudáveis. Embora existam momentos em que, claro, eu volto e, na minha pequena forma, tento exercer alguma influência para o bem. Espero, pelo menos sei que é bom. Da minha parte, é um desejo. Bem, sabes, desejo o bem às pessoas e faço o que posso, mas é um caminho difícil.

Como está o teu amigo de outrora, aquele tão tagarela? Quem é? Oh, aquela alma querida que vem ter contigo ocasionalmente e gosta de se servir. Oh, sim. Havia outro tagarela, um homem desta vez. Oh, não sei se o conheço. Ele entrou no meu armário da despensa. O que é que ele estava a fazer no teu armário? Ele não entrou lá propriamente, não quis dizer isso. Eu não entrei lá, está bem. Ele queria alguma coisa? O quê? Ele queria alguma coisa? Oh, sim. Ele fez-te isso a ti? Ele escreve de onde quer que tenha estado de férias. Oh, sim. E ele deu uma boa olhadela ao meu armário, por isso dei-lhe algumas coisas para levar para casa. Deste? Sim.

Não, receio que nunca irás aprender, pois não? Oh, bem, não sei. Suponho que nunca aprendi lá muito bem. Bem, na verdade, é um bom pensamento. Sim, às vezes não é assim tão bom, mas ainda assim, às vezes é. Acho que depende das circunstâncias e da pessoa em questão e de qual é a sua situação. Dar àqueles que têm muito pouco ou que estão em necessidade é algo bom. Mas às vezes encontras pessoas que são como uma espécie de pegas. Elas apenas apanham aqui, apanham ali, e acumulam, sabes. Não precisam realmente, mas apenas bicam aqui e ali e desaparecem com aquilo. Se fosses a casa delas, provavelmente o armário da despensa iria chocar-te. Provavelmente tens muito mais deles por perto do que alguma vez pensaste ouvir. Oh, bem, então falemos de coisas mundanas ou de pessoas mundanas.

Falemos de algo inteligente. Gostaria que descesses para falar de coisas mundanas. Bem, sobre o que falaremos? Oh, não, agora não. Falaremos sobre esta casa? Não. Não, está bem. Esta é uma mistura estranha de andar para andar. É uma casa extraordinária, realmente, de certa forma. Diz-me porquê. Bem, suponho que seja porque eu a vejo de forma talvez tão diferente de qualquer outra pessoa, ou pelo menos da vasta maioria das pessoas do teu lado. Parece-me que todos estão num estrato diferente; e não quer dizer que os que estão no topo sejam os melhores, ou os que estão no fundo sejam os melhores ou os piores, mas é muito peculiar porque, num sentido, embora estejam todos a viver em cima uns dos outros, de certa forma, nenhum de vocês é realmente semelhante. Suponho que, de certa maneira, tu e o médium sejam de temperamento, perspetiva e

caráter semelhantes, talvez, até certo ponto; mas isto distrai-me como um sortido estranho, de qualquer forma. Gosto de chamar a isto a casa do Bassett.

Casa do Bassett? Casa do Bassett. Oh, sim. Sabes, de todos os tipos. Sim, de todos os tipos. Não é disso que eu gosto. De todos os tipos. Enfim, falemos de outra coisa. Sim, por favor. Como por exemplo? Como por exemplo. Como os teus pesadelos. Dois pesadelos. Como os teus pesadelos. Os teus sonhos peculiares. Eu tenho alguns. Ocasionalmente tens, mas não são psíquicos.

Não são psíquicos? Bem, não do ponto de vista de virem para aqui, porque não entras em nenhum estado deprimente por aqui nem começas a correr para apanhar veículos em movimento e viajar distâncias e esse tipo de coisa. Não nesse sentido. Embora tu venhas aqui. E viste-me lá outra vez? Oh, sim. Viste? Oh, sim. Oh, por que não me dizes? O que hei de eu fazer? Bem, uma ou duas vezes, com o Marshall e um ou dois outros, viemos buscar-te, e levámos-te a passear e mostrámos-te vários lugares.

E, claro, o teu mui querido amigo, o Sr. Frédéric Chopin, o fidalgo, etc., etc., etc., tem-te dado as tuas lições habituais. Embora eu não suponha que tenhas sentido qualquer benefício real disso do ponto de vista terreno, ele parece achar que te estás a tornar uma excelente aluna. Para mim soa tudo bem, mas não sou assim tão bom músico. Eu não saberia distinguir se são boas ou não. De qualquer modo, ele está esperançoso. Oh, Stephen, o que é que eu tenho vestido? Oh, céus. Tenho uma túnica ou quê? Bem, na verdade tens, claro. Uma túnica. Sim, mas é geralmente de um tom verde-limão. Pelo menos essa é uma túnica com que te vi, um tipo de verde suave. Não sei se lhe chamarias verde-limão. Acho que é quente.

E também um tom meio violeta que era cinzento, o que parece ser uma combinação muito agradável para ti, e que me surpreende que não uses mais. Cinzento? Sim, cinzento e violeta. Cinzento e uma cor clara. É muito bonito. Combina com o teu cabelo. Embora, claro, lá está, seja algo básico. Quero dizer, não és velha aqui e pareces muito mais jovem, mas ainda assim essas cores ficam-te bem porque, na verdade, não é apenas uma questão de te favorecerem do ponto de vista da aparência, mas também porque combinam com o teu caráter

e personalidade. Os tons pastel suaves são definitivamente os teus. Os tons suaves de rosa, por exemplo, ou verde, e malvas e azuis pálidos.

"Oh, essas são todas as cores que eu amo". Sim, bem, essas são as cores que certamente te ficam bem e são as cores que pareces escolher mentalmente, possivelmente sem sequer te dares conta disso. Por aqui, embora isto possa soar a loucura para algumas pessoas — e não diria que isto seja algo geral — mas na Terra, claro, as mulheres gostam de usar coisas como colares e por aí fora. Bem, embora eu suponha que as almas mais avançadas, que ainda não conheci, possam não se dedicar a esse tipo de coisas ou não as possuam, certamente muitas mulheres parecem procurar vários artigos de adorno. Não quero dizer que se sobrecarreguem com joias ou algo do género, porque num sentido não existe tal coisa como joalharia aqui, mas existe este tipo de... Suponho que sejam as pessoas, quando chegam pela primeira vez, as mulheres neste caso, que têm este sentimento de que não estão vestidas sem brincos ou um colar ou algo assim; e é um hábito tal que, por pensarem nessas coisas e ainda terem esses desejos, elas acabam por as ter. E notei que muitas mulheres usam artigos de joalharia muitíssimo atraentes, na verdade, muito atraentes.

E suponho que, quando pensamos nisso, não há razão para não o fazerem; não é necessariamente um tipo de vaidade. É verdade que na Terra as pessoas, as mulheres, usam muitas joias por uma questão de vaidade, mas por aqui não é considerado assim. Se uma pessoa sente necessidade, por exemplo, de um certo artigo de joalharia ou de algo para se decorar, e isso lhe dá prazer — e invariavelmente a vasta maioria das mulheres, particularmente, tem um sentido artístico — isso manifesta-se por aqui, e essas coisas são belas. "De que são feitas? Não têm peso nenhum". Não, não têm peso algum. E, num sentido, são feitas, mas não de uma substância óbvia como a que têm na Terra.

Quero dizer, não são feitas de nenhuma dessas substâncias que associarias à Terra, porque este não é um mundo terreno. Mas algo que receio nunca conseguir fazer ninguém perceber, e não vejo como se possa alguma vez fazê-lo, é que, embora o nosso mundo seja um mundo muito real, um mundo muito sólido para nós, ao mesmo tempo muitos aspetos dele, ou certos aspetos, são puramente

mentais; e, portanto, se uma pessoa sente a necessidade de certos artigos ou certas coisas, essas coisas são criadas dentro de si mesmas ou dentro da sua própria mente, e o seu desejo por estas coisas produ-las, mas elas apenas duram o tempo que a pessoa as considera ou pensa nelas ou as deseja. E são visíveis para outras pessoas devido ao pensamento do indivíduo que criou — mesmo subconscientemente, poder-se-ia dizer — criou o artigo ou o objeto. "Então nada dura para sempre, pois não?". Bem, claro, essa é a alegria deste momento.

Quando dizes que nada dura para sempre, isso não é exatamente verdade, mas o que suponho que se deva dizer é que nada dura mais do que o necessário do ponto de vista do indivíduo. Por outras palavras, se deixares de querer algo ou deixares de estimar algo ou deixares de desejar algo, então isso deixa de existir para ti. Por outras palavras, é um estado progressivo de ser pelo qual estás a passar, quando vês que certos aspetos ou certas coisas já não são importantes e, portanto, deixam de existir para ti. Mas outras coisas tomam o seu lugar, e estas coisas são obviamente de uma natureza superior e algo mais valioso, algo que provavelmente é muito necessário ou muito útil, mesmo no desenvolvimento ou na construção do caráter ou personalidade de alguém ou no seu crescimento espiritual individual — então é a alegria e a beleza da coisa.

Num sentido, como dizes, nada é permanente, mas conforme se perde o desejo por certas coisas, outras surgem com mais valor, servindo o propósito para aquele momento, e depois progridem para um estágio diferente da evolução do ser onde têm outras coisas em que pensar, e essas coisas são necessárias. Vês, tens tudo o que é necessário de acordo com o estágio de evolução que alcançaste. Essa é a coisa extraordinária sobre esta vida: que tudo é real, tudo tem um propósito, enquanto sentires que é assim e enquanto for necessário para ti. É por isso que compreendo que existam graus variados e condições de vida muito distantes até de onde eu estou. Refiro-me a que vivo num mundo que suponho, nalguns sentidos, ser muito parecido com a Terra, mas existem outras esferas e condições de vida que são tão distantes em todos os sentidos de tudo o que conheço que, mesmo que pudesse ter um vislumbre delas, provavelmente nem as compreenderia.

Mas, por outro lado, eu nem sequer teria permissão para ter esse vislumbre — ou pelo menos não seria capaz de o ter — pela simples razão de que não alcancei o estágio onde isso se tornaria visível para mim. Por outras palavras, as coisas só são reais ou têm efeito sobre ti, ou tornam-se parte da tua vida, quando tu próprio alcançaste aquele estágio particular onde essas coisas são naturalmente visíveis e naturalmente parte da tua vida. Tudo aqui é lei natural. "Sim, mas o que me intriga é: quando se está numa certa esfera e fazemos amigos nessa esfera, e passas para a seguinte, as pessoas lá devem ser-te todas estranhas". Não, não exatamente. Eu sei o que queres dizer e o que estás a tentar transmitir, mas não é bem como parece, porque conforme alguém progride, embora possas não entrar nesse estado de ser seguinte, as pessoas desse estado de ser virão até ti.

Por outras palavras, pela tua aspiração, pela tua mudança subtil, pela tua perspetiva de ser, assim tornas possível que certas pessoas de outras esferas de natureza superior entrem na tua vida ou entrem no teu mundo. E gradualmente conheces e tornas-te amigo de várias almas que, quando deixares a condição presente, se tornarão amigos muito próximos de facto, porque já ajudaste a cimentar a amizade pela tua própria mudança de perspetiva e pensamento; e estas pessoas tornaram-no possível, e tu ajudaste a torná-lo possível, para que elas entrassem na tua vida antes mesmo de lá chegares. "Suponho que entras na próxima da mesma maneira que és". Bem, da mesma maneira que és. Não o corpo. "Bem, o que é?". Claro, não o corpo físico, mas refiro-me ao corpo astral, por exemplo, ou ao corpo etérico. Bem, creio que é o corpo etérico.

É o mesmo, num sentido. É o mesmo corpo, mas passa por mudanças subtis que são, em si mesmas, tão subtis, tão lentas — porque o tempo, num sentido, não existe para nós — mas, em qualquer caso, é uma mudança tão subtil que não estás consciente das mudanças que estão a ocorrer; e gradualmente evoluis para esta nova vibração e tornas-te consciente de novas visões, novos sons e novos amigos, novos povos, e por aí fora. Mas a mesma coisa, num sentido, está a acontecer às pessoas na Terra. Elas estão a passar por mudanças subtis, e não apenas fisicamente, mas também por mudanças num sentido mental e espiritual. E uma pessoa em particular, por exemplo, que tenha algum conhecimento deste

assunto, torna-se, antecipadamente, poder-se-ia dizer, mais consciente deste mundo e, porque abriram a porta apenas um bocadinho, é mais fácil e melhor, porque podemos alcançá-las, e podemos impressioná-las e inspirá-las, mesmo que não sejam médiuns, mas porque têm a consciência destas coisas, somos capazes de as alcançar, de as impressionar até certo ponto e geralmente realizar algum trabalho e ajudá-las.

É tudo muito esclarecedor para mim, porque estou apenas a começar a orientar-me, mas já estou consciente, num sentido — ou seja, não só da minha própria existência onde estou agora, não só da existência que deixei recentemente, mas também tornando-me mais consciente das condições de vida ou existência que se estendem à frente. É quase como se eu tivesse três camadas de consciência, três tipos de condições de vida que desempenham algum papel dentro de mim. Todos estes fatores me estão a afetar, todos estes fatores me estão a ajudar na mudança; mas consigo ver-me agora, num sentido, em certos aspetos de qualquer forma, totalmente diferente do que era, talvez há cerca de um ano ou dezoito meses. Sei que sou, nalguns aspetos, uma pessoa bastante diferente. E, claro, estou muito mais feliz, muito mais à vontade, muito melhor, com um sentimento de conforto e segurança. Já não me sinto como costumava sentir-me, nem sequer, por exemplo, quando cheguei aqui pela primeira vez. Nessa altura estava num estado mental muito peculiar e instável, mas agora tudo isso passou e estou bastante, digamos, quieto e, bem, muito feliz.

"Sim, bem, graças a Deus por isso. E tu ajudaste. Tu ajudaste". O quê? Tu ajudaste. "Oh, eu ajudei?". Tu ajudaste, e bastante. "Oh, fico muito contente por ouvir isso, Stephen". Eu disse ao Frédéric na outra noite: quero que o Stephen suba, e suba, e suba. Sim, eu sei. Ele contou-te? Bem, sim, contou. Mas, hum, ele é uma personagem muito divertida. "Oh, ele é um maroto". Oh. O que é que ele te diz? Ou dá-te algum sermão? Bem, ele apenas olhou para mim e disse: "oh, bem, claro que vais subir, mas não te esqueças que tenho cem anos ou mais de avanço sobre ti". Oh, sim. Ele também foi um menino traquina quando estava na terra, por isso não és o único.

Bem, devo dizer que, se ele era assim tão traquina, certamente tornou-se uma pessoa muito progressista. Sim. Embora, na verdade, não suponha que ele seja melhor ou pior que a média. Suponho que, por ser alguém conhecido, muito foi dito e escrito sobre ele que não seria mencionado sobre outras pessoas. O mesmo aconteceu comigo. Tive o azar de me meter num sarilho. "Oh, bem, não queremos entrar por aí. Agora, não te preocupes com isso. E não te metas nisso". Outras pessoas metem-se nisso. E não te deixes irritar com coisas dessas. Seria loucura se fosse maldade. Já não és tão excitável. Não, não sei. "Oh, eu gosto de te ouvir quando estás a falar e ficas entusiasmado". Oh, gostas? Deixas-te ir que nem um doido, enfatizando todas as palavras necessárias e por aí fora. Oh, anima-te. Sim, vou animar-me. É bom vir falar contigo outra vez. "Oh, é adorável".

Enfim, tenho de ir, mas foi bom vir, e deixo-vos todas as minhas bênçãos, e muito obrigado por tudo, e não te preocupes. "Está bem. Farei o melhor que puder por ti". Oh, eu sei que farás. *Cheerio*. Deus te abençoe. Adeus. *Cheerio*. Adeus.

* * *

100264

Stephen Ward: Tenho sido um clássico. Continuo a ficar cada vez mais, sabes, habituado ao meu trabalho.

Rose Creet: Oh sim, aqui estou eu.

Stephen Ward: Eu não falo propriamente depressa. Tu costumavas ir muito depressa, sabes, quero dizer, tu ias.

Rose Creet: Sim, suponho que sim.

Stephen Ward: Sim, eu sei, eu fiz por isso. É mais do que certo.

Rose Creet: O quê?

Stephen Ward: É um espelho que não funciona.

Rose Creet: O que te faz dizer que é o Stephen Ward com certeza?

Stephen Ward: Bem, é o carro com certeza.

Rose Creet: Queres dizer que é o Stephen Ward com certeza?

Stephen Ward: Oh, compreendo.

Rose Creet: Estás a ficar melhor agora mesmo.

Stephen Ward: Sim, mas eu apenas sabia que algumas pessoas eu ficava mesmo bem. Tu dirias que eu era o Stephen Ward com certeza. Tu dirias que eu era o Stephen Ward com certeza.

Rose Creet: Sim, é o Stephen Ward com certeza. Não, não. Um Stephen Ward muito simpático. Todos gostamos realmente dele, certo?

Stephen Ward: Obrigado.

Rose Creet: Sim, gostamos.

Stephen Ward: Sim, eu sei que gostas dele de qualquer maneira.

Rose Creet: Sim. E o real não é um complexo sobre ti? Porque é outro.

Stephen Ward: Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Eu sei que, muito francamente, não estou no caminho de casa agora. Não há razão. Sim. Sim. Sim. Sim.

Rose Creet: Oh, mas Stephen, tu estás muito interessado no teu próprio negócio. Sabes o que te quero pedir para o compensares? Paga um pouco mais. Tu sendo médico e pergunta aos teus pais, especialmente. Tu sabes tudo sobre este novo empregado e a estrutura diferente, o volume do osso que desenhas. Agora, o que te acontece quando saíste do teu corpo e como te sentes quando não há órgãos em nenhum momento e não há ossos nem nada disso? Que tipo de forma tens? O que está por trás disso?

Stephen Ward: Bem, antes de mais, estou preocupado, mesmo agora.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Tenho dois olhos dos pais. Este é certamente o meu sentimento. Se eu puser as coisas assim, o meu corpo é como se fosse o mesmo. O mesmo. Os pais, a estrutura é a mesma. Quero dizer, não sei. Se me perguntares algo no sentido de até um caminho ou pudesse eu perguntar, o que eu diria é que sinto. Sinto-me igual. E eu olho, não me senti igual. A única coisa é que certamente não tenho dores nem sofrimentos. Há tantas coisas que se associam no corpo material. Acho que se tem um tipo de corpo típico completamente diferente e começa-se com isso na sua cabeça profunda.

Rose Creet: Sim. E quanto aos ossos no corpo deles? Viste alguns ossos?

Stephen Ward: Bem, não posso dizer que sinta quaisquer ossos no sentido em que sinto enquanto movo o meu braço ou a minha cabeça. Sabes, há quem possa estar naquele corpo consciente. Mas eu sei disso porque olho, que se tenho uma estrutura valiosa ou uma coisa completa, mas na verdade, não sei. Não acho que seja o oposto. Não é o mesmo corpo. O que posso dizer é que parece ou conforme os pais, há um certo apelo. Eu não tinha realmente o corpo, mas algo dele, de uma forma muito mais, não sei, é bom usar uma cara. Há muitas perguntas. É muito divertido dizer isso. Eu nunca comecei realmente a falar sobre isso.

Nunca pensei em mim próprio como entregando isso a toda aquela coisa. Nunca pensei que tivesse o mesmo aspeto, quer eu lide estruturalmente com as coisas, ou o mesmo material, ou não acho que consiga então. Nunca sequer pensei nisso. Não sei, não acho que vá apenas fazer tudo isso. Não vou desejar o que ela recebe, então é assim. E não tenho forma para tudo isso. Não, não, não. Tu certamente não usas apenas e eles como lhe chamam, um fantasma na terra, e depois a descrição não libertará um fantasma. Não, no, no, no, no, no. Não acho que haja uma estátua minha ali. Não sei, Ray.

Rose Creet: Tu não sabes o quê?

Stephen Ward: Ray.

Rose Creet: Oh, desculpa. Oh, bom, bom.

Stephen Ward: Eu não sei. Bem, não sei mais nada, e tu tens apenas de entrar no carro, porque é realmente interessante. E eu disse, aprendi muito com o

que disseste, o que é melhor para qualquer pessoa que ainda esteja na terra, que é onde ficas comigo. Estás aí? Não, no, no, no. Um, um, um, um, nove. Fizeste alguma coisa sobre isso? Faz um sinal, e eu dar-me-ei um clique aqui, e faremos isto. Bem, e se isto levou cinco? Há mil dinheiros ali. E eles dizem que devias continuar a falar. Devias ter o dinheiro. Não sei.

Rose Creet: Sim, vamos lá.

Stephen Ward: Isso ajuda, percebes. E acho que não me dizes, o que posso deduzir, como depende de mim ter a certeza do que isso diz. Quero dizer, a tua pergunta, estou muito nervoso. E eu estava, muito francamente, notei a comida, como eu parecia, ou eu notei, pareço bem, estes são postos de lado, e sinto-me bem. Mas não senti realmente que, se o meu corpo era da mesma maneira, não como uma construção, ou parece que não se precisa de quaisquer outras coisas, como uma daquelas coisas sem mais. Realmente não se precisa de comida, ou bebida. Quando eu apareci pela primeira vez, parecia essencial e necessário, mas agora não. Por isso, provavelmente, não sei. De qualquer modo, eu far-te-ia uma pergunta, sabes o que aconteceu? Paraste de o fazer, em vez disso. Eu estava lá fora. Perguntei, importas-te com isto ser tão... Não achas? Mas eu diria, obrigado realmente. Preciso de estar ao pé daqui. Certamente tenho andado a deitar algumas roupas por aí. Podes virar-te. Tenho andado a ver todo o tipo de coisas em lugares. Nenhuma razão para isso. Sou o escritor do negócio. Não estamos a ouvir. Não me importo. Cozinhar ainda é um trabalho livre. Sabes, tu estavas ao meu lado. Tu estavas aqui. Eles disseram que não havia nada ali. Eu sei. Eu sei. Às vezes, estive comigo duas vezes. É apenas um negócio.

Rose Creet: Oh.

Stephen Ward: Sim. E tenho andado a percorrer Paris. É a única coisa, ser capaz de me mover e fazer coisas com este negócio. E houve um sentido da cultura para te levar por aí. Foi divertido como fiz. Mas consegues ver com bastante clareza? É o tempo. Oh, sim. Quando desces ali. Sim. Sim. Eu costumava achar mais fácil envolver-me, bem como na cidade. Oh, alguém que parece muito sensível e muito falador. Eu não disse que eles estivessem conscientes de mim. Mas agora, eles estão tipo sobre algo que eu consigo dizer

pela luz à volta deles que são simpáticos e, portanto, o tipo de pessoa que acenderá a conversa e se ligará a eles.

Mas depois, eles percebem então que certamente a pessoa não sugere nada ou, pelo menos, qualquer um, e talvez alguns daqueles no lado ponham os seus pensamentos na mente e comecem a identificar se há algo que esteja ali. E claro, essa pessoa é imediatamente sensível. Eles querem compreender mais sobre isso ou algo assim. Mas estou a tentar transmitir aqui. E depois, acho que é quase mais fácil falar claramente e contrariar as coisas mais através da agência, eu próprio, alguém do teu lado que seja sensível. E depois, chego a achar que é melhor fazer isso.

Mas às vezes, às vezes, encontro alguém que não pertencerá ao problema, ou talvez, sabes, nas vidas deles, e eu meio que o sintonizo, ou ajudo-te no mundo da energia. E eu meio que achei muito interessante, achei duas coisas pelas quais estavas lá. Não pensei nisso. Mas é o que tenho estado a fazer. Mas percebo que há tanto sentido em dizer, é o que tenho estado a fazer, tanto atrás no meu primeiro ano de chegada. Eu não, não voltei ao trabalho naquela ocasião. Eu ia aqui ou ali, e interessava-me pelas coisas. Mas isso está a chegar, isso é importante para mim. Mas não é fácil e interessante. E tive alguns destes casos ao apanhar-me a mim próprio, uma das pessoas que agora anda por aí e vê as coisas desse ponto de vista. Não é irritante. Não tanto agora. No início não era. Não ser capaz de, de certa forma, sentir as coisas.

Assim que acontece, queres ver as coisas. Queres estar consciente das coisas. E tu não estás a ser sequer pensado, será tudo e tu nunca tocas numa coisa. E naqueles primeiros dias, eu estava ansioso, num sentido, por, bem, ser capaz de trazer as coisas muito no sentido de, bem, chato, irritante para o indivíduo no restaurante e para alguns deles a falar contigo e eu estava a obter algum tipo de satisfação pela minha própria coisa. E eu já, na verdade, apanhei o gosto da maior peculiaridade. Eu não conhecia bem as experiências. E obtive alguma satisfação, na verdade. Ao mesmo tempo, fui a primeira pessoa a dizer: "ah, disseste que não podes fazer parte disso assim". Não, não, claro que não. Estavas a falar sobre o tipo de coisas mais curioso. Quero dizer, é muitíssimo

peculiar. Foi comigo que, até certo ponto, percebi que era encontrado pelo pensamento em condições e quando comecei a perceber que podia andar por aí, visitar e fazer coisas. Comecei a pensar para comigo: "oh, bem, como é que eu estou nalguma forma?". Bem, foi sempre frações de segundo do pensamento, ou o ato de falar com a Sally, um mês de estar ali. E, sabes, em cultura lugares diferentes e conhecendo várias pessoas que não sabiam que eu estava lá.

Stephen Ward: ...Conforme podem ser, vamos formar. O que é que é? Podemos ser "vamos formar"? Vamos formar em diante. Como é que vamos formar estas pessoas? Oh, eu não vou formar estas pessoas. Tu seguras a Rose porque toda a gente está fora. Novos e velhos, todos eles seguram a Rose. Bem, estou muito interessado, interessado, mas sabes, uma vez que não é suposto estarmos desenvolvidos, como é que vais indo? Estás a achar a vida interessante? Eu acho-as muito interessantes. Está bem?

Rose Creet: Sim. Oh, com certeza. Muito interessante. Eu observo-te de longe. Consegues ouvir o que estou a dizer. Estou num tipo de "entre isto" que consigo. Eu sei isto. É difícil, na verdade, mas estou a fazer o que eles disseram porque nós conseguimos. As circunstâncias.

Stephen Ward: Sim. Eu ainda não sei bem o que é familiar com isto. Estar com o paciente. Oh, sim. Sou bastante paciente. Sou muito paciente. Mas há algo. Eu tenho sido jovem, e não sei realmente. Sei que é difícil para ti. Mas o que é que estás a tentar? Eu não quero fazer isto.

Rose Creet: Sim. Ouvi que o alvoroço institucional está a chegar.

Stephen Ward: Sim. Isso é incrível. Será altamente interessante para a música. Sim. Uma das raparigas foi presa. Será do mais interessante. Estou a achar que é para todos nós sairmos. Não acho que tenha voltado para as raparigas.

Rose Creet: Não. Eu estava totalmente com medo.

Stephen Ward: Sim. E agora estou curioso para saber quais vão ser as reações. E em relação a outra pessoa, ainda não nomeada.

Rose Creet: Não. Não suponho que todos venham a ser nomeados. No, no. Eu acabei. Eu sei, mas parece-me que é uma possibilidade que eles tenham de

publicar algo. Não estou curioso para saber o que está a acontecer. Eu deveria tentar ser mantido com importância.

Stephen Ward: Bem, a questão é, acho que o jornal é para conhecer o Denning, não achas? Tão bem assim. Bem, ele realmente já tem o relatório pronto. E...

Rose Creet: Bem, estou a referir-me a...

Stephen Ward: Sim. ...não me pergunto se isso é de todo a imprensa. Ou o quê? Sabes, porque acho que não podemos ser industrializados. Se não estás interessada hoje, se isso vai realmente sair na imprensa, ou se vai ser suprimido. Ou se vai ser entregue a ele, ao Macmillan.

Rose Creet: Olá. E o que ele vai fazer é deixá-lo saber, ninguém sabe, temos de esperar para ver. E eu deixar-te-ei saber.

Stephen Ward: Não. O que aconteceu? Bem, eu descubro, acho, porquê... Tu estavas... Eu deveria ser capaz de sintonizar como se fôssemos algo e saber o que se passa através da tremenda audiência. Tu segues em frente e algo se alongará, porque de momento estou muito mais aberto à consciência de pensamentos, que são muito férteis, muito reais para mim, na verdade. E ao mesmo tempo, mais ou menos, suponho, em contacto. Provavelmente mais em contacto, no sentido, com certas coisas, de uma forma que talvez muita gente não pudesse possivelmente perceber, mesmo pessoas que pudessem estar do lado deles.

Porque acho que agora apanhaste o jeito, o jeito de sintonizar e estar consciente do que as pessoas estão a pensar. Ao início achei isso um tanto desconcertante, mas agora estou a achar um sentimento muito interessante usar pela primeira vez; estou a começar a conhecer pessoas que estão em todo o lado através dos meus pensamentos interiores. O que é quase como eu dizer: há quanto tempo é que andas a ouvir as pessoas dizerem blá, blá, blá. Mas o tempo todo, eu penso, tu tens algo bastante diferente disso.

E agora, em vez de ouvir blá, blá, estou a ouvir a realidade, porque os pensamentos interiores, que estão altamente interessados, no sentido, às vezes, da música, mesmo que às vezes seja tudo deprimente, coisas com pessoas poderiam

ser uma evidência tão maldita, mas ainda assim é muito interessante. Então, vou chegar a conhecer os animais, tudo o que se passa, sabes, tipo, sabes, a correr por aí, eu penso: o que é que esta pessoa está a pensar, o que é que aquela pessoa está a pensar, vou fazer um bocado tipo devagar, sabes, estou a contratar-te, certo?

Rose Creet: Oh, muito bem, e sabes que tens sido muito rápido a conhecer estes pensamentos interiores, sabes.

Stephen Ward: Bem, acho que deveríamos ter tido este tipo de habilidade antes de vir para aqui.

Rose Creet: E tu és muito diferente. Quando tu tinhas, tu estudaste psicometria, mas o que é que obtiveste?

Stephen Ward: Bem, eu sei um pouco sobre a cor do animal.

Rose Creet: Tu não és psicometria, tu eras um psicólogo, certo?

Stephen Ward: Bem, tu pensaste que eu não ousaria chamar-me a mim próprio enquanto o era. Oh, eu perguntei-te um caminho, principalmente, até agora. Tenho o conhecimento dos ossos de algumas pessoas nos seus pensamentos. Mais interessante do que o quê? Não ossos nos pensamentos delas. Oh, sim. Antes de eu ser capaz de o esclarecer, quero dizer. Sim, sim, sim. Eu não, na verdade, eu era um bocado uma mistura também, quando se chega a qualquer pessoa, sabes o que estou a dizer? Realmente, eu estava a lutar comigo mesmo metade do tempo, a perder ao longo de todo o caminho, claro, os pedaços menores, os pedaços menores, os pedaços menores. Eu dizia algo, e era, isso não é uma semana tola, mas eu tinha o meu equilíbrio. Sabes, na verdade, percebi, não apenas demasiado bem, que eu era sensível demais.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Eu costumava tentar encobrir isso com um tipo de fachada, mas não funcionou muito bem. Sim, sim. Trabalhando nisso. Estou. Estou muito feliz por vir e falar contigo. É tudo por tua causa. Eu faço todos os teus papéis, não não.

Rose Creet: Sim, também, por favor. Eu adoro.

Stephen Ward: Tu deves, muito mais agradável. Tu deverias odiar. Tenho de continuar a dizer, Sra. Creet, Sra. Creet. Sim. A dança move-se a cada

distância. E uma vez que, afinal de contas, estamos ambos a partilhar um tipo de comunicação muito único um com o outro, muitos altos e baixos, não nos chamarmos Sr. e Sra. parece um bocado ridículo, não é?

Rose Creet: Isso é bem verdade. Estou muito contente por tido sugerido isso. Então, para os nossos tempos puros, isso seria uma questão.

Stephen Ward: Sim. Então uma fase onde ia haver silêncio pode esquecê-lo, é tão lamentável pelo que aconteceu. T. Disseste nesta parte (…)? Eu não sabia. É tão agradável. Ela nunca faz isto ou aquilo, ela cala-me e faz muito barulho para mim. Vale o teu tempo. Não posso evitar sem isto. É muito curioso. Se eles me trouxerem outras pessoas ou se o outro lado cantasse como a noite mo confirmou. Todas as pessoas positivas não podem ripostar, elas virão todas para a ribalta, mas a outra grande, grande coisa má é que eu não sinto o meu amigo. Quantas vezes tu nunca conheces os filhos do teu amigo? Apenas quando eles querem amigos, a emergência daquela pessoa. Podes ter a sorte de encontrar um ou dois, eu nem sequer os encontrei.

Rose Creet: Porquê? Todas estas pessoas, disseram-te.

Stephen Ward: Eu não. Um amigo disse-lhes, agora já não és bom para eles. É por isso que admiro uma parte tremenda disso. E o teu aspeto particular mostra, muito, muito fortemente para mim, que tens estado a tentar manter-te fiel a mim. Eu não sei. Eu não sei. Estou a dizer como chegas aí contigo, porque francamente, num sentido, tu vais acreditar agora. Eu sei que estou a falar contigo. Sim. Estou a concentrar os meus pensamentos no Piria. Estava tudo a ficar cheio, mas sabe Deus como é que soa. Mas seja como for, desde que tu o recebas. Só um tempo. Consegues fazê-lo? Sabes, tu és uma pessoa notável. Ainda.

Rose Creet: Eu?

Stephen Ward: Sim, acho que sim. Oh, valha-me Deus. Bem, quero dizer, não consigo imaginar como todo esse blá, blá, blá publicado hoje e toda essa visita. Sabes que eu quero estar muito na Bíblia. Sim, tu és um homem muito velho. Então eu fiz isto. Quero dizer, pressiona-o. Quero dizer, não estás a dizer nenhum disparate de publicado. Quero dizer, estás a fazer o teu primeiro

trabalho, assim que vais ver o teu coração. Quero dizer, é apenas um pedaço de trabalho. Está bem. Vamos fazer isso. Não me consigo conter. Não me consigo conter. Não me consigo conter. Não gosto de crueldade em nenhum de todos eles. Acho que tudo isto tem sido muito, muito cruel, não tem? Bem, estou interessado até certo ponto. Estou interessado. Estou interessado em ver quão mais hipócritas as pessoas conseguem ser com isso. Acho que te fará bem. Bem, não sei. Não me fará bem nenhum, mas...

Rose Creet: Sim, não fará.

Stephen Ward: Pode fazer um bocado de justiça, e é isso que espero. Agora, vejo que há esta possibilidade de que o que me aconteceu possa não acontecer de novo. Quero dizer, pode ser que eles venham a ser um pouco mais cuidadosos e um pouco mais atenciosos. Teve algum efeito na lei de uma coisa e na forma como eles podem comprar isto. Sim. Ainda fora da vida da cidade. Hum? Eu deveria ter estado dez vezes mais atento, uma vez que sou cuidadoso. Eu era demasiado despreocupado. Pensei, bem, o que eu estava a fazer não era assim tão mau. Na verdade, tenho estado com eles. Eles disseram que, em sete sentidos, estiveram prontos para tirar vantagem disso. O outro parece estar a ceder. Deixa de ter medo.

Rose Creet: Sim. Ainda.

Stephen Ward: Não tenho nenhum sentimento mau quando o admites, nada disso. Não, não tive. A hipótese de eu ter percebido... Bem, eles eram... Acho que é quase um bocado... de ti, e não ter qualquer esforço. Não foi bom. Quero dizer, desde que me meti nisto, não me sinto mal com ninguém agora. Não me sinto mal com ninguém de todo. Na verdade, no sentido, senti pena deles. Aquelas coisas lamentáveis que eles não têm comigo desde então. E aquele tipo de personagens que pus no meu cabelo. Acho que quando uma pessoa não tem carácter suficiente para enfrentar algo, uma série de vezes assim, e no sentido, eles precisam de piedade. Porque eles saem-se pior e como os errados. Sim, é verdade. Tu próprio és um personagem, não és? Porque é que não dizes algo?

Rose Creet: Sabes, ainda não consigo bem superar isso. Mas por ti, que nunca conheci, e tenho a certeza que... E até ao final do dia, eu nunca te teria

conhecido. Eu não deveria ter estado lá, algo assim. Tu deverias mostrar-te interessada em mim. Sei que é uma pessoa realmente decente e muito simpática e muito amável.

Stephen Ward: Bem, não sei. Eu disse-te isto. Mas claro, eu... Não sei, não sei se deveria estar lá. Sim, tu estarás lá. Não, tu estarás lá. Tu estarás lá.

Rose Creet: Dr. Marshall, porque é que está aqui? É um bocado decente comigo, muito simpático.

Stephen Ward: Ele diz isso, não exatamente, ele está a rir-se quando o diz, suponho que olha para mim como um tipo de cavalheiro. Não sei bem o que fazer dele, na verdade. É tudo uma cobaia.

Rose Creet: O quê?

Stephen Ward: É tudo uma cobaia. Cobaia? Quem é uma cobaia? Eu, acho.

Rose Creet: Porquê?

Stephen Ward: Não sei. Talvez seja a ideia dele de um cheque. Mas as suas paixões reais provavelmente tiveram isso por mim. Oh, ele é um monstro, não sei. Eu conheço-te. Tenho de concordar. Ele tem sido a pessoa mais amável, mais interessante para mim. Ele tem sido uma ajuda dos diabos para mim nesse aspeto. Ele viu o governo vir aqui porque disse: se queres falar comigo, nunca serei capaz de te sustentar. Quero falar comigo por causa de um par especial de má publicidade. Já estou deste lado. Percebi o ponto. Mas ele disse: oh, se tens de vir falar connosco, é muito interessante. Sabes, deveria ser muito sólido para ti. Eu disse: bem, não quero que ninguém seja sólido para mim em particular. Oh, eu... na verdade, não estava muito inclinado a vir ao início. Alguma vez soubeste que uma profundidade não era o meu estilo para ti? Estava cansado das pessoas que te trataram como trataram. Achei que eras demasiado sólido para elas. Achei que as querias porque eu simplesmente as mereço. Estou dececionado contigo.

Rose Creet: Não!

Stephen Ward: Atrevo-me. Ele é um monstro com um trabalho, não um mestre de trabalho, chamo-lhe eu. Ele parece achar que tu és de qualquer coisa interessada em qualquer pessoa. Bem, suponho que seria interessante para ti. Está certíssimo. Suponho que eu meio que correspondo ao esperado.

Rose Creet: Se correspondes, é porque ainda é um artista.

Stephen Ward: Bem, não sou um pianista, se é que sou algum, não sou um artista.

Rose Creet: Bem, ele diz, tu és claro sobre pianistas. E ele também diz que tu tens um fraquinho por Frédéric Chopin.

Stephen Ward: Sim! E não tenho o prazer de conhecer esse cavalheiro há anos.

Rose Creet: Não tem.

Stephen Ward: Não, suponho que esse é um prazer que virá. Por isso provavelmente terei o prazer de o conhecer através de ti. Deixar-te-ei saber o que penso sobre ele. Devo voluntariar-me por ele?

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: Digo eu, estava interessado em vários indivíduos e no meu nome anteriormente, claro, e nisso, e fui sentenciado a uma coisa do que a Sally estava a fazer. E, quase automaticamente, quando estava a falar na minha cabeça, fiz isso. Eu vi-os. E, porque os tinha nomeado, e havia algo fora do tempo, outro ponto. E resultado deste livro antes de eu realmente começar a fazer qualquer progresso. E, por isso, na verdade, poderia dizer, em algo, bem, apenas um pouco do antigo material, bem, vida. Aquele que me habituou, nunca me deixou. Tive algum tempo. Tive de o fazer, descobri por exemplo, e conseguia às vezes, o ano passado, onde eu estava na altura, porque fiz, às vezes, fiz, e eu era de tal forma que as pessoas não pensavam, não me levavam a sério a mim próprio, e eu faço, obviamente, coisas.

Tentando chamar a atenção, ocasionalmente funcionava, e eles tornavam-se cautelosos com algo difícil a acontecer. Mas, lá, claro, eles atribuíam aquilo a algum tipo de algo estúpido, no pior sentido. Ou, sabes, pensam que estavam a tentar chamar a atenção aqui e ali, muitas vezes, um mês de tempo, bastante bem. E, uma vez que aconteceu com alguns altos e baixos, levou-nos para outra sala, o que não foi de todo. Porque, então, só resta toda a sala comigo.

Portanto, e, bem, o que dizes entre as coisas que pensas de ti próprio? Sim. E tu percebes isso, sabes, que, bem, eu sei agora, claro, que não compreendia na

altura, e o facto de me ter acontecido quase por acidente, o que poderias dizer. E, então, eu queria falar com ela, e não falei com ela, mas perguntei-me o que certa pessoa estaria a fazer. E foi este primeiro levar de um tempo, e depois foi mais longo, claro, não posso dizer. Perderia um tipo de consciência. E, então, torno-me consciente disso. E é como se fosses uma espécie de, ou é um segundo, pode ser mais longo, não posso dizer. Perdes a consciência. Por outras palavras, perdes a perceção de um certo lugar, ou condição. E, então, de repente, tornas-te consciente de outro lugar, uma condição, e tu estás de facto lá.

Rose Creet: É um pesadelo. Eu nunca tive isso. Está bem.

Stephen Ward: Acho que é apenas perder a consciência daquela condição e, então, de repente, tornas-te outra. Mas tudo aconteceu através dos sentimentos que aconteceram num segundo. Pode levar algum tempo. Eu estive lá. E sei que não tenho qualquer sentido através da viagem de tais sentimentos. Não me senti propriamente a olhar para um telhado do outro lado do mar. E, então, de repente, tê-lo. Não.

Bem, eu nunca tive essa experiência. Mas, não acho... bem, quero fazer uma pausa, e acho que o que realmente acontece e o que me foi dito é que isso acontece a pessoas que ainda estão na terra. E, no pensamento delas de um sono, estão no nível real, e estão conscientes de flutuar no espaço. E estão conscientes de flutuar no espaço. E estão conscientes de flutuar no espaço, e as suas cozinhas [sic - sensações] de sentimento num espaço espiritual.

E, num corpo muito interdisciplinar, tão elástico que se corta com ele. E é uma questão de consciência de sentir num certo lugar, ou desejo de um certo lugar. E não há esforço e não há tipo de algo a prender-te. Isso é o que realmente me importa. Acho que enquanto ainda estás quase preso ao corpo e ao material, existe o mundo conforme o entendo, então és impedido ou martelado ou martelado ou martelado pelo corpo físico. E, uma vez que há algo que te faz separar dele, então ficas livre, do corpo e do espaço e do tempo que ele me traz. E, então, no domínio tu e verifica.

Percebes, e podes de certa forma mentalmente, tal como eras, pelo mero pensamento, transportar-te para qualquer complexo ou condição para a qual tu

próprio tenhas tornado possível estar. Acho que uma vez que não consegui entrar num caminho muito mais elevado. Porque estou com a consciência disso. Porque, num ponto central nisto, então acho que podes estar no lugar de acordo com a tua consciência dessas condições ou lugares. Mas, depois, não apenas dois em momentos nos quais, por isso é que acho que é quando prendes o corpo.

E podes pedir o pedal. Ainda estás frequentemente restrita a condições astrais porque a consciência do eu não tem realização realmente além dali. E, também, pensando que ainda estás fisicamente presa ao material e ao próprio corpo, é o cordão de esforço [sic - cordão de prata] ou o que quer que lhe chamem? E, portanto, está restringido. Uma vez que tenhas passado por isso, uma vez que tenhas quebrado esse, esse cordão de esforço, suponho, então não há restrições. E podes pairar para dentro e iniciar condições de todo o tipo de lugares e condições de acordo com o teu pensamento.

Rose Creet: Sim, compreendo, não, compreendo, não, está muito bem explicado. Porque acho difícil compreender certas coisas, mas estou a medir, assumindo que sabes que o escolher das coisas está aqui e ali, e as coisas ser-me-ão explicadas. E, às vezes, não faz sentido, certo? Na Coreia [sic], o estudo, mas a maioria das coisas me são explicadas, eu compreendo, mas sabes, mas há algo que acontece.

Stephen Ward: Mais ou menos, percebes, contigo, estive aqui uma vez, quando estavas definitivamente fora da tua cama. E, porque eu estava aqui, não apenas eu, mas várias pessoas, são a tua mãe, que conheci no teu irmão, e não digas almas, às vezes, nós vimos, eu não vinha tanto quanto era família. Mas, lembra-te que digo, ofereceu-me mais corridas na educação. E tu estavas definitivamente fora do teu corpo, porque o teu corpo físico estava deitado na cama lá fora, pelo menos. E tu estás fora dele. E eu preferia que dissessem, não comigo, porque não me sentia suficientemente por dentro de tudo isto para fazer muito sobre isto, e muito naturalmente, e eles tentaram persuadir-te ou levar a tua saúde para o mundo étnico.

Não sei se lhe chamas fora, que eles estavam a ter alguma dificuldade com isso. Eu não sabia do que se tratava, se era que ela ia, eu não sabia bem o que era,

mas o pior foi o tempo muito curto depois, houve quaisquer 10 minutos. Estava de pé novamente. Acho que deves ter tido um tipo de outro descanso de progresso. Não foi disso, sabes. Mas, eu sei que eles não tentaram. E eu não sabia que às vezes eles tinham um grande sucesso na tua inclinação sobre isso, e viajando no espaço. E uma vez vi o teu marido, quando ele estava, ele estava sentado no teu quarto, e acho que estava à espera, à espera que tu deixasses o corpo.

Mas, não acho que deixes o corpo assim tanto, muito francamente. Acho que há todo o tipo de problemas. Mas, sabes, mencionei com ele, não sei muito sobre a causa dele, mas ele é realmente um desportista, e é um bom contador de histórias, também. Na verdade, és muito afortunada por teres estado rodeada de amigos, rodeada de pessoas. Nunca estive aqui quando não estivessem pelo menos várias pessoas. Frequentemente o teu irmão, e com bastante frequência a tua mãe. E, uma ou duas vezes, conheci o Sherpa.

Rose Creet: Oh, sim. Oh, sabes...

Stephen Ward: Conheci-o, porque acho que tive muitos músculos realmente importantes. Bem, isso fez-me consciente de que saberia muito sobre isso. Mas não é possível.

Rose Creet: Sim. Acho que é demasiado doloroso. Pensei muito nisso hoje. São muitas coisas, não te deste conta conforme estavas a aceitar.

Stephen Ward: A sério? Queres dizer que estiveste a voltar antes?

Rose Creet: Sim. Em diferentes corpos e tudo isso.

Stephen Ward: Bem, eu, sabes, estou bastante contente com a volta. Tinha tantas roupas para mim. Mas não sabia realmente muito sobre carnificina verde [sic - reencarnação]. Ela era perfeitamente possível. Estavas a tirar o rabo. Pessoalmente, suponho que tem um bom propósito. Mas não acharia que a minha rapariga quisesse voltar. Não, agora não. Passou por isso antes. Sabes, foste capaz de dizer, em cada um dos 20, acho que me estavas a dizer.

Rose Creet: Sim. Quero dizer, não estou muito inclinada a falar sobre carnificina verde. Tive algumas culturas, mas não queria voltar de novo. Tinha ouvido muitas coisas sobre carnificina de novo agora.

Stephen Ward: Eu estava muito mais feliz aqui. Estava muito mais ajustado na minha nova vida, mas de forma muito clara. Eu não quereria. Não. Queres voltar?

Rose Creet: Sim. Não sei. Não gostaria de pensar que tinha voltado para aqui, de qualquer forma.

Stephen Ward: Bem. Sabes, adoro vir a Tóquio [sic - falar]. E amo-te. Sabes, amo-te. Sabes, amo-te. Sabes, amo-te. Não tanto. Bem, eu gosto de coisas. Adoro a maneira como fazes as coisas.

Rose Creet: Bem, eu faço o meu melhor. Sinto-me às vezes exatamente nestes. Eu não diria isso. Mas sinto que, bem, como é que se pode explicar algo como isto? Tenho de tentar e pensar como o posso colocar.

Stephen Ward: Sim. E é realmente difícil saber. Alguma vez deixaste que te dissesse o que estou a fazer? Não propriamente agora. Não diria que tenho um colar. Sim. Eu gostaria de, ou fiz, mas enfim, estou a falar sobre isso. Oh, meu Deus. Estás tão limpa. E bem, é o que estou a tornar muito, muito especial de sempre. Percebo que se queres passar por esta coisa horrível, tens realmente de te esforçar, tens de entrar nisto, e sou louco para corrigir os teus pensamentos e traduzi-los e enfatizar, sabes, para o óbvio, pensar num tipo de (…) somando, pensas num tipo de vida, intenção, perceção, variedade, sentimento, sentimento, sentimento daquela pessoa. E então, vais aparecer com isto habitualmente, dizer as coisas que queres dizer? As coisas que eles fazem no estúdio de cinema. Estou a pensar que vai ser de uma natureza muito amável. Eu sei, mas ele pode vir ter comigo. Sei que sou meu. Não tenho medo dele porque estou preocupado contigo. Estou a pensar em ti. Estou a pensar em ti como um tipo de conversa alegre.

Rose Creet: Oh, adoro-o.

Rose Creet: E ele tem um sentido de humor maravilhoso, um humor seco. Na verdade, uma pessoa simpática. Eu conheço-o muito bem. E ele está muito bem. E eu sei que o que quer que ele diga é bom. É para o melhor do indivíduo, o mesmo para ti e para mim por aí. Eu conheço-o muito bem. Conheço-o muito bem. Conheço-o muito bem. Conheço-o muito bem. Bem, acho que muito foi

concedido por tê-lo dessa forma. Oh, eu sei. Eu tento. Mas o que eu adoro, sabes, conforme continuas a saber... tu sabes... oh, tu sabes, quero dizer, tu aguentas as rédeas. Oh, tu vais bem. Sim.

* * *

A PARTE SUBSTANCIAL DO HOMEM

ESPIRITUALIDADE, AUTOCONHECIMENTO,

RESPEITABILIDADE VS CONFORMISMO

200864

Stephen Ward: São as casas diante de nós, na fronteira, de todo o ano de 1964. Precisamos de um lugar melhor. Oh, Stephen. Sim. Eu sei. Vieste apenas para uma pequena conversa. Oh, bom. E eu venho para conversar porque descobri que, se me esforçar demasiado, é muito mais difícil manter qualquer coisa por muito tempo e sustentar uma conversa razoavelmente inteligente.

Se eu relaxar — e eu relaxo —, e não me esforçar demasiado, e não quiser obrigar-me a fazê-lo de certa forma... mas se eu simplesmente irromper, sabes, como fiz agora, e de algum modo comer algo, comer algo ou o que quer que seja na sessão... Oh, foi maravilhoso quando ouviste aquele tipo de festa. Oh, mas tudo isso. Sabes, não é uma questão de atacar a coisa. Sim. É melhor, mesmo aí, levar o seu tempo e falar. De forma audível, mas calma e facilmente, e não ficar demasiado excitado. Por outras palavras, é muito difícil para mim em qualquer lugar. Acho que será.

E eu faço-o, suponho, mas descobri que é melhor, bem, tende a ser o mais natural possível e não estar demasiado ansioso, nem tentar fazer-se ouvir por ele, mas estar mais relaxado e calmo, passivo. Todas estas coisas são coisas a que não estou habituado: ser calmo e passivo. Eu sei. Portanto, se eu parecer um pouco diferente em consequência disso, perdoa-me, mas se eu quiser realmente manter

conversas longas, tenho apenas de recolher as minhas velas, sabes, controlar-me um bocado. Enfim, veremos como corre. Sim. Próxima experiência, de qualquer forma. Eu sei. E uma noite muito ocupada. Sim. Oh, sim. Fui ao teatro. Oh, foste? Bem, tinha esta nova peça em cena. Sim. Continuo suficientemente interessado em todas essas horas, tenho curiosidade em ver muitos dos meus amigos ou, como eu sabia que seriam, sabes, através de um tempo de jogo real, sabes, tudo. Sim. Tudo fora do porto. Certo? Mas é na aparência. O que achaste disso?

Bem, suponho... não sei. Suponho que estivesse tudo bem, mas não me fazia sentido. Mas lá está, eu não estava tão interessado na peça, estava mais interessado em certos membros do público, a exibirem-se e a comporem-se. Oh, sim. E tendo conhecido alguns deles anteriormente, eu não estava divertido. Bem, eu não sabia. Suponho que nem se devesse dizer isso porque não se deve ter uma guerra. Bem, eu tenho de perdoar a natureza, realmente.

Rose Creet: Por favor, sê o teu eu natural.

Stephen Ward: Eu estou a ser o meu eu natural, mas fiquei um bocado divertido com certas pessoas, e pensei num nome que não vou mencionar, que eu conheci antes. Não fiquei divertido com certas circunstâncias mais felizes, o que não era verdade para todos porque estou em circunstâncias muito mais felizes agora. Mas, bem, nos meus dias de mais festas, sabes, eles seriam... suponho que lhes chamarias meus amigos. Algumas pessoas poderiam dizer apenas conhecidos. Vejo agora que não eram realmente meus amigos, e talvez tenha sido melhor assim. Têm sido apenas conhecidos em qualquer lugar, mas eu não estava interessado. Vejo que um ou dois deles eram novos amigos, e um ou dois eram outras pessoas que eu sempre disse isso, e esses amigos juntaram-se todos ali. Sim. Isso também.

Oh, eu disse que o espetáculo estava bem, mas todos estão a tentar aproximar-se das câmaras ali e queriam ser fotografados. O que eu deveria ter pensado dele, mas eu e detesto porque haveria de estar ali. Alguns deles disseram, e eu estou a ser tramado por isso, e um trabalho muito bom, e estou a caminho de dizer isso. Acho que alguns deles a tremerem nas botas foi muito

eficaz na altura do meu julgamento, e todo aquele negócio, creio eu. De facto, eu sei que alguns deles abandonaram o país muito convenientemente por uns tempos. Sim. Mas, de qualquer modo, muita coisa foi abafada. O nome de muita gente foi mantido fora disso. Alguém tinha de servir de bode expiatório, e fui eu. Sim. Enfim, continua com o medo e não me contes mais nada. Olá, onde estou sentado no mundo do medo

E o que te digo é que, desde que estou aqui, tenho sido capaz de ver sombras de todos os tipos; qualquer coisa que eu pudesse ver do vosso lado em comparação com o aspeto total não se afeiçoa lá muito encantador. E aqui, era muito adorável olhar para eles e questioná-las, e é tudo. Simplesmente não significava nada, de certa forma, não tinha substância, que é o que realmente conta.

Rose: Eu sei.

Vês, tudo é substância. Mas quando as pessoas pensam neste mundo, pensam nele como um mundo insubstancial – caso cheguem deveras a pensar nisso - e na verdade é exatamente o inverso. Este é o mundo substancial. E o vosso é o insubstancial. E a única coisa no vosso mundo que realmente o torna substancial são o pensamento e o caráter das pessoas.

Por outras palavras, a pessoa autêntica por baixo do verniz e da fachada da sociedade, mesmo num certo sentido até as pessoas que não são tão simpáticas, porventura... Mas, pelo menos, essa é a parte real delas. É isso que eu estou realmente a tentar dizer E essa é a única parte de vós que trazeis para aqui. E por conseguinte essa é a substancial – pelo menos a substancial, na medida em que é a única coisa que realmente compõe a pessoa, a única parte que o incrementa, querendo com isto dizer que podemos emitir toda a sorte de escudo exterior e de ideias e de impressões, pelas nossas ações, ou pelas coisas que possamos dizer, enquanto estamos na terra, mas ainda podemos não ser a pessoa real, e isso ainda não valer pela parte substancial da pessoa, e ainda não ser a parte substancial mas a insubstancial, que a pessoa cria quer para criar uma impressão ou para obter qualquer coisa.

Por outras palavras, a verdade é que vejo agora o vosso mundo como se fosse, num sentido, insubstancial; já não é um mundo real para mim. O que há de real nele é a natureza das pessoas, o caráter das pessoas, a sua personalidade; essas são as coisas que são substanciais.

Rose Creet: Sim, essas resistem ao fogo.

Stephen Ward: Essas são tangíveis. Por conseguinte, quando eu retorno à terra, embora consiga ver, evidentemente - e este é um ponto muito interessante, creio eu – eu ver, eu ter nervos, e sou não só capaz de ver com os... eu ia dizer "com meus próprios olhos" – o que num certo sentido é verdade – mas seria muito mais correto dizer, na minha própria alma, como também tenho sido capaz de ver por intermédio dos olhos – ou talvez seja mais correto dizer, por intermédio dos pensamentos e das impressões dos outros.

É muito fascinante porquanto, e por vezes (por exemplo) eu posso colocar-me por trás de uma pessoa e posso deliberadamente apagar-me de uma forma estranha que não conseguiria explicar, e consigo assumir, ou tirar, se preferirmos, do indivíduo em quem estou interessado, algo dele próprio, e consequentemente consigo colocar-me na sua posição, numa posição em que consigo perceber as coisas através do seu aspeto ou da sua mente. E ao fazer isso capacito-me a descobrir a realidade, digamos, desse indivíduo particular.

Rose Creet: Pois, sim, sim…

Stephen Ward: E ao fazer isso, sou capaz de descobrir a realidade, digamos, daquele indivíduo em particular. Quando eu primeiro, por exemplo, quando volto à Terra, posso, por exemplo, estar a caminhar na rua, ou digamos, a passar pela rua, e alguém pode estar a vir na minha direção. E eu não estou em sintonia com essa pessoa porque não fiz qualquer tentativa de entrar na sua personalidade individual ou no seu estado mental. E sinto interesse em saber como essa pessoa é realmente, e então eu movo-me — de uma forma que possa explicar isto — e tento entrar na sua força de pensamento, nos seus pensamentos. De tal forma que sou capaz de discernir o que estão a pensar e como é realmente o seu eu interior. E isso é revelador, por descobrir que bem no fundo da vasta maioria das pessoas, existe muito bem, embora exteriormente não pense que cometam coisas

necessariamente más, mas frequentemente as pessoas criam uma forma de defesa, suponho bem, contra o mundo.

E em vez de repetir... por descobrir agora que a vasta maioria das pessoas, lá no fundo dentro de si mesmas, tem tanto deste bem, e no entanto exteriormente... não estou a dizer que estejam a fazer coisas que sejam necessariamente más, não quero dizer exatamente isso, mas muitas vezes as pessoas estão a construir uma forma de defesa, suponho eu, contra o mundo, porque me parece, ao ver o mundo agora sob uma luz diferente, eu vejo-o. Vejo o mundo como um lugar que assumiu uma condição ou atmosfera que foi adquirida através de gerações de pensamentos que, claro, o pensamento tendo levado à ação, deixaram em consequência uma atmosfera ou condição. Não apenas, por exemplo, com uma casa, não apenas talvez quando mudas a igreja, ou até um teatro, mas com o mundo em massa; é uma coisa extraordinária como as pessoas, quando eu até me apercebi disso, como são sensíveis e enfrentam um mundo que elas próprias trouxeram à existência através de gerações de pensamentos e ações erradas.

Por me parecer a mim, conforme agora encaro o mundo, a uma luz diferente porventura, eu vejo o mundo como um local que tem uma condição ou uma atmosfera que assumiu ao longo de gerações de pensamentos – pensamentos que evidentemente levaram à ação, mas que consequentemente deixaram para trás uma atmosfera ou condição porventura não muito diferente da de uma igreja ou mesmo de um teatro, mas é uma coisa extraordinária como o mundo em massa, como as pessoas, sem que cheguem mesmo a percebe-lo, são tão sensitivas e enfrentam um mundo que o próprio homem produziu durante gerações de pensamento e ação erróneos. Um mundo que é árduo, muito difícil, muito complexo, um mundo que apresenta toda a sorte de tentações (poder-se-á dizer) – não que as tentações por vezes sejam necessariamente más, porque até mesmo com uma tentação por vezes se pode aprender uma lição e pode produzir um bem, pelo que em certa medida será necessária. Não estou a desculpar o mal nem estou a admiti-lo por forma nenhuma. O que estou a tentar dizer é que é uma

coisa natural, para o homem, à medida que ele se desenvolve, ou assim me parece.

Por outras palavras, à medida que ele se torna mais consciente do vosso mundo, à medida que começa a tornar-se mais adulto e mais atento, mais capaz de avaliar — põe as coisas assim — mais capaz de se afirmar nas condições em que se encontra, também a melhor parte de si é cada vez mais empurrada para o fundo, mais escondida. E ele constrói uma espécie de barreira, uma proteção moral que a vida o obrigou a construir e a criar artificialmente, a qual ele não quer realmente, o que ele provavelmente sabe. A pessoa comum sabe que é, por vezes, como é, mas infelizmente as circunstâncias da vida obrigam a isso. Isso não é uma desculpa, mas é algo que me parece ser uma armadilha de que simplesmente não consegue escapar. E o tempo todo ele está à espera que alguém o liberte. Mas, claro, ele não sabe como sair. Não sabe como pode ser libertado e, em consequência, passa muitas vezes pela vida. Esse é o círculo vicioso da vida.

E parece-me que é algo que vai ser muito difícil de mudar. E até que o próprio homem descubra, ou redescubra, o seu verdadeiro eu, e analise a sua verdadeira natureza, este verdadeiro eu consciente e se afirme. Percebes, é algo em que o próprio homem, infelizmente, se permitiu cair, na condição em que está a debater-se a toda a hora. Parece-me que o homem, por exemplo, está a lutar, a tentar romper as amarras. Por outras palavras, ele sente-se agrilhoado, ele sente-se acorrentado em todo o tipo de modos diferentes, por meio do pensamento ortodoxo, pelo padrão de vida que muita vez é artificial, encontra-se acorrentado até mesmo pela corrente social em que dá por si, e a que precisa sujeitar-se e curvar-se à autoridade contra a qual ele próprio se rebela… Por outras palavras, o homem está a toda a hora a debater-se e a lutar e a tentar afirmar-se, só que invariavelmente o homem comum cede e simplesmente aceitar, e em consequência torna-se num dente da cremalheira, mas o que quero dizer é que a questão está em o homem descobrir-se a si mesmo e começar a afirmar-se.

Mas parece-me que o único modo de o conseguir, seja pela descobrir a realização do poder que reside dentro dele, e quando ele chegar a perceber a substância que se encontra profundamente enraizada em todo ser humano, e

começar a afirmar esse algo – que é de importância tão vital... Quando ele começar a tornar-se, poder-se-á dizer, um homem livre - o que não quer dizer que ele não precise sujeitar-se de determinadas formas, por precisar existir algum tipo de lei e de ordem na vida, mas se tivermos que seguir a lei natural e a ordem natural, e a lei espiritual que é implícita a todo ser humano...

O homem é um ser espiritual, obviamente, enquanto se encontra na terra, só que esse aspeto espiritual encontra-se de tal modo submerso no seu eu verdadeiro que ele dificilmente o percebe ou chega a reconhecer. E se for um homem religioso, ele não irá necessariamente descobrir a verdade por causa disso. Segundo me parece, infelizmente, muita vez o chamado homem religioso é quem precisa ser libertado de dentro de si, ou ser iluminado, ou talvez possamos verdadeiramente dizer, elevado espiritualmente, é muita vez ainda mais reprimido, por aprender ou aceitar toda a sorte de coisas que em si mesmas são muito restritivas, e que por vezes são de tal modo artificiais, e tão destituídas de verdadeiro sentido e de realidade que representam um outro tipo de falso (...)

De facto, por vezes parece-me que o chamado homem religioso se encontra mais enjaulado do que o homem que não siga nenhuma religião particular. Para mim isso é tudo muito fascinante, por eu andar por aqui e por ali, e por me interessar por esta e por aquela pessoa; e talvez em aspetos muito diferentes, todos são não obstante fascinantes, e tenho visto coisas extraordinárias ocorrer com as pessoas, e em particular pessoas que, por exemplo, se esforçam por quebrar as cadeias e por descobrir a verdade, por exemplo – não a verdade em relação à vida após a morte, ou a verdade do espiritualismo ou o que quiserem chamar-lhe – a verdade com respeito a elas próprias, do ponto de vista de como elas próprias poderão viver uma vida mais harmoniosa, mais generosa, poderemos dizer num certo sentido, em que possam ser mais livres e mais fiéis ao seu eu interior.

Parece-me a mim que muita gente esteja a viver... não empregarei o termo "uma mentira" embora num certo aspeto isso seja bem verdade, por vocês terem tanta gente na vida que bem lá no fundo serem muito diferente do que habitualmente vocês pensam ser e mesmo diferentes da impressão que elas

possam passar aos outros. Tanta gente sente que têm que o fazer, por ser o que esperam delas. É "a coisa a fazer," sabes, ou seja, precisam sujeitar-se, ajustar-se ao padrão, à sociedade, adaptar-se à classe em que dão por si ou em que nascem – o que em muitos aspetos é completamente estúpido, por num certo sentido estarem a viver artificialmente, por estarem a viver como marionetas e não possuírem vida própria, e muita gente cede demasiado fácil, e receia ser diferentes, receia aceitar o facto de ser o que são e ser elas próprias, e tornarem-se consequentemente indivíduos interessantes.

Parece-me a mim que saem todas do mesmo molde, não só em termos de educação, por estar ciente de que a educação pode num certo sentido levar as pessoas a ajustar-se de um molde similar, mas é mais profundo que isso, é muito mais real do que isso, é algo muito mais fundamental. As pessoas imitam umas às outras, e é por isso que penso que seja uma pena, porque... se considerarmos o reino animal por exemplo, mesmo no reino animal, a certos títulos pelo menos, os animais não imitam necessariamente uns aos outros. Se pegarmos no exemplo do que é geralmente considerado uma das formas de vida animal mais baixas como as diversas variedades de macacos... sabemos que existem diversos tipos de macacos e sabemos que eles diferem entre si, talvez num determinado pais ou numa certa tribo ou determinado grupo pode diferir bastante de outro, e no entanto, existe uma diferença fundamental. Contudo, ao mesmo tempo, se observarem um monte de macacos descobrirão que eles imitam uns aos outros, por tenderem a fazê-lo. E por exemplo, se o ser humano se puser diante de uma jaula de macacos e o indivíduo fizer caretas aos macacos, estes provavelmente farão o mesmo.

Por outras palavras, ainda não atingiram o estágio de evolução que lhes forme um carácter forte e individual, mas mesmo assim têm carácter próprio, como por exemplo, se pegarem num cavalo ou num cão, descobrirão, se forem subindo a escala do reino animal, que encontrarão uma maior sensibilidade, um carácter maior, um tipo de personalidade mais definido. Mas parece-me a mim que o ser humano frequentemente adota as caretas do macaco, mas pelo menos

os macacos são ignorantes e em certos aspetos isso é ainda mais estúpido que o macaco.

Rose Creet: Bem, eu acho que o ser humano é exatamente como o macaco.

Stephen Ward: Na sociedade a coisa a fazer é seguir o padrão, mas na realidade não se pretendia que o homem seguisse qualquer padrão e que se tornasse como o vizinho do lado, e que estivesse a toda a hora a copiar ou a imitar e que aceitasse tudo quanto é sugerido e se tornasse, num certo sentido, como carneiros.

O que podemos sentir intensamente é que até que o homem por si próprio perceba que possui em si próprio um espírito individual – e eu acho que isto é importante, por haver alguns (...) do vosso lado que parecem presumir que aqui nós percamos a nossa personalidade, ou que percamos a nossa individualidade, que deixemos de ser indivíduos, o que é completamente inverídico, por eu ter conhecido todo o género de gente aqui e tudo indivíduos detentores de forte personalidade, e por causa da "evolução," (coloquemo-lo nesses termos) em que eles foram capazes de descartar um monte de ideias estúpidas que geralmente lhes foram impostas na terra. Por outras palavras, pela primeira vez que começamos a emergir aqui, na plenitude da aceção da palavra, tornamo-nos ainda mais numa personalidade. Quero dizer peguem em alguém como o Bernard Shaw ou alguém que na terra tenha tido uma personalidade forte, e provavelmente uma personalidade brilhante, no que quer que se tenha esforçado por fazer, alguém que não tenha tido receio de ter sido eles próprios na plenitude do sentido; esses são aqueles que na minha opinião mais progrediram.

A coisa toda passa por pessoas que desenvolveram um espírito forte e que pareceram conhecer o verdadeiro sentido da palavra "espírito" ou mesmo que a "espiritualidade" significa. O espírito não é uma coisa insubstancial, mas uma coisa bem substancial, e a espiritualidade não é aquela conceção religiosa insípida que a pessoa comum concebe. Na medida em que o entendo, a espiritualidade na realidade significa um elevado grau de inteligência que reage ao infinito, e é a esse poder tremendo que pende para o bem que o homem deve as faculdades e as oportunidades e o discernimento que traz consigo, que torna o

homem numa pessoa evoluída, que não permanece um dente da roda e que não fica, como frequentemente muita gente parece na terra, a despeito das suas religiões e a despeito da sua chamada espiritualidade, que não alcançam avanço algum e que me parecem estar imobilizadas. E a estúpida conceção que as pessoas têm de que quando morrem vêm para aqui, por terem sido bons, segundo a ideia de "bom" que o mundo tem, e que tenham adotado certas ideias e certos credos ou dogmas ou o que seja, que tenham falsamente inculcado em vós mas e que vocês tenham aceite dos vossos grupos de pares, por ter sido a coisa acertada a fazer para chegarem à igreja, ou por ter sido a coisa acertada a fazer para se tornarem respeitáveis. Mas a respeitabilidade nunca levou ninguém a lado nenhum, Creio que as pessoas que por vezes conseguem ser um tanto irreverentes, num certo sentido, afirmam muito mais a própria personalidade e decerto deixam uma impressão, embora possam não agradar a todos.

A respeitabilidade nunca leva ninguém a lado nenhum, e eu acho que as pessoas que se podem dar ao luxo, por vezes, de ser um pouco desrespeitosas, num certo sentido... de certa forma, elas estão a exercer a sua personalidade muito mais, e estão certamente a causar uma impressão, embora possa não agradar necessariamente a quem está por perto.

Mas depois é só por causa de algumas pessoas, muita gente na realidade, terem a ideia errada do que seja bom e do que seja mau. Quero dizer, as leis naturais, as ligações naturais que são comuns a toda a raça humana, mas não só isso como todo o aspeto da vida na terra, quer se trate de um inseto ou de um macaco ou de um camelo, ou das árvores, os pássaros, as bestas, tudo isso segue o instinto na natureza, tudo segue o caminho da natureza, tudo faz tensão de seguir o plano, que obviamente constitui uma conceção tremenda da vida, que é normal.

Aqueles que são - não normais como o mundo considera "além do limite" ou algo (...) Por outras palavras, se vocês forem reais, se percorrerem o caminho da natureza, por afinal de contas o homem constituir fundamentalmente um animal, embora uma forma animal superior, por ser dotada de uma grande inteligência. E o problema está em que muita gente se considera inteligente mas

na minha opinião não são inteligentes em absoluto; de facto por vezes mostram-se em questões de cunho fundamental revelam-se bastante estúpidas, e alimentam ideias de tal modo estranhas que, se chegarmos a examinar bem fundo não fazem sentido nenhum. Mas é isso que as pessoas não compreendem, pelo menos eu duvido que os da minha geração empreendam as coisas que impeçam o homem de se expandir e de se realizar na estatura mental e espiritual.

De facto, por vezes, em questões fundamentais, são bastante estúpidas, e têm ideias tão estranhas que, quando se chega realmente ao fundo da questão, simplesmente não fazem sentido; e estas são as coisas que, embora as pessoas nunca compreendam, pelo menos eu duvido, passam por gerações; estas são as coisas que impedem os homens de realmente se expandirem, e de realmente crescerem em estatura, mental e espiritualmente. Vocês, num sentido fundamental, na condição material, que possui significado espiritual, precisam viver com a natureza; não podem forçar a natureza nem podem ir contra ela, e se o fizerem, que é que acontece? Que é que está a acontecer ao vosso mundo? Vocês assistem a toda a sorte de tragédias ao vosso redor, assistem à ocorrência de todo o género de coisas, pessoas completamente retorcidas por dentro, pessoas infelizes por variadas razões, pessoas indiferentes, pessoas que num certo sentido temem dar, que temem ser oprimidas, que receiam ser normais e naturais, e que na realidade apresentam toda a sorte de doenças físicas e neuroses, toda a sorte de coisas que sucedem à humanidade devido a que por vezes, com bastante frequência, combatam o instinto natural, e as leis naturais.

E eu receio que se quiserem ter uma vida livre e venturosa, e ter uma mente capaz de pensar, e ao ser capaz de pensar, seja igualmente capaz de compreender; e que sendo capaz de compreender, seja capaz de progredir; e sendo capaz de progredir, seja capaz de atingir um estado espiritual e mental. Precisam mesmo de se libertar e de se aceitarem, e precisam conhecer-se. Uma das maiores leis que descobri é a de nos conhecermos a nós próprios, porque quando o conseguirmos começaremos a compreender não só a vida, mas começamos a compreender as pessoas, começamos a perceber as razões porque as pessoas são como são. E é evidente que, naturalmente, quererão ajudar sempre que puderem

no sentido de as mudar, e com isso vem a parte mais difícil de todas - a de tentarem ajudar as pessoas e de tentar mudá-las, porque por vezes esbarramos com uma parede de tijolo, e outras vezes nós próprios sentimo-nos ultrajados em consequência, por as pessoas tenderem a dizer que nós não nos sujeitamos. Mas assim que deixarmos de nos conformar passaremos a ser nós. Aqueles que sempre se acomodam tornam-se mentalmente enfermos e fisicamente enfermos, e por vezes mesmo espiritualmente fracos.

As pessoas parecem não compreender que ao se conformarem, muita vez vocês estão a opor-se à natureza; estão mesmo a opor-se aos instintos espirituais, à vida espiritual. Parecem pensar que a vida espiritual seja algo que os leve a adorar a Deus, ao mesmo tempo que procuram fazer certas coisas que pensam que Deus queira que façam, o que num certo sentido poderá ser bom, só que ao mesmo tempo, se fizerem algo contra a vossa verdadeira natureza; se aceitarem coisas contrárias à razão, se fizerem coisas que empreendem por uma questão de temor; se as estiverem a fazer por pensarem que se as fizerem, quando para aqui vierem quando eventualmente morrerem, vocês (...) E isso será igualmente estúpido.

De facto, contraís todo o tipo de doenças, contrais neuroses, contrais doenças físicas, vês todo o tipo de coisas a acontecer à humanidade porque, por vezes, muito frequentemente, ela combate os instintos naturais e as leis naturais; e se queres ter uma vida livre, e uma vida feliz, e se vais ter uma mente que é capaz de pensar, e também, ao pensar, capaz de compreender, e ao ser capaz de compreender, progredir, e ao ser capaz de progredir, alcançar um estatuto espiritual e mental, tens apenas de te libertar e aceitar-te a ti próprio, e tens de te conhecer a ti próprio. Uma das maiores leis que encontrei é esta: conhece-te a ti próprio; e quando começas a conhecer-te a ti próprio, começas a compreender, não apenas a ti próprio, mas começas a compreender a vida, começas a compreender as pessoas, começas a ver as razões pelas quais as pessoas são como são e, claro, naturalmente, queres ajudar se puderes, a mudá-las; e então vem a parte mais difícil de todas: ao tentar ajudar as pessoas, ao tentar mudá-las, por vezes bates contra uma parede de tijolos, e por vezes és revidado em

consequência, porque as pessoas vão virar-se e dizer que tu não te estás a conformar. Assim que paras de te conformar, então há algo de errado contigo; mas são as pessoas que estão sempre a conformar-se que estão mentalmente doentes, e fisicamente doentes, e por vezes espiritualmente fracas. As pessoas não parecem compreender que, quando te conformas, muito frequentemente estás a opor-te à natureza, estás a opor-te até aos instintos espirituais e à vida espiritual.

Stephen Ward: As pessoas pensam que a vida espiritual é algo onde se limita a adorar a Deus e, ao mesmo tempo, tenta-se fazer certas coisas que se pensa que agradarão a Deus. Faz-se o que, num sentido, pode ser bom, mas, ao mesmo tempo, se estivermos a fazer coisas contra o nosso verdadeiro nome, se estivermos a aceitar coisas contra a nossa razão, se estivermos a fazer coisas por medo, se estivermos a fazer coisas porque pensamos que, ao agir assim aqui, quando eventualmente morrermos, faremos de nós um cordeirinho simpático e prepararemos um ninho para nós próprios... isso também é estúpido.

Já te disse que, desde que tenho estado aqui, já vi não só o meu próprio aspeto de vida que levo aqui, mas encontro-me ainda muito intensamente interessado nas pessoas do vosso lado, por sentir que, se as conseguir ajudar e impressionar, se as conseguir ajudar a livrar-se das fobias e dos medos, se as ajudar a chegar a um termo com elas próprias e a aceitar-se e a tornar-se nelas próprias, então ficarão livres, na medida em que começarão a agir e a pensar de modo diferente, e os seus destinos abrir-se-ão e não permanecerão distorcidos, e elas em todo o seu aspeto mudarão, por aprenderem, gradualmente - sempre é muito gradual - aprenderem o caminho da sabedoria.

E desde que tenho escutado aqui algumas palestras dadas por alguns dos maiores filósofos e alguns dos grandes mestres eu estou a começar a aprender mais acerca do verdadeiro caminho da sabedoria, sobre os meios por que nos poderemos libertar e livrar-nos de todas as estúpidas ideias e deixar os trastes no sótão, e como que limpar a casa e arranjar uma mobília nova. Entendes?

Há tanto que podemos aceitar e prontamente aceitar em nós próprios, quando nos livrarmos dos velhos trastes, pelo menos é o que estou a tentar fazer,

o que estou a achar extraordinário e entusiasmante e fascinante, que por uma primeira vez não consigo dizer-te o quanto traduz. É como se estivesse a viver uma vida que, pela primeira vez, se mostra plena de promessas, que apresenta uma abrangência formidável, em nada me prende por me ter libertado de qualquer preconceito ou receio que possa ter tido; consigo ver-me pelo que fui, e consigo ver-me conforme sou, e embora me arrependa de certos aspetos, (conforme devemos) mas mesmo os remorsos que possa abrigar, consigo ver que tenha sido algo (...)

Essa é a questão a que chegamos aqui, entendes? Examinamos de volta a vida que levamos, e vemo-lo, e percebemos que é verdade isso de que falam do Livro da Vida, por o carregarmos connosco, sem que porventura saibamos disso na terra - mas ele está aí. Mas depois não tem importância, por o ter visto, conforme disse, quando me interesso por um indivíduo, e é justamente como se o conseguisse ler e pudesse apreender toda a sua vida; posso vê-lo como realmente é, os pontos fortes e os pontos fracos, onde a vida lhe terá corrido mal, a razão por que terá corrido mal, todas as influências que tenham prevalecido, por se achar tudo registado. E quando para aqui vierem verão por vós próprios e libertar-se-ão de todos os trastes que tenham reunido e carregado às costas quase sendo esmagados sob o seu peso, enquanto na terra.

Mas acho que isto é verdade, esta coisa fascinante e maravilhosa chamada vida, onde é realmente vida aqui, para que muitas pessoas possam compreender o que significa morrer e viver, e saber que, ao viver aqui, se está realmente excitante, num sentido, tão plenamente que as palavras nunca poderão começar a retratá-lo ou a descrevê-lo. Eu sei que é fascinante por eu ter sido capaz de me libertar de todos os fardos e de muitas das coisas que me retinham. Eu consigo ver a personalidade dual que eu encarnava (...) pelo que num certo sentido será verdadeiro afirmar que todos vivem uma mentira, todos num certo aspeto apresentam uma personalidade dual. Se ao menos conseguissem livrar-se de toda a estupidez, fobias e receios e conseguir e permitir-se desimpedir-se de todo o entulho que acumularam em tantos e variados aspetos, sinto que esta verdade, esta coisa fascinante e maravilhosa chamada vida – porque aqui existe

verdadeiramente vida. Se ao menos as pessoas compreendessem o que significa morrer e viver, e chegar a saber que ao viver aqui se encontram numa existência que num certo aspeto é tão plena que as palavras não conseguem descrever.

As pessoas pensam no vosso mundo como uma realidade. Num sentido, tem realidade como deve ter, porque vocês ainda são, onde estão, claro, seres espirituais. Em embrião, estão aí, muito alto, e estão aí para experienciar, e têm dentro de vocês o poder de superar. Também é verdade o que dizem os ensinamentos fundamentais do grande Mestre — não apenas Cristo, mas Buda, Confúcio e todas as fés — criaturas e pessoas fascinantes que estou gradualmente a começar a conhecer. Tenho estado a ouvir e tenho estado a ousar, e percebi que as verdades fundamentais são verdades que nunca mudarão.

Só que os homens distorceram a verdade e criou falsos ideais, falsos ídolos e impressões e ideias falsas, além de falsas ideologias. O homem confundiu todas as verdades e trancou-a e trocou-a pela estupidez e levou as pessoas a fizeram à verdade ao longo dos séculos. Nós queremos libertá-lo, queremos trazer a verdade de volta ao mundo, queremos levar as pessoas a ver, a conhecer e a compreender, e em consequência tornar-se livres de toda essa estupidez que retém o homem.

Não tenho palavras que descrevam o estado em que me sinto; é como se estivesse à beira de uma tremenda aventura. Ninguém devia recear da morte; a morte é uma porta que se abre para aqueles que não a receiam e que lhe dão um pequeno empurrão, e que passam através dela; não consigo dizer-te o que significou para mim, mas inicialmente quando para a qui vim sentia-me oprimido e infeliz, e de certo modo ressentido, o que para mim foi incomum, embora não fosse melhor que ninguém, mas (...) não infeliz, e não regressaria ao vosso mundo para viver nem que isso fosse possível, não voltaria a dormir, e detestaria voltar a viver. É como se passasse por isto pela primeira vez. É claro que já passei por isto antes, é claro que já passei várias vezes antes, mas esta noite parece como se pela primeira vez eu esteja completamente livre, quando vim esta noite decidi-me a não me deixar excitar e que não iria deixar-me ficar demasiado ansioso nem berrar, e que iri mostrar-me calmo, mas sinto-me de tal modo

excitado que nem consigo dizer-te o que sinto. Mas vir aqui conversar contigo é a coisa mais maravilhosa pelo que te fico agradecido, por tu me teres ajudado a abrir a porta, pelo que quero que saibas que te estou grato.

Seja como for, faço intenção de te contar toda a sorte de coisas nos próximos meses, tudo acerca dos vários mestres que conheci, sobre os locais que visitei, as coisas que tenho aprendido que tu ADORARÁS!

Eu posso não ser um Doutor Marshall mas acho que consegui algo (interrupção)

Bom, eles têm conhecimento e experiência e estão muito mais avançados que eu, mas de uma forma qualquer estranha talvez eu ainda me encontre próximo à terra (interrupção) quanto mais me afasto da terra mais difícil se torna (interrupção) mas não faço intenção de me afastar da terra demasiado cedo (embora num certo sentido faça) mas de certo modo sinto que pelo menos quero despender um ano a tentar conversar contigo enquanto me for possível.

De qualquer forma, vou contar-te todo o tipo de coisas nos próximos meses, tudo sobre os vários instrutores que conheci, os lugares onde estive, as coisas que aprendi; vou abrir a porta do conhecimento. Sim, todos eles, são estações. Posso não ser um médico, não quero organizar todo o resto, mas acho que tenho algo que ainda não vi lá. Acho que tenho algo que ainda não vi lá. Acho que tenho algo que ainda não vi lá. Bem, eles têm conhecimento e experiência, e são muito mais avançados do que eu, mas de alguma forma estranha, talvez fosse ainda, de algumas formas, quase fora, consigo obter coisas ainda melhores do que isto. Sim, é o que eu acho. E à medida que me afastar mais da terra, será mais difícil. Penso de forma semelhante, as pessoas, eu não quero afastar-me da terra cedo demais também, de certa forma quero, mas quero, pelo menos, passar um ano a tentar falar contigo, o máximo de tempo que puder.

Preciso ir, mas esta noite foi maravilhoso pelo que te agradeço por tudo, e espero que este médium a quem estou tão agradecido por usar todo o poder que possui; acho que é egoísmo da minha parte aqui vir, mas não pude evitá-lo. Eu precisava conversar contigo sobre coisas mais importantes do que tudo o mais de momento. Fico muito agradecido ao médium. Deus o abençoe. Adeus.

O meu egoísmo está a vir ao de cima. Ainda assim, não consigo evitá-lo. Tentar falar contigo é mais importante do que qualquer outra coisa no mundo. De qualquer forma, não tenho medo, e muito obrigado, Sr. Médium, e que Deus o abençoe. Boa noite. Que Deus a abençoe e obrigado pela noite maravilhosa. Boa noite, Sr. Médium. E obrigado.

* * *

170964

Mickey: Então, ligarias para isto no dia 17 de setembro? Sim, eu ligaria. Eu apareço sempre. Posso nem sempre ser capaz de falar, mas apareço sempre. Sou um visitante regular. Sou? Sim. Sem dúvida, certo? Vamos ver o que os gémeos têm.

Rose Creet: Ver o que os gémeos têm? Quem são os gémeos?

Mickey: É a minha piada.

Stephen Ward: Olá. Devo dizer que o Mickey sai-se com umas afirmações notáveis. O que é que os gémeos têm? Chegou um grande ingrediente. Não sei bem como interpretá-los. Oh, bem, bem. Bem, bem, bem. Interpreto de uma forma simpática. Não creio que "ingredientes" aqui se refira a pessoas realmente más. Claro que não. Estão na mesma linha que duendes e fadas. É isso mesmo. E eles têm todo um conjunto de problemas, e anões e gnomos que trazem... Sempre soube da existência destas criaturas, mas nunca as consegui ver. Bem, não sabia

como ajudar nessa parte. Suponho que existam coisas como fadas e duendes e tudo o resto.

A maioria destas coisas que aceitamos como mitológicas e tudo o mais... creio que há uma base de verdade em algum lugar, se conseguirmos chegar a ela. Oh, sim, claro. Refiro-me a todas estas lendas e coisas que perduram há séculos e séculos. Acho que, obviamente, lá atrás, no passado remoto, existe uma base de factos. Claro que as coisas vão sendo acrescentadas e alteradas e, eventualmente, mal se reconhece a realidade. Acontece o mesmo com muitas outras coisas, claro; o tempo e uma coisa ou outra mudam as ideias e a perspetiva das opiniões.

As pessoas estão sempre a citar, sempre a citar o que alguém disse em tal e tal ocasião. Quero dizer, se pegarmos num caso mediático, as pessoas dizem: "em tal altura aconteceu isto". Algumas coisas são, sem dúvida, factuais, mas muito é boato e foi sendo acrescentado. De facto, quando lês sobre o assunto, provavelmente já não tem qualquer semelhança com o original. É só isso. Quero dizer, há exemplos disso quando consideras o que se escreve sobre alguém que morreu há apenas alguns anos. Mesmo isso pode ser uma invenção e conter muitos erros. Deus sabe o que não correrá mal ao longo dos séculos.

Peguemos na Bíblia, primeiro. Quero dizer, ainda há muito na Bíblia que, basicamente, é verdade. E certas coisas são a regra de ouro. Mas, valha-me Deus, há tanto que foi acrescentado. E tanto foi mudado e alterado ao longo dos séculos. Continua a ser difícil saber o que é o quê. Acho que a base de muito daquilo é verdadeira, mas creio que muito é obviamente mitológico ou coisas que foram escritas por pessoas que queriam que os outros acreditassem naquela teoria ou ideia específica.

Pessoalmente, estou muito mais interessado em escavar fundo e descobrir a verdade real lá no fundo. Não me preocupo com as coisas que alguém possa ter dito ou não; quero descobrir por mim próprio.

Rose Creet: Sim, e estás numa posição de muita sorte agora.

Stephen Ward: Sim, não tive palavras para continuar a escavar. E acho que estás lá. Sim, eu sei. Porque gosto de chegar ao fundo das coisas, o que nunca tiveste na tua vida — por que estás aqui? Bem, claro, é um constante filtrar,

filtrar, filtrar o tempo todo. Separar o trigo do joio, sabes, ou o joio do trigo. Descobrir o que realmente é e descartar o resto.

Rose Creet: Sim, mas como são as formas típicas de descobrir a verdade de tudo?

Stephen Ward: Bem, uma coisa que direi estando aqui: estou a aprender agora a ser capaz de discernir a verdade. Por outras palavras, uma das coisas que já descobri é que não leva muito tempo a reconhecer a realidade e a verdade. Já não se pode, por exemplo, aceitar uma pessoa e o que ela diz pelo valor aparente, porque aqui — como creio ter-te dito, alguém deve ter dito — não é possível "safar-se" com isso. E, claro, há pessoas que tentam de tudo. Quero dizer, é o lado humano e natural, suponho, quando as pessoas chegam pela primeira vez; ainda têm o hábito de ser como eram, ou seja, dizer coisas ou implicar coisas que, à superfície, parecem o movimento correto, mas que, por baixo, são exatamente o oposto do que realmente sentem.

Isso é algo que não podes fazer aqui. E, portanto, se alguém te diz algo aqui, consegues logo discernir a verdade nisso. Por outras palavras, não há farsa, não há aquela fachada falsa e algo artificial que engana. Estou a começar a perceber agora que é mais fácil descobrir a verdade aqui porque tens apenas de ser verdadeiro, tens de ser real, na medida em que não podes esconder a realidade de ti próprio. Temos todas as oportunidades para descobrir a verdade.

Rose Creet: Quero ir descobrindo, já que estás a dizer isso, fico feliz.

Stephen Ward: Oh, tenho descoberto tanto. Não é demais, mas se eu tentasse encadear tudo e passar-te — ou melhor, transmitir-te — precisarias de dezenas e dezenas de sessões, e precisarias de dezenas de fitas para gravar, e precisarias de dezenas de estenógrafos para transcrever e dezenas de editores para publicar os livros. Valha-me Deus, aprendi tanto. Bem, estou a tentar desesperadamente passar-te as coisas pouco a pouco, mas mesmo aí, curiosamente, é complexo e difícil. Quero dizer, acho que me estou a tornar um bom comunicador.

Quando se trata de "empurrar" a informação para ti — por outras palavras, passá-la de forma que faça sentido e seja compreensível ou lógica — é difícil

porque muito aqui é tão absolutamente diferente em tantos sentidos ou formas. Há tantos aspetos diferentes da vida aqui que mudaram tanto em relação à velha vida comum, sabes, à velha rotina da vida... mas eu fá-lo-ei.

Rose Creet: Tenho a certeza de que o farás. Sei que é pela forma como o disseste agora, pela tonalidade da tua voz. Podes perfeitamente fazê-lo. Muito bem.

Stephen Ward: Oh, sim, eu desejo.

Rose Creet: O que desejas? Diz-me, vamos lá. Diz-me o que desejas. Se tens algum desejo real abaixo disso.

Stephen Ward: Bem, querer saber não é tão possível. Bem, darei o meu melhor, e já não tenho medo nenhum; devo ter dado esse melhor. Sim. Oh, acho que tenho muita sorte em ter tanta gente a tentar ajudar-me a compreender. É uma coisa muito, muito difícil. Estou a pensar... perdeste o contacto?

O que estou a achar tão intrigante, claro — e, ao mesmo tempo, enfrentemos a realidade, muito intrigante — é o facto e a realidade desta vida, do ponto de vista de que tudo o que se está a descobrir ou prestes a descobrir, já lá está. Não sei se me acompanhas nesta linha.

Rose Creet: Acompanho, mas é isso.

Stephen Ward: Agora, limito-o desta forma. Pensa no sentido do material, não tanto no que se torna espiritual. Mas pensa a partir do nível material, o novo mundo. Tudo o que está ainda por descobrir já lá está, obviamente. Caso contrário, não poderia ser descoberto.

Rose Creet: Com certeza.

Stephen Ward: Percebes o que quero dizer. Por outras palavras, está tudo por dizer. Está tudo "não consciente", se preferires, pensamento que já está ali na atmosfera, pronto a ser acedido. Por outras palavras, é uma fonte de suprimentos, uma fonte de conhecimento, uma fonte de consciência — pondo as coisas assim — que ainda espera para ser acedida. Mas está tudo lá à espera de ser descoberto. Bem, o mesmo se aplica obviamente a cada estrato da existência.

Por exemplo, eu sou uma consciência num certo nível. E tudo nesse nível é uma realidade para mim. E é uma forma de vida. Não é a minha existência; é o

meu tudo. Tudo o que sou está em harmonia com aquele filme particular de estratos em que me encontro, mas estou muito ciente, muito consciente da realidade de mais conhecimento, e mais experiência, e de uma forma mais elevada de evolução ou ser, que já lá está, mas apenas um pouco mais distante do meu estado atual de consciência. Eu sei que está lá.

Bem, é como no teu mundo, os cientistas; eles sabem que na atmosfera existem todo o tipo de coisas à espera de serem descobertas, todo o tipo de coisas à espera de serem acedidas e trazidas para um ser visível e ativo. Nada é subitamente descoberto, num sentido, porque embora se torne aparente, ou alguém se aperceba disso ou da sua possibilidade, ainda assim — e obviamente — tem de estar lá; está lá desde o início dos tempos. A consciência súbita, ou o que parece ser uma consciência súbita, é algo que tem estado num processo de descoberta, talvez há séculos; tudo é, num sentido, uma questão de consciência, uma perceção gradual, uma descoberta gradual de algo.

Tem vida dentro de si, e acho que é assim que se vê, individual e coletivamente: que toda a vida é uma viagem de descoberta. Nunca se sabe o que se vai encontrar no dia seguinte, ou depois disso, ou no mês ou ano seguinte; nunca se vê, não se pode necessariamente prever as mudanças que devem ser e virão. E quase todas as diferenças e mudanças, a abordagem individual a vários assuntos, todas as várias coisas que acontecem à humanidade, ou a qualquer forma de existência, ou a qualquer forma de vida, já estão no processo de mudança. Por outras palavras, à medida que a coisa nasce, já está no processo de decadência; e na vida, mesmo que pareça uma vida inteira, muito tempo, no tempo em si é insignificante.

E se conseguirmos ter essa visão ampla, de que toda a humanidade está a tentar alcançar algo, está a esforçar-se, está a procurar e está a evoluir gradualmente de forma tão lenta que parece que não estás a fazer progresso nenhum, e no entanto é um progresso subtil. O mesmo se aplica a mim, sim, aplica-se a todos nós; em qualquer estrato do ser em que possamos estar, estamos todos em processo de mudança. À medida que renascemos, ou que somos renascidos para uma nova experiência, novo conhecimento e nova compreensão,

continuamos no processo de deixar para trás velhos pensamentos, velhas ideias, velhos planos e existências.

Isto acontece o tempo todo; tudo está aqui à espera de ser encontrado, descoberto, compreendido e aceite, e é isso que torna, para mim pelo menos, a realidade da vida uma grande possibilidade, uma grande realidade; torna a eternidade inteligível. Quero dizer, quando alguém pára para pensar na ideia de eternidade, parece... bem, parece algo que não consegues agarrar, mas se conseguires ver tudo como um processo de mudança subtil, um novo conhecimento, uma nova experiência, de fase em fase, de existência em existência, e estás o tempo todo a evoluir, de tal forma que te tornas cada vez mais orgulhoso de uma nova, nova vida, nova experiência — sempre excitante, sempre fresca e sempre ideal. E, num sentido, quero dizer, é tão complexo e, no entanto, é tão simples e tão vasto; é algo que não se consegue pôr em palavras, é tremendo.

Rose Creet: Ah, que erro, e não sei dizer nem uma palavra... Sabes, todos estes cientistas que descobrem, e essas descobertas que fazem subitamente... esses cientistas recebem impressões do vosso lado da vida, ou descobrem as coisas por si mesmos através de tentativa e erro?

Stephen Ward: Bem, acho que, obviamente, deve haver um sentido de tentativa e erro. Por outro lado, o que é o erro? Quero dizer, a questão central é que não se quer tirar o mérito à personalidade individual, ou ao seu próprio eu pessoal, ou à sua habilidade pessoal; num sentido, devemos olhar para os indivíduos como instrumentos. Acho que este é o único sentido que já vimos: que todos os corpos são instrumentos, todos os cérebros são instrumentos, e quando consideramos que existe uma força de pensamento tremenda, que é projetada por todo o tipo de pessoas deste lado da vida...

Por exemplo, uma pessoa em particular deste lado pode sentir que tem algo a oferecer à humanidade, que tem algum conhecimento que deseja projetar; então, escolherá um indivíduo na Terra que prometa, que tenha alguma habilidade natural, e que, ao mesmo tempo, viva de certa forma que possa ser usado. Por outras palavras, os pensamentos, afinal de contas, são projetados, e

esses pensamentos são, em si mesmos, uma espécie de sugestão que faz com que o indivíduo, que é o instrumento, experimente certas linhas que acabam por trazer esses resultados.

Stephen Ward: Eu acho que todos devem olhar para outro indivíduo como um instrumento, mas olhar para a massa criativa da humanidade como uma mente enorme — não digo "ela", mas uma espécie de mente vasta. Acho que existe uma mente individual, ou o cérebro individual, ou a pessoa individual, e todas estas coisas são a mesma, mas, de certa forma, onde está a massa? Bem, essa é a minha geração; falando de uma forma geral, como uma espécie de perspetiva de massa, uma ideia de massa, uma vida de massa bem conhecida.

Mas os indivíduos, aqui e ali, que são impressionados e jovens por entidades deste lado, criam novos mitos — por outras palavras, eles lançam-se em termos diferentes, comprimentos de onda diferentes, ou trabalham em linhas diferentes, ou de formas diferentes, e trazem novo conhecimento, ou nova experiência, ou trazem novas invenções, se preferires. O ponto fulcral é que tudo está a ser conduzido e tudo está a ser controlado, num sentido, a partir de mentes superiores ou mentes mais evoluídas. Toda a vida está sujeita a transplantes de pensamento; toda a vida está sujeita às forças do pensamento dos milhões de células desconhecidos, muitos que progrediram para grandes alturas, e o processo todo consiste em empenhar-se para impressionar e inspirar.

Obviamente, nem sempre é fácil; muitas vezes é muito difícil encontrar um sujeito que seja adequado, que possa ser usado, que possa ser colocado numa certa posição, digamos assim, para que aquela força de pensamento, aquela ideia, aquela nova descoberta — seja ela qual for — possa ser projetada e trazida à existência, trazida à fruição no vosso mundo, de tal forma que possa ser um benefício. Claro, e isto é o lado infeliz: muito do que é projetado ou trazido ao vosso mundo para benefício da raça humana é, com bastante frequência, usado para fins prejudiciais por indivíduos ou grupos coletivos de pessoas no vosso mundo.

Aí reside a tragédia. Vês, com tudo, parece-me que existe uma possibilidade boa e uma má. Pega em qualquer coisa que seja descoberta: se tem

os seus bons usos, o seu bom propósito, que pode ser um benefício e um bem para a humanidade, existe também o outro aspeto, quando pode ser usada de forma oposta. Pensa no poder da energia atómica: a energia e o poder atómico, usados na direção certa, poderiam ser uma bênção tremenda para a necessidade humana, mas infelizmente, no momento, está de certa forma a ser usada — ou se não está a ser usada, a ideia por trás dos pensamentos das pessoas em cargos elevados e nos governos é que pode ser usada como uma forma de defesa, ou pode ser usada na guerra como uma arma de destruição.

Mas por trás de todas as descobertas, por trás de tudo o que é dado, todas as coisas originam da mente de massa, se puderes pôr as coisas assim, porque tudo está lá para ser descoberto, já lá está à espera, e isso significa que, para o descobrir, as pessoas têm de usar, até certo ponto, a iniciativa e a imaginação. Mas o que é importante é lembrar e perceber que existem inúmeros números de almas, em diferentes esferas ou planos, que já têm acesso a este conhecimento e que podem, e que se esforçam por impressionar e transmitir este conhecimento ao vosso mundo através de indivíduos que podem agir como instrumentos ou médiuns. E não me refiro apenas a médiuns no sentido do médium que uso agora, porque existem muitas formas de mediunidade. E, claro, toda a mediunidade depende basicamente do pensamento — o pensamento que deve emanar deste lado e que deve ser transmitido através de uma inteligência, através de indivíduos sintonizados na Terra.

Algumas pessoas, claro, estão sintonizadas em vibrações e tornam-se os agentes; e os seus pensamentos e as suas ações são sintonizados devido às vibrações ou aos pensamentos de pessoas em esferas ou planos superiores e, em consequência, as suas vidas e tudo o que os médiuns se esforçam por pensar ou fazer está num estrato mais elevado. E depois, claro, tens pessoas que têm um certo tipo de mente que é, talvez, num sentido, muito brilhante, muito inteligente, e que podem ser sujeitas ou usadas por si próprias para inventar e trazer à existência certas coisas que, como digo, podem ser de um tipo artificial para a humanidade.

Mas devemos lembrar-nos de que os nossos mundos são compostos por todo o tipo de pessoas, de acordo com a sua evolução e desenvolvimento em todos os diferentes estratos do ser; e existem tantas formas diferentes de diferentes estados de experiência, e tantas graduações diferentes de experiência e conhecimento. E a chamada parte artificial pode ser boa, e algum do conhecimento que pode ser trazido através de outro estrato pode não ser muito útil — na verdade, poderia ser até pior. Mas a pessoa tem de aceitar o facto de que se alcançam estes diferentes estratos do ser de acordo com o seu desígnio ou a sua evolução, de acordo com o desejo de se expandir de tal forma que se torna acessível a todo o tipo de conhecimento de uma ordem superior.

E devemos lembrar-nos: nem todos estão particularmente ansiosos por progredir até esse ponto; algumas pessoas estão bastante contentes por permanecer numa certa esfera ou lugar, e assimilam o que podem dali e encontram uma felicidade particular nisso. E claro que muitos têm o desejo de fazer contacto com outras esferas ou outros planos, seja de uma ordem inferior ou superior. Mas a grande maioria das pessoas, obviamente, está num estado — aliás, suponho que, na verdade, todos estejam, ou existam aqueles que parecem estar parados, mas não existe tal coisa como estar parado — todos estão num estado de constante evolução, mas é tão subtil, tão muito, muito subtil e muitas vezes tão muito, muito lento que a pessoa simplesmente não se apercebe.

Quero dizer, eu experimentei, no meu curto tempo aqui, todo o tipo de experiências mentais e todo o tipo de coisas aconteceram dentro de mim e à minha volta, e tornei-me mais consciente da tremenda vastidão de tudo isto e da tremenda possibilidade de tudo isto; mas ao mesmo tempo, ainda estou, em algumas instâncias, às vezes, um pouco intrigado e um pouco incerto e um pouco inseguro. Mas tenho uma perceção fundamental dentro de mim de que de todas as coisas — boas ou más, seja no vosso mundo ou até neste, em qualquer esfera particular — isso faz parte da vossa própria natureza. E é tudo isto que torna tudo tão maravilhoso, tão excitante, e que aceitemos o facto de que somos os recipientes do conhecimento e da experiência de todo o tipo de pessoas de todas as diferentes esferas, que estamos gradualmente a tornar-nos — e é muito lento,

muito lento, muito lento — estamos todos a tornar-nos mais familiarizados com o significado e o propósito da vida.

E que estamos, num sentido, sujeitos a leis que são imutáveis, que obviamente são de uma ordem tal, de uma ordem tão superior, que não há nada — embora às vezes pareça que as coisas correm mal — que realmente corra mal. Realmente parece, e possivelmente, no correr mal, às vezes é necessário, porque só dessa forma se podem aprender algumas experiências essenciais que só se conseguem aprender dessa maneira. Por outras palavras, mesmo no mal, ou naquilo de que não gostamos, ou naquilo que não é bom ou não parece bom, de tudo isso — e não quero ignorar parte da incerteza, da infelicidade e de toda a complicação e das dificuldades — estamos todos gradualmente, tão lenta mas seguramente, a aprender e a experienciar e a evoluir.

E parece-me que estamos todos sujeitos a esta mente, a esta força de pensamento tremendamente poderosa que está por trás de toda a vida individual e criativa e que nenhum de nós, na nossa experiência de vida — seja no vosso lado ou neste — deve ter medo. Devemos saber, devemos compreender que estamos na nossa esfera particular de evolução, no nosso próprio estado de ser, porque esse é o lugar certo para nós naquele momento particular da nossa experiência. E que, eventualmente, devemos todos alcançar um certo grau, ou uma certa fase da nossa experiência. E isto virá a todos nós.

Parece-me que talvez não alcancemos um terreno comum no sentido de sermos todos completamente iguais — e acho que isso talvez pudesse ser um pouco assustador — mas o ponto é que quando alcançamos, num sentido, uma compreensão comum, uma perceção comum do propósito da vida e do nosso papel nessa vida, e de como todos nos encaixamos, e que papel devemos desempenhar, e como gradualmente, embora sejamos indivíduos separados, somos todos parte uns dos outros e estamos a criar e a fazer aquela vida particular na qual nos encontramos. Eu certamente descobri que, seja o que for esta vida, é o que eu próprio, no sentido, ajudei a fazer pela minha própria contribuição.

Qualquer esfera, qualquer parte da vida em que possas estar — seja no teu lado ou neste — é o que nós próprios, individual e coletivamente, votámos para ser. Não somos nem mais nem menos do que aquilo que sentimos, o que pensamos; por outras palavras, os nossos pensamentos são as realidades, e os pensamentos e as ações, os pensamentos fundamentais, moldam em substância, em forma e em utilidade a realidade de vida em que nos encontramos no tempo em que nos movemos. Mas mesmo que saibamos que, ao criá-la e limitá-la, sabemos que é transitória, que deve passar, porque passaremos por ela e evoluiremos para além dela; e até certo ponto veremos as coisas como realmente são e desejaremos outras coisas, coisas melhores para nós próprios. E esse desejar, em si mesmo, criará um novo mundo numa nova vida.

E assim, sim, evoluímos obviamente de lugar para lugar, e este mundo — o nível de mundo em que alguém se encontre — foi o que nós próprios criámos ou trouxemos à existência. O pensamento é o fator predominante, o pensamento é a realidade, e é conforme pensamos que somos. E decidir isso é importante perceber na vida.

Rose Creet: Sim. Sim.

Stephen Ward: Tens toda a razão. Se pensares o suficiente sobre algo, e se algo for necessário ou for bom para ti, virá a existir, porque o próprio processo do pensamento deve trazer a sua própria reação; deve criar conjuntos de circunstâncias ou condições que trarão à mente aquelas coisas que tanto desejaste ou pensaste. Mas, por outro lado, se essas coisas não forem boas para ti, se por alguma razão for prejudicial teres esse algo em particular em que possas estar a pensar muito, e a concentrar-te, e a desejar, e a colocar toda a tua força de pensamento em tornar uma realidade criativa... se essa coisa não for, de alguma forma, boa para ti, não virá a existir.

Porque, vês, no processo de procura do bem, podes ter de voltar e ter de ser afetado por aquilo que se denomina como mau. Isso não quer dizer que o bem não virá; ele precisa de estar lá, mas para o alcançar podes ter de passar por muitas coisas que são prejudiciais — ou assim parece. Mas pode ser que, no caminho para alcançar o bem, a coisa que teve um valor real, por estranho que

pareça, tenha sido a experiência do mau. E isto pode soar um bocado paradoxal, mas acho que é perfeitamente verdade, porque ao alcançar o bem, a única forma de se alcançar o bem é experienciar o mau, para que, na altura em que alcançamos o bem, o possamos apreciar.

Rose Creet: Sim. Percebo.

Stephen Ward: É muito difícil pôr em palavras. Olá. Quero dizer, as pessoas, por exemplo, suspiram, e lamentam-se, e desejam isto ou desejam aquilo — neste caso, se quiseres, pode ser algo de natureza material. E muitas vezes a coisa que elas mais querem parece não vir, e quanto mais pensam nisso, mais remoto se torna. E poderias pensar que, como colocaram todo o seu empenho em trazer isso à existência, em focar isso, que eventualmente deve vir... bem, claro, eventualmente, às vezes pode acontecer, mas ao longo dos anos, pode não ser bom para elas terem isso.

Na verdade, pode ser algo muito diferente a longo prazo, e pelo próprio processo de esforço, não é tanto o alcançar desta coisa particular — que pode ser de natureza material — mas é no esforço para a obter que a pessoa ganhou mais; não apenas no alcançar ou mesmo no ter desta coisa particular. Mas se estás a esforçar-te por algo que não é basicamente material, mas sim espiritual, algo que é muito valioso, algo que é tangível porque é uma realidade e não algo passageiro e sem real influência, ou significado, ou vida na tua vida particular... se estás à procura de algo que é da realidade da mente, algo que é a realidade do Espírito, algo que é realmente tangível no próprio tempo, então isso é algo que nunca se perde, porque é bom ter.

Então isso pode levar muito tempo, mas pode ser e será alcançado. Mas o ponto é este: é muitas vezes o sofrimento, é muitas vezes a infelicidade, é muitas vezes o esforço, é muitas vezes a desilusão, é muitas vezes o revés — são sempre estas experiências que levam a alcançar esse algo que é tão bom, e que realmente valeram a pena, e que te fizeram apreciar, e farão alguém apreciar melhor quando alcançar esse objetivo particular, percebes? Porque é a única forma. Qualquer coisa que se alcance rapidamente, simples e facilmente, acaba por não ter significado nem valor algum.

Stephen Ward: É uma seriedade sem sentido e, na minha opinião, pelo que fiz e ganhei, é estúpido sequer conceber ou pensar nisso, porque não tem nada a oferecer senão algo que está tão distante do que é obviamente o material... algo que está obviamente a mudar, ou a mudar a nossa agenda, mudando a natureza pelo seu próprio processo. O facto de se estar numa matéria material, por si só, embora num sentido possa dar alguma satisfação por um curto espaço de tempo, não tem real significado no tempo em si, e certamente não trará a felicidade real.

O que realmente importa é a perceção de que os seres humanos estão a passar por várias fases e processos de mudança e evolução; de que estás a experienciar todo o tipo de existências, todas as condições de vida que te podem afetar. Todas as pessoas que encontramos e todas as experiências que temos com as pessoas e com a vida são todas necessárias, todas essenciais. E, de facto, é muitas vezes importante que se tenha por vezes de regressar, como sabemos, para uma nova encarnação, porque numa certa vida nova, de uma certa forma nova, num certo corpo novo, pode-se aprender; podem acontecer todo o tipo de coisas que são essenciais para o bem-estar geral e para o progresso eterno da alma humana.

Não podes conter tudo numa casca de noz; deves romper os laços e deves gradualmente passar pelo processo de harmonizar as experiências, até ao momento em que tenhas absorvido tudo o que é possível absorver, em todos os sentidos, naquela esfera particular que é tão essencial para o desenvolvimento de cada um naquela parte específica da sua evolução. Porque numa só vida, obviamente, não é possível assimilar toda a experiência que é essencial naquele mundo ou naquela esfera.

Percebo agora que passamos por mudanças, que não permanecemos iguais — e que seria uma coisa terrível, uma coisa impossível permanecer igual, porque toda a vida é mudança. A vida é um processo gradual e a evolução passa de esfera em esfera, de experiência em experiência. Somos o produto da experiência. E só quando evoluímos para um estado de ser, afastado daquilo que conhecemos num sentido material, é que assimilámos realmente tudo o que a Terra nos pode dar. Então entramos em esferas muito distantes disso e entramos

em novas formas de pensar, novos pensamentos que, em si mesmos, estão grávidos de promessa e oportunidade, que tornam a vida tão tremendamente excitante e bela que não há palavras para a descrever.

Sei que há muitas coisas que espero eventualmente querer contar-te, mas sei que há muitas coisas que já experienciei que serão extremamente difíceis de expressar e descrever. Mas sei isto: que aprendi através de muitas experiências em várias vidas, sobre as quais estou gradualmente a começar a saber algo, e que me ensinaram e ajudaram imenso, e que me abriram as portas aqui. Porque percebi que não foi uma vida, mas muitas vidas que tornaram possível o atual estado de evolução.

Sinto-me maravilhado, porque se a minha última vida fosse a única que eu tivesse conhecido, é óbvio que nunca poderia ter sido para mim tão maravilhosa como é agora, porque eu não teria sido capaz de a apreciar. Não estaria pronto para a assimilar e compreender. É tão tremenda esta perceção que surge... admito que, num sentido, parece surgir aqui de repente. Comigo foi assim — pode não ser com outros — mas pareceu-me que, de repente, tudo estava a ser gradualmente revelado. Pareceu acontecer, num sentido, de forma bastante rápida; e não percebes que foi feito de forma fundamentalmente subtil. É como se te fortalecesse e tens os sonhos mais extraordinários e maravilhosos... é como algo glorioso, cheio de uma vida tremenda, e promessa, e esperança, e cor, magia e beleza. Uma pessoa simplesmente não quer acordar.

E este é um sonho que, para mim, é uma realidade na qual obviamente estou plenamente consciente e, ao mesmo tempo, tenho sempre medo de acordar, para não o perder ou estragar de alguma forma. O que estou a tentar fazer é segurar tudo o que estou a aprender, tudo o que estou a experienciar durante algum tempo, para poder "empurrá-lo" para ti e para o mundo. Mas quanto posso revelar, quanto posso fazer, não sei. É como se, de alguma forma, houvesse quase o medo de que, no processo de acordar, se voltasse à Terra com um baque surdo. E é exatamente assim que é. Para mim, o mundo dos sonhos, este mundo em que me encontro, é a realidade. O teu mundo é um estado de ser ao qual, num

sentido, eu não queria regressar e, ao mesmo tempo, quero transmitir todo esse cuidado positivo que possa ter algum valor e ajuda.

Mas no processo de voltar com um estrondo... é como um sonho maravilhoso que, quando acordas, dizes para ti mesmo: "Oh meu Deus, estou de volta a esta vida outra vez, tenho de lidar com tudo isto e tenho de enfrentar isto", quando estive num mundo tão maravilhoso. E depois tentas lembrar-te e recapturar as coisas, e à medida que o tempo passa, descobres que perdeste tudo, e estás a tentar desesperadamente agarrar-te a alguma memória disso. É assim que é quando volto para ti. Tenho a realidade maravilhosa desta vida, mas ao entrar no teu mundo, ao enfrentar a realidade dele para comunicar as experiências maravilhosas que tive... elas continuam lá, mas ao mesmo tempo é difícil segurá-las, difícil manter a memória, e é muito mais difícil ainda explicar ou expressar em palavras para que possas compreender. Mas esse é o meu trabalho, e a minha tarefa que tentarei cumprir de qualquer forma. Vai ser uma vida longa e difícil, mas eu fá-lo-ei.

De qualquer forma, é excitante, é maravilhoso. E, para ser franco, em qualquer forma de vida — e sinto que esta é provavelmente a coisa mais importante — em qualquer forma de vida em que uma personalidade individual se encontre, o ponto é perceber que ela é essencial, é necessária. Às vezes, no processo de aprendizagem, pode nem sempre ser fácil, nem sempre agradável, às vezes perturbador e angustiante; seja o que for que se tenha de enfrentar em qualquer forma de vida ou existência, tudo é necessário. E chega um momento em que, quer se procure recompensa ou talvez nem se esteja consciente disso, a recompensa chega.

A única forma de podermos alguma vez esperar encontrar a verdadeira felicidade e a verdadeira paz de espírito é passar por estas vidas, passar por estas experiências, enfrentar tudo o que a vida possa oferecer ou tudo o que a vida possa exigir de nós, aceitando-o, mas ao mesmo tempo enfrentando-o de frente e fazendo o que se pode a esse respeito. Fazendo o melhor que se pode e, muitas vezes, quando necessário, esquecendo o "eu" no processo de servir a vida e servir os outros, e tornar a vida diferente, mudando-a. Quando vês coisas que são más,

deves, por ti próprio, sentir o impulso de alterar as circunstâncias, da mesma forma que nos deveríamos sentir em relação às mudanças — mudar para os outros. E, no processo de mudar para os outros, mudamo-nos a nós próprios.

Parece-me que a vida é uma grande aventura, algo maravilhoso e excitante que nenhum de nós pode evitar, que todos enfrentaremos porque fomos todos colocados nela; faz parte da nossa herança e da nossa experiência, que é necessária. E a nossa contribuição para ela é tão importante como qualquer coisa que possamos receber da própria vida. Por outras palavras, estamos vivos, e essa é a grande coisa, e essa é a grande coisa excitante: estarmos todos conscientes de que estamos todos vivos, cada um de nós num plano ou esfera diferente, de acordo com a nossa evolução. Não importa em que estrato estamos; no fundo, somos todos parte uns dos outros, estamos todos a lutar, estamos todos a trabalhar, lenta mas seguramente, para um objetivo maior onde encontraremos uma perceção maior.

Claro que virá através do esforço, virá através do desejo e de querer saber. Por outras palavras, a busca pela verdade, a busca pelo conhecimento: essa é a resposta para a vida. É isso que a vida é. E é apenas isso que torna a vida realmente tolerável e realmente o que deve ser: um lugar de intensa beleza, uma intensa realidade. Nada que tenha valor, nada que tenha realmente um grande valor ou mérito, se perde. Tudo é retido: todas as belezas da vida, todas as belezas da natureza, todas as coisas mutáveis que parecem vir e que às vezes parecem tristes e angustiantes... todas estas coisas são boas para nós. E no sentido, embora pareçam estar a mudar e a perturbar-nos, não são o que parecem, pois a realidade está lá. É como o pôr-do-sol e a escuridão que desce sobre a terra, mas o sol vai nascer de novo, e vai ser brilhante e belo, e a nossa noite transformar-se-á em dia novamente. Não há escuridão. E na escuridão das mentes dos homens, se eles permitirem que elas sejam iluminadas, o sol brilhará e o mundo será, para eles, calor, encanto e beleza. Não há razão para as pessoas duvidarem ou temerem; não há razão para as pessoas sentirem que a morte é o fim. A morte não é o destruidor; a morte é o revelador.

A cada segundo, a cada momento, a cada dia, todos estão a morrer e a mudar de forma; testemunhamos cada morte física, mas às vezes, no sentido do mundo mental e espiritual, quando as pessoas percebem a realidade, a realidade da própria vida, a vida eterna... não pode haver morte. Pode haver morte no sentido de que as pessoas são ignorantes, e a ignorância é a morte. Essa é a única morte que as pessoas precisam de temer: a morte da ignorância. Quando as pessoas têm a perceção da verdade, ela está sempre a renascer e a despertar. Está sempre a ser tornada clara, e mais forte, e mais fresca, e mais compreensível, de acordo com a evolução de cada um. É por isso que estou a tentar alcançá-la; aproximamo-nos cada vez mais da realidade das coisas. Isto é o que importa. A busca pela verdade, o encontro da verdade, e a verdade tornando-te cada vez mais livre e cada vez mais capaz de realizar. Porque, através da verdade, realizamos coisas.

Não consigo encontrar palavras, mas sinto intensamente. Eu sinto, de qualquer forma. Eventualmente, espero transmitir-te cada vez mais coisas, mas não vai ser fácil. Mas eu fá-lo-ei, será um processo gradual. De qualquer modo, receio que... na verdade não estou assustado, porque percebes como me sinto. Fico terrivelmente exaltado, não consigo evitá-lo, sou eu. E vamos fazer grandes coisas, mas vai ser um desenvolvimento conjunto. Não serei apenas eu. Não penses que, quando venho falar contigo, naturalmente sou eu — e naturalmente queres sentir que sou eu, e sou eu — mas atrás de mim há muitos, muitos, muitos outros "eus", e muitos outros...

Por outras palavras, sinto que quando venho ter contigo, sou parte de um grupo tremendo de almas, de indivíduos. Aqueles que conheci, alguns que nem conheço, e sinto a presença deles. Nem sequer vi algumas destas pessoas, nem sequer falei com elas, elas, tanto quanto sei, nem sequer falaram comigo, mas sinto-as. É como se, quando estou a falar, me tornasse o porta-voz de todos. É uma coisa extraordinária. Perco, num sentido — embora mantenha a minha identidade — perco-me na perceção tremenda de que tudo o que está a ser feito, tudo o que está a ser dito, tudo o que está a ser alcançado, é de todos. Estão todos tão entrelaçados. É um sentimento tremendo e maravilhoso, que já não são

apenas minutos. É como se, de alguma forma, tivéssemos a nossa personalidade, a nossa individualidade, que mantemos — mantemos o nosso próprio eu — e no entanto, ficamos felizes, num sentido, por estarmos conscientes daquele que é sempre inúmeros números de almas. É como se nunca estivéssemos sozinhos e, no entanto, ao mesmo tempo, continuamos a ser nós próprios.

É um sentimento tremendo: manter o eu pessoal, a liberdade pessoal, expressarmo-nos à nossa maneira e, no entanto, em tudo o que somos, percebermos que fazemos parte da raça e que estamos todos, por assim dizer, sintonizados. Há uma harmonia bela que existe entre nós, uma paz tremenda que vem através desta perceção de Deus, porque é um amor, e é abrangente, é imenso, é tremendo. É algo tão vasto que nem se pode começar a descrever. Qualquer amor que se tenha sentido, quaisquer emoções que se tenha tido com o amor — embora seja uma coisa maravilhosa em si mesma, um amor físico, um amor mental e, num sentido, um amor espiritual — este amor é tudo o que abraça. Por outras palavras, é algo tão tremendo, é um amor de uma força tão avassaladora que torna todas as coisas possíveis. Nunca nos sentimos sós neste amor. É um amor que inclui e abraça toda a humanidade, todas as formas de vida, seja a raça humana ou até o reino animal; em tudo o que tem vida, há amor, e é este amor que torna todas as coisas possíveis.

Penso em como descrevê-lo, sei que o sinto com grande intensidade; talvez um dia, de alguma forma, possa transmiti-lo mais a ti, mas bem, vou tentar. De qualquer forma, tenho de ir agora, querida, mas voltarei na segunda-feira, se tudo estiver bem.

Rose Creet: Oh, por favor.

Stephen Ward: De qualquer modo, mantém o ânimo e não desanimes, porque estou atrás de ti em cada passo do caminho. E não apenas eu, mas inúmeros números de almas, muitas das quais conheces, e muitas, muitas mais que aí estão, e cujo amor por ti é muito grande. De qualquer modo, não estou assustado. Certamente que o consegui. Certamente que sim. Que Deus te abençoe, falaste tão lindamente. Adeus. Porque este homem não pode ir, não estou a falar a sério, não com certeza. Adeus.

* * *

210964

Rose Creet: Olá, Mickey. Como estás?

Mickey: Estou bem, Ellen. Sim?

Rose Creet: É só isso que me vais dizer? Vieste para isso?

Dr. Charles Marshall: Bem, eu não venho aqui o dobro do que costumava vir, mas não do ponto de vista de vir falar, mas por causa da habilidade do Stephen, porque ele se tornou um excelente comunicador. Ele é sempre interessante, às vezes é altamente divertido também; depende da vibração, depende de que vibração ele calha de vir. Quando a temos, não é uma ajuda para ele, sabe?

Rose Creet: Bem, ele tem sido uma ajuda tremenda. Tem sido visto como uma ajuda para ele, um bocado tremendo.

Dr. Charles Marshall: E ele sente-se muito atraído por aqui, o que é perfeitamente compreensível quando se percebe que, como já lhe disse muitas vezes, há uma série de nós que estão todos ligados.

Rose Creet: Sim.

Dr. Charles Marshall: Em eras passadas, e estávamos lá, num sentido, o que tornou o grupo assim. Acho que foi por isso que eu fiz tal... Eu estava cheio de emoção porque estávamos de certa forma ligados nesta banda.

Rose Creet: Sim, isso foi...

Dr. Charles Marshall: Isso foi em parte... quero dizer, isso estava no quadro, claro, terminando o horizonte da época. Claro, ao seu serviço, o inconsciente, o conhecimento da perceção. Tenho estado a tentar passar na banda, na minha vez, entende. Portanto, não é que eu esteja um pouco melhor, ou algo assim, e aqui, fiquei muito emocionado quando acordei para o suicídio. Portanto, isso foi porque, como digo, os velhos laços nunca são realmente quebrados. Eles não se lembram das associações. Eles ainda têm um papel muito forte a desempenhar.

Acho que isso é algo que é, num sentido, difícil de explicar, ou difícil de compreender, se alguém tentar explicar. Mas estamos todos ligados, mais de nós. E alguns de nós estão em estágios diferentes, é verdade. Alguns são mais avançados, mais diferentes que outros.

Mas temos esse elo que o tempo não pode quebrar; aliás, que o tempo fortalece, se é que faz alguma coisa. Aproxima-nos mais, e a simpatia que você sentiu foi uma reação natural à banda, e às circunstâncias e à morte. E, claro, muito mais profundo era este elo com o passado onde ele tem sido tão forte. E não me surpreende muito que a comunicação entre vocês os dois seja muito boa. Você parece responder de forma semelhante a ele, e ele encontra grande alegria e felicidade em vir falar aqui. Tem sido uma grande ajuda para ele, embora, num sentido, lá esteja de novo. Eu não diria que ele não precisava de ajuda, pois na verdade toda a gente precisa de ajuda. Mas a questão é que ele próprio é uma alma antiga. Não foi, num sentido, tão mau assim. Acho que ele ficou um pouco sobrecarregado por várias coisas com o primeiro impacto, o impacto da guerra, e o súbito mistério da sua passagem, e as forças de pensamento da terra, que pesam um pouco sobre ele, não o deixam ir.

Stephen Ward: Olá, Rozy. Temos uma agenda para o médico. Na verdade, deve ter-lhe falado sobre livros. Sim. Suponho que tenha sido uma linha de pensamento para mim também; na verdade, tenho estado a ler imenso. Depois surpreendo-a quando puder, quando pensar que há inúmeras formas de aprender aqui, que há bibliotecas vastas, e uma das coisas que tanto me intrigou foi a vastidão de alguns destes edifícios. Não era o conteúdo, mas eu tinha estado muito interessado em livros, e não tanto por necessariamente ler uma grande quantidade. Eu tinha estado a ler, claro, mas é extraordinariamente fascinante, porque eu deveria mencionar que cada livro de qualquer nota, de qualquer valor real que ele [o autor] tenha, está lá.

E estranhamente, eu estava a provocá-la sobre todos estes detalhes. Admito-o, e ele é a pessoa mais extraordinária lá. Ele era uma pessoa maravilhosa lá. Quem era ele? Ele poderia ser. E ele disse-me que uma das personagens que criou tem uma forma de vida própria, e que, enquanto as pessoas ainda leem os

seus livros, ou qualquer coisa nesse sentido, quando uma personagem é muito bem desenhada, ela tem uma forma de substância. Não é que sejam pessoas comuns, claro, no sentido das suas vidas, mas dentro do alcance no qual foram escritas, elas têm uma forma de existência e de vida.

E de forma extraordinária, elas podem imprimir-se na mentalidade da mente dos leitores daquele livro em particular em que aparecem; por exemplo, podem trazer uma perceção da época, da história e das pessoas na história à pessoa ou pessoas que estão a ler. É uma coisa extraordinária, eu não fazia ideia disto; de facto, ele estava a tentar explicar-me que os autores, sem o perceberem — é possível — sabem que estão a criar algo porque está dentro deles, e estão a criar personagens e incidentes de pensamento, que à medida que saem e eles se tornam entusiastas, entram na mentalidade do espírito da personagem. E à medida que essa personagem se torna mais formada e mais completa, e à medida que essa personagem se torna mais e mais compreendida e lida por um público geral, então elas passam a ter uma forma de existência.

Tudo é algo que é bastante fascinante porque não só existem experiências reais de pessoas, não só existem experiências de vidas, magistrados e, por assim dizer, toda a vibração autoral do éter ou da atmosfera na terra, mas também estas pessoas, estas personagens. Claro que qualquer pessoa que as visse saberia que são, num sentido, marionetas, não são realidades, mas são, dentro dos seus limites circunscritos, muito reais em si mesmas. É muito fascinante para mim, porque, veja, toda a vida é criada pelo poder do pensamento. Pode-se aceitar a perceção de que tudo o que é, que é aceitável, que é compreendido, que faz da vida, como obviamente é, uma coisa tangível, é fundamentalmente pensamento.

E se alguém escreve vividamente sobre certas personagens que criou, dá-lhes uma forma de vida. Mas se, por exemplo, após um longo período, esses livros não forem mais lidos, elas deixam de ter interesse. Por outras palavras, quanto menos interesse é demonstrado naquele livro em particular com certas personagens, que outrora foram muito vívidas e frequentemente lidas, se elas eludirem agora, digamos, o pensamento do impacto, e as pessoas não estiverem tão interessadas no assunto, então as personagens, num sentido estranho, passam

por uma forma de — não se pode chamar morte, claro — é o estado mais peculiar, não é?

Rose Creet: Sim, elas deixam de ter qualquer tipo de substância, deixam de ter... perdem muito da sua presença.

Stephen Ward: E eu não sabia como explicaria isto, mas foi-me mostrado, porque estou realmente satisfeito.

Rose Creet: Sim, eu quero saber como.

Stephen Ward: Existem livros, existem bibliotecas, bibliotecas vastas, e conheci várias pessoas lá, tendo sido apresentado a Dickens. É verdade, diga-me, diga-me o efeito das coisas reais, e agora deixe-me separar. Ele pode expor-me e dizer-me a mesma coisa. Veja, a mesma coisa aplica-se, embora as pessoas provavelmente não se deem conta disso, no teatro, na profissão de ator. Quero dizer, por exemplo, em primeiro lugar, um ator tem de ser altamente sensível, se for para ser minimamente bom; ele deve ser altamente sensível e, num sentido, ele é uma forma de médium.

E quando ele começa a estudar um pensamento e a ler a personagem que tem de retratar, particularmente nos clássicos — tome-se Hamlet, ou algo assim, onde há uma personagem complexa para ser retratada, percorrendo toda a gama de emoções — como é óbvio, quando esse ator assume sobre si algo que ainda é poderoso... é muito difícil de explicar, mas no entanto, ele não cria apenas a personagem por duas horas e depois a descarta. É uma coisa extraordinária; quanto mais ele se esforça, quanto mais compreende a personagem, mais ele se torna aquela personagem. Então, num sentido, é a mesma mudança de personalidade, e até a sua própria natureza pode ser afetada.

E existe este tipo de atmosfera tremenda em redor da terra e, nesta atmosfera, existem todos os tipos de — eu não gostaria de lhes chamar seres — mas existem todos os tipos de formas, elas interferem, são realmente uma criação mental da mente, e são...

Rose Creet: Mas estas formas são formas estáticas ou têm o poder de movimento, ou o quê?

Stephen Ward: Primeiro, creio que é tão importante perceber, claro, que não são pessoas, não no sentido aceite, mas têm uma forma de existência. E acho que isto é importante perceber, porque, como tento explicar, se aceitarmos o poder do pensamento, o poder criativo do pensamento, então tudo o que foi criado, particularmente de valor real, ainda existe, e ainda tem um poder de atração, ainda tem um poder que, de acordo com a coisa específica que calha ser, terá um efeito sobre as pessoas, particularmente pessoas de natureza altamente sensível, particularmente pessoas que, por exemplo, escolheram uma certa profissão na qual estas coisas devem fazer parte.

Tome-se um grande músico, a música. Quero dizer, quando considera que uma peça de música foi composta por um grande compositor, que ela pode ser tocada, pode ser interpretada de tantas formas diferentes, e com todas estas interpretações diferentes, todas interessantes em si mesmas, todas fazem parte, poder-se-ia dizer, do original; e no entanto, desviam-se, em muitos aspetos, do original como foi originalmente composto e originalmente tocado pelo compositor. Mas cada indivíduo que é um artista, cada pessoa que é um ser criativo, que assume sobre si tocar aquela peça de música em particular, dará uma interpretação que é inteiramente sua.

Mas isso não altera o facto de que há ocasiões em que um indivíduo, que pode ter tocado a mesma peça de música repetidamente, em concertos reciclados e por aí fora, e a toca de forma, poder-se-ia dizer, automática, porque se tornou uma segunda natureza, e essa é a sua interpretação e eles mantêm-se fiéis a ela... mas há alturas em que, para grande espanto ou surpresa deles, ouvem-se a si próprios a fazer um som diferente, ou a criar uma interpretação diferente. E as pessoas que estão treinadas para ouvir, que estão treinadas para saber, conseguem ver as diferenças, a variação.

E o ponto fulcral aqui é que, por vezes, o próprio compositor assume o controlo até certo ponto, ou impressiona o indivíduo que está treinado para ouvir música. Mas deve também lembrar-se disto: que no éter, as vibrações, que desempenham um papel vital e importante no que diz respeito à humanidade, essa vibração em diferentes níveis pode e intromete-se — talvez nalguns casos se

diga intrometer-se, noutros desempenha um papel muito importante porque é uma lei natural em si mesma. Mas há todo o tipo de vibrações, e isto aplica-se de tantas formas diferentes.

E os músicos podem sentir ou pressentir, compreendendo-o vagamente, uma nova vibração, uma nova espécie de perceção de como algo deve ser trazido à existência, como deve ser interpretado, e ele mudará toda a sua técnica e a sua visão em relação a algo que se tornou aceite na sua mente e que provavelmente foi tocado durante anos. Pode muito bem ser, e que existem todas estas diferentes estruturas e, de facto, sei que existem, mas todas estas diferentes estruturas são reflexos — na única forma em que consigo pensar agora para si — reflexos da mente do criador original.

E estes reflexos podem atuar sobre a mentalidade do indivíduo que se está a esforçar para fazer este trabalho em particular, seja ele qual for, e eles encontram-se, os indivíduos encontram-se a criar algo que, realmente, num sentido, não é novo; é um reflexo do original, tal como interpretado pelo particular, neste caso, compositor. Por outras palavras, pode-se ter muitas interpretações diferentes da mesma coisa, pode-se ter muitas influências, algumas que podem ser relatadas do indivíduo para outros, outras que são, num sentido, retransmitidas através de vários estados de vida, e que podem chegar até si em segunda ou terceira mão, se preferir.

Então vai ter o que geralmente se chama o tipo de vibração ou ideia composta, que penso que possivelmente muitas pessoas recebem sem o saberem, e interpretam de acordo com isso, e torna-se uma espécie de coisa automática sem nenhum sentimento particularmente grande, porque não é o espírito original de onde veio originalmente. Se eu ao menos pudesse explicar o que estou a tentar atingir; na verdade, isto é tudo muito complexo. Parece-me que estamos todos sujeitos a todo o tipo de vibrações, e estas vibrações variam de acordo com as várias condições e estruturas da mentalidade. Não usarei o termo vida, ou então isso não significa o mesmo.

Há diferentes estruturas de vibração e diferentes estruturas de mentalidade; algumas são, num sentido, mentalidade morta — isto é algo que quero dar a

entender — e quando uso o termo morta, não quero dizer que estão mortas do ponto de vista de terem a sua vida, exatamente isso, mas estão mortas no que diz respeito ao pensamento criativo original, porque o pensamento criativo original já partiu há muito para um reino muito mais elevado; ou, pelo menos, o indivíduo, neste caso, afastou-se tanto das coisas terrenas que a velha ideia de pensamento, que era o pensamento criativo do pensamento original, perdeu o seu verdadeiro significado e propósito, no que diz respeito à morte e ao pecado, mas ainda está a vibrar, ainda está a retransmitir a sua mensagem, retransmitindo o seu tipo de ideia a mentes que são recetivas, ou a pessoas, particularmente, que são elas próprias instrumentos de forma subtil, e elas recebem.

Por outras palavras, o que estou a tentar transmitir aqui é que, por exemplo, uma pessoa que cria — seja num romance ou livro, seja na música, seja na arte, na pintura ou no que quer que seja que tenha sido de natureza criativa e que tenha desempenhado, e ainda esteja possivelmente a desempenhar, um papel importante nas vidas das pessoas que ainda estão na terra — o pensamento criativo original ainda está lá, ainda é vital, ainda está vivo.

Stephen Ward: Sim, e nas paredes. Na Terra também. Sim, pelo menos ao redor da vossa Terra, a vibração, num pensamento que incide, é a verdade a incidir, é a perceção a incidir. Este desejo de incidir, poder-se-ia dizer, esforçando-se por se registar, embora alguns o recebam para que eles também possam recriar; e não apenas recriar, mas talvez, de alguma forma ou feitio, refazer e reinterpretar algo, mesmo sendo original.

Bem, o ponto é, o que estou a tentar atingir é que, enquanto está a receber o pensamento de algo que outrora foi muito vital na sua vida, e que ainda tem esse tipo de vida, mas está dentro de um certo limite circunscrito, não pode ir além deste ponto ou daquele; não deveria estar no seu nível próprio. O criador, aquele que é — não vamos falar sobre isso — livre de forma, quero dizer, é a interpretação de talvez uma das suas obras. Agora, seria tão diferente do que a interpretação dele teria sido quando estava na Terra, mesmo na mesma peça de música, porque aqui ele não está limitado.

Por outras palavras, ponha as coisas desta forma: ouve uma peça de música que, para si, é perfeita. Não poderia ser melhor, não poderia ser melhorada. O ponto é que, tal como lhe foi tocada, parece que sim, e era, e num sentido é; mas apenas porque a está a registar no nível ou plano onde apenas consegue apreciar, compreender ou aceitar aquela interpretação específica. Mas o criador, neste caso, realmente, dessa mesma peça de música, no seu próprio ambiente, tê-la-ia ampliado a tal grau, e melhorado a tal grau, que, embora ainda reconhecesse a base, o que foi mudado e o que lhe foi feito é tão tremendo, porque apenas a amplitude é muito maior, e então não há limite, de facto.

Veja, quando está a receber inspiração, e quando está a receber orientação, ou quando está a receber algo na música, ou num livro, ou o que quer que seja, deve ser, e só pode ser, dentro de certos limites, numa certa faixa; mas uma vez que se afasta da Terra e se afasta dessa limitação, então a faixa é tão vasta, tão tremenda. Quero dizer, física... eu oiço música aqui que é tão absolutamente fantástica que não há palavras que a consigam descrever, não há forma de a retratar. E embora se usem instrumentos, tem-se a perceção de que, sob certas condições e circunstâncias, nem sequer seria necessário que os instrumentos fossem usados, porque a mentalidade dos indivíduos que estão a criar a música é tão tremenda, tão forte, tão poderosa, e tão ampla é a nossa visão e essa experiência, que eles poderiam criar, pelo próprio pensamento que têm, com o seu conhecimento e essa experiência e todo o seu ser, um registo tal na nossa atmosfera que poderíamos ouvir sons onde nenhum instrumento óbvio estaria a ser usado — pelo menos não do ponto de vista visual.

Por outras palavras, pode-se ser de tal forma transportado... eu tenho estado em recitais, conferências aqui, onde ouvi esta música maravilhosa em que parece que todo o meu ser foi elevado, que todo o meu eu foi transportado. Eu sei que isto pode soar estúpido; o que posso dizer é que, embora tenha aqui um corpo que é tão real para mim, tão físico para mim quanto o seu é, ou o de qualquer pessoa no seu mundo, era como se eu estivesse a ser levantado para fora deste ser, deste meu corpo — que agora, claro, ainda é vastamente diferente do material, pois há uma tal leveza e tal liberdade de movimento. Mas, mesmo

assim, parece que ao ouvir por vezes alguma desta música, eu estava a ser, de certa forma, sugado para fora de mim mesmo e a ser fundido... é a única palavra que posso usar, não explica bem... como se eu estivesse a ser fundido na música, ou com a música, sendo transportado para dentro da música.

E percebo agora que muito do que aqui é feito, em termos de música, de literatura, de todas as formas de arte, é usado para que os indivíduos possam, ao serem capazes de sentir estas coisas com uma tremenda perceção emocional, ser assistidos e ajudados a elevarem-se, e a transportarem-se, mesmo que seja apenas por um momento fugaz, se preferir, por vezes para algo tão distante até daquilo que alguém pode sentir na sua vida aqui como sendo a perfeição.

Por outras palavras, embora não tenha causa para queixa, não tenha desejo de fazer qualquer mudança particular no momento, no sentido de que estou bastante feliz, existem estes momentos em que se é tão transportado, como se fôssemos levados para uma espécie de estado consciente, fugazmente, para algo tão vasto, mágico, maravilhoso e belo que, num sentido, é tão avassalador que quase ficamos contentes por voltar novamente para o nosso estado particular de ser, porque sentimos que demasiado daquilo... é demais.

Rose Creet: Quanto tempo dura esse sentimento? É como uma exultação?

Stephen Ward: Oh, é um sentimento tremendo de exultação, é um sentimento tremendo de ausência de peso, é um sentimento tremendo de leveza, de mente e de espírito. É um sentimento tremendo de que não há tempo, nem espaço, que tudo é tão absolutamente, fantasticamente belo e maravilhoso, que se sabe que aquilo não pode durar para si, porque ainda não atingiu esse estágio onde o pudesse compreender totalmente, ou apreciá-lo totalmente, ou fazer parte dele totalmente. Por outras palavras, é-lhe dada uma espécie de visão, se preferir, de algo que ainda está por vir.

Por outras palavras, acho que é o mesmo que — de uma forma muito diferente, talvez — o que é verdade dizer quando tentamos descer até si e dar-lhe uma espécie de ideia pálida, uma visão pálida, de algo que a espera, que é belo para além da sua compreensão. Mas nós temos a mesma coisa quando entramos

nesta atmosfera de mente, porque é o espírito da mente, mas é a beleza de... é o tipo de exaustão, a aventura de...

Rose Creet: Bem, sim, é um pensamento...

Stephen Ward: Sim, porque, obviamente, quanto mais altamente transportado se torna, mais levado se é por estas ondas de emoção — porque não é emoção. Num sentido, é uma espécie de exaustão que se sente depois, porque se sente que... embora não se perceba, não se criou o aparelho, não existe tal coisa que contribuiu para isso, porque nada pode ser feito inteiramente sem esforço. Também deve desempenhar o seu papel.

Por outras palavras, acho que tudo isto é feito deliberadamente, para nos dar uma ligeira visão das coisas que ainda nos esperam, para nos dar maior confiança na realidade da vida que ainda se estende diante de nós, para nos dar algum elo e contacto com pessoas que são obviamente muito mais avançadas, para nos dar a garantia de que temos a oportunidade de mudar e de nos tornarmos mais como elas, e de nos tornarmos mais transportados à medida que nós próprios nos tornamos mais sábios, com mais compreensão, e capazes de entrar nessas condições que compreendemos vagamente, mas de entrar nelas de tal forma, quando chegar a altura, que estejamos realmente prontos para elas.

Veja, acontece tanto aqui, e acontece tanto que não pode ser colocado em palavras, tanto que não pode ser explicado. Tudo o que posso dizer é que tudo é uma experiência emocional profunda, e é a experiência emocional que tem tal significado, que eu gostaria de lhe poder explicar; mas sinto-o mais, creio que no momento, através da música. Descobri uma coisa: que a música desempenha o maior papel, o papel mais importante, presumivelmente no meio do ano. Porque a música é usada de tantas formas diferentes; é usada na cura, por exemplo, para pessoas que, especialmente quando chegam aqui pela primeira vez, estão num estado muito angustiado e infeliz; a música vibracional é usada para harmonizar e ajudá-las, e para criar uma aura ou condição inteiramente diferente ao seu redor, para que fiquem mais calmas e mais à vontade, mais confortadas, mais tranquilizadas. A música é uma coisa comum aqui. É a coisa mais fina, um talento. Não há nada mais maravilhoso do que...

Eu gostaria, claro, que houvesse palavras e formas em que se pudesse descrever tanto quanto se sente, porque tudo aqui é a intensidade do sentimento de cada um, e como bem sabe, não se consegue pôr em palavras algo que é muitas vezes muito importante.

Rose Creet: Mas e quanto aos sons, tipo, no exterior da vida?

Stephen Ward: Bem, eu acho que os sons, os sons em si mesmos, variam obviamente de acordo com o indivíduo que está a receber esses sons. Por outras palavras, os sons estão a sair o tempo todo, as vibrações que estão a ser muito ativas, mas nem toda a gente ouve necessariamente todos os mesmos sons. É como se algumas pessoas estivessem afinadas mais alto do que outras, e algumas são recetivas a sons diferentes, na nota mais alta, na vibração mais alta, e receberão a experiência mais extraordinária através disso, e ouvirão a música mais celestial, porque estão naquela faixa de comprimento de onda de vibração específica. Outros provavelmente não conseguem ouvir nada, provavelmente nem saberiam do que está a falar se apenas lhes descrevesse.

Outros, claro, podem estar num estado de ser inteiramente diferente, onde estariam completamente inconscientes de alguns destes sons. Tudo depende do destinatário, do indivíduo que recebe. Algumas pessoas recebem, outras não. Algumas pessoas do seu lado têm tendências, claro. Não o conseguem evitar durante anos, mas muitas vezes a pessoa — abraçando a pessoa muito francamente — é alguém que simplesmente não compreende música, ou não aprecia música, ou não se importa com a música. Falo de música de uma ordem superior. Frequentemente são pessoas bastante, bem, simples, com todo o respeito. Quero dizer, são bastante, suponho que não devesse dizer isto, podem ter essa boa qualidade, claro.

Mas o ponto é que são frequentemente muito insensíveis, muito pouco antipáticas, e têm muito pouca emoção dentro de si, muito pouca simpatia, muito pouca compreensão; frequentemente são muito duras, inteligentes e difíceis. Mas, lá está, não se deve generalizar, claro. Há algumas pessoas, infelizmente, no mundo que, por alguma razão, simplesmente não conseguem compreender música e não estão realmente interessadas em música, mas não são o caso

excecional. Acho que, em última análise, temos pessoas que são atraídas pela beleza e pelo estilo, pela beleza da música. Elas podem não a compreender necessariamente sempre. Quero dizer, há muitas pessoas que não conhecem a música e não percebem, não podiam importar-se menos com a música do ponto de vista de quem a compôs. Mas são mexidas por ela, são afetadas emocionalmente por ela.

A razão, o ponto fulcral, é que a música — ou não apenas a música em si, como sabe, mas a música como a compreendemos, num plano muito mais elevado do que o pensamento e a vibração, onde é tão vastamente e de alguma forma superior, tão vastamente diferente, na verdade, da música saudável — é uma parte vital da existência. Porque toda a vida é vibração, mas a vibração é a própria essência, no sentido, da vida. A vibração e o poder do pensamento, estes dois combinados, são os poderes criativos, os poderes que tornam a vida possível.

Tudo isto é tão importante para as pessoas compreenderem. E eu acho que se as pessoas fossem mais recetivas, abrissem as suas mentes e os seus corações, não apenas à música no sentido da música como a conhecem pela orquestra e músicos, mas à música da própria vida, que está em todo o lado ao vosso redor e dentro de vós... Se ao menos as pessoas fossem mais sensíveis às realidades da vida, à importância da vida no sentido mais elevado. Eu sei que soa a algo velho de mim dizer estas coisas, acabei de descobrir isso, há tanto para o qual as pessoas estão cegas, para o qual são, em si mesmas, indiferentes.

O ponto é que a vida... é importante experienciar, conhecer as suas muitas facetas, conhecer os seus muitos caminhos e rotas sinuosas, e não ter medo dela. Acho que se tem de aprender através de todo o tipo de experiências e de todas estas coisas diferentes, mesmo quando parecem por vezes estar desafinadas, e por vezes destoam, por vezes irritam, estes diferentes aspetos da vida. Se todos se ligarem à música da vida, ainda assim, para os seus próprios corações, não se consegue apreciar a bela melodia até se ter tido a experiência de outras coisas também. Por outras palavras, tem de, num sentido, compor a sua vida — não um compositor, mas a música de um compositor.

Stephen Ward: Um dia destes, comporás algo que é muito belo. Um dia destes, comporás algo que é estranho até à tua própria natureza, e não consegues compreender por que razão o puseste no papel, por que razão alguma vez tornaste possível que fosse interpretado ou tocado. A questão é que toda a vida humana está sujeita a todo o tipo de vibrações, a todo o tipo de condições. E se queres ser seja o que for, tens de, num sentido, ser muito sensível para ser "tocado" em todas as diferentes formas e direções. Por outras palavras, tens de ser orgulhoso e, ao mesmo tempo, tens de aceitar que cada faceta da tua natureza tem um propósito, e que cada lição que tem de ser aprendida é necessária, de alguma forma, seja para a tua melhoria, e que não deves ter medo de enfrentar o que quer que a vida ofereça, porque o que quer que ela ofereça é um desafio; e é apenas ao aceitar o desafio que podemos esperar realizar algo, e é através da realização que nos tornamos não apenas mais sábios, mas muito mais sensatos, muito mais compreensivos e, em consequência, altamente evoluídos.

Em consequência, todos devem perceber que toda a vida é uma das coisas ligadas à vibração, ligada à experiência; que a vida em si está lá para ser experienciada de todas estas várias formas — quero dizer, não se deve ter medo dela. Eu sei que soa estranho eu dizer isto, temos de o dizer, não é nada, nada. E eu sinto que a vida é como uma bússola enorme, mais ou menos assim, e há tantas notas diferentes, e podes fazer tal confusão da tua vida, e podes continuar a tocar tantas notas erradas, que podes até pensar fora de tom, e as outras pessoas ao redor na despensa... mas tu podes, pelo pensamento e consideração, pelo estudo e fazendo um esforço interior, tornar-te um músico razoavelmente bom, num sentido, com a tua vida. Pelo menos faz algo dela. Podes não ser um génio, podes não ser um grande compositor, no sentido de fazer da tua vida algo, mas torna-a tão bela que as pessoas olhem para ti, num sentido, que te encontrem e se movam a partir daí, que sintam que tu estás distante, como, por exemplo, os grandes instrutores e os grandes do passado.

Parece-me que eles fizeram tanto com as suas vidas, mas eles sabiam sobre a vida, sabiam sobre si próprios, compreendiam as possibilidades dentro de si, percebiam que tinham forças que podiam fazer emergir e que podiam usar, e

fazer todas as coisas que a pessoa comum sentia ser um milagre. Um milagre é qualquer coisa que não compreendes. Uma vez que compreendes como foi pensado, deixa de ser um milagre. Não existem milagres, na verdade. Tudo é lei natural, e todos têm a oportunidade de fazer algo de si próprios e de fazer emergir de si mesmos harmonias tremendas e coisas tremendas, que podem ser de benefício não só para si próprios, mas para todos, para toda a gente.

Deveríamos estar todos a fazer muito mais; estamos a fazer tão pouco, essa é a tragédia. Tantas pessoas estão a viver existências monótonas porque não têm a força e o caráter, dentro de si, para se exercerem. Não, não quero dizer com isto que toda a gente queira ser primeiro-ministro ou que toda a gente queira ser uma estrela de cinema.

Não quis dizer isso de todo, mas tantas pessoas... Indiscutivelmente, há muitas pessoas que têm de viver o que chamamos de vidas comuns. Mas a vida mais comum pode ser uma experiência maravilhosa, e pode ser uma oportunidade maravilhosa de fazer tanto que beneficiaria muitos, e também o indivíduo em questão se elevaria, em consequência, a uma tal altura que o surpreenderia. Se ao menos ele percebesse que, dentro de si, existem cordas que não foram tocadas, que se fossem dedilhadas e tocadas cuidadosamente, poderiam criar a música mais maravilhosa e inaudita da sua vida. Foi uma tragédia.

Mas eles sabem novamente, claro, que é a vida, temos de aprender, temos de os seguir, tatear o nosso caminho e fazer o melhor que podemos; mas, da mesma forma, eu estava a fazer realmente, a tentar o suficiente. Nós não tentávamos o suficiente. Estávamos contentes, muitas vezes, com o medíocre, estávamos contentes com o comum; o que, claro, agia de forma geral, exceto que nunca era aceite. Essa é a tragédia da vida, claro, que a vasta maioria das pessoas aceite o nível geral, que é o padrão geral para a vasta maioria, e estão contentes com isso.

Não parecem perceber, mesmo que percebam, as grandes possibilidades do poder neles mesmos, dizem pouco sobre isso, querem aceitar-se. Têm medo, às vezes, até de ser diferentes do seu vizinho, o que também é estúpido, ridículo,

porque cada um, na sua própria forma individual, pode ser, num sentido, o que se chama o génio. É uma coisa extraordinária, as pessoas não percebem que o génio nem sempre é o que parece; frequentemente o próprio génio é o génio porque está a recorrer a fontes que não estão apenas dentro de si, mas daquele cume, as forças que estão por toda a volta da Terra, que são muito vitais na vida, podem ajudar e serão usadas. De facto, não há nada. Nada lá que não possa, num sentido, ser aproveitado.

A fonte de todo o conhecimento, a fonte de todo o poder, está por todo o lado à vista. Trata-se, claro, de aproveitar de certas formas, mas há caminhos deste tipo, quem for pelo caminho certo... e, claro, frequentemente as coisas que descobriram não são usadas da forma que foram pretendidas. Mas por toda a volta da Terra existem comprimentos de onda incontáveis, vibrações que, quando usadas e aproveitadas, podem trazer à existência um modo de vida e uma experiência de vida que está tão à frente no pensamento, tão superior a qualquer universo de agora; não há nada que seja impossível para o homem, se ao menos ele se elevar, naturalmente, espiritualmente, ao nível mais alto que lhe for viável ou possível fazer. E nesse estado, não há limite para isso.

Porque o homem, ele próprio, é um ser espiritual, embora o tenha desaprendido; e se ele perceber a verdade fundamental de que ele já é — embora o tenha desaprendido — o seu espírito, um facto espiritual, um caminho espiritual, um caminho espiritual que está latente dentro dele, que pode ser despertado, ele pode sintonizar-se, pode tornar possível ouvir notas, acordes, tanger acordes na vibração do mundo exterior, por todo o lado ao redor do vosso mundo, que poderiam elevá-lo tanto para além de qualquer coisa que ele possa conceber no momento; mas está tudo onde é possível. O homem tem poder aí. O homem tem poder aí.

Sim, mas só poderias fazer isso através do esforço, e só poderias fazer isso através da concentração da tua vontade e do teu pensamento em aproveitar estas fontes, e contactar as entidades que virão de outros mundos, agora sem medo, para te assistirem e ajudarem. Assim que vemos pessoas que se esforçam e lutam, e se empenham em fazer um contacto e em fazer algo, realmente fazer algo,

então nós incidimos sobre elas e ajudamo-las; mas se fores, digamos, como muitos que estão apenas contidos em qualquer lugar, saberás, mesmo que te chames espiritualista, continuas sentado na periferia, a brincar com os polegares e não chegas a lado nenhum, e ficas parado com perguntas vaporosas. Está certíssimo.

E eu sei que é verdade, já estive em algumas dessas sessões, e é quase... É como um circo. Por todo o lado tenho medo. Por todo o lado tenho medo. Por todo o lado tenho medo. E se todos nos amarmos uns aos outros, então saímos do desânimo, e eu vou dar-vos as boas-vindas e o Marshall vai dar-vos as boas-vindas, e se não conseguirmos fazê-lo, traremos forças. Por todo o lado tenho medo. Supostamente devo rir-me. Eu disse, forças. Oh, forças. Oh, por favor, adeus, meus amigos. Abençoo-vos. Adeus, meus amigos. Adeus. Adeus, meus amigos. Não sei se perceberam. Ele captou-o esta noite. Oh, lembrem-se disso.

* * *

051064

Primeiro comunicador: Mickey (Guia de Leslie Flint). Segundo comunicador: Stephen Ward. Som gravado a 5 de outubro de 1964.

Serei o teu amor, se fores o meu, por toda a minha vida. Serei tudo o que faço, que posso amar. Aceita-me e sê verdadeira, quando eu for um homem. Será para casar contigo. Nada mal para um amador. Estás aí? Sim. Ela é a minha boneca, a minha senhora amada. Ela é a minha miúda, ela leva-me a tribunal. Ela é a única miúda que nenhum homem de bem ama.

Não conheces essa tão bem como a outra. Não, não conheço. Compreendo lindamente. Realmente lindamente. Tom adorável. Tu cantas um pouco? Bem, de certa forma. Têm coros e cantam canções? Oh, sim. Tu, minha pequena Katie, és a forma de navegar com os portões e as portas. Missy, Brooke e Sadie... Oh, acho que perdi o contacto com o teu velho amigo. O quê? O rapaz de Yorkshire. Oh,

sim, mas ele seguiu em frente. Seguiu? Sim. Bem, sabes, há pesadelos para ele fazer por aqui. Quero dizer... Ele deve estar assustado. Está tão abatido.

Adoraria ouvir a voz dele novamente. Bem, acho que ele pensou que não encontraria ninguém como esta, mas agora percebeu isto através de um grupo e por isso pôs-se a andar. Vê-lo com muita frequência? Oh, apenas ocasionalmente. Como gostas dele? Oh, é um bom rapaz, mas, sabes, ele... bem, ele não conseguia encontrar ninguém e não há tal coisa por aqui, pois não? Não, não há. Certamente em todo o mundo poderias encontrar alguém. Oh, há imensas pessoas que poderiam ser bons médiuns, mas não estão interessadas.

Então, o que podes fazer quanto a isso? Não podes obrigar alguém a ser quem não quer ser. Não podes obrigar as pessoas a interessarem-se por alguém em quem não estão interessadas, pois não? Se elas mostrarem uma centelha de interesse, então podes atiçá-la. Poderíamos saber isso e correria bem, companheiro. Tentas interessar as pessoas e elas não mostram muito interesse ou entusiasmo, por isso, onde é que ficas? Oh, sim. Devo dizer que o Mickey é muito engraçado às vezes. Bem, espera aí, companheiro. Vamos buscar uma meia nova para o bebé. Espera um momento. Está bem.

O bebé quer uma meia nova. Uma meia nova. Sabes o que ele quer dizer com isso, não sabes? Sabes o significado disso? Oh, é um ditado que as mulheres cockney costumavam ter, e provavelmente outras mulheres também, entre a classe trabalhadora. Se elas conversam demasiado tempo, estão a perder tempo, quando poderiam estar a fazer algo para ganhar o suficiente para comprar um vestido novo para o bebé, sabes. Oh, compreendo. Por outras palavras, estão a gastar demasiado tempo. Nunca tinha ouvido falar disso. Olá? Consigo ouvir-te. É o Dr. Stephen Ward. Não tanto o "senhor" e o "doutor". Só isso. Stephen para ti. Hein? Stephen para ti. Sim. Olá.

Consegues ouvir-me? Sim, consigo ouvir-te. Eu não conseguia imaginar que estivesses tão vivo e tão cheio de personalidade e que falasses de uma forma tão normal e feliz que tenho a certeza de que muita gente ficaria extremamente confusa. Oh, sim, ficariam. Sabes, honestamente, é fantástico ouvi-lo. Estou fascinada com ele. Ele canta, cantou de forma bastante bonita, não foi? Oh, sim,

achei que ele... Ouviste-o? Sim, algo assim, mas... Acho que ele faz isso deliberadamente. Quero dizer, ele tem um motivo por trás da maioria das coisas que diz e faz. É uma personagem extraordinária, no seu todo. E, claro, tenho-o visto quando ele está mais longe dali, sabes, e é uma personalidade bastante diferente.

Num sentido, de qualquer forma, ele continua com aquela forma alegre e feliz que não só é diferente, como ele parece diferente também: alto e bastante distinto. Um jovem, na verdade. E uma alma belíssima, belíssima. Uma grande ajuda para toda a gente. Até do vosso lado? Oh, valha-me Deus, sim, claro que ele ajuda. O que é que ele faz do vosso lado? Oh, ajuda os jovens, maioritariamente. Parece passar a maior parte do tempo com os jovens e sente-se muito, muito atraído pelos animais; passa muito tempo com animais, especialmente — não rafeiros, sabes — mas tipos de animais com os quais as pessoas perderam o contacto, ou o animal perdeu o contacto com elas. Pelo menos animais que vieram para aqui e os seus donos ainda estão na terra e não há qualquer ligação, por assim dizer, sabes; e ele cuida deles e encontra lares para eles. Ele é uma personalidade notável. Oh, eu nunca soube disso.

Oh, ele nunca te diria, claro. Oh, sou tão abençoada. Oh, sabes, é uma das coisas dele, uma vinda poderosa falar aqui, o facto de ele encontrar um animal que está perdido. Sabes, por exemplo, um animal que morreu, que está a assombrar — ou suponho que lhe possas chamar assombrar — ou a pairar em redor da casa onde estava habituado; e claro que as pessoas não percebem que o animal está lá e para elas o animal partiu e esse é o fim da história. Mas muitos animais apegam-se, por vezes meses e até anos, à antiga casa e é bastante patético porque ninguém parece estar consciente do facto da presença do animal, e ele vive uma espécie de existência solitária. Mas o Mickey faz disso o seu trabalho: ir por aí e, se ouve falar de um caso, vai buscar o animal, faz-lhe festas e encontra alguém deste lado que o aceite e cuide dele; sabes, ele é a pessoa mais notável.

Bem, conta-me mais sobre ele, para eu ter em mente. Ele nunca te contará. Oh, não, bem, vês, o ponto central é que o Mickey permitiu-se ser aceite como o

tipo de pessoa que é, ou parece ser; e ele provavelmente nunca te contará todas as suas boas qualidades e os seus bons pontos e as coisas que faz. Quero dizer, ele faz-se de parvo e tudo o mais, faz parte do seu trabalho de certa forma, mas ele é muito profundo e muito sincero; interessa-se pela humanidade em todos os sentidos e gosta apaixonadamente de animais. Aliás, ele tem estado a cuidar de vários animais recentemente que precisavam de compaixão e de lares, e encontrou sítios. Ele parece conhecer toda a gente, parece vasculhar e encontrar pessoas — por exemplo, pessoas aqui que, não que sejam necessariamente solitárias (não gostaria de pensar isso, porque os adultos cedo se estabelecem aqui e fazem contactos e amigos, e há todo o tipo de parentes e por aí fora), mas ele encontra pessoas que apreciam o facto da companhia de um animal, e o novo dono cedo se ajusta e ajuda o animal a ajustar-se. Mas uma vez que o animal está visto e estabelecido, então ele fica bastante feliz e volta por aí a procurar mais animais ou o que pode fazer para os ajudar, sabes. É interessante, bastante fascinante na verdade.

E na verdade, embora isto possa soar peculiar, existe uma organização — uso o termo organização num sentido lato — mas certamente existe aqui uma vasta organização de almas cuja tarefa é concentrarem-se nos animais em vez de nos seres humanos. Porque existem inúmeros milhões de almas deste lado que se concentram nos seres humanos, mas existem estas outras cuja tarefa é cuidar dos animais. E São Francisco, ou Francisco como lhe chamas, está muito interessado nesse trabalho; ele é sempre apaixonadamente dedicado aos pássaros e aos animais e por aí fora, e ele é — não sei se me entendes, não gostaria de dizer que é um santo padroeiro, porque isso é algo que ele detesta, ser um desses santos — mas o ponto é que ele é, num sentido, o chefe desta vasta organização que concentra os seus esforços, o seu tempo e o seu amor no reino animal.

E claro que isso não significa apenas animais de estimação domésticos, mas todo o tipo de animais que necessitem; são os animais que continuam a viver — nem todos os animais o fazem, certos animais nos últimos estratos do ser não têm existência aqui no sentido em que tinham na Terra; mas animais que têm contacto pleno, na maioria dos casos, claro, com seres humanos; e também outros

animais, o que chamarias de animal selvagem, que não é tão selvagem como por vezes pode parecer, também tem lugar aqui. E existem vastas áreas de terra ou vastas áreas de ambiente natural aqui onde os animais têm a sua vida habitual. Claro que não há reprodução aqui, não há nascimento de novos animais — não quero que me entendas mal — mas há muitos, muitos animais que vagueiam livremente aqui e que são tão mansos. Quero dizer que podes caminhar por certas áreas ou certos lugares e verás todo o tipo de animais que são tão mansos e tão passivos, e não há nada de feroz ou nada neles que cause alarme.

Animais como macacos, por exemplo; na verdade, embora não seja geralmente percebido, os macacos são muito semelhantes aos humanos e, devido ao seu elo superior na esfera ou reino animal, eles passam por mudanças; de facto, têm definitivamente uma vida que, nalgum sentido, é sempre separada de muitos dos outros animais. Portanto, não é verdade que todos os animais que conheces tenham uma forma de existência aqui; alguns evidentemente não têm, mas a maioria tem.

O que acontece aos que não têm uma existência? Suponho que apenas se afastam. Bem, creio que no que se pode chamar vagamente — não posso ser exato nisto porque não conheço pessoalmente todas as respostas — mas parece-me que os animais num estrato superior têm definitivamente uma vida aqui; têm um mundo, por assim dizer, só deles e interagem também com a raça humana.

Mas existe o reino animal inferior e nesse, claro, podes contar coisas como ouriços-cacheiros, ratos e ratazanas, répteis e todo o tipo de seres inferiores... Suponho que não se deva, mas tem de se dizer que num sentido estas são todas formas de existência e elas não... pelo menos eu nunca experienciei, nunca vi nenhum; mas quando se trata de animais como o cavalo, o burro, o elefante, até a raposa e tantos outros animais de um estrato superior, eles têm-na definitivamente, porque têm cérebros, têm inteligência e têm grande profundidade de sentimento, emoções quando na terra; e tudo o que tem vida do ponto de vista de ter reações emocionais e sentimentos intensos, definitivamente continua.

Pelo que tenho podido observar, certamente vi que a maioria dos animais aqui tem uma vida e um mundo próprios. Mas sei que isto provavelmente será muito confuso para algumas pessoas e talvez até desagradável para outras, mas é verdade dizer que tudo o que tem vida e que realmente contribuiu, essencialmente, para o desenvolvimento e a evolução na vida, existe de alguma forma ou feitio aqui.

Pode não ser necessariamente sempre idêntico, claro, porque tudo muda. É uma mudança tão subtil e gradual que possivelmente não se nota. E em certas esferas parece não haver mudança, seja com humanos ou com animais. Mas o ponto é que ninguém precisa de temer. Por exemplo, embora tudo aqui seja físico do ponto de vista de que tudo ao nosso redor é sólido e real e podemos tocar-lhe e saber que é sólido, o mesmo acontece com os animais; eles têm a sua aparência natural e, ao início, claro, alguém aqui poderia sentir-se muito nervoso. Por exemplo, se vissem um animal como um leão ou um elefante, e no entanto, haveria uma atmosfera que cedo os tornaria conscientes do facto de que o animal é perfeitamente inofensivo.

Vês, uma vez que percebes que o que torna muitas vezes um animal feroz, ou o que torna um animal temível, é uma de duas ou três coisas. Pode ser o medo do humano, porque o humano, por gerações, através de séculos, caçou o animal, e este tem grande medo do ser humano. Está lá, vês. E depois, pode ser porque, afinal de contas, os animais são por vezes levados de tal forma que têm de matar para comer, para viver, e geralmente matam animais de uma espécie inferior. Mas a questão é que muito raramente um animal matará apenas pelo prazer ou pelo simples facto de matar. Só matará quando estiver desesperado ou quando estiver, por exemplo, encurralado e tiver de se defender, ou tiver de morrer de fome ou matar para comer.

Enquanto o homem, claro, como sabemos, por gerações matou, se não pelo mero gosto, porque se esperava dele ou foi colocado numa posição em que teve de o fazer, ou foi ordenado a matar. Quero dizer, o homem mata muitas vezes por pura maldade e, em muitos casos, claro, pelo prazer de o fazer. É como sair para caçar ou dar tiros e esse tipo de coisa, que é completa e absolutamente

desnecessário. Claro que eles explicarão com o argumento de que, bem, têm de manter os números baixos, senão tornar-se-iam demasiados e por aí fora. Mas o ponto é que a natureza tem a sua própria forma de lidar com estas situações, se ao menos a humanidade o percebesse. E no que toca aos seres humanos, claro, eles têm a inteligência — ou deveriam ter, e certamente têm-na se a quiserem usar — para saber como controlar, por exemplo, a população.

Mas a questão é que os animais, eles, claro, procriam; mas por outro lado, muito frequentemente, o reino animal está muito consciente do facto de que não é necessário nem preciso trazer demasiados ao mundo. É uma coisa extraordinária. Sei que, claro, há exceções onde se pode apontar o contrário, mas estas são exceções e não a regra.

O reino animal, sabes, falando de um modo geral — suponho que não se deva generalizar — mas certamente nos reinos superiores do reino animal, existe uma grande lei e uma grande compreensão. Os animais têm uma maior... nalguns sentidos (sei que isto também será muito impopular), mas parece-me que os animais, nalguns sentidos, têm uma compreensão da lei natural maior do que os seres humanos. Os seres humanos estão sempre a quebrar a lei natural, mas os animais estão sempre a aderir a ela.

E em consequência, se o reino animal fosse deixado em paz e em paz, evoluiria de outras formas também, e certamente não seria como a humanidade ou o homem pensa dele, como sendo "selvagem". Vês, os animais seriam tão mansos quanto possível se pudessem confiar nos seres humanos. Quero dizer, tens pássaros, por exemplo, e tens animais de estimação de outros tipos que alguém pode ter, que aprendem a confiar no homem e esperam que o homem faça o que é correto. E muito frequentemente, quando se trata de um animal de estimação, claro, o animal tem razão. O ser humano fará o que é correto para ele. Mas há tanta desconfiança no que é chamado de vida selvagem e na raça humana, porque a humanidade tem sido tão absolutamente cruel e perversa para com a vida selvagem ao longo dos séculos.

Bem, vês isso na terra também. Eles têm animais como estimação, leões e tigres. Não há razão para que um animal vindo da vida selvagem, uma vez que

tenha sido tornado consciente da humanidade do ponto de vista do humano e da atitude e da bondade que um ser humano lhe pode dar — por outras palavras, quando o animal sente que pode confiar no ser humano — não se torne um amigo muito bom. E, de facto, tornar-se-á possivelmente até mais amigo do que um ser humano. Isto pode soar ultrajante para muita gente, mas não há dúvida de que um animal que ama o seu dono, que confia no seu dono, morrerá de livre vontade pelo seu dono, fará qualquer coisa pelo seu dono, sacrificar-se-á de livre vontade. Quantos seres humanos farão isso? Na verdade, o animal não pede nada, apenas amor e afeto e algo para comer e beber quando necessário. Mas o ser humano está constantemente a querer mais e mais e mais, e a tirar e a tirar dos outros. E, de facto, enquanto não se pode confiar nas pessoas, pode-se confiar nos animais. É bem verdade.

Estes animais, cavalos e cães, conforme evoluem, mudam a sua forma? Bem, não posso realmente dizer com honestidade absoluta se assim é. Só posso assumir que sim, e claro que me foi dito que sim; que os animais, conforme progridem e sobem na sua inteligência e na sua proximidade com a raça humana — por outras palavras, conforme são absorvidos, se preferires (suponho que seja isso), na família humana — sofrem mudanças subtis. Que mudanças são essas exatamente, não sei bem dizer.

Pessoalmente, não gostaria da ideia de um cão de estimação de quem tenha gostado apaixonadamente, por exemplo, mudar a sua aparência; embora perceba isto, e seja provavelmente esta a mudança que ocorre: não é tanto uma aparência física ou exterior, mas é a subtileza da consciência interior da besta ou do animal. Acho que, conforme se sintonizam cada vez mais no viver com o homem, tornam-se mais conscientes dos pensamentos, intenções e desejos do homem, e assim têm maior consideração e maior afeto e são capazes de se fazer entender. Parece que a linguagem, por exemplo, que é uma barreira tremenda na terra, deixa de existir, porque é possível para o animal saber o que estás a pensar, e é possível para o ser humano saber o que o animal está a tentar transmitir.

Não apenas através de — como se faz na terra — pequenas ondas e pequenos gestos e o abanar da cauda e o inclinar da cabeça e por aí fora, mas

toda a mentalidade é tal que ele é capaz de transmitir os seus pensamentos e manter o que chamarias — ou o que qualquer pessoa chamaria, suponho — uma forma de conversação, que não significa necessariamente palavras, porque na verdade, num sentido, a conversação é mais do que palavras.

Usamos palavras para descrever ou retratar várias coisas, objetos ou sentimentos, emoções, o que quer que seja, e mantemos uma conversação. É uma espécie de picturização. O ponto central é que os animais comunicam por formas de pensamento e nós somos capazes, pela primeira vez, creio eu, de os conhecer e compreender melhor. E à medida que conhecemos e compreendemos melhor os animais e o reino animal, maior se torna o nosso apreço e respeito por ele.

É por isso, claro, que nós deste lado — e o Mickey é um caso evidente — estamos tão interessados e ansiosos por ajudar os animais enquanto ainda estão na terra; porque é igualmente importante que os animais sejam considerados e ajudados, e tudo o que puder ser feito por eles, deve ser feito. E, claro, é verdade dizer que, francamente, não há necessidade de matar animais para alimentação.

Não estou a sugerir que não tenha havido, em várias épocas, a necessidade de o fazer quando o homem é encurralado e tem de comer quando não há mais nada, mas isso acontece muito raramente. A questão é que não há necessidade para a geração moderna, para os povos modernos e para os povos intelectuais — pelo menos esperamos que o sejam — de comerem carne. É perfeitamente desnecessário. E, na verdade, é errado; bem, por várias razões é errado. Há tantas coisas que a natureza providencia, alimentos naturais que são bons, bons para o corpo e bons para a alma, num sentido, embora isto possa soar estranho; mas é verdade, porque não se pode pensar num sem o outro. Se ao menos as pessoas percebessem isso, ajudaria a trazer mudanças vastas no pensamento e no modo de vida do homem.

Mas a questão é esta: se dermos ao corpo alimentos naturais, com os quais ele foi destinado a viver, haveria menos doenças; haveria menos cancro, por exemplo, e eventualmente nenhum cancro. Creio ser verdade dizer que, à parte certos aspetos da vida moderna que são, em si mesmos, fatores contributivos para a doença, o cancro e outras enfermidades, certamente, se o homem vivesse de

alimentos naturais, colhidos da terra — refiro-me aos frutos, por exemplo, da terra de vários tipos — ele seria uma pessoa muito mais saudável. Por exemplo, criar crianças à base de carne, dar-lhes o gosto pela carne, dar-lhes o instinto de comer carne, é mau.

E penso que se... e tanta carne, claro, contém matéria venenosa e contém germes que germinam no corpo do ser humano e se transformam em doenças e enfermidades; e o próprio animal pode, claro, ter alguma doença, e podemos ter o azar de comer uma porção do corpo desse animal que contenha a parte doente e, claro, assim que entra no nosso sistema, inicia a doença no nosso corpo. Na verdade, se as pessoas percebessem como é necessário, como é essencial, como é importante ser vegetariano, ignorar completamente e abandonar o consumo de carne, não só do ponto de vista moral, mas até do ponto de vista da saúde. É errado. Em todos os sentidos, de qualquer forma que se olhe, é errado comer carne. E penso que o homem está a pôr-se a jeito para ter problemas. Quero dizer, ele tem feito isto há séculos, claro, mas penso que a vasta maioria das doenças brota do consumo de carne.

Muitas delas brotam certamente, definitivamente brotam, e não há dúvida de que assim é, porque muita da carne animal que se come está, especialmente na altura em que chega a ser consumida, já num estado de decomposição. Quero dizer, toda a questão é que comer o que é carne em decomposição não é apenas revoltante, é um insulto à inteligência de alguém; é, pela sua própria natureza, imoral. E quanto ao tirar da vida, comer desse ponto de vista não tem desculpa, porque existem inúmeras outras coisas de causas naturais. Claro que sim.

Os minerais da terra são as coisas essenciais. Refiro-me a que, se comêssemos, por exemplo, fruta — peras, maçãs, as groselhas pretas particularmente são extremamente boas para nós, têm qualidades vitamínicas tremendas. De facto, ser capaz de viver dos frutos da terra, da vegetação e dos vegetais, todas estas coisas que não têm alma, que não têm uma espécie de perceção interior, nem vida no sentido de consciência.

Não estou a sugerir que não exista uma forma de vida. Claro que existe. Tudo é vida, fundamentalmente. Mas, vejam, existem divisões na natureza.

Existem divisões definidas. E existem certas categorias, poder-se-ia dizer, e colocamos os seres humanos numa categoria, o reino animal noutra, o reino dos répteis noutra, as aves, e assim por diante. Mas a terra, a terra foi dada para o homem viver dela. E as coisas que foram colocadas sobre a terra, isto é, no que toca aos animais, a vida animal, não foram lá postas para o homem matar, abater e comer. Mas havia imensa vegetação. Sabem, se alguém quisesse ser bíblico — e eu certamente não sou bíblico — mas há uma grande lição moral, se as pessoas perceberem isto, na história de Adão e Eva. Não estou a sugerir a tentação, mas o ponto de comer fruta: do fruto vem a bondade, não o mal. Sim.

Sim, sim. Percebo perfeitamente o seu ponto de vista. Estou muito contente por ter falado sobre isto. É um tópico muito difícil de discutir, particularmente num sentido porque sou um recém-chegado aqui e estou apenas a começar a assimilar conhecimento. Mas já vi e já percebi que muito do que preocupa o próprio homem é culpa do próprio homem. Quero dizer, mal há algo que aconteça... aliás, eu iria ao ponto de dizer que tudo o que acontece ao homem que é desagradável, seja o que for, seja uma coisa pequena ou grande, seja uma guerra enorme, por exemplo, ou seja uma doença, ou sejam até acidentes — ou o que parecem acidentes, ou o que é considerado acidente — tudo brota da própria tolice do homem. Sim. O próprio homem cria o instrumento da sua própria infelicidade e da sua própria, poder-se-ia dizer, doença da mente e do corpo.

Tudo na vida que existe é bom, mas o homem não sabe como usar o bem. Ele prefere muitas vezes desviar-se para outros caminhos e tomar para si as coisas que sabe dentro de si serem desnecessárias e que muitas vezes são ruinosas para a sua mentalidade, para a sua dignidade e para a sua saúde. É tão óbvio. E penso que a vasta maioria das pessoas, quando aprofundam e pensam, percebem-no: que estão a criar, pelos seus próprios pensamentos e ações, a sua própria destruição. Seja numa guerra de grandes proporções, ou seja em relação a enfermidades, doenças, ou corrupção de qualquer espécie. Veja, o ponto é que o homem não percebeu que existe uma lei natural e, se ele viver pela lei natural e obedecer à lei natural, viverá uma vida natural e uma vida saudável. Mas tanta

enfermidade e doença, seja da mente ou do corpo, deve-se definitivamente à própria tolice do homem e à sua própria estupidez. Sim. Oh, sim.

Enfim, um dia talvez eu seja capaz de lhe contar muito mais detalhes, mas estou particularmente interessado nos animais; e conheço o seu amor pelos animais, o que também naturalmente me tenta a falar muito mais sobre eles, porque eu também gosto muito, muito de animais — ou gostei — e adoro animais, e vejo-os aqui frequentemente. Na verdade, é muito interessante, e às vezes quase divertido, e tem o seu lado engraçado também, porque embora muita gente do seu lado vá pensar que tudo isto soa a loucura se algum dia ouvirem esta gravação, no entanto, tenho visto, sentados por aqui quando temos estado a comunicar, não apenas cães e gatos e macacos, mas elefantes e até — por mais estúpido que lhe deva soar — na verdade, uma imagem disto seria maravilhosa de ver, mas até coisas como girafas. Poderá dizer-me, e muita gente poderá dizer-me: "Ora, que raio de utilidade tem uma girafa? Quem quer ver girafas do vosso lado?". Mas elas são graciosas e, de certa forma — talvez algumas pessoas pensem que não são assim tão graciosas — mas existe um intelecto e uma inteligência, existe um cérebro ali; talvez seja um cérebro pequeno, mas elas têm sentimentos e emoções, e têm ternura, e, sabe, é uma coisa extraordinária.

Não consigo conceber agora... claro, suponho que outrora não pensava muito quando estava do vosso lado, ou não pensava. Quero dizer, a vida era tão rápida, havia tantas coisas que prendiam o interesse, coisas estúpidas, tantas vezes; mas se alguma vez pensei profundamente, acho que devo ter pensado como seria horrível estar em qualquer mundo se não houvesse animais. Porque para mim, os animais são uma parte tão grande da vida, e é uma alegria conhecer e ver aqui animais de todos os tipos, e saber que eles são, como de facto são, tão mansos e tão amigáveis e confiantes; e na verdade é porque entraram numa nova condição de vida aqui onde o próprio homem mudou, o que, claro, faz toda a diferença. Quando se está aqui por um tempo muito curto — isto é, ao que chamam tempo, claro — o homem muda, ele tem de mudar; ele vê a futilidade de se agarrar, na maioria dos casos e instâncias, aos velhos pensamentos e aos velhos modos de vida. Há tanto que acontece e, claro, tal como acontece ao

homem, num sentido — talvez de uma forma diferente — mas no entanto está a acontecer aos animais.

É uma sensação maravilhosa, e a sensação mais maravilhosa de todas, suponho, é para qualquer pessoa que amou, sincera, genuína e profundamente amou um animal — e sabe Deus que muita gente o fez e faz, e eu consigo perfeitamente compreender porquê, porque um animal tem tanto amor para dar, tem tanto afeto na sua constituição, que é realmente uma pessoa. E saber que os nossos animais de estimação estão aqui, e que nos amam e confiam em nós e vêm ter connosco e estão connosco, torna a vida maravilhosa. É tudo uma contribuição para a alegria da vida. Para mim, um além como este, sem animais, sem os nossos animais de estimação, sem aquelas pequenas pessoas que nos foram tão queridas e próximas, seria impossível, impensável. É uma coisa maravilhosa. Gostaria de lhe poder pintar um dia um quadro, tal como eu o vejo e o tenho visto.

É tão maravilhoso, é tão emocionante, é tão empolgante, é tremendo, sabe. Esta vida é tremenda, Rose. Ninguém precisa de se preocupar por vir para aqui. É a coisa mais empolgante e emocionante que poderia acontecer. É algo que acontecerá a toda a gente. Claro, naturalmente, as reações de algumas pessoas não serão necessariamente as mesmas que as de outras. Muito depende do indivíduo, muito depende do tipo de vida que levaram, claro. Mas no entanto, para todos, não importa quão baixo possam ter descido, não importa quão fundo possam ter caído, poder-se-ia dizer, não importa quão estúpidos possam ter sido, isso não altera o facto de que, eventualmente, todos estendem a mão. Ninguém está perdido.

É uma sensação maravilhosa saber que existe tanto amor, uma abundância de amor, que existem tantas almas com as mãos estendidas para o ajudar, para o tirar do lodaçal. E valha-me Deus, não lhe consigo dizer que experiência tremenda, emocionante e maravilhosa é viver, viver realmente. Num sentido, sinto agora que estou a viver pela primeiríssima vez. E saber que não estou a viver sozinho, mas a viver com pessoas que conheço e de quem gosto, e pessoas que me conhecem e gostam de mim; e acima de tudo, num sentido — embora

talvez não devesse dizer acima de tudo, mas é tão verdade na forma como me sinto no momento — saber que os animais, os animais de estimação, e os cães e os gatos, e todas as pequenas coisas que significaram tanto na vida de alguém, as pequenas coisas que se destacaram... Aliás, olho para trás para a minha própria infância quando tive um pequeno cão. Quero dizer, foi um grande golpe para mim quando o cão morreu, mas saber que esse cão está aqui e que veio ter comigo... quero dizer, é uma das coisas mais reconfortantes.

Sim, uma das coisas mais reconfortantes. E sabe, realmente, é um grande conforto. Não lhe consigo dizer que grande conforto é saber que, quando chegar aqui, não só será recebida por pessoas que conheceu e amou, mas virá a trotar algum pequeno animal que significou tanto para si durante alguns anos. "Faz-me lembrar a minha Queenie". Bem, tenho a certeza de que terá a sua Queenie aqui, querida. Já viu a Queenie? Tenho a certeza de que essa é a Queenie que vi aqui várias vezes. "Onde? Aqui?" Sim, quando estive aqui. E eu disse-lhe que às vezes houve animais presentes. "E Ronnie Greyhounds".

Bem, eu vi *Greyhounds*. Acho que os vi nesta sala em diferentes ocasiões, se o puder dizer no sentido de nesta sala. Mas nesta área, chame-lhe o que quiser, vi, creio, todas as raças sob o sol e muitos rafeiros. "E o quê?" Muitos rafeiros. Viu? Sabe o que quero dizer. Nenhuma raça em particular, mas isso não significa nada aqui. Não, não, isso não importa. "Mas o meu amado cavalo de corrida que eu tenho, Queenie". Sim, e eu imagino-a a correr por aqui. Quando chegar aqui, estará a divertir-se plenamente. Oh, céus. Tenho de ir, mas de qualquer forma, ver-te-ei de novo na quinta-feira.

Oh, Eddie, foi um momento maravilhoso. Bem, fico contente com isso, mas serei bastante honesto consigo. Quando vim pela primeira vez esta noite, não tinha nada em mente, em particular, sabe. Quero dizer, às vezes tento organizar os meus pensamentos e dizer: bem, vou falar sobre isto ou aquilo, vês. Mas esta noite, quando vim, foi como se, num sentido, a minha mente estivesse em branco. Mas de alguma forma, não sei, acabei por arrancar. As coisas vêm, sabe. Enfim, tenho de ir. Adeus. Maravilhoso. Adeus, tia. Adeus.

Mickey? Mickey? Sim? Nunca me disseste. Oh, bem, eu dir-te-ei tudo. Oh. Tu não sabes. Adeus. Oh, eu olho para ti como mais do que uma amigona. Olho para ti como um rapaz. Não sei. Bem, porque é que achas que o Leslie tem a Tina? O quê? Porque é que achas que o Leslie tem a Tina? Não sei. Para ser sincero, se o estivessem a pressionar, ele não a teria aceitado. A sério? Não. Ninguém queria uma menina pequena, pois não? Adeus. Adeus, querido.

* * *

061064

Serei o teu amor se tu fores o meu.

Oh, minha vida, serei o teu no devido tempo.

Ooh, Bell, Bell, posso?

Leva-me e eu serei porreiro.

Quando eu for homem, o meu homem estará amanhã contigo.

Onde está o John? Olá, pessoal. Então, agora a verificação? Sim. Obrigado. Sim, John. Sim, John. Estás aí? Sim. Sim. Obrigado. Minha senhora, agora ela partiu. Enviei-te a Rainha. Ela está aqui agora, agora, agora. Não conheço essa tão bem como a outra. Não, não. Obrigado, Julie. Realmente belo. Tom adorável. Estás a fazer isto agora, Julie? Não, mais ou menos. Tens sistemas de cores, coisas e tudo. Oh, sim. Minha pequena Katie. Do outro lado. Minha pequena Katie, Katie. Não. Sr. Becca, Katie. Pareces bastante feliz por teres amigos. Não. Os rapazes de Yorkshire. Tudo bem. Agora ela seguiu em frente. Seguiu? Sim. Oh, sabes, não há muito a fazer. Quero dizer, provavelmente poderíamos estar na montanha. Então, Pat, Pat. Eu adoraria ouvi-lo. Ouço a voz dele outra vez.

Bem, acho que ele pensou que não desceríamos uma montanha. Mas não estou calmo sob esta parte solitária. Ele é um assassino. Vês, ele é terrível. Não, apenas um caso, sabes. Amo-te. Oh, ele é simpático. Mas, sabes, ele é. Bem, ele não conseguia encontrar ninguém. E eu disse, eu nem sequer sabia disso. Ele era um bom, não. Ha, ha, ha. Oh, desculpa, o mundo inteiro. Ele encontrou alguém.

Oh, fiquei contente por as pessoas estarem a cozinhar. Porque não disseram que estou interessado. Então, o que podes fazer quanto a isso? Não posso obrigar alguém a ser algo que quer ser. Não me podes achar interessado em alguém em quem estou interessado. Pois não? Achas que és uma estrela de interesse. Mas podes mais ou menos subir. Ha, ha, ha.

Deveríamos saber que estou interessado no mundo. Viste-me e há pessoas sem mostrar muito interesse no ar. Então, onde estás? Ha, ha. É este o aspeto dele. És realmente engraçado às vezes. Ha, ha, ha, ha. Bem, não estou interessado em ter um bebé, nada de conversa. Espera um momento. Tudo bem. Ha, ha, ha. Ha, ha, ha. Ha, ha, ha. Ha, ha, ha. Quando tiras o bebé da lua? Um novo rebanho. Nunca queres dizer que eu o faço. Tu sabes o significado disso. Esse é um ditado que as mulheres cockney costumavam ter. E provavelmente outras mulheres, quanto a isso.

Alguém que era da classe trabalhadora. Se não o fazem, demoram demasiado tempo. Estão a perder tempo. Estão a fazer algo e "algum do bom bebé, novo rebanho". Sabes?

Voz Feminina (Rose): Oh, estou a ver. Não, não era. E tu tens demasiado tempo. Não, não, não, não, não. Isso é especial.

Mickey: Olá. Ouço-te. É o Sr. Stockton a falar mais. Não muito do mistério do doutor. Fala para ti próprio. Fala para ti. Sim. Claire, consegues ouvir-me?

Voz Feminina (Claire): Sim, consigo ouvir-te.

Stephen Ward: Valha-me Deus, Rose, tenho a certeza de que algumas pessoas, ao ouvirem o Mickey, simplesmente não iriam ou não poderiam perceber que se tratava de alguém que estava tão contente. Tão vital, tão vivo e tão cheio de personalidade e a falar daquela forma normal e feliz. Tenho a certeza de que muita gente ficaria extremamente orgulhosa de mim.

Rose: Oh, sim, ficariam.

Stephen Ward: Sabes, honestamente, é fantástico, não é? Estou fascinado com ele.

Rose: Não. Ele está a ser bastante preconceituoso agora.

Stephen Ward: Sim, está. Ele fê-lo. Sim, faz tudo, mas fá-lo deliberadamente. Quero dizer, ele tem uma mensagem por trás da maioria das coisas que diz e faz. Ele tem um carácter extraordinário no seu conjunto. E, claro, eu vi-o quando ele está mais afastado da Terra, sabes, e ele é uma personalidade bastante diferente. E, ao mesmo tempo, continua a ter aquela forma alegre e feliz, mas não só é diferente, como parece diferente — alto e bastante diferente, um homem bastante jovem, na verdade, e uma alma bela, bela. Uma grande ajuda para todos

Rose: Ele não é do teu lado?

Stephen Ward: Valha-me Deus, sim, claro que é. Oh, ele ajuda os jovens, sobretudo. Parece passar a maior parte do tempo com pessoas jovens, e sente-se muito, muito atraído pelos animais. Passa muito tempo com animais, especialmente os que não são de raça, sabes, o tipo de animais com os quais as pessoas perderam o contacto, ou o animal perdeu o contacto com elas. Pelo menos, animais que vieram para aqui agora, cujos donos ainda estão na Terra, e não há qualquer elo, por assim dizer, sabes. E ele cuida deles e encontra lares para eles; ele é uma personalidade notável no seu conjunto.

Rose: Oh, eu nunca soube disso.

Stephen Ward: Oh, ele nunca te diria, claro.

Rose: Oh, estou tão contente por te ouvir.

Stephen Ward: Oh, ele conhece uma das suas coisas, uma força considerável vindo falar aqui. Ele encontra um animal que está perdido. Sabes, um amigo do animal morreu, que anda a rondar, ou diria que lhe poderias chamar "assombrar", ou a pairar em redor do local a que estava habituado e, claro, as pessoas não se dão conta dos animais. E para elas, o animal partiu e é o fim da história, mas muitos animais apegam-se, por vezes meses e até anos, ao antigo local. E é um bocado patético, porque ninguém parece estar consciente do facto da presença do animal, e a sua vida é uma espécie de existência solitária. E o Mickey faz disso o seu trabalho: andar por aí e, se ouvir algo, vai levar o animal e fazer-se companheiro dele, e encontrar alguém deste lado que o aceite e cuide dele; e sabes, ele é uma pessoa muito notável.

Rose: Bem, conta-me algo mais sobre ele.

Stephen Ward: Ele é um homem. Ele nunca se deixará ensinar. Oh, não. Bem, vês, a questão toda é que o Mickey permitiu-se ser aceite como o tipo de pessoa que parece ser hoje em dia. E ele nunca te falará sobre todas as suas boas qualidades e os seus bons pontos e as coisas que faz. Quando ele se faz de parvo e tudo isso, faz parte do seu trabalho, de certa forma, mas ele é muito profundo e muito sincero, e interessa-se pela humanidade em todos os sentidos, e é apaixonado pelos animais. E não há efeito. Ele tem cuidado de vários animais, ainda recentemente, que precisavam de compaixão e precisavam de lares, e ele encontrou lugares. Ele parece conhecer toda a gente, parece ter-se estabelecido e encontrado pessoas; por exemplo, pessoas aqui que não são desse ninho, e elas não sabem.

Eu não gostaria de pensar que, só porque ele se estabeleceu aqui e fez contactos e amigos e todas as suas relações e assim por diante, mas ele encontra pessoas que apreciam o facto da companhia de um animal e o novo dono, o novo dono, o novo dono, em breve, ajuda o animal a ajustar-se. Mas assim que ele é visto e estabelecido ali, fica bastante feliz, e ele virá a rondar à procura de mais animais ou do que pode fazer para os ajudar, sabes?

Rose: É interessante.

Stephen Ward: Bastante fascinante, na verdade. E, embora isto possa soar um pouco peculiar, existe uma organização. Uso o termo organização num sentido lato, mas certamente existe aqui uma organização avançada de almas cuja tarefa é concentrarem-se nos animais, tal como nos seres humanos, porque existem inúmeros milhões de almas deste lado que se concentram nos seres humanos, mas existem estas outras cuja tarefa é cuidar dos animais; e São Francisco, ou Francisco, como lhe deveríamos chamar.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Ele está muito interessado nesse trabalho, porque sempre foi apaixonado pelos pássaros e pelos animais também. E ele está, eu não compreendi. Sim. Não sei se diria que ele é o santo padroeiro, porque isso é algo que ele adora. Sim. Mas a questão é que ele não é, desde que é o chefe desta

vasta organização, os esforços de concentração no seu tempo, e está agora no reino animal; e, claro, isso significa não apenas animais de estimação domésticos, mas todos os tipos de animais que estão em necessidade.

Existem os animais que permanecem, nem todos os animais o fazem. Certos animais, no último patamar do ser, não têm existência aqui, no sentido em que não tiveram o suficiente. Mas depois, animais que tiveram, através do contacto na maioria das instâncias, claro, com seres humanos, e também outros animais — o que chamarias o animal selvagem, que não é tão selvagem quanto às vezes pode parecer — também têm um lugar aqui. E há áreas vastas, terra, meses, áreas de ambiente natural aqui, onde os animais têm uma vida habitual. E, claro, não há reprodução aqui, não há nada como trazer novos animais. Eu nunca faria isto compreender, mas há muitos, muitos animais que vagueiam livremente aqui, que são tão dóceis. Quero dizer, podes caminhar por certas áreas de certos lugares e verás todo o tipo de animais que são tão dóceis e tão ativos, e não há nada de feroz ou nada neles... o que causa muitos animais, como alguns macacos, por exemplo; na verdade, claro, o que não é geralmente percebido, os macacos são muito semelhantes aos humanos e, por causa do elo mais alto no campo ou reino animal, eles passam por mudanças. Na verdade, eles têm definitivamente uma vida que, nalgum sentido, é separada de muitos dos outros animais, e isso não altera o facto de que a maioria dos animais que conheces tem uma forma de existência aqui. Alguns não têm, mas a maioria tem.

Rose: O que acontece àqueles que não têm?

Stephen Ward: Estão muito distantes. Suponho que apenas... bem, penso naquilo que se poderia adorar, e não posso ser exato nisto, nesta identificação que respondemos, mas parece-me que os animais num estrato superior têm definitivamente uma vida aqui. Têm um mundo, poder-se-ia dizer, e misturam-se também com a raça humana. Mas existe o reino animal inferior e nesse, claro, podes contar coisas como ouriços-cacheiros, e ratos, e camundongos, e répteis, e todo o tipo de... bem, caso contrário, não se deveria, mas tem de se dizer que, num sentido, estas são todas formas de existência e elas não... pelo menos na

minha experiência, e nunca o vi. Mas quando se trata de animais como o cavalo, eu ouvi o cão aqui.

Rose: Oh, sim.

Stephen Ward: O elefante, o elefante, até a raposa, e tantos outros animais de um estrato superior, eles têm definitivamente, porque têm cérebros, têm inteligência e têm grandes profundidades de sentimento, emoções, quando na Terra. E tudo o que tem vida, do ponto de vista de ter reações emocionais intensas ou sentimentos, definitivamente permanece; e tanto quanto fui capaz de recolher, e disse, vi a maioria dos animais aqui, e eles têm uma vida no mundo dos animais. Eu sei que isto, provavelmente, será muito impactante para algumas pessoas, e talvez até para algumas pessoas eu diria apenas que tudo o que tem vida, que realmente contribuiu essencialmente para o desenvolvimento e a evolução na vida, existe em alguma forma ou feitio aqui. Pode não ser necessariamente sempre, claro, identicamente o mesmo, porque tudo muda.

Diz-se, claro, em mudança gradual; possivelmente há uma necessária em todas as certas esferas, parece não haver mudança, quer se trate de humanos ou de animais. O ponto é que ninguém precisa de temer, por exemplo, embora tudo aqui seja físico, no sentido do ponto de vista de que tudo ao redor de cada um é sólido e real, e podemos tocar-lhe e saber que é sólido. O mesmo acontece com os animais, eles têm a sua aparência natural, natural, e a princípio alguém aqui poderia sentir-se muito nervoso. Por exemplo, se visse um animal, digamos, como um leão ou um elefante, e no entanto haveria uma atmosfera que logo o tornaria consciente do facto de que o animal está perfeitamente pacífico. Vês, assim que percebes o que torna muitas vezes um animal feroz, ou o que torna um animal temível, é uma de duas ou três coisas. Pode ser o medo do humano, porque o humano, por gerações, através de séculos, caçou o animal, e ele tem grande medo do ser humano, percebes; e depois, lá está, pode ser porque os animais brutos, quando por vezes são levados de tal forma que têm de matar para comer, para viver, e geralmente matam animais de outras espécies, mas ao longo dos anos, é muito raro um animal, por exemplo, matar apenas por paciência ou pelo prazer de matar.

Stephen Ward: Tu deixarias que matasse quando é desesperado, ou quando está, e por exemplo, a ir para um canto e tem de se defender, ou tem de o fazer, através do olho da estrela, ou matarás para comer. Enquanto que o homem, claro, tem havido cada geração que matou, se não pelo proveito disso, porque foi esperado dele, ou foi colocado numa posição onde teve de o fazer, ou foi ditado para matar; quero dizer, o homem muitas vezes mata a sua parte e, em muitas instâncias, passa pelo prazer disso, como sair para caçar, e isso também é algo completamente — não necessariamente desnecessário.

Claro, eles explicarão o facto de que, oh, bem, eles têm de manter os números baixos, e se não, eles tornar-se-iam demasiados, e por aí fora, e por aí fora. O ponto é que a natureza tem a sua própria maneira de lidar com estas situações e, se apenas a humanidade pudesse percebê-lo; e no que diz respeito aos seres humanos, claro, eles têm a inteligência que deveriam ter, e certamente têm-na como o utilizador, de como manter baixa, por exemplo, a população. Mas o ponto é: os animais, eles, eles, claro, perpetuam-se, mas lá está, e muito frequentemente, o reino animal está muito consciente do facto de que não é necessário, e não é preciso trazer demasiados ao mundo, e são demasiadas coisas. Eu sei, claro, que há exceções, onde se pode apontar as palavras, mas estas são exceções e não a regra.

O reino animal, sabes, falando de um modo geral — suponho que não se deva generalizar — mas certamente nos reinos mais elevados do reino animal, há uma grande lei e uma grande compreensão. Os animais têm uma inocência maior; eu sei que isto também será muito importante, mas parece-me que os animais, nalgum sentido, têm uma compreensão maior da lei natural do que os seres humanos. Os seres humanos... as regras dos seres humanos quebram a lei natural, mas os animais aderem sempre a ela e, em consequência, o reino animal deixaria aprender em paz; evoluiria de outras formas também, e certamente não seria como a humanidade ou o homem pensa dele como "o selvagem". Os animais seriam tão dóceis, tão dóceis, se pudessem confiar em vós, seres humanos.

Quero dizer, tu de facto ficas melhor, por exemplo, e de facto és pago para outros tipos, que alguém possa manter, que aprendem a confiar nos homens e esperam que os homens façam aquilo que é correto; e muito frequentemente, quando é um curso pago, o pago está correto, sendo o animal enraizado no que é correto para ele. Mas depois, há tanta desconfiança no que é chamado de vida selvagem e na raça humana, porque a humanidade tem sido tão cruel, na verdade, e malvada para com a vida selvagem ao longo dos séculos.

E depois, vês, na terra também, eles têm os animais como animais de estimação, leões e tigres. Não há razão para que, num animal vindo do selvagem, uma vez que tenha sido tornado consciente da humanidade do ponto de vista do humano, e da atitude e da bondade que um ser humano lhe pode dar... então, uma vez que o animal sinta que pode confiar no ser humano, ele pode tornar-se um amigo muito bom. Sim. E, na verdade, tornar-se-á possivelmente ainda mais um amigo do que um ser humano; isto pode soar ultrajante para muita gente.

Mas não há dúvida sobre isso: que num animal, quando ele ama o seu dono, confia no seu dono, morrerá de bom grado pelo seu dono, fará qualquer coisa pelo seu dono, sacrificar-se-á de bom grado. E quantos seres humanos fariam isso? Na verdade, o animal não pede nada, e a afeição animal e algo até para beber; o ser humano está constantemente a querer mais e mais e mais, e a tirar e a tirar os tigres. E, na verdade, enquanto não podes confiar nas pessoas, confias nos animais. Isso é certíssimo.

Voz Feminina (Rose): Estes animais, cavalos e cães, como eles fazem, eles mudam essa forma?

Stephen Ward: Bem, não posso realmente dizer com qualquer honestidade absoluta se assim é. Só posso assumir que sim, e tenho relatos de que os animais, conforme progridem e sobem nessa inteligência e na proximidade da raça humana — por outras palavras, eles tornam-se absorvidos, se preferires? Suponho que seja o que é, na família humana. Há mudanças subtis. Quais são essas mudanças, exatamente, não posso realmente dizer. Pessoalmente, eu não gostaria da ideia de um cão de estimação de que tivesse sido apaixonadamente fã, e que ele devesse mudar a sua aparência. Embora eu perceba isto, e esta seja

provavelmente a mudança que ocorre: não é tanto uma aparência física ou de antílope, mas é a subtileza da consciência interior da besta, do animal.

Creio que, à medida que se tornam cada vez mais sintonizados em viver com os homens, tornam-se mais conscientes dos pensamentos, intenções e desejos dos homens; então têm maior consideração e maior afeição, e são capazes de se fazerem entender. Parece que a linguagem, por exemplo, que tem um valor tremendo na terra, só existe porque é possível para o animal saber o que estás a pensar, e é possível para o ser humano saber o que o animal está a tentar transmitir. Não apenas por ter desenvolvido na terra um animal, mas é um pequeno caminho, não é? São os gestos e a forma como diria, o inclinar da cabeça e por aí fora. Mas há toda uma mentalidade tal que é capaz de transmitir os seus pensamentos, e todo o conjunto do que tu chamarias, ou o que qualquer um chamaria, suponho, de uma conversa formal, o que não significa necessariamente palavras; porque, na verdade, na inocência, a conversa é mais do que palavras, e tu usas palavras para descrever ou retratar várias coisas, artigos ou sentimentos, emoções ou evidências, e manténs uma conversa; é uma espécie de picturização.

O ponto fulcral é que os animais comunicam através da força do pensamento e nós somos capazes, pela primeira vez, suponho, realmente, de os conhecer e compreender melhor. E à medida que se conhece e compreende melhor os animais e o reino animal, maior se torna a consideração e o respeito por ele. É por isso que, claro, nós estamos deste lado, e o Mickey está a tomar um caso em questão, se eles estão interessados e tão ansiosos por ajudar os animais enquanto ainda na terra, porque é igualmente importante que os animais devam ser considerados e ajudados, e tudo o que puder ser feito, deve ser feito por eles.

E, claro, é verdade dizer que, francamente, não há necessidade de matar animais para alimentação. Não estou a sugerir que não tenha havido neste tempo, em tempos remotos, necessidade, quando o homem é empurrado para um canto e tem de comer quando não há mais nada; mas isso é muito simples. E, claro, não há necessidade para a geração moderna, para as pessoas modernas e pessoas intelectuais — pelo menos as que temos lá — de comerem carne. É

desnecessário. E, na verdade, é normal porque, bem, por várias razões também, há tantas coisas que a natureza fornece, alimentos naturais que são bons, bons para o corpo, que são bons para eles, para a alma, a coisa — até que isto faça sentido para todos, isso é verdade, porque não podes pensar num sem o outro; e se algumas pessoas percebessem, elas ajudariam a trazer vastas mudanças no pensamento do homem e num modo de vida.

Mas o ponto é que, se deres ao corpo alimentos naturais, pelos quais ele foi destinado a viver, haveria menos doenças, haveria menos cancro, por exemplo; e eventualmente, creio que é verdade dizer que, à parte certos aspetos da vida moderna que, claro, são em si mesmos fatores contributivos para a doença e o cancro e outras enfermidades, certamente, se o homem vivesse de alimentos naturais, cultivados na terra — refiro-me aos frutos, por exemplo, da terra, de vários tipos — ele seria uma pessoa muito mais saudável. Por exemplo, criar os nossos filhos com carne, dar-lhes o gosto pela carne, dar-lhes o instinto de comer carne, é mau; sim.

E creio que, e tanta carne, claro, contém matéria venenosa e contém germes que germinam no corpo do ser humano e se desenvolvem em doenças, enfermidades; qualquer animal em si pode, claro, ter alguma doença, e podes ter a infelicidade de comer uma porção do corpo desse animal contendo a parte doente e, claro, uma vez que entre no teu sistema, inicia a doença no corpo. E se tivéssemos apenas pessoas que percebessem, não tenho nada a dizer, quão essencial, quão importante é ser vegetariano, ignorar completamente, desistir de comer carne; e não apenas pela parte moral, mas até do ponto de vista da saúde, é errado. Em todos os sentidos, qualquer que seja a forma como se olhe para isto, é errado comer carne; e creio que o homem está a pedir problemas.

Quero dizer, ele tem feito isto essencialmente, claro, mas creio que a função das doenças brota do consumo de carne, sem dúvida, certamente, definitivamente, definitivamente.

Não há dúvida sobre isso, porque muito do alimento animal, a carne que se come, está — especialmente na altura em que a recebes para comer — já num estado de decomposição. Quero dizer, a questão é que comer o que é carne em

decomposição não é apenas revoltante, é um insulto à minha inteligência; é, pela sua própria natureza, imoral. E quanto ao tirar da vida para comer, desse ponto de vista, era muito desculpável; era uma entre inúmeras outras coisas, a fonte natural.

Claro, há os minerais, os minerais, os minerais são as coisas essenciais. Quero dizer, tu dizes, se comerem frutos — peras, maçãs, amoras pretas — particularmente extremamente bons para nós, qualidades vitamínicas tremendas, e desse género. De facto, os frutos da terra; ora, podemos viver dos frutos da terra e da vegetação e dos vegetais, todas estas coisas que não têm alma, que não têm nenhuma espécie de consciência interior, nenhuma vida no sentido de consciência. Não estou a sugerir que não haja um problema. Não há um problema. Não há uma forma de vida. Claro que há, tudo é vida que entra nisso.

Mas, vês, há divisões na natureza e há definitivamente divisões, e depois há certas categorias, poder-se-ia dizer; e tu colocas, oh, perante os seres humanos, numa categoria, a seta, o reino da nala; colocas a mão esquerda, o rei da nala, e as aves, e as almas, e as almas, e as almas. Mas a terra, a terra foi dada para o homem para viver dela, e as coisas que foram colocadas sobre a terra, isto é, no que toca a animais, a vida animal não foi ali colocada para o homem matar, para abater e para comer, mas sim havia abundância de vegetação.

Sabes, se alguém quisesse ser bíblico — e eu certamente não sou bíblico — mas há uma grande moral, se as pessoas o percebessem, na história de Adão e Eva. Não estou a sugerir que a tentação... porque o ponto de comer frutos, dos frutos e da bondade da saúde, não é o mal.

Rose: Sim. Sim, sim. Fico muito contente por ter falado sobre isto, senhor.

Stephen Ward: Um tópico muito difícil de discutir, particularmente, num sentido, porque sou um recém-chegado aqui e estou apenas a começar a assimilar conhecimento, porque só agora vi e percebi que ainda há muito que preocupa o próprio homem. O seu nome é reforçado. Quero dizer, é como se qualquer coisa fosse acontecer. De facto, atrevo-me a dizer que tudo o que acontece ao homem é desagradável. Seja o que for, seja uma coisa pequena ou grande, seja uma guerra enorme, por exemplo, ou seja uma doença, ou seja até um acidente, ou o que

parece ser um acidente, ou é considerado acidente... tudo brota da própria tolice do homem.

Ora, o próprio homem cria o instrumento da sua própria infelicidade e da sua própria, poder-se-ia dizer, doença da mente e do corpo.

Stephen Ward: Tudo na vida está lá, é bom, mas o homem não sabe como usar o bem. Ele prefere, muito frequentemente, desviar-se por outros caminhos e tomar para si as coisas e trazer a si próprio — e isto é realmente, com muita frequência, a nossa perceção — para a sua mentalidade, para a sua dignidade e para a sua saúde; é tudo óbvio. E creio que a vasta maioria das pessoas realmente investiga, e elas pensam, percebem-no, que estão a criar, pelos seus próprios pensamentos e pelas suas ações, a sua destruição. Quer seja uma guerra espantosa, quer seja até à enfermidade, à doença, à maleita, à corrupção; tu dizes, o ponto é que o homem não percebeu que existe uma lei natural e, se ele viver pela lei natural e obedecer à lei natural, viverá uma vida natural e uma vida saudável; com ainda muita enfermidade e doença, a doença da mente num corpo é definitivamente devida à própria tolice do homem e à sua própria estupidez.

Voz Feminina (Rose): Sim. Oh, sim.

Stephen Ward: Enfim, um dia, talvez tenhamos muito mais detalhe, mas estou muito interessado, particularmente nos animais, e sei que tu adoras animais, pelo que dirás — bem, naturalmente tendo a falar muito mais sobre animais, sabes — eu também gosto muito, muito de animais, tenho gostado e adoro animais, e vejo frequentemente animais aqui; e é muito interessante e, por vezes, quase divertido, também tem um lado engraçado, porque muita gente do teu lado, acho que também é loucura, se estivessem a ouvir esta gravação; no entanto, tenho visto sentados por aqui, quando temos estado a comunicar, não apenas cães, e gatos, e macacos, mas elefantes e até uma estupidez, deve soar-te a ti. É na verdade um quadro disto, seria maravilhoso de ver, mas até coisas como girafas. Quero dizer, podes dizer-me, e muita gente pode dizer-me, dir-me-ia: "que raio vão estar aqui a fazer girafas? Quem quer ver girafas do teu lado?".

Rose: Não, eu não.

Stephen Ward: Mas elas são graciosas e, de muitas formas, têm algo, não são assim tão graciosas. Mas há um intelecto e uma inteligência, há um cérebro e pode ser... é um cérebro pequeno, mas têm sentimentos, e elas sabem que ela era, e têm ternura, e sabes, há uma coisa extraordinária, não consigo pensar agora. Claro, suponho que, outrora, eu não pensava muito, quando estava do teu lado, muita gente não pensava. Quero dizer, a noite era tão rápida, não de forma semelhante, as coisas ajudavam-nos, interesses, coisas estúpidas, tantas vezes; mas mesmo quando eu pensava profundamente, creio que devo ter pensado quão terrível seria estar em qualquer mundo se não houvesse animais. Porque para mim os animais são uma parte tão grande da vida, e é uma alegria saber e ver aqui animais, e de todos os tipos, e saber que eles, como de facto são, estão tão dóceis, e tão amigáveis, e confiantes; e na verdade é porque entraram numa nova condição de vida aqui, onde os próprios homens mudam, o que, claro, faz toda a diferença.

Quando se está aqui por um tempo muito curto, isto é, em termos de tempo, claro, o homem de facto muda, ele tem de mudar, ele vê a futilidade de se agarrar, na maioria das instâncias e casos, aos velhos pensamentos e aos velhos modos de vida. Ainda há muito que acontece e, claro, como está a acontecer ao homem, num sentido, talvez de uma forma diferente, mas no entanto está a acontecer ao animal. É um sentimento maravilhoso, e o sentimento mais maravilhoso do mundo, suponho, é para qualquer pessoa que tenha amado, sinceramente, genuinamente, profundamente amado um animal — e valha-me Deus, há muita gente que amou e ama — e eu consigo compreender perfeitamente porquê, porque um animal ainda tem muito amor para dar, e ainda há muita afeição na sua constituição, e é realmente uma pessoa; e saber que os nossos animais de estimação estão aqui, e que eles te amam, e confiam em ti, e vêm ter contigo, e estão contigo, torna a vida maravilhosa; é tudo uma contribuição para a vida humana, para mim. E aqui, depois de algo como isto, sem animais, sem os nossos animais de estimação, sem os deles, há pequenas pessoas que de facto estão perto de nós, seria impossível; eu não creio que fosse.

É uma coisa maravilhosa. Gostaria de poder pintar para ti, um dia, um quadro como eu o vejo e o tenho visto. É tão maravilhoso, é tão emocionante, é excitante, é tremendo, sabes? É tremendo, sabes? É tremendo, sabes? É tremendo, sabes? Tu perguntas-te por que estou a vir para aqui. É a coisa mais excitante e emocionante que pode acontecer. É algo que acontecerá a toda a gente. Claro, naturalmente, as reações de algumas pessoas não serão necessariamente as mesmas que as de outras. Grande parte depende do indivíduo, grande parte depende do tipo de vida que viveram, claro, mas no entanto é para todos. Não importa como, não importa como possam ter cantado, não importa quão fundo possam ter caído, poder-se-ia dizer, não importa quão estúpidos possam ter sido, isso não os afeta eventualmente. Toda a gente alcança, ninguém está perdido.

É um sentimento maravilhoso saber que há tanto agora, uma abundância de amor, que há tantas almas sem tais mãos para te ajudar, para te tirar da lama; e valha-me Deus, não te consigo dizer que experiência tremenda, emocionante e maravilhosa é viver, viver realmente. Num sentido, sinto agora que estou a viver pela primeiríssima vez. E creio que saber que não estou a viver numa terra isolada, mas a viver com pessoas que conheço e de quem gosto, e pessoas que não gostam de mim, e por mais, num sentido — ou se não devesse dizer "por mais", mas é tão verdade — e onde sinto o momento, saber que o animal, os animais de estimação, e os cães, e os gatos, e todas as pequenas coisas que significaram tanto para a vida de alguém, as pequenas coisas que se destacaram; e de facto olho para trás para a minha própria infância quando tive um cão, e fiquei muito inchado mesmo quando o cão morreu, mas saber que esse cão está aqui, e que ele me encontrou.

Quero dizer, é uma das coisas mais confortáveis, sabes, é uma daquelas coisas confortáveis, e sabes, quando é um grande conforto, não te consigo dizer que grande conforto é saber que, quando vens para aqui, não encontras apenas as pessoas que conheceste e amaste, mas podes trazer contigo alguns dos animais que, como dizes, significam tanto para ti, os poucos.

Rose: Sim.

Stephen Ward: São muitas coisas, como a Queenie, sabes. Do que tenho a certeza, tu terás a tua Queenie na tua cabeça, e tenho a certeza de que essa é a Queenie que eu vi aqui várias vezes.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Sim, quando estive aqui, e eu disse-te, às vezes, tem havido animais, e em redor o galgo. Bem, eu vi galgos, eu vi, acho que vi nesta sala, em diferentes ocasiões — se é que o posso colocar no centro, nesta sala — mas, nesta área, o que quiseres, e vi, creio eu, cada raça sob o sol, e imensos cães de caça, e o quê? Imensos cães de caça.

Rose: Viste.

Stephen Ward: Sabes o que quero dizer? Sabes, uma nova raça em particular, mas isso não significa nada aqui.

Rose: Não, não, isso não importa.

Stephen Ward: Está certo. Eu estive no cavalo certo, esse que eu tenho, Queenie. Sim, e tenho estado a tentar fazer-te correr por aqui, quando vieres para aqui vais divertir-te tanto.

Rose: Oh, sim.

Stephen Ward: Devo ter cuidado, mas, de certa forma, sabes o que quero dizer, estou ciente disso; mas eu não estaria, muito honestamente, quando vim pela primeira vez esta noite, não tinha nada em mente em particular, sabes, quero dizer, às vezes tento reunir os meus pensamentos e dizer: "bem, vou falar sobre isto ou aquilo", mas esta noite eu vim, foi instantâneo, como se a minha mente fosse um quadro em branco, mas de alguma forma, não sei, eu vim e as coisas vêm, sabes. Se eu devo ir, então não há ninguém. Maravilhoso. Obrigado. Obrigado. Obrigado. Obrigado. Sim? Nunca me disseste. Quão bem? Dizer-te uma coisa. Oh. Tu não sabes. Oh, tu não sabes. Oh, tu sabes, eu não sei. Eu não sei. Eu não sei. Eu não sei. Para quê? Figo? Para quê? Para quê? Para quê? Para quê? Para quê? Para quê? Para quê? Vês? Para quê? E o teu método. Com este mecanismo. Eu sei, vais com calma? Não, não sei. Quero um pequeno carregamento hoje. Adeus, querida.

* * *

121064

Stephen Ward: ...É a única explicação do tempo capaz de compreendê-lo, da vida e da existência contínua; parece-me que existem, obviamente, muitos, muitos, muitos, muitos planos ou condições de consciência; mas, enquanto se pode ter um conhecimento e uma perceção de um certo plano de existência porque por acaso se está em consciência com ele, por assim dizer, estes outros planos estão fora da tua consciência consciente; mas existem, no entanto.

É o mesmo, num sentido, no teu mundo; a pessoa comum apenas conhece aquele plano, a realidade consciente da terra, o viver consciente; e sabem, ao mesmo tempo, que eventualmente chegará o tempo em que deixarão de ter consciência — óbvio, pelo menos é o que lhes é filmado [sic - incutido] — que irão, por outras palavras, morrer. O que acontece depois disso... ou não estão interessados ou têm medo de subir, de descobrir, por alguma razão ou outra, não são capazes de o compreender. Mas o ponto é este: é óbvio, Rose, que toda a vida — obviamente toda a vida — são as nossas formas ou o início da realidade e da consciência. Só se torna uma realidade quando tu própria te tornas parte dela num estado consciente; e por isso parece-me que existem todos estes diferentes graus.

E mesmo num plano ou numa esfera de atividade da vida, quando existe uma consciência que é tanta, mas há uma óbvia ali, del, mais além e, em consequência, progressiva; portanto, naquele plano serial particular, aquilo que era invisível anteriormente torna-se visível e torna-se, consequentemente, consciente para ti.

Rose Creet: Acredito que seja fascinante. Suspeito que tenhas tido várias experiências sobre essa época.

Stephen Ward: Bem, eu sou diferente. Quando cheguei aqui pela primeira vez, era como se estivesse num estado consciente entre, como se costuma dizer, estava entre; e contudo, num sentido, não estava, porque estava consciente da

terra e de muito do que se passava lá, e consciente desta nova existência. Era como se os dois mundos estivessem fundidos, e no entanto, não se tornando um só. Era extraordinário. Eu estava, de certa forma, ciente de coisas que as pessoas diziam, coisas que faziam do vosso lado, e contudo, tinha uma perceção de algo mais a acontecer ao mesmo tempo, entre mim.

Primeiro de tudo, não era a consciência das pessoas a partir de muito do que é visível; era a consciência dos seus pensamentos, suponho que devia ser, o que parecia uma realidade na medida em que eu conseguia ouvir. É como se eu estivesse a ser puxado em dois sentidos e a tentar, de certa forma, organizar-me; era uma confusão extraordinária, de certa forma. Era irritante, num sentido, porque sentia que não pertencia a nenhum dos mundos.

Rose Creet: Deve ter sido muitíssimo intrigante para ti, porque me parece que deves ter estado a ouvir a terra e, ao mesmo tempo, a ouvir um pouco de lá. Diz-nos.

Stephen Ward: Percebo agora, claro, que não é uma coisa invulgar para as pessoas do vosso lado, particularmente se forem muito sérias para ti, ou apenas à porta da morte, terem uma consciência não apenas das pessoas que conhecem, que ainda estão na terra, que podem estar em volta desse leito, mas também uma perceção de consciência de pessoas que conheceram no passado e que partiram antes delas, que vieram obviamente para as ajudar naquele momento particular da passagem. Por outras palavras, elas às vezes até os veem.

Rose Creet: Sim, eu li sobre isso.

Stephen Ward: Sim. A única coisa extraordinária é que elas parecem vê-los com os olhos do corpo, mas na verdade o que acontece é que a sua consciência de coisas que estão fora do vosso mundo se torna muito mais aguda, e o cérebro está a receber as mensagens dos indivíduos considerados deste lado, e está a transportar esses pensamentos em picturização. É a coisa mais extraordinária.

Percebo agora que, num sentido, é assim que eu devo ter estado, e possivelmente pouco antes de eu passar; era bastante óbvio que eu estava no corpo e, no entanto, fora dele. Estava no corpo do ponto de vista de que não tinha deixado a terra, mas tinha uma consciência de coisas a passar-se ao redor de

forma má; não necessariamente vendo, mas sentindo e ouvindo, e tornando-me ciente de. Era o estado extraordinário de ser quando percebi pela primeira vez que estava morto. Era o tipo de sensação como se estivesse a derivar entre os dois mundos. Num momento estaria consciente da terra e, no segundo seguinte, estaria consciente das pessoas deste lado que estavam a tentar chegar até mim, e também de lugares que eu conseguia ver vagamente. Era como se algo me estivesse a acenar — ou então não.

Não me refiro apenas a pessoas, mas era uma sensação de algo que era dinamicamente poderoso, porque não era um íman num sentido... isto estava a atrair-me. Era como se eu estivesse a ser puxado para longe da terra. Eu nem sequer percebia, agora mais ou menos, que era um pensamento concentrado das pessoas que estavam a tentar ajudar-me, a tentar elevar-me e a afastar-me dos pensamentos e das condições que ainda eram muito fortes dentro de mim; e também da força do pensamento de, obviamente, muitas pessoas na terra que estavam a ler sobre mim e a pensar em mim e no que tinha acontecido.

Era a sensação mais extraordinária, e acredito que com pessoas, por exemplo, que foram pessoas muito famosas cujos nomes... a Casa de Ward [sic]. Quero dizer, tens alguém como... a pensar numa quinta ronda e a dizer para alguma grande pessoa, sim, quando morrem, e milhares e milhares de pessoas estão a pensar na sua personalidade, a pensar na sua vida, por exemplo, e no que leram sobre ele, no que ouviram sobre ele, se o conheceram no passado. E eu pensei em relação à vida, que esteve lá no pensamento; por outras palavras, a concentração de pensamento de milhares de pessoas numa só pessoa é muito forte.

Mas, num sentido, embora essas pessoas possam estar a desejar o bem ao indivíduo na sua nova vida, acho que se elas acreditarem nelas e pedirem o viver ou o pensar nesta pessoa de uma forma amável, de alguma forma estranha é como um íman que os puxa através da terra. E depois, claro, tens pessoas deste lado que estão lá para ajudar o indivíduo na transição e para o acolher, que estão também a puxar igualmente. Mas é realmente uma grande força que emana da terra para uma pessoa que está, provavelmente, há apenas alguns dias ou pouco

mais além do seu recibo de interesse. Mas há muitos indivíduos por um tempo... refiro-me ao estado de estar "preso à terra".

Rose Creet: Sim, é apenas um estado de incerteza.

Stephen Ward: Toda a gente... ali estás tu. Quero dizer, uma vez feitas mais algumas festas, toda a gente é a pessoa que foi fisicamente posta a descansar, e então acho que é mais fácil, certamente acho que para a maioria das pessoas, libertarem-se gradualmente. É o termo delas. A emoção e as forças de pensamento de números incalculáveis de pessoas podem e de facto seguram uma pessoa a nós por talvez uma semana ou duas, ou provavelmente mais tempo do que tem sido; especialmente se a pessoa era muito materialista. E isso é tudo muito mais difícil se a pessoa for cem por cento, poder-se-ia dizer, material, e estiver a pensar apenas em coisas materiais e nunca se preocupar com mais nada além disso. É frequentemente difícil para essa pessoa libertar-se; de facto, um grande esforço é feito pelas pessoas deste lado para ajudar.

Na verdade, achei isto realmente intrigante e interessante porque tenho estado com grupos deste lado que foram particularmente ter com indivíduos cujas necessidades foram muito grandes em relação à sua passagem, ajudando se eu pudesse; e eles parecem pensar, alguns deles aqui, que porque eu próprio, nalguns sentidos, estou mais perto da terra — suponho que isso faça parte — porque estou aqui há tanto tempo e porque tenho o hábito de voltar para falar, e isso também tem algo a ver com isso; por outras palavras, ainda estou em contacto com a terra e contudo não sou materialista, claro. Quero dizer, temos algumas destas pessoas, melhores talvez do que alguns que são, num sentido, muito mais altamente avançados, mas que, num sentido, não têm um elo forte com a terra ou não têm o tipo de poder, num sentido, para lidar com ela tão bem.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Tão intrigante para mim. Vivo com quatro amigos e nunca faço nada como isto. Quero dizer, sinto que, num sentido, tenho muito a aprender e que precisaria de ser resgatado agora, mas consigo ver agora que estou a desempenhar algum papel no esquema das coisas ao fazer isto, porque esse é apenas um aspeto da minha vida. É totalmente interessante e adoro-o. Adoro

estar com pessoas, adoro ajudar pessoas; e acho que te disse muita coisa. Acho que não é o mesmo e, para mim, é interessante no fim do mundo.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas a mim, acho que foi bastante iluminador também sobre o fim do mundo. Aqui há um grande amor, esse é o mundo. Esse é o teu discurso maravilhoso, como o que temos sempre para ti. Qual é o remédio? Sinto que temos tanto, tanto endividamento. Um pouco a humanidade não percebe, é verdade, mas a humanidade é a grande parte; tem estado interessada em cultivar muito mais do que percebe, cultivar muito mais do que imagina. Não se quer, num sentido, falar sobre certos aspetos disso, mas a humanidade dependeu durante tanto tempo do reino animal e contudo, trata-o tão mal. Bem, acho que há coisas em que podemos continuar. Lamento que visite o Will [sic] dentro de algum tempo; sabe Deus se algum dia chegará o dia em que a humanidade se tornará realmente consciente da sua obrigação — e não me refiro apenas a obrigações materiais, refiro-me a obrigações espirituais. Refiro-me ao facto de termos uma obrigação não apenas uns para com os outros; temos uma obrigação para com toda a natureza. Algumas pessoas simplesmente tratam a natureza tão mal e, no entanto, a natureza continua a produzir e a morrer e a voltar novamente.

Quero dizer, tu vês isso todos os anos; vês os produtos da natureza, vês os esforços da natureza, vês o que a natureza produz para o bem da humanidade; e contudo, a natureza é constante e o homem está constantemente a dar pistas à natureza [sic - a interferir na natureza]. E a natureza, quando é deixada em paz — como deveria ser com bastante frequência, de qualquer modo — pode produzir e faz de facto algumas coisas notáveis. Na verdade, muita da doença e enfermidade no vosso mundo deve-se aos químicos, por exemplo, de serem de pedra que foram postos no chão, que estão a criar todo o tipo de coisas que, para mal dos nossos pecados, estão agora — estamos muito pior do que há outros 20 ou 30 anos, no máximo do tempo.

Não creio que as pessoas percebam que não se pode adulterar a natureza; não se pode, não se pode interferir até esse ponto com a natureza, que a natureza continua a rebelar-se ou a ter uma reação à reatividade de todas estas coisas.

Rose Creet: Elas aceitam-te [sic - afetam-te] do teu lado?

Stephen Ward: Bem, não diria que elas nos afetam exatamente, no sentido em que não nos podem afetar porque, mentalmente, estamos muito conscientes do facto de que todas estas coisas estão a acontecer e que é mau para a raça humana, é mau para as pessoas da terra; e claro que, com o tempo, como eu disse, terá um efeito muito prejudicial mentalmente. E acho que as pessoas nem sequer percebem isto; pensam em coisas físicas, mas nem sequer percebem que tanta coisa destas que está a ser posta no chão e posta na vida vegetal, e até no reino animal, e de tantas formas diferentes, todas estas coisas eventualmente têm um efeito muito mau e será de natureza mental, para além do campo da violência física.

Sabes, não creio que as pessoas percebam que estão a envenenar os seus sistemas e, gradualmente — é um processo muito lento, claro — elas vão piorar, não vão melhorar. E não creio que os cientistas, desde que chegámos, como eles estão a fazer também na sua própria direção; muitas coisas estão a acontecer que não estão, no momento, a mostrar qualquer fase de reparação particular, mas elas não mordem. A poluição da atmosfera e a radiação e outras coisas, que mesmo a própria ciência não chega a compreender, não vão mudar-se para aqui; mas podem, ou a ciência já conheceu o efeito que estas coisas têm na natureza humana e tudo isso.

Percebes, no momento, é — como poderei dizer? — é como um tipo de vapor pesado, e isto nem sequer vai ser uma descrição, mas é, num sentido, aplicável: pairando sobre certas partes da terra, e move-se e flui, e irá atrair, ficar atraído, e depois torna-se parte do vosso ar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: ...E isto, se fosse para continuar — quero dizer, se fosse permitido desenvolver-se — e se houvesse mais destas explosões ou experiências atómicas, tudo isto que está a ir para a atmosfera vai acabar por se verter. Existe o espaço, e vocês terão... e eu penso, a minha vida nisto, que é um pouco mais tarde, haverá coisas extraordinárias na natureza que irão surpreender e discutir

[sic - desgostar] a humanidade, presumivelmente um subproduto e o rebento de muitas destas coisas.

E não apenas pelo que a ciência está a fazer na forma de expressão atómica e esse tipo de coisas, mas também os químicos que estão a ser usados no presente, e nós estamos a ir para o vegetal, sim, e tudo isto é poluição; e entra no sistema material físico e no corpo e, após algum tempo, irá estabelecer — e é como sobre isto — irá estabelecer certas doenças. E não apenas com humanos, claro, nos animais; quero dizer, muitos dos animais que precisam de comer da terra, alimentando-se destas culturas, eles também as terão. Sei que é um pensamento terrível, mas é para rir, e irá verter que nada se fez sobre isso. Não.

E eles sabem-no; eles sabem o efeito de estarem a ter nos seres humanos e olhem para os animais ali. Mas, claro, há tantas coisas a acontecer das quais eu nunca soube, claro, e eu estava do vosso lado e bastante desfalecido ali, por isso não pensei realmente em pensar nisso, e mais do que a maioria das pessoas faz; mas parece-me que, mais cedo ou mais tarde, isso vai apanhar os homens. Tu simplesmente não podes comer fruta, não podes fazer estas coisas à natureza sem que a própria natureza reaja, e a humanidade tornar-se-á uma consequência disso. Na verdade, eu... uma pessoa não quer ser pessimista e suponho que, no sentido, devo soar como um, mas não me parece que, mais cedo ou mais tarde, algo terá de acontecer.

Sabe Deus que já está suficientemente mau agora, mas como poderia ser se continuasse agora por outros, bem, agora, vinte ou trinta anos, ou até menos, assumindo que seja que os homens não... em todo o caminho. É mais fácil se algum de vós o conseguir ver como nós o vemos. É terrível. É algo que eu mal consigo começar a descrever-vos, mesmo tendo-o visto em mim próprio no curto espaço de tempo em que estou aqui. Tenho visto estas áreas e, na forma como posso colocar isto, existe como, suponho, depressão — não é a palavra a usar-me, é a forma depressão — mas percebes, tudo o que tem vida tem dentro de si a habilidade de prosperar, todo o tipo de pensamentos conscientes; e isto aplica-se tanto, em alguns sentidos, ao reino animal como aos humanos.

Vês, a humanidade tem, durante séculos — sabe Deus quando, e ainda pior — Mateus [sic], tratado o reino animal... agora está a tratar o outro reino, a visão do reino, por exemplo, outra forma de vida, tão mal que há todas estas coisas novas que têm um efeito. E o pensamento para uma parte considerável no ano, que é em redor de jurado [sic], e não está apenas a vir de alguns seres humanos de uma ordem inferior, mas está também a vir de animais. Eu sei que isto pode soar a loucura para as pessoas, mas é uma coisa extraordinária: a coisa que tem vida tem consciência de algum grau ou outro; às vezes concordou-se que é de um poder muito baixo, de ordem muito baixa, não é muito poderoso em si mesmo; mas quanto mais alto sobes na escala, mais intensidade existe e mais poder está por trás disso.

Eu não... não quero pensar que por isto exista um exército visual de mal em redor da terra a partir deste lado; e agora, não quero dizer exatamente isso, mas o que estou a tentar dizer é isto: que o pensamento dos homens, e às vezes a sua falta de pensamento também, pode criar, e assim cria, uma atmosfera que, corra bem, a qual é pesada e muito difícil de... imprimir isto para nós espreitarmos.

Acho que o milagre é — percebo isto cada vez mais, mais e de forma realmente clara — que as pessoas deste lado que avançam a ferramenta sejam incapazes de passar para comunicar, por exemplo, ou fazer a sua presença sentida ou influenciar de outras formas como fazem. Mesmo pessoas que talvez não tenham conhecimento da sua perceção deste assunto; o esforço, a intensidade do pensamento que emana, e as pessoas deste lado a tentarem espreitar as condições em redor da vossa terra, é espantoso; esconder é um milagre absoluto. E que exista esta comunicação progressiva maravilhosa, ou qualquer outra comunicação progressiva.

Consigo ver perfeitamente agora que, se alguém voltasse atrás milhares de anos, embora os homens nalguns sentidos sejam verdadeiros, tendo progredido, noutros sentidos ele era ainda muito um homem da natureza; era ainda muito uma criança de Deus, ainda muito uma criança da natureza. Ele pode, nalguns sentidos, ser quase em Inglaterra [sic] e certamente não tinha outro benefício, muitos outros benefícios que ele teve hoje, mesmo que ele vivesse no mesmo

com a natureza e apreciasse a natureza e compreendesse a forma estendida; eles não são explicados ainda e não estão preocupados com as leis de Deus. Os homens estão muito preocupados consigo próprios; ele tornou-se cada vez mais materialista, cada vez mais preocupado consigo próprio em todos os sentidos, e isso realmente... ele está a perder o contacto.

Parece-me que o homem tem perdido o contacto cada vez mais ao longo dos séculos; e é uma coisa extraordinária como aqui, claro, conforme se pode ver o caminho, é legível; é como ser capaz de ler um livro com este visual, ser capaz de ver as mudanças e as muitas coisas que transpiraram em diferentes eras, em diferentes tempos. E aqui e ali, podes ver indivíduos que, pela sua própria natureza e pelo seu próprio esforço, causaram um impacto tremendo na marca sobre esse tempo. Mas, porque eles tinham a perceção do que era bom dentro de si mesmos, muito em consequência ou foram feitos bodes expiatórios e foram feitos indivíduos infelizes e foram feitos sofrer.

Percebes, os instintos de rebanho são tão fortes; e nos dias únicos e nos dias antigos, tinhas estes instintos de rebanho também, deve-se admitir que não era o mesmo tipo de instintos de rebanho que tens hoje. O homem tinha de, claro, preocupar-se em ser capaz de existir e no que era então, em muitos sentidos, um mundo difícil; mas, no entanto, ele estava contente, muito mais contente, sim, do que o homem é hoje. Não há contentamento no homem de hoje; há sempre o querer isto, o querer aquilo, nunca estando satisfeito, nunca estando mais feliz.

Mas houve um tempo em que o homem estava contente, era mais feliz; ele era feliz, ele era natureza; ele era feliz com as coisas comuns, as coisas rotineiras, com a vida e com a família; e, em quaisquer outras palavras, ele vivia para a natureza e com a natureza, e não havia sequer um campo de morte na sua constituição; estava apenas ali. Ele compreendia-a, percebia que era necessário morrer para viver. E é uma coisa extraordinária como o homem, fazendo parte do seu tremendo progresso cientificamente de muitas formas, às vezes se afastou da boa verdade; mas, ao mesmo tempo, ele foi tão longe da ideia original, da conceção original do que a vida deveria ser e do que a vida é.

Bem, acho que a maioria de nós o faz para ser cientista; não apenas da terra, mas muitos de nós não são deles, claro, eles não têm consideração, é isso. Cientistas tornam-se o seu guarda [sic - deus], desde que consigam levar a cabo as suas experiências, eles estão tão absortos nelas que nem sequer, se pensam sobre quais possam ser as consequências... em vez disso, bem, conforme se limita, esse é o seu guarda, esse é o propósito da vida, a ciência que veem nesses lados. Sabes, Stephen, podemos assinar nesses lados, sim.

Bem, suponho que poderia haver — quero dizer, eu ainda não conheci realmente nenhuns cientistas deste lado que façam algo pela ciência. Sei que temos uma raça humana tremenda ou para o bem da humanidade, claro que pode haver, impressionante, então irei para o lado. Bem, suponho que é verdade que existem pessoas deste lado que estão interessadas em aspetos científicos e estão interessadas na ciência para o único [fim] de ajudarem cientistas do vosso lado. Mas em que grau ou de que forma, eu não gostaria de pensar que os cientistas deste lado estivessem a ajudar cientistas do vosso lado por motivos ulteriores ou o que quer que fosse. Tu eras um homem, esse não sou eu; mas quer ele seja uns parabéns ou seja...

Bem, quero dizer, uma coisa: eu sabia que existem certas pessoas deste lado que têm uma mente crítica ou design científico que se esforçam por ajudar pessoas de um lado a encontrar um método de comunicação entre o nosso mundo e o vosso, o que, se conseguíssemos fazê-lo para o provar cientificamente, seria possivelmente bom; mas acho que isso afastaria as pessoas de muitas das coisas que hoje lhes causam tanto bem e o científico nunca viria. Não foi profetizado negando-me a mim próprio, como se ele pudesse ter mencionado isso, mas uma pessoa ouve isto e sabe-se que está a avançar; mas quão cedo ou como ou quando poderá ser... quero dizer, penso então não, mas não me parece que toda a tragédia da vida seja que toda a gente parece estar a correr para aqui, ali e em todo o lado e a não chegar a lado nenhum, porque o tempo todo eles estão a correr por aqui numa espécie de círculo preocupados apenas com as coisas que conseguem ver ao toque e ao redor, as coisas que, dentro de si mesmos, eles deveriam perceber que são as coisas essenciais, que eles estão preocupados com as coisas do

momento que eles sabem nos seus corações, conforme as procuram e as encontram, quando a oportunidade que eles pensam deve ser deixada para trás.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: ...Enfim, não me parece uma tragédia tão grande. Nunca tive a sensação de que estava lá para ser o interlocutor desta maneira; mas vendo as coisas como vejo agora, com uma visão maior, uma perceção maior, tudo me parece que tantos estão — acima de tudo, a maioria das pessoas — preocupados com a tolice e o egoísmo. É isso. É uma tragédia porque, como vemos no vosso mundo, há tanta tristeza, tanta infelicidade, tanto pesar, tanta miséria, tanta pobreza; e, conforme o vemos, é tudo tão trágico e tão triste.

E há tantos que são tão afortunados — pelo menos afortunados do ponto de vista material, pensam eles — mas mesmo assim, isso não lhes traz felicidade. Eles não sabiam como viver; não sabiam como realmente encontrar a verdade e a felicidade. Toda a gente parece estar a correr atrás do que outra pessoa tem e depois, se o conseguem, não o querem realmente. Realmente, sabes, é apenas... um adulto estranho, se ele fosse perguntar a uma criança.

Lembro-me de ficar fascinado a observar centenas e centenas de [formigas], todas a correr de um lado para o outro como loucas e, claro, elas tinham um plano guardado na casa; criaturas tão pequenas poderiam ter tanta, tanta paciência tremenda, e o conhecimento está lá, não haja dúvida, na terra minúscula em que os cérebros são inteligentes. Toda a vida é tão espantosa, e elas são fascinantes; mas quando pensas que um exército de homens pode fazer coisas, e fazem-nas, e como se protegem uns aos outros e trabalham uns pelos outros... mas o que é isso? E podes explicar-me isso?

Quero dizer, elas têm a sua própria inteligência, mas têm uma inteligência própria no seu próprio tipo de onde vida [sic]. Vês, então eu penso no que é tão importante para a humanidade recordar: que tudo, no seu diferente patamar, tem uma forma de inteligência ou perceção, consciência, condicionamento de vida com eles. O homem não deve pensar que ele é a única criatura que tem inteligência, a única criatura que tem o direito de viver além dos seus amigos. E quero dizer, isso nunca é justo, construído principalmente pela Igreja, suponho,

ou pelas diferentes organizações religiosas. Mas esta promessa de que, quando morres, porque és um ser humano, porque aceitaste certos factos ou crenças religiosas, que viverás, é tão hipócrita no sentido; porque, embora todos saibamos que os seres humanos vivem além da sua [morte], não necessariamente da maneira que a Igreja pensa, por exemplo. Mas por que deveria o homem considerar que é o único indivíduo, ou a única pessoa, ou a única forma de vida que não deveria ter uma vida além da outra?

O que constitui a vida é a contribuição que todas as partes da natureza desempenham em todo o esquema das coisas. Podemos olhar com desprezo para uma certa formiguinha, ou podemos olhar com desprezo para alguma outra forma de vida, mas ela desempenha um papel muito importante, ela encaixa-se; pode estar acima da água, mas não significa que tenha de ser destruída ou que seja necessariamente má. De facto, a maioria das coisas que a humanidade considera más são, muito frequentemente, fundamentalmente boas. Esse é todo o esquema da vida, parece-me. Acho que a natureza, portanto, ensina-nos a lição de a ver; e que o que consideramos humilde ou sem importância, ou talvez até mau ou mesmo diabólico conforme o mundo o vê, não é necessariamente assim.

Rose Creet: Stephen, preciso de dizer que na terra existem algumas das outras coisas e que podem matar um homem, como a cobra, por exemplo.

Stephen Ward: Nesse caso, não é que eu esteja a sugerir que não se matem algumas moscas, e isso não me compreende; e não estou a sugerir que certas formas inferiores de vida animal não tenham por vezes de ser evitadas, ou que não tenham de ser contidas ou suprimidas. Mas o que eu acho é que me parece, de qualquer forma, que cada aspeto de forma de vida que teve vida, nalgumas partes, de alguma forma, teve algum significado, algum propósito. Pode não ser necessariamente sempre para o bem, mas ao mesmo tempo está lá, e foi trazido à existência.

E acho também que podem haver coisas trazidas à existência que o próprio homem, na sua ignorância e tolice ao longo de talvez séculos de tempo e pensamento errado, trouxe ele próprio à existência. Eu não quis necessariamente dizer que tudo existiria necessariamente ou foi criado por alguma inteligência

superior. Parece-me, quando consideras quão verdadeiro... e acho que temos de descer ao fundamental.

Quero dizer, não é apenas... refiro-me ao facto de estarmos preocupados fundamentalmente, de qualquer modo, com as coisas do espírito, com as coisas da mente, aquela parte do homem que é indestrutível, que é permanente. Mas, por outro lado, se olharmos à parte para todas as formas de vida neste estado atual, acho que deveríamos ver e perceber que tem um papel a desempenhar.

Agora peguemos no próprio homem: o corpo de que ele se orgulha, e a sua aparência, e o que mais a humanidade usa para se lisonjear; mas sabemos que, fundamentalmente, ele é feito de todo o tipo de coisas que, se alguém pudesse perceber, se alguém realmente compreendesse, faria com que ficasse enojado. Percebes, sabemos que o corpo físico é composto de todo o tipo de micro e todo o tipo de coisas que, quando as analisas, soam a algo... por outras palavras, o que é material e o que é físico tem o seu papel importante a desempenhar no esquema das coisas. Bem, é um corpo humano, mas todos sabemos que, fundamentalmente, ele foi empacotado para o seu estado original e nós vamos voltar ao seu estado original.

E foi, claro, quando a sensibilidade és capaz de, a partir do conhecimento de vulnerabilidade, aprendizagem... aprendizagem da origem... agricultura ou aspeto material. Vês, acho que o homem faz demasiado de si próprio. Ele olha o tempo todo para si mesmo; olha para si próprio como um ser humano físico material, mas não consegue ver — ou mesmo que saiba, não quer ver, não gosta de pensar em si próprio nesse sentido, como realmente é. O que ele deveria considerar e o que deveria pensar — o que ele não faz — não é a permanência do material, mas a permanência do mental e do espiritual. Que o corpo é meramente um veículo que é composto e retirado da terra, depois ele voltará.

Todas as formas de vida vêm da terra; mas a mente, a força espiritual fundamental ou poder, a própria vida em si, a essência que é mental e espiritual, essa é a permanência no homem que nunca pode morrer. É a parte criativa. O físico é meramente o físico, que é por enquanto; é a parte conhecida do homem, não a realidade. É a casca, não é o miolo.

Sim, por lá há muito na natureza e batalha como um... claro, deve haver muito na natureza como batalha. Há muitas coisas que não compreendemos e, provavelmente, nunca compreenderemos; mas isso não afeta também algumas formas presentes de existência, mesmo que sejam formas de existência enojantes nalguns formatos ou medida ou maneira: elas têm um caminho a desempenhar.

Mas conforme o homem progride, acho que o homem irá progredir mental e espiritualmente; muitas das coisas que são desagradáveis, não apenas na sua vida, na sua mente, mas num sentido físico — que eventualmente, acho que o próprio homem criou certos aspetos da vida que são desagradáveis. Eu pegaria na doença, sim, na doença; isso é o que o próprio homem, ao longo de séculos de pensamento errado, de vida errada, trouxe à existência; porque não tenho dúvidas sobre isso e estou bem certo de que, nos estágios iniciais da evolução, eu sei que esta é a doença que o homem não conhece, ele não lhe é mostrado o caminho certo para essa doença ou que...

Quando, em algum sentido, claro, não podes dizer que o homem está a aprender como proteger-se contra estas doenças e que algumas doenças, claro, até certo ponto, mais ou menos desapareceram. Isso é verdade. A ciência, até certo ponto, contribuiu com uma grande parte nessa direção. Mas isso não altera o facto de que parece que as coisas poderiam andar numa espécie de círculo completo; e acho que, perante os receios de que... de séculos, de séculos para a lacuna, algumas doenças que têm agora não existiam, mas o próprio homem trouxe-as à existência.

Esta pode não ser uma teoria ou um argumento popular, e provavelmente algumas pessoas objetariam a isto e diriam que é disparatado e por aí fora; e estou perfeitamente preparado para dizer que não me parece que seja mais do que viável que muitos dos males do mundo — seja o físico e as várias formas de vida que encontram no vosso mundo — pudessem ter brotado através do homem, se quiseres; poderias imputá-los ao mesmo tempo à tolice do homem, porque frequentemente os homens não estão sequer em certas coisas, mas é apenas, bem, egocêntrico e tolo e uma atitude de "não me podia importar menos". Sei que algumas destas coisas não podem ser totalmente explicadas, e não dou desculpas

para vermes e larvas, mas ao mesmo tempo estas coisas do mundo... o que é outro ponto que eu deveria ter pensado: perceber e pensar que a vida na terra é uma coisa tentativa e, num sentido, claro, sabemos que continua e continua e chega a mudar as formas de evolução e desenvolvimento e por aí fora.

Mas o ponto é que, do ponto de vista da inteligência do homem, do ponto de vista do espírito do homem, conforme o mundo terreno é meramente uma casca e um veículo para o homem se expressar por um tempo determinado; mas uma vez que o homem está fora desse tempo limitado e entra numa esfera ou plano de ser superior, e os seus pensamentos mudam de acordo e ele ajusta-se às novas vibrações em adição a uma nova vida, então claro que as coisas variam e mudam e tornam-se diferentes.

Mas o homem apenas continua e continua e ele muito raramente pensa o contrário, e o que os seus antepassados fizeram em relação a coisas fundamentais parece-me que os homens têm de se livrar de tanta da velha hipocrisia, não para viver uma vida mental e espiritualmente mais limpa, e ele tem de se ajustar em grande escala às mudanças que ocorrem, que estão constantemente, num sentido, a ocorrer. Não apenas aceitar cegamente as coisas, mas também tentar e mudar as coisas onde necessário; certamente mudanças na sua atitude perante os seus semelhantes e perante o reino animal, e perceber que o reino animal contribuiu com uma grande parte para o avanço do homem, mais do que o homem percebe. De facto, o reino animal tem sido frequentemente sacrificado para vantagem do homem, claro.

Oh, é tudo tremendo. Ainda assim, não importa o que eu te diga, querida, vai ser sempre um grande mistério em algum sentido, não se pode evitar. Larvas [sic]. Tenho de ir. Deus te abençoe. Adeus. Tens algum pensamento para mim?

Rose Creet: Acho que não.

* * *

281064

Stephen Ward: Olá, Leslie. Obrigado pelas flores.

Mickey: O que dizes? "Obrigado pelas flores", pensei eu, não é?

Stephen Ward: Não, não disse. Gostas que tenhamos flores?

Rose Creet: Eu amo flores.

Stephen Ward: O que pensas tu, flores? Segura-te a mim. Não sou um favorito? Suponho que todos tenham. E eu vou e "floresço-os", na verdade. E são dos residentes, claro, e do meu povo. E não diria que é exatamente a minha flor favorita. Também gosto das flores simples.

Rose Creet: Gostas? Oh, sim.

Stephen Ward: Oh, eu também. Acho que gosto particularmente de flores de primavera.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Amo ver, ou costumava gostar de ver, as flores de primavera no campo. Não que eu fosse um grande entusiasta do campo, mas também o aprecio. Tem passado muito tempo.

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: Olá.

Rose Creet: Oh, olá.

Stephen Ward: Desculpa ter passado tanto tempo. Há muito tempo que não conseguia, conforme isto sai. Tive uma experiência muito interessante, que não previ exatamente no meu registo, mas que tu me sugeriste que seria uma experiência muito interessante e iluminadora.

Perdi-me, gostei de visitar um certo lugar, do qual me tinham dito previamente que não seria totalmente agradável de experienciar, mas que, no entanto, seria interessante. E também me ajudaria a ver quão importante o trabalho poderia ser e seria para ajudar outros que estivessem numa condição preparada.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Foi-me dito para não ficar indevidamente perturbado ou chocado, ou mesmo transtornado com isso, mas para aceitar como uma experiência e perceber que as pessoas envolvidas estavam a passar por uma fase

particular na sua evolução, a qual era essencial e necessária, e que elas próprias tinham provocado pelo seu próprio tipo de ser quando na Terra, particularmente. E foi-me muito enfatizado que esta condição era apenas temporária, porque a maioria das pessoas envolvidas logo começava a esforçar-se e a fazer a mudança dentro de si que tornaria possível deixarem essa condição.

Enfim, para encurtar a história, fui com três pessoas: um homem que nunca tinha encontrado formalmente aqui quando cheguei pela primeira vez e que foi uma grande ajuda para mim; e também o Dr. Marshall, ele também veio; e ainda outra pessoa que eu nunca tinha visto antes, mas que era amiga da primeira pessoa de quem falei.

Rose Creet: Ah, sim.

Stephen Ward: Enfim, primeiro disseram-me que eu devia tentar deixar a minha mente completamente em branco, o que pareceu estranho, mas ainda assim não te contei o que eu esperava fazer. Por outras palavras, eu devia relaxar-me mentalmente por completo e não me concentrar nem pensar em nada nem em ninguém; por outras palavras, apenas libertar-me das circunstâncias presentes ou da condição em que me encontrava. Tentar tornar-me, por assim dizer, completamente alheio, mesmo aos meus companheiros... apenas um método que é aplicado ou usado, que mais tarde se torna natural para a pessoa, mas que, para mim, era uma experiência nova.

Enfim, percebi o que me foi dito.

Rose Creet: Pois, acredito.

Stephen Ward: E a próxima coisa de que me lembro foi um sentimento de tremenda leveza e a sensação de ser elevado no espaço; e aquilo que tinha sido sólido sob os meus pés parecia desaparecer, e eu parecia sentir-me como se estivesse a flutuar no ar, da forma como o posso descrever. É como se eu estivesse a passar por cima do topo de casas, edifícios, árvores e campos, e conforme atravessava o espaço, parecia estar a subir cada vez mais alto, e tudo recuava em pano de fundo. Assim parecia, e gradualmente, conforme subia, comecei a perder a consciência, comecei a perder-me de mim próprio.

E a próxima coisa de que me lembro, que obviamente era a descida, porque tive a perceção de que estava a ser puxado para baixo e, gradualmente, conforme descia, começava a ficar mais escuro, mais sombrio, mais deprimente; a sensação era de frio, viscosidade, dureza, irrealidade e desagrado. E pensei: "Bem, fui avisado de que as condições seriam deprimentes, por isso não devo ficar indevidamente preocupado ou assustado". Felizmente, os meus companheiros estavam ao meu lado. Acho que eles estavam lá e havia o sentimento de segurança vindo deles. Não que dissessem algo, mas era o tipo de sensação que eu tinha: que conforme eu começava a descer para esta condição, vinha deles este calor, segurança e boa vontade; e isso contrabalançou e ajudou-me a superar a náusea que comecei a sentir, porque conforme parecia aproximar-me desta catarse — se é que lhe posso chamar assim — tornava-me cada vez mais consciente dela.

E depois, gradualmente, surgiu na vista o que parecia um país montanhoso, pareciam ser crateras tremendas, montanhas tremendas; e embora estivesse ténue, gradualmente percebi, conforme me aproximava, o que pareciam ser casas ou cabanas, mas pareciam, ao chegar muito perto delas, muito baças e muito deprimentes. Pareciam construídas de uma substância moderna qualquer, não sei bem. Enfim, quando alcancei — ou melhor, quando senti o chão sob os meus pés — encontrei-me numa espécie de encosta de montanha, e os meus companheiros tornaram-se então visíveis para mim, e eu conseguia pressentir o que diziam, mais do que ouvir.

E disseram: "Bem, agora vamos descer a este vale. Agora, o que vires e o que experienciares, não permitas que te deixe infeliz ou angustiado, porque esta é uma certa zona condicionada, que é uma das próprias condições de medo e parte do medo ao nosso conhecimento; e não quero que te deixes afetar, nem mesmo pela atitude que algumas das pessoas possam adotar quando nos virem, porque podem ser hostis e muito desagradáveis. E não fiques surpreendido se vires entre algumas destas pessoas quaisquer rostos que te pareçam familiares ou reconhecíveis, porque há uma razão, independentemente da pessoal, para estares aqui, percebes."

Enfim, descemos esta encosta de montanha, e só posso dizer que isto me pareceu, pela primeira vez desde que estou aqui, como se estivesse de volta [à Terra] num certo sentido; e acho que é do ponto de vista do aspeto físico da coisa, o esforço que era necessário para caminhar ou descer esta encosta difícil. E gradualmente, conforme chegávamos lá, as coisas focaram-se muito mais claramente, e pude ver que havia uma forma ténue de iluminação. Não era uma forma comum de iluminação artificial, mas havia uma espécie de clarão, uma luminosidade peculiar.

Gradualmente, comecei a distinguir coisas e lugares, e conseguia ver as cabanas; agora estavam muito mais focadas, e pude ver que eram... bem, eram humildes, eram escuras e deprimentes, de aspeto pesado. Pareciam construídas de barro ou lama, com um tipo de material pedregoso ou substância. Era quase como se se tivesse entrado numa espécie de selva ou num esforço da selva do passado, onde construíam com lama e água.

E então, conforme caminhava com os meus companheiros de cada lado, comecei a ver o que se poderia chamar de seres humanos. Eram pessoas, com certeza, mas pareciam desgrenhadas, por lavar, com um aspeto imundo; e havia bastantes homens e mulheres, e estavam suficientemente despidos. Alguns tinham uns trapos e farrapos, mas a vasta maioria estava suficientemente despida, e não me pareciam humanos. Pareciam-me animais; e isto era tudo, como eu esperava pelo que me tinham dito anteriormente, muito deprimente, porque estas pessoas pareciam um povo completamente perdido. Era quase, muito francamente, como se de repente tivesses chegado a uma clareira de uma selva ou algo no interior da África, e encontrasses em tempos antigos pessoas que nunca tinham visto a civilização e que viviam da forma mais primitiva.

E algumas destas pessoas, quando nos viram, abanavam os rostos e falavam — pelo menos presumo, pois abriam e fechavam as bocas — e eu não conseguia ouvir nada, mas conseguia sentir o sentimento de hostilidade, de má vontade e antipatia. Algumas pessoas, conforme passávamos, atiravam o que presumo serem hastes ou pedras, mas nunca pareciam atingir-me. Não senti nada. Enfim, fomos mais longe, seguidos por um grande número destas pessoas, até

chegarmos ao que era, presumivelmente para este lugar, o mais palaciano — pelo menos era o único lugar que parecia ter algum interesse dedicado a ele; parecia melhor que o resto, parecia mais limpo, parecia como se alguém tivesse tido algum interesse.

No limiar deste lugar estava uma figura de aspeto extraordinário. Era um homem, creio que com cerca de um metro e noventa ou dois metros. Muito largo, grande, mas parecia ter o espírito elevado num sentido, poder-se-ia dizer quase saudável em comparação com algumas destas outras pessoas. Tinha uma barba comprida e bigode, um nariz muito aquilino, olhos muito escuros e penetrantes e o cabelo comprido pelos ombros. Parecia um tipo estranho de eremita. Estava vestido com o que me pareceu ser uma espécie de túnica. Não sei se lhe poderias chamar uma túnica, certamente não era uma túnica bela, mas era algo que se poderia dizer ser uma túnica; estava cingida por uma corda na cintura. E tinha uma espécie de echarpe, e tinha uma figura colocada no topo dela, a qual não sei que tipo de figura era ou o que representava, mas parecia-se muito com a cabeça de um animal, mas não saberia dizer qual; provavelmente não era assim tão importante.

De certa forma, ele viu-nos aproximar, estávamos quase à frente do povo, e ele pareceu-me, para minha surpresa após a receção que tivemos dos outros, muito mais amigável. Pareceu-me caloroso e muito sincero, e não senti que viesse dele insinceridade; mas parecia estar a projetar sombras tremendas, tentando ser agradável e impressionante. Fomos convidados a entrar neste lugar e devo dizer que o interior estava muito bem mobilado. A mobília era, num sentido, peculiar; parecia adequada mas, ao mesmo tempo, era apresentável. Na verdade, algumas peças eram bastante vistosas. Parecia ser um conjunto de mobília que vinha de um século e peças que pareciam vir dele, e parecia ser um cozinhado mais peculiar.

Havia várias mulheres lá, e elas estavam apenas a servi-lo; elas não conseguiam falar, mas serviram-nos porque ele ordenou, presumivelmente, e a rapariga trouxe algo para beber, pois foi o que chegou, de qualquer modo. E como eram estes pratos de formato peculiar que tínhamos? Ao meu chamo-lhe

"super-vida", mas de qualquer forma era completamente insípido para mim, e presumo que fosse portanto insípido para o meu companheiro; e depois tivemos o que parecia ser fruta — certamente tinha apenas a aparência de fruta, exceto que parecia ter uma cor brilhante e saudável que se esperaria que a boa fruta tivesse, mas parecia fruta de qualquer maneira, pois tinha a forma e, até certo ponto, a coloração. E tudo isto me pareceu completamente insípido, parecia não ter substância nem nada, mas talvez ele conseguisse ver aquilo de uma forma diferente de mim.

Enfim, ele pareceu muito afável, muito cordial; e então os meus companheiros, pela primeira vez (eu não tinha falado anteriormente, e tu tinhas estado consciente do que eles tentavam transmitir conforme eu ia andando), disseram-me que ele deveria esforçar-se por mudar a si próprio, para que a sua influência fosse sentida no resto das pessoas ali, porque a sua influência e a sua perspetiva estavam a afetar estas pessoas e a impedi-las de fazer qualquer tipo de progresso. Ele pareceu muito jocoso, meio que se riu e disse:

"Oh, não vieram pregar-me outra vez. Não vieram aqui dizer-me tudo isto de novo, com certeza. Por que se incomodam, quando podem ver por vós próprios que somos perfeitamente felizes e temos a nossa própria vida mundial? Eles aceitam-me como seu líder e eu certamente trato-os bem. Não espero que façam nada de especial. Aliás, eles são absolutamente livres aqui. Não têm regras nem regulamentos e não são restringidos de forma alguma. Eles têm a sua própria vida mundial, deixem-nos em paz, deixem-nos em paz, deixem-me em paz."

Sabes, apenas a perder o teu tempo, ou pior do que o sucesso. Bem, claro, tudo isto era muito intrigante, mas era bastante óbvio que eu não tinha visto de forma alguma o trabalho. Eu tinha percebido algum sentido na sociedade e não vi a fachada. Não seria a receção que tivemos, e algumas das pessoas não eram agradáveis, mas não era exatamente tudo um estilo de apoio, exceto por alguns estranhos aqui, e as ordens deles para que fizessem o mesmo.

Mas ouve este homem, que parecia ser o líder deles; certamente, a coisa toda impressionou-me tanto, tão peculiar. Senti-me desconfortável, senti que não

queria particularmente ficar por tempo nenhum, e nem sequer tinha ficado até agora, e isso seria livrar-me daquilo. Mas percebi que tinha sido trazido com este propósito, que talvez de alguma forma tivessem pensado que os meus companheiros seriam úteis para mim, pois há um sentido nisso, e eu estaria a olhar mais para trás para isso. Mas devo dizer que não estava feliz com aquilo, e certamente senti-me terrivelmente [mal].

Enfim, acontece que este homem, este homem que tinha grande poder e grande autoridade sobre um número de pessoas durante a sua vida terrena, era um homem que presumivelmente era capaz de influenciar as pessoas pelo poder da sua vontade; e, infelizmente, a sua vontade e o seu poder foram usados numa direção obviamente errada. No entanto, estas pessoas estavam bastante felizes por serem essencialmente escravas da sua alma para ele. Ele tinha um estranho tipo de poder, o seu próprio, e eu perguntei primeiro — estou curioso, porque não conseguia ver para que servia o mundo ali para alguém querer ficar lá, ou que poder este homem poderia possivelmente ter — mas era apenas uma diferença com a forma como qualquer um o tratava, que ele tinha grande autoridade.

Mas, presumivelmente, o que eu estava a ver era apenas uma parte muito pequena do seu... não fui capaz de usar a palavra "reino", mas certamente o seu lugar.

E eu continuava sem ver o objetivo de ser levado para lá, e na altura estava tão angustiado também, o que me parecia tão sem sentido e tão inútil ir para lá, porque é óbvio que estas pessoas, na sua própria maneira estranha, estavam bastante felizes, bastante contentes por serem como eram; e aquilo que nós chamaríamos, ou o que eu experienciei, ou o que eu pensava ser bondade, não era a bondade para eles que importa para o grau, e que eles estavam, à sua própria maneira, muito felizes, e estavam bastante contentes por viver naquele tipo de estado em que se encontravam.

Claro, percebi também que muitas destas pessoas tinham opiniões muito fortes. Primeiro, isto não me era muito aparente, mas gradualmente ocorreu-me que estas pessoas tinham ideias muito fortes, opiniões muito fortes, e que acreditavam muito sinceramente que eram a minha vida [a elite], e que a

felicidade deles era infinitamente, presumivelmente, superior à de qualquer outro. Eles eram tão firmes e fixos nessa ideia de visão, e particularmente como um líder; e lembro-me que tinha encontrado aqui na caravana pessoas totalmente diferentes, que estavam num estado de ser muito mais elevado.

Tudo parecia tão bizarro, que eu simplesmente não conseguia aceitá-los de todo, porque não posso dizer que fosse uma atmosfera má e, no entanto, ao mesmo tempo, para mim, neste meu lado, estou presente mas não conseguia ver que felicidade ou prazer poderia haver para qualquer uma destas pessoas viver na escuridão — no que eu chamaria de escuridão. Mas lá está, como disse, pode não ser escuridão neles, mas tudo parecia tão profundamente angustiante e desagradável.

E enfim, o meu companheiro falou com este homem e disse: "Bem, até que tu mudes, muitas destas pessoas não mudarão. E até que dês um exemplo, haverá pouca esperança para que muitas destas pessoas se libertem desta atmosfera pavorosa e da condição à qual estais todos sujeitos." Mas depois, como disse, este homem limitou-se a rir e disse: "Não sejas estúpido, do ponto de vista de pensares que não somos felizes, porque somos todos perfeitamente felizes. Tudo, todos aqui trabalham juntos à sua própria maneira e ao seu modo. Eles não querem fazer nada, e há algo para fazer. Então por que deveriam ser forçados a tornarem-se capazes de fazer algo que não são? Por outras palavras, estão contentes. Estão."

Nem tu nos chamas, nem eles se desenvolvem, tu chamas-nos, ouve isso. "Mas por que deveríamos mudar, se estamos como estamos, contentes? Não fazemos mal a ninguém. Vivemos à nossa maneira, de acordo com o nosso próprio pensamento. Não entramos em favor convosco. Não temos desejo nenhum de mudar." Tudo isto parecia ser, num sentido, bastante inútil; não sei se isto é, num sentido, uma missão desperdiçada, porque é bastante óbvio que não vamos conseguir ter efeito nenhum sobre ele. E tudo isto achei muito angustiante e inocente como a ferida de que os meus companheiros tivessem decidido trazer-me a este lugar tão deprimente, porque eu não conseguia ver. Eu podia fazer alguma coisa, não podia? Era mais de nós do que aquilo.

Enfim, após um bom tempo com isso, como eu estava a dizer, ela estava à espera, era sobre uma questão, chegamos a ela. E agora, eu estava a sufocar. Disse isto para o mundo. Ele disse que nos levaria e nos mostraria. Presumivelmente, pensei que ele ia dizer "mostra-nos o tempo que fiz". Tinha visto outro que já tinha visto, outro que tinha visto mais. Mas por esta altura eu estava a ficar um bocado irritável, receio, muito francamente. E senti que tudo isto era bem estúpido.

Senti-o tão sem objetivo para mim. Senti que era tudo tão desamparado, não é? Mas enfim, senti: "bem, aqui comprometi-me com isto", e foi-me dito para não ficar indevidamente deprimido. Mas na verdade eu estava a falhar agora, e estava tão chocado num bocado agora. Não era o meu tamanho, estava deprimido. Estava irritado com todo este negócio. Senti esta estupidez rastejante, e ele poderia ter tido o senso comum de perceber que isto não é de todo uma nova forma de vida. E eles deveriam querer sair disto sem terem tempo para as pessoas virem dizer-lhes para saírem.

Enfim, saímos desta casa e fomos para um campo mais distante; pelo menos fomos, ao que me pareceu, ao longo de uma inclinação íngreme. Uma colina, pela estrada, que... bem, se lhe chamasses uma estrada, em cada lado das nossas casas não havia nada que eu mencionasse, não parecia haver vegetação, não parecia haver árvores nem flores. De facto, para mim, estava tudo ainda no passado; mas enfim, caminhámos por esta estrada e, gradualmente, conforme subíamos mais alto por este trilho, por esta estrada, parecia ficar cada vez mais claro.

E parecemos entrar no que era obviamente alguma forma de campo, embora em comparação com o campo como conheces — por exemplo, não nos tinham falado de campo — mas era certamente mais parecido com o campo. Havia algumas árvores, mas eram muito mínimas, uma flor patética, pensei eu. Não parecia ter muita folhagem e pareciam estar em volta da torção da parede. E havia uma tenda, presumivelmente, relva a crescer. E parecia como... como posso dizer? Parecia um campo que outrora tinha sido, e depois declinou, e apodreceu,

e tornou-se retorcido. Era provavelmente o que poderias esperar que um campo parecesse após uma batalha, e tudo parecia retorcido e infeliz e deprimente, acreditado certamente por algo após o que já tínhamos visto.

Enfim, caminhámos mais e, conforme caminhávamos, como eu disse, parecia ficar mais claro, mas aqui e ali parecia haver uma pequena árvore a balançar e a dar alguma vida, alguns rebentos. E tudo isto pareceu-me surpreendente, qual era o objetivo, e assim vindo tão longe para ver tão pouco. Enfim, eventualmente, chegámos ao que era uma ponte e, então, se a consigo descrever, porque era uma ponte, até mesmo por ser um meio de passar de um lado de um rio para o outro. E quando chegámos a esta ponte, o velho virou-se para os meus companheiros e disse: "Bem, é aqui que vos vou deixar. Não vou mais longe através desta ponte."

E eu não conseguia ver o objetivo, mas enfim, ele disse que não tinha intenção de atravessar a ponte, e que era um limite, e que não desejava ir mais longe. Mas que, se quiséssemos, podíamos ir; mas disse que ele próprio não tinha desejo de visitar o que estava adiante. Enfim, eu não me importo, e tudo isto é tão estúpido. O que é que está adiante? E não consigo ver a ascensão até ao ponto em que pensei: "bem, o que quer que aconteça, se for possível, sei que não tens ponte para o ver, mas ainda assim, por que é que este velho é tão conhecido por não ir mais longe?". E é bastante óbvio que os meus companheiros queriam que este homem atravessasse esta ponte, e ele foi adamante: ele não ia atravessar esta ponte; e no entanto ele ainda... o ministro desta ponte... simplesmente não fazia sentido. Por que haveria ele de vir tão longe, e esperar que nós atravessássemos, e ele não?

Enfim, dissemos adeus e atravessámos esta ponte; e quando chegámos ao outro lado e olhámos para trás, consegui ver este velho ali parado, encostado a este cajado que ele não tinha caído. E ele, um pouco distanciado, passámos rápido, e pelo menos agora, eu disse que era rápido, tanto quanto ele me parecia estar longe; conseguia vê-lo à distância, encostado a este cajado, e um muito continuado, especialmente no rosto dele, está demasiado longe. Eu conseguia

sentir, às vezes, senti que era um sentimento de alívio; primeiro pensei que era um sentimento de alívio com o meu próprio, o que num sentido era, mas era outro sentimento de alívio que eu estava a captar, obviamente, daqui. Ele estava obviamente grato por termos partido, por termos ido embora.

Enfim, caminhámos e, muito em breve, tudo mudou. Em todo o lado ao meu redor parecia estar iluminado por aquilo que não posso dizer que fosse um sol, mas era semelhante neste mapa: em todo o lado parecia haver claridade e ar e frescura. Parecia haver uma testemunha de amor em todo o lado: árvores, pássaros, muitos animais, diferentes tipos de animais. Tudo parecia ter mudado: amigável, ainda muito de mim, ainda luz, tão pesado.

Eu achei: bem, a que se deverá isto? Por que é que este velho e o seu companheiro têm a ponte quase à porta da sua própria cidade, se lhe chamamos assim, e sabem a rota para ela, mas têm medo ou não atravessam a ponte para o outro lado? Eles não atravessam. Por outras palavras, leva o tempo, procura através da aventura de tudo isto. Sabes, parecia tão terrível que as pessoas pudessem estar tão mortas, que pudessem viver naquela atmosfera, naquela condição, e não quererem, nem sequer terem a curiosidade de ver o que luzia do outro lado.

E agora eu não conseguia ter... eu disse no sentido em que estava a pensar, disse que não conseguia fazer comigo mesmo e com os meus companheiros para não saberem o que eu estava a sentir, porque ouvi distintamente a voz outra vez, de um dos meus companheiros, e para mim: "Mas é por isso que nos estamos a aproximar aqui. Esta é uma experiência que já tivemos antes. Podes pensar que trazer-te aqui para baixo para este ambiente, ou deixar o ambiente para ser apenas encontrado, foi um esforço inútil e desperdiçado, e não consegues ver razão ou sentido nisso. Mas, por outro lado, queríamos que visses como as pessoas podem, por causa da sua cegueira perante as realidades, estar bem contentes num estado de espírito e numa penumbra, que aceitam e encontram num estado da forma estranha da sua própria felicidade.

E no entanto, no seu próprio limiar, há uma ponte por onde podem alcançar algo muito melhor. Nós próprios estivemos várias vezes deliberadamente lá para

que pudéssemos ter de influenciar o velho a vir connosco sobre a ponte, porque uma vez que o tivéssemos tirado da ponte, tenho a certeza de que a confusão teria caído. Porque ele é o líder deles, eles aceitam-no, seguem-no, o que ele lhes diz é lei. Eles não conseguem ver mais longe do que este velho. E portanto, se alguma vez o conseguirmos levar connosco, era uma ponte, o resto eventualmente seguiria.

Esta é apenas uma pequena parte de um certo aspeto da vida aqui, onde as pessoas habitam em comunidades, de acordo com a sua perspetiva individual e coletiva ou condição de pensamento. Estas pessoas habitam num estado mental muito baixo. Não são pessoas más, não são pessoas perversas, são apenas pessoas um bocado estúpidas. E estas pessoas aceitam o facto de que devem ter um líder, aceitam o facto de que devem ter alguém que pense por elas, e aja por elas, e faça por elas. E enquanto tiverem as coisas que querem, que são bastante primitivas, porque estas pessoas nunca sentem que somos primitivos."

Embora venham de várias raças, não são necessariamente todos um só povo, a mesma raça de pessoas, mas este homem foi escolhido por eles para ser o seu líder. E eles têm, muitos deles, estado lá por muito tempo, mas um dia, um dia eventualmente, alguns dos indivíduos — independentemente do líder, mesmo que o próprio líder não atravesse a ponte... Aqui e ali, de facto, tem havido alguns raros que eventualmente têm um registo, que começaram a pensar por si mesmos e a começar a perguntar-se o que é que lhes falta ou o que estão a perder, e o que poderia haver do outro lado da ponte.

Vês, num sentido, isto é simbólico e, no entanto, é uma realidade. O simbolismo e a realidade podem andar de mãos dadas por aqui. Eles têm um simbolismo que tem uma realidade maior do que as pessoas percebem. Pode passar por coisas serem símbolos, mas por trás de muitos símbolos existe uma grande realidade. Para estas pessoas, viver agora num mundo é simbólico de si mesmas, e agora olho para a minha mente. A oportunidade está lá quando desejarem aproveitá-la, para se melhorarem. Mas tantas pessoas continuam cegas, e aceitam de bom grado o que começaram, ou aceitam para si mesmas, e

levam isso adiante, e isso é para elas, e está a elevar-se até elas, até certo ponto, com isso. Mas um dia, elas chegarão à mudança.

Não deves ficar deprimida porque esta tem sido uma experiência excitante. Claro, nota que não entrei em detalhes, porque em certos aspetos eles podem não estar presentes, e certamente não se pode... eles vão repeti-los. E, lá está, parece-me que estas pessoas — e não gosto de dizer isto, num sentido, porque dá uma impressão errada sobre o reino animal — mas nalgum sentido, é ainda mais parecido com o animal do que seria. E eles compreendem... bem, por que não podem viver num nível mental muito estreito? Mas parece-me que eles têm estado tantos anos nessa sorte de condição. Em tais ilhas, há um caminho, a menos que tenham outro líder, como os que têm. Quero dizer, não como ele, mas alguns deles não são poderosos e fortes o suficiente para permitir que tantos saiam daquela situação.

Eu sei, isto não tem sido um sentido de algo, e lamento, mas vês, eu realmente conto-te o que experienciei, e só preciso de dizer que sei a resposta de por que certas coisas devem ser assim. Vês, acho que tens de assumir, se puderes, fazer uma comparação no sentido material.

Rose Creet: Sim, sim.

Stephen Ward: Porque, sabes, tão bem como eu sei, que há muitas pessoas que se juntam e formam uma seita, ou uma organização, que pode ser para o bem ou para o mal; mas às vezes, tens grupos que se desenvolvem — refiro-me a grupos insuficientes para serem um partido — onde o ego fundamental está solto.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E a mesma coisa aplica-se numa comunidade como esta, embora no sentido em que quase não posso dizer que nada do que experienciei lá foi fácil; o que me pareceu ser uma escuridão da mente, isto de não estar preparado para pensar, não ser capaz de se esforçar. Parece que devem ter estado em si mesmos, individualmente. Acredito que podem nunca se ter encontrado na Terra. Devem ter sido indivíduos muito pensativos e muito do tipo... não sei, o tipo de pessoas que não se podiam importar menos sobre se cuidavam de si mesmas ou não, ou se pareciam limpas ou o que vestiam; se pessoas cuja

mentalidade foi obscurecida por alguma razão, ou talvez nunca tenham tentado educar-se ou provavelmente apenas para fazê-las compreender mais sobre isso.

No sentido em que, por exemplo, pode haver pessoas que tiveram de viver uma vida de desespero e até de miséria, mas elas próprias não escolheram isso, foram vítimas disso, e gostariam de sair, mas fariam o esforço que pudessem. Isso é bastante diferente. Mas estas pessoas parecem-me pessoas que não tinham ambição, nem desejo, completamente sem desejar fazer nada em particular, pois parecem-me mais como "coisas alegres" [no sentido de passivas].

Acho que o caminho que deveria haver, ou o que se pode fazer por pessoas assim... parece-me que elas próprias, obviamente, como em todos os casos, suponho, devem fazer o esforço e as pessoas ainda podem mostrar o caminho. Quero dizer, por exemplo, o velho: ele obviamente conhecia o caminho; e obviamente, muitas das pessoas conheciam o caminho; e podiam não saber o que havia do outro lado, mas sabiam que precisava de algo ou de algum lugar. E tu pensas que tem sido ótimo fazer o esforço, é apenas uma cura para elas, mas parece que tantas destas pessoas podem tender a ser como eram.

Rose Creet: Pergunto-me se terias um forte impulso de voltar lá, e se também quererias voltar lá.

Stephen Ward**:** Bem, não sei, não consigo imaginá-lo, porque não gostaria de sentir que eu era o primeiro a desesperar de elevar ou ajudar, de forma alguma. Acho que é errado ser derrotista, porque... mas digo realmente que o sentimento que tive lá foi, bem, para mim é pavoroso, porque não conseguia ver como as pessoas podiam viver e ser daquela forma. Bem, eu queria fazer algo sobre isso, mas estas pessoas simplesmente pareciam não querer saber. E pareceu-me que o homem que era o líder, essa era a pessoa de caráter forte na cena.

Não quis dizer que ele fosse necessariamente um mau caráter ou um bom caráter — e não acho que ele fosse bom, é verdade. Mas, ao mesmo tempo, ele era a pessoa que eu sentia que podia esforçar-se; obviamente, no sentido que tinha, ele apenas não queria nada mais do que o que tinha. Ele estava contente.

Uma das coisas é que é mau estar contente — quero dizer, suponho que o contentamento seja algo mau, e no entanto, num sentido, pode ser uma coisa boa; mas, neste caso, nalgum sentido, é algo mau, porque eles deveriam querer sair daquele ambiente.

Claro, os outros dizem-me que eles sairão; o tempo não sendo nada num sentido para nós, de certa forma, talvez eu diria que não importa, mas importa imenso. Mas parece-me que a sensação da ideia de tempo, sendo num sentido de existência para estas pessoas, e assim que virem o vislumbre de luz, assim que fizerem o esforço, então elas, eventualmente, subirão. Então, viste o mesmo no coração, a mesma coisa na Terra, que eu não esperava encontrar aqui. Quero dizer, não tive qualquer pensamento sobre isso de todo quando vim mas, antes disso, tinha visto coisas tão diferentes lá; pelo menos, onde quer que eu tivesse estado, tinha sido agradável, nunca tinha sido desagradável. Tinha sido sempre claro, não escuro, e tinha sido sempre, bem, tu sabes, era belo.

Bem, continuo à espera de descobrir, mas dizem-me que sim. Isto é tudo parte de um oitavo da minha experiência, sim. E embora eu possa não ver o objetivo ou o propósito disso no momento, este par de muitas outras experiências, que ainda hei de ter, em lugares que ainda hei de visitar, eventualmente tornará possível para mim ser capaz de entrar... sabes, o grande edifício de que te falei.

Rose Creet: Ah, sim.

Stephen Ward: Eu estava ansioso por entrar. Sim. Eles tinham passado por estas várias experiências, visitado estes vários lugares e atingido um certo ponto — eles estavam prestes a colocar ali, na minha experiência — então eu estaria pronto para entrar neste lugar e ali receberia as minhas instruções, ali ser-me-ia dito qual seria o meu trabalho e o local onde o deveria fazer.

Vês, no momento eu tenho tido, mais ou menos, poder-se-ia dizer, liberdade completa, o que aprecio. E estou ansioso por experiências de todos os tipos, e estou certamente a consegui-las, e também sou capaz de voltar aqui, e fico muito feliz por fazê-lo, mas é bastante evidente que, mais cedo ou mais tarde — e espero que seja mais cedo — eu deverei ter passado por uma certa quantidade de

experiências de vários tipos, e isso permitir-me-á receber instrução sobre o que será o meu trabalho, ou em que consistirá, porque eu sei que naquele grande edifício existem muitas grandes almas, conforme me foi dito, que atingiram um estado muito elevado de evolução. Um movimento não espera receber ordens — para começar, porque ali ninguém é ordenado a fazer nada — mas no qual te é apresentada a oportunidade de fazer certo trabalho que ajudará outros, claro, e também ajudará a própria pessoa. Não que se faça por esse propósito ou razão, mas, por outras palavras, é um estado de ter atingido o ponto em que tu própria te tornas... eu estava a expandir a palavra, que soa terrivelmente religiosa sobre mim... por outras palavras, parece que as pessoas passam por uma forma de iniciação.

Não sei se isso está terrivelmente ligado e se corre assim, mas tudo o que sei é que é óbvio para mim — e consegue-se dizer imediatamente com as pessoas, estas eu consigo agora — se elas atingiram um certo grau de desenvolvimento, ou evolução, ou chamem-lhe o que quiserem; e elas foram, por assim dizer, iniciadas em certos mistérios. Eu juro, se quiseres pôr as coisas assim, pelo menos seriam mistérios para mim, porque eu não os compreendia, mas não para elas. Por outras palavras, passas certos testes; e se eu passei, bem, esses testes... mas tais como os que tive agora, não gostaria realmente de dizer.

Certamente não sinto que tenha passado em quaisquer testes com o que experienciei e te contei agora mesmo, mas porque, muito francamente, assim que o tempo... ainda está parado também. No momento, pelo ponto ali, não há dúvida de que tem algum fator importante ou papel a desempenhar no meu futuro. Enfim, se tiver, e o que for, eu explicar-te-ei. Contei-o, e tem sido... porque, muito francamente, é muito difícil de retratar e descrever, e eu acho...

Enfim, e tanto quanto encontrei em cena, porque é importante reiterá-lo, mencioná-lo, porque, bem, não achei que te ajudaria se eu compreendesse... não acho que me tenha ajudado a mim, mas na verdade, vai em frente... mas enfim, tem algum papel a desempenhar na minha própria evolução. Bem, de qualquer forma, não quero que fiques deprimida com isto.

Rose Creet: Ah, não, não.

Stephen Ward: Eu gostaria que pensasses que este é o lugar onde muita gente vai, ou o tipo geral de atmosfera — isto é obviamente algo muito excecional. Bem, suponho que tenhas apenas de ver como é o dia, em público. Por isso espero que também venha a ter algumas experiências muito agradáveis e felizes para te contar. Portanto, se as tiver, é verdade; quero dizer, no meu próprio ambiente, onde estou eu próprio, estou realmente feliz na comissão. São vastamente diferentes do que te foi retratado neste outro lugar. É bastante óbvio para mim que existem muitos, muitos, muitos estratos diferentes, ou esferas, ou como lhes queiras chamar, onde as pessoas vivem em comunidades.

Conheci uma ideia de pessoas vivendo em comunidades, na comunidade, ou grupos. Não sabia porquê, mas agora percebo que tem de ser assim, porque obviamente as pessoas devem ser absolutamente diferentes umas das outras, de acordo com o seu conhecimento e o seu brilho, e o seu desenvolvimento, ou o seu antagonismo, a sua perspetiva e sabe-se lá o que mais. E é bastante óbvio que elas formam estas diferentes estruturas de vida. E são tão variadas e tão interessantes.

Rose Creet: Acho que tens estado a passar agora pelas diferentes estruturas, uma por uma.

Stephen Ward: Bem, não sei, suponho que haja algo nisso, mas certamente espero ser capaz de encontrar algo realmente excitante para te contar, ou algo um bocado mais agradável, ou um lugar totalmente diferente. Não vale a pena contar-te todas as coisas simpáticas e não te contar nenhum destes mitos.

Rose Creet: Certo, certo, certo.

Stephen Ward: Quero dizer, tens de ter o preto e o branco. Tens de ter a imagem completa, e não creio que ninguém consiga realmente apreciar nada a menos que tenhas os dois opostos, ou que tenhas os extremos.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Suponho que a vasta maioria de nós se encaixe algures no meio, mas existem estes extremos, claro; e o extremo no mau sentido pode ser desagradável, mas é necessário ilustrá-lo, não achas?

Rose Creet: Sim. Bastante frustrante.

Stephen Ward: Em todo o lado vou contar-te tudo o que aprender. Oh, é um bocado... é um bocado... enfim, fá-lo-ei. Enfim, tenho de ir agora. Ver-te-ei em breve, porque disseste que te sentias segura. Lamento.

Rose Creet: Sim, bem, enfim, isso é algo pelo qual tenho de trabalhar.

Stephen Ward: Sim. De certa forma, sabes, não me sinto consciente porque não estou a fazer nada de especial nem a trabalhar em nenhuma direção particular. Tudo o que sei é que estou a esperar e certamente a fazer o que me dizem, embora aí, mais uma vez, isso seja um termo impróprio, porque não me dizem para fazer nada. E no entanto há um súbito... sabes, honestamente, é isto. Acho que tu... e ninguém te dá qualquer ordem. Ninguém te dá quaisquer instruções. Ninguém te diz o que fazer. Mas, de alguma forma, dás por ti a fazer coisas e, de certa forma, pensas subitamente para ti: "isto é estranho. Não me disseram que eu tinha de fazer isto. Não me disseram para fazer aquilo." Mas dás por ti a dizer ou a fazer de bom grado, percebes. É como se, de alguma forma, o poder do bem fosse tal que tu respondes automaticamente a ele. É maravilhoso.

Mas mesmo quando, talvez, algo é desagradável, ou talvez como isto que te acabei de contar, que para mim foi desagradável, a pessoa diz a si própria que o está a fazer de bom grado. E a outra pessoa não gosta, no sentido em que a reação da pessoa foi de arrependimento e, ao mesmo tempo, sentiste: "bem, pelo menos estou contente por tê-lo feito". Mas por que o fizeste, ou qual era o propósito, provavelmente neste caso não consigo ver; mas sem dúvida que será clarificado e verei a razão pela qual, quem sabe. E talvez seja, de facto, para ajudar aquelas pessoas de algumas formas; enfim, hei de descobrir. Já mostrei isso. Existe alguém... nada? Não há nada. Sim, e nada me vai impedir de descer à rede no final do ano. Não importa se eu for para as estrelas e células, continuarei a voltar para ti, para falar contigo. Oh, tenho de ir. E tudo o que tenho são bênçãos. Adeus.

Rose Creet: Adeus.

Stephen Ward: Deus te abençoe. Adeus. Então, vais mostrar isto que está no teu cérebro em breve?

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Adeus. Adeus, Senhora.

Rose Creet: Adeus, querido, obrigada.

Stephen Ward: Obrigado. Sim. Sabes o que quero dizer?

Mickey: Oh, sim, eu também já lá estive. Não é muito simpático.

Rose Creet: Tu já lá estiveste?

Mickey: Oh, há muito tempo. Tu desenhas uma imagem como esta. Bem, crianças não, não, não. Sem crianças. Não, sem crianças também.

Rose Creet: Mas por que foste lá?

Mickey: Oh, não vou lá há muito tempo. Acho que estive lá há muito tempo. Oh. É difícil gerir uma experiência. Acho que muita gente vai lá.

Rose Creet: Vão?

Mickey: Às vezes não são vistos, claro. É muito invulgar ser-se visto quando se está lá. É muito invisível por causa das cenas ocupadas.

Rose Creet: Ah, sim.

Mickey: Isso foi porque estavas sob as pessoas certas. E era necessário. Oh. Faz parte deste treino. Acho que havia uma pequena razão para eles lá estarem. Enfim, vou pressionar e descobrir mais tarde contigo. Adeus.

Rose Creet: Adeus.

Stephen Ward: Adeus. Adeus. Não fiques deprimida com isso. Adeus.

Rose Creet: Oh, não. Oh, não. É muito intrigante. Oh.

* * *

031164

Comunicador: Dr. Charles Marshall

Marshall: Aqui é o Marshall, Charles Marshall. Sim, sou eu. Como está, minha querida? Eu estou muito bem, obrigado. É bom vê-la. E o Dr. Baird, você foi muito insistente quando falou com o Stephen Dowd hoje.

Rose: Oh, ele contou-lhe sobre isso?

Marshall: Sim. Sim, bem, a maioria das pessoas, eu creio que a maioria das pessoas — provavelmente outras também, mas não eu próprio — elas são muito

estranhas, especialmente. Mas, por outro lado, deve lembrar-se disto: e penso que isto é o mais vital, lembrar todo o aspeto quando se discute que tudo é um estado de espírito. Tudo é um estado de acordo com o indivíduo. O que se aplica a um não se aplicará necessariamente a outro.

Números incontáveis de pessoas encontram-se em vários estágios ou graus de desenvolvimento, ou falta dele, de modo que, naturalmente, encontramos aqui todo o tipo de condições. Existem alguns lugares extraordinários que, se alguém os descrevesse, soariam quase inacreditáveis e fantásticos. Mas, claro, é pura e unicamente o estado de espírito dos indivíduos em questão que, pela sua própria perspetiva, criaram a atmosfera na qual eles mesmos existem.

Mas, novamente, deve-se lembrar disto: não importa quão desagradável uma condição de vida possa soar para esses indivíduos, invariavelmente — com algumas exceções, mas invariavelmente — é para eles uma condição bastante feliz ou algo agradável. Porque foi isso que eles próprios trouxeram à existência e o que eles próprios, até certo ponto, se não sempre, merecem. Por outras palavras, quando essa pessoa muda a sua perspetiva, quando começa a pensar e a agir em consequência de forma diferente, ainda assim fará para si mesma uma *entrée*, por assim dizer, num estado melhor.

Nunca nos deveríamos sentir demasiado infelizes ou demasiado deprimidos, porque, afinal de contas, as coisas são vistas deste ponto de vista: quando descemos para vos ver no vosso lado da vida, quando vemos o estado do vosso mundo, quando vemos o caos, a infelicidade e a miséria de números incontáveis de pessoas, quando vemos a incerteza sob a qual vivem, as condições, o medo que há no mundo, sentimos que, para nós, o vosso mundo, em tantos aspetos diferentes, é um lugar muito infeliz, muito triste e impermissível. Não quereríamos mais viver nele. Percebe? E, portanto, pode-se olhar para a questão desse ponto de vista.

Também podemos ver que, à medida que as próprias pessoas e comunidades, ou grupos, ou nações, se preferir, pensam e agem em conformidade e de forma diferente, assim toda a sua atitude mental muda e as suas condições mudam. Passa-se a ter uma raça de pessoas mais feliz, por

exemplo, do que muitas no vosso mundo; uma raça mais avançada, uma raça de pessoas mais intelectual — pessoas, por exemplo, que se preocupam com o bem-estar dos seus jovens e dos seus idosos. Por outras palavras, existem certos países que são mais progressistas do que outros e vivem uma vida muito mais feliz e livre.

E, em consequência, olhamos para esses países ou para essas condições, naturalmente, como avançados e melhores. Se alguém conseguir ver as coisas numa perspetiva verdadeira — e penso que é tão importante que as pessoas vejam o verdadeiro aspeto da vida — verá que em qualquer condição de vida, seja no vosso mundo ou em qualquer um dos planos aqui, é pura, única e inteiramente uma questão de pensamento individual e coletivo.

Stephen: Sim. Oh sim, esse é o meu ponto de vista. Mas e quanto a essa parte de que fala, nesse estado aí em baixo... o líder desse estado parece ser um homem muito agradável, de acordo com o que diz?

Marshall: Bem, sim. Sabe, olhemos para a história dele. Quantas provas desta pessoa, deste lugar. Isto não é, de modo algum, o que se chamaria um lugar maligno. Chamar-se-ia, certamente, um lugar muito pouco evoluído, um estado de ser muito insatisfatório para qualquer ser humano que queira viver e respirar. Mas, lá está, para estas pessoas em particular, que são um grupo muito misto — isto do ponto de vista de quem olha para trás, para a sua nacionalidade terrena — aqui, a nacionalidade como tal é fenomenal, significa pouco ou nada. O ponto é que estas pessoas são, à sua maneira, contentes e felizes, pouco evoluídas como são; e o seu líder, em muitos estados, parece ser uma boa pessoa, mas não uma pessoa avançada.

E, novamente, estas pessoas estão bastante contentes por estarem — eu ia usar o termo dominação — sob a dominação de homens, e é até verdade dizer isso, porque elas são livres, num certo sentido. O que está errado, claro, é que as suas mentes, até certo ponto, não são livres, porque só conseguem pensar de uma determinada maneira. Ainda não perceberam as grandes possibilidades dentro de si mesmas.

E esse, claro, é o segredo de toda a vida no que diz respeito aos seres humanos. Como, aliás, todas as grandes religiões ensinam: a iluminação da mente e da alma é através da leitura. Podem ser ensinados, podem ler livros, podem estudar filosofia, podem estudar ensinamentos, podem estudar este ou aquele grupo particular, ou religião, ou credo, ou o que quer que seja, mas ainda depende do indivíduo a forma como aceita e como aplica isso.

Por exemplo, há milhões de pessoas que provavelmente se chamam a si mesmas católicas, ou profetas, ou budistas, ou o que quer que sejam, que na verdade, francamente, apenas aceitam sem realmente aprofundarem e sem fazerem muito a esse respeito, ou sem aplicarem no verdadeiro sentido. Por outras palavras, é o que se é dentro da alma interior, e como reagimos e respondemos a essas perceções e emoções que deveriam — e muitas vezes podem, com o facto de uma vida — afetar-nos até certo ponto, se formos uma pessoa mudada. O ponto central é este.

Somos como somos. Nem mais, nem menos. E assim, quando chegamos aqui, não é a nossa religião particular ou aquele credo específico que importa tanto. É aquilo em que nós próprios nos tornámos através dos nossos pensamentos e das nossas ações. E, portanto, claro, encontram-se aqui estados e graus de ser variáveis, de acordo com o indivíduo. E o que seria o céu para uma pessoa, poderia facilmente para outra ser, não exatamente um inferno, mas certamente um lugar no qual se sente desconfortável, para simplificar.

Portanto, tudo aqui é lei e ordem, tudo aqui é organizado num sentido tal que nem se tem consciência da organização, porque é uma organização de livre vontade, e é uma questão de compreensão. E a pessoa apenas compreenderá até onde a luz permitir.

Stephen: E o que é que anotaste?

Marshall: Bem, eu penso que o ponto central é que se trata de uma experiência, essa é possivelmente uma das razões principais — se não for a razão principal — e possivelmente com a perceção de que, mais tarde, ele possa sentir a necessidade ou o desejo de ir lá pessoalmente, para ver se pode ajudar de alguma forma.

Porque, veja, com uma pessoa como o Ward, temos uma personalidade e um caráter excecionalmente interessantes; uma pessoa muito vital, muito viva, uma pessoa que pela sua própria natureza é boa, no sentido em que não concebe erro e não guarda rancor, não importa o que a vida lhe tenha feito ou quão duramente o tenha tratado. Ele sente um grande afeto e consideração pela humanidade, e é o tipo de pessoa que é fácil e livre na sua maneira e no seu discurso, e demonstra uma grande inteligência e compreensão. Ele não é do tipo *Nandy Pamley* [sic], aquela coisa insossa que muitas vezes se recebe das pessoas; é algo genuíno.

E ele sente que quer saber tudo o que pode saber, e é o tipo de pessoa que quer espreitar por trás da cortina antes de o espetáculo estar pronto, esse tipo de pessoa, entende? O que, claro, nem sempre corre bem, e nem sempre se deveria fazer, mas o ponto é que ele estudou esta experiência enormemente ativa; e se vê a oportunidade ou tem um indício de algo interessante a acontecer, por exemplo, ele dir-me-á de vez em quando: "Ora, em que é que estás ocupado?" ou "Onde vais?". E eu sei que, lá no fundo, ele pensa para si mesmo: "Hum, aposto que ele vai para algum lugar interessante ou vai encontrar algo diferente... pergunto-me se ele me poderia levar?". Portanto, esse é o tipo de atitude mental que recebo dele.

E às vezes, se tive oportunidade de o levar ou se foi possível, eu digo: "Sim, isto é exatamente o que precisamos". Não há dúvida de que ele construiu um relacionamento à sua maneira e no seu tempo. Claro, ele é tremendamente curioso. Ele é muito mais curioso do que um macaco. Quero dizer, se ficar em frente a uma jaula a observar macacos, eles estão muito mais interessados em si do que você neles. Isso é o que há de estranho nos jardins zoológicos, aliás: as pessoas não olham para estas criaturas maravilhosas com olhos de ver. Não o sabem, mas o macaco é uma pessoa no outro lado que é muito mais divertida, muito mais consciente do que o próprio macaco. E ele é assim, sabe, tem a curiosidade de um macaco e não é suficientemente autossatisfeito. Quer saber tudo sobre tudo.

De qualquer modo, considero-o uma pessoa muito esclarecedora com quem estar, um tipo muito divertido e interessante. E, francamente, sinto-me mais do que feliz por prestar qualquer ajuda ou assistência para o levar a qualquer lugar que eu possa. Mas, claro, como já lhe disse, é uma questão de controlo pessoal. Até certo ponto, em certas experiências, é melhor aproximar-se do que tentar ir longe demais. Porque ele está a assimilar uma quantidade extraordinária de conhecimento num tempo extremamente curto. Mais, na verdade, do que muitas, muitas pessoas que conheci que vieram para aqui; nunca conheci nenhum indivíduo que fosse capaz, que tivesse tanta experiência, que fosse capaz de a adaptar e fazer bom uso dela em tão pouco tempo como ele fez.

Afinal de contas, quando se considera isto: eu vi pessoas aqui que estão cá não apenas há dois ou três meses ou anos, mas, em alguns casos, até há centenas de anos. E não estão nem de perto tão evoluídas como ele. Sabe, essa é a coisa mais fantástica, quando se pensa nisso — que o tempo, num sentido, nada nos pede, claro. E que quando a pessoa, talvez, está aqui há 200 anos, esperar-se-ia que tivesse ascendido a um estado de ser muito elevado, mas não é necessariamente assim. Conheci pessoas, e conheço pessoas agora, que ainda vivem num mundo da sua própria imaginação e das suas próprias ilusões, no qual estão perfeitamente contentes e felizes.

Não têm nenhum desejo particular de mais conhecimento ou mais experiência. Agrupam-se na sua própria comunidade. E vivem um tipo de vida que, para dizer o mínimo, foi inventado, aberto e integrado. Vivem e pensam à moda antiga, tal como faziam talvez há 200 anos. Sabem que estão num estado de ser diferente e continuam a recriar — e isto é o importante — continuam a recriar, numa volta ao passado, uma réplica, o mais próxima possível — e na verdade é altamente precisa — da própria condição de vida à qual estavam habituados no seu próprio tempo. É algo extraordinário. E é triste.

Rose: E por que razão construíste tantas assimilações no jogo?

Marshall: Bem, claro, eu não pensaria... Há uma razão para isso. Há razões muito, muito boas para isso. E penso que isto é algo que pode dar conforto a algumas pessoas no vosso lado, se me permitem dizer: existe uma lei natural que

compensa e também, na medida em que compensa, pode ser uma forma de retribuição.

Por outras palavras, se uma pessoa no vosso mundo tem uma vida indivisível, dura e infeliz; se é desnecessária para outra parte da sua própria existência; se a sociedade ou a condição de vida na qual existiu foi indevidamente injusta, então neste mundo há grande justiça. De facto, no vosso mundo há grande injustiça. Neste mundo há completa e absoluta justiça. E uma pessoa que, obviamente, teve um tempo infeliz no vosso mundo, que sofreu grandemente sem culpa própria, colherá a recompensa neste mundo ao ver-se livre de todas as suas ansiedades, preocupações, doenças, o que quer que seja. Descobrirão que existe uma compensação. Não estou a sugerir com isto, exatamente... não gostaria que fosse mal interpretado, que só porque uma pessoa teve uma vida má na terra, que isso justificará necessariamente e sempre uma existência mais feliz.

Mas o que estou a tentar dizer é isto: pelas próprias leis da natureza, as próprias leis da vida, quando a vida foi indevidamente injusta sem culpa do indivíduo, há uma razão; e muitas vezes eles não conseguem estender isso — pode ser que em alguns casos, não todos, eles escolham, através de alguma falha da sua própria natureza em tempos passados, ou falhas nas suas próprias vidas que nada fizeram para erradicar, eles escolham estender o sofrimento para que possam apagar, pela experiência de uma natureza infeliz, erros e más ações passadas. Por outras palavras, terão a sua salvação, se quiserem colocar as coisas assim, por uma segunda ou terceira encarnação.

Isto nem sempre se aplica, mas é o caso em questão com algumas pessoas. A vida, veja bem, a vida é sempre — nem sempre se percebe isto, ou melhor, as leis da vida, ou as leis da natureza, ou as leis de Deus, qualquer que seja o termo que queiram usar — são sempre justas, embora possam parecer poucas na altura. E o Steve, claro, é do estilo antigo, ele teve muitas experiências, um papel individual; e era provavelmente muito necessário — e talvez não para o Steve, pois este é um ponto muito importante, não possivelmente para sua edificação ou para o seu bem, num sentido — que ele sofresse da maneira que sofreu.

Pode ser que uma pessoa, às vezes, seja feita sacrifício, quer de forma voluntária ou inconsciente. Vejam, as pessoas no vosso mundo muitas vezes só pensam profundamente, ou são afetadas, quando algo acontece que lhes causa grande preocupação; veem uma injustiça, ou veem algo acontecer que cria um tipo de sentimento de que algo deveria ser feito a esse respeito, que não seja tarde demais para essa pessoa, nem para outros que ainda possam vir. Por outras palavras, para provocar a mudança. Vê-se isso ao longo da história: pessoas que se destacaram de alguma forma, que se entregaram, quer voluntariamente ou, em alguns casos, inconscientemente, para o bem dos outros.

Todos os grandes mestres, todos os de grande consequência, todos os grandes profetas, todos os grandes salvadores, ou messias, ou líderes de qualquer grande verdade religiosa — verdade real — invariavelmente sofreram. Não estou a comparar, claro — como o Stephen gostaria — aquele que é rejeitado, aquele que é desprezado, aquele que é obrigado a sofrer, muitas vezes por culpa de outros; tanto quanto existem aqueles que sofrem, e possivelmente mais ainda, esses indivíduos, frequentemente, pelo seu próprio sofrimento, pela sua própria entrega, ajudam a humanidade, ajudam os outros.

Vejam, Stephen Ward: a missão da sua vida foi a de um homem que, tal como o mundo o vê, era muito humano, muito natural, muito normal; e em vez de despertar uma grande dose de ódio — digamos isto de forma muito suave — o que ele não viu é que despertou um sentido de justiça nas pessoas. E elas sentiram: "bem, ele foi um homem que foi feito bode expiatório, ele foi um homem que estava a ser usado como uma ferramenta, que estava a ser obrigado a carregar a ira de muitas das culpas de outros em altos cargos, que foram capazes de se safar, ou de se protegerem pelo seu nome, ou título, ou posição, ou o que quer que fosse".

Por outras palavras, ele foi sacrificado, num sentido, no altar do *establishment*. E, muito francamente, penso que ele não fez nada que não fosse bom. As pessoas podem não sentir isso, desse ponto de vista — algumas pessoas não sentem o bem — mas, na verdade, ele trouxe para a mente consciente de

números incontáveis de pessoas o sentido de que uma injustiça foi cometida e que tal não deveria voltar a acontecer.

E penso que descobrirão que muitas coisas passaram no passado, onde o *establishment* atuou, onde certos indivíduos foram abertamente poupados, mesmo tendo sido governantes terríveis e tendo provavelmente cometido atos piores do que ele alguma vez cometeu. O ponto é que se trata de uma consciência pública. Visa mostrar que a vida de ninguém é, num certo sentido, apenas sua. É de cada um, claro. Mas se somos trazidos para um mundo, para uma comunidade, devemos tornar-nos parte dela. Embora gostemos de dizer a nós próprios que somos indivíduos — o que obviamente somos — isso não retira o facto de sermos parte da comunidade. Somos parte da fraternidade humana. Somos todos responsáveis, até certo ponto, pelos outros. Não podemos simplesmente passar pelo outro lado da estrada.

Todos temos de aprender a ser bons para a humanidade. Todos temos de aprender a apreciar o facto de que existem outros que estão a ficar para trás na estrada da vida. Existem outros que são demasiado fracos para seguir em frente e que se sentam à beira do caminho. Nós não podemos, no nosso desejo de forjar caminho, simplesmente avançar e negligenciá-los. A única maneira de podermos esperar avançar é parar no caminho e ajudar primeiro os menores e os mais infelizes. Dar-lhes uma ajuda, confortá-los.

E isso é, para mim, e eu vejo-o assim: porque sinto que estas pessoas que, conforme o mundo gira, fazem progressos tremendos e se tornam, como o mundo as vê, bem-sucedidas, são muitas vezes, em muitos casos, as menos bem-sucedidas de todos nós. As pessoas, muitas vezes, que não parecem ter grande sucesso na vida; as pessoas, talvez, que vivem na obscuridade, cuja vida é uma luta, onde têm grandes tentações e às vezes falham devido às circunstâncias sob as quais vivem... mesmo as pessoas cuja saúde e necessidades mais precisam de ajuda, mesmo as pessoas que, por causa das condições da sua vida e circunstâncias, são as próprias pessoas que, num sentido, são as que estão a sofrer e, em consequência, as que mais necessitam.

Marshall: Devemos esforçar-nos por ajudar-nos uns aos outros. Devemos esforçar-nos por ajudar os menos afortunados. E, claro, permitam-me explicar esta ideia: ser menos afortunado não significa necessariamente que essas pessoas estejam no vosso caminho.

A pessoa que está financeiramente embaraçada, ou que talvez esteja numa posição em que não pode fazer isto ou aquilo, muitas vezes essas pessoas, nalguns casos, são maiores do que quem pagou por elas. Porque não se deve ver apenas um lado do quadro. Por outras palavras, devem pensar que, muitas vezes, as responsabilidades das pessoas que têm dinheiro são maiores e, nalguns casos, este é o lado negativo do trabalho.

Porque elas não sabem onde estão, não sabem como aproveitar a vida, porque com o tempo essa pessoa entra num período de dinheiro ou numa fase de paragem e o que quer que seja, e isso, muitas vezes, é uma barreira para o progresso espiritual. Porque a única maneira, posso assegurar-vos, de alguém progredir espiritualmente é através do sofrimento de alguma forma ou feitio. E parece-me que o caminho do sofrimento é, muitas vezes, o caminho da salvação, é o caminho do progresso.

A menos que tenhamos tido doença, a menos que tenhamos tido deceção, a menos que tenhamos tido mágoa; estas coisas, num sentido, nada têm a ver com dinheiro. Estas coisas têm a ver com o indivíduo humano. Estas são as coisas que são comuns a toda a humanidade, seja qual for a sua posição na vida.

Quer estejam numa posição influente ou em circunstâncias de pobreza, toda a humanidade está a passar por condições de vida que, a dada altura, causam grande preocupação. E, por vezes, as pessoas falham — falham a si mesmas, falham aos seus amigos e falham aos seus entes queridos. E o ponto é este: a pessoa que encontrou o verdadeiro caminho, que percebe o significado do que a vida realmente é e do que se trata, e quando a pessoa compreende a verdade da sobrevivência — que a vida na terra, afinal, não é mais do que algo passageiro, mas algo necessário e excecionalmente interessante — assim que as pessoas percebem que a vida é, num sentido, a sala de aula, então aprendem as suas lições e aproveitam-na.

Mesmo que, por vezes, não alcancem ou pareçam não alcançar o topo da turma, se não forem dados prémios, não é isso que importa. Não é aquele que recebe os prémios. Não é aquele que chega ao topo da classe.

Na verdade, muito frequentemente, a pessoa que quer fazer as coisas que nem sempre resultam é aquela que tem mais coração. E porque tem mais coração, é o materialista mais bem-sucedido; o que é importante para ele é existir num sentido espiritual e no sentido de ser uma pessoa real. Esse é o objetivo de viver: aprender a ser uma pessoa real, não uma pessoa sintética, não uma pessoa que é toda fachada e sem nenhum dom.

Existem tantos no vosso mundo e, o pobre Stephen, toda a sua vida, infelizmente, pode-se dizer que foi construída com pessoas dentro e fora da sociedade que eram sintéticas, que estavam à superfície, sem dom, sem integridade, sem sinceridade; e quando ele precisou da ajuda delas, todas lhe falharam. Cada uma delas fugiu. Ou por realização própria, pois podiam sair porque estavam numa posição que o permitia, ou tentaram esconder-se de alguma forma ou, inclusive em alguns casos, até pagaram para manter os seus nomes fora dos jornais.

Posso dizer-vos que Stephen foi transformado no porta-voz da sociedade, de uma certa classe da sociedade, de pessoas que não tiveram a coragem, que não tiveram o estofo, que não tiveram a personalidade nem o caráter para estar ao lado dele. E, em consequência, após todo o caso, apenas um deles saiu prejudicado: o Stephen. E essa é uma das razões pelas quais ele está no estado feliz de ser em que se encontra, por que ainda está vivo, vitalmente, mentalmente vivo, tão entusiasta; desnecessário dizer que, em todos os aspetos da vida que encontrou aqui ou experienciou, ele é, em muitos, muitos aspetos, um jovem notável.

E eu quero que vocês — e tenho a certeza de que já o sabem — mas quero que todos os outros saibam isto. Portanto, qualquer pessoa que consigam trazer para vir ouvir o que estou a dizer... sabem, ele está a começar a fazer o seu caminho por aqui. Porque, sabem, muita gente tem essa ideia estúpida no seu mundo: assim que um homem está no chão, querem pôr-lhe o pé em cima.

E se ele acontece, ou alguém acontece, chocar com a ideia de moralidade deles, mesmo que tenham saído das celas dessa classe, continua a ser o que gostam de aparentar à superfície. Então, claro, só lhes resta deitar a pessoa abaixo para se cobrirem a si mesmos, muito frequentemente. Mas sabem, é uma coisa extraordinária como as próprias pessoas que mais perseguiram o Stephen eram muito piores do que o Stephen alguma vez soube ser.

Rose: Oh, tenho a certeza disso. Tenho a certeza disso. Porque ele próprio — e claro que tinha falhas — mas ele próprio era perfeitamente honesto, era uma pessoa honesta.

Marshall: Ele não tinha astúcia. O que ele fazia era de forma aberta e dentro do que, segundo ele, era a norma. Porque ele nem sequer admitia que o que estava a fazer fosse errado. Afinal de contas, ele não organizou esta rede de vício. Não é essa a questão? A rede de vício continua connosco, não é verdade? Por acaso conhecia algumas pessoas de costumes leves, mas dificilmente é alguém bem conhecido. Não houve lugar alto que ele não tenha visto, ou não tenha conhecido, ou do qual não tenha tido uma experiência de compreensão, mas ele perdeu isso.

É tudo tão estúpido. É por isso que ele tem sido muito gentil. Acontece apenas que ele é uma pessoa muito conhecida, não viu um lugar muito alto, que se permite entrar num pequeno espaço e não tem a coragem de se retirar gentilmente para manter as coisas caladas. É apenas isso, o homem foi direto e honesto. Ele teria mantido o seu bom nome. Estou a falar do outro homem por humor.

Rose: Sim, sim.

Marshall: E ele não admoestou o seu governo ou o seu país. Ele, se alguém fosse culpado, se alguém estivesse na posição errada, ele sairia e falaria, e havia outros também, tão maus como ele. Eu nem culpo por humor no sentido de que, se quiserem ter a mesma opinião, devem tê-la. É muito desnecessário, suponho, para uma esposa encantadora e culta, mas aqui têm. Assim é a vida.

Portanto, o que me irrita é que ele devesse ter pensado em qualquer coisa. Primeiro, ele teria sido gentil novamente. Quero dizer, aqui está uma linha em que me misturei, com a qual ninguém ficou satisfeito, o infeliz Stephen.

Rose: Oh, estou tão contente que a Mary tenha falado assim sobre o Stephen.

Marshall: Bem, eu teria todo o prazer em dizer-vos o que sei. O que eu sei é a verdade. E a verdade é que, se alguma vez houve um bode expiatório [*state cabinet*] [sic] neste país, em Inglaterra, certamente o Stephen teve uma cabeça para erguer. Sim. E outra, claro, caiu por um tempo.

Rose: Oh, sim.

Marshall: E há outros. E sabem, acho que é uma coisa extraordinária como algumas das mentes mais talentosas, mais espertas, mais brilhantes, as pessoas mais cultas, são aquelas que têm de levar com as culpas pelas coisas que nos rodeiam. E sabem, o público, infelizmente, delicia-se com o belo esquecimento. Diverte-se imenso. Passa o tempo todo a elogiar-se a si próprio e diz: "foi isto que nós fomos, foi isto que descobrimos".

Sabe, a vida, às vezes, como lhe digo, quando voltamos para o vosso lado, e a entrada do vosso mundo, e o estado humano do mundo, e o estado do departamento do governo nas mentes das pessoas... eu não disse que isto é justo, mas devo dizer que estamos muito desagradados, Mary.

Rose: Oh, suponho que sim.

Marshall: De qualquer modo, minha querida, o Stephen não pôde vir esta noite, mas tenho a certeza de que virá na quinta-feira. Na verdade, claro, esta não é a vossa noite, mas eu compreendo a razão. É por isso que acho que se sentiu tentada a vir esta noite. Oh, eu gosto disso. Foi muito bom falar consigo, Rose, e agrada-me vê-la tão bem quanto está. E faça como lhe dizemos. Não se sobrecarregue. Tente organizar a sua noite. Não receba demasiadas pessoas com demasiada frequência. E não coma muitas coisas. Acho que isso é tão importante.

Rose: Oh, não, não. Estou muito satisfeita.

Marshall: Acho que está muito melhor. E nós estamos certamente a fazer tudo o que podemos. Então não peça por isso.

Rose: Eu pedirei.

Marshall: E já agora, a sua mãe enviou todo o seu amor e bênçãos. E o seu irmão está ao seu lado durante toda a noite. Sei que ele quer dar-lhe a sua parte de amor e bênçãos. E, bem, ver-nos-emos novamente na quinta-feira. Adeus, John. Obrigado por terem vindo. Adeus, minha querida. Adeus.

* * *

051164

Mickey (Guia): Comunicador, Stephen Ward. Este som foi gravado a 5 de Novembro de 1964, a 6 de Novembro de 1964, e eu vou cantar. Sim, eu, eu estava a correr, mas vou conseguir esta noite. Vou fazer o clamor das pessoas aqui outra vez, mais do que o habitual, se servir de alguma coisa. A sério? Parece-me que o outro lugar parece estar fixado no clamor disso, a sério. Suponho que não tenham muitos de nós.

Stephen Ward: Bem, creio que vêm por várias razões. Bem, acho que há muita gente que é atraída para aqui porque tem este tipo de perceção da possibilidade de comunicação. De certa forma, vejo a "monocidade" — suponho que seja a melhor maneira de o descrever. Parece envolver o espaço. E, claro, depois lá está, é como tudo o resto. Estas coisas espalham-se. Sabes, as pessoas dizem: "Oh, estive na cidade, cidade, cidade. Quem me dera vir, ver do que se trata". Sabes, francamente, é uma questão de sistema de mudança. Sabes, um conta ao outro, e todas as outras pessoas são atraídas por várias razões. Na verdade, como disse uma vez antes, é como uma estação de passagem. Mas estou a aguentar. Enfim, é maravilhoso. A sério? Porque há mais pessoas lá. Elas

gostam disso, num sentido. Muitas em harmonia. E, certamente, depois da noite, as noites de confusão habitual estão em harmonia.

Rose: O que tens andado a fazer, Steve?

Stephen Ward: Oh, bem, tenho andado a fazer o que quer que tenha andado a fazer. Na verdade, tenho estado a relaxar muito mais do que ultimamente. Tenho estado a levar isso a sério. Há coisas que talvez não se deva dizer muito. Não tenho feito nada exceto divertir-me. Nota que eu divirto-me, faça o que fizer. Mas o primeiro chega um dia. É porque é apenas pelo vosso tempo. Mas, ultimamente, pretendo relaxar. Sinto, na verdade, na verdade, na verdade... sinto que tive de abrandar um pouco. Acho que estava a tentar fazer demasiado. Mas comecei a perceber que, mesmo agora, podes conseguir uma espécie de manutenção de algo no gesto.

Sim. Sinto que queria descontrair e relaxar completamente e meio que digerir tudo o que aconteceu. Sabes, meio que rever e pensar sobre isso e depois percebê-lo. Por outras palavras, senti que tinha de, pelo menos por enquanto, por um tempo, simplesmente descontrair e relaxar completamente e permitir que tudo se tornasse totalmente digerido mentalmente, e mentalmente, e mentalmente.

Rose: Sim, eu também.

Stephen Ward: Na verdade, tenho feito todo o tipo de coisas, francamente, no sentido de que nunca fiz muito esforço, ou tive esforço ou oportunidade. Bem, na verdade, tenho estado no que chamarias a ter umas férias. Tenho estado apenas a descansar completamente e a pôr os pés para cima. E também tenho estado a nadar e tenho estado a trabalhar na minha escola, apenas campo e tudo o mais. De facto, o que eu não fiz, poder-se-ia dizer, do vosso lado, é o facto de estar a aprender a apreciar coisas agora que, do vosso lado, eu costumava achar um bocado secantes. Não sem ser cego, sabes, cego para a beleza do campo e outra coisa. Mas, ultimamente, era apenas um pouco de tempo em qualquer lugar, seja que horas forem. Não sabia, através do simular tudo, depois superar tudo e encontrar amigos, e apenas estar calmo e em paz e relaxado, e finalmente divertir-me. No aniversário as notícias surgiram.

Sim, mas assim que demos uma vista de olhos, na verdade, ainda estou meio ativo. Mas isso ali, também, deve ter sido fraco, ajudando-me num dia frio ou tempo, suponho, mas tenho estado meio feliz por apenas pedir. E eu ia dizer "ao sol", mas não propriamente ali, mas tem de parecer descontrair, desvendar, relaxar e simular tudo, ir a todo o lado e discutir coisas com várias pessoas; é interessante ouvir ali, mas eu gosto de ouvir as pessoas. Sou um pouco menos do que na verdade. E a um nível, dessa forma, claro, e algumas das experiências que tive, senti que apenas tive de matar mais um grau delas dentro de mim, se me entendes.

Rose: Sim, sim.

Stephen Ward: Porque realmente, agora "fui à cidade", como poderia ter sido, desde que estou aqui. Fiz um pouco da minha própria coisa. O que é aparentemente um tempo curto a chegar aqui? Sei que o Dr. Marshall falou comigo no outro dia e, realmente, ele falou lindamente sobre ti. Quero dizer, eu não o conhecia pessoalmente. Ele estava a dizer-me: "Oh, tu estás grávida", e eu queria saber tudo. Eu aprecio-o muito. Ele é um bom filho. Ele é um professor, e eu imenso. Bem, eu sei que ele é um ministro também, muito mesmo. Quero dizer, ele é uma pessoa notável por aí. Acho que ele é uma das pessoas mais maravilhosas que já conheci e, muito francamente, há muita provocação. Ele não é homem, ele deixa-me impressionado. Até eu posso ter feito isso. Mas ele é muito doce. Quero dizer, ele é o que estás prestes a ter. Além de que ele ainda vai tocar na velha guarda. Tens o velho tipo de médico de família vitoriano. Sabes, temos sido amáveis e, claro, ele pode, como sabes, falar e meter-se e meio que, talvez repetir-se. Suponho que o faremos.

Acho que, na verdade, muito francamente, acho que é uma conversão que, quando voltamos e falamos convosco, bem, nunca sempre. Deveria ser certo. Se enfatizámos as coisas o suficiente, ou quando trouxemos para foco, poder-se-ia dizer, tudo o que tínhamos na nossa mente que morreu, foi o que vos transmitiu. E às vezes eu deveria imaginar que temos o hábito de dar a volta a tudo duas vezes. Eu sei que ele tem, porque eu apenas fiquei ao lado e ouvi-o. E pensei: "lá vai ele dizer aquilo outra vez por cinco minutos". Uma pessoa não percebe que o

faz. Suponho que eu faça o mesmo. Vês, o ponto é o transmitir os pensamentos de alguém para o sol. E para que possa ser ouvido. Assim que é vibrado, estás no feitiço. E passamos para outra coisa. E nunca temos bem a certeza se vemos algo. E nós, é realmente difícil. Não consigo explicar isso. Eu olho para isso. Acho que, para algumas pessoas, isso é muito necessário. É tudo isso se repetires.

Bem, acho que certas coisas não vão repetir-se. Quando vês o estado da vida no teu mundo, no estado de, bem, vidas individuais, pensas para ti próprio: "Meu Deus, eu também quero envolver isto neste ponto específico ou certificar-me de que a pessoa compreende aquele ponto particular, seja o que for que eu queira transmitir". Podes tê-lo francamente e algumas pessoas, bem, podes continuar a amar o nome. Podes tê-lo, mas ainda assim não consegues realmente chegar a lado nenhum. E certas pessoas são realmente necessárias. Não me referia a ti.

Quero dizer, eu nunca o desenvolvi. Bem, pelo número de coisas que eu repetiria. Mas às vezes, quando tenho sido eu próprio, como um amigo, eu próprio, como nos velhos tempos, não fiz uma cabeça disso. Mas estive tão maldito aborrecido, e pensei: "Oh Deus, agora não outra vez"; pensei: "bem, pobre homem, tens toda a minha simpatia". Eu não quereria o trabalho dele pelo dinheiro da China, sabes? Quero dizer, apanhas este pobre coitado. Quer dizer, não sou culpado, suponho. A maioria deles é muito simpática e muito sincera. Mas realmente, sabes, não posso desistir disso.

Rose: Mas o que acontece se ele se mantiver afastado de ti?

Stephen Ward: Bem, acho que às vezes, e suponho que não devesse afastar-me dele. Não achas que ele não trata... não é trivial para eles, vês? Quero dizer, ou para eles outra vez, voltas ao indivíduo. O que é trivial para o meu negócio? É realmente trivial para eles. Mas acho este tipo de conversa de negócios, este tipo de notas caseiras ou coisas de papel de escolhas, é um bocado demais. Sei que é natural que as pessoas queiram falar com aquela nação em particular.

E isso é muito humano, mas ainda me parece que ficas um pouco em baixo quando eles falam sobre o mundano, coisas infrutíferas que eu acho que poderiam acompanhar. Pensas na oportunidade que tens a partir dali, sentas-te,

dizes coisas estúpidas. Lembras-te disto? Ou achas que eu devia fazer aquilo? Ou achas que eu devia fazer aquilo? E depois, sabes, e muitas vezes a pessoa deste lado ainda está ansiosa por falar inteligentemente.

Mas pode haver algum espaço onde ela possa dizer: desce também ao nível deles. E eles não vão fazer a pessoa feliz e agradar-lhes, por isso claro que fazem, mas é também muito dececionante para as pessoas quando deixam o seu mundo perceberem que não lhes disseram nada. Elas realmente deveriam ter-lhes dito tudo sobre a vida que tiveram de meio que ajudar com os problemas materiais mundanos, que muito francamente... mas elas realmente não o fazem. Mas, sabes, é um bocado um problema. Oh, sim. Sei, agora, que muito poucos deles realmente acham que é mais interessante nas coisas públicas, e perguntam aos seus amigos, e por aí fora, na terra. Em vez de lhes perguntarem sobre aqueles que levam a vir falar com eles. Achas que vou dizer isso? Sim, vou dizer isso. Achas que vou dizer isso? Não sei. Não sei como é que é assim. Não.

É maravilhoso falar contigo, Less. Bem, é maravilhoso falar contigo, porque apenas me faz... receio que digas coisas, sabes. Sabes, palavras diferentes, três ou quatro palavras. Enfim, tenho estado a ter um bocado, mas estou realmente ciente, como disse, de que tens estado no que chamas relaxar. Quero dizer, relaxar em boa companhia, o que acho que é a coisa mais maravilhosa porque, bem, à parte de estar no meu ar, e apenas com ocasião, relaxei com mentes brilhantes, o que é estimulante, sabes, porque estou numa saúde central, tão feliz por poder falar com as pessoas, e ouvir o que elas têm ali, e ouvir as suas experiências, e por isso conheci todo o tipo de pessoas. De facto, através de ti, Rachel, tu simplesmente não sabes o quanto te estou devedor. Fazes-me sorrir quando falas comigo e dizes: "bem, estou tão feliz por vires", e depois estou devedor a ti, realmente, realmente porreiro, o que realmente é o caminho oposto de aprender, porque ao vir aqui conheci algumas das personagens extraordinárias e muitas pessoas brilhantes, como uma delas, por exemplo.

Agora, vês, precisas de mim agora, não há ninguém do tipo que faz os jogos, sabes, como quer que lhe chame, é um dos clãs, ou enfim, ele é todo de estar aqui, e conheci-o aqui, e conheci imensa gente, incluindo, sabes, outras

pessoas, mas conheci algumas personagens interessantes, à parte de Alfred Friedrich, que é bastante diferente de tudo o que pensarias; bem, tenho a certeza de que me pode ser permitido dizer isso, mas o teu quadro mental é nítido e é bastante improvável na realidade.

Rose: A sério?

Não sabia que devia dizer isso, mas não devia tentar desiludir-te de forma alguma, de forma alguma, de forma alguma; não devia tentar tirar o quadro romântico que provavelmente tens, mas o ponto é que ele é, às vezes acho que ele deliberadamente, de facto, não acho que vás gostar bem, ele deliberadamente prega-te partidas, mercenários, e acho que ele está realmente errado com ele, e eu disse-lhe isso.

Stephen Ward: E ele, de certa forma, bem, sorri, e não é assim tão mau, não faz realmente mal, e de certa forma, é bom também, porque acho que às vezes — enfrentemos a realidade — acho que às vezes ele tem um pouco de medo de se tornar demasiado sério, e estou a dizer isto de forma muito... todas as coisas dizem que eu acho que ele sente que certos aspetos de si próprio, da sua vida e do seu passado — e não me refiro apenas ao seu passado quando era Chopin, mas a outras partes da sua formação e vidas anteriores — são tão complexos que ele sente que seria quase impossível, provavelmente, explicar-lhe algo; e se ele não tentasse, seria provavelmente incompreensível.

E creio que ele prefere que penses nele como ele era, como Chopin, e que tenhas esse tipo de imagem mental dele como um músico brilhante. E há lá um jovem alegre, três que irão, já agora, para os cães, no sentido em que eu acho, sabes, quero dizer, tem problemas reais de saúde e outros, e ele sabe, e essa é a imagem que tens da sua última encarnação. Mas ele também é, na idade da intuição, tem uma perceção e, como todos nós por aqui, evoluímos gradualmente e mudamos, e certamente tornamo-nos, já que ele é realmente diferente; mas ele é uma mente brilhante. Não se trata apenas da sua música, na qual ele era capaz de pintar poemas — que ele é brilhante; ele é brilhante da outra forma, pois é um compositor brilhante, e não apenas de composições... não me refiro

necessariamente apenas por palavras, sim, mas por... não, por força do pensamento.

Há um pensamento que emana da mente dele que ainda não está lá, e continua a ser tremendamente interessante e tão pitoresco; ele pinta em todo o lado, pinta com os seus pensamentos. Ele não o faz apenas com a sua música; ele pinta melodias adoráveis e tons adoráveis, uma espécie de estados de espírito e representações emocionantes e excitantes das semelhanças que acontecem à vida e à humanidade. Mas, em si mesmo, todos sentem o calor do seu carácter, sente-se o calor da sua personalidade e sente-se, conforme se está em sintonia — deixa que seja mentalmente — se vires a mente dele, a música é a mente dele em ação, o que é para mim uma coisa extraordinária. Pois a única semelhança que te posso dar é que, ao perceberes a beleza que reside na música dele, e ao poderes fechar os olhos e permitir que esta música se torne, dentro de ti, algo que te agita e te afeta, sabes, dá-te uma imagem mental, servindo-se a si próprio na sua personalidade de uma forma mais profunda, de uma forma maior, claro, do que na sua música; aqui também, o que é numa escala muito maior.

E a única razão é, creio que ele também deve ter sentido, que a música em si, aqui, não é tão limitada como deve ser na Terra, por causa da amplitude ou algo assim, e também pelo facto de o som só poder ser ouvido e, certamente após um certo nível aqui, as coisas parecem ser, contrariamente ao indivíduo, claro, parece haver um limite para a beleza do som. E é uma coisa extraordinária como se pode criar som mesmo sem o recurso a instrumentos, quer seja o meio... ou o meio dos órgãos, ou quer seja o piano, ou o violoncelo, ou uma orquestra; grandes músicos e grandes canções e, certamente, Frederick Chopin é um pouco de si próprio, e eles são capazes de criar a mais deslumbrante harmonia do coração e a mais deslumbrante melodia, e a mais deslumbrante música emocional que mexe com o ser, e deixa que os instrumentos pareçam desnecessários. E eles não o são para estes grandes mestres, e como é que os instrumentos entram nisso?

Bem, eu... sabes, tu perguntas sempre algo e parece que tirei muitos proveitos disso quando digo que eles criam sons; estes sons, obviamente, são

sons que estão a vibrar, mas só são ouvidos, obviamente — parece-me — por pessoas que conseguem estar em sintonia, e a pessoa que está sentada por perto. E parece-me, claro, e quanto mais percebo pela vida por aqui, e de facto quanto mais percebo, e não como, num sentido, do vosso lado, a vida fundamental toda é vibração. E é sobre nós que, quando regressares, saberás exatamente o que a vida é, sabes, como o mundo é vibração?

Em qualquer atmosfera na qual existas, no ar que respiras; de facto, o próprio facto de a Terra estar a girar no espaço, tu fazes vibração, mas quando atinges uma vibração que é apenas alta, ou mais antiga, num nível muito alto, muito alta mentalmente, e psicologicamente, e espiritualmente, e quando consegues uma fusão completa de tudo o que é dele, de bom, de toda a sua aspiração, de tudo o que é dele — bem, mesmo na pedra, mesmo no teu país — eleva-te cada vez mais alto, é como se estivesses a atingir novas lentes e a tocar novas esferas de experiência.

E é sempre isso que parece ter um poder tão tremendo a desempenhar na vida aqui. Eu sei, isso inunda-me, eu sei disso; nos momentos em que, ainda recentemente, relaxei completamente. Só posso dizer que, num sentido, desfrutei tanto disso, se não mais, do que das próprias experiências que tive visitando outros planos e lugares. De certa forma, suponho que é uma chaminé ali, lá está, tal como ali, portanto isto é uma coisa necessária que aconteça a todos, todos os anos, quando estão aqui por um tempo, que estão cheios de ansiedade, nada menos, nada menos ali, e depois a contagem do auto-atendimento e o sentimento de repouso é necessário, e o relaxamento.

E é ao fazer isso, claramente, que pareces ser capaz de atingir um novo cerne; é como se estivesses gradualmente a descontrair e a sintonizar-te numa vibração mais perfeita e numa consciência mais perfeita. É como se tudo o que estivesses a assimilar começasse a encaixar-se, e na sua completude total, porque, bem, como dantes, estava fragmentado, e havia um bocado aqui e um bocado ali, estavas a fazer isto, estavas a fazer aquilo, estavas a conhecer aquela pessoa, estavas a visitar aquele lugar, e estavas a dar todos estes bocadinhos de

experiência e conhecimento e por aí fora, mas de alguma forma ninguém conseguia encaixar tudo.

É uma coisa extraordinária se, como pessoa... de certa forma, é como quando tu... eu sei isto, não é necessariamente que eu não o possa evitar, mas quando estás na Terra, vais para o estrangeiro, amigos, e se fores de férias, se realmente desfrutas quando ouves os sons estranhos, comes comida diferente, amigos, não há pensamentos de estar sem algo diferente de ti e estranho, e tu desfrutas, mas achas exaustivo. Quando voltas, é como se fosses capaz de relaxar e rever tudo, e começas a apreciar mais e a ser capaz... és capaz de, bem, conhecê-lo num sentido melhor, sabes?

Não sei se eu... provavelmente não é um bom símile, mas é apenas uma espécie de... mas algo deste género me aconteceu e, eu sei, agora vejo-te agora pela primeira vez. Sabes que eu não tinha construído, num sentido, anteriormente, mas agora sinto-me completamente estabelecido, sinto-me completamente relaxado, mas, sabes como costumavas vir ter comigo e eu ainda o faço, eu sei, é uma espécie de... cheio de seres e cheio de, bem, com excitação... sim, bem, claro, eu sei, mas o ponto é que eu percebo que vou ter uma carreira, e vou ser sensato, e vou, ao partilhar conhecimento e experiência, tenho de notar que eles se curvam e tenho de, bem, simplesmente ficar ali um pouco mais plantado e criar o meu sentido.

Eu sei, notei isso, sabes. Nota que, e apenas contigo, que tu és assim tu própria, nunca serás realmente, mas eu disse-te as nossas plantas, e há momentos em que soube que estavas meio plantada, mas não é preciso muito para aqueles que tu és. Eu acho, eu acho, bem, provavelmente digo bem — e não apenas eu, mas outros que vêm — é que, particularmente todos nós, e eu meio que me recomponho, sabes, como os médiuns, assim: no ar, lá nas profundezas, e tu és assim também, e por isso isto é, isto é, isto é, isto é... isto é, isto é, isto é, isto é, isto é, isto é tudo, como todos nós somos, de certa forma...

Sim, é uma coisa maravilhosa. Oh, acabou-se, e aquelas pobres almas que não se alimentaram, simplesmente não conseguiram a ferramenta toda.

Stephen Ward: Eu disse-te que comecei por alguns deles, isso é uma propaganda tão doce. E, para alguns, por alguma razão, eles não pareciam ser os mais pobres, em vez de ser o (…) onde se cultivam flores, e eles estão apenas a apontar para eles e para os seus familiares específicos que possam ter vindo falar com eles. Mas quando penso no que ouvi, e no que experienciei lá em baixo na cela, eu fá-lo-ei.

Diz-me, diz-me, ainda bem que isso não me encontra. Enfim, não deveria dizer isso, porque não sei. Eles têm de facto algumas comunicações maravilhosas, e havia certas almas no preservativo, e há algumas coisas inteiramente diferentes. Mas, a rotina normal, e o que se passa lá em baixo, estás bem, D.I.?

Rose: A sério? Eu acho, bem, claro, eles estão contentes por estares bem.

Sabes, as coisas ainda podem ser demasiadas, é tudo muito humano, e eu não deveria dizer isto, claro. Mas, lá está, assim que disseram: "estás bem?". Agora, o que é que eu vou fazer em relação a estes? Oh, eu acho isto, que, com o tempo, sabes, e claro, não outra vez. Sabes, dá um pouco de paz às pobres almas. Mas, é isso que eu não deveria dizer. Sabes, eu gosto de ouvir isto, e de não ouvir. É interessante. E havia, sabes, pessoas a rondar e a bater como loucas, ou algo do género, sabes.

Mas, mais do que fazer, e apenas estar na prateleira da lareira, ou não estar em cima do guarda-fatos, ou fazer alguma coisa estúpida e maldita, sabes, apenas ocasionalmente, mas provavelmente acontece, as pessoas fazem de facto coisas para atrair a atenção. Acho que isso é muito humano, muito natural. Mas, ao mesmo tempo, algumas destas pessoas parecem pensar que os seus entes queridos não têm mais nada para fazer senão andar por aí a pregar-lhes partidas e truques. E para não ser uma discussão, muito frequentemente, eles vieram para o fazer. Eles têm de ser uma coisa real, mas uma parte do caminho é bastante engraçada.

Enfim, foi bom ouvir-te outra vez, e sabes, sabes, sim, dez de distância, não sabemos? Oh, mas, enfim, tenho carradas de dez assim que o apanho, sabes,

continua a não importar. Bem, vais dizer-me o que vamos fazer em vez disso, vamos? Oh, oh. Aqui estou eu. Meu amor...

* * *

261164

Comunicador: Dr. Stephen Ward.

Olá. Sou eu, o Stephen. Não fiques tão surpreendida. Oh, sim, sim. Valha-me Deus, qualquer pessoa pensaria que era um milagre. Não, não acho que isso seja verdade. Oh, é todo um entusiasmo, suponho, por eu não ter jantado aqui. Bem, não tenho estado aqui. Não, não, absolutamente nada. Já que a ausência faz o coração ficar mais terno. É isso mesmo. Eu poderia ficar fora um pouco mais de tempo. Oh, não, não. Que doce. Não, não. Não faças isso. Não tenho intenção de ficar longe. Não me consigo imaginar a ficar longe por muito tempo, de qualquer forma. Na verdade, só estive fora... Sim, eu sei. Parece muito tempo.

Suponho que pareça muito tempo, mas num sentido, suponho que não o seja. Na verdade, tenho estado, de certa forma, a descansar. Sim, já me disseste isso. De certa forma, pelo menos. De certa forma. Não sei exatamente porquê, mas... De certa forma. A refletir, suponho. Suponho que seja o que mais se aproxima de uma explicação. Tu não estavas a refletir muito na outra noite. Oh,

sim. O que estavas a tentar fazer? Oh, não sei. Pensei apenas que talvez fosse interessante experimentar um pouco deste outro assunto de que ouvi falar imenso. Eu sei disso. Este assunto da materialização. Nunca estive numa materialização.

Gostaria de ver como é. Sabes, vi todo o tipo de coisas à minha frente. Oh. Como um vapor de coisas por todo o lado. Mas não há nada de vaporoso em mim. Não. E eu detestaria deixar-te com os vapores. E eu senti. Eu disse: "oh, tenho a certeza de que há alguém muito perto de mim". Eu senti-o. Bem, estou muito perto de ti. Mas se alguma vez serei capaz de ter sucesso em fazer algo como uma materialização, ninguém parece estar terrivelmente entusiasmado com isso por aqui. Eu não acho isso. Eu não acho isso. Acho que o Marshall não está muito entusiasmado com o assunto, a julgar pela reação dele.

Ele parece pensar que já tentámos este tipo de coisa antes, sabes. Sim. E que já chega, sabes. De qualquer forma, não me estou a preocupar. Quero dizer, se puder vir e falar com ele, fico bastante feliz. Mas se houver uma hipótese possível de fazer outra coisa qualquer, vou tentar. Oh, sim, sim. Visto daqui, as coisas são tão radicalmente diferentes. E até, bem, francamente, eu estou tão diferente de tantas formas. Quase não me reconheço quando olho para trás. Sabes, parece que aconteceu tanta coisa em tão pouco tempo. E embora fundamentalmente, suponho, eu seja o mesmo, noutros aspetos, acho — aliás, sei — que estou muito diferente.

Quero dizer, estou muito próximo de muita gente. Mas não tenho uma única pessoa na minha vida, não nesse sentido. Claro que a pessoa aprecia e sente as coisas mais profundamente, e as pessoas em particular, creio. E sinto isso tão intensamente agora que estou em sintonia, suponho, com o mundo, em qualquer lugar em que consiga pensar, com toda a gente, com a maioria das pessoas. Sinto-me tão absolutamente em harmonia. Não sei como explicá-lo. Eu sei. E todos parecem gostar muito de ti. A única altura em que me sinto fora de harmonia, se é que se pode chamar assim, é quando volto à Terra.

Oh. Não quero dizer que esteja fora de tom ou de harmonia contigo, ou com as coisas como lhes chamas, mas às vezes, quando fico mentalmente em... Ah,

sim, eu compreendo. Sabes, nas vibrações da Terra ou o que quer que seja, estou consciente, digamos, das pessoas, dos indivíduos e das coisas que acontecem. Simplesmente não me sinto em harmonia. Tudo parece soar mal. Acho terrivelmente difícil sintonizar-me, estar em qualquer forma de harmonia, realmente. Como estás diferente. A Terra parece tão diferente. Oh, como estás diferente agora em relação ao que eras no início.

Oh, sim. Eu já não conseguiria... Quero dizer, francamente, se eu tivesse uma nova vida, é como se voltasse e tivesse o mesmo tipo de oportunidades, ou até outras diferentes, e com a mesma perspetiva que tenho agora, eu seria uma pessoa inteiramente diferente em certos aspetos; e certamente não iria para a "escória" com que me misturei antes. Isto não é ser indelicado. É apenas que eles já não teriam qualquer interesse ou apelo para mim. Quero dizer, eu... Não, não te encaixarias lá. Não, não me encaixaria, porque eu... não que eu não fosse, nalgum sentido, um pensador profundo, mas o meu problema, velha amiga, é que nunca dei a mim próprio tempo para pensar muito.

Ganhei o hábito de viver talvez um pouco na superfície, a deambular pela superfície. Acho que percebi dentro de mim que, se me permitisse pensar e agir demasiado profundamente, então, bem, eu simplesmente não me encaixaria. Não seria capaz de ter feito algumas das coisas que suponho ter feito. Mas a questão é que percebi que havia dois lados em mim e, bem, suponho que deixei apenas um predominar sobre o outro. Bem, eu acredito em ti. Tanta gente disse que eras um objeto maravilhoso. E se eras isso, não tinhas muito tempo para mais nada. E em todo o caso, tinhas de ter algum tempo de relaxamento após o trabalho árduo. Sim, é verdade, mas percebo agora, vês — certamente não o sabia então — mas percebo agora que eu era um psíquico ou médium inconsciente.

Por outras palavras, eu era hipersensível e costumava ter de me forçar, às vezes, a usar uma espécie de fachada falsa. Era a única forma de eu poder possivelmente continuar. Quero dizer, eu sentia as coisas intensamente. Não me refiro apenas a coisas que alguma vez vieram para esta vida, mas quero dizer que sentia intensamente as pessoas, os seus sofrimentos, os seus problemas e as suas angústias. E às vezes costumava ter de me endurecer, caso contrário não teria

sido capaz de fazer nada. Costumava forçar-me, por vezes, a não me envolver demasiado, sabes.

O engraçado comigo é que percebo agora que era, ou fui antes, um "totó", sabes, num certo sentido. Quero dizer, estava sempre pronto para dar uma nota de cinco libras, sabes, esse tipo de coisa, e era sempre facilmente persuadido a fazer coisas de que, depois, por vezes me arrependia. Muitas das coisas que me aconteceram não foram por escolha minha. Na verdade, fui, de certa forma, algo fraco. Ainda assim, aqui estamos. Não estou a dizer que sou um mau tipo. Enfim, só quero que saibas que não quebrei os laços. Sabes, quero dizer, foi apenas nestas últimas duas ou três semanas que tenho estado a ir com calma e não tenho vindo tanto.

Bem, o que fazes quando tens um relaxamento desses? Oh, o que é que se faz? A pessoa relaxa completamente. Essa é outra coisa interessante: aqui tem-se o poder e a capacidade de relaxar totalmente. Ou seja, a pessoa é capaz de, por assim dizer — como se diz — esvaziar completamente a mente, num certo sentido; e, no entanto, claro, isso também não é verdade, porque aconteceu-me tanta coisa que muito disso teve de ser revisto. Eu meio que pensei sobre as coisas e tentei fazer com que as peças encaixassem onde não encaixavam. Sei que isto soa tolo, mas não o posso evitar. Não, não, não, eu sei perfeitamente.

Certas coisas que aconteceram não faziam sentido para mim, nada fazia sentido do velho ponto de vista material, e tentei ser racional sobre tudo isso; e é muito difícil ser racional num mundo como este porque, embora num sentido seja muito racional, noutro sentido, ao início, parece-nos muito irracional, porque há tantos aspetos da vida aqui que são tão diferentes, e tantas coisas são esperadas de nós que, ao início, nem sequer percebes que são esperadas de ti; mas gradualmente vais entrando na forma de pensar de que essas coisas são as coisas certas, e fazes as coisas mais ou menos automaticamente.

Por outras palavras, sem sequer te aperceberes, suponho, estimulas o conhecimento e a experiência, e começas então a mudar; e tem sido extraordinário ver-me a mim próprio, e já consigo ver-me como vários "eus", não como uma única pessoa. Embora, num sentido, eu seja uma pessoa, também vejo

diferentes aspetos da minha natureza, da minha personalidade e do meu caráter, e vejo como todos os pedacinhos parecem de alguma forma formar-me; e é interessante ver as muitas facetas que se tem na consciência interior e no eu interior, não é? Sim, mas quando dizes que te vês, como é que te vês? Bem, suponho que, num sentido, a pessoa vê-se por reflexo. Quero dizer, é assim.

Durante este último — ao que chamas — tempo, três ou quatro semanas, tenho sido capaz de, o que suponho que chamarias, relaxar, e simplesmente esvaziar-me completamente por uns tempos, e depois gradualmente rever as coisas, pouco a pouco; e tenho sido capaz de me ajudar a mim próprio e de me ver. Ou seja, tenho sido capaz de me ver em diferentes níveis, em diferentes planos. Tenho sido capaz de me ver como era quando estive na terra, pela última vez, e também as minhas primeiras reações ao vir para aqui, as pessoas que conheci, as coisas que me aconteceram, como me afetaram... tenho sido capaz de me ver de diferentes formas e também de vislumbrar — se é que há algum vislumbre — de mim próprio, obviamente de uma encarnação anterior; e é interessante ver como o padrão é formado.

O que me podes dizer sobre essa experiência, se puderes? Bem, vês, suponho que, como a maioria das pessoas, quando estava na terra, assumia que aquela era a única vida, e que aquela era a única experiência de vida que se tinha, ou teria; e portanto, suponho que a ideia geral, com a vasta maioria das pessoas, é tirar o máximo proveito dela e ser o mais feliz possível. Mas desde que estou aqui, consigo ver que — num certo sentido, não quero dizer que tivesse de ser o tipo de pessoa que fui, ou que não pudesse ter sido algo completamente diferente, claro que disse que poderia ter sido — mas ao mesmo tempo, ver-me noutros sentidos, ou seja, de outros pontos de vista e, acima de tudo, ver-me como fui, ou tinha sido, em encarnações anteriores, é como ter uma espécie de visão, suponho que seja a única forma de o dizer, de si próprio numa vida passada.

E podemos ver aí como, embora houvesse muitas diferenças — diferenças no modo de vida, nas circunstâncias, diferenças nos costumes, nos conhecidos e amigos, um tempo diferente em si mesmo, no qual o homem provavelmente não tinha avançado nalguns aspetos tanto como na minha última encarnação — por

outras palavras, foi interessante ver como um indivíduo cresce através da experiência, do nascimento até à morte, e depois tem um período de tempo aqui, e depois regressa e tem outra existência; e como é necessário, por vezes, redimir os erros, e também reencontrar pessoas que conheceste, e também, especialmente se talvez não reagiste devidamente a essa pessoa ou pessoas, ou não fizeste o que poderias ou deverias ter feito, ou talvez de alguma forma possas ter tornado a vida delas prejudicial para si mesmas... por outras palavras, são dadas oportunidades de viver uma vida inteiramente diferente sob circunstâncias diferentes, na esperança, claro, de que ao fazê-lo aprendas e te aperfeiçoes, e ganhes certo conhecimento e experiência que obviamente não ganhaste ou não viveste numa vida anterior.

Quero dizer, sei que tive agora, pelo menos, deve haver pelo menos uma dúzia de encarnações diferentes; até agora só percebi bem duas. Uma, sei que foi no antigo Egito, há séculos e séculos. Também tive uma encarnação romana e também a última encarnação — tanto quanto consigo perceber, ou seja, anterior à última — foi em Paris, por volta de... Sei que a Revolução Francesa estava no seu auge e que eu estive envolvido nela. Ainda não aprendi os detalhes. Sim, evidentemente, claro, essa é outra coisa interessante, e obviamente uma das razões pelas quais fui trazido para aqui, ou encontrei o meu caminho até aqui, e por que estamos num sentido ligados; porque é bastante óbvio que em algumas destas encarnações tínhamos estado ligados, e que tínhamos sido amigos nalgumas encarnações.

E creio — embora não saiba, claro, que isto seja ainda autêntico — mas assumo e sinto que também estivemos relacionados por laços de sangue; não conheço exatamente todos os detalhes, mas sei que estivemos intimamente associados e que outrora, numa das minhas encarnações, estive associado a ti, e ao médium, e a outros amigos na antiga Roma, e em Pompeia, e em locais associados à corte daquela época do Imperador. E evidentemente eu era um bocado libertino, suponho que seja o mais próximo que se pode dizer. De certa forma, suponho, olhando para trás, devo ter sido um tipo bastante mau. Bem, não és o único, porque foste um meio de seres salvo. Evidentemente, eu não era uma

pessoa má, ou perversa como tal, mas nasci evidentemente em circunstâncias onde fui capaz, à medida que envelheci, de viver uma vida de lazer e luxo; e à parte um curto período de tempo em que tive de ser soldado, o que eu odiei, tirando isso tive uma vida bastante boa de uma forma ou de outra.

E estive muito associado à corte real e também fomos em várias ocasiões ao sul da Itália, e ao que é hoje a ilha de Capri, onde o Imperador tinha uma propriedade de verão. Eu estava muito associado à corte e visitámos Pompeia, e também Herculano, e outros locais na vizinhança. E eu ocupava uma posição elevada, na medida em que tinha muitos servos, e estava muito ligado à corte; e também era algo poeta, e algo cantor, e costumava entreter o Imperador, porque era bastante comum na corte que, se uma pessoa tivesse habilidade ou talento, ele ou ela, numa certa função, fosse talvez chamado a entreter os convivas. E eu tinha uma veia espirituosa, que presumo ser o que me tornava tal favorito. Sim, isso foi prestigiado. Qual era o teu nome então, sabes? Apollonius.

Oh, Apollonius. Apollonius? Esse era o meu nome. E creio, pelo que percebo, que a minha mãe adorava Apolo, e eu fui chamado Apollonius por causa do deus, porque nunca se podia chamar os filhos ou filhas diretamente pelo nome do deus nesta matéria. Não se chamaria, por exemplo — não seria permitido chamar um filho pelo nome do deus. E por isso era um hábito no meu tempo, naquela época pelo menos, dar aos filhos a primeira parte do nome baseada no deus e acrescentar-lhe algo. E isso era considerado aceitável. Quero dizer, é muito engraçado quando pensas nisso. E a minha mãe era Juliana. Não sei se isto está totalmente correto, mas acho que o nome dela era Julia, ou Julie agora, Juliana; não tenho a certeza de tudo isto exatamente, mas sei que, como disse, e também casei, e tive dois filhos — dois rapazes: um morreu na infância, era cego, e o outro filho, ele foi um soldado muito bem-sucedido e teve muito a ver com a ocupação da Bretanha, segundo entendo, mas não conheço os detalhes completos disto.

E sei que, oh Deus, sei que houve outro, depois de eu morrer — isto é, enfim — houve outro imperador chamado Diocleciano, e vários dos meus descendentes estiveram associados nessa época. Tive um neto, e descobri isto,

mas há tanto que estou a tentar organizar, sabes, estou a tentar, de certa forma... é tudo muito vago, como te disse que seria. Sim, eu sei, está tudo bem, é vago como é. É muito, muito interessante, mas acho que estás a fazer um grande exercício neste momento. Não pares. Sim, na verdade, é mesmo estranho porque, enquanto falo contigo, vejo-me como eu era, e dizem-me que quando tive esta... espera, sim, quando tive esta encarnação romana, eu tinha algum impedimento na fala.

E o engraçado — sei que isto parece loucura — mas evidentemente não era demasiado grave, mas era motivo de diversão, e eu disse-te que costumava entreter, e era considerado uma piada; embora na altura eu não prestasse muita atenção a isso, evidentemente, simplesmente não me preocupava, mas evidentemente divertia o Imperador e os membros da corte ouvir-me recitar, e agora estão a apanhar um tipo de gaguez, e por aí fora, percebes. Sei que soa estúpido. Acho que estás a fazer menos agora. Acho que estás a viver isso agora, porque estás a gaguejar. Eu sei que me vejo, lembro-me da minha primeira visão de mim próprio — ou seja, como romano — não em uniforme, como possas imaginar, mas no que era obviamente um traje especial para uma ocasião especial.

E tive uma visão depois de mim próprio com esse traje numa grande reunião; bem, era num grande palácio no topo de uma falésia com uma grande balaustrada com vista para o mar, com um pavimento de mosaico, e vestindo uma... suponho que o mais próximo que posso dizer é uma espécie de cor lilás — não púrpura, porque isso estava reservado para o Imperador — mas era uma espécie de toga de cor lilás, com ouro preso aos pulsos por braceletes de ouro, e um padrão de borda em prata, e também ao pescoço algumas joias de prata; não sei dizer exatamente o que era, nem sabia que os homens usavam colares, mas evidentemente usavam algum tipo de colar de metal. De qualquer forma, eu usava, e sei que o meu cabelo era todo encaracolado, muito colado à cabeça, e que era muito preto — mais preto do que na minha última encarnação — muito escuro, muito preto e colado à cabeça.

Se era natural ou se era artificial, não faço a mínima ideia, mas o que era bastante estranho, e que eu nunca tinha visto antes, tanto quanto sei, em quadros ou fotografias ou o que quer que seja, sabes, reproduções da Roma antiga, era um tipo de solidéu na cabeça; pelo menos era o que parecia, e isto tinha uma espécie de rebordo ou fita de metal, e era muito atraente, na verdade. Era algo que eu nunca tinha antecipado, nunca pensei que os romanos ou os antigos naquela era usassem, mas evidentemente era um costume, naquela época pelo menos, ou era a moda, não sei o quê. E também, evidentemente eu era muito mais alto e muito mais magro, e o meu pescoço era muito longo e o meu rosto era um bocado diferente; não parecia exatamente como agora, e no entanto reconheci-me, e foi interessante.

Tinha um nariz muito aquilino e uma testa alta, e um certo charme britânico; e estranho, quando vi tudo isto, soube que era eu, e no entanto não parecia comigo como me lembro de mim próprio, e no entanto soube imediatamente que era eu. E também era acompanhado por — nesta espécie de visão, suponho — era acompanhado por um negro, presumivelmente um escravo, que estava vestido com um tipo de veste branca, algo fluida, e havia uma espécie de faixa à cintura e algum tipo de adereço na cabeça, suponho que fosse uma espécie de turbante. Enfim, descobri desde então que este escravo — era o que ele era — era mudo; e enfim, disseram-me que eu o encontraria aqui, mas ainda não o encontrei. Mas evidentemente havia um laço ou elo muito próximo ali algures, porque evidentemente ele salvou-me a vida e eu dei-lhe a liberdade; e que, embora ele tenha aceitado a liberdade, continuou comigo — não me deixou, como de facto muitos escravos teriam feito.

E evidentemente ele cuidou de mim quando estive muito doente e também esteve comigo quando morri — o que foi, já agora, uma morte natural, tanto quanto sei; não tenho a certeza sobre isto, mas assumo que o foi, de qualquer forma. Mas evidentemente estive ligado a ti naquela época, e ainda não consegui apurar isto exatamente, mas evidentemente tu e o médium também estavam nesta imagem algures, mas exatamente como, eu não sei bem, mas provavelmente descobrirei. Sim, sim, descobre. Evidentemente, sabes, tiveste de gaguejar aquela

noite; estás a gaguejar enquanto falas. Isso é porque me estou a concentrar, suponho, em tudo isto, e de alguma forma peculiar, conforme a pessoa se concentra e se envolve mais com isto, torna-se mais intensa a respeito do assunto e tem algum tipo de... pelo menos quando eu estava a falar, suponho, algum tipo de efeito.

Até passa para um sentido físico da fala. Mas evidentemente eu tinha este tipo de... que não era... era um tipo de impedimento, evidentemente, mas não era a esse ponto assim tão mau; mas evidentemente eu tinha, mesmo sendo artístico — eu devo ter sido uma pessoa muito artística, mesmo nessa altura, porque pelo que percebi, interessava-me por todas as artes. Interessava-me por poesia e por música, e era muito dotado nesse sentido; e sabia tocar a viola e outros instrumentos de época, e cantava. E não sei porque é que este impedimento na fala surgiu, e se o canto afetava isso, não sei; mas é tudo muito intrigante. Mas evidentemente, evidentemente, o médium também estava em algum lugar em toda esta imagem, e tu também, mas exatamente onde ou como, não sei.

Descobrirás isso em breve. Isso provavelmente virá, mas tem alguma ligação com Roma e tem alguma ligação com Pompeia, mas não creio que tenha passado muito tempo em Pompeia, porque quando vinha para o sul no verão, como o imperador faria — às vezes um mês a fio — íamos para o que chamam, o que agora se chama Capri, e onde ele tinha uma grande e magnífica villa, ou pelo menos era onde ele... Oh sim, é esse o sítio. Enfim, é tudo muito intrigante. Tenho tudo registado, sabes. Alguém chamado Lucílio tinha começado tudo isto, embora não tivesse uma missão. Sim, bem, tudo... E qual é o nome? Apollonius aparece, não é? Oh, não sei. Apollonius aparece, não é? Tenho de pesquisar isso. Bem, não sei, querida.

Tudo o que sei é que esse é o nome que me foi dado e que era o nome pelo qual eu era conhecido, Apollonius, e que tive dois filhos. Um morreu na infância, creio que se afogou, e o outro rapaz, ele claro viveu mais do que eu e também morreu e teve filhos, e um dos filhos dele — que seria o meu neto — veio para Inglaterra durante a ocupação romana, mas é tudo muito complexo. Qual era o nome dele, Peter? Eu não sabia, mas posso vir a saber. Enfim, talvez entremos

nisto mais profundamente. Receio que tenha de ir. Oh, que pena. Está a tornar-se um esforço demasiado grande. Sim, está bem, está bem.

Mas foi bom vir e estou contente por esta noite ter conseguido, e agora estou de volta. Espero ser capaz de vir regularmente e retomaremos as nossas conversas, e dar-te-ei todos os detalhes, tudo o que eu conseguir apurar. Vou despejar tudo para ti e espero que seja de alguma ajuda e interesse, talvez para outras pessoas, de qualquer forma. Enfim, tenho de ir, oh Deus. Com certeza, muito obrigada. E ver-te-ei novamente na segunda-feira, quando te sentares. Se tudo correr bem. Adeus. Deus te abençoe. Adeus. Adeus. Oh, Nicky. Sim, ele está maravilhoso esta noite. Adeus.

* * *

141264

Stephen Ward: Olá, compreendo. Olá. Estão a pregar-te alguma partida? Eu sei. Achas que eu não viria pelas traseiras? Oh, não, eu sabia que viria. Bem, na verdade, de certa forma, não estive propriamente fora. Estive presente na última vez, e na anterior, mas tenho estado a levar as coisas com calma.

Rose Creet: Não, eu não sei o que aconteceu. O que aconteceu?

Stephen Ward: Meio que me esgotei de tanto pensar. Acho que tens uma espécie de digestão psíquica, ou espiritual, ou algo do género.

Rose Creet: Oh, sim, sim.

Stephen Ward: Sabes, acho que digeriste tanto, sabes, de certa forma. E eu ainda estou a lutar para decifrar o enigma.

Rose Creet: Estás?

Stephen Ward: Bem, quero dizer, isto aqui é um aglomerado. Garanto-te.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Fala-se de um aglomerado do vosso lado. Aqui é apenas um aglomerado maior, num sentido diferente.

Rose Creet: Oh, quem? Gostaria de ouvir isso.

Stephen Ward: Oh, vais ser muito informada sobre a terra da confusão.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Tens razão. Tens razão. É um caso de confusão. Dizes isto e confusão. Dizes aquilo e acabas por ficar confuso.

Rose Creet: Sim, sim. Sim, sim. Que inteligente. Que inteligente.

Stephen Ward: Há tanta coisa a acontecer. Quero dizer, há tantos aspetos diferentes desta vida. Mas, num certo sentido, quando te esforças — como eu provavelmente fiz demais — por assimilar muito, dei por mim a ficar um bocado aturdido.

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: E estava a conhecer e a contactar todo o tipo de pessoas; reconhecidamente, a maioria eram pessoas. Mas, bem, num certo sentido, fomos apresentados a elas. Foram. Mas eu também estava a conhecer outras pessoas, e pessoas com ideias diferentes, marinheiros diferentes, formas diferentes de pensar, coisas diferentes.

Rose Creet: Oh, sim. É tão mau aqui, as nossas raparigas, elas não esperam tanta mudança.

Stephen Ward: Mas essa é a parte fascinante, Stephen. Sim, suponho que sim. Mas embora exista uma forma de lei e ordem, se puder pôr as coisas assim, nunca vi um estado tão caótico. As pessoas dizem, não sei, as pessoas parecem fazer, num certo sentido, mais do que eu gostaria, e no entanto, ao mesmo tempo, estão a trabalhar para algum tipo de... não sei como dizer isto... estão a trabalhar para algum tipo de rotina, mas é, caramba, é desorganizado.

Rose Creet: Oh, certo. Não me digas que isso é rotina.

Stephen Ward: Não quero dizer rotina nesse sentido. Há uma forma... quero dizer, as pessoas estão todas a tentar encontrar a sua própria forma de vida, e a observar outras pessoas e a expressar os seus próprios tipos de ideias e opiniões, e a intercambiar e trocar ideias e experiências, e parece uma manta de retalhos, de certa forma. E, no entanto, como eu digo, há uma espécie de ordem, mas é uma adorável ordem desorganizada, o que, de certa forma, me agrada muito.

Rose Creet: Sim, e achas que era. Tens de te sentir bem, eu compreendo.

Stephen Ward: Oh, é verdade. Porque é estranho quando te deparas com pessoas que vivem das suas respetivas maneiras, uma vida completamente normal para elas, e no entanto, de certa forma, para alguns — para mim, não para certas pessoas — parece muito estranho, mas essa é a ideia delas, e é o que elas querem. Quero dizer, suponho que é apenas o facto de diferirmos aqui tanto quanto diferimos na Terra. Temos uma perspetiva e uma forma diferente de nos expressarmos, embora sejamos todos condenáveis, é verdade, mas todos pensamos que somos condenáveis, mais ou menos, de formas diferentes. Eu sou um, e se nunca chegarmos a estratos comuns, suponho que, de certa forma, somos todos horríveis.

Rose Creet: Oh, sim. Tu não farias isso.

Stephen Ward: Bem, não creio que conseguisse, e digo que não queremos levar-te para lá e, ao mesmo tempo, sinto que te tenho, e quero que estejas em completa harmonia, por assim dizer, ou em sintonia com todos os outros; mas alguns dos enfadonhos que conheci, pessoalmente, não consigo ver o que temos em comum, mas percebo que, bem, existe um denominador comum, suponho eu, mas às vezes espero nunca o encontrar, ou que ele nunca me encontre. É tudo uma fase. Não importa.

Rose Creet: Não, não, não, não.

Stephen Ward: Toda a gente é extremamente agradável, extremamente animada, és um amigo ali e tudo isso, mas é muito difícil, mesmo aqui. E, claro, quando percebes que, passado algum tempo, de certa forma, todos os teus pensamentos são perfeitamente compreendidos, por assim dizer... De facto, estás sempre a rezar para pensar que é a coisa que mais me assustou no início.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Quando subitamente percebes: "tudo o que estou a sentir e a pensar sobre tantas coisas, sobre as pessoas em particular". Aqueles que progrediram até certo ponto conseguiam lê-los. Tornou-se bastante assustador. Tentei, bem, eu disse, não devia tê-lo feito. Mas dirias a ti próprio...

Rose Creet: Sim, e isso torna as coisas piores.

Stephen Ward: Sim, claro. Porque, quero dizer, de repente tornamo-nos um anjo aqui e eu estou ali, mas podia perfeitamente não ser um. E, no meu caso, alguns tipos falam ali mesmo: "esta pessoa parece estar a viver uma existência bastante miserável", mas essa é a forma de vida deles, algo do género. E quando percebem subitamente que eles sabem o que estás a pensar e que estás a pensar neles como uns tipos ranhosos, quero dizer, é um bocado difícil de gerir. E percebes que se tu o sabes também, eu também? Bem, eu não soube nem por um segundo. Nada mais senão ver que, assim que percebes que os teus pensamentos estão a ser compreendidos... noutras palavras, as pessoas conseguem pressentir e sentir o que estás a pensar. E a mesma coisa aplica-se no sentido inverso, que eles também podem reagir.

Quero dizer, tu podes reagir a eles e sabes o que eles estão a pensar sobre ti. E torna-se um bocado embaraçoso. Não sei se é embaraçoso, claramente, para ser franco. Essa é uma das razões pelas quais me tenho preocupado com isso, foi um bocado um retrocesso, e assim os gestos, o simulador, a coisa, e tentar, digamos, resolver algo. Acho que tive sucesso, mas de resto, por tudo o que sei, não te podes realmente esconder dos teus verdadeiros sentimentos. E, de certa forma, claro, aprecio o facto de isso ser uma coisa boa, mas, valha-me Deus, não significa que não tenhas de fazer algo em relação a ti próprio e é isso que eu tenho estado a fazer, a analisar-me até à exaustão e a não chegar a lado nenhum. Alguma vez soubeste tudo por teres de conhecer isto ou aquilo?

Rose Creet: Bem, costumo dizer isto todos os dias.

Stephen Ward: Percebes, o ponto é este: quero dizer, eu sei que isto soa peculiar, e tenho a certeza de que muita gente que ouça isto, se o fizer, nunca compreenderia ou aceitaria. Mas, vês, eu não tenho aquilo que eu chamaria de uma mente suburbana.

Rose Creet: Não.

Stephen Ward: E o vasto número destas pessoas está a viver sob o que eu chamaria de uma condição suburbana de espírito. É perfeitamente aceitável para eles, estão perfeitamente felizes, são extremamente simpáticos, pessoas muito queridas, as mais gentis de todas — para onde podemos ir?

Rose Creet: Pensei que te encontrarias num nível com os teus semelhantes.

Stephen Ward: Sim, isso é suficientemente verdade, num sentido, é verdade. Eu sou o que tu dirias, com o que tu dirias... eu disse, os infernos do que a maioria das pessoas diria sobre ele. Porque há também o facto de eu ter um homem com quem viver em harmonia, não é? Bem, isso é uma parte do progresso, percebes. É perceber, vês, que estas pessoas que eu posso considerar monótonas, e possivelmente, num sentido, eu sou monótono, elas têm dentro de si algo que, suponho eu, de certa forma eu não tenho.

Ora, isso faz com que pareça que trouxeste um estúpido contigo, mas percebes, eu percebo que é uma coisa maravilhosa ser-se aventureiro e querer saber o que está ali na esquina, não estar demasiado satisfeito. Ao mesmo tempo, eles têm uma espécie de — não lhe chamaria uma satisfação presunçosa, não quis dizer isso — mas parecem tão contentes, tão felizes e tão... não sei, em paz, suponho eu; vale a pena um ano, que um mês, sendo como é, num sentido, ter aquela multidão de mentes, não é a coisa mais maravilhosa?

Descobri tudo isso, com todas as minhas reviravoltas e toda a minha ansiedade sobre a vida aqui, e o que poderei fazer, e o que posso aprender, e por aí fora. Pode tornar-se — eu sei que isto também soa estúpido — exaustivo, e essa é outra razão pela qual me senti bem e feliz por ter estes retiros. Eu sei que isto tudo soa confuso, e já te disse que estou a passar por um período confuso.

Rose Creet: Sim, sim. Oh, bem, eu não achava que não tinha melhorado.

Stephen Ward: Sim, melhorou? Estás?

Rose Creet: Sim, o que dizes?

Stephen Ward: Sim, acho que estou mais... digamos, estabelecido, num sentido. Mas é uma coisa extraordinária, porque normalmente tenho sido levado a tantos sítios, devido à minha própria estupidez, suponho eu, realmente quis ver demasiado do sol, e fiquei — já não estou tanto agora, mas estive — confuso. Percebes, quando vês uma experiência... mas eu vi experiências, em tão pouco tempo, estive em tantos ambientes diferentes, conhecendo tantas pessoas diferentes, vivendo em diferentes estratos mentais, fazendo várias coisas de acordo com os seus desejos, e de acordo com as suas ambições, ou o que quer

que queiras; como queres pôr as coisas? Descobri que acabei por encontrar algumas pessoas, e sei que não devia admitir isto, mas fi-lo na altura. Eu não sabia assim tanto. Era uma coisa limitada, e não é simpático, pois não?

Rose Creet: Não, tu disseste isso; ainda assim, suponho que, se tens de conhecer todos os tipos, não podes conhecer sempre o tipo que te convém.

Stephen Ward: Não, pelo menos aqui é o ponto, tenho de aprender. Não há nada simpático que tenhas de aprender. Tenho de aprender a apreciar pessoas que eu não considerava, em sentido algum, inferiores a mim. De facto, estou bem certo de que alguns da minha família, que eles parecem ter feito por me renegar, e soa realmente pavoroso, mas eu nunca poderei ser... eu não tive nada a ver com isso. E no entanto estas pessoas são os meus companheiros, e eles dizem: "oh, estás a esgotar a tua energia". Bem, ao mesmo tempo, estou meio no meu elemento e meio fora dele o dia todo. Suponho que seja o facto de que, mesmo numa esfera, numa condição de vida como a minha, existem tantos matizes, tantas condições diferentes para aprender.

Rose Creet: Sim, sim.

Stephen Ward: Encontras-te, mesmo quando estou inconsciente, há uma transição de uma para a outra. E notas a diferença. De facto, mesmo entre algumas das pessoas que mais admiro, às vezes fico com um sentimento de frustração, e isto soa libertino. Eu disse-te, vou dar-te o período. Mas algumas destas pessoas são tão... nelas próprias, individualmente, não gosto de usar a palavra "inteligentes", mas são brilhantes, mentalmente brilhantes, estimulantes.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E sinto-me apanhado entre eles. Sim. Percebes, e é... quero dizer, é extraordinário, porque é uma coisa fascinante e, no entanto, ao mesmo tempo, estará a evoluir. E percebo, na minha curta... é o mesmo que dois minutos, a dois por dois. E eu estava a tentar fazer demasiado para... por isso estou a tentar entrar em muitas formas diferentes de sociedade. Eu sei que isso soa ridículo, mas é num sentido de dizer, não propriamente uma sociedade como tal aqui, mas sabes o que quero dizer?

Diferentes tipos de condições ou níveis de inteligência, ou níveis de aspiração alcançados ou não alcançados, e aqueles que não têm aspirações de todo, que são o que eu chamo de "contadores de relógio", mas charmosos e queridos e hospitais e amigáveis; mas a pessoa devia saber bem, curar, saber bem até por pensar ou sentir, que tal como se pode fazer — e eu fi-lo, embora ache que o estou a superar — percebo que, naquela sua maneira simples, eles encontraram na simplicidade, para eles, uma forma de vida que, pelo menos por enquanto, é mais do que satisfatória, na qual é realmente pacífica e serena. E sinto que, comigo, não sou nem carne nem peixe, e estou tão tenso no meio disto tudo. Não sei bem onde estou.

Rose Creet: Mal consegues dizer quando estás mesmo aí.

Stephen Ward: E, claro, estou a fazer perguntas estúpidas. Suponho que não achasse que fossem estúpidas de todo. Olhando agora para trás, devem ter parecido estúpidas, e provavelmente faço as perguntas erradas às pessoas certas, ou as perguntas certas às pessoas erradas. Sabes, quero dizer, é estúpido.

Rose Creet: Isto é muito interessante para mim.

Stephen Ward: Bem, eu não sabia no que estavas interessada. Sabes, tens visto o ponto dos anos, e acho que esta é uma condição de vida que se aplica a certos tipos de pessoas como eu. Acho que a pessoa comum — e não quero dizer com isto que me considere a mim próprio fora do comum. Mas o que quero dizer com isto é que a pessoa comum, que vive uma existência muito comum, suponho que se possa usar os termos de existência suburbana, mas vive uma existência de tipo muito normal, que pode ter e tem filhos, e vive numa espécie de sossego, quando lhe é permitido, ou quando é capaz de se afastar desse negócio ou de um trabalho, num estado de vida tranquilo. Sabes, para eles, suponho que lhes chames ordeiros, mas parecem entrar numa condição de vida que, de certa forma, é ainda como a condição de vida que tinham na Terra, sem possivelmente muitos dos inconvenientes. Mas todos eles... tu chamas-te a ti própria uma estudante normal assim?

Rose Creet: Bem, mais uma vez, lá está, vês, o Marshall diz... porque o Marshall diz isto e o Marshall diz aquilo, eu não tomo nada como verdade absoluta, nem mesmo isso.

Stephen Ward: Ainda assim, ele diz, ele diz: "bem, isso é algo que é necessário para ti, tens de aprender a viver com cada trabalhador". E essa é uma das primeiras lições que tens de aprender, e se queres fazer algum progresso... bem, como eu disse, foi o freio mais maldito que alguma vez tive de aplicar, porque, bem, eu nunca suportei multidões na Terra. Não quero dizer isso num sentido realmente indelicado, mas percebes, para mim, eu era um indivíduo, vês; quero dizer, fosse eu o que fosse, bom, mau ou indiferente, eu era um individualista; mas eu tenho na natureza, quero dizer... sim, inclusividade também.

Stephen Ward: Quero dizer, eu tinha um temperamento artístico e nunca conseguia ver — conseguia compreender que a maioria das pessoas tivesse de viver num velho caos de lixo. Isto significa, por outro lado, que se todos estivessem em posição de viver uma vida individual, o mundo seria saudável, seria impossível o trabalho continuar, mas eu não queria estar nesse tipo de ambiente ou grupo. E não estive; de facto, saí de lá e disse, trabalhei para sair de lá, e sempre que os meus companheiros eram enfadonhos — e alguns deles podem tê-lo sido, e talvez não fossem o que poderiam ter sido — ainda assim, era interessante.

E descobri que as pessoas interessantes nem sempre são necessariamente as melhores pessoas, claro, especialmente moralmente, mas não posso dizer muito sobre isso, terei de investigar tudo sobre isso. Mas, ainda assim, o ponto é que estou a aprender que, se alguém quer progredir, tem de subir para superar certos aspetos da sua própria natureza e tentar compreender todos os tipos de humanidade: bons, maus e indiferentes, altamente evoluídos ou menos envolvidos, ou até evoluídos ou re-envolvidos, se quiseres. E sabes que mais, tens apenas de o fazer para seres harmonioso, embora eu ache difícil ser harmonioso com certas pessoas e condições de vida que existem aqui, que são

belas para essas pessoas, mas para mim são, bem, não sei, acho que preferia muito mais estar bem.

O que quero dizer é que o ponto é: a pessoa tem apenas de o fazer, se quer progredir, tem de ser como uma esponja, tens de absorver tanto, sabes, e tens de ser espremido em poucos anos e não te sentires ferido com isso. O ponto é que sinto, neste momento, que estou a passar pela experiência, agora estou eu próprio a passar pelo espremer e a tentar...

Rose Creet: E não te dás a ti próprio, bem, a estas pessoas, ao mesmo tempo que te espremes apenas para chegares ao nível delas?

Stephen Ward: Bem, se queres dizer se lhes dou arte, queres dizer com isso se dou esse tipo de pensamento artístico?

Rose Creet: Sim, a arte...

Stephen Ward: Claro que sim. Claro que sim. Também penso nisso, naturalmente. Sim, mas não me sinto em posição, francamente — afinal de contas, quem sou eu? — para sequer pensar que posso ajudar, nesse sentido, algumas destas pessoas que, obviamente, bem, para mim, não são pessoas muito interessantes; obviamente em certos aspetos, ou certamente mais honestas do que eles, percebes, eu confio nisso, mas são coisas dentro de mim. Sei que isto não é particularmente simpático de se dizer, mas sinto que até conseguir, digamos, transbordar... sinto-me às vezes, e sei que alguns destes símbolos podem soar estranhos, mas às vezes sinto-me como um navio a afundar, e a única esperança que tenho de sobrevivência é deitar fora muito peso.

Rose Creet: Oh, sim, está certo.

Stephen Ward: E então, então deverei vir à superfície, sabes o que quero dizer? Sinto-me sobrecarregado. Sinto que existem certos aspetos da minha natureza que tenho de matar, dos quais me tenho de ver livre, que há certas coisas que tenho de desfazer, certas coisas que tenho de aprender; tenho de ser mais equilibrado. Digo eu, quer se goste ou não, percebo agora, demasiado bem, que estava a viver, num sentido, uma existência muito desequilibrada.

Estava a viver demasiado num pico, estava a viver demasiado do meu sistema nervoso, estava a viver para certos aspetos da vida que, na ficção, não me

fizeram bem nenhum; certamente, bem, tinham valor, por outro lado, claro, havia o meu trabalho, o meu trabalho de cura, e havia a minha habilidade artística, que poderia ter sido tua num sentido muito melhor do que provavelmente foi. Mas, vês, sinto agora que estou a aprender gradualmente sobre mim próprio através dos outros. Agora, isto — e devo ser incisivo, se eles nem sequer tiveram de começar a explicar — e o Marshall diz, oh, o Marshall diz isto, sabes, por que razão a ciência sente...

Mas enfim, o Marshall diz que eu mostrei, e que era necessário para mim, inclinar-me para muitas destas condições variadas e da existência, e conhecer condições variadas e tipos de indivíduos; e embora ele me tenha avisado, num sentido, sobre certas coisas, ao mesmo tempo percebi que isto era o essencial, e que eu tinha de fazer tudo isto, e depois tinha de ter este tipo de reação, tive esta espécie de retiro, se quiseres, por um tempo, de tudo e de todos, incluindo de ti, quero dizer, incluindo o voltar ao trabalho por um curto período.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Portanto, não há atrito contigo, obviamente, mas eu sei que todos pareciam estar interessados em... e enfim, louco para mim. Acho que me deixaram ter — para te dizer a verdade nua e crua — acho que me deram corda a mais, e acho que foi uma coisa boa, agora; ao mesmo tempo, percebo que, bem, aprendi com isso e estou mais feliz, estou mais feliz com isso, e estou a aprender a ser muito mais... como é que eu falo? E digo coisas, uso termos, expressões que teria usado na Terra, que, de certa forma, talvez não transmitam exatamente o que quero dizer, mas estou a aprender a ser mais tolerante, pondo as coisas assim. Agora, não penses que eu não era uma pessoa tolerante; eu era uma pessoa muito tolerante.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas, ao mesmo tempo, eu não suportava tolos. Eles são tolos.

Rose Creet: Bem, eu ouvi dizer que não suportavas tolos de bom grado.

Stephen Ward: Sim. Mas percebi, consegui ver-me a mim próprio, e consegui ver-me não apenas como eu era, mas como me tornei assim. E também

as circunstâncias e o ambiente que o criaram. E também pude ver também os reflexos, o bem das coisas, de há muito tempo — só vejo isto numa espécie de fusão, se quiseres, uma espécie de quadro, se é algo que vem e vai, mas percebi que está por trás de toda a vida. Não apenas a minha, é um padrão. Quando alguém gosta de admitir o facto, isso é muito significativo; já que não gostas de admitir o facto de que é um padrão, porque preferias sugerir que as coisas são pré-ordenadas, e eu não acho realmente que sejam.

Mas acho que as nossas vidas são certas. Acho que seguimos numa espécie de linha; ela pode curvar-se, pode enrolar-se, pode seguir em frente em certos erros. O ponto é que não podemos escapar disso. E acho que somos capazes de fazer um desvio, ou somos capazes de nos afastar do caminho até certo ponto, mas ainda assim temos de voltar a ele.

Rose Creet: Sim, sim. Acho que tens toda a razão aí. Acho que as nossas vidas, cada vida individual, embora não seja planeada, ou condenada, ou organizada, forma ou segue uma espécie de padrão

Stephen Ward: Sim. E às vezes segue o mesmo padrão, sob diferentes circunstâncias, de uma existência anterior. E certas coisas que nós fizemos numa vida anterior, que foram prejudiciais ao nosso progresso — essas coisas, ou digamos, ocorrências semelhantes acontecem de novo, onde somos confrontados com um certo conjunto de circunstâncias em que temos de enfrentar a mesma luta, ou o mesmo tipo de posição que tem de ser enfrentada, e temos de, se pudermos — e muitas vezes conseguimos — retificar o erro de uma era anterior. Sim. Sabes o que quero dizer com isso?

Rose Creet: Sei o que queres dizer, sei o que queres dizer.

Stephen Ward: Sei agora, sei agora que, nas nossas várias circunstâncias, nos são dadas oportunidades que nem sempre aproveitámos necessariamente. Não me refiro apenas a oportunidades materiais, mas são-nos dadas oportunidades que irão melhorar o nosso verdadeiro eu. Por outras palavras, é-nos dado um desafio, é-nos dada uma oportunidade de fazer algo que nos beneficie espiritualmente e, muitas vezes, não aproveitamos a oportunidade. Sabes, então como é que o fazemos? Bem, esse é o ponto, deveríamos saber —

quando digo que deveríamos saber, deveríamos saber o que é bom para este eu, o que é bom para o eu real; mas na maioria das vezes, claro, o homem aproveita a oportunidade que se apresenta no material, pelo material benéfico; ainda assim, não resistimos aos e-mails, não resistimos à tentação, não consideramos os outros antes de nós mesmos.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Sim, é verdade. Às vezes temos uma escolha e às vezes, claro, sejamos honestos, a escolha é muito difícil; talvez ao dar certos passos numa certa direção que beneficiariam outros, escolhemos dar um passo que beneficiaria o nosso próprio eu. Por outras palavras, pomo-nos em primeiro lugar; e a única coisa que aprendi sobre evoluir, até agora, aqui — e é pelo que tenho passado recentemente também — é aprender a colocar-se em segundo plano. E a única maneira de encontrares o teu verdadeiro eu, e começares a mover o teu eu real, é quando te esqueces do eu.

Rose Creet: Sim, mas quando te esqueces de falar sobre a Terra, quando te esqueces do eu, quando te esqueces de ti próprio.

Stephen Ward: Sim, pode haver o eu. Sim, eu sei, mas lá está, há um equilíbrio que possivelmente não se percebia, que dependia das circunstâncias, claro, e dependia muito das pessoas. Agora, o ponto é este: há alturas em que somos confrontados com algo que poderia ser benéfico para nós, mas não percebemos que é benéfico para nós. E estou a falar aqui de algo que tem a ver com o eu interior, o eu real.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E tomamos outro rumo, e evitamos a questão, e às vezes fazemos um compromisso connosco próprios, ficamos a meio caminho — isso não é bom o suficiente, claro. Mas, mais uma vez, claro, não estou a sugerir, nem por um momento, que a pessoa deva ser submissa e deixar que as pessoas façam o que querem.

Rose Creet: Não, eu não sabia disso.

Stephen Ward: Sim. Porque todos devem aprender uns com os outros, e se permitires que te passem por cima, sem te manifestares, e o resto, então para as

pessoas — para as pessoas que fazem isso, fá-lo-iam a outras pessoas, pensando que se safam. Por outras palavras, não as estás a ajudar, não lhes é permitido fazê-lo. Mas estou a falar aqui, talvez de uma forma geral, mas isto aplica-se a cada ser humano; com o progresso da jornada, as pessoas tiveram oportunidades maravilhosas. Às vezes estas opções nem sempre são muito óbvias, mas invariavelmente são bastante óbvias quando uma pessoa pode fazer algo que lhe dará maior calor, maior tipo de sentimentos em si mesma de que fez o que é bom, e muito frequentemente falha-se nisso.

Stephen Ward: Às vezes a pessoa comete um erro, ou faz algo, muitas vezes contra o seu melhor juízo, contra os seus desejos, e fá-lo com a melhor das intenções, porque quer ajudar outra pessoa; mas, ao mesmo tempo, mesmo quando estás a fazer isso, às vezes percebes que, ao ajudar essa outra pessoa, consegues ver ou sentir ou pressentir que, na verdade, de certa forma, não a estás a ajudar como queres, mas talvez até inconscientemente, estejas a colocar um obstáculo no caminho. Na vida do mundo, ele tem medo da complexidade, mas é a complexidade da vida que é tão interessante ou fixe, e é a complexidade da vida aqui, tal como a encontro, que para mim é um momento, que é um estado muito complexo. Não vou dizer a este mundo que tudo no romance é adorável, e depois todos andam por aí a dizer doçuras sobre mais ninguém.

Quero dizer, o ponto fulcral sobre este mundo é que ele é muito vivo, muito vital, muito excitante; as pessoas são de todos os tipos, tamanhos, formas, cores e coordenadas, e tudo o mais, e estão muito inclinadas a dar uma boa gargalhada e a divertirem-se um pouco; e também são muito religiosas, algumas delas, e eu acho-as um pouco aborrecidas, mas tenho estado entre elas, e tenho a sua comunidade, por assim dizer, e também me aproximei delas, num sentido — não quero dizer que vá viver na comunidade delas, mas passei a respeitar as suas opiniões, mesmo que não concorde com elas. Tenho de tentar perceber por que razão elas são assim, e talvez, numa data posterior, eu possa ser capaz de voltar e talvez ser-lhes útil, mas antes de poder ajudar alguém, tenho de o compreender, tenho de ver algo desse aspeto: por que razão são como são, por que razão se tornaram no que se tornaram. Sabes o que quero dizer?

Rose Creet: Sei pelo que estás a passar, e pergunto de forma diferente. Tu tens sempre o desejo de ajudar, e aqueles...

Stephen Ward: Sim, e eu quero ajudar-te, e agora eles vão ensinar, acho que estás a aprender. Estou a aprender todo o tipo de coisas, estou a aprender, estou a aprender que, se uma pessoa quer ser verdadeiramente feliz, tem de aprender a viver com todas as pessoas; e tem de aprender a viver, não apenas do ponto de vista das pessoas de quem gostas porque gostas delas, mas aprender a viver com pessoas que talvez, em certos aspetos, sintas... bem, não é que não gostes delas, mas descobres que elas te fazem algo, e tu vais até elas e superas isso. Tens de tentar ver onde é que elas são como são. Como é que, em alguns casos, tens até de tentar perceber por que razão uma pessoa não gosta de ti, ou podes pensar que ela não está em harmonia ou sintonia contigo, e ver o que é que em ti próprio pode ser a causa disso. Por outras palavras, tens apenas de sair da dança e lavar-te.

Rose Creet: Sim, eu sei, querido, mas há muitos desses pensionistas que estão desse lado tal como são.

Stephen Ward: Não, não, não, eu não quis dizer... espero não ter sugerido que existem pensionistas. Devemos lembrar-nos disto: quer se concorde que isto é mesquinho ou não, eu não sei se é mesquinho, e nem sugeriria que o fosse. Mas temos de estar conscientes do facto de que as pessoas que constituem este mundo são pessoas que viveram outrora no teu mundo, que estão em diferentes níveis de inteligência, diferentes níveis de conquista e progresso espiritual; que há muitos deles que estão bastante contentes por permanecerem, em muitos aspetos, muito semelhantes ao que eram na Terra, e que existem certos aspetos da natureza que não mudaram assim tanto; e embora não se possa usar a palavra "mesquinho", temos de perceber que a natureza humana, sendo o que é, em muitos casos, especialmente com pessoas que não estão aqui há muito tempo — e incluo-me a mim próprio — existem aspetos de nós próprios de que nem sempre estamos cientes ou conscientes, coisas que temos de aprender a mudar dentro de nós e, se possível, ajudar os outros a mudarem em si mesmos, percebes?

Quero dizer, o ponto é que temos de aprender a viver juntos, mesmo que estejamos inclinados a discordar, se necessário, ou se certos aspetos da vida forem diferentes da nossa, respeitá-los, pelo menos pelo que são, mesmo que não consigas ver as coisas da mesma forma ou concordar com eles; ver o que eu acho que é encontrar a raiz do problema, por outras palavras, descobrir o que a pessoa é, tal como é, porque é que ele ou ela pensa...

Rose Creet: Sim, ele ou ela pensa.

Stephen Ward: Ou se considerares a visão — refiro-me à pessoa que é muito religiosa, num sentido muito estreito — são, num certo sentido, vítimas, talvez, do seu meio, uma vítima, vítima da sua educação e, num sentido, também uma vítima dos seus medos; e a questão é tentar chegar à raiz do medo e tentar, se possível, ajudá-los a superá-lo, porque muitas pessoas têm convicções fortes que moldam as suas vidas e moldam a sua espécie de peso e o seu progresso, mais uma vez, quer material quer espiritual, devido a estas convicções fortes e inatas que, basicamente, são medos. Temos de erradicar o medo da nossa constituição e perceber que não há necessidade de medo. Pode haver, num certo sentido, necessidade de medo no teu mundo, mas há muito menos razão para ter medo neste. O único medo aqui é ser-se ainda mais ranhoso do que os outros. Sabes com quem eles estão a lidar, por outras palavras.

Rose Creet: Bem, esta é uma recordação bonita, portanto deixaste para trás quem se supõe ser um mestre do caso em que estiveste com o Dr. Marshall.

Stephen Ward: Oh, sim, esse lugar. Temos essas pessoas, e não tinha sido concluído na altura, e eu não conseguia realmente perceber nada daquilo, nunca comecei a ver que estes estados de ser, que não são estados de consciência, são estados de espírito em que as pessoas se permitiram ficar; por outras palavras, são estáticas. Sabes, a pior coisa que me parece aqui, a pior coisa que podes ser, num sentido, é ser estático na tua visão das coisas, e foi por isso que eu disse, falei sobre as multidões. Não o digo nesse tipo de sentido, mas são pessoas estáticas. Estão estaticamente felizes. Essa é que é a piada.

Rose Creet: Mas acho que te estás a preparar agora para desceres e ajudares-te a ti próprio.

Stephen Ward: Bem, quero ter a certeza de que sei o que estou a fazer. Quero saber mais sobre eles, e a única maneira de o fazer é encontrá-los e passar algum tempo com eles.

Rose Creet: Sim, claro.

Stephen Ward: O ponto sobre isso é que tenho de aprender como fazê-lo. Por outras palavras, tenho de estar mais em sintonia. Vou tentar, de qualquer forma, ajustar-me para poder ir a vários sítios, ou a vários grupos de pessoas, e entrar nessa forma de pensar. Não quis dizer tornar-me como eles, mas compreendê-los e assimilar as coisas. Não, não gostei dessa palavra, "Tolerância". Não quis dizer que desejava que fossem tolerantes. Refiro-me ao mundo inteiro.

Rose Creet: Não, quero dizer, quando a tolerância não é o mundo inteiro.

Stephen Ward: Bem, não sei, é o que ela implica. É o que implica, já que podes ter sete tipos de coisas, o Natal contigo. Não suportas vê-los, porque os tens ali. Tu toleras-os. E, à superfície, sois todos muito alegres, e muito simpáticos e muito autênticos. Dás o pudim de passas, a garrafa de vinho, tudo isso, e eu vou mudá-los. Quero dizer, isso é tolerância. Sem dúvida.

Rose Creet: Está bem, está bem.

Stephen Ward: Não, eu não gostava de tolerar.

Rose Creet: Oh, está bem.

Stephen Ward: Não, temos de aprender a amar. É isso que é.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mesmo que seja difícil, temos de aprender a amar. E devo dizer que acho que tento fazê-lo, mas acho difícil amar. Eu amo as pessoas. Mas faço isto à minha maneira. Sabes, quero dizer, amar algumas das coisas que elas fazem, ou algumas das coisas que aceitam como verdades absolutas, ou, sabes, eu sinto-me como se, no momento, estivesse a passar por... não sei, um purgatório, suponho que os católicos lhe chamavam assim.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Então, não, não. Diz-me, tu estás a passar por isso, e tenho a certeza de que as pessoas... eu fui solicitado pelas pessoas. Sabes, cheguei à conclusão de que, quando estás num...

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: ...é melhor ser-se direto com as pessoas. Sabes, olho para trás para a minha vida e percebo que, de certa forma, fiz certas coisas porque tinha de as fazer, ou pelo menos pensei que tinha de as fazer, mas estive morto de cansaço, e se não tivesse tido de o fazer, ou se não me tivesse permitido — é o que tu dizes — tolerar as pessoas... Por outras palavras, eu... consigo ver agora que é muito melhor ser-se honesto com as pessoas e, se te sentes assim, num sentido, não é bom evitar as pessoas. Eu sei que tens andado a dizer: "sim, bem, se não gostas de alguém, o melhor é não lhes fazer nada". Isso, de certa forma, é a saída dos cobardes.

Não acho que seja ter algo a ver com eles, mas diz-me, diretamente e com educação, o que realmente pensas e o que realmente sentes, e diz porquê. E depois diz: "bem, olha, nós sabemos, eu sei isto, sinto isto, e eu pressinto isto", ou o que quer que seja, "vamos esquecer isso agora, e vamos avançar com algo que valha a pena, sabes, vamos construir a nossa amizade", mas ir por atalhos e evitar e, sabes, não chegar a um ponto... E ambos sabem, percebes, tu tens uma pessoa também, instâncias, e também sente algo, e é altura de chegar ao fundo da questão e, ao mesmo tempo, querem manter a amizade. Quero dizer, caso contrário, acho que se tens algo a dizer, ou se sentes intensamente sobre uma pessoa de quem possas gostar em parte, a solução é dizer-lhe, diretamente, porquê. Existe este tipo de sentimento, ou atmosfera, e tiras isso do peito, e acho que então provavelmente fizeste a tua parte, sabes?

Rose Creet: Sim, mas algumas pessoas, alguns de vós, presentes...

Stephen Ward: Acho que, num sentido, acho que, num sentido, continua a ser a melhor forma, porque se eles pressentem, se eles pressentem isso ainda mais do que talvez a pessoa comum, vão remoer nisso, e vão ficar a pensar nisso, e acho que, se tu... cheguei à conclusão de que a melhor forma de te dares bem com qualquer pessoa, especialmente em Nova Iorque, estou a falar de... bem,

neste mundo é automático, porque eles começam a ler os teus malditos pensamentos, não podes evitá-lo. Sabes, mas tu dizes... sim, tens razão, tens razão. Eu muitas vezes esclareço as coisas com as pessoas.

Rose Creet: Oh, de certeza que esclareces. Tens esses pensamentos o resto da vida

Stephen Ward: Acho que se limitares a levar uma pessoa calmamente à parte e dizeres: "bem, não ali, eu gosto muito de ti, mas...", sabes? Essa é uma forma única, sem dúvida, se uma pessoa, bem, sabes, amolecer um pouco certas coisas; mas quando uma pessoa, e eu digo, também, as pessoas certas, não podes deixar o que elas não... o que têm de tolerar. Bem, sabes, são cinquenta-cinquenta, como forma de viver. Enfim. Oh, isto é uma coisa adorável. E tudo o que sei é que estou muito feliz por estar de volta, e espero que tenhamos algumas boas sessões antes de virmos.

Rose Creet: Temos alguma coisa, de qualquer forma.

Stephen Ward: Eu sei, eu sei, eu sei sobre isso. Eu não percebi uma das coisas, as razões para isso, mas enfim, estamos de volta aos bons velhos tempos, de qualquer forma. E, bem, virei aqui na quinta-feira e, se tudo correr bem, até ao Natal teremos algumas conversas alegres e vou contar-te tudo o que me acontece, sem rodeios, tudo o que me acontece. Mesmo que me deixe mal visto, não posso evitar. Não aguento.

Rose Creet: Oh, não comeces a desanimar. Eu não começo, sou menor de idade.

Stephen Ward: ...lá por cima. Bem, estou a assistir agora. Adeus. Que Deus os abençoe.

Rose Creet: Adeus, sim. Com certeza. Adeus, sim.

* * *

200165

Mickey: Um pouco, suponho que estejas, certo? Não acho que estejas, certo? Tens de ligar quando eu for o treinador. Não sei quando estou aqui. Estás a sair da minha dieta, estás? Estás a sair da minha dieta, estás? Oh, isso é bom, eu não a como. Tens estado a ver imagens. Tens estado a ver imagens? Vi um projeto a apresentar uma proposta, mas ainda é um espetáculo. Não viste a imagem?

Rose Creet: Não, não, cheguei há pouco, mas vi aquela coisa presa no óleo. Sim. Consegues... já és capaz de ver uma imagem?

Stephen Ward: Uma concentração, e sim, uma concentração forte, sim. Oh. É uma concentração, é muito difícil ver o que se passa o tempo todo na tua dieta. Oh. É uma questão de dor real, um pouco de vencer-se a si próprio para entrar nas condições. E, sabes, é uma concentração difícil de manter. Oh. Esse é o problema. Não as partes más de algo, mas é muito difícil para os outros. Eles podem ver algo, mas não tudo. Não num minuto. É difícil de explicar, mas quanto mais conseguires concentrar-te para entrar numa certa condição, e depois mantê-la, então, claro, está tudo bem. A questão é mantê-la, retê-la. É por isso que, claro, as sessões são sempre preferíveis a tentar ser fragmentário, sabes; se alguém estivesse a falar de forma clara, distinta e sensata, e de repente se calasse, é porque perdeu a ligação. Oh, sim. Seria doce. É a concentração.

E esse é o grande problema da comunicação, claro, esse é o problema principal. É por isso que às vezes uma pessoa pode estar constantemente a esforçar-se muito e a conseguir passar, e a transmitir uma personalidade e pensamentos. E depois, talvez subitamente, alguém diga: "Oh, lembras-te de tal coisa?". E dizes para ti mesmo: "Oh". E eles perdem a ligação e o conteúdo. Vão ter de pensar muito e entrar na vibração do pensamento da coisa que lhes foi perguntada e tentar captar ou lembrar-se disso de há muito tempo. Depois voltar novamente e empurrar isso para ti... e, vês, é sempre difícil. E isso pode durar a sessão inteira. Foi menos interessante para mim. Os três estão a tentar entrar. Oh, sim. Sim, bem, tem sido um pouco arriscado ultimamente, sabes. Vá lá.

Acho que faz parte o facto de não teres estado muito bem. Não acho que o médium tenha estado à altura, realmente. E a atmosfera também teve algo a ver

com isso. Tem sido uma espécie de geral, sabes... em todas estas coisas conta, sabes. Sim, eu sei. Bem, vou ter de dizer, não sabia, foi a segunda vez. Três de vocês iam interromper em cada vez. Oh, sim. Não compreendo. Adoro ouvir. Claro, eles iam dizer: nem sempre temos a certeza de quanto ouves. Quero dizer, podemos estar a dizer algo enquanto pensamos, ou a concentrar-nos no que podemos estar apenas a pensar, algo que foi captado pelo bloco de voz, sabes; quero dizer, podemos estar a dizer a alguém mentalmente, sabes, "sai daí, eu quero dizer isto". E não nos apercebemos. A concentração do nosso pensamento, que é a intensidade do que estamos a fazer, sai por ali. Estamos a ser atendidos. Oh, não. Nós adoramos. Eu adoro. Olá, Rosie.

Rose Creet: Oh, Stephen. Olá. Como estás? Olá.

Stephen Ward: Olá. Percebo que o teu aniversário é amanhã, Jack. Desejo-te o melhor, que vivas outros 50 anos.

Rose Creet: Oh, valha-me Deus. Não quero viver outros 50.

Stephen Ward: Bem, acho que será muito interessante. Porque daqui a 50 anos, se eu conseguir fazer contactos, ainda serei capaz de vir e falar sobre as coisas. Bem, muito mais avançado do que consigo no momento, esta noite. Depois vou encontrar outro médium — isto se eu conseguir — e o mundo voltará daqui a 50 anos. E tu provavelmente estarás aqui deste lado a escavar nas profundezas, sabes. Mulheres a escavar nas profundezas. Oh, quero dizer, espero que faças algum trabalho de resgate ou algo do género. Certo? Não. Na altura, provavelmente terás vindo para aqui e eu terei alcançado, bem, um grau bastante elevado, espero; isto desde que fiques no teu lado por mais uns anos. Mas, de qualquer modo, não te quero aqui ainda. Nenhum de nós quer. Queremos que continues com o trabalho. Aí estás tu.

Oh, eu não sabia. Todo este negócio que tive durante tanto tempo, tantas vezes, sabes... provavelmente não me apercebi totalmente na altura, mas todo este tipo de fachada e "querida ouve isto", "querida aquilo", estão a ter um tempo maravilhoso, enquanto o tempo todo odeiam as tuas entranhas e tudo o mais. Sim, é verdade. E é muito melhor ser-se honesto connosco agora. E mesmo no caso em que estás, não faz mal nenhum. O problema é que o faz com um bem.

Tenho fome. Estou curioso para saber como aceitar as coisas. Quando é realmente sincero, então podes apreciá-lo, mesmo que doa, porque provavelmente só nos fez bem. É muito diferente um do outro. Bem, de certa forma, no que me toca, provavelmente também é melhor assim. Caso contrário, seríamos muito enfadonhos se fôssemos todos iguais. Isso é o pior de alguns desses chamados socialites e tudo o mais: é "querida ouve isto", "querida aquilo". E é também muito uma fachada, um aspeto exterior. Sabes, tal como o descreveram, não sabes realmente onde estás com essas pessoas. Eu prefiro uma mente sincera, sabes; admito que mudei nesse aspeto. Fui muito enganado muitas vezes, na verdade. Mas parece-me que, obviamente, o melhor é realmente dizer o que se pensa e dizê-lo a sério, mas fazê-lo de uma forma simpática. Acho que se as pessoas tiverem algum caráter, aceitarão. Eu sei.

Às vezes podemos, claro, estar errados. Quero dizer, temos de admitir o facto de que às vezes podemos julgar mal os outros, mas falando de uma forma geral, se sentes intensamente algo, certamente não é correto guardares isso para ti. Acho que te sentes muito melhor por desabafares. Eu sei. Aposto que muitas vezes não tens tendência para isso. Bem, já o fiz às vezes, mas serei franco contigo: acho que uma das minhas fraquezas era o facto de eu não gostar realmente de ferir os sentimentos de ninguém. E, certamente, tive de admitir que, perante alguns amigos, eu era um bocado um "trepador social".

Rose Creet: Eras?

Stephen Ward: Oh, sim. Queria estar em todo o lado. Tinha de encarar a mente. Por que fizeste isso? Eu achei que eras. Eu achei que eras. Tinhas de o fazer. Até certo ponto, tive de sustentar o negócio. Tinha de conhecer as pessoas certas. Elas seriam bons clientes. E, em segundo lugar, não teriam aberto portas que, de outra forma, estariam fechadas também. Sim, ainda assim. Essa é uma velha história. Bem, a maioria das pessoas tem de fazer isso. Teremos de fazer um bocado de contrapartida. Não seria difícil. Sim, é verdade. Quero dizer, tu estás numa posição em que não precisas. Podes ter tido a sorte de nascer com uma colher de prata na boca numa parede apertada. Deves ter bolsos cheios de dinheiro no banco, porque eu não tinha nem uma coisa nem outra, por isso tive

de fazer o melhor que pude. Oh, rapaz. Não a tua mão. Não fizeste o bem, pois não?

Rose Creet: Não.

Stephen Ward: Na verdade, olhando para trás, acho que os tempos mais felizes que tive foram quando provavelmente não estava com as chamadas "pessoas certas", mas às vezes com as erradas. Oh, às vezes, o que se considera ser a pessoa certa é exatamente a errada. De qualquer modo, todo este mundo alegre para aqui. Não é? Não sei o que vai acontecer, Stephen. Bem, francamente, nem sequer faz sentido pensar nisso. Quero dizer, não creio por um momento que vá haver alguma guerra de grandes proporções nem nada disso, mas ao mesmo tempo, acho que o mundo inteiro se juntou de uma forma que desenvolveu a era de um precipício.

E não é apenas isso, não apenas num sentido lato, mas nas vidas individuais, vê-se isso em grupos, e sociedades e, de facto, no desvanecer da existência, vês a felicidade a mostrar a cara, e a felicidade na natureza, ou no caráter, e a felicidade na arte, e nos edifícios; e parece-me que está apenas a desenvolver-se... bem, na verdade, acho que é quase semelhante aos tempos, é tudo uma representação do que se passa dentro das pessoas, e é agitação, são elementos perturbadores, é incerteza, é nunca ser capaz de pensar e ver claramente; "vivamos o momento e esperemos pelo amanhã", e é aquele tipo de sentimento de que, o tempo todo, valerá a pena? Ninguém parece querer investir em nada, ou fazer algo de muito sério, ou se o fazem, muitas vezes, sem se aperceberem, criam algo que, francamente, tem um bocado de preconceito. Sim.

Acho que, na verdade, em alguns aspetos, por um lado, sinto pena das pessoas. Quero dizer, é fácil compreender os jovens e esse tipo de pessoas. Sinto-o genuinamente, mas, em tantos casos, em tantas instâncias, o problema está nas próprias pessoas; as pessoas vivem demasiado para si mesmas, e as únicas pessoas que pensam um pouco mais "fora" de si mesmas, sabem disso... estão centradas em si próprias. E, francamente, os seus valores estão a mudar.

Quero dizer, mesmo na curta vida que tive, pude vê-lo, percebi-o; quando estava do outro lado, que os valores das pessoas estavam a mudar e, até certo

ponto, isso nota-se mesmo nas melhores pessoas, quero dizer, mesmo nas pessoas simpáticas. Elas ficam contaminadas por isso e, embora tentem desesperadamente ter uma vida realmente decente e um sentimento agradável pelas pessoas no mundo, até elas são afetadas por isso e começam a dizer e a fazer coisas que, bem, são completamente contra o seu verdadeiro caráter, e depois ficam horrorizadas consigo mesmas. É como uma doença, não é?

Rose Creet: Sim, absolutamente.

Stephen Ward: Quero dizer, com bastante frequência, podemos dizer algo de que nos arrependemos deliberadamente depois, mas na verdade as pessoas criaram a situação de modo que não podes apenas defender-te e dizer algo; mas depois, choraste muitas lágrimas por isso, mas na verdade as outras pessoas são culpadas porque não se conseguiu evitar, e toda a sociedade se está a tornar tão... bem, corrupta, na verdade, de muitas maneiras. Enfim, é a vida. Como é que sabes?

Acho que na maioria das vezes fui mais feliz do que noutra era. Acho que teria gostado do século XVIII, bem, existia toda aquela democracia lá, claro, e uma pobreza terrível, valha-me Deus, trabalho, doença, e a ciência médica não tinha progredido muito; mas havia algo, acho eu, sobre... bem, ser-te-á dito, é raro... quero dizer, as pessoas, pelo menos, falando de uma forma geral, acho que viviam com um certo cuidado; pode não ter sido necessariamente sempre um cuidado brilhante, mas, pelo menos elas... anos 90, e elas estavam a ser, porque acho que a perspetiva delas era diferente.

Quero dizer, não sei, parece-me, na coisa das sondagens, que quanto mais o homem tem, e melhor oportunidade tem, mais ele se torna... Quero dizer, olha para esta geração de hoje; nunca tiveram tal oportunidade na vida, tantas coisas apresentadas a eles de bandeja, por assim dizer; coisas que, em tempos, eram consideradas grandes luxos e agora são de uso comum, quero dizer; e no entanto, as pessoas e os jovens, particularmente, parecem ter uma mentalidade mais criminosa, e modos mais assustadores, e esta consideração uns pelos outros, e pelas pessoas mais velhas, e pelos homens... parece ter-se perdido com o vento.

Stephen Ward: Na maioria das vezes, oh, os velhos tempos... há, claro, quando falávamos sobre os velhos tempos, eles contavam-nos, e eram dias adoráveis. E muitas coisas, sabes, acho que, em muitos aspetos, isso é verdade. Claro que ele era, mas era um bocado... não era? Se fosse, sim, é um choque. Claro, ele era realmente um choque, e acho que se o mundo soubesse toda a verdade sobre aquele homem... quero dizer, não pretendia parecer indelicado.

Rose Creet: Não, não.

Stephen Ward: E eu digo, é como na posição de um homem; particularmente, ele era fraco, mas acho que ele deve ser bastante bom para esse exemplo. Oh, sim, estou a meio termo. Ainda assim, acho que estávamos a falar dele de qualquer maneira. Ninguém sabe. Ninguém sabe. Por que não? Por que haveria de lhe desejar algo agora? Oh, bem, ele está... ele está... sim, quero dizer, ele está mais "sim" do que isso. Sim. Poderia ser a qualquer segundo, claro. Na verdade, não esperamos que ele supere este ar natural. Achamos que ele estará totalmente aqui, ou seja, ele está praticamente aqui.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Mas ele está cada vez mais a vaguear, como se estivesse longe da Terra. E ele está nisto em relação à Terra. Sim. Oh, não me parece que ele consiga aguentar-se nisso por muito tempo. Mais um dia ou dois, no máximo, embora possa ser a qualquer segundo. Sim. Na verdade, ele está mais fora do corpo do que nele.

Rose Creet: Eu... sim, também acho.

Stephen Ward: Na verdade, não é muito agradável, a sério. Quero dizer, francamente, acho que, embora seja um choque para as pessoas, é muito melhor quando uma pessoa vem de forma repentina, do que com uma agonia prolongada como aquela, mesmo que estejam inconscientes há vários dias — pelo menos o mundo diz que estão inconscientes, o médico diz que estão inconscientes, é grande demais para eles. Ele não está mal, sabes.

Bem, o ponto é que eles dizem que estão inconscientes, mas não estão. Não estão. Estão conscientes de dois mundos ao mesmo tempo. Podem não estar totalmente cientes, é verdade, mas é como se estivessem à deriva entre dois

mundos. Num momento estão conscientes das coisas que se passam à volta deles e, por vezes, claro, conseguem ouvir o que está a ser dito. E noutra altura, estão completamente "fora da sintonia", por assim dizer, e então, mais para este lado.

De facto, é uma situação extraordinária porque não estás nem num mundo nem no outro, estás em ambos os mundos ao mesmo tempo.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: E ele está muito consciente das pessoas à volta dele, pessoas que conheceu no passado, mas se são as suas próprias pessoas, os pais da nação e tudo o mais, é? Sim. E, na verdade, seria muito melhor ser libertado completamente, em vez de ter este estado intermédio entre os dois, porque é perturbador de certa forma. Rose, espero que vários deles se encontrem com ele, ou valha-me Deus, a sua massa principal está à volta dele, ou talvez, desde que ele se tornou um associado pela primeira vez, ou antes mesmo, ele salta para o que tu chamas de inconsciência. Sim. Antes do derrame ser detetado, ele estava muito, num sentido, connosco. Tem estado, não, não tem sido publicamente conhecido que ele tem estado muito entre os dois mundos. Não quero dizer que tenha estado exatamente inconsciente, mas estava a dormir muito, à deriva, e ele faz isso, em si mesmo, condutores como lhe chamas, mas na verdade... à maneira da natureza, é assim. Apenas a forma de...

De certa forma é, de certa forma não é, certamente... quero dizer, consigo compreender as pessoas dizerem: "Oh, o Dionísio tem medo de morrer". Quero dizer, acho que o processo real de morrer pode ser, nalguns casos, bastante mau — depende, claro, da doença e das circunstâncias — mas acho que uma pessoa que simplesmente "apaga" necessariamente, tem muita sorte.

Rose Creet: Sim. Bem, eles têm tido isto às vezes, até os médicos não sabem, já li casos onde não fizeram a incisão e por aí fora, e estão vivos.

Stephen Ward: Bem, claro, esses casos são muito raros. Sim. Mas, na natureza, claro, existem estas instâncias em que as pessoas não morrem totalmente. Entram num estado de inconsciência e, para todos os efeitos, parecem estar mortas. Essa é uma razão pela qual não acho que seja bom para uma pessoa

ser enterrada, ou ser cremada, até passarem cerca de quatro ou cinco dias, pelo menos após a morte ter ocorrido.

Rose Creet: Mas eles não gostam disso, pois não?

Stephen Ward: Sim. Bem, claro, em lugares como a Índia, ou países quentes, têm de... sim, cremar tudo ou livrar-se do corpo muito rapidamente. Mas, num lugar como a Inglaterra, acho que o corpo deve ser mantido pelo menos cinco dias. Sim. Bem, eu diria uns dias. Mas depende das circunstâncias. Quero dizer, não acho que, falando de uma forma geral, seja algo comum. Quero dizer, não sei muito sobre isto. Quero dizer, sabes, estou a falar sobre isto com base no que percebo, que é uma coisa muito invulgar uma pessoa não estar "bem morta". Quero dizer, os médicos conseguem... acho que conseguem ter a certeza. É por isso que é bom haver dois médicos, acho eu. Ah, e como... falemos de forma alegre. Bem, não é alegre no sentido de que achamos que o falecimento é a coisa mais feliz que acontece a qualquer pessoa?

Rose Creet: Sim, eu sei. Sim, o processo, claro, mas às vezes é perturbador. Enfim, o que o Marshall me diz e o que eu sei...

Stephen Ward: Sim. Não acho que tenhas tido muito... bem feito.

Rose Creet: Oh, estou bem, estou preocupada, com certeza.

Stephen Ward: Bom. É disso que eu gosto aqui. Estou preocupada, com certeza. Acho que é um bocado de nervos. Acho que toda a gente — toda a gente pode estar, deve estar — nas suas opiniões, não vejo como seria de outra forma, afinal de contas, não importa o que possas saber, há sempre um pouco, bem, um pouco de coisas desnecessárias. É o que eu faço, no sentido de que te perguntas sobre o que é tudo isto. Quero dizer, se pudesses recordar, por exemplo, muitas das tuas experiências quando vens aqui para este lado, e se pudesses ter alguma lembrança de estares aqui, e de ver, e de saber, isso seria uma ajuda enorme. Terias alguma ideia para onde vais. Vais ter alguma ideia para onde vais. Alguns estão determinados assim agora. Bem, eu conheço-te. É muito difícil, na verdade. Quero dizer, uma pessoa pode ajudar, ajuda mesmo, tenta ajudar as pessoas a captar as coisas, a dar-lhes alguma ideia e alguma ajuda, mas é realmente fácil.

Quero dizer, algumas pessoas têm a habilidade, uma habilidade natural, suponho, nelas próprias, de reter memórias de viagens astrais e por aí fora. Outras perdem-nas imediatamente ao acordar. Suponho que se pudéssemos anotar num papel, num bloco ou algo assim, imediatamente ao acordar, as coisas ficam presas na mente por um segundo fugaz. Eu poria um bloco e lápis, ou na mesa de cabeceira, porque muitas vezes o faço — não muito frequentemente, mas faço.

Mas sabes, se pudesses ver, se pudesses realmente ver como eu vi, à tua volta à noite, especialmente quando vens... tu tiveste realmente um bom sono, como lhe chamas, como sabes, estiveste em viagem astral, e eu sei que às vezes há até uma dúzia de pessoas — quero dizer, vi a tua mãe, o teu irmão, vi o Marshall, vi-os eu próprio, vi o favorito, vi inúmeras pessoas, muitas delas, claro, que estão obviamente ligadas a ti desde há muito tempo; não apenas pessoas que não conheço, mas obviamente todas pessoas que têm o teu bem-estar no coração, que se interessam muito por ti e vêm ver-te de tempos a tempos. Algumas delas, claro, tu reconhecê-las-ias, mas de outras não faço ideia, mas estão obviamente ligadas, de alguma forma, a ti.

E tem sido feito sobre ti, que passas realmente muito tempo aqui deste lado durante o teu chamado sono, e outras vezes quando, de facto, apenas dás uma cabeçada, e eles dizem que é a mesma coisa; lá está, o tempo não tem consequência, porque pode muito bem ser que tenhas apenas adormecido por uns minutos, ou dez minutos talvez, que tenhas estado zangada, e nesse curto espaço de tempo ser libertada temporariamente, isto é, do corpo, e ser capaz de experienciar e saber coisas relacionadas com a nossa vida, e estar com pessoas que amaste e conheceste, e elas trouxeram-te de volta; mas, no ponto do tempo, não é nada. O que podem parecer oito horas de sono, digamos, para ti, ou o que podem parecer dez minutos de sono para ti, em si não é o tempo, é o ser capaz de ser libertado e deixar o corpo, e... passaste, oh, muito tempo aqui, e no entanto não passou tempo nenhum, percebes, esse é o oposto da questão.

Eu acho o tempo uma coisa muito difícil de dizer agora; mesmo quando venho falar contigo, não faço ideia de há quanto tempo estou presente. É raro, e

presumo que deva ser algures, fui capaz de dizer, dentro das horas, eu tenho-o, vês, das nove às dez, aproximadamente, e por isso presumo, naturalmente, que seja aproximadamente uma hora, que... não te conseguiria dizer que era uma hora, a menos, claro, que visse um relógio e o ponteiro desse a volta das nove até às dez, e... nós não temos forma de medir o tempo.

Rose Creet: Não.

Stephen Ward: Muito difícil, sabes. Ah! E, de facto, é apenas pelo processo de pensamento e pela perceção de que somos esperados, ou pelo menos tu antecipas que deveríamos vir num certo dia e, claro, estamos lá constantes — não necessariamente eu, quero dizer, talvez eu não venha tanto como outros, mas aqueles cujo trabalho é estarem lá, como o Mickey ou pessoas que estão a pedir isto para estarem em contacto constante, constante, com o médium.

São eles que conseguem avaliar o tempo, porque nessa constância, em estarem por perto, e por isso capazes de arranjar e organizar... sabes, embora nem tudo pareça assim à superfície, mesmo a má, ou a pior sessão, ou seja, aquela que parece ter pouco ou nenhum valor, mesmo nessa, uma quantidade tremenda de esforço e trabalho é investida. Quero dizer, na antecipação de ser capaz de fazer contacto, na antecipação de ser capaz de passar e por aí fora, embora pareça que nada ou pouco acontece, isso não anula o facto de que muito se passou na tentativa de passar, na tentativa de fazer contacto.

Então, oh, isso é melhor. Temos estado sentados aqui muito frequentemente, embora, vês, eu tenha visto o quarto bastante iluminado, como qualquer coisa, embora não partilhemos nada de nada. Bem, eu acho que este brilho, como lhe chamas — e não sei se esta é a resposta — mas eu acho que quando tens esta intensidade de luz, ou este tipo de sentimento tremendo, que não digo que seja elétrico, exatamente, mas é interessante, posso dizer, aproximar-me dele, mas há algo que vem de nós. Quando, por exemplo, estamos todos reunidos aqui, estamos todos a pensar e a concentrar os nossos pensamentos no que estamos a tentar fazer para alcançar, para realizar a comunicação... acho que, às vezes, há da nossa emanação áurica alguma iluminação que perfura, ou itens, se quiseres, a escuridão do quarto.

Por outras palavras, vês, por exemplo, tu, e está ali, e em todo o lado, por exemplo, quem está na Terra, embora não o saibam, todos têm uma emanação áurica; é... é iluminação, não é discernível, normalmente, a olho nu, ao olho comum. Mas, quando te sentas sob certas condições, num quarto que para ti está escuro — o que não é escuro para nós, é escuro para ti — sob certas condições, a intensidade do nosso pensamento e o esforço combinado que fazemos, e a intensidade que damos ao que estamos a fazer, e uma emanação áurica combinada, criam luminosidade que possivelmente se torna discernível para ti.

Porque, na verdade, como me contaram — eu não sabia muito sobre isto, não sabia que não sabia — ou seja, com a materialização, ou materialização parcial, ou, de facto, noutras formas, os fenómenos que podem ocorrer na escuridão, tudo isto é algo muito brilhante, muito criativo, porque toda a mediunidade, pelo que consigo perceber, é uma coisa criativa.

Num sentido, vês, tens de aceitar o facto de que sempre que fazemos contacto para comunicação, num sentido estamos a fazer algo que, embora basicamente natural — porque estamos ansiosos por comunicar, ansiosos por estar em contacto com pessoas que amamos, por outras palavras, estamos a fazer algo natural da nossa parte — a parte criativa disso é, num sentido, porque estamos a lidar, ou seja, com coisas materiais, às quais já não estamos ligados; num sentido, portanto, deve ser artificial... quero dizer, se me acompanhas, estou a tentar... vês, por exemplo, eu falo contigo, sim.

Stephen Ward: Todo o meu esforço, todo o meu pensamento e toda a minha intensidade de ser são naturais naquilo que me esforço por fazer. Mas o facto de eu poder criar — porque tenho de fazer uso de certas substâncias e certas condições que podem prevalecer no momento da comunicação — num sentido, tem de ser artificialmente estimulado ou produzido, de tal forma que tu estejas consciente disso. Afinal, trata-se de comunicação; estar consciente da tentativa de outro indivíduo, noutra esfera, noutra vibração, a comunicar, a dar-se a conhecer às pessoas envolvidas na Terra.

Por outras palavras, é, num sentido, registar algo da nossa vibração na atmosfera, numa gama ou taxa de vibração inferior, para que se torne algo, pelo

menos por aquele momento fugaz, algo tangível. Por outras palavras, nós somos tangíveis na nossa própria vibração condicional, mas quando entramos no teu mundo, na tua forma de pensar, no teu conhecimento — no conhecimento da pessoa comum —, de certa forma não somos tangíveis. Mas quando comunicamos na sala de som, esforçamo-nos por nos tornarmos tangíveis e por nos tornarmos realidade, mesmo que temporariamente, por aquele momento. É por isso que a voz — que é artificial no sentido de que é a reprodução de algo — é fundamentalmente natural, mas na sua reprodução tem de ser, até certo ponto, artificial.

Tudo depende das condições, dos fatores variados que contribuem e, às vezes, quando as condições são extremamente boas e existe intensidade no nosso pensamento e no nosso ser, pode haver uma luminosidade tremenda que deve perfurar a escuridão do teu mundo. Porque é exatamente isso que estamos a fazer quando usamos a nossa voz, criando um som como o que ouves, ou quando comunicamos de outra forma, como a materialização, o movimento de uma mesa, as pancadas ou a luminosidade que pode surgir com a intensidade do nosso pensamento na tentativa de comunicar: tudo deve perfurar a escuridão. Percebes?

Rose Creet: Sim, mas o que isso significa, mesmo agora, é que quando as pessoas vêm falar comigo, eu reconheço — se já as ouvi antes — cada voz que surge.

Stephen Ward: Bem, acho que, de certa forma, compreendo. Porque embora possam não ser capazes de reproduzir a voz idêntica que tinham quando possuíam um corpo físico — o que não seria natural no teu mundo, porque faziam parte dele... percebes, eles estavam lá e, obviamente, viviam sob condições normais e naturais, manifestando-se através de um instrumento natural que era aquele corpo, num mundo que é natural e real para eles.

Mas o engraçado é que, quando nós vimos, temos de pegar no que podemos e moldar as condições prevalecentes; temos de fazer o melhor que podemos, naquele momento, para transmitir pela força do pensamento, principalmente, a nossa personalidade. E acho que o fazemos num certo nível e que é normal, para nós, que seja nesse nível na maioria das vezes. Pode haver momentos em que

varie um pouco, tornando-se muito mais difícil, ou em que não conseguimos comunicar. Mas creio que nos situamos num certo nível, e por isso o que reproduzimos deve estar nesse nível. Pode acontecer, claro, que por alguma razão as condições sejam tão excecionais que consigamos reproduzir-nos ainda mais como éramos na Terra.

Mas, de um modo geral, verás que, como todos temos de usar a mesma "caixa de voz" e todos temos de usar a energia que provém predominantemente do médium, quando se considera que a força principal — ou o poder, ou a vitalidade, ou o que quer que seja essencial para a comunicação — vem de uma única pessoa, tudo o que os outros possam contribuir recai sobre esse único instrumento, o único médium. Portanto, deve estar, geralmente falando, num certo nível, mesmo nos melhores momentos. Há alturas excecionais, mas acho que entramos no hábito de nos exercitarmos num certo nível e a voz acompanha-o; reproduzimos algo que é de nós próprios. Sim, sob certas condições que, até certo ponto, devem ser limitadas de acordo com o médium ou com a mediunidade. Verás que as vozes devem, de certa forma, cair em diferentes categorias. Não vejo como poderia ser de outra forma.

Ah, é difícil. Claro que existem exceções. No pouco tempo em que tenho vindo, já me deparei com isso. De repente, tens uma explosão tremenda, uma força, vitalidade e poder enormes, e a pessoa passa cheia de personalidade — aquela voz estará carregada de personalidade — e depois talvez se perca, caia, ou pode ser que outra personalidade esteja ali ao lado à espera de uma oportunidade para falar, ou até a ajudar a pessoa que já está a falar. Tens uma espécie de mistura estranha, uma fusão de personalidades.

Rose Creet: Oh, sim, eu conheço isso.

Stephen Ward: E não vejo como, francamente, isso possa ser evitado. Temos de ter sempre em mente que o instrumento sensível — não me refiro ao médium enquanto pessoa — o instrumento sensível que é construído a partir da instrumentalidade do médium, ou a voz que passa pela área sensível... acho que seria uma palavra muito mais correta. Existe uma área sensível na aura do médium que torna possível a nossa comunicação. E uma vez que estejamos

dentro desse alcance, ou dentro da condição dessa área sensível, então podemos — e frequentemente acontece — tornar-nos audíveis ou reconhecíveis para ti e até para outras pessoas. Mesmo que não seja intencional — e raramente o fazem intencionalmente — se alguém acaba por entrar no caminho, obténs uma mistura.

Rose Creet: Oh, mas continuas com vozes simpáticas. As diferentes vozes, quero dizer.

Stephen Ward: É muito intrigante e muito interessante porque, vês, o nosso som nunca é estático. Não há som de qualquer consequência que seja estático. É o tempo todo movimento, mudança. Está tudo a flutuar. É vibracional o tempo todo e as vibrações nunca estão paradas. Devem mover-se. Afinal, o que é a vida senão vibração? Se pararmos de vibrar, deixamos de existir. Deixamos de ser. É fricção constante, vibração constante, e isso é a vida. Essa é a essência da vida. O tempo todo, no mundo em que estamos, tudo é vibração, mas vibração numa taxa muito superior, numa condição muito mais sensível, e numa vibração espiritual e mental muito mais evoluída também.

Tudo isto depende dos indivíduos, da abordagem individual, do conhecimento e da compreensão de cada um. E tudo é tão subtil e, num sentido, tão simples, e no entanto tão complexo. Mas quanto mais começamos a perceber a verdade destas coisas... falo por mim. Começo a perceber como, apesar de muitas coisas ainda me causarem, não necessariamente preocupação, mas alguma intriga, fundamentalmente tudo é lei natural. Embora seja difícil de compreender ou apreciar sempre, começamos gradualmente a ver quão real e natural tudo isto é, e que é tudo vibração. Que é tudo humano, num sentido muito mais amplo do que se pode esperar explicar.

Embora mantenhamos o nosso caráter, a nossa personalidade e individualidade, e sejamos separados uns dos outros, estamos tão conscientes uns dos outros, de como respondemos, de como somos parte uns dos outros. É algo extremo, porque aqui não podes fugir disto; na Terra, até certo ponto, acho que possivelmente consegues. Não digo que aqui se queira fugir das pessoas — não tenho a certeza por que não o fariam — mas certamente não conseguimos.

Temos a nossa própria individualidade, mas ao mesmo tempo é um sentimento muito mais amplo, uma sensação muito mais vasta.

Não nos sentimos confinados, não sentimos que queremos guardar-nos apenas para nós mesmos; e no entanto temos a nossa privacidade, se precisarmos dela, se a quisermos, e podemos fazer as coisas que nos atraem. E no entanto, sentes sempre que, ao expressares-te, estás, de alguma forma, a expressar outras pessoas — não sei como explicar isto —, mas ao mesmo tempo és parte de outras pessoas. É um sentimento maravilhoso, um brilho de calor que tens, de ser. É este sentimento de que fazes parte de algo real, vital, algum passado da infância, algum amor da infância. Não há qualquer sentimento de egoísmo de qualquer espécie.

Rose Creet: Sim, sim, sim. Compreendo o que queres dizer. A visão do espírito de amor e da distância adorável, como um dever.

Stephen Ward: Bem, tudo o que posso dizer é isto: sinto a certeza de que ninguém que se tenha esforçado por fazer o seu melhor, de acordo com a sua luz, precisa de ter qualquer receio sobre o falecimento. E mesmo aqueles que não viveram como poderiam ter vivido — de facto, há muitas coisas que não deveriam ter feito... mesmo as pessoas chamadas "pecadoras", ou pessoas que talvez não tenham sido sempre bondosas ou prestáveis... o que estou a tentar dizer é que ninguém está realmente perdido.

É verdade que é mais difícil para uns do que para outros e, claro, há muitos que têm muitos arrependimentos e frequentemente desejam poder desfazer o que fizeram. Mas aqui ninguém é rejeitado, todos têm oportunidade, todos têm a perceção dentro de si de que podem alcançar e que alcançarão, e que ninguém está perdido. Não importa quão baixo ou depravado alguém se tenha tornado, continua a ser fundamentalmente parte de todos os outros. Todos são importantes. Não existe tal coisa como ser uma "alma perdida" no sentido de estar eternamente perdido.

Rose Creet: Eu sei. Sabes, tens os teus semelhantes à tua volta.

Stephen Ward: Oh, sim. É de esperar que, nas fases iniciais após a chegada, se entre numa condição vibracional de vida para a qual se está mais bem

ajustado. E acho isso maravilhoso, porque seria terrível para uma pessoa, por exemplo, ser colocada numa condição de vida incivilizada para si, onde se sentisse desconfortável e onde as pessoas ao seu redor fossem tão diferentes. Não haveria felicidade para ela.

É claro que todos temos de passar por experiências que, por vezes, não são fáceis. Mas o ponto é que aprendemos e aprendemos a apreciar muitas coisas. Não importa como falhámos, existe a perceção de que a oportunidade de tentar de novo, e de novo, está lá, e de que estamos a ser ajudados. Ninguém nos nega nada. Na verdade, todos se esforçam por nos ajudar, embora continue a depender de nós individualmente. Mas o caminho está lá, a oportunidade está lá e, se quisermos aceitar a mão amiga que nos é oferecida, podemos aceitá-la e ser ajudados.

Claro que há alguns que não aceitam a mão amiga; há preconceito nas suas próprias mentes, dificuldade em apreciar e compreender, e pensam que têm razão — mesmo quando chegam aqui pela primeira vez, não conseguem visualizar nada para além do que eles próprios querem visualizar. Acho que a coisa mais terrível de todas é uma pessoa ter uma mente fechada na Terra, especialmente quando vem do teu mundo para este, e apegar-se a uma ideia, a dogmas e coisas do género, acreditando realmente que são diferentes dos outros, que são até muito melhores do que os outros.

O ponto é que só quando somos realmente humildes e percebemos o quão pouco sabemos, quão inexperientes somos e o quanto fizemos das nossas vidas — e o quanto talvez falhámos nelas — é que avançamos. Por outras palavras, temos de nos avaliar verdadeiramente, ser honestos connosco próprios; e ainda poucas pessoas são realmente honestas consigo mesmas. Eventualmente, quando chegam aqui, têm de o ser, mas é muito difícil para algumas pessoas encararem-se a si próprias.

Acho que é por isso que é tão importante, quando se está na Terra, ser-se honesto consigo próprio, enfrentar-se, perceber que há tanto de bom em todos nós e tanto de mau em todos nós. Temos de ser verdadeiros, aceitarmo-nos e tentar ver pelo ponto de vista da outra pessoa; ver, talvez, onde cometemos um

erro e não termos tanta certeza. Acho que uma das piores coisas que se pode ser é ter certezas a mais sobre... bem, sobre qualquer coisa. Não se pode ter a certeza absoluta. Devemos estar sempre a escavar. Devemos estar sempre a procurar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Procurar dentro de nós e procurar fora de nós, no que diz respeito à religião. Devemos ter sempre uma mente absolutamente aberta. Essa é a única forma de conseguires progredir. Essa é a única forma de conseguires encontrar o que habitualmente na religião se chama "salvação", porque é a busca pela verdade que te traz a salvação. É o que te dá a libertação.

Stephen Ward: Dá-te a tua perceção do que é e do que não é. Mas para Margley, aceitar algo apenas porque é comum aceitá-lo, ou porque é ditado e se espera que o aceites para estares correto, e para fazeres o que os outros fazem... por outras palavras, trata-se apenas da necessidade de estarem juntos e de seguirem o ritmo. É estúpido. Quero dizer, o ponto é que a pessoa tem de ser um indivíduo, e a única maneira de seres um indivíduo é teres uma mente aberta. Claro que podes. Enfim, eu estou tão... bem, na verdade é muito... na verdade, não sabia se nos íamos sair assim tão bem esta noite porque, francamente, sabes, não acho que estejas propriamente à altura, não acho que o médium esteja muito bom, suponho eu. Aposto que sim.

* * *

A SUA BOA NOVA:

A VASTIDÃO DA VIDA E A MAGNIFICÊNCIA

DOS SERES NOS PLANOS SEGUINTES

280165

Comunicador, Stephen Ward. Este som foi gravado no dia 28 de janeiro de 1965. Olá, Stephen.

Rose Creet: Como estás? Estás de volta. Sim, claro, com sucesso, mas eu tento invariavelmente fazer alguma... Como estão as coisas agora? Refiro-me à comunicação; nem sempre o consigo fazer, mas faço-o quando posso. Sim.

Stephen Ward: As coisas estão muito bem, obrigado. Oh, que bom. Devo admitir que a atmosfera está um pouco deprimente, mas suponho que isso tenha a ver com o ambiente e com o falecimento de Churchill.

Rose Creet: É estranho, de certa forma, como isto pode ter um efeito. Estávamos muito conscientes disso, sabes.

Stephen Ward: Estão? Sim.

Rose Creet: Penso que deve ter sido absolutamente terrível durante os anos da guerra, quando milhares de pessoas eram enviadas para aqui, assim do nada, da noite para o dia, sabes. Quero dizer, já é suficientemente mau quando tens este tipo de reação mental das pessoas e da imprensa e... Bem, há tanta coisa a acontecer em relação ao falecimento de Churchill em Londres, em particular, e em Inglaterra. Sim.

Stephen Ward: Sabes, há uma espécie de... não sei como explicar, é como uma atmosfera. Sente-se e percebe-se à medida que nos aproximamos da Terra. Na verdade, quanto mais cedo isso parar, melhor será para ele.

Rose Creet: Creio que isso poderá libertá-lo ainda mais depressa e mais facilmente. Penso que, quando se tem este tipo de atmosfera de massas, de milhões de pessoas a pensar numa só pessoa, isso prende-as à Terra. Imagino que, até que isto cesse, até depois do seu funeral, será difícil para ele ser libertado, por assim dizer, das condições terrestres.

Stephen Ward: Ele ainda não tem consciência de tudo isso, pois não?

Rose Creet: Bem, não sei bem. Apenas assumo que, se ele estiver acordado, estaria obviamente muito próximo, muito atraído e também muito curioso sobre o que se passa com o seu corpo. Não sei exatamente o que está a acontecer do ponto de vista dele, mas apenas sei que o sinto e, sabe Deus, se ele estiver acordado, sentiria isso mil vezes mais, percebes.

Stephen Ward: Sim. Já é suficientemente mau, sabes, quando falece uma pessoa comum e são apenas os membros da família ou amigos íntimos. A atmosfera aí já é bastante pesada, sabes, para a pessoa em questão.

Rose Creet: Mas quando é uma coisa de massas como esta, é tremendo. É em todo o mundo.

Stephen Ward: Sim, é verdade.

Rose Creet: Claro que ele era um velho notável, não há dúvida sobre isso. Sim, eu acho. Penso que ele foi o homem certo para o trabalho certo, no momento certo.

Stephen Ward: Sim. Não consigo imaginar que mais ninguém pudesse ter alcançado o que ele alcançou, e duvido muito que qualquer outra pessoa tivesse aguentado firme. Na verdade, não considerámos a idade do homem, e é incrível.

Rose Creet: E eu não sou propriamente um conservador ferrenho nem nada do género. Não sou de agitar a bandeira, não faz o meu género, mas acho que ele era um homem para ser muito admirado. Acho que era um homem extraordinário.

Stephen Ward: A forma como ele cumpriu o seu dever, maravilhoso.

Rose Creet: Oh, sim. Bem, é tudo o que se pode esperar fazer na vida: cumprir o próprio dever.

Stephen Ward: Mas ele cumpriu o seu dever repetidamente. Quero dizer, ele... Acho que, realmente, é um homem para ser muito reverenciado e respeitado. Acho mesmo.

Rose Creet: E eu não sou do tipo de agitar bandeiras, sabes, o tipo patriótico. Mas acho realmente que ele o merece. A forma como foi posto de lado durante a guerra e, muito agradavelmente, assumiu a liderança depois disso, creio eu.

Stephen Ward: E sem um queixume, acho que foi maravilhoso. Sim, acho. De qualquer forma, não queremos falar de nada em particular, exceto que pensei mencionar isto de passagem, porque é estranho como, ao aproximar-me da Terra, sinto isto com muita força.

Rose Creet: E tenho a certeza de que, se ele estivesse consciente e fosse atraído para perto da Terra neste momento, também sentiria. Penso que quanto mais depressa acabar, melhor. Acho que isso se aplica a todos os que realmente passam para o outro lado.

Stephen Ward: Quanto menos intensa for a força do pensamento ao redor deles, melhor será, mais a pessoa... Quero dizer, comigo, sei por experiência própria, isso prendeu-me, manteve-me agarrado à Terra. Toda a conversa, jornais, publicidade e tudo o mais; isso prendeu-me. Portanto, sabe Deus o quanto prenderia um homem como aquele.

Rose Creet: Sim, sim. Estás a ver, ele era, com todo o respeito, um materialista. Não digo no pior sentido, mas, sabes, acho que ele até gostava de tudo aquilo, na verdade.

Stephen Ward: Acho que... Sim, ele gostava, eu achava. Ele era como uma criança crescida, em certos aspetos, com um cérebro brilhante, claro, mas acho que ele gostava de todo aquele alarido e de tudo isto. E será bom quando ele se conseguir afastar disso.

Rose Creet: Agora, fala-me de ti.

Stephen Ward: Oh, eu? Sim, há... Na verdade, tenho estado muito, muito ocupado. Tenho estado a fazer uns pequenos trabalhos por minha conta.

Interlocutor: Sim? Quais são?

Stephen Ward: Bem, eu sei que soa estranho, mas tenho sido levado para um mundo vibracional, ou uma condição de vida — suponho que seja a melhor forma de o dizer. Onde tudo parece muito estranho e, no entanto, ao mesmo tempo, certamente muito real. É muito real para as pessoas que lá vivem.

Rose Creet: Mas, para mim, parece estranho, porque estas pessoas parecem estar a viver num mundo que é obviamente de sua própria criação. Ou seja, os seus pensamentos são tão predominantes que essa é a condição em que vivem, na qual encontram o seu próprio modo de vida. Mas é um tipo peculiar de atmosfera, uma atitude mental.

Stephen Ward: É uma que, bem, francamente, me causa arrepios.

Interlocutor: Oh, é tudo muito interessante. Eu gosto. Mas diz-me, por que razão te causa arrepios?

Stephen Ward: Bem, há uma raça de pessoas, ou melhor, não exatamente uma raça, há uma seita de pessoas que... Não sei bem qual é a religião deles, sei que certamente não é cristã, mas é uma espécie de algo religioso peculiar. E, obviamente, acho que são muito indianos, ou o que quer que sejam. Mas o que são os Parsis? Oh, sim, Parsis.

Interlocutor: Bem, o que são exatamente os Parsis? Eles têm uma harmónica... não sei como... Há uma religião especial que os Parsis têm.

Stephen Ward: Bem, eu entendo que estas pessoas supostamente são Parsis. Oh, sim. E não sei, eles parecem separar-se de tudo e de todos, e vivem nessa atmosfera, continuamente, constantemente, uma espécie de mental... Não sei como lhe chamar, resignação, ou que diabo lhe chamar, mas vivem numa atmosfera onde parecem completamente sem vida, é a única palavra que posso...

Rose Creet: Sem vida? Sim. Oh. Bem, não quero dizer que eles não tenham...

Stephen Ward: Não, não, eu sei o que queres dizer. Eles não parecem ter qualquer tipo de interesse, a não ser neles próprios e no seu modo de vida, tal como ele é, que parece consistir na repetição constante de, suponho eu, orações. Vivem numa espécie de comunidade de casas caiadas e com telhados de palha. Pelo menos é o que parecem.

Rose Creet: De qualquer forma, esse tipo de... Não lhes chamaria cabanas? Mas há uma brancura neles que sugere... Não digo que não as caiem. Tudo o que posso dizer é que me parecem brancas com uma espécie de telhado feito de algo... Não sei se são juncos ou o que quer que seja. Mas, de qualquer modo, é como uma comunidade enorme, e todos parecem viver lá, e parecem não ter... Não sei como dizer, mas parecem estar completamente sem iniciativa.

Stephen Ward: Parecem estar, de certa forma, sem vida — é a palavra. Não parecem ser capazes de entrar em nada mais do que parecer estar a vaguear. E depois juntam-se e parecem ter algum tipo de ritual de orações.

Rose Creet: Suponho que devam ser orações.

Stephen Ward: Sim. E têm como que uns tapetes pequenos nos quais se sentam e se ajoelham, e entoam.

Rose Creet: Sim, diz-me mais, Stephen. Muito peculiar.

Stephen Ward: E parecem existir anciãos, ou pessoas que parecem estar a assumir o comando ou a chefia, e parecem completamente inconscientes da minha presença ou da presença de outros que sei que têm estado comigo.

Rose Creet: É como se estivéssemos numa espécie de atmosfera que... não diria que é escura. Não é escuro, pois consegue-se ver. Mas há uma luminosidade de um certo tipo, mas não é uma luminosidade que venha de dentro deles.

Stephen Ward: É uma luminosidade que está ali, na atmosfera. Mas o que não consigo entender é que estas pessoas parecem estar completamente alheias a tudo exceto a si mesmas e ao que suponho ser o seu ritual e o seu modo de vida. Vivem no que parece ser uma vasta planície.

Rose Creet: Há uma espécie de área montanhosa que está ao longe, que parece cercá-los, e parece haver uma espécie de névoa que é atravessada por uma luminosidade de luz. Mas é muito estranho, muito peculiar, porque parece haver uma humidade que se percebe e, de certa forma, se sente. E eu não entendi isso, francamente.

Stephen Ward: Embora, como digo, eu simplesmente não apanhe o jeito disto de todo. Entendo que são uma comunidade ou reunião de pessoas que têm certas crenças e ideias religiosas e que estão sob uma impressão, muito parecida com a de outros povos que conheci, de que têm a sua própria figura de proa e o seu próprio modo de vida e que vão ser reencarnados. E estão à espera do dia da reencarnação.

Rose Creet: Tudo isto me parece tão peculiar. Não sei se são Parsis ou o que são.

Stephen Ward: Sim, devem ser Parsis pela tua descrição e pelo que dizes. São uma seita à parte.

Rose Creet: Bem, eles parecem ter uma comunicação real uns com os outros. E eles... Isso é verdade, isso é verdade.

Stephen Ward: Sim, percebeste. Repara, dizem-me que isto é apenas uma pequena secção, embora me pareça imensa, porque me disseram que a vasta maioria destas pessoas logo avança e progride, mas encontras um certo número fixo de pessoas que têm este tipo de crenças, que são tão inflexíveis e tão apegadas a isto. Acho que alguns deles são muito intelectuais à sua maneira, pelo menos alguns dos que são os líderes devem ser, creio eu.

Rose Creet: Embora não sejam intelectuais no sentido de conseguirem retirar-se desta forma de pensar, mas de certas formas são, suponho, intelectuais. Mas a vasta maioria das pessoas que parecem agarrar-se a eles são muito comuns, muito monótonas e, imagino eu, muito camponesas, que não parecem ter a capacidade de pensar por si mesmas e, de alguma forma estranha, são retidas por estas ideias e pensamentos.

Stephen Ward: Mas parecem ter alguma crença, de qualquer modo, vou dizer isto: que estão à espera de uma ressurreição ou de uma reencarnação na Terra num sentido físico, e que o tempo para viver é inexistente de qualquer forma, e que estão muito conscientes, evidentemente, que a maioria deles — tirando os anciãos ou as almas avançadas, como gostam de se considerar, embora não o sejam realmente em alguns aspetos, obviamente — mas parecem pensar que têm de encarnar novamente porque têm de experienciar certas coisas que são necessárias para a sua conquista e realização espiritual, e que têm de estar neste estado de... não sei como lhe chamarias, mas é uma espécie de terra de limbo para eles, onde estão à espera, apenas à espera, por um tempo de encarnação.

Rose Creet: E, evidentemente, evidentemente, eles descem juntos em grandes manadas, todo um exército deles — é como o posso descrever — com os seus anciãos à frente, entram no mundo terrestre em lugares, não sei se é na Índia ou no Paquistão, mas enfim, tudo o que sei é que é algures no Oriente, e habitam, por vezes possivelmente do vosso ponto de vista de tempo, por semanas e meses, habitam lá em baixo na Terra e esperam que a encarnação ocorra; e muitas vezes, claro, não ocorre, invariavelmente não ocorre pelo que consigo perceber, e voltam todos de novo, e parece-me que estão o tempo todo a flutuar da sua própria esfera ou plano de pensamento de volta para a Terra.

Stephen Ward: Para a Terra? Sim. Eles não podem existir na Terra agora, pois não?

Rose Creet: Oh não, não quero dizer que existam. Não, não, não, eles são muito parecidos com — bem, são, claro — são como espíritos presos à Terra de certa forma, e parecem ter algum tipo de ideia de que, se estiverem na Terra no momento psicológico certo, conseguirão habitar um corpo, o corpo de uma criança ao nascer, um recém-nascido, e parece que estão à espera do renascimento. Estou, francamente, tão intrigado com este grupo que acho isto um pouco perturbador, ao mesmo tempo que, embora seja muito patético, tem um lado humorístico.

Stephen Ward: Isto é interessante para mim porque tenho receio de questionar pessoas que têm interagido com Parsis de Bombaim. Bombaim é a cidade... Eu sei do que se trata. Sei que este é apenas um número minúsculo em comparação, obviamente, aos milhões de Parsis que vêm para aqui e têm vindo para aqui.

Rose Creet: Há apenas este remanescente, embora seja bastante considerável na verdade, mas suponho que em comparação com os milhões de Parsis que de facto vêm para aqui ao longo dos anos, é um número infinitesimal; mas estes são obviamente, alguns deles pelo menos, muito determinados ou, diria eu, muito devotos do ponto de vista de que têm esta grande e tremenda crença de que têm de ser reencarnados e parecem não pensar nada da vida aqui ou da condição de vida na qual se encontram.

Stephen Ward: Apenas parecem estar à espera ou a aguardar a sua vez e a flutuar, sem fazer nada em particular mas enviando constantemente pensamentos e presumivelmente, suponho eu, as suas orações e reunindo-se em intervalos. Não parecem ter qualquer forma de existência além disto, e quero dizer, por exemplo, aqui em diferentes esferas e experiências que tive, milhões e incontáveis milhões de pessoas têm todo o tipo de interesses e todo o tipo de prazeres de vário tipo e grau, de acordo com o indivíduo em questão, mas estas pessoas, não consigo perceber o que as detém porque simplesmente não parecem ter nenhuns pensamentos ou ideias de qualquer consequência, meramente este

tipo de aguardar a sua vez até serem reencarnados, como se não tivessem tido vida, como se depreciassem a existência que tiveram no passado e o presente fosse apenas uma calmaria ou um intervalo no tempo até ao momento em que renascerão.

Rose Creet: Oh, eu... Estas nuvens peculiares. Estou tão contente por teres começado a falar sobre isso. Esse é um grande ponto de interesse para mim porque eu estava a tentar começar... Acho que alguns deles, francamente, acho que isto é possivelmente muito verdade, que alguns deles são almas muito, muito... hum, pouco desenvolvidas.

Stephen Ward: Acho, pelo que consegui colher, pelo que me foi dito, pelo que consegui trazer, há muitos destes que, evidentemente, nasceram em pobreza extrema, mal tiveram uma existência sequer. Acho que eram mais ou menos esqueletos vivos quando estavam na Terra e todos morreram comparativamente jovens. Não tiveram qualquer oportunidade possível ou hipótese de viver até qualquer idade que fosse.

Rose Creet: Acho que estavam numa condição de existência tão terrível quando na Terra e a sua falta de educação e tudo o mais era tal que o seu único conhecimento, tal como ele era, era o da sua fé ou religião particular na qual tinham sido criados, com a qual tinham sido incutidos desde o nascimento. Estava enraizado e acho que isso é algo que muitos deles não conseguem sacudir e acho que não permitem que outros se aproximem. Acham que estão postos à parte do resto e não ouvem ensinamentos ou conselhos.

Stephen Ward: Por outras palavras, claro, a pessoa sente uma pena terrível deles. É claro que se sabe que eventualmente eles sairão deste estado gradualmente. Alguns começarão e outros seguirão, mas não parece uma coisa terrível.

Rose Creet: Mas alguns deles genuína e sinceramente — acho que todos devem acreditar sinceramente e genuinamente — acham que têm de esperar até encontrarem bebés, bebés recém-nascidos, em cujos corpos possam reentrar na Terra. Tudo isto me parece estranho. Conheci alguns Parsis durante a minha vida, mas eram pessoas muito influentes e inteligentes.

Stephen Ward: Estes devem ser dos pobres. Certamente não o sugeririas a mim, porque pela própria maneira como existem, parecem perfeitamente contentes por viver no que eu chamaria de arredores pequenos e sórdidos. Acho que são asseados, que as casas parecem caiadas, como na vida dos marinheiros.

Rose Creet: Sei que soa estúpido. Tenho de te dizer o que experiencio e acho que, à sua maneira, eles são bastante sinceros. Quero dizer, parecem impecavelmente limpos em si mesmos.

Stephen Ward: As suas túnicas estão limpas. Acho que a limpeza deve ter sido parte da religião deles.

Rose Creet: Sim, verdade. Mas ainda assim, para mim, continua a ser uma forma muito desagradável de existir. Mas, lá está, estás a ver, acho que temos de meter isto na cabeça: descobri isto, que o que é desagradável para um não é desagradável para outro.

Stephen Ward: Cada um tem a sua própria ideia do que seria, para si, um estado feliz. Quero dizer, por exemplo, um homem num palácio seria feliz e outro homem estaria miseravelmente deslocado. Quero dizer que isso se aplica também à Terra, bem o sabemos, mas parece-me que estas pessoas olham para esta condição de vida como um ponto de espera.

Rose Creet: Sim. É a condição mental deles agora.

Stephen Ward: Sim, acho que é obviamente isso, claro, obviamente uma condição mental, tem de ser. Mas o que torna isto tão pavoroso, acho eu, é que de alguma forma, por causa deste estado de ser, eles sentem que estão separados. Não consegues aproximar-te deles. Na verdade, estão tão separados que nem sequer veem mais ninguém.

Rose Creet: Quero dizer, por exemplo, vais a algumas esferas onde eles têm o seu próprio modo de vida particular, que pode ser, do ponto de vista de algumas pessoas, uma condição de vida muito mais baixa do que aquela que desejaríamos para nós próprios, mas pelo menos és visível para eles, eles estão conscientemente desagradáveis. Estas pessoas estão tão embrenhadas nelas próprias que parecem estar completamente inconscientes da presença de qualquer outra pessoa.

Stephen Ward: Pois, eles aprisionam-se absolutamente, mentalmente, creio eu, e não conseguem ver. Estás a ver, quanto mais vejo, francamente, quanto mais vejo da vida, seja do vosso lado ou deste, mais certo estou de que ter uma mente recetiva e aberta é vital, porque aquilo que é verdade hoje pode ser verdade para o momento, mas não é necessariamente verdade para o amanhã.

Rose Creet: Estás a ver, a verdade parece ser... Eu sei que não podes mudar a verdade, mas vês, a questão é que a própria verdade pode ser visualizada e experienciada em diferentes patamares. O que era uma grande verdade, digamos, ontem, não é uma verdade tão grande hoje porque ganhaste um conhecimento maior e uma verdade maior e, em consequência, é uma evolução, percebes.

Stephen Ward: Sim, sim. Quero dizer, por exemplo, podes recuar no tempo quando as pessoas acreditavam em certas coisas, na Terra, por exemplo, e para elas essa era a verdade tal como a conheciam de acordo com a sua luz. Mas o homem avançou em certos aspetos desde então, e isso parece quase risível, mas não altera o facto de que, naquela época e era, era a verdade.

Rose Creet: Claro que sabemos que por vezes as pessoas podem ser muito ignorantes e aceitar algo como sendo a verdade quando não tem base na verdade, mas há vários graus de verdade.

Stephen Ward: Sim, mas à medida que o homem progride, a verdade também progride.

Rose Creet: Sim, esse é o ponto. Há sempre nova verdade para agarrar, nova verdade para compreender, nova oportunidade para ser aproveitada e, através da oportunidade aproveitada, surge uma nova perceção, e o progresso acontece. É quando as pessoas estão contentes como estas pessoas, assim me parece, paradas; elas ainda parecem pensar que, se querem avançar, têm de voltar à Terra para ganhar conhecimento terrestre e verdade terrestre, que provavelmente por alguma razão não foram capazes de experienciar quando estavam na Terra. Consigo compreender esta reencarnação até certo ponto.

Stephen Ward: Acho que é possivelmente muito verdade em muitos aspetos, mas, de facto, sei que deve ser; no entanto, parece-me que há algumas pessoas que têm esta ideia fixa de que devem estar sempre a regressar à Terra.

Bem, eu acho que chega um momento em que podes tirar da Terra a vida, ou vida, tudo o que precisas, e não há necessidade de continuar a voltar e a voltar, percebes. Mas, de qualquer forma, nem acho que seja bem isso com estas pessoas.

Isto é algo religioso e suponho que, de certa forma, não seja diferente da ideia cristã — pelo menos o tipo de cristão de mente estreita que acredita na ressurreição, que vão renascer na Terra e que esse será o grande novo mundo. É a mesma ideia. É a mesma ideia, na verdade, fundamentalmente, o que nos torna muito suspeitos.

Quanto mais se entra nesta experiência religiosa, ou pelo menos nos estudos sobre ela, quanto mais se sabe sobre o assunto, mais se vê o mesmo padrão a percorrer todas as diferentes religiões. Parece-me que é algo que foi tirado de uma e acrescentado a outra, e tudo cresceu, e o fundamento da verdade, na vasta maioria disto, é infinitesimal. Estás a ver, o ponto fulcral é que somos todos fundamentalmente, num sentido, bem, somos todos fundamentalmente seres espirituais, na medida em que temos os nossos corpos, seja no teu mundo, ou neste mundo, ou nesta esfera, ou naquela esfera, de acordo com as condições de vida naquele ambiente particular em que nos encontramos, o qual serve o seu propósito por um determinado tempo.

Deste lado, não podemos julgar o tempo da mesma forma, mas parece-me que passamos por todos estes variados graus e fases de existência, sejam eles materiais, mentais ou espirituais, e todos servem o seu propósito, e todos evoluímos gradualmente através deles e a partir deles, e continuamos a subir. Uso o termo "subir", mas na verdade estamos a avançar, e depois estamos a ganhar maior conhecimento, maior experiência, e quando assimilamos tudo o que uma esfera ou plano nos pode dar, então renascemos, num sentido, num novo plano.

Não significa necessariamente dizer que esquecemos tudo o que aconteceu na vida anterior, é por isso que nas encarnações podemos apanhar fragmentos aqui e ali, podemos ter alguma recordação de coisas passadas, mas não é apenas o passado, é o presente e o futuro, e o que o futuro reserva, e o que podemos

ganhar com ele, uma experiência que podemos aprender, que nos beneficiará para mais além, uma vida nova, um novo gozo e felicidade num sentido ou esfera ou forma diferente.

Parece-me que todos estes diferentes povos, todos estes mundos diferentes, todas estas evoluções diferentes, chama-lhes o que quiseres, estão todos entrelaçados. Não creio que sejamos realmente capazes de nos separar completamente; somos indivíduos separados, num sentido isso é verdade, mas parece-me — quero dizer, mesmo com estas pessoas que vi recentemente e que ainda me intrigam um pouco — consigo ver que, afinal de contas, existe uma ligação. Pode ser uma ligação muito distante, mas é obviamente uma ligação, e quando eles próprios se conseguirem tornar um pouco mais conscientes e despertos para os outros, vês aquela tragédia, que é estarem o tempo todo a pensar em si mesmos como povos separados.

Acho que essa é uma das coisas que devemos, acima de tudo, tentar superar: este sentimento, seja no teu mundo ou neste, de que estamos de qualquer forma ou feitio separados do resto. Não existe tal coisa, num sentido; existe uma — no teu mundo, deve haver, suponho, raças diferentes, mas o que é importante é perceber que todas as raças são realmente parte umas das outras, não há uma linha de demarcação real ou separação, apenas o que o próprio homem cria por ansiedade e tolice. Mas acho que essa é a tragédia do mundo.

Rose Creet: Claro que é. E existem estas barreiras, barreiras que são construídas através do país e da raça e do orgulho e da nacionalidade e por aí fora; todas estas coisas são o que leva à guerra, à infelicidade e ao conflito. Se ao menos o mundo se pudesse ver como uma grande raça humana, todos os fundamentos estão lá.

Stephen Ward: Bem, acho que estão a ser dados passos nesse sentido.

Rose Creet: Bem, gostaríamos de pensar que sim. Com os aviões a circular, as pessoas estão a conhecer melhor os diferentes países.

Stephen Ward: Sim, é bem verdade, é bem verdade de certa forma, mas não sei, parece-me que olhas para alguns destes países que estão a ter governo pela primeira vez e algo que supostamente queriam e pelo qual lutavam há anos, e

assim que o conseguem começam a lutar entre si, a cortar a garganta uns aos outros, sabes. O patriotismo é a falha. Acho que o patriotismo, o patriotismo fundamentalmente é algo mau.

Sabes, quero dizer, estivemos a falar de Churchill; quero dizer, ele era um homem maravilhoso para o seu cargo na altura. Temos de nos livrar deste tipo de patriotismo, de "este país é o meu país, e é um país melhor do que o teu", e "somos uma raça melhor do que tu", e, sabes, quero dizer, toda esta mentalidade é o que leva às guerras. É tudo tão trágico.

Rose Creet: É. É muito, muito trágico. Bem, admito que acontece o mesmo, acontece o mesmo com a classe social.

Stephen Ward: Aversões e ódios e por aí fora, é tudo muito estúpido. Quero dizer, não é uma questão de saber se esta pessoa é melhor do que a outra pela classe, pelo contexto ou pela educação, o que importa é o que está dentro delas, é a sua natureza e a sua reação à vida e às pessoas e como se comportam. Estas são as coisas importantes.

Não é se foste afortunado num sentido material, é como tu próprio és que importa.

Rose Creet: Exatamente. Afinal, certamente o verdadeiro teste de caráter, a verdadeira análise de um cavalheiro ou de uma senhora não é a escola onde andaste ou como está o teu saldo bancário, é o que tu és, como te comportas.

Comportas-te como um cavalheiro se deve comportar? Comportas-te como uma senhora se deve comportar? Estes são os verdadeiros testes de caráter e de pessoa, não achas?

Stephen Ward: Oh sim, tens toda a razão. Quero dizer, conheci imensos cavalheiros. Quero dizer, eram cavalheiros quando lhes convinha. E, claro, conheci muitos cavalheiros que eram realmente cavalheiros. Quero dizer, o ponto é que não se podem estabelecer regras rígidas e fixas sobre as pessoas, suponho eu. Não é correto que se faça.

E devemos procurar o que está escondido lá no fundo. Às vezes está tão bem escondido que não temos forças para escavar. Mas o ponto é que temos de o

fazer, se quisermos dar-nos bem com as pessoas, se quisermos fazer algum progresso na tua vida, tudo isto.

Temos de ver em nós próprios algo que talvez não vejamos e que possa criar certos elementos de dificuldade para nós com outras pessoas. Temos de ver o bem nos outros e ver o pior em nós mesmos. Não serve de nada procurar apenas o bem em nós próprios, envaidecer-nos, dar palmadinhas nas nossas próprias costas e dizer: "oh, eu fiz isto e eu sou isto, aquilo e aqueloutro".

Acho que devíamos tentar ver onde erramos. Tentar retificar. É o que eu tenho estado a fazer. Quero dizer, não sou nenhum santo, sabe Deus, mas percebo — e se quiseres, os meus próprios erros e falhas. E aprendi com eles. Não me arrependo deles, num certo sentido, porque percebi que aprendemos com estas coisas.

Rose Creet: Sim, sim.

Stephen Ward: Mas acho que temos de compreender os outros e temos de dar margem aos outros. E temos de tentar ajudar os outros da forma correta, se pudermos, para erradicarem por si mesmos algumas das falhas que, muitas vezes, os impedem de ser pessoas mais felizes e também, ao mesmo tempo, de serem capazes de viver de uma forma que, bem, eles próprios desejariam.

Tanta gente não se apercebe, mas eles próprios constroem as barreiras dentro de si. Provavelmente nem têm consciência do facto, mas às vezes a pessoa tem de tentar apontar-lho. Aqui isto acontece, mas é feito de uma forma em que ninguém se pode sentir ofendido.

E às vezes é bastante difícil, é verdade. Quero dizer, eu sei que tive de aprender algumas lições e nem sempre foram fáceis. Às vezes as pessoas tiveram de me mostrar certos aspetos de mim mesmo que eu nunca soube que realmente existiam. Acho que isto é uma recompensa, algo que se aplica a todos nós.

Rose Creet: Sim. Tens de ser capaz de receber tanto quanto dás.

Stephen Ward: Ah, esse é o problema. Podes fazê-lo aí, talvez do teu lado, mas é muito, muito difícil com muitos fazê-lo aqui. E por mais gentil e bondosamente que lhes apontes as coisas, quase sempre levam a mal. Esse é o problema.

Rose Creet: Bem, é estúpido, Lillian.

Stephen Ward: Mas mais cedo ou mais tarde a pessoa tem de perceber — eu percebi-o, e todos os que vêm para aqui percebem, não importa quão grandes possam ter sido ou quão humildes possam ter sido — que todos temos tanto para aprender uns com os outros. Acho que todos devemos perceber — acho que é quando vens para aqui que percebes mais do que nunca — quão infinitesimal, num sentido, tu és.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Sabes, e há tanto... a densidade da vida e a plenitude da vida e a oportunidade de vida aqui é tremenda, e a vastidão de tudo isto. É isso que realmente nos deixa atordoados. Foi o que me deixou mais atónito do que qualquer outra coisa: a vastidão de tudo isto. Está além de qualquer descrição.

É impossível conceber. Eu próprio ainda não consigo. Quero dizer, vi aqui tantas facetas diferentes de viver e de povos que, mesmo que tos pudesse explicar, tudo continuaria a ser tão pequeno em comparação com a realidade disto. A imensidão da vida. Não é assustador. É empolgante.

Ao início pode parecer um pouco assustador porque é tudo tão novo e tão estranho, tão vasto, e encontramos todo o tipo de pessoas de diferentes condições de vida, algumas tão avançadas que sentes, bem, eles são realmente deuses. E depois percebes — eles fazem-te perceber, não és tu que o fazes por ti — eles fazem-te perceber que não são deuses. São pessoas como tu.

Mas aprenderam um pouco mais e são mais humanas por causa disso. São mais humanitárias. São mais compreensivas, mais solidárias, mais tolerantes. E isso é uma coisa gloriosa. Quero dizer, as pessoas de quem estive a falar agora, em certos aspetos, são tão estreitas e tão intolerantes e tão fechadas em si mesmas que não conseguem ver nada, apenas o que querem ver. Mas as pessoas mais avançadas são tão tolerantes, tão amplas na sua visão e experiência que são tão humildes e tão amáveis e tão prestáveis e tão bondosas, tão absolutamente fantásticas.

Quero dizer, não consigo começar a descrever como é estar numa esfera para onde fui levado, onde toda a atmosfera é absolutamente iluminada além do

que se possa acreditar. É como se fosses colocado numa condição de vida onde tudo parece ter um brilho e, no entanto, apesar da intensidade da sua beleza e do seu brilho, não é o tipo de intensidade que de alguma forma te assuste ou te faça sentir "bem, tenho de fechar os olhos, isto é demasiado forte ou demasiado poderoso". É algo que podes contemplar e que podes absorver dentro de ti e, à medida que o absorves, dá-te um calor e um brilho tais que te tornas quase parte daquilo. Parece que és capaz de tirar dali tudo o que aquilo te pode dar, pelo menos algo que te possa dar, o que te ajuda a apreciar tudo ainda mais e a ser um com aquilo.

E é como se fosses revitalizado e te dessem uma nova oportunidade de vida, dão-te algo que é tão vitalizante em si mesmo que não há peso nenhum, há uma leveza e há um ar de frescura e há uma beleza sem comparação e há tudo o que o olho poderia desejar contemplar que é glorioso, absolutamente fantástico; e vês não só pessoas, mas vês todo o tipo de vida em todas as formas diferentes e é vida num estado glorificado. É como se os próprios pássaros e os próprios animais tivessem uma vitalidade e um poder que nunca possuíram na Terra para serem capazes de quase comungar contigo. Na verdade, num sentido, é verdade dizer que eles conseguem e que o fazem.

Não é que ouças uma voz vinda deles, é que tens consciência de alguma beleza dentro deles que está a falar contigo, ou de alguma forma como se estivesses a harmonizar com eles e eles contigo. Claro que este é um estado de ser que eu apenas visualizei, apenas me foi permitido experienciar por um breve intervalo porque sei que não estou pronto para ele, e aprecio o facto de não estar pronto e provavelmente, num sentido, se me fosse permitido ficar lá, sentir-me-ia um pouco desconfortável porque saberia dentro de mim que não era digno disso. Mas o ponto é que sei que está para vir quando eu estiver pronto, mas foi-me dada uma visão disso apenas para me dar o incentivo para tentar um pouco mais do que talvez tenha tentado.

Estás a ver, essa é a alegria e a beleza disso. Assim que abres a tua mente e estás recetivo a isto, então, claro, tornas possível para ti ter pelo menos uma

pequena visão de algo que está para vir. Dá-te uma perceção extra, um incentivo para trabalhar para isso, percebes.

É terrivelmente difícil de explicar, mas é algo que sentes mais do que podes retratar ou descrever ou explicar. De qualquer forma, um pouco mais tarde, quero contar-te particularmente, não tanto sobre as esferas deprimentes, que também vi, mas quero contar-te mais sobre as esferas gloriosas de que tive uma visão.

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: Foi tão fragmentário num sentido, mas tem de ser algo que te devo contar porque é muito mais interessante e muito mais... Mas quero que saibas disso. Quero que saibas o lado melhor, bem como o lado mais sombrio.

Rose Creet: Eu gosto... quero saber os dois lados, Stephen.

Stephen Ward: Eu sei que sim. Por isso é que te estou a falar destes Parsis ou o que quer que sejam.

Rose Creet: Sim, sim.

Stephen Ward: Mas quero que saibas mais sobre o... bem, o pouco que eu próprio consigo colher e o que consigo experienciar. Quero que partilhes comigo. Não quero... Sabes, apenas quero tentar contar-te tudo o que puder.

Rose Creet: Oh, obrigado, Stephen. Tens feito coisas maravilhosas. Ver-te-ei novamente na segunda-feira. Se tudo correr bem, de qualquer forma. Vou para a cama esta noite.

Stephen Ward: Mantém-te firme, minha velha, e não te preocupes. Tens mãos muito boas, sabes.

Rose Creet: Sim, eu sei.

Stephen Ward: Adeus.

* * *

PROGRESSO, COMPAIXÃO, CONHECIMENTO, EXPERIÊNCIA

041065

Comunicador: Stephen Ward.

Esta gravação foi feita a 4 de outubro.

A Rose James é solicitada, encontrar a Rose James. Ela está aí, não está? Olá.

Rose Creet: Stephen?

Stephen Ward: Sim. Quem está aqui? Porque é que dizes "valha-me Deus", como se mal esperasses que eu viesse? Bem, eu digo que estamos todos aqui, claro, no centro. Não é totalmente exato, porque todos... bem, na verdade, tem sido possível que muitos de nós estejamos aqui de qualquer maneira, a maioria da "velha guarda".

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: Estou a sentir um pouco de pressão na minha cabeça, está bem? Fiquei um bocado surpreendido.

Rose Creet: Porquê?

Stephen Ward: O coração está tremendo, o máximo, esta noite. De facto, o poder aqui na sala é... Eu não sei muito sobre isso no aspeto científico. Isso está muito gravado. Mas sei que o poder aqui é forte; posso dizer pelo número de pessoas na sala, e toda a vibração é muito... "elétrica" é a palavra, também poderia usar essa. Tecnicamente, isso nem sequer está certo. Não conheço o aspeto técnico deste negócio, mas sei sempre dizer quando as condições estão muito vivas ou muito vitais.

E como temos uma atmosfera vital ao redor, o que é bastante notável, e é muito factual — mais do que estar ao teu lado de um lado, e a tua mãe estar do outro — praticamente desde que entraste na sala. Imagino que, assim que apagarmos a luz, eles se colocarão onde os vi entrar.

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: Não posso dizer que não sinto algo especial na cabeça. Bem, acho que provavelmente isso tenta dar-te o alarme e o carinho; e, no que toca a sentires o poder suave que está a ser lançado para ti, dando-te isso pelo "limão" — claro, o Marshall e todos os outros seres virão. Na verdade, há um ajuntamento tão tremendo de pessoas aqui. É muito difícil de descrever, num sentido, porque assim que pensas no chão, quando falamos de inúmeras pessoas, nunca sabes como estás a tentar visualizá-lo; deve ser muito difícil de compreender e apreciar. Suponho que não compreendam, porque estou nervoso, mais do que o habitual.

Bem, afinal de contas, de certa forma, este tornou-se um local bastante famoso. Quero dizer, todo o tipo de pessoas vem aqui, com frequência; refiro-me a muitas das pessoas, e outros que vêm muitas vezes, e outras pessoas são atraídas e trazidas aqui. Todo o tipo de corpos vem, sabes, e partes interessadas que não estão realmente associadas ao círculo ou grupo, ou como queiram chamar-lhe. Mas, por vezes, alguns são trazidos para iluminação — pessoas que são talvez velhos amigos que estão interessados e ansiosos, possivelmente, e algum dia-a-dia fazer uma comunicação. É um conglomerado de todos os tipos de pessoas que, de certa forma, são todo o tipo de vibrações e diferentes níveis de experiência.

E, claro, alguns olhos, eles, como dirias, estão numa espécie de busca ("find"); e não quero dizer com isto que não sejam pessoas simpáticas, mas, sabes, aquele sentimento de estar alerta, a tentar compreender este negócio da comunicação. E muitas vezes, claro, com a ajuda de, talvez, em algum momento, conseguirem passar eles mesmos e possivelmente fazer algum contacto algum dia com alguém pessoal, ou algo muito grande. Vês, até certo ponto, vês festas muito diferentes, porque o médium, poder-se-ia dizer, é um médium profissional.

Quero dizer, ele senta-se com todo o tipo de pessoas e, às vezes, relações de amigos desses cidadãos. Às vezes vêm aqui para ficar de pé e observar, sabes, não tencionam comunicar, apenas ter alguma experiência; mas, mais tarde, poderão ser capazes de comunicar com a sua própria gente, percebes?

Isto é realmente muito mais do que pensas. Vês os "icebergs" e a forma como pensas nisso como a tua própria sessão privada — que, claro, é. Mas, ao mesmo tempo, serve um propósito mais amplo para todo o tipo de outras pessoas. Refiro-me a mim, amigos, como disse: num sentido, do teu ponto de vista, talvez, pelo menos em tempos, não era a minha vinda — na vida após a morte — não era realmente o meu conectivo relacionado com, ou não sendo um membro do teu grupo, ou almas associadas a ti. E, vês, eu sinto-me como estas outras pessoas se sentem: que, estando aqui e ganhando alguma experiência com isso, e a perceção da comunicação ser um facto, e em algum momento talvez ser capaz de fazer um contacto comigo mesmo, percebes? Outras pessoas sentiram-se assim e sentem-se assim.

Vês, quero dizer que isto não é apenas algo egoísta, de modo algum; nunca quero que te sintas assim. Não tenho a certeza, o Marshall deve ter-te dito, mas nunca deves sentir que isto é algo egoísta — o facto de teres a oportunidade de te sentares, talvez duas vezes por semana, nas tuas próprias condições, no teu próprio apartamento, quando outras pessoas têm uma dificuldade enorme para conseguir um contacto. Nunca sintas que isto é algo apenas, necessariamente, para ti mesma. No sentido de que, claro, em anos, isto é tudo experiência que tu amas. O ponto é: está a servir um propósito muito mais amplo. E, na verdade, todas as coisas que têm acontecido todos os anos, assemelham-se ao que consigo apurar, serão eventualmente de valor para outros; não são apenas para ti e tudo isso. Não, não. Oh, não.

Sim, eu gostaria de saber isso, sabes, gostaria de saber isso porque sei que não és, por natureza, uma pessoa [egoísta] e, embora tenhas o privilégio ou a oportunidade de comunicar tão frequentemente, por trás de tudo está o desejo de que isto seja espalhado e que outros sejam confortados. Quero dizer, mesmo quando, por exemplo, recentemente fomos capazes de trazer uma "galáxia" para

o teu amigo — embora não tenha sido retribuído ou não tenha sido, talvez, exatamente recebido com um acolhimento caloroso, ou de braços abertos, ou de que forma queiras pôr as coisas — mas não foi desperdício. E acho que ele teve prazer nisso, e tenho a certeza de que ele sentiu que, embora não tenha sido totalmente compreendido ou apreciado, não caiu em solo estéril completamente. Não, não creio. Acho que eles verão a semente. Mas, claro, quando dizes uma semente, vês, tens de trabalhar nela. Quero dizer, tens de a nutrir, não é? O ponto é que ali, claro, pouco ou nada é feito para cuidar dela, ou nutri-la, ou fazê-la frutificar; mas isso não quer dizer que a semente simplesmente vá morrer. Acho que ela acabará por dar algum fruto. Não acho que tenha feito mal nenhum. Acho que o tempo ainda poderá vir em que haverá um desejo de saber mais. Vês, não acho que devas sentir nesta fase que há um desperdício de esforço.

Não, eu não sinto. Quero dizer, afinal de contas, quando a pessoa clicar, se receberes mais mensagens, avisa-me. A forma como é, mostra a curiosidade. Mostra um interesse. Sim. Pode ser que a ideia disso, ou o que possa ser algo de natureza material, valha a pena ouvir do ponto de vista de uma atitude, que possa ser alguma ajuda nisso, ou valor; mas por trás, mesmo às vezes, claro, temos de trabalhar dessa forma. Quero dizer, eu percebo isso muito bem, eu próprio: se queres chegar a algum lado de forma espiritual com as pessoas, tens muitas vezes de começar numa base muito material. Por outras palavras, tens de lhes dar algo para aguçar o apetite — algo material — e depois, gradualmente, introduzir algo um pouco mais inspirador e um pouco mais elevador.

A questão está em que temos de conhecer as pessoas com quem estás a lidar. Tens de conhecer a mentalidade. Tens de saber o tipo de pessoa que elas são e o tipo de coisas em que estarão interessadas ou que aceitarão. E é por isso que, claro, muito francamente, há muitas mensagens que, à primeira vista na comunicação, são banais e materiais — falecidos, talvez às vezes um bocado triviais. Mas são frequentemente essas coisas que fazem as pessoas sentarem-se, prestarem atenção e dizerem: "Oh, bem, isto é tudo muito interessante. Conta-me mais." E depois, gradualmente, sim... vês, uma pessoa tem de... Quero dizer, se uma pessoa está intrigada com este assunto, é muitas vezes porque, em primeiro

lugar, claro, tem alguém que amava muito, e está muito ansiosa por saber se há a possibilidade de comunicação; e, claro, quando percebem que é possível, então a abordagem delas é, normalmente, uma retribuição de tal forma que recebem conforto na sua vida.

Mas, claro, a questão está nisto: como muitas pessoas tentam manter, mesmo nós que vimos, no mesmo nível, e às vezes é difícil para nós, porque às vezes ficamos um bocado desconcertados com elas, percebes; tu pressionas, porque queres dizer algo realmente importante, ou realmente valioso, realmente algo bastante acima de tudo aquilo. Mas, mesmo assim, às vezes temos de nos manter num nível, um nível baixo, e por muito tempo é muito angustiante. Sim.

Rose Creet: E quanto a ti, Stephen? Como estás tu? O que tens feito? E quem está contigo?

Stephen Ward: Bem, que tipo de interesse tens tu? Bem, é uma pergunta bastante difícil de responder. Por exemplo, quando me perguntas "até onde progrediste?". Porque, num sentido, não conseguimos responder realmente a isso, porque... Quero dizer, por exemplo, posso dizer: "sim, progredi imenso", do ponto de vista do facto de que já não penso da mesma maneira que costumava pensar; toda a minha atitude mudou. Estou numa esfera inteiramente diferente de vibração de luz, onde vejo, testemunho e experiencio coisas que estão muito removidas do velho mundo. Mas o ponto é que é muito difícil dizer realmente o quão longe progredimos pessoalmente.

Suponho que é quando tu própria percebes que mudaste. Estás ciente, estás ciente da mudança dentro de ti; e, conforme mudas dentro de ti e adotas novos sentimentos, novas ideias e experiências muitas coisas novas, também percebes a imensidão de tudo aqui. E possivelmente, num sentido, sentes que, embora tenhas aprendido bastante, ainda não aprendeste realmente o suficiente. Sabes, de certa forma, suponho que essa seja a alegria e a beleza disto, porque o tempo todo, sabes, há muito mais para saber, muito mais para experienciar; não há uma linha de demarcação, não há aquele dizer para ti própria: "oh, bem, alcancei as estrelas a que consigo chegar". Parece que são ilimitadas, e não há uma linha, não há separação. É algo que não consigo pôr realmente em palavras, porque é algo

que sentes, mais do que podes descrever ou retratar. Quero dizer, tive todo o tipo de experiências, encontrei pessoas interessantes, estive em todo o tipo de lugares interessantes, e vi tanto que é espantoso e até divertido às vezes; mas o tempo todo estou a viver e a experienciar, e estou sempre a dizer para mim próprio: "é tão maravilhoso, é tão magnífico".

Stephen Ward: Não poderia haver nada mais maravilhoso do que isto, e mais excitante do que isto; e, no entanto, dentro de mim, sei que, num sentido, sou apenas como uma criança e que vou crescer, e vou experienciar muito mais, e aprender muito mais, e entrar em novos ambientes e novas condições. É a coisa mais vibrante e excitante, porque as coisas estão sempre a mudar. Não quis dizer com isto que se perde a perspetiva, ou que se perde o medo, ou o tato, ou que subitamente te tornas algo tão diferente que não te reconheces a ti próprio ou aos outros.

É algo que não consigo definir; é algo que suponho ser como a própria vida, bem como esse mistério que ainda existe hoje. Embora se esteja a aprender e a experienciar todo o tipo de coisas o tempo todo, ainda há mistério, ainda há fontes inexploradas e novas aventuras; entrar em novos povos para conhecer, mais experiências, muito para além da tua imaginação mais selvagem, também é excitante.

Rose Creet: Sim. Eu ainda nem cheguei lá.

Stephen Ward: Não chegaste. Não. Não sei bem o que se passa comigo, mas há um sentido de que algo está errado comigo, bem como com todos, porque não era assim que eu estava... quando percebes que há a possibilidade de uma vida, sentes que queres fazer tanto, tão depressa, e percebes que não forças nada. É algo que acontece dentro de ti e, conforme estas coisas acontecem dentro de ti, estes horizontes tornam-se visíveis; caso contrário, são invisíveis. Aquilo que parece turvo, parece remoto, e tens uma vaga ideia mas não o consegues alcançar; isso vem gradualmente para a tua vista. É algo que te dás a ti próprio, dentro de ti, sabes, esperando que o momento seja o certo. E quando não é o certo, se não fores invisível, sentes-te pressionado porque não consegues atingir um certo objetivo.

E num sentido — embora aqui haja uma sensação contraditória — não há objetivo, e no entanto há um objetivo; é um objetivo invisível, ou algo que sentes e estreitas dentro de ti. Cada passo, cada experiência, cada indivíduo que encontras, cada conversa que tens, tudo se soma, tudo significa algo; nada se perde e algo se ganha. E embora talvez, num sentido, olhes para trás e percebas que há vida... é importante. Não acho que se deva dizer "o que é isto?", pois esta vida não é realmente de curta duração se a tivermos de pôr no tempo; cada momento tem algo, cada experiência, seja ela qual for, torna-te melhor e diferente. Cada indivíduo que encontras fará com que tudo seja competitivo; afinal de contas, isso é a vida. É um aspeto da vida do qual fazes parte.

E mesmo quando a deixas para trás, como eu deixei, ainda faz parte de ti num sentido, porque não te separas completamente. Refiro-me a pessoas que estão aqui há milhares de anos, no tempo, e no entanto tenho a certeza de que admitiriam que, embora possam entrar facilmente no nosso modo de pensar material, e certamente estejam muito removidas das coisas materiais, não estão completamente separadas. Com isto quero dizer que existe esta compaixão, existe este tremendo lado emocional que é uma grande realidade dentro de nós: saber que fazes parte de cada ser humano, não importa quão "baixo" ele possa estar, quão pouco desenvolvido ou inexperiente em coisas espirituais.

O ponto principal é que vejo-me agora, claro, ainda como um indivíduo, mas ao mesmo tempo não diria que sou insignificante — porque ninguém é realmente insignificante. Toda a gente que nasce, toda a gente que tem vida, seja no teu mundo ou neste, toda a gente é significativa. Mas a questão é que se sente a imensidão da vida e o tremendo, tremendo maravilhamento de tudo isto: que fazes parte desta realidade viva. Quando uma pessoa sofre, num sentido, não está a sofrer sozinha; do ponto de vista material as pessoas estão afetadas, tu és parte disso.

Vês, é este sentimento tremendo dentro de nós de desejar ser prestável, de desejar incutir nas pessoas que ainda estão aí — particularmente naquelas que amamos, e mesmo em pessoas com as quais não estamos de forma alguma ligados por parentesco mas com quem possamos entrar em contacto — que por

vezes sentimos "se ao menos pudéssemos dizer-vos algo que vos ajudasse, ou confortasse, ou elevasse". Algo que vos desse um incentivo para ver a vida como ela realmente é, para perceber o propósito e o significado, e perceber que esta situação presente na qual te possas encontrar é, num sentido, boa para ti, não necessariamente má. Quando as pessoas sofrem, claro que nós também sofremos; não sofremos fisicamente, mas sofremos no sentido espiritual.

Eu nunca gostaria que ninguém sentisse — e falo por mim e por todos nós aqui — que estamos, num sentido, separados de vocês. Podemos não estar convosco completamente, mas não vos perdemos de vista, não fomos tão longe que não possamos sentir por vocês, e não perdemos o desejo de vos ajudar. Claro que acabaremos sempre com Deus, se pudermos. Obrigado.

É muito difícil explicar certas coisas. Não acho que ninguém consiga — nem o Dr. Marshall, nem eu, nem ninguém, por muito elevado que seja — encontrar palavras para expressar a intensidade da vida. E acho que é isso que realmente significa: a intensidade da vida dentro de cada um de nós. E, claro, quanto mais envolvida uma pessoa se torna, maior é o horizonte da mente, maior é essa experiência, maior é a nossa perceção, maior o nosso entendimento, maior a simpatia e maior a nossa humildade.

Acho que é esta humildade que cai sobre nós que é a coisa mais marcante. Às vezes, no início, é um pouco chocante, suponho eu, particularmente se tiveres sido alguém de importância na Terra, ou se tiveste algum cargo de prestígio, ou talvez tenhas sido fado em todo o lado e todos olharam para ti como uma grande personalidade. Acho que quanto mais sobes, se fores honesto contigo mesmo na Terra, percebes que não és realmente nenhuma das coisas que as pessoas talvez pensam que és. E muitas vezes a pessoa sente, não vergonha exatamente, mas sente que é apenas um homem, que se colocou numa posição ambiciosa. Isto pode soar muito estranho, muito bizarro, mas aqui sente-se isso com mais intensidade.

O ponto principal é que quanto mais sobes, mais humilde te tornas, mais sensível te tornas aos pensamentos dos outros. E quando as pessoas te elogiam, ou querem agradecer-te, ou querem transmitir algum apreço, não é que queiras

rejeitar isso, ou que não o aprecies; tu aprecias, mas de alguma forma sentes que não deveria ser necessário. Sentes para contigo próprio: "Estou a fazer o que estou a fazer porque é o que devo fazer, porque é a coisa certa a fazer dentro de mim; não estou a fazer algo porque quero reconhecimento ou apreço. Faço-o porque o amor o exige, o amor o ordena." Mas num sentido, até isso está errado, porque não é o amor que exige e ordena; é o amor que nos impulsiona.

Vês, não sinto que perdi a minha individualidade ou a minha personalidade, ou que me perdi a mim próprio, mas sinto-me agora muito mais em sintonia com tantas pessoas, de todas as nações e tipos. Sinto-me atraído por outros que estão menos informados, outros que são, como disse, talvez diferentes de mim; sinto que cada pessoa que ainda não aprendeu a apreciar, ou que não teve a oportunidade porque as circunstâncias fora do seu controlo a empurraram numa direção diferente... Eles são as vítimas, talvez da sociedade, ou da sua própria falta de capacidade de sentir que algo está errado. E então eu quero tentar fazer algo para os ajudar. Às vezes é praticamente impossível, mas nunca se para de tentar.

Sim, mas ao longo dos anos, acho que todos temos de perceber que todos podemos ser ajudados mas, ao mesmo tempo, nós próprios temos de ter a iniciativa; temos de ter o desejo, dentro de nós, por orientação. Quero dizer, muitas vezes uma pessoa no teu mundo está num estado muito infeliz e clama dentro de si por ajuda. As pessoas dizem sempre, quando estão em aflição extrema — mesmo as que não são religiosas — elas aceitam Deus. Dizem: "Oh Deus, ajuda-me!". É um grito humano automático, que vem do coração. Acontece sempre. É quando a pessoa clama profundamente dentro de si que nós podemos, em certa medida, alcançá-la.

Mas, claro, a tragédia é que o homem invariavelmente só clama dentro de si quando está em apuros, quando tem grande necessidade, quando sente que a ajuda é essencial. E a questão é que nós ajudamos naturalmente, sempre que é possível ajudar qualquer alma humana, em qualquer circunstância, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance. O problema é que o homem na Terra, invariavelmente, quando as coisas estão a correr como ele quer, não se incomoda

em pensar em nada que não seja material. A única altura em que ele realmente pensa em Deus, ou em coisas da mente ou do espírito, ou em coisas fundamentalmente boas, é quando está em desespero total.

Enfim, fico muito contente por poder vir falar contigo.

Stephen Ward: ...Se um homem está significativamente próximo do seu médico, ele provavelmente não tem muita fé no médico na maioria das vezes, mas pelo menos é um amparo a que se agarrar. É o mesmo com a religião, claro. Muita gente diz: "sim, bem, sou cristão", ou "não vou à igreja, mas espero, sabes...", sim, porque foram criados nisso e por aí fora. Mas, quando algo espiritual acontece e eles realmente pensam: "oh meu Deus, vamos chamar por Deus", ou chamam pela igreja, ou chamam pelos pastores.

O ponto é que, quando as pessoas estão em aflição extrema, elas chamam, elas querem ajuda. A questão é, claro, que se deve perceber que só se pode receber ajuda — só se pode realmente acabar por receber algo de valor real — quando tu própria, por tua própria iniciativa, pelo teu desejo e pelo teu esforço, trouxeste à existência, dentro de ti, a mudança possível que te permitirá não só receber ajuda, mas também mover-te para ajudares os outros.

Vês, as pessoas são desafortunadas; são muitas vezes apenas seres autocentrados, pensam em si mesmas o tempo todo e raramente pensam nos outros; a vida inteira delas está centrada em si mesmas. É só quando te esqueces de ti própria que começas a viver, que começas a sentir, a entender e a tornar-te realmente um indivíduo útil, do ponto de vista de ser uma assistência e uma orientação genuína para outras pessoas.

Todos os grandes mestres... e já conheci alguns, estive em templos, nos primeiros templos, e foram-me mostradas pessoas e introduziram-me a visões e sons, e às primeiras experiências de há séculos, séculos atrás, desvendadas diante dos meus olhos — incidentes que aconteceram há milhares de anos. Tanto me foi ensinado. Não são necessariamente livros; aqui podes ver muito do que transpareceu. De facto, suponho que tudo o que transpareceu de valor para a raça humana podes aprender aqui; podes voltar no tempo, podes recuar dois mil, quatro mil anos; podes pertencer a esse período de tempo e podes, num sentido,

tornar-te consciente disso, não apenas por ver o que acontece mas, num sentido, fazendo parte disso. É difícil descrever.

Rose Creet: Podes possivelmente voltar dois mil anos, mesmo sem teres passado por lá naquela altura?

Stephen Ward: Sim, eu tive essa experiência. Tenho sido muito afortunado neste estado, em ter sido capaz, com outros muito mais evoluídos do que eu, de entrar em eventos passados. Vês, eu gostaria de poder explicar isto, porque nada se perde. Se conseguires pensar num mundo sem tempo... acho que esta questão do tempo é algo difícil.

Tudo é da mente, tudo é força de pensamento, e existem biliões e biliões de forças de pensamento que são vibrações diferentes. Quando és afortunada o suficiente para conhecer pessoas que estão aqui há tempo suficiente para entender, é possível entrar em mundos de força de pensamento que podem ser forças de pensamento de há séculos incontáveis; e nessa força de pensamento, nesse mundo de pensamento, está a réplica, a reprodução, se quiseres, de incidentes e lugares intemporais. Nada se perde. Esta é a única maneira de um ser humano ganhar conhecimento e experiência. Vês, não é apenas possível avançar no tempo, mas acho que é terrivelmente importante perceber que, tal como podes avançar, também podes recuar.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: De nada serve poder avançar sem poder recuar. A única forma de avançar é pelo conhecimento de ter ganho experiência ao recuar ou ao entrar em pensamentos e ideias do passado. Consigo ver-me a mim próprio, como te vejo a ti, e vejo outras pessoas que passei a conhecer bem. Suponho que isso só aconteça se estiveres interessado nas pessoas; se não estiveres, a tua mente consciente não se preocupa. O ponto é que te consigo ver em outros lugares, consigo ver-te como outras pessoas, tal como me vejo a mim ou vejo o médium.

Vês, enquanto não percebermos que somos o produto de números incontáveis de experiências em corpos variados, sob condições variadas, em variados períodos de tempo... quando conseguirmos atingir esta intemporalidade,

perceberemos que a vida nunca "começou", tal como não vai acabar. A vida está sempre lá, mas pode tomar forma em diferentes períodos e experiências. A alma, o espírito, está sempre lá; e está na sombra da forma, e as sombras das formas chamam-se corpos.

Conforme entras num corpo novo e te tornas, num sentido, uma pessoa nova — da qual não tens consciência — ainda és parte do antigo. Todas as diferentes entidades que foste, todos os corpos que habitaste, embora esses corpos não existam num sentido físico, existem no sentido mental. E o processo de ser capaz de entrar nessa mentalidade, e nas perceções, nas esperanças, nos medos e nas alegrias de vidas passadas... tudo isso faz parte do tempo que nos faz agora o que somos e o que seremos amanhã. O passado, o presente e o futuro são um só.

Estamos incessantemente a passar pela evolução. Estamos a evoluir tão gradualmente que não temos consciência disso. E ninguém pode dizer o que nos poderemos tornar ou para onde iremos, porque estamos num mundo intemporal onde nada é impossível, onde tudo é possível. Na verdade, estamos em muitos mundos entrelaçados e podemos, por assim dizer, ir para trás e, gradualmente, ir para a frente; mas enquanto não aprendermos o "atrás", as experiências, e não nos reajustarmos e nos avaliarmos a nós próprios (sendo avaliados por outros), não podemos ir muito mais longe. É o ir para trás que nos dá novo conhecimento, embora seja, num sentido, conhecimento antigo; é uma reavaliação. Estamos o tempo todo a expressar, a aprender e a mudar. Mas temos memória e lembrança, algo a que nos podemos agarrar que é extraordinário. Não consigo explicar isto em palavras.

Rose Creet: Suponho que não haja esquecimento, ou quando alguém passa para aí, não há esquecimento para nós?

Stephen Ward: Sim, há esquecimento, claro, tem de haver. Eu ponho as coisas assim: há o esquecimento de certas coisas que já não têm um papel importante a desempenhar. Na evolução, como eu a vejo, tem de se experienciar todo o tipo de coisas. É como estar num balão — suponho que soe estúpido —

mas se queres subir mais alto num balão, tens de deitar fora muita coisa. Se queres subir, tens de deitar fora o lastro que te prende à terra.

E acho que, como seres humanos, conforme aspiramos a um conhecimento mais elevado e a uma expressão mais alta de nós próprios, descartamos gradualmente os piores aspetos, descartamos as experiências que foram valiosas mas que já não nos servem. Aprendemos o que podíamos dessa experiência. Pode ter sido dura ou difícil. Conforme progredimos, temos de ir abandonando muito do antigo eu e das memórias passadas, porque essas memórias poderiam prender-nos em vez de nos ajudar a subir.

É um processo de eliminação, mas para fazer esta eliminação tens de te conhecer a ti próprio; tens de saber o que foste, como foste, por que foste, onde erraste, o que fizeste, por que o fizeste, a quem magoaste. Tens de encontrar as pessoas a quem, consciente ou inconscientemente, fizeste mal. Não podes escapar de ti própria; tens de te encontrar, tens de ser humilde e tens de perder a falsa ideia, o falso orgulho, os falsos ensinamentos.

Tens de, num sentido — e é isto que diz a Bíblia e que algumas pessoas religiosas interpretaram mal — tens de te "lavar" conforme vais. Tens de ser capaz de expulsar de ti tudo o que é mau. Tens de aprender e, ao mesmo tempo, expressar. Por outras palavras, tens de atravessar-te a ti própria e, quando o fizeres, quando realmente entenderes o significado do propósito e do ser uma pessoa real... é uma eliminação individual, é algo que deves fazer, não podes escapar. Não o explico muito bem.

Rose Creet: Eu compreendo.

Stephen Ward: Vês, não há um caminho fácil. É óbvio: nenhuma organização religiosa, nenhuma igreja, nenhum templo, nenhum padre ou cardeal pode fazer isso por ti. Ele pode apontar o caminho, mas ninguém te pode absolver de ti própria — apenas tu. E acho que há muito bem fundamental em todas as religiões, porque basicamente são todas iguais, mas o homem interpretou-as mal. O homem deu aspetos materiais a coisas que não têm realidade nenhuma.

Vês, o homem está sempre a tentar explicar as coisas de uma forma material. Tal como eu tenho dificuldade em explicar coisas do espírito numa linguagem material. A maioria das coisas tem de se sentir, tem de se saber dentro de nós próprios. Se tiveres fé na realização da verdade... se entenderes que és tu própria quem pode alcançar... as pessoas podem guiar, podem ajudar, mas ninguém o pode fazer por ti. Se tiveres fé em ti própria, podes tornar-te, porque fizeste o esforço. Ninguém o vai fazer por ti; é algo pessoal, é individualidade.

É terrivelmente difícil explicar, mas enfim, quero falar na próxima vez, se puder, sobre algumas destas experiências que tive ao caminhar para trás no tempo, porque acho que serão fascinantes.

Rose Creet: Adoraria saber o que isso significa.

Stephen Ward: Sim, bem, não é apenas o que eu fui; é também caminhar para trás na vida e no tempo de muitas outras pessoas, o que é fascinante. Virei falar sobre estas coisas nas quintas-feiras. É bom ver-te tão em forma e bem. Deixo-te todo o meu amor e bênçãos. Adeus.

* * *

061165

Stephen Ward: Hum? Sim? Está alguém aí? Bem, como estás? O quê? Como estás? Eu estou bem. Posso falar contigo. Bom. Hum. Como é que estás a gravar agora, se é disso que se trata? Bem, é bom saber que estás aí porque, pelo que consigo perceber... é muito difícil às vezes para as pessoas conseguirem transmitir uma personalidade na sua própria voz. Ei, eu não sabia realmente que o fazia bem, mas tu dizes-me que sim. Muitas vezes sinto que costumo dizer muito melhor.

É muito difícil saber exatamente como é que soamos. Não acho que se consiga. Acho que é o facto de nos concentrarmos. É assim que eu consigo pôr uma coisa através de todo o ser. Acho que quanto mais conseguires concentrar-te como uma pessoa ali, de modo a esquecer todas as influências externas... por

outras palavras, o exercício de si mesmo até certo ponto que presumivelmente transmite mais ou menos algo de ti mesmo como eras.

Mais uma vez, suponho que dependa de quão bem se consegue recapturar a si próprio na memória. Vi o tempo às vezes, particularmente agora suponho, já que estou aqui há bastante tempo e fiz algum tipo de progresso numa vida diferente. Não é de todo fácil. É tudo uma questão de recair no antigo eu. São tudo questões de se fazes uma personalidade ou se és algo que te tornaste agora. E ao mesmo tempo, és uma espécie de algo que outrora foste para fazer o significado de ti próprio, o velho e o novo. Sim, não tem qualquer razão para dizer para o fazer, pois não? Não sei. Pode ser fácil, mas eu não ficaria sensível a isso.

Suponho que, de uma certa forma, é como uma pessoa que não diria que tem setenta anos, e senta-se e reflete sobre o passado, e tenta recapturar a memória de si própria quando tinha vinte anos. Como era a sua aparência, quais eram os seus pensamentos e ideias, e essa personalidade em geral; olhas para trás e vês-te como uma pessoa quase completamente diferente, mas estás a causar um sentido, tu és. Não és o mesmo agora do que eras, digamos, há 30 anos. Tu tiveste uma rapariga, amadureceste, mudaste, de várias maneiras. É como se fosses um antigo eu que é altamente reconhecível. É uma espécie de voltar atrás, tens de te concentrar, como o Billy tem, para pensar sobre certos tipos de períodos de tempo nos quais tiveste outrora a tua vida, sabes, e as pessoas que conhecias, e o tipo de coisas que dizias e o tipo de interesses que tinhas. Tu pensas: "oh, valha-me Deus, era mesmo eu?". Quando eu disse que as fotos ainda estavam desligadas, quando eu disse, impetuoso, sabes, nas vossas cabeças, muito estranho.

Quero dizer, tudo o que sei é que venho aqui e sinto-me bastante em casa aqui. Teria mais ou menos... quero dizer, senti-me um pouco estranho no primeiro instante ao tentar comunicar, porque eu era novo no estranho, mas nunca me senti como se fosse um sentido de estranho, o que num sentido, claro, eu era. Quero dizer, apenas senti que isto era, num sentido, o lar. Uma coisa muito estranha, porque eu nunca tinha estado num lugar de ciência antes, e nunca

te tinha conhecido realmente. Eu tinha estado aqui algumas vezes com uma ou duas outras pessoas, como o Dr. Marshall, uma espécie de competição, suponho, sabes. E eu estava meio que a aprender as manhas e a receber algumas dicas, o que fazer, o que não fazer, e meio que ficar ali, bom menino e observar, sabes, e absorver tudo. E eventualmente, se fores bom, deixaremos que tenhas uma oportunidade tu próprio.

Mas, sabes, nunca pensei nisso como se eu fosse um graduado. Sempre me senti como se fosse, de alguma forma, parte disso, sabes. E na verdade, por favor, a mim... meu Deus, tu chegaste ao entourage. Tu ainda não fazes ideia.

Rose: A sério?

Stephen Ward: Fala-se de uma rainha. Meu Deus, tu tens mesmo, sabes, um verdadeiro entourage, com as massas em volta de ti, que fariam a Rainha de Sabá, indo visitar Salomão, parecer nada. O que é isto? Oh, suponho que vives o suficiente para atrair um ror de gente. Suponho que por estares interessada há tanto tempo neste assunto.

Rose: Sim.

Stephen Ward: ...E tendo tido tal passado na Terra com um interesse tão vivo, e tendo tido alguns destes silêncios, suponho que tenhas, de certa forma, somado e somado e somado. Até que agora, tens um entourage. Eu só penso, bem... onde é que a necessidade de amor acontece? Oh, ele. Ele tem um entourage, ou eu, mas eu tenho maioritariamente as pessoas. Sabes que mais? A maioria das outras pessoas. Sabes, suponho que seja por ser um médium, percebes. Todo o tipo de partes estranhas, sabes, as relações das pessoas, o estado dentro delas ao longo dos anos; cada vez que eles entram, dão um salto atrás e pensam: "oh, talvez uma oportunidade de meter uma palavra e fazer aquilo". E suponho que o médium absorva mais, no sentido em que as pessoas deste lado sabem que ele é um tipo de... uma avenida, através da qual podem chegar às pessoas na Terra.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Portanto, na verdade, lá está, eu não quereria ser um médium, porque são pessoas diferentes que se anexam, boas, más e indiferentes.

Deve ser um trabalho difícil. Sabes, quero dizer, todo o tipo de influências a trabalhar.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Acho que eles têm de ser bastante estáveis. Acho que um médium não só deve ser altamente sensível, claro, para ser médium, mas meu Deus, eles devem ter uma... uma força, se é que vão conseguir passar pela vida de todo. Sabes, eu sei que ele... ele teve-a, e provou-o, e ele teve-a, e provou-o. Eu simplesmente compreendo, porque há tantas influências exercidas.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Quero dizer, por pessoas do vosso lado, e pessoas deste. Eu acho, deveria imaginar que ser médium é um negócio menos confortável.

Rose: A sério?

Stephen Ward: Na verdade, eu sei que isto soa a loucura.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Mas tu, por acaso, estiveste a pensar hoje, em particular, num cisne?

Rose: Cisne?

Stephen Ward: Sim.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Bem, é a coisa mais extraordinária porque, entre o médium e tu própria, alguém — eu sei que isto soa a loucura, mas não o posso evitar — colocou o cisne mais belo.

Rose: Oh. Então pergunto-me se há alguma razão especial, porque... mas eu tenho estado a imaginar cisnes na minha vida.

Stephen Ward: Bem, deve ser isso, porque vês, eu penso, o teu número de cisnes e o facto de teres estado provavelmente a pensar hoje num cisne, trouxe à existência — e é uma espécie de esotérica, suponho que lhe chames — a figura de um cisne. É muito extraordinário. Quero dizer, eu normalmente não costumo ver este tipo de coisa; quando digo que não vejo coisas, quando vejo coisas aqui, para mim, é uma realidade. Mas isto eu consigo distinguir que é uma espécie de cisne esotérico, construído por um tipo de pensamento consciente ou

subconsciente. Não tem um ser real, mas é algo, obviamente, que te é muito próximo e querido. E deves ter estado a pensar, porque pelo teu processo de pensamento, tu criaste isto; até tem algum temperamento.

Rose: Oh, eu digo-te como te acontece: eu tenho o hábito de investir em cisnes, e tenho a imagem de um cisne neles, e tenho estado a olhar para ela e, na minha imaginação, estou a pensar num cisne.

Stephen Ward: Bem, isso serve apenas para mostrar — é uma ilustração para mim, para ti, porque eu sei — que, estando eu aqui nesta sala, consigo ver este cisne que foi de certa forma conjurado; mas é claramente muito belo. É muito real na medida em que é algo que não é exatamente uma realidade no nosso lado da vida, mas é uma coisa muito real pelo poder que agora lhe é colocado; deves ter uma grande afeição por cisnes.

Sabes, as pessoas do vosso lado, como fator de metadados — a coisa que me intrigou ao início, quando comecei a voltar e a saber algo sobre comunicação — eu via por vezes coisas e sabia que, embora fosse em todos os aspetos uma realidade, eu sabia que havia algo naquilo que não era real. E tive de aprender a distinguir entre a realidade das coisas e a criação de forças de pensamento, construindo imagens. Vês isso por toda a Terra, todas estas imagens e estes tipos de quadros mentais que as pessoas criam quando estão a pensar com muita força, ou quando estão demasiado interessadas mentalmente em algo em particular; isso é, mesmo que temporário, em alguns casos. Por exemplo, para a pessoa que possa estar a pensar com muita força sobre um determinado algo ou outro, e a conjurá-lo e a criá-lo; conforme percebo todos os sonhos que... é algo que é muito, à sua própria maneira, enquanto dura, muito real, e no entanto há uma diferença subtil.

Quero dizer, por exemplo, agora eu consigo distinguir muito facilmente entre as realidades das coisas e estas coisas que são trazidas à existência por alguma mente consciente. E acho que é isso que acontece, francamente, com muitas almas, com certos tipos de pessoas que não são realmente médiuns e que, provavelmente, criam imagens dentro de si mesmas; e elas criam até personagens falsas e cruéis.

Eu não me apercebia disto, até que o Marshall me chamou a atenção para isto, nos estágios iniciais de ser capaz de distinguir as realidades destas outras coisas que não têm substância real; e então elas podem parecer ter forma, mesmo que temporária. E cheguei à conclusão, pela história do Marshall e pela experiência — fiz questão de descobrir — que com alguns destes fantasmas que as pessoas veem, que parecem ser bastante reais...

Por outras palavras, as pessoas do vosso lado veem uma imagem, ou veem uma figura, e veem-na como um fantasma, mas não tem substância, não há realidade. É algo que foi criado na atmosfera por um pensamento forte, forças de pensamento, ao longo de talvez até séculos de tempo, e não tem realidade como pessoa. Por outras palavras, o indivíduo não está presente, e esse é o fantasma de antes; é meramente uma coisa imaginária, um tipo de coisa criativa que entra na atmosfera, às vezes de forma muito poderosa, e pode ser vista.

Aprendi muito sobre isto, porque o Marshall tem sido uma grande ajuda nisso; e descobri também que com as figuras — pessoas que são — na ficção, quero dizer, por exemplo, pegas num livro, foi escrito, foi lido por milhões de pessoas, e o autor pôs muito na conjuração, poder-se-ia dizer, das personagens, e criou vidas muito reais para as personagens. Poder-se-ia dizer que as pessoas quase sentem que elas são reais e que existem, pelo próprio processo preferido; e as pessoas concentram-se, portanto, nos acontecimentos do indivíduo, que podem criar temporariamente num tipo de alucinação ou, por outras palavras, como um ambiente muito próximo.

É algo onde estas pessoas se podem tornar temporariamente imagens, sem qualquer substância fundamental real — quero dizer, não são pessoas, não são almas. Sabes o que quero dizer? É demasiado interessante. Sabes o que quero dizer? Sabes o que quero dizer?

Rose: Oh, eu sei. Quero dizer, eu nunca os li aqui e deveria usá-lo. Estou a ler através do que me estão a dizer.

Stephen Ward: Oh, bem, estou a ganhar terreno real. Lamento por isso. Não quero dizer-te coisas que já saibas, de que eu esteja ciente. Mas é interessante,

intrigante; mas o que é intrigante para mim é esta forma, porque eu vi-a tão distintamente na sala. Já se foi agora, já se foi agora; possivelmente porque falámos sobre isso e perdeu o seu poder, mas era algo muito forte. E acho que é verdade onde as pessoas têm um interesse muito, muito forte em determinado algo. Elas conseguem — estão a dizer que é isso que acontece com artistas, pessoas criativas.

Acho que essa é a beleza disso, percebes? Um artista criativo pode trazer algo para o seu trabalho que é tão poderoso que tem uma espécie de dimensão além das coisas materiais, e tem uma força viva por trás. Não está lá, nunca se pode tornar, claro, realmente o que chamarias uma alma como tal, mas tem uma força ou um poder que é muito, muito forte; e muitas pessoas que o sentem, mesmo gerações após o tempo do indivíduo, definitivamente criaram-no.

Qualquer grande obra de arte ainda tem um poder tremendo para mover as pessoas, para afetar as pessoas, quer seja grande música, ou grandes pinturas, ou o que quer que seja na forma de um esforço artístico que realmente teve tanto do originador colocado nele. Ele vive, não perde nada; de facto, até ganha através do tempo. É fortalecido pelo número de afeções e pelo interesse que lhe é dedicado por incontáveis milhões de pessoas e, claro, algo assim constrói-se por aqui. Não é uma vida no sentido de um ser humano, mas é um "algo" muito vital, ao qual foi dada ainda mais aparência de vida pela força do pensamento e pelas pessoas, dando-lhe tal aberração e tanta afeição.

Rose: Porque teria tantos ternos precoces, e não evolui na música.

Stephen Ward: Bem, não, não nesse sentido. Não, mas estou a pensar mais, num sentido, em relação à música, que, claro, constrói muito. Quero dizer, a grande música, por exemplo, ainda continua por aqui. Grandes sinfonias ainda são tocadas, mas são tocadas num estado mais perfeito, de uma forma mais perfeita. E, claro, o som é muito mais tremendo, e há muito mais harmonia. Não consigo explicar isto, mas aplica-se também aos grandes artistas que criam um grande quadro. Esses quadros ainda adornam lugares aqui, grandes, grandes edifícios, que são usados constantemente pelas pessoas por várias razões; grandes salões e lugares de aprendizagem e ensino, grandes bibliotecários, grandes livros

que contêm grandes lugares onde as pessoas precisam de cantar e, bem, onde grande música é tocada.

Percebes, tudo isto ainda continua. Tudo o que foi criado em beleza, tudo o que foi criado pelo homem com o poder vindo de dentro de si próprio, que vale a pena, ainda existe. Os piores — qualquer um dos piores aspetos da humanidade, os piores aspetos do homem — estão gradualmente a perder poder, é um material físico, e tudo isso em breve se perde. É apenas a beleza que permanece no que vale a pena. Tem sido difícil explicar isto num tipo de linguagem, porque não se consegue realmente fazer isso.

Rose: Não, eu sei.

Stephen Ward: Quero dizer, a cultura de gerações, os nacionais, as nacionalidades, as culturas nunca são realmente perdidas. Quero dizer, com esta arte egípcia antiga ou com esta antiga abissínia, quer seja mais recente — se essa arte foi verdadeiramente criativa, criada com a mente aberta à beleza e às coisas do Espírito — por outras palavras, se é algo que tem a vitalidade da vida, e falo aqui de vida espiritual por trás, mesmo que seja boa, mesmo que valha a pena, mesmo que seja verdadeiramente bela, mesmo que seja verdadeiramente criativa, no sentido mais elevado, ela existe, não se perde.

Quero dizer, estive em lugares onde as pessoas vivem, em algum sentido, como dirias, muito como teriam feito na Terra, mas num sentido mais elevado; por outras palavras, encontras pessoas que se reúnem e formam comunidades que vivem e têm um tipo de vida que, em certo sentido, não é diferente da vida que levavam na Terra, sem todos os defeitos. Por exemplo, tens pessoas que progrediram tremendamente aqui, mas que ainda preferem e ainda usam o mesmo tipo de vestuário que teriam usado talvez há 2.000 anos; mas se visses as roupas que usam, elas não são apenas muito coloridas, mas os materiais que usam — e são materiais muito reais, não são algo que é apenas conjurado sob a imaginação, embora haja pensamento por trás, claro — mas estas substâncias que eles usam são substâncias naturais que são extraídas da própria vida aqui, e são formadas e feitas e desenhadas e criadas, e tudo.

Percebes, as pessoas têm esta ideia vaga sobre o nosso mundo, e é talvez um pouco insípida e é um pouco religiosa e por aí fora. Não é nada do género; é um mundo muito real. E quando realmente progrides e realmente começas a compreender total ou plenamente do que se trata, e como viver a vida, e como te tornares realmente parte dela, percebes que tudo aqui é criativo, e tudo o que é criativo é trazido à existência pelo esforço; não é subitamente colocado no teu colo, não tens subitamente algo porque pensas que o queres, sabes?

Rose: Não, nós não pensamos sobre o meu esforço, o que queres dizer?

Stephen Ward: Por exemplo, há pessoas que criam materiais belos a partir de várias substâncias, e material. Não posso dizer, por exemplo — porque isto não seria verdade — quero dizer, por exemplo, não temos materiais que são feitos de lã ou tirados de ovelhas ou cordeiros, esse tipo de coisa. Naturalmente, o reino animal é algo que serve a humanidade, mas serve a humanidade num sentido diferente ou de uma pequena maneira do que fazia na Terra. Nunca se mata, porque não há necessidade de matar — em qualquer caso, não podes matar aqui. Os animais têm essa liberdade, e têm essa forma de vida, e há uma grande paz e tranquilidade entre o reino animal; e o reino animal move-se livremente com o reino humano, ou se é num sentido de separação, mas é numa separação de experiência, uma separação de conhecimento, separação; no que toca à raça humana, é mais avançada, mas, no entanto, existem substâncias que são extraídas.

Não consigo descrever isto exatamente, mas existem substâncias que são extraídas do ambiente natural, da própria natureza, que podem ser neutralizadas e podem ser criadas em várias coisas, tais como material para vestuário; e também coisas podem ser extraídas do chão, que é um sólido e uma escolha real para pedir ao mundo do espetáculo, tal como para ti — substâncias que são reais e tão naturais para pedir ao mundo do espetáculo, tais como estas são; e estas são materiais de construção, ou materiais que usamos para a construção, e arquitetos desenham o edifício, e artesãos criam — por outras palavras, pessoas que amam usar as suas mãos num sentido criativo, podem usar estas diferentes substâncias para criar ou edifícios ou roupas.

Percebes, as pessoas pensam — têm esta ideia — que pensas num edifício belo e que ele lá está; não é assim. Pode ser assim, num sentido, em certas esferas perto da Terra, que essa força de pensamento é tal que certas coisas lhes são necessárias, e elas estão num estado de ilusão; mas isso é uma coisa de pensamento muito temporária. Mas na realidade da vida aqui, quando fizeste algum progresso, percebes que não ficas apenas sentado ou a andar por aí, ociosamente sem fazer nada.

Sabes, trabalhas na comunidade e com a comunidade, mas fazes coisas que te apelam, coisas que são de facto realidades, e ainda a partir do criativo; por exemplo, uma pessoa que quer compor grande música, que compõe esta grande música; um grande artista que quer pintar, tem materiais para pintar grandes quadros ou murais; de facto, muitos grandes artistas acolhem os murais em grandes edifícios aqui, e usam materiais que, nalgum sentido, não são diferentes dos materiais da Terra, mas percebes, é difícil explicar isso, pois o ponto é que há uma solidez e uma realidade nisto.

Nada está lá apenas pelo desejar; tem de se fazer o esforço. Pessoas que amam costurar e fazer coisas com as suas mãos, quer seja algo bastante simples, por sinal. No entanto, elas podem fazer essa coisa, e há materiais que, de certa forma — não digo que sejam exatamente os mesmos, mas não o são — e nem todos vêm das mesmas fontes, ou das fontes que se esperaria, ou de onde se soube que vinham; e não são, são substâncias, e algumas coisas são muito semelhantes a todas as substâncias com que tinhas de trabalhar na Terra, mas não há... nenhuma forma de vida sofre. Enquanto no teu mundo, para criar algo, muito frequentemente, para fazer algo criativo, possivelmente no reino animal, particularmente, um animal sofreria ou seria usado para o benefício do homem; aqui, é uma coisa completamente diferente. É como se a própria natureza criasse coisas por sua própria iniciativa que podem ser usadas, e voluntariamente desse de si mesma à humanidade; se eu não soubesse como o posso explicar.

Rose: Por natureza, queres dizer "entre"?

Stephen Ward: Sim, mas percebes, quando falamos de natureza, quero dizer, tu assumes, natural e corretamente — e isso é tudo pelo qual podes julgar

as coisas, ou de certa forma experienciar as coisas — pensas na natureza sob a forma de natureza e na maneira como as árvores e as florestas vêm do chão, a terra, e todo o tipo de coisas; concordas com isso, e o reino animal e por aí fora.

Portanto, o ponto é que, quando falamos sobre natureza, uso este termo apenas para tentar explicar algo, embora seja muito pobre; mas na natureza — posso usar este termo novamente — todo o tipo de outras coisas são fornecidas. Por outras palavras, a natureza está o tempo todo a criar, e a dar, e a trazer à existência certas coisas e substâncias, e certas formas de... eu não ia usar o termo vida, o que de certa forma é, mas toda esta vida, toda esta substância, tudo aquilo em que tens o direito de pensar ou chamar, eu não lhe consigo dar exatamente um nome ou forma, mas, no entanto, é tudo parte de uma existência natural na qual nos encontramos, que se está a dar à humanidade para ser usada.

Por outras palavras, não é algo que devas tirar; é algo que te foi apresentado, foi-te dado, foi formado para ti, para que pudesses pegá-lo e usá-lo para a beleza da vida e para a melhoria da vida. Por outras palavras, tudo o que é feito aqui funciona — não sei se estou a dizer isto bem — mas funciona, és uma espécie de padrão; é como se tudo tivesse o seu lugar por uma razão, nada é colocado ali por uma razão natural, nada é apresentado sem um propósito. Percebes, tudo se encaixa numa forma ou num pequeno padrão.

Não sentes que, se queres fazer algo aqui, para fazer esse algo tens de tirar de algum outro pensamento, o que pode ser prejudicial para esse pensamento; é que existem outros pensamentos — se o puseres desta forma — que te estão a oferecer isso com amor e com todo o desejo de que o uses. Por outras palavras, está a contribuir, tal como contribuímos uns para os outros na nossa espécie de evolução, e perceção, e consciência de progresso, e desejo por ele; portanto, todas as outras coisas que não são humanas — isto não é do ponto de vista da vida humana ou da personalidade — também se estão a apresentar.

Percebes, se pudesses imaginar algum mundo — um mundo — esse mundo no qual tudo está a contribuir para o bem comum, ninguém está a tirar do outro em detrimento do outro, quer seja individualmente, quer seja no sentido da natureza. Percebes, enquanto o homem abusa da natureza, aqui a natureza

contribui para o homem, mas não é abusada pelo homem. É algo quase difícil de explicar, porque somos parte da natureza e a natureza é parte de nós; e se o homem pudesse perceber isso na Terra, numa maior extensão, que a natureza está a contribuir voluntariamente... mas a questão é que o homem nem sempre percebe o que deve tirar da natureza e o que não deve tirar.

O homem tem sido capaz de matar, o homem tem sido capaz de usar a natureza, muitas vezes de uma forma que nunca foi pretendida e, em consequência, destrói frequentemente coisas que, pela sua própria natureza, teriam dado — e que, nalguns sentidos, dão. É realmente difícil colocar isto da forma que quero, mas aqui tudo é... eu não queria usar a palavra "perfeitamente", talvez essa não seja a palavra correta a usar, mas tanto quanto é possível alcançar ou conhecer a nossa forma de proteção, é isto; é o mundo no qual tudo contribui voluntariamente para o outro, para o bem comum e para a felicidade de todos os interessados. E cada aspeto da vida aqui é uma fonte natural e uma sequência natural de eventos. Eu não tive de explicar isso.

Rose: Oh, eu não compreendo isso muito bem.

Stephen Ward: Quero dizer, não penses, percebes, que nós não somos... tenho a certeza de que não pensas isto, mas somos pessoas reais. Somos sólidos naquela estrutura. Não sugiro que tenhamos uma estrutura física identicamente igual à da Terra. Por exemplo, embora alguém se possa ver a si próprio ou ver os outros — se preferires — e parecemos identicamente iguais ao que éramos na Terra, no nosso auge; isto é, temos vulto e forma, temos mãos, temos dedos e cotovelos armados, e depois é verdade que, para todas as nossas aparências exteriores, somos.

Mas cheguei à conclusão de que não somos identicamente os mesmos no sentido fundamental; é como se, de alguma forma, tivéssemos alcançado — volto sempre a este assunto da perfeição, que considero irritante, pois não existe tal coisa, não sei — mas parece, de qualquer forma, que alcançamos uma forma de perfeição. É como se perdêssemos os piores aspetos de nós mesmos, quer sejam mentais ou físicos, ou ambos, e retivéssemos tudo o que é bom, tudo o que é necessário.

Por exemplo, não é como se alguém pudesse cortar o dedo; mas o ponto é este: é que os nossos dedos, pelas nossas aparências exteriores, são os mesmos que eram na Terra, mas não creio que tivéssemos isso... e não creio que tivéssemos isso, não no mesmo sentido em que tu entendes o significado do termo. É como se tivéssemos um corpo que, para todas as aparências exteriores, é idêntico, mas não é obviamente o mesmo; não é carne e sangue, não é organicamente o mesmo, mas, no sentido visual, é o mesmo, e é por isso que contamos com o facto de termos de nos chamar uns aos outros.

Mas também outra coisa que acabei de descobrir: por exemplo, tens alguém que se olha ao espelho e pensa: "meu Deus, quem me dera não ter este aspeto", sabes, "quem me dera ser diferente na aparência, gostava de estar em digressão, gostava de estar no cinema", e por aí fora, e por aí fora. Bem, não penses que, por teres um corpo físico na Terra que te causa alguma preocupação e com o qual estás insatisfeita, esse vulto será necessariamente o mesmo aqui; percebes, isso é puramente físico. Por outras palavras, se tens — falando figuradamente — uma aparência de que não gostas e que te causa grave preocupação, então não será necessariamente a mesma aqui.

Por outras palavras, podes mudar e mudas; mas o que eu acho vitalmente importante — claro, insatisfeito com isto, talvez o aspeto mais importante disto — é que em breve aprendemos a perceber que somos indivíduos que habitaram possivelmente inúmeros corpos, em diferentes épocas, corpos físicos; e que enquanto numa encarnação na Terra podemos ter sido, bem, não particularmente atraentes fisicamente, noutras podemos ter sido muitíssimo atraentes fisicamente, e então revertemos, se quiseres, até certo ponto, para aquilo que gostaríamos de ser.

Por outras palavras, usamos certos aspetos do nosso eu material e, claro, este é o ponto central num sentido, ou uma das principais questões da evolução: que perdes o sentido da conceção física material. Não pensas em ti própria dessa maneira física, não pensas tanto no facto de não teres ficado feliz com a tua aparência numa encarnação particular, ou de estares mais feliz com outra; a questão é que aqui, à medida que começas a assimilar a vida, e a compreender a

vida, e a tornar-te verdadeiramente parte da vida, começas a perceber que os aspetos físicos materiais não são realmente importantes.

Aquilo que era importante para ti na Terra, na tua insatisfação com a tua aparência física, não importa aqui, porque não vemos dessa forma; vemo-nos uns aos outros como somos, como seres espirituais, como indivíduos que mudaram e perderam o pior do eu, o eu físico, e não nos preocupamos.

Portanto, num sentido, somos reflexos, isto é, fisicamente, mas exteriormente aparecemos como somos, não como corpos no vulto ou forma que costumávamos pensar ou queríamos pensar de nós mesmos; por outras palavras, somos reconhecíveis, temos vulto e forma, conforme necessário. Por exemplo, se alguém me quisesse reconhecer, presumo que me reconheceria, mas ao mesmo tempo saberiam que era eu com uma grande diferença, algo... quando pensam em alguém que amam e que partiu, pensam nessa pessoa como se lembram dela, conforme têm fotografias dela e por aí fora, e isso é tudo em que conseguem pensar.

É uma coisa extraordinária como não é que as pessoas esqueçam a personalidade, mas ao longo de vários anos na Terra, quando tentas pensar em alguém que te foi muito próximo e querido — não estou a dizer que não possas captar a aparência de uma pessoa, suponho que a maioria das pessoas consiga — mas é extraordinário, ainda assim, como muitas pessoas têm de ir ver uma foto para terem a certeza do aspeto que uma pessoa teria se estivesse morta há 30 anos. E quando se trata de pensar nelas, pensam em pequenos incidentes de coisas que se destacam; e sim, tanto foi perdido no processo, tanto que possivelmente teria importado no sentido de esquecido.

Mas quando se trata da voz, acham difícil demais lembrar-se de como soava a voz deles; por outras palavras, percebes, quando a pessoa está na Terra, naturalmente, essa é a parte da pessoa, ou o aspeto da pessoa, que te atinge com mais força. Em todo o caso, podes viver com uma pessoa na Terra durante 50 anos e, ainda assim, não chega realmente para essa pessoa; conheces certos aspetos dessa pessoa, da natureza e do carácter, mas não consegues realmente chegar mentalmente ao fundo dessa pessoa.

Por outras palavras, ninguém conhece realmente ninguém na Terra; há todo um ponto aqui: que conheces certos aspetos da sua natureza e do seu carácter, conheces a pessoa de um ponto de vista físico e por aí fora, mas tanto nunca pode ser transmitido, tanto nunca pode ser dado, quando se está na Terra, sobre como é a tua pessoa real, como tu és verdadeiramente, lá no fundo. Mas, claro, percebes que as pessoas pensam muito, quando na Terra, naturalmente, por razões físicas; e, claro, as pessoas gostam de pensar, quando vêm para aqui, que se encontrarão novamente, e que verão a pessoa que conhecem, e que essa pessoa será identicamente a mesma.

Bem, no sentido, claro, de que isto não é muito subtil, deves reconhecer a pessoa e, claro, pelo momento temporário, se preferires — se eu puder usar o tempo — essa pessoa parecerá a mesma, para teu benefício. Por outras palavras, a pessoa saberá que tu queres que ela seja a mesma, e que pareça a mesma, para que possa ser plenamente compreendida, reconhecida; mas logo começa a despertar no recém-chegado que existem diferenças, e que a pessoa, em algum sentido, mudou.

Mas, claro, o que realmente acontece é que aqui, sob as condições mais subtis e sensíveis sob as quais existimos, somos capazes de retratar, se preferires, ou capazes de dar muito mais sobre o eu real do que alguma vez poderíamos na Terra; e as pessoas interessadas são capazes de se mostrarem muito mais claramente como indivíduos e o que realmente são, desde as profundezas da sua alma.

Por outras palavras, aqui é tão focado na perceção e no reconhecimento, muito mais do que é um reconhecimento facial e material como o fazes na Terra. Por outras palavras, não é até chegares realmente aqui e te tornares verdadeiramente aclimatizada através do teu novo modo de vida, e começares a reagir de uma maneira normal — como se faz após algum tempo de estar aqui — perante outras pessoas, que começas a tornar-te verdadeiramente consciente de como as pessoas são na Terra; também sentes a camuflagem e a farsa, e tu... podes não ter uma pessoa muito em conta, e podes sentir que conheces essa pessoa bem e, num sentido, conheces até certo ponto, mas ninguém realmente

sente e pressente, com a intensidade e a real e plena realização, o que essa pessoa é.

Tens... uma pessoa é mais do que aquilo que vê, mais do que pode expressar, mais do que pode ser conhecida; existem demasiadas limitações ao que realmente se atinge na Terra para se conhecer realmente alguém; podes conhecer certas coisas, podes pressentir certas coisas, podes sentir certas coisas, mas não é até as pessoas começarem a pressentir e a saber a partir da consciência interior e da tua subtil perceção, que começas a ficar verdadeiramente em sintonia com uma pessoa, ou parte de uma pessoa.

Percebes que todos os elementos destrutivos, todas as coisas que causam preocupação, e causam tristeza e mágoa, e todas as coisas que angustiam, e todas as coisas que irritam, e todas as coisas que amofinam, e todas as coisas que criam barreiras entre os seres humanos, tais como na Terra, desaparecem gradualmente; e começam a viver juntos numa harmonia pacífica, na tranquilidade, no conhecimento e na experiência um do outro. Por outras palavras, tornam-se, num sentido — continuam a ser indivíduos — tornam-se parte um do outro; verdadeiramente, num sentido, estão casados num sentido.

É... é... de alguma forma perde-se tanto do que mantinha as pessoas afastadas quando na Terra. Perdes todos os piores aspetos do eu e começas a sintonizar-te e a vibrar harmoniosamente, não só com os indivíduos e as pessoas que estão apaixonadas por nenhuma vida, e toda a... toda a natureza — uso este termo novamente — e tudo o que subscreve.

É algo que não se consegue explicar, porque, muito honestamente, ninguém consegue explicar no teu mundo certos aspetos da vida aqui, porque estão além da descrição; não há forma de os descrever. Mas se conseguires compreender que toda a vida, qualquer que seja o vulto ou forma que tome, qualquer que seja a forma como se demonstre, ou se dê, ou tenha o seu ser, tudo aqui — estou a falar das esferas das quais estou agora consciente — tudo está em perfeita unidade; é como se tudo estivesse a bater com o mesmo coração, com a mesma melodia, com o mesmo tipo de vibração, que em si mesma, tanto quanto se pode usar este termo — sei que não é correto — é uma perfeição. Mas, percebes, existem

muitas, muitas formas diferentes, estados de ser, e é verdade que existem estados condicionais de ser mais próximos daí, onde as coisas estão muito desafinadas, onde as vibrações estão muito, bem, fora de harmonia.

Mas eu sinto — de facto, não sinto, eu sei — que, desde que tenho voltado aqui ao longo dos últimos dois anos, eu progredi. Não digo isso num sentido jactancioso, mas progredi; saí do tilintar e da desarmonia dos meus primeiros meses e semanas de chegada e já não sou afetado por isso, nem sou puxado de volta pelas coisas da Terra; houve um processo ali, sabes. Sinto que, quando volto agora, estou a sintonizar-me — é verdade, contigo — com esta condição aqui, mas não estou tão consciente do mundo exterior, o qual ainda te deve afetar porque ainda estás nele; a mim já não me afeta. Não sugeriria com isso que perdi o interesse no mundo, se lhe posso ser muito útil, mas ao mesmo tempo ele não tem o mesmo sentimento ou efeito sobre mim. Sinto agora que me encontrei realmente, estive à espera de melhor.

Rose: Oh, fico tão contente por ouvir isso. E tu tens sido uma ajuda de peso para mim, acho que nunca saberás quanto.

Stephen Ward: Não creio que alguém consiga explicar isto, mas eu nasci aqui e estava muito à deriva, e mais coisas se tinham ido, e eu estava realmente, de certa forma, num estado emocional altamente perturbado. Estava muito perturbado com coisas semelhantes, e com pessoas, e não conseguia realmente dar o passo para o clima; portanto, na primeira noite, eu estava num bocado de aperto. Tive de estar com o Marshall e alguns dos outros, mas eles estavam tão felizes, eram tão pacientes, tão calmos comigo e, o tempo todo, eu estava a ferver, e estava a ficar ferido, irritável e sabe Deus o que me estava a acontecer, mas todos os outros pareciam tão calmos.

Mas eu penso: "como?", eu não sabia como é que eles podiam ser assim, mas eram, apesar de verem — como eu conseguia ver, até mais profundamente do que conseguia ver naquela altura — ver o estado do mundo e os assuntos do mundo, ver dentro do universo, os corações das pessoas; e eles conheciam-te e amavam-te, e viam o turbilhão fervilhante de luz em geral, e a desilusão e os desapontamentos do obviamente muito à frente, e colocados para... e, ao mesmo

tempo, permaneciam calmos e cheios de amor, sabes. Eu acho que não é... aprendi tanto sobre o amor — engraçado dizer isto, no sentido — e porque, de certa forma, eu pensava... bem, não queria dar a impressão errada novamente, mas existem muitas formas de... e ela é um tipo de amor, eu sei, mas de alguma forma, nunca soube o que era o amor.

* * *

141065

Stephen Ward: Este silêncio foi gravado a 14 de outubro de 1965. Significa que não sou o meu amigo. Claramente. Oh, bom Deus! Queres o dever? Valha-me Deus, como se poderia ter uma discussão real sobre isso, e depois, queres o dever? Pois nunca se sabe realmente qual é o dever de cada um. Sim, é verdade? Às vezes o dever nos é imposto. Sim, está certo. E acredito que cumprir o dever de cada um é fazer o melhor que se pode, de acordo com a própria consciência e os próprios meios. Deixa estar, é isso que conta na vida.

Isso é o que importa acima de tudo o resto, tudo isso. Lançando danos às razões e a todo o tipo de coisas. Se todos seguissem a consciência interior ou a perceção interior relativa à vasta maioria das coisas, o mundo inteiro poderia ser mudado quase, poder-se-ia dizer, da noite para o dia. O problema é que tantas pessoas pensam em termos de egoísmo. O verdadeiro problema é que existem tantas religiões diferentes, e as muito religiosas agarram-se às religiões que lhes são ensinadas.

Sim, eu acho, acho que lá estamos outra vez a falar de religião, e acho que, fundamentalmente, a religião tal como é devidamente entendida, ou seja... quero dizer, qualquer religião, parece-me, deve basear-se no "faz aos teus vizinhos o que gostarias que te fizessem a ti", ou seja, quero dizer, se alguma vez pensares noutras linhas, a maioria das pessoas pensa de um ponto de vista egoísta. Acho que elas têm a interpretação errada dessa religião. Não é necessariamente sempre a religião. A verdade fundamental da religião é a falha da interpretação das pessoas ou a falta dela. Aquela que o tempo alcança na verdade. Acho que podes,

se quiseres realmente falar por ela, mas é como procurar ouro, suponho eu, escavar à procura de ouro. Não, mas quero dizer, estamos lá em cima, provavelmente 50 e tal, digamos, cinco de nós, por isso penso assim. Há tanta controvérsia sobre...

Bem, o homem traz o seu próprio material. Poder-se-ia dizer, interpretação material, que destrói a realidade da verdade espiritual que ali está. Acho que o homem tenta fazer com que a sua religião se ajuste a si próprio de acordo com o seu próprio gosto. Sabes, o seu próprio gosto, quero dizer, essa é a tragédia, penso eu. Mas, na verdade, fundamentalmente, não há nada de radicalmente errado com as religiões medicinais quando se chega à verdade básica. Mas a verdade é obscurecida por todo o tipo de "ismos" e todo o tipo de, bem, credo e dogma e bondade, e sabe-se lá o que mais. Enfim, não falemos de religião.

Na verdade, estou a tentar encontrar a melhor forma de descrever... Suponho que o melhor seja, claro, a perceção ou consciência em diferentes estratos do ser ou diferentes estratos de pensamento vibracional. É terrivelmente complicado agora. Mal sei como descrevê-lo porque, na verdade, parece-me estar em diferentes camadas de consciência. Por exemplo, uma pessoa pode estar a registar-se numa certa camada de perceção ou consciência. Agora, por exemplo, quando venho até ti, tenho de deixar o meu próprio estado de consciência ou de ser, entrando no material da substância deles, o que em si mesmo é, de certa forma, restrito ou inibidor.

E tenho de me esforçar o melhor que posso quando venho falar para me colocar num nível consciente que sinto que será de interesse para ti. Por outras palavras, existem muitas camadas conscientes diferentes de força de pensamento, nas quais nos podemos sintonizar ou, por assim dizer, tornar-nos parte, mesmo que seja apenas temporariamente.

Vês, por exemplo, deste lado da vida, estou a viver num estado de ser num estrato consciente que é aplicável ao meu atual rácio ou condição de progresso. Mas quando estou a viver este aspeto particular — e uso o termo aspeto — do meu ser ou da minha vida, tenho a consciência de tudo ao meu redor e, portanto, sou muito parte disso, e isso é parte de mim. Ao mesmo tempo, posso entrar

numa espécie de estrato mental que está abaixo ou acima. É muito mais difícil, como podes imaginar, entrar num estado de consciência acima do normal de cada um.

Mas, no entanto, é este ser capaz de ter o que vocês, suponho, chamariam de forma de visão, ou visão futura, se quiseres, de clarividência. Por outras palavras, é como não deixar exatamente o corpo, como farias na Terra. Por exemplo, quando deixas o corpo na Terra e viajas para o astral, entras numa condição de vida aqui que está entre... o astral está entre a consciência da Terra e a consciência de certos reinos, reinos de realização espiritual; por outras palavras, o astral é uma espécie de limbo.

Bem, quando venho até ti, sinto muitas vezes, ao entrar na condição astral, que estou neste tipo de estágio intermediário de consciência, mas o tempo todo estou a lutar para não pensar num nível material e para não pensar no que suponho ser melhor chamar de condição de limbo astral, como lhe chamo; mas lutar para reter e agarrar-me a uma conceção mental, ou a uma imagem mental, e à perceção da condição que me é normal agora, mas ao mesmo tempo tentando às vezes trazer alguma lembrança do que experiencio quando eu, na minha própria vibração ambiental, entro nesta consciência de perceção de outra dimensão, ou outra condição de vida.

Vês, vejo isto agora muito mais claramente, do ponto de vista de que existem muitas camadas diferentes de consciência. Por outras palavras, posso pensar clara e distintamente na minha própria vibração, mas ao mesmo tempo posso, por uma forma de força de vontade, se quiseres, e também de aspiração, entrar num estado consciente que é apenas temporário — às vezes nem é tão claro como se desejaria — em algo que é algo de todo o mundo, que não está muito removido e ao mesmo tempo ainda não é o meu habitat natural; por outras palavras, eu meio que me projeto.

Agora, eu assimilei muito deste atual estado consciente em que me encontro, e desejo saber algo daquilo que ainda está para vir. Uso este termo "ainda para vir", bem, sem dúvida que já lá está, e ali, claro, entramos neste

elemento tempo. Vês, quando volto para ti — estou a saltar para a frente e para trás, não o posso evitar. O ponto é que, ao voltar para ti, estou a entrar no passado. Tempo, e no entanto, é tempo presente para ti; quando estou do meu lado e a entrar, a tentar entrar numa consciência acima do meu estado normal, estou a entrar num tempo futuro, e no entanto sei que o tempo futuro é tempo presente, mas para mim é um tempo futuro; mas está lá, tal como o teu passado, ou o passado terrestre, o meu passado e o presente são todos um só. Por outras palavras, não existe um tempo; eu vejo a intemporalidade da vida, e a consciência de toda a vida torna-se gradualmente mais razoável, mais compreensível, mais aceitável.

Vejo eras passadas, visualizações passadas, eventos, interessantes para mim, para ti, para outras pessoas; vejo inúmeras razões que agora fazem sentido. Por outras palavras, vejo eventos de vidas passadas, minhas, das quais, claro, nunca tive consciência antes, mas que agora para mim são realidade viva. E embora sejam passadas no tempo em si, são inocentes de um presente; estou a começar agora a viver, se o podes pôr desta forma, em três dimensões ao mesmo tempo, ou três camadas conscientes de lembrança ou estado de ser. O meu presente, o meu passado e o meu futuro — claro, o futuro, e uso isto no sentido azul, é-me menos turvo. O passado é vívido, às vezes neste estágio intermediário entre os dois, que é a minha condição real e momentânea. Isto é claro, obviamente, e normal e natural. É medido em sonho, porque é como se eu pudesse dividir-me em três. É como se eu pudesse ser três pessoas, três consciências, ou intermédias. É importante ter força.

Sim, bem, é isso que estou a tentar afirmar, não é um sentido. Vês, consigo ver-me agora enquanto falo contigo, enquanto concentro o meu pensamento, no tempo e eventos passados. Consigo ver-me montado num cavalo branco e, nesta ocasião, vou obviamente para alguma guerra. Estou a recuar agora para um período de tempo que deve ter sido algures por volta da época da conquista. Sou um soldado ou um líder de um grande número de homens, a maioria a cavalo neste grupo, e visto uma armadura; e dizem-me, enquanto vejo isto e entro na consciência disso, que fui um dos que desembarcaram em Inglaterra, em

Inglaterra, há séculos, e que estive na Batalha de Hastings, e que fui um dos normandos, fui um dos soldados normandos em alta posição; o meu nome é Beaufort, Simon.

Rose Creet: O quê?

Stephen Ward: Beaufort.

Rose Creet: Oh, sim.

Stephen Ward: E que fui um daqueles que participaram nesta grande campanha, e foi realmente um sentido de começo de... o começo da história inglesa; mas eventualmente disseram-me, e enquanto vejo isto, após este evento de guerra, vejo-me num edifício de conhecimento, um grande castelo com vista para o mar. O castelo fora construído por mim durante a minha vida após esta batalha, e assumi a posição de grande responsabilidade. E acho que posso dizer, ao olhar para trás para isto, que não era — para a minha época e idade — uma má pessoa; mas, ao mesmo tempo, era obviamente naquela encarnação uma pessoa menos evoluída, uma pessoa com menos conhecimento, e vivia, claro, como era esperado em tal era e tempo, numa existência muito material. Pergunto-me.

E também que fui, naquele período de tempo, um homem de grande riqueza, como vinha na guerra; após a guerra, ganhava-se terra e criava-se o próprio poder para o senhorio feudal. E estou muito consciente do facto de que esta encarnação foi a primeira encarnação que tive que me levou a alguma perceção, na parte final da minha vida, da verdade espiritual. Tinha sido um homem do mar que desempenhara um papel muito material na conquista e ganhara muito com isso. Mas à medida que envelheci, interessei-me pelo Cristianismo, interessei-me pela religião. A minha conceção da religião que me tinha sido ensinada não me era totalmente satisfatória. Comecei a questionar, a procurar, mas apenas nos últimos anos da minha vida.

E quando chegou o momento de deixar a Terra, era obviamente um homem que estava muito insatisfeito quando cheguei aqui, em parte devido ao facto de que suponho que sabia tão pouco de qualquer coisa sobre a minha parte do dia. Segundo, porque trazia pensamentos e ideias muito materiais, apesar da minha

inocência ter interesse em assuntos espirituais. Mas depois, percebi ao olhar para trás que o meu interesse em assuntos espirituais brotou de um sentido de medo. Tinha vivido a vida, suponho, mais ou menos na violência, e alcançado o meu verdadeiro através da violência. E como sabia que estava doente no último ano da minha vida, tive medo pelo futuro, e então entreguei-me a saber, a descobrir se podia algo que acalmasse os meus medos em relação à morte sem qualquer grande satisfação.

Mas percebi que os meus medos eram puramente de natureza egoísta, que eu estava realmente a procurar consolação, a procurar ajuda de orientação ou o que lhe queiras chamar, por medo. E, portanto, não me trouxe realmente qualquer grande satisfação. E, de facto, percebi muito rapidamente que era essencial e necessário para mim regressar à Terra, para ganhar conhecimento e experiência... e também, até certo ponto, para fazer retribuição numa vida diferente por muitas das coisas que fizera e que percebia que estavam erradas. E percebi muito bem que era necessário regressar à Terra para, de alguma forma, se possível, viver uma vida totalmente diferente, que ajudasse, até certo ponto, a apagar o passado; não viver desde que se pode, mas pelo menos fazer a tentativa de viver uma vida que valesse a pena, totalmente diferente, muito distinta daquela que vivi anteriormente.

Por isso regressei ou renasci na condição terrestre pouco depois. E nasci de uma linhagem camponesa, uma família camponesa, nos mesmos terrenos ou no mesmo lugar onde tinha morrido; e em consequência, poucos anos depois — de facto, uma questão de dois anos após a minha morte — tinha renascido. E tornei-me naquilo a que chamam um servo; a minha mãe e o meu pai eram servos na propriedade que eu tinha formado e construído quando fora um conquistador; e em consequência foi uma vida dura e difícil. E sabendo, à medida que envelhecia, que a minha vida estava destinada a ser uma vida de serviço como um escravo.

Numa noite escura, fugi e escapei das redondezas. Devo ter contado aos meus pais o que ia fazer nesta consternação porque eles sabiam que se eu fosse apanhado significaria a morte; mas, no entanto, decidi correr o risco, porque não

queria viver uma vida de servidão. Então deixei esta aldeia — se é que se pode chamar aldeia — e uma noite parti e caminhei durante dias e dias. Caminhei sobretudo durante a noite e dormi durante o dia, em lugares onde sentia que não seria descoberto, onde sentia que estaria seguro. Felizmente, consegui afastar-me muito do ambiente e do lugar onde nascera e eventualmente cheguei ao que chamariam de um mosteiro, onde os monges tinham acabado de se estabelecer. E fui acolhido por eles e deram-me refresco e ajuda; e cuidaram de mim porque eu estava doente de tanto vaguear por muitos, muitos dias.

Eles abrigaram-me e eu fiquei com eles e trabalhei com eles numa posição servil durante algum tempo. E depois começaram a dar-me educação, deram-me lições e ensinaram-me a escrever, ensinaram-me a ler e ensinaram-me Latim; e eventualmente, após passar alguns anos ali, tornei-me um muito bom estudante e fui aceite no ministério, na ordem deles, e tornei-me monge. E a minha tarefa, após estar ali alguns anos, era ir aos vários distritos pregar o evangelho e falar da vida de Cristo e ajudar os doentes e os sofredores. Nós não éramos uma ordem intelectual, éramos capazes de falar e, de facto, era uma ordem muito feliz; e foi-me dada esta oportunidade e foi-me apresentado um cavalo. Assim, eu podia, em nome do grupo, de todos os irmãos, ir às aldeias vizinhas e distritos atender os doentes e sofredores e também pregar o evangelho e também, onde fosse possível, educar.

Mas, claro, era difícil naqueles dias; a educação estava limitada, mais ou menos, à habilidade e aos monges; e eu estava ligado a uma igreja que fora construída recentemente, que era pequena mas, no entanto, bela, que fora construída por outro grupo de irmãos e que também fundaram um priorado; e também me tornei muito ativo com eles porque estávamos em harmonia. Nos primeiros dias, acho que devo deixar isto bem claro. Nos primeiros dias da igreja e da fundação de igrejas, havia uma grande perceção da verdade e uma grande compreensão da mesma. E, de facto, entre muitos dos grupos e ordens religiosas, havia o que chamariam de uma forma de espiritualismo. Não como o entendem no sentido de hoje; era conduzido de uma maneira que realmente era de uma ordem muito elevada, e as comunicações que recebíamos eram uma autêntica

revelação e eram, por vezes, bastante extraordinárias. Não era algo invulgar ter o que creio que chamam hoje de transmutações ou materializações e por aí fora.

Mas havia neste grupo particular de que eu era membro um abade muito velho, o nome dele era Augustine; e ele era um homem muito grande e gordo, um homem muito alegre, um homem que realmente era, de certa forma, totalmente diferente do que se esperaria que tal pessoa fosse; mas ele era um homem de grande perceção interior e consciência, e tinha uma grande compreensão desta verdade; e ele teve um grande interesse pessoal em mim e, ocasionalmente, ele, eu e vários outros tínhamos o que chamariam em termos modernos de sessões. Porque nunca pensávamos nestas coisas sob essa luz de todo. Eram momentos de comunhão onde nos reuníamos à espera que o espírito entrasse em nós e nos transportasse; e, de facto, muitas vezes naqueles dias — agora visualizo e lembro-me destas coisas — era perfeitamente possível ser-se transportado a distâncias avançadas e entrar em comunicação com pessoas ainda vivas, e éramos capazes de transmitir mensagens a distâncias avançadas sobre o que outra ordem estava a fazer, o que estava a acontecer e por aí fora.

Muito parecido com o que suponho que os místicos indianos fazem hoje; vês estas coisas, o que estou a tentar transmitir aqui é que estas coisas eram conhecidas na igreja cristã primitiva e era considerado o correto a fazer: o espírito descer entre nós e falávamos, como se vê na Bíblia, com línguas de várias linguagens e aprendíamos línguas através da comunicação. Estávamos em comunicação com os primeiros cristãos, às vezes tínhamos comunicação com o que chamamos comummente de santos. Vês, para nós naqueles dias, nos primeiros dias da igreja, a realidade da verdade era algo tremendo. Não era algo sobre o qual se falava; quando se falava dos santos ou da igreja primitiva ou de Cristo ou dos profetas e por aí fora, estas não eram pessoas e coisas que pertenciam a vários séculos atrás, eram realidades vivas do momento.

Vês, o que estou a tentar transmitir aqui é que a tragédia com a igreja hoje é que ela não está completamente em contacto com a realidade dessa religião nesse contexto e essa fé e esse conhecimento que deveriam existir já não estão lá. A igreja cristã primitiva, entre eles, fundou o mosteiro e fez coisas tão notáveis e

por aí fora. Estes eram, não todos, mas muitos, homens de grande visão, grande perceção de experiência espiritual. Quero dizer, sabes sobre São Francisco e sabes sobre as vezes em que ele vagueava no jardim e se perdia para o mundo e tinha estas visões e levitava; e é perfeitamente verdade porque estas coisas aconteciam connosco. E eu sei que, conforme me tornava mais imerso na irmandade, tornava-me mais consciente das realidades das coisas do espírito. E conforme me tornava um homem maduro, comecei a compreender mais o que suponho que seria chamado de mistérios; estes não eram mistérios, eram realidades. Mas hoje, quando as pessoas falam sobre os mistérios e falam sobre a igreja primitiva e falam sobre as coisas que aconteceram há séculos e séculos, estas coisas eram realidades para nós.

Stephen Ward: Não eram coisas que se tornavam um mito ou natureza; eram realidades de experiência, exaltação espiritual. Há tão pouca exaltação espiritual no vosso mundo hoje em dia, mas naqueles tempos era algo natural entre uma irmandade, entre aqueles que tinham dedicado as suas vidas a isso, para ajudar na inexperiência.

Rose Creet: Sim. Oh, acho que essa é uma história interessante. Muda muita coisa. Tem sido tão mau, até agora.

Stephen Ward: Em Norfolk.

Rose Creet: Em Norfolk.

Stephen Ward: Em Norfolk. Norfolk. Em Norfolk. Em Norfolk, disse ele. Foi o que ele disse. Oh, ei. E o Sr. Gustin, era ele o Augustine, o senhor do mesmo Santo Agostinho?

Stephen Ward: Não, não, não, não, não, não, não é o mesmo. E agora vês, nem todos estes monges, nem todas estas células que fundaram ordens, vinham eles próprios de outros países. Não eram todos ingleses. Na verdade, muito poucos deles eram ingleses. Nos primeiros dias do mosteiro, eram células baseadas em jantares que tinham cruzado os mares, que tinham vindo de Roma, de Espanha, da Indonésia, de todo o tipo de outros países, e estabeleceram-se em Inglaterra. E há muitos deles, claro, também.

Isto é difícil de explicar, e no entanto não é. Por exemplo, na altura da conquista normanda, ou logo a seguir, muitos destes monges vieram para cá. Sabes, quando houve grandes guerras — sabes, falando de séculos e séculos juntos — era o que acontecia. Embora soe obviamente ao contrário do que deveria ser, no entanto era assim. Quando os grandes exércitos partiam para a guerra, os monges, ou grupos de monges de muitas ordens religiosas, iam com eles. E embora se possa não admirar o facto de o terem feito, no entanto serviram o seu propósito. E eles tinham boas intenções, com bastante frequência; alguns não. Quero dizer, havia monges guerreiros e havia monges que tinham uma visão terrível, que fundavam ordens de natureza eremita. Havia exceções, claro. Havia bons e maus, como em tudo. E havia muitos que eram tão pobres. E claro, havia muitos que construíram para si próprios grandes propriedades e viviam como deuses.

De facto, esse era o título da igreja primitiva, na verdade. Havia os dois fatores. Havia o bom e o mau, mesmo na religião. E havia aqueles que subiram a altos cargos e tinham grande poder, e muitas vezes exerciam esse poder para o mal. De facto, é perfeitamente verdade. Quero dizer, mesmo na ordem. Mas nós éramos uma ordem feliz. Éramos realmente todos de uma só mente. Havia obviamente indivíduos que não tinham atingido o mesmo estágio de desenvolvimento, que não estavam totalmente de acordo. Mas, de um modo geral, tive a sorte de encontrar estes monges que estavam, num sentido, num estado humilde. Acho que esse era o ponto fulcral. Não havia ambição de todo. Toda a ambição era para as coisas da mente e do espírito, e isso era demasiado bom.

E, de facto, aprendi imenso, porque havia um boticário que tinha descoberto muito sobre ervas e o uso de ervas, e as diferentes flores, e as diferentes coisas que podiam ser alcançadas, e diferentes medicamentos que podiam ser criados e feitos. E, de facto, aprendi uma certa quantidade, descobri — essa é uma das razões pelas quais enviei a cura para o indivíduo. Como havia pessoas doentes e eu cuidava delas, costumava partir por dias em diferentes jornadas, levando várias ervas e medicamentos e por aí fora, para as pessoas que estavam doentes e

a sofrer. E, claro, naqueles dias, havia grandes doenças, grandes enfermidades, e muito poucas pessoas viviam para nascer para lá [chegar a velhas]. Era uma coisa muito invulgar ver alguém que alguma vez atingisse a idade de 80 anos ou algo do género. De facto, muitas, muitas pessoas nunca chegavam à fase adulta; as crianças morriam como moscas.

Claro que, lá está, através da ignorância, muitas vezes as aldeias que eram construídas, ou pelo menos que surgiam a cada período de tempo, nos lugares mais terríveis — eles nem sequer tinham consciência da doença, ou que ela poderia vir, digamos, de poços de água ou de rios; eles obviamente não tinham o conhecimento, mas havia muitos lugares onde teria sido necessário, se tivessem o conhecimento, ter construído noutro lugar. Vês, eles não sabiam construir de forma sensata, e às vezes construíam em lugares que propiciavam a doença. Havia naqueles dias todo o tipo de insetos. Claro, estes insetos ainda existem até certo ponto, mas a maioria deles foi exterminada ao longo de séculos; mas havia insetos que carregavam a doença. E, claro, o gado era deixado correr mais ou menos livre, e o gado bebia às vezes esta água infestada e depois, claro, passava para as pessoas.

Enfim, esta é uma longa história, na verdade; mas descobri que eu estava em desespero na altura, este monge — ou tornei-me este monge por uma série de eventos — e vivi até ser um homem bastante velho, algo excecional para aquela época. E morri de uma forma bastante normal, e a partir dessa vida consegui realmente... poderia dizer-se que tive a minha primeira experiência de perceção espiritual. E depois, tendo estado aqui por um tempo considerável, senti o impulso de regressar ao trabalho noutra capacidade, de uma forma diferente.

Vês, olho agora para trás no tempo e vejo que, em certa medida, era necessário — não digo que fosse obrigatório, mas certamente senti que era necessário — e quis, mais uma vez, chegar a outro ponto das minhas encarnações, ou reencarnações. Em muitos casos, aliás, eu diria quase sempre, a encarnação é uma escolha mental; e eu escolhi regressar, tal como na encarnação mais pequena [a última] que acabei de deixar recentemente, foi uma escolha. E voltei, vês, mais uma vez era como se este fio condutor da cura dos doentes

estivesse em mim há séculos. Senti-me sempre atraído por aqueles que estavam tristes e sozinhos e por aqueles que estavam doentes e pobres.

E foi-me dada esta capacidade de curar na minha última encarnação; era de um tipo diferente, não era através de drogas, não era através de medicina, era através de manipulação [osteopatia]. E percebo agora que esta manipulação não era tanto manipulação em si — não sugiro que não tenha desempenhado um papel importante — mas era realmente o que eu estava a fazer, sem o saber, claro: eu estava a dar cura espiritual. Estava a agir na capacidade de médium e estava a ser usado por seres deste lado para dar cura espiritual, independentemente da manipulação, que desempenhou algum papel, obviamente. Mas eu sabia instintivamente, e nunca percebi na altura, o que estava errado com uma pessoa. Às vezes uma pessoa entrava na minha sala de receção e eu quase sabia o que estava errado com ela; e muitas vezes sabia-o mesmo. Eles não tinham de me dizer que tinham uma dor aqui ou que isto ou aquilo estava errado; eu sabia.

E nalguns casos sabia que havia muito pouca esperança de que pudesse fazer muito por eles. Não é que me faltasse fé em mim próprio, mas suponho que era um conhecimento subconsciente; eu sabia que não poderia ser de grande ajuda real para eles. Na maioria dos casos, eu sabia que podia ajudar, mas havia certos casos que eu sabia que não podiam ser curados por manipulação e que resultariam eventualmente em cirurgia. Ora, eu fui sempre fundamentalmente contra a cirurgia. Quando digo isto, não quero dizer que não considerasse que às vezes fosse absolutamente necessária, mas onde fosse possível, eu queria sempre evitá-la, porque era sempre especial, no sentido da faca do médico.

Vês que certas doenças brotam de condições de hoje, mas vêm de trás na história, não só do paciente, mas da família. Há muitas coisas que li hoje — muitas vezes este assunto que li hoje é intrigante — a pessoa pergunta-se porque é que o inocente deve sofrer por mim, desde o pai. Mas, lá está, é porque não nos compreendemos a nós próprios, não compreendemos quão entrelaçados estamos, quão parte uns dos outros somos. Gostamos de pensar em nós próprios como

indivíduos, o que, claro, somos; mas no entanto, só quando compreendemos plenamente que somos todos parte uns dos outros é que percebemos.

Somos sempre o produto dos pensamentos e ideias de outras pessoas. Lisonjeamo-nos de que somos indivíduos, mas somos realmente uma composição, uma personalidade composta. Uma quantidade incontável de pensamentos e ideias de pessoas na rotina comum... somos o produto dos nossos pais fisicamente, mas também nos tornamos o produto dos pensamentos e ideias dos nossos pais, da educação ou da falta dela, dos amigos que conhecemos, dos professores e por aí fora.

No fundo, embora sejamos indivíduos, somos realmente o produto de inúmeras mentes. E claro, os nossos corpos — que podemos ver como algo material e pessoal — são, num sentido, uma ilusão, e estão sujeitos a todo o tipo de dores e doenças que muitas vezes não são trazidas por nós próprios, nem pela nossa falta de cuidado. Às vezes, claro, estas coisas vêm por falta de cuidado, mas herdamos na nossa corrente sanguínea, na nossa consciência, herdamos todo o tipo de coisas que são seres vivos. Estamos a herdar fardos, se quiseres.

É extraordinário que sejamos tão individuais como somos, mas nunca perderemos de vista o facto de que a doença não é algo que apenas acontece. É, num sentido, um mal, mas no entanto é realmente algo que o próprio homem criou através de gerações. Quero dizer, nesta era em que vives, o cancro parece ser a coisa predominante, mas isto é algo que entrou na corrente sanguínea da vida humana e pode ser rastreado até aos pensamentos do homem, às ações do homem através do pensamento errado. Pode ser rastreado até à desumanidade do homem, à atitude do homem em relação à vida animal — a matança de animais muitas vezes desnecessariamente. E vês, as pessoas não conseguem compreender isto devidamente, mas é verdade dizer que não podes possivelmente escapar aos teus pensamentos e às tuas ações.

Pensa talvez que fazes algo e ninguém sabe nada sobre isso, pensa talvez que fazes algo e "te safas"; e isto aplica-se a todo o ser humano desde que o tempo começou. Mas o ponto é que todos estes fatores contributivos... se fazes algo que é contra a natureza, claro que a natureza tem leis rígidas. Algumas

pessoas podem considerar que a natureza tem leis flexíveis — talvez seja verdade num sentido, flexíveis até um ponto — mas no entanto, fundamentalmente, ela é rígida. E o homem tem estado a quebrar as leis da natureza invariavelmente, e de tantas formas diferentes durante tanto tempo.

Por exemplo, não é natural para o homem viver numa área congestionada como uma grande cidade, que está cheia de fumos de escapes de carros, de chaminés de fábricas e por aí fora. Tudo isto é antinatural para o homem. De um ponto de vista físico, o homem é um animal. Quer se goste disto ou não, é um facto perfeito; é verdade que raramente vês animais ficarem doentes na natureza e, se os animais ficam doentes, é invariavelmente o que o homem trouxe para o reino animal de alguma forma.

Mas em ambientes naturais... e eu sei, claro, que no mundo moderno isso é praticamente impossível; mas a doença moderna do homem, particularmente o cancro, brota da maneira antinatural em que o homem está a viver. Ele está a comer, muitas vezes, alimentos que estão envenenados; está a assumir certas responsabilidades no trabalho e nos negócios que são, num sentido, antinaturais; elas pesam sobre a sua mente e bem-estar, a sua mente tem uma reação no corpo físico, o corpo físico reage a isso, a corrente sanguínea torna-se contaminada.

Se um homem quer estar em forma, bem e saudável, além de pensar nas linhas certas, ele deve voltar e viver com a natureza sob condições naturais, comendo os alimentos naturais da natureza. A vida é venenosa conforme o homem avança cientificamente. Ele avança numa direção certa e, ao mesmo tempo, está o tempo todo a avançar num sentido errado. Se ele pudesse avançar de uma forma natural, como a natureza pretendia, ele descobriria que toda a enfermidade e a doença — que foram trazidas, particularmente nos últimos 100 anos — ele descobriria então que seria um homem em forma e um homem são.

Eu sei, claro, que o que digo é impraticável para a maioria das pessoas: a luta, o conflito, o stresse da vida é inevitável para a maioria. Mas eu vejo, quando olhamos para trás, para o tempo em que vivíamos a vida simples, quando vivíamos numa comunidade e vivíamos da fonte de suprimento da natureza, e começávamos a compreender a natureza e a usá-la de maneira sensata; porque a

natureza dá livremente e não espera muito em troca, exceto que a respeites. Mas hoje, a vida moderna está cheia de hábitos e ideias incongruentes. O homem está a tornar-se cada vez mais separado dos alimentos naturais, dos ambientes naturais. O homem está constantemente a investigar cientificamente — assim chamado nalguns casos — diferentes produtos, diferentes formas de poupar trabalho e tempo, e a colocar na comida certos químicos que ele acha que farão bem a isto ou àquilo. Mas estas coisas podem fazer algum bem nalguns casos, mas descobres que, quando fazem bem num aspeto, criam problemas e complexos noutros.

O homem não está a viver como deveria viver, de uma forma natural. O stresse da vida está a começar a fazer-se sentir; o homem está a viver com medo, medo de várias fontes. Quero dizer, ele está o tempo todo incerto sobre o amanhã, incerto sobre o que pode acontecer através do poder atómico. Lá está, o poder atómico, se devidamente compreendido — o que, claro, eles não compreendem realmente, obviamente ainda estão a experimentar — poderia ser para o bem de centenas de homens. Para tudo o que vês que é descoberto, há uma causa boa e uma má. Há muitos homens que usam o que descobrem para o mal, e outros para o bem. Mas o ponto é que há tanto que ainda falta descobrir. Mas conhecendo o homem, sabemos mais ou menos, temos a certeza de que o que quer que ele descubra, invariavelmente usará para o mal.

Stephen Ward: E é também uma tragédia para nós quando vemos a forma como a natureza é adulterada, a natureza é mal utilizada; e isso preocupa-nos, porque vemos, por exemplo, o reino animal, vemos a tragédia dos animais. Alguns animais estão a tornar-se extintos. O homem caça-os desnecessariamente, mata-os muitas vezes sem pensar, sem qualquer tipo de propósito real. E não há necessidade disso, porque a natureza encontra sempre o seu próprio caminho, encontrará sempre para si própria a sua própria saída. Se, por exemplo, um animal, ou uma raça de animais, se tornasse demasiado vasta, a própria natureza engendraria um método onde não lhes seria permitido tornarem-se demasiados.

Os animais não têm a vasta maioria das doenças de que o homem sofre. Se um animal está doente ou enfermo, é algo que foi trazido à existência pelo

próprio homem. Algum método venenoso que apanharam, ou talvez algo de que foram vítimas inconscientes, e os animais sofrem com isso. Mas o ponto é que o reino animal tem, de certa forma, um modo de vida muito mais equilibrado do que o próprio homem. É uma coisa extraordinária, mas o reino animal tem o instinto, que o homem perdeu, suponho eu.

Vês, o homem ainda tinha instinto, obviamente, de sobrevivência, por exemplo; mas o ponto é este: o homem, à medida que se tornou mais sofisticado e mais "progredido", como lhe chamam, perdeu a capacidade natural de se aperceber... não é o instinto para muito, mas para o que era essencial e necessário para ele.

Pode-se argumentar: "sim, bem, claro, quando o homem era muito primitivo era necessário para ele ter estes instintos fortemente definidos". Mas isso aplica-se tanto ao homem moderno quanto ao homem antigo. No chamado progresso do homem, ele perdeu os instintos naturais. Sabes, nos tempos antigos, se um homem estava doente, ele sabia dentro de si, até certo ponto — não digo em todos os casos, ou que fosse infalível — mas ele sabia certas coisas que deveria fazer, ou talvez até certas coisas que deveria comer; ao passo que hoje, o homem não dá à natureza uma oportunidade de se afirmar, de cuidar de si própria. O homem não dá à natureza uma oportunidade de curar o corpo. Imediatamente, o homem corre para as drogas, artificialidades, que criam toxinas e todo o tipo de venenos no corpo; e estas podem aliviar ou mitigar temporariamente alguma dor ou mal-estar, mas invariavelmente causam muito mais dano do que bem, e outra doença, uma doença secundária, desenvolve-se.

De facto, eu iria ao ponto de dizer que muitas das chamadas doenças modernas são subprodutos de drogas tomadas talvez há 50 anos, 25 anos, nalguns casos até pelos pais. Vês, as crianças trazem para as suas vidas, para a sua nova vida física, na corrente sanguínea, venenos e germes dos pais; e todas estas coisas, à medida que o corpo cresce, começam a tornar-se muito ativas. Por vezes, não se tornam ativas até que a criança atinja a idade adulta ou a meia-idade. Mas, eventualmente, surgem estes germes de guerra. Esta guerra acontece o tempo todo no corpo humano. E não estou a sugerir que isto não se aplicasse,

em certa medida, nos primeiros séculos ou nos tempos primitivos do homem; sem dúvida que sim, mas não na medida em que acontece agora.

Vês, o ritmo da vida foi destruído no homem. Nos primeiros séculos, na história primitiva do homem, havia um ritmo. Só posso usar este termo, ritmo, porque acho que é elucidativo. Mas havia ritmo no corpo do homem. Havia um ritmo na sua vida. Ele vivia num mundo rítmico, com a natureza, que estava em harmonia com os elementos. Por outras palavras, nas fases iniciais da história do homem, havia uma forma de perfeição. Uso o termo forma de perfeição porque assumo que nada é perfeito. Mas havia uma forma de perfeição no que diz respeito à vida humana. E, em consequência, o homem vivia como um ser mais perfeito do ponto de vista da natureza; o homem agora vive uma existência completa e absolutamente antinatural.

Ora, não estou a dizer com isto que o homem tenha de reverter para o estado natural, e andar nu, e que tenha de fugir das cidades e por aí fora. Percebo que tal coisa agora é impossível. Mas o que lhe sugiro — e isto é algo que discuto com muita gente aqui — é que se o homem pudesse voltar, tanto quanto fosse possível, a alguma forma de vida natural e comida natural, ele começaria gradualmente a beneficiar disso, e certas doenças, que agora são muito prevalentes, diminuiriam gradualmente e, sem dúvida, possivelmente com o tempo poderiam desaparecer.

O cancro é o corpo fora de ritmo, e é uma doença que foi trazida pela vida do homem moderno e pela sociedade moderna. As drogas não têm sido de ajuda nenhuma. Na verdade, acho que as drogas contribuíram largamente para isso e para o seu desenvolvimento. E posso dizer-te outra coisa: nenhum sucesso na descoberta de uma cura para o cancro pode vir ou alguma vez virá através de experiências no reino animal. Pois se usares esses métodos, é contra a natureza. A natureza rebelar-se-á. Não podes colocar no teu corpo algo que é antinatural e algo que é tirado de outra criatura dita "menos significativa" que sofreu desnecessária e indevidamente às mãos do homem.

Por outras palavras, só há uma maneira de curar a humanidade, quer os males sejam da mente ou do corpo, e essa maneira é viver de acordo com a

natureza, viver de acordo com a mente e com o espírito no nível mais alto que consigas ver. Por outras palavras, esta era moderna é o produto do pensamento errado e do viver errado. Uso o termo "errado" [ou mau] porque, num sentido, ele aplica-se. Sei que "mal" é por vezes uma palavra mal utilizada, porque muitas vezes o mal é aplicado a coisas que não são más de todo. Mas estou a falar dos temas que, obviamente, são artificiais, pois o mal é artificial. É contra a natureza, é contra a verdade, é contra a realidade do espírito e da mente. Qualquer coisa que seja contra estas coisas que são fundamentais e que são essencialmente do aspeto mais elevado do homem, é mal.

Por outras palavras, o bem é aquilo que é de Deus, pelo qual os homens anseiam e no qual se devem eventualmente tornar. Por outras palavras, a bondade no homem é o ritmo natural no homem, a perceção natural do homem da sua unidade com o divino e o poder do espírito dentro dele para realizar, superar e tornar-se verdadeiramente, plenamente ciente, plenamente consciente do seu destino. A verdade é a base de toda a vida. Se os homens seguirem a verdade em todas as coisas, perderão gradualmente [as doenças]. O homem individual encontrará libertação destas coisas que causam tanta tragédia e tanta preocupação, quer sejam da mente, do corpo ou do espírito. Se ele seguir a verdade, procurar a verdade, ansiar pela verdade e, dentro de si, tornar-se parte da verdade.

Em outras palavras, todas estas coisas... e eu encontrei esta regeneração através do tempo e da experiência em diferentes vidas e encarnações. E, acima de tudo, pelo meu conhecimento e experiência aqui, pela visão que já tive, pela experiência que tive do passado, sei que a verdade fundamental é a única coisa que importa; tudo o resto é fantasia, tudo o resto é doença, seja da mente ou do corpo. Procura a verdade em todas as coisas e o resto ser-te-á acrescentado, como foi dito. Sabes, falei com tantos aqui, pessoas de todas as denominações para responder, e todos compreendem e percebem agora que é apenas a procura da verdade no sentido mais elevado, com liberdade de pensamento, liberdade de espírito, liberdade de expressão, aproximando-se cada vez mais das realidades da natureza e das coisas do espírito. Estas são as únicas coisas que importam.

Os "ismos" e as religiões e os credos e os dogmas são todas as fantasias e as doenças da mente e do corpo; estas são as coisas que prendem o homem ao chão. Estas são as coisas que criam a doença da mente e do corpo. Existe doença da mente através do pensamento religioso mal compreendido e mal aplicado. Existe doença do corpo e da mente através das coisas que se come e das coisas que se faz, o romper com a lei natural. Enquanto não viveres com a lei natural e espiritual, não podes ser verdadeiramente um indivíduo real, não podes tornar-te verdadeiramente... é no sentido, suponho, dos termos religiosos de Deus.

É tudo muito difícil de explicar, mas isto eu sei: que tudo o que transparece no mundo que é mau, que causa grande preocupação, quer seja doença do corpo ou da mente, ou falta de conhecimento no sentido religioso ou espiritual, é por causa do próprio homem. É perfeitamente óbvio para mim, que ganhei mais da minha experiência, que o próprio homem cria para si próprio. Nada mais e nada menos. Ninguém mais é responsável senão o próprio homem. Mas enquanto o homem não aprender a viver com Deus na expressão da vida que se encontra na natureza, ele não poderá estar mental ou fisicamente bem.

Há tanto que não consigo pôr em palavras, não direi muito por querer dizer tanto, mas sei que não posso esperar fazer muito ainda, mas eventualmente sim.

Rose Creet: Bem, muito, muito obrigada, Stephen.

Stephen Ward: Enfim, teremos o nosso encontro na próxima semana, se tudo correr bem, porque há tanto que te quero contar, há tanto sobre o meu passado, e o passado na face de outras pessoas, e encontrar pessoas que estiveram associadas a mim. Quero falar sobre vários aspetos da vida, tal como a encontrei agora, e o que receio que esteja à espera, de que tive vislumbres. Por outras palavras, o passado, o presente e o futuro, que num sentido suponho ser realmente um só; mas, no entanto, há tanto que tenho de transmitir, mas só posso fazer um pouco de cada vez. E conforme o faço, claro, percebo muito bem que, num sentido, devo obviamente afastar-me cada vez mais do meu próprio eu, mas isso não importa, é o que quero fazer. Enfim, a culpa é minha.

Rose Creet: Oh, muito, muito... Sabes que isso me diz muito.

Stephen Ward: Enfim, tudo o que quero que saibas é que, enquanto estivemos sentados e eu estive a falar contigo, claro que não estive sozinho de modo algum; tem estado aqui um poder tremendo, uma ajuda tremenda aqui, e sei que sentirás o benefício disso, ambos. Enfim, vou-me embora, e virei na próxima semana. Adeus, e que Deus te abençoe, Leslie [o médium], e tudo de bom, e adeus.

Rose Creet: Adeus.

* * *

070266

Stephen Ward: Olá, Rosie.

Rosie: Hum? Hum? Olá?

Stephen Ward: Olá. Olá, Rosie.

Rosie: Oh, Tess, ela está aqui em cima.

Stephen Ward: Olá, Rosie.

Rosie: Olá. Como estás?

Stephen Ward: O meu pai. Sim, ele está a fazer o que eu vos fiz.

Rosie: Oh, não. O que é que ele fez?

Stephen Ward: É muito interessante o que está a acontecer agora sobre este assunto da lua.

Rosie: Sim.

Stephen Ward: Parece que vão ser bem-sucedidos em aterrar lá. Não creio que haja muita coisa na lua, pois não? É apenas muito forte, não é?

Rosie: Bem, eu imaginaria que sim, senhor.

Stephen Ward: Quero dizer, eu honestamente não sei muito sobre isto. Venderei na morte do planeta desta vida dele. Muito semelhante, em alguns casos, à vida na Terra, pelo que percebo. Mas do que ouvi, não há vida como vocês a entendem na lua. Parece ser bastante diretivo, os seres humanos, de certa forma.

Rosie: Sim, senhor, está lá. É muito interessante, não é?

Stephen Ward: Sim, mas ao chegarem à lua, a 36 pés, eles poderão chegar à política.

Rosie: Sim.

Stephen Ward: Como queres dizer? Ter estações lá e depois ter outras naves espaciais para ir para outros planetas?

Rosie: Valha-me Deus, viajar para o futuro de volta vai ser emocionante.

Stephen Ward: Sim. Tens visto estas naves espaciais de que todos vão falar durante muito tempo agora?

Rosie: Oh, eu sei o que queres dizer. Não, não vi. Sim, não vi. Mas acredito que existem seres de uma ordem muito elevada em certos planetas. Alguns, claro, que são muito evoluídos, que não têm tentado fazer contacto com a Terra? Isso eu ainda não conheci realmente através de grandes inventores, mas espero vir a conhecer. Porque também acho isso muito fascinante.

Rosie: Oh, eu poderia.

Stephen Ward: Depois, claro, acho também, pelo que percebo, quando falamos da nossa vida aqui, e falamos do nosso mundo, os mundos, que na

verdade todos estes outros planetas são habitados por pessoas que viveram na Terra anteriormente. Por outras palavras, estaremos a falar sobre vir para cá. Acho que falamos sobre isso praticamente tornando-o claro para ti. Estamos a falar num sentido, e certamente de forma muito diferente, sobre estes outros mundos. Estes outros mundos são alguns destes planetas, percebes.

Rosie: Oh, sim.

Stephen Ward: Percebes, existem milhões. Quero dizer, as pessoas podem perceber que existem literalmente milhares de outros planetas. E estes planetas são habitados, muitos deles frequentemente por almas que obviamente viveram na Terra, talvez há milhares de anos, e estão todos em diferentes estados de evolução. Alguns são muito altamente evoluídos e outros não são muito evoluídos. Mas eu realmente ainda não sei o suficiente, e não gostaria de, sabes, mergulhar na morte, no meu nome com mais certeza, mas cheguei à conclusão de que me foi dito que certos planetas são habitados por almas que outrora viveram na Terra, e eles são alguns dos campos de que falamos.

Mas percebes, este negócio de ir de uma fonte de vida para outra é uma espécie de forma de morte, mas enquanto do vosso lado podem viver apenas 60, 70, 80 anos, ou talvez no máximo 100 anos, mesmo que este planeta deva viver, no que toca ao tempo, milhares de anos. E então, quando tiveres esgotado tudo o que a vida te pode oferecer naquele planeta particular de morte, vais para um novo ambiente e para um planeta totalmente diferente. Mas, de momento, claro que não posso dar-te mais detalhes, mas percebes, se pudermos, percebes, tem tudo a ver com o tempo, que no sentido sabemos que é uma ilusão, mas quando consideras que tantos planetas estão a tantos milhões de milhas-luz de distância da Terra, os anos soviéticos em que podemos estar separados de outros planetas ou esferas por tantos milhões de anos-luz, e claro que o tempo então se torna, bem, não tem qualquer significado real.

Percebes, é por isso que quando falas sobre o nada, a tua vida terrena pode parecer longa, mas sabemos que não é, e é muito curta, na verdade. Mas certamente torna-se uma medição de tempo, mas fora do tempo aqui, onde tens, bem, uma perspetiva tão vastamente diferente. De facto, a própria pessoa

provavelmente mudou, como te disse, sabes o que disse, este sentimento de leveza, este sentimento de não estar de forma alguma impedido ou dificultado por um corpo físico. E estamos em nós próprios a viver num estado mental espiritual, quão removido, admitindo, podes compreender. E, muito francamente, eu nem sei como posso esperar fazê-lo chegar a ti.

Mas há uma maior perceção e consciência, não apenas da própria condição em que te encontras aqui, mas é como se, de alguma forma estranha, estivesses a começar a tornar-te consciente de, e atento a outras condições em redor na bateria. Podes não ser capaz, por assim dizer, de ver essas coisas, ou condições de luz, ou mesmo as pessoas que as habitam. Mas tornas-te subitamente ciente da consciência da medida, uma espécie de abertura mental. Tornas-te mais, por assim dizer, sintonizado com os pares. É muito peculiar ali, porque falamos de todas as nossas emanações e de todas as nossas condições, e falamos de edifícios que têm realidade, que são tão sólidos como as margens para ti.

Tudo isto é muito verdade, mas ao mesmo tempo, mesmo que estejas a existir numa vida que é tão real para ti como a tua é para ti, e tão sólida como a tua é para ti, como a nossa é para nós. Ao mesmo tempo, há esta consciência de que existe na atmosfera ao nosso redor uma consciência maior e mais ampla do estado de ser, da qual estávamos num estado subconsciente, se quiseres, conscientes de, ou bem. Por exemplo, estarias a entrar e a tornar-te, por assim dizer, plenamente consciente das tuas próprias visões e, no entanto, incidindo sobre isso de uma forma estranha e subconsciente, está o sentimento e a proximidade de outros pensamentos e outras ideias. É como se, talvez seja, e eu esteja num estado particular no momento de mudança, do qual não estou plenamente consciente, e mal teria pensado que estaria aqui há tempo suficiente para o refletir, deixando este sentimento particular, condição de luz, na qual me encontro.

Mas estou, por assim dizer, a tornar-me mais sintonizado, suponho, com algo mais, que ainda não se revelou totalmente a mim, e quando este tempo chegar, como sem dúvida chegará, então aquilo que é no momento algo de que estou subconscientemente ciente tornar-se-á realidade, e aquilo que sabes ser

uma realidade para mim deixará de existir. E acho que é a isso que se pode chamar morte plena, num realista, uma extensão claro, é isso que um grande montante representa para mim. Quero dizer, a mesma coisa pode aplicar-se do vosso lado, podes estar a viver no teu mundo, mas podes ter uma extensão do mundo da consciência; claro, é isso que a mediunidade realmente é.

Rosie: Oh, compreendo.

Stephen Ward: Quero dizer, um médium, eu sinto, quero dizer, um médium que é realmente mental e espiritualmente evoluído — e esses são poucos, claro, e não se deve confundir isto com evolução ou desenvolvimento psíquico, porque há um efeito subtil que é uma diferença muito grande na realidade, porque há muitas pessoas do vosso lado que são psíquicas, que têm perceção psíquica, ou consciência psíquica; que há uma vasta diferença entre ser psíquico e espiritualmente consciente e atento, que tão poucas pessoas parecem evoluir ou desenvolver.

É algo que obviamente é um ser sensibilizado que se expande, e nem sempre plenamente consciente ou atento a isso, talvez com isso ali. Não é apenas ver espíritos, mas não é apenas estar em comunicação com espíritos. Sei que soa muito central para a variação do que estou a tentar transmitir, mas é verdade dizer que, embora possas comunicar com espíritos, isso não significa que estejas sempre, claro, às vezes podes estar dependente de quão sintonizado estás, e a que vibração ou que tipo de condicionamento estás a chegar, mas há uma vasta diferença, porque há uma vasta fonte inexplorada, se quiseres, é o que eu sinto, de consciência, que não é facilmente alcançada, nem mesmo talvez por pessoas deste lado que estão a passar por uma condição de desenvolvimento ou consciência ou evolução.

Por outras palavras, é algo que brota do eu interior ou do indivíduo. Percebes, podes arranhar a superfície, podes sintonizar-te, podes estar em contacto, recebes mensagens, podes receber provas e evidências pessoais, e pessoas que conheces, e pessoas que amas. Mas eles podem estar a vir ter contigo, talvez, claro, nalguns casos, eles venham de outra forma e entrem nas vossas condições de vida num nível inferior, para que possas ser alcançado ou se

puderes compreender um certo estado que eles estão a tentar transmitir, particularmente quando se trata de assuntos pessoais.

Mas o ponto é que tão poucos médiuns, particularmente, e tão poucas pessoas no vosso mundo que estão interessadas no assunto, estão realmente a esforçar-se por chegar ao nível consciente de espírito, de uma ordem elevada, e isso é, creio eu, a coisa mais importante de todas. Mas quando tiveres passado por fases, como a maioria das pessoas deve fazer nos estágios iniciais de comunicação e busca, é perceber que deverias então estar a abrir o teu eu interior ou problema, se quiseres, a estes pensamentos conscientes, que são muito poderosos e muito fortes, que foram enviados para os vossos campos distantes, longe da Terra; e as entidades que vêm até vós, elas irão, quando perceberem que essa consciência está lá da vossa parte e que essa busca, esse desejo por algo, encontrou o movimento a partir do mundano da fronteira ali, que é, claro, o destino comum das comunicações médias.

E sentes então, e sabes, porque as mudanças subtis que ocorrem na mediunidade, por exemplo, no médium, e as comunicações são tais, que sabes imediatamente que foste desviado, se quiseres, do que eu chamaria o, suponho, o mais próximo que se pode dizer, o astral, porque não creio que as pessoas percebam, há muito tempo na Terra, que é esta forma astral de existência? É a consciência dos próprios indivíduos, que deixaram para trás, às vezes, a casca astral. Agora, eu não sabia como explicar isto, mas na comunicação, às vezes, uma alma vinda de uma esfera superior terá de utilizar a casca astral para fazer uma espécie de ligação com o vosso mundo; por outras palavras, eles têm de usar algo que é de uma ordem moral, que está mais perto de nós, antes de conseguirem registar. Mas essas cascas astrais, em si mesmas, são apenas revitalizadas pela consciência do indivíduo em questão vindo da esfera superior.

Mas, em consequência de terem de as usar — por outras palavras, de descerem a sua consciência a um certo nível — muito se pode perder daquilo que eles próprios desejam transmitir. É por isso que, por exemplo, num círculo desta natureza, ou numa comunicação desta natureza, é tão vitalmente importante ter um assistente, ou assistentes, se preferires; e, claro, o médium deve também ser

de uma elevada craveira do ponto de vista da aspiração. Quero dizer, há tantas, tantas pessoas em sessões, elas recebem comunicações que são de interesse, e de ajuda para elas, e conforto, e de valor para elas. E o ponto é que tanto está num nível vibracional, que é realmente este tipo de condição desastrosa.

Percebes, nós queremos, eu quero, particularmente — quero dizer, não professo ser assim tão espiritualizado — mas percebo o potencial, percebo a possibilidade na minha própria condição de vida aqui, estou a perceber, o tempo todo, este poder maior, esta força maior, esta perceção maior da possibilidade dentro de mim, e do mundo, e sobre mim, o tempo todo, como se estivesses a tentar alcançar e alcançar um conhecimento maior, uma experiência maior; e sinto que muito disto poderia ser trazido para a Terra, e dado de tal forma que fizesse sentido; quero dizer, seria certamente benéfico, em vez do ordinário.

Quero dizer, é tão fácil para alguém vir — digo fácil, nunca é fácil — mas é mais fácil, de qualquer forma, para uma pessoa vir num certo nível, e discutir coisas num certo nível, e dar certas informações que, durante o tempo, satisfazem; mas percebes, acho que quando se está, como tu tens estado por tantos anos neste assunto, e tens um médium que tem o poder, a possibilidade desta perceção extrassensorial de coisas num nível muito mais elevado do que o que foi até agora atingido ou alcançado, acho que devíamos avançar nessa linha; e por um risco poderoso, dizes, agora Luda está segura para o nosso amigo, mas quando trazes alguém novo, eu sei o teu desejo de os ajudar e confortar e por aí fora, tudo isso é muito admirável, mas sinto que existem outros círculos e outros caminhos.

Quero dizer, sinto que nós, sabes, talvez esteja a ser egocêntrico, não quero ser, mas sinto que é uma pena, porque estamos de certa forma a pôr o nosso valor real de lado, e a pôr de lado coisas que queremos seguir, as quais poderíamos alcançar se nos mantivéssemos num certo nível. Percebes, de pouco serve andar a saltar e a mudar, e tipo, eu sei que às vezes, obviamente, o poder não está bom, ou temos de estabelecer uma condição para a batalha, o médium não está bem, ou algo assim, mas temos tão poucas oportunidades. Quero dizer, podes dizer: "oh, sim, bem, eu disse duas vezes por semana", vou privilegiar — bem, no sentido

suponho que sim — mas para mim, penso eu. Para mim, isso não é o suficiente. Na verdade, eu gostaria de me sentar todas as noites, sabes? Quero dizer, sessões todas as noites, porque poderíamos ir construindo, dizes tu, mas temos de continuar a construir. Não serve de nada andar a quebrar isso, e a introduzir novos fatores, novas influências e por aí fora.

E certamente não é nada bom estar com alguém que está com toda a idade, e sabes, tipo a desejar e tipo o dia todo, "não sei se devia estar aqui", "não sei se isto é uma coisa boa ou má", e "não sei se", sabes, quero dizer... tu e eu, tu e o médium juntos, e nós viremos a ti, nós que tu conheces e em quem confias, as pessoas que estão envolvidas neste trabalho. Quero dizer, o Marshall, e todos os outros, estão todos tremendamente entusiasmados e interessados em alcançar um nível muito mais elevado de comunicação. Mas para fazer isto, temos de o preservar e conservar. De outra forma, temos apenas de o manter. Se preferires — não o posso evitar — se isto parece tão egoísta para nós, ainda assim. Portanto, por favor, no futuro, espero mesmo que tentes manter isto para nós, e se quiseres ajudar mais alguém, então dá-lhes uma noite especial ou algo assim. Não deixes que interfira com as nossas próprias sessões. Que tenhas um trato especial para eles.

Rosie: Tudo bem.

Stephen Ward: Quero dizer, podes sempre dizer: "oh, bem, olha, podes marcar uma sessão à terça ou sexta para fulano?". Então não interferimos com a nossa sessão.

Rosie: Oh, compreendo. Importas-te?

Stephen Ward: Oh, não sei. É um grande negócio. É um grande negócio. É um grande negócio. É um grande negócio. É um grande negócio. Mas nada me incomodava agora, até ver o que acontece, não sei. Bem, de qualquer forma, é assim que eu sinto, porque, muito francamente, estou tão maravilhado, tão entusiasmado, tão interessado em tudo isto. Poderias dizer-me: "oh, bem, sim, é tudo muito novo para ti". Bem, claro que é. Mas o ponto é que quando a coisa é como isto é para mim, está cheia de possibilidades. Sinto na minha própria maneira estúpida, se quiseres, como provavelmente os russos e os americanos

naquele filme, e eles estão a testar uma nova nave espacial, ou o que quer que seja, a pensar que tipo de sucesso vão ter, ou o que vai acontecer e por aí fora. Sabes, deve-se à aventura, se quiseres. É como uma pessoa como tu, que seria muito interessante. Claro, sabes, às vezes eu consigo. Percebes, o ponto é que talvez eu seja terrivelmente intenso, mas não o posso evitar, sou assim.

* * *

OVNIS

261067

Stephen Ward: Foi assim que ele fez antes. Esta é a hora da gravação neste dia 26 de outubro de 1967. O Williams era um lugar. Quem está aqui? Quem está aqui?

Rose Creet: Quem está aqui?

Stephen Ward: Não, não, não, estou aqui. Estou aqui. Podes? Real, custo-base, custo-produzido. Como Williams, carros, energia. Contigo. Sim. E eu percebi que sabes, não há forma de podermos ajudar.

Rose Creet: Sim. Eu sei, Stephen, quando te mostrei, estavas a fazer câmaras para ti. Não posso dizer em lado nenhum. Bom rapaz.

Stephen Ward: Não consigo acreditar. Oh, não, não. Sou uma pessoa tão de negócios. Estão fixas? Sim. Não tenho negócios suficientes para me empurrarem. Nunca podes fazer as cópias. Eles põem-te fora. Não. Eu também tive de ficar de olho em ti. Quero dizer, tens ajuda, claro, mas só tens as mãos com o Marshall, na verdade. Ele é proficiente, sabes?

Rose Creet: Sim, realmente. Ele ajudou-me a chegar aqui.

Stephen Ward: E eu estou a viver os negócios por aqui. Com certeza. Quais são os teus, lembras-te? A minha primeira vez aqui.

Rose Creet: Sim. Bem, é algo gratificante. Tem sido um prazer. Tem sido algo prestável.

Stephen Ward: Bem, não menciones mais isso. Cuida de ti. Tenho estado feliz por poder falar com qualquer pessoa desta receção maravilhosa. Não podes realmente mentir. O que saberá a tua mãe? Quando é que está ali? Podes ver onde está. Ou ainda não sei. E depois eles podem estar apenas no caminho. Ainda nem queres vir, pois não?

Rose Creet: Oh, eu não me importo de tentar falar.

Stephen Ward: Bem, eu sei que não vais a lado nenhum. Mas, oh bem, eles limitam-se a falar sobre isso. Quando vieres, virás e serás muito feliz com qualquer pessoa aqui. Entretanto, aprende apenas a desfrutar do que puderes da vida. Sim. O que está a acontecer no mundo pode tentar esta abertura — significa, além do mundo, até ao nosso núcleo. As pessoas são realmente cuidadosas agora. As pessoas têm visto concertos nos sinais. E estamos quase, sabes, eles têm estes tempos incríveis. Tendem a ser feitos em comunidade com o teu mundo de várias formas por entidades, almas e diferentes planetas que partilhaste. Isto tem sido gratificante. Tive muito tempo. Tenho sido um jogador de ténis. Temos sido feitos, sabes, por almas e diferentes espíritos.

Claro, muita gente não percebe que muitos dos planetas estão no céu. Há cinco pessoas que querem viver na Terra, e que são grandes. Além do mundo espiritual, estão todos ao meu redor. Há muita gente que percebe que há sempre planetas. Muitos deles são muito, muito maiores do que eu. Não são apenas alguns. São milhares de milhares de planetas. Não há apenas um milhão. Não poderia ser. E, claro, há certos planetas onde as pessoas não estão tão longe no movimento em que nós estamos, mas que são muito mais amados. Tecnicamente, cientificamente e espiritualmente, que estão a tentar fazer contacto connosco. E para os superiores é possível que o consigam fazer porque estão num lado diferente uns dos outros.

Claro, eles estão numa vibração pequena, a qual tu poderias comer, onde estás; como é que as pessoas do teu lado defendem o caso, elas comunicam, ou fazem, e viram-se para outros planetas. Eles são, sabes, os russos e os americanos, eles têm estado a chorar antes, e estão a ficar tão sonoros, e o compromisso, mais adiante, que o ponto é que, quer para emparelhar o

conhecimento nele, muito frequentemente, tudo no mundo, certas pessoas têm em certos planetas, sabes, que, eventualmente, terás comunicação de um tipo direto, das almas, sobre como poupar, num planeta, mas eles aterrarão, onde vêm em paz, onde vêm... Tu sabes, sim, sim.

Tu desejas fazer a estrutura, o facto de que isso te deveria ajudar. Deverias realmente sentir o mundo, e a condição do mundo, e se ajuda a ler à distância, mas quantos dos planetas em diferentes almas, toda essa evolução, e se estão todos a tentar fazer uma estrutura para contactar connosco... e estás a ter uma descoberta natural de um lugar onde as pessoas estão, não há ideia de como ficar no planeta, ver se algo é real, ou experimentar algo, parece haver um problema, sabes, precisas de defender um caso. Bem, haverá um problema? Receio que sim.

Rose Creet: Sim, senhor.

Stephen Ward: Bem, é o que vês. Há muito medo no mundo, e há qualquer um, a ver qualquer coisa, e nem sequer há humanos, e há algo que não é bom, ou está a vir de alguma forma que não é boa o suficiente. E então perceber-se-á que toda a bondade reside fora dos homens, eles vão levar algo para ali, no planeta, nos sistemas, que estão ocupados, que estão definitivamente ocupados por meios de segurança, toda a atmosfera, e o impacto do homem sobre um grupo, e o homem na sua mente retorcida, o ser humano elevado ao mal ou a algo mau, não é?

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Não há dúvida de que é apenas o vosso. Bem, estás a viver numa era onde a ciência tenta fazer um certo processo, fazer uma certa direção, e estás certamente a viver numa era que, antes do fim dela, eles mostrariam de qualquer forma, o percurso, os dois minúsculos, dois minúsculos, quando eles fazem sobre comunicação, entre o vosso mundo e o planeta, o planeta comunicando com o vosso mundo, e a realidade no significado, eu não mostro isso. Eu era um sistema, os serviços médicos, a saúde física, diferente, o medo do tempo. Acho que este é o início de algo tremendo, e foi realmente um desejo para isto progredir na direção de todo o mundo, bem, apenas para as coisas que não estão certas agora, ou arder em si mesmo sobre isso.

Rose Creet: Hum. Isso é o Armagedão?

Stephen Ward: Bem, eu não lhe chamo isso. Quero dizer, todo o tipo de, especialmente para os meus espetadores, e para o homem indígena é, obviamente, existe o pensamento e a dimensão de trazer à existência forças que, em vez da natureza, poderiam ser tão altamente perigosas. Sim, quero dizer, é tempo de ser experienciado na forma de ser, que eles estão a perturbar a atmosfera, muito levemente, que não é nenhuma destas coisas — tu nunca podes compreender isto — mas não podes lançar todas estas coisas para a atmosfera sem o tempo e tempo e tempo e tempo e tempo, ou uma coisa. Quero dizer, este não é o negócio que estamos a observar. Sim. Quero dizer, tem uma reputação, é-nos conhecido, é conhecido por ter um caso, e isso é realmente, sabes, depois de termos ido com os antepassados, que estão preocupados com estas coisas, e estão ansiosos por contactá-los, e por dar avisos quando necessário, o que então é, obviamente fazendo certas coisas que são prejudiciais para si próprio.

E em certa medida, não é exatamente prejudicial, mas não são coisas boas, não são coisas prestáveis, sabes, tanto quanto podem afetar a atmosfera, e podem trazer, também, para a competição, e se esses homens... e eles percebem o sofrimento e os sentimentos e os perigos, do ponto de vista de nenhuma ajuda, pela parte do facto de que há muitas coisas diferentes envolvidas, sabes, estás a viver numa era que, sabes, poderia francamente, tende a afetar-te, não apenas os perigos, mas, sabes, é suicida — quero dizer, neste caso, é ridículo.

Rose Creet: Sim.

Stephen Ward: Se eles são para tu saíres, e tu experimentaste... é um caminho onde recuperas certa quantidade de conhecimento e te dá certa quantidade de boa concentração, mas eles estão a fazer certas coisas e depois, as quais, francamente, e as repercussões e as coisas extremas a que isso leva, e tem um aspeto natural das pessoas na antena, e também não consegue aguentar o contexto do equipamento e essas são as ferramentas que levam à câmara.

Stephen Ward: São mulheres inteligentes que podem ser boas, e de certa forma mais calorosas, a pequena luta que tiveste e os diferentes planos, as pequenas coisas, e... as porcarias de que lhes chamo, estas são definitivamente...

estas são realmente o tipo de coisas que são veículos e não veículos, e tal que a coisa acontece neste momento e nós somos pretendidos por pessoas, não apenas o que diz respeito a estas pessoas, mas muito mais altamente envolvidos no jogo e no fim das coisas que importam, vês.

Estamos a tentar dar o possível ódio considerável que existiu e teve uma grande concretização no teu coração e o nosso cérebro mudando no início; e ter a experiência de vidas de trabalho foi real para nós e tu estás prestes a saber que és apenas um mundo diferente de acordo com isso. É que não há adição fora da perspetiva de comunicação e, no fim da magnitude, não há adição. Não há adição. Não há adição. Não há adição. Não há... não há adição.

Há aqueles que também estão a lutar... por isso, deve relaxar, e relaxar, e relaxar, e relaxar. Fazendo uma Festa, um Festival. Estamos a fazer uma recolha de certa terra e um evento estrangeiro e eventual, para que não te estragues e recordes em tudo isso. Eles estão a fazer isto porque são óbvios e querem salvar o mundo eles mesmos. Eles movem-se tanto e isso compromete... se o fizeres às vezes no curto espaço, e depois eles estão de volta ao tribunal e como podem eles estender esse tempo no nosso? Como podem ser invisíveis? Oh, podem? Sim. Sim. Sim... [repetição de "Sim"].

Bem, temos aqui as linhas etéricas onde se torna conduzido sobre a tua vida, muito em forma de lã, que triunfará na mente da areia. Não consigo ouvir antes. Não consigo ouvir. Sim, sim. Usei-o para os seus avistamentos mais distintivos destas naves espaciais e elas são definitivamente habitadas, neste campo, por pessoas que têm mentes e a capacidade de se relacionar, a capacidade de assumir em naves, de qualquer forma, quando na Terra, numa condição de alguns aspetos de carvão e ação, quando olham. E eu não conseguia ouvir, mas estas, estas faces que vêm são muito reais e não são cativações, não são algo de alguma outra natureza. E elas significam... acho que podem ser até três pequenas incorpóreas enquanto movem a fotografia de tal forma. E que a liderança se resumia a isso, a liderança. E são até três pequenas incorpóreas. Esta poderia possivelmente relacionar-se comigo depois de usares a palavra "capturador" quando olhas para ela.

Consigo ouvir, mas não creio que se alguém aterrar... e não é o momento, e é um ponto muito importante, creio eu. Se fosse para aterrar e ficar por algum tempo, relacionar-se-ia. Acho que, na altura, seria difícil ser questionado sem influência ou aquela pequena questão, e o que acontece àqueles ao redor da nave espacial aqui. Por isso, vês que isto é algo que não consigo explicar, exceto que, quando diz que eles não entram na condição física exatamente da mesma forma, eu era capaz de entrar na condição física ou no sentido mental. E eles são capazes agora de permanecer incrivelmente gratos. É pelo que anseiam o tempo todo. E não é exatamente uma boa ideia, mas penso que, enquanto o fazer for impossível para eles estarem na classe, porque não estão no mesmo físico.

Portanto, a nave espacial de amanhã chama-se a Escola da Substância e é reconhecida, creio eu, seja no que for, no facto. Mas eu faço-o por certos dois, três, três, quatro, quatro, quatro, sete, quatro... Mozart.

* * *

040769

Olá? Olá? É o Stephen? Olá? Sim. Sim, és tu, Stephen. Sim.

Oh, que adorável. É muito bom saber que reconhece a minha voz. Esta questão de comunicar e utilizar esta caixa de voz de 8.000 polegadas, concentrando os pensamentos, a personalidade e tudo o mais... pergunto-me se alguém consegue, sabem, a pessoa pergunta-se se isto soa natural ou se soa, como imagino que deva soar por vezes, um pouco artificial. Bem... sabem, eu ainda não percebo muito de mecânica. Não. E, de certa forma, sinto por vezes que provavelmente me faço entender muito bem.

Bem, o tom está lá. Pode reconhecer melhor a minha voz ali. Oh sim, sem dúvida. Sou muito bom com sons, sabem. Sim, eu sei. Vocês são visíveis e tudo isso. Deveriam sê-lo. Sim. Não, estou muito contente por o serem. Passou-se

tanto tempo desde a última vez que lhes falei; não é por falta de vontade de vir ou de tentar. Não, eu... tal como bem sabem, há momentos em que... Enfim, vamos fazer o melhor que pudermos. Vim para saber de vocês.

Bem, vim com a ideia de que o Marshall se tinha ido embora. Não, não tive uma ideia dessas. Mas ele disse que poderia não... eu não disse isso. E ele deixou-a a cargo. Oh, eu não disse isso. Não, não a cargo, mas... Não, não, não, eu sou apenas, de certa forma, um recém-chegado. Não me atreveria a sugerir aos meus membros que eu deveria ser deixado a cargo. Na verdade, eu... certamente não sei quase nada sobre o aspeto técnico. Posso ser, num certo sentido, quando consigo passar, um comunicador bastante bom.

Pelo menos sinto que poderia sê-lo. Sou-o por vezes. Mas sinto que me falta tanta experiência. Refiro-me ao facto de ter tido muita experiência num curto espaço de tempo. Mas algumas das pessoas que têm vindo, principalmente a vós, quero dizer, estão aqui há séculos. E, obviamente, aprenderam uma quantidade tremenda. Mal posso esperar aprender em alguns anos isolados o que eles aprenderam em séculos.

E depois, mais uma vez, vejam, pelo que se depreende, é, de certa forma, mais difícil para eles porque estão tão remotos, num sentido. Eles já passaram pelas coisas materiais. Estão tão mais mental e espiritualmente despertos e conscientes do seu ambiente e condição que é, num sentido, mais difícil para eles manifestarem-se desta forma e chegarem ao seu canal por vezes, de qualquer modo, do que seria para alguém como eu, que ainda retém alguns vestígios, suponho. Tem sido interessante, as coisas materiais.

No entanto, estou aqui há tão pouco tempo que ainda não consegui, de certa forma, ir muito além dos confins ou das condições do nosso... Ainda estou perto, percebem? Sim, e isso é... E, claro, tive bastante experiência e possivelmente é mais fácil, de certa forma, para mim voltar e falar sobre coisas que dizem respeito à vida, não tão afastadas da terra como é para alguns que estão tão removidos que o que quer que tivessem a dizer ou pudessem transmitir seria tão... eram tão remotos num sentido e tão avançados e tão para além da linguagem típica.

E não têm de descrever ou retratar quando o mundo é tão tremendo que só se não tiverem um esboço muito mau; portanto, pelo menos, quero dizer, é provavelmente, num sentido, mais fácil para mim. É muito mais fácil. Mas, sabem, eu nunca seria capaz de explicar ou de vos dizer o que significou para mim este regresso aqui porque é... é quase impossível transmitir a sensação completa que tive de estar cortado. Era como se eu fosse ilegal, sabem, nem num lugar nem no outro.

Era como se a minha mente e os meus pensamentos, em grande medida, fossem ainda do mundo material, da terra, de circunstâncias passadas e presentes que me trouxeram até à minha vinda para aqui. E, sabem, tive de alcançar cada tipo de papel sendo trazido para aqui, e ser capaz de falar convosco e poder desabafar, suponho que de alguma forma, foi uma ajuda maravilhosa para mim. Sabem, a única pessoa que, pelo menos vindo aqui, tem sido capaz de me prestar uma ajuda tremenda.

E penso que, se as pessoas do vosso lado percebessem a ajuda tremenda que é para quem acabou de chegar ter a oportunidade de, por um breve período de tempo, apenas por alguns momentos que seja, voltar e dizer algumas palavras e transmitir, onde possível, uma mensagem de amor e carinho a alguém que conhecem e amam, isso alivia uma quantidade tremenda de pressão, de fardo e de sentimento de estar cortado. É como se pudessem, de certa forma, relaxar mentalmente e ajustar-se muito mais rápida e facilmente à vossa própria vida.

Isto acontece porque sentem que as pessoas que conhecem e amam na terra ainda estão conscientes de vós, a pensar em vós e capazes de conversar e de comunicar; por outras palavras, elas não se sentem cortadas, não sentem como se tivessem perdido para sempre alguém que conhecem e amam. Tudo isto é tão maravilhoso que me espanta que não seja mais geralmente conhecido e aceite. O que me confunde completamente é que as pessoas que eu pensaria que agora saberiam mais, parecem saber menos, e muitas vezes, se sabem, não sabem nada a que tenham prestado atenção.

Encontro preconceito no vosso trabalho, pelo menos para mim, sim, preconceito e preconceito noutras direções, e pessoas que não concordam, que

talvez tenham sido muito, de certa forma, confinadas, restritas; elas simplesmente não compreendem. Muita gente não tem compreensão familiar ou compaixão. Não sei, é maravilhoso aqui; é cheio de amor e cheio de compreensão e de uma perceção de que se sente que, bem, aqui pelo menos há um acolhimento, há uma porta aberta, há um afeto e uma consideração.

E tem sido uma bênção tão tremenda para mim, não vos consigo explicar totalmente. Se não tivessem feito mais nada em todos os anos da vossa vida, o facto de terem ajudado alguém — embora eu saiba que ajudaram muitos, muitos, obviamente, ao longo dos anos — mas em ambos os lados: pessoas do vosso lado que tentaram iluminar, tentaram dar um nome. Este é um trabalho maravilhoso. E podem sentir, talvez, e bem, depreendo que sintam que não fizeram muito, mas na verdade fizeram uma quantidade tremenda.

Quero dizer, o facto de terem ajudado uma pessoa é algo, mas há muitos outros que tenho a certeza de que ajudaram ou tentaram ajudar, mesmo que às vezes talvez nem sempre tenha sido um sucesso. Pelo menos, quando sentiram que havia uma oportunidade de lançar a semente, foi aí que certamente o fizeram, e não se pode fazer mais do que isso. Mas têm a experiência da comunicação e, claro, é tudo muito diferente. Quero dizer, às vezes obviamente não se está pronto para isso, ou aquela marca não está em algum lado e isso acaba por construir uma barreira.

Isto é tudo muito natural. As pessoas no vosso mundo, talvez agora mais do que há uns anos... parece que o mundo, o ritmo do mundo, as condições do mundo estão a tornar-se cada vez mais difíceis. E penso que as pessoas agora parecem precisar de ser ainda mais egocêntricas e mais voltadas para o materialismo. E eu não culpo necessariamente sempre as pessoas, porque há que ter em conta as circunstâncias, as condições das suas vidas, etc. Quão errados estamos; somos todos, até certo ponto, o produto das mentes de outras pessoas, do contexto de cada um, daquilo que se vive e por aí fora.

A "corrida de ratos" para ganhar a vida e tudo o resto, todas estas coisas obviamente afetam as pessoas. Mas se ao menos as pessoas pudessem entender, elas têm uma perceção interior tremenda; elas têm esta perceção interior se ao

menos os outros a conseguissem agarrar. Só com um pouco, certamente as ajudaria, as acalmaria, as influenciaria e as ajudaria a encontrar, com certeza, uma maior paz de espírito e felicidade. Mas devo admitir que, vivendo no vosso mundo, fico muito triste. É difícil estar na condição em que estão.

Dizem que deve haver uma razão; de certa forma, isso é verdade. Há sempre uma razão para tudo, obviamente. Mas, claro, penso que se deve ter em conta que nós realmente, num sentido, colhemos a recompensa ou o contrário dos nossos pensamentos e das nossas ações. Parece-me que, embora uma pessoa possa não perder a recompensa do ceifador pelo bem feito, certamente o preço é pago aqui. Com isto quero dizer não que uma pessoa seja realmente punida — na verdade, ninguém pune ninguém aqui.

Todos se punem a si próprios na medida em que, à medida que começam a pensar mais profundamente e a fazer algum tipo de progresso aqui, se veem como realmente e verdadeiramente são e percebem que não podem fugir de si mesmos. Disso se pode, em vez de criar um bloqueio... e penso que se chega a acordo consigo próprio. Penso que o problema com o vosso mundo, a razão de ele ser como é, reside no facto de as próprias pessoas estarem a viver, num sentido, uma desilusão.

Estão a viver num mundo que criaram pelo pensamento e pela ação ao longo de um grande período de tempo. E, claro, o que está a acontecer no vosso mundo é o que o homem fez e está a repetir em consequência: a própria condição e atmosfera em que vive, respira e existe. Penso que, se por exemplo há conflito, problemas, discórdia e todas as condições que criam o caos no vosso mundo, então foi isto que o próprio homem construiu. Certamente Deus nada tem a ver com isso.

Isto nada tem a ver connosco, num sentido. Tudo o que podemos fazer deste lado é esforçar-nos por assistir e ajudar através dos nossos pensamentos e das nossas orações e, até certo ponto, através da nossa ação onde for possível. Mas não podemos obrigar nenhuma pessoa em particular, qualquer pessoa que seja, a mudar, a menos que ela própria o deseje. Se uma pessoa mostra sinais de querer mudar, ou se uma nação se torna... e os líderes da nação querem mudar a sua

perspetiva, esquecer o assunto e ter uma compreensão pacífica maior do resto do mundo, então, claro, podemos aplicar toda a nossa força e influência.

Vamos criá-lo. Ninguém mais é responsável senão o próprio homem. E, embora possa parecer injusto, é verdade num sentido, pelo menos dizer que os pecados da Bíblia recaem sobre os filhos, na medida em que, embora tenhamos vidas individuais e corpos individuais, tenhamos a nossa própria personalidade e caráter individual e por aí fora, isso não altera o facto de que o que quer que nos tornemos na terra — ou mesmo aqui, quanto a isso — mas certamente na terra, o que somos ou nos tornamos deve ser o produto das influências de outras pessoas.

Sejam os nossos pais, os nossos professores, ou quando saímos para o mundo; é para ganhar a vida com as pessoas que conhecemos. Vejam, estamos o tempo todo sujeitos a influências, boas e más. E depois, claro, depende do indivíduo. Se o indivíduo tiver a sorte — e uso a expressão "sorte" — de ter um caráter forte para resistir a certas coisas que são obviamente más, então é algo maravilhoso. Mas há algumas pessoas que são, pelo menos nalguns aspetos, carateres fracos. Elas não são necessariamente carateres maus ou perversos.

São apenas carateres fracos, ou pode significar que são, num sentido, facilmente influenciáveis; talvez, de certa forma, também não consigam evitar. E também, claro, as pessoas são curiosas e querem uma experiência de um tipo ou de outro e acabam por se ver envolvidas em algo. Pode ser desta ou daquela maneira, pode assumir muitas formas. Mas penso que temos de perceber que todos temos de aprender com a experiência e, por vezes, é bastante óbvio que experiências desagradáveis são necessárias.

Por vezes, temos até de cometer erros. Por vezes, possivelmente não por nossa livre vontade, somos levados a fazer coisas que são necessárias, mesmo que sejam na altura desagradáveis ou más, para aprender uma experiência. Temos de passar pelas dificuldades. Sinto apenas que, quaisquer que sejam as experiências da vida, quaisquer que sejam os contratempos ou os aborrecimentos, ou o que quer que possa acontecer a alguém durante a sua vida, em certa medida, embora possa ser parcialmente culpa nossa, somos num sentido as vítimas, se quiserem, num certo sentido, às vezes até de um desígnio.

Pode não ser o nosso próprio desígnio, certamente não o desígnio das pessoas deste lado onde se vive, ou da vizinhança ou da condição de vida em que nos encontramos. Pelo contexto da mente, por vezes e conscientemente, somos colocados numa certa rota ou caminho pelo qual caminhamos cegamente. Na verdade, quase se poderia dizer que muitas vezes fazemos coisas na terra cegamente e cometemos erros terríveis, e naturalmente ficamos muito perturbados e arrependidos por isso.

Esse é particularmente o caso de alguém que conhecemos e amamos. Mas o que eu penso que as pessoas devem perceber é que, embora devamos viver na terra uma vida como uma escola na qual devemos aprender certas lições que são essenciais e necessárias à nossa evolução, ao mesmo tempo, muito, embora dependa de nós próprios, também depende das pessoas que nos rodeiam. Não que estejamos a tentar sacudir a culpa para cima de outrem; isso é a pior coisa que se pode fazer. Penso que cada um deve manter-se sobre os seus próprios pés e, aconteça o que acontecer, deve aguentar a situação.

E penso que se têm de aceitar as consequências dos erros, de coisas que se podem fazer e que por vezes se fazem, como em Inglaterra, mas muitas vezes fazem-se coisas deliberadamente. Vejam, o ponto central é que penso que devemos olhar para nós próprios como crianças e que estamos todos a aprender lições. Alguns de nós são maus alunos, outros são bons alunos; alguns de nós são tão bons alunos que num século aprenderam tudo. E, em consequência — isto pode soar um pouco estranho — mas penso que é possível que as pessoas, por exemplo, que estão tão focadas em serem boas, acabem por perder a perspetiva e, em consequência, tornam-se santos.

Existem tais pessoas, santos. Mas o que quero dizer é que elas estão tão ansiosas por serem boas que derrotam os seus próprios objetivos. Têm medo, como já experienciámos, e têm medo de fazer qualquer coisa que possam considerar errada ou imoral. A questão é que não há nada pior — aliás, eu iria ao ponto de dizer que, na tentativa de tentar ser bom demais, está-se apenas a derrotar o próprio objetivo ou o próprio fim. Na verdade, pode-se até ter de aprender tudo de novo; aliás, tenho a certeza de que assim será.

Parece-me que algumas destas pessoas — por exemplo, se tomarmos o caso das pessoas religiosas que, na sua ansiedade em serem boas, na sua ansiedade em garantir que têm um lugar aqui, se fecham ou se confinam em mosteiros ou conventos — elas certamente, à sua maneira, vivem uma vida muito boa. Mas, muito frequentemente, ao afastarem a tentação, estão a perder todo o sentido de viver. Estão a perder, num sentido, a oportunidade que é apresentada para ganhar conhecimento e experiência até que se tenha experienciado tudo.

E isso significa tudo: o bom, o mau e o indiferente. Até que tenham cometido erros, erros atrozes; até que tenham aprendido da maneira mais difícil; até que tenham lutado a batalha; até que se tenham tornado realmente "cicatrizados" pela vida e tenham assimilado tudo o que a vida pode oferecer, não podem esperar, parece-me, progredir. E esse, para mim, parece ser o significado e o propósito da vida. Isso não significa necessariamente que eu pessoalmente desculpe as muitas coisas terríveis que são feitas pelas pessoas.

Mas muita gente faz coisas, claro, inconscientemente. Mas quando nos deparamos com pessoas que fazem deliberadamente coisas que são definitivamente malignas — e tenho muito cuidado ao usar esta palavra, maligno, mas no entanto há certas coisas que podem ser colocadas sob esse título. Penso que pessoas como Hitler... claro que encontrarão traços redentores mesmo ali, por estranho que pareça. Penso que, no início, ele era um homem que tinha uma crença muito forte no que estava a fazer pela sua nação, e há que recordar as condições da nação da qual ele eventualmente se tornou o líder.

Ela estava num estado deplorável. Ele elevou-a das profundezas e depois, claro, enlouqueceu completamente. Vejam, com o poder ali... quero dizer, tornou-se um megalómano. Quero dizer, ele estava mentalmente desequilibrado de qualquer forma. E é isto que acontece, infelizmente: as pessoas não mantêm o equilíbrio. Aqueles que têm um poder tremendo perdem a perspetiva, perdem a humildade. E, a menos que uma pessoa tenha humildade, então não tem nada, num certo sentido.

Podem ter todas as virtudes, mas sem humildade, sem compaixão, sem estas qualidades, o que quer que se faça, em minha opinião, não tem valor. Embora se

possam fazer todo o tipo de coisas que são boas e, claro, porque são boas, devem ter um efeito positivo; no entanto, a menos que sejam feitas com humildade, com amor e compaixão, a menos que a pessoa se esqueça de si mesma num serviço amoroso completo, a menos que se esqueça de si mesma ao ponto de se levar ao limite absoluto... não me refiro a finanças, falo de dar de si próprio em compaixão, em amor e em serviço.

Parece-me que, a menos que façam estas coisas com esse sentimento... quero dizer, é verdade, é fácil se alguém vier bater à porta e lhe derem uma nota de cinco libras; claro que fizeram uma coisa boa, mas muitas vezes, claro, pensam que eles não vão gostar. Mas o que é importante é dar de si próprio. Dar de dentro de si, não apenas no sentido material, mas no sentido mental e espiritual. Se alguém conseguir perceber que cada ser humano é seu irmão ou sua irmã e que, de alguma forma, estamos em dívida para com eles — e refiro-me a dívida no real significado do termo, não no sentido material, mas no mental e espiritual.

Por outras palavras, se pudermos perceber que cada ser humano é parte de nós. Por outras palavras, somos todos parte uns dos outros. Só porque outra pessoa pode ter uma forma e feitio diferentes, um modo de vida diferente, um aspeto diferente das coisas, porque a sua pele pode ser de uma cor diferente ou a sua religião ser outra... nada disso importa. Tudo isso faz parte da peculiaridade ou da personalidade da vida do indivíduo; é algo que ajuda a tornar essa pessoa aquela pessoa, com todas as suas falhas e qualidades, boas e más.

Até podermos identificar-nos com o resto da humanidade, percebendo que todos partilhamos o mesmo espírito... podemos ter a nossa atitude e abordagem individual, podemos ter o nosso próprio aspeto das coisas, podemos cada um ser, num sentido, importante para si próprio. Mas até esquecermos a nossa própria importância, até percebermos que somos meramente uma unidade — e com isto não pretendo sugerir que se deva deixar de pensar em si próprio no sentido correto; deve-se ter um certo sentido de orgulho, mas o tipo certo de orgulho.

Deve-se perceber que não se é nem mais nem menos do que aquilo que se ajudou a fazer de si próprio. Outros podem contribuir, e certamente podem

contribuir para a evolução de uma pessoa, e devemos sempre aceitar o facto de que somos todos parte uns dos outros nesse aspeto. Mas nós próprios também temos de fazer um esforço pessoal. Mas temos de progredir. Parece-me que a primeira coisa que têm de fazer é esquecer os motivos egoístas. Até esquecerem o "eu", nunca começam realmente a descobrir-se ou a encontrar-se.

Isso é o mais extraordinário. É um dos mistérios, de certa forma. O extraordinário é que todos, suponho eu, que compreendem algum aspeto da verdade começam a pensar, não necessariamente de um ponto de vista egoísta, mas ouve-se por todo o lado falar sobre o desenvolvimento do eu, a evolução do eu, a evolução da personalidade, o desenvolvimento da personalidade, etc. E no que toca ao espiritualismo, claro, a abertura do eu, o tornar-se o eu... sabem, todos estes termos diferentes que as pessoas assumem.

Tudo isto está muito bem até certo ponto, mas o mais importante é perceber que, apesar de todas estas coisas que são importantes num sentido para o eu, vocês são, num sentido, realmente uma parte de um espírito universal que flui através de toda a vida. Independentemente da vida humana, flui através de todos os aspetos da vida. Especialmente quando se pensa num sentido material, tudo o que partilham no vosso mundo faz parte do mesmo espírito que flui, manifestando-se em todas as formas e feitios, de todas as maneiras: na natureza, na vida animal, em cada aspeto da vida que têm.

Faz tudo parte do mesmo espírito universal. E quando se identificam com tudo o que há na vida — pessoas individuais, o reino animal, o reino vegetal, a natureza, tudo — tudo isto é uma vida vibrante e pulsante que é universal e eterna. Pode mudar, claro que muda; tem de mudar, nada permanece igual. Até o vosso corpo físico está a mudar. É tão subtil, tão lento, que nunca se apercebem realmente disso. Mas há mudanças subtis a ocorrer no físico e também mudanças subtis a ocorrer no mental e no espiritual.

E com este conhecimento e com esta verdade, com este despertar para as realidades, estão a abrir a porta do conhecimento. Estão a abrir a porta da expressão. Estão a abrir a porta, por assim dizer, de um despertar espiritual universal. É a coisa mais gloriosa e maravilhosa. As palavras são apenas

inadequadas. Tudo o que posso dizer é que têm esta verdade, têm este conhecimento em parte; ninguém o tem por completo. Mesmo aqueles que avançaram aqui durante milhares de anos seriam os primeiros a admitir, tenho a certeza, que com todo esse conhecimento e toda essa experiência e tudo o que lhes aconteceu através de eras de tempo, apesar de toda essa evolução, ainda há tanto para aprender, tanto para compreender, tanto para expressar.

E esta é a alegria e a beleza da vida eterna. Isto é o que faz da vida eterna uma realidade. É esta perceção de que nada permanece igual. Nada, num sentido, cessa; continua sob uma forma diferente ou um feitio diferente. E esta é a maravilha da vida. Quero dizer, por exemplo, se a vida permanecesse igual, ninguém quereria continuar vivo no sentido de estar consciente ou alerta. É devido à constante mudança e à evolução no espírito que há algo ao virar da esquina, algo novo.

E todo o conhecimento que tiveram no passado é importante. São pedras de toque, todas as vossas experiências; mas o horizonte é tão vasto, as oportunidades são tantas, e todas as coisas que alguém gostaria de fazer e de ser, e muitas outras coisas em que nem sequer se pensa porque não se conseguem compreender... todas estas coisas estão lá à espera para serem entendidas, para serem agarradas, experiências para serem vividas. Esta é a alegria da vida. É por isto que sinto, quando volto, penso: oh meu Deus, como é que se pode expressar em palavras o mais ínfimo detalhe dos grandes sonhos de compreensão.

Tudo o que posso dizer é que tem sido a coisa mais maravilhosa para mim poder fazer este vídeo e contactar-vos, saber que existem aqueles no vosso mundo que podem ter algo incompleto e que se estão a esforçar e a tentar compreender mais. A porta está aberta de par em par com oportunidade. Vou certamente continuar a bater, bater, bater. E bem, vou simplesmente continuar a vir, a falar e a explicar o melhor que puder. Mas sei que falharei em muitas instâncias.

Mas tudo o que posso dizer é que é a coisa mais maravilhosa e gloriosa poder voltar e falar, ajudar e confortar. E sinto apenas que... bem, sinto apenas que quero dizer tanto e fazer tanto. E sei que vocês deixam estas gravações

chegar a várias pessoas, e esta é a única forma de podermos esperar fazê-lo. E sei que farão o que puderem nesse aspeto, porque não é apenas para vocês; não venho falar convosco. Significa muito para mim, mas enquanto falo convosco, estou a falar com quem quer que possa ouvir.

É por isso que quero que enviem as gravações e deixem as pessoas ouvir, e tenho a certeza de que vai ajudar muitos. Espero que sim, eu poderia e irei, tem de ser. Se Deus é a única salvação para o vosso mundo, é verdade, não há outra salvação para ele até que o homem aceite e compreenda a realidade da vida e a realidade da vida após a morte. Até que ele perceba como a morte ocorre: é apenas uma mudança, na medida em que se deixa para trás o material e o físico, mas entra-se no mental e espiritual de forma mais harmoniosa, mais condizente.

Acreditem em mim, é apenas um degrau e as pessoas devem saber isto. É o fundamento de toda a verdade. É o fundamento de todas as religiões verdadeiras. E ninguém precisa de temer; não há nada a temer nisto. É algo para regozijar e para estar feliz. É algo para proclamar dos telhados. Ninguém precisa de ter medo disto; é a maior e mais maravilhosa aventura que cada ser humano deve, mais cedo ou mais tarde, empreender. Mas, se puderem empreendê-la, bem, façamos o nosso melhor, aceitemos, investiguemos, procuremos e percebamos que estão a ser guiados e ajudados por nós neste momento com um conhecimento e experiência mais vastos.

Então tudo é possível e podemos juntos mudar o mundo, mudar o pensamento do mundo e trazer a paz, a tranquilidade, a harmonia e o amor ao mundo que tão tristemente os procura e de que tão tristemente carece. Acreditem em mim, anseio tanto por estas conversas, significam tanto para mim. Tudo o que posso dizer é que é o maior entusiasmo e a maior alegria para mim vir e falar, e só espero, por Deus, que de alguma forma possa desempenhar algum papel para ajudar muita gente. É isso que eu quero fazer, de qualquer maneira.

E não vos consigo dizer em palavras o que significa para mim vir e falar convosco. Fizeram tanto por mim durante tanto tempo e estou tão grato. Sei que o vosso único desejo é ajudar os outros e através de vós eu posso fazer isso, e isso deixa-me fisicamente feliz. Enfim, não consigo dizer em palavras como me

sinto, mas é maravilhoso falar. Deem o meu amor a toda a gente e, por favor, façam-no, tenho a certeza de que o farão. Mas nós cuidamos de vós, fazemos tudo o que podemos.

Há muitas coisas que gostaríamos de fazer. Sei que, num sentido material, há coisas que gostariam de ver acontecer e talvez às vezes se sintam forçados e pensem: "bem, eu consigo fazer isto", mas às vezes perguntam-se "quanto tempo mais poderei aguentar?". Eu estou aqui, tudo isso é muito natural, muito humano, e sei que não conseguem evitar ficar desanimados às vezes. Mas saibam que estamos atrás de vós em cada passo do caminho e, sempre que pudermos, certamente vos ajudaremos materialmente. Mas a nossa principal tarefa é ajudar-vos mental e espiritualmente, e a todos os outros. Enfim, continuem a sorrir e, não importa quão pouco possa ser, eu não me importo. Amo-vos, malta. Adeus.

* * *

DR. STEPHEN WARD

FALA SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA

E A CONDIÇÃO DE VIDA NO SEU PLANO

040772

Esta sessão foi gravada no dia 4 de julho, o Dia da Independência Americana, num encontro com os Flint. Sim, eu sei que estou, mas fale comigo. Bem, tenho tido as experiências mais interessantes, como é óbvio.

Tenho assistido a algumas das conferências aqui, dadas por almas de outras esferas, aprendendo imenso sobre muitos aspetos da vida, embora, para ser sincero, de momento não me sinta disposto a fazer qualquer mudança que seja. Estou tão particularmente feliz no meu próprio ambiente, mas é sempre interessante ouvir comunicações de outras almas de esferas superiores. E, francamente, é tão desconcertante por vezes, porque todo o caleidoscópio da vida aqui é tão intenso e tão extraordinário que, realmente, sabem, não sei... o tempo

não existe para nós, claro, no mesmo sentido que existe para vós, mas nós, num sentido, medimos o tempo, mas não pelo sol, pela lua, pelas estrelas ou algo do género; parece antes que a nossa vida inteira está tão cheia de eventos interessantes.

E também conhecemos pessoas tão interessantes; tenho ouvido alguns oradores notáveis, pessoas admiráveis de outras esferas, contando-nos sobre vários aspetos das suas vidas. É tudo muito fascinante, mas claro que percebo que eu próprio ainda não estou pronto para ir para lugar nenhum; de qualquer modo, não tenho desejo de o fazer. Estou numa condição de vida que para mim é tão normal, tão natural, tão feliz, tão tranquila e tão pacífica, e estou a assimilar tanto de tantas formas diferentes, e também a expressar-me num sentido artístico.

Tenho demonstrado um grande interesse no meu trabalho em relação à pintura e, claro, sempre tive aptidão para isso. Desde que estou aqui, tenho conseguido desenvolvê-la e aprofundá-la, e realmente agora acho que estou a ter algum sucesso. Refiro-me a que o sucesso aqui não é como na terra num sentido material; o sucesso aqui é uma questão estética, é algo dentro de nós, uma perceção de que estamos a ser criativos.

E também, claro, não apenas isso, interessei-me muito por música de grandes mestres e tenho ido a muitos grandes concertos de músicos fabulosos. Tenho ouvido novas obras, novas sinfonias, e algumas das orquestrações são tão extraordinárias... o nosso alcance aqui é tão tremendo e também usamos instrumentos que são, bem, bastante novos, na medida em que são quase... os instrumentos foram concebidos e trazidos à existência aqui. Não temos as mesmas limitações que vocês têm. "Que tipo de instrumentos são esses, os novos? Têm limites de algum tipo?" Bem, suponho que num sentido, claro, obviamente haja um limite, mas assumi que esse limite é realmente, até certo ponto, condicionado pelo ambiente e pela condição de vida em que se existe, e pelo conhecimento e experiência das pessoas envolvidas — no que toca a quem cria os instrumentos e a quem os toca, e a quem compõe a música, claro.

Suponho que se possa dizer que sim, existem limites, mas são apenas limites da mente, da imaginação e da capacidade criativa num certo alcance, se

preferir, de experiência, ou num certo nível de consciência e aptidão. Mas, claro, percebo agora que estamos a viver num mundo sem limites e, se existe algum limite, assim possa parecer, deve-se a nós próprios, na medida em que só conseguimos captar uma certa parte; e se somos concebíveis do facto — do qual nos vamos apercebendo gradualmente — de que esta vida é ilimitada, então, claro, em cada condição de vida ou ambiente em que nos encontramos, atingimos um certo ponto; por outras palavras, mergulhamos e somos assimilados, ou assimilamos tudo o que aquela experiência particular nos pode dar, claro, e então o horizonte torna-se mais vasto e maior, e evoluímos gradualmente para uma nova condição, após termos absorvido tudo o que a anterior nos podia dar. Por outras palavras, não há limite.

A única coisa é que nós, num sentido, podemos parecer limitados por um certo período de tempo, se quiserem, mas, lá está, isso pode variar de acordo com o indivíduo. Algumas pessoas conseguem assimilar tanto num tempo comparativamente curto, enquanto outras levarão muito mais tempo; mas a condição de vida em que me encontro é tão feliz, e um ambiente de, bem, completa e absoluta alegria para mim, que não consigo conceber — embora perceba que existem condições ilimitadas muito para além do meu horizonte — mas a questão é que não sinto qualquer necessidade de me expandir no momento além, bem, do que estou a assimilar e a experienciar agora, porque esta é, para mim, a minha vida. Mas claro que percebo que isto é apenas uma faceta, é apenas um aspeto muito pequeno do "eu", é apenas um pequeno aspeto da nossa evolução e existência, e esta é a coisa gloriosa, maravilhosa e extraordinária sobre todo este assunto aqui: que estamos tão mergulhados e tão felizes na condição em que nos encontramos, conhecendo todo o tipo de pessoas com afinidade de pensamento connosco, com interesses e desejos semelhantes, e também encontrando muitos amigos que conhecemos no passado e fazendo novos amigos, e tornando-nos gradualmente tão envolvidos com o modo de vida que este se torna uma coisa extraordinariamente feliz em si mesma, que não conseguimos conceber, de certa forma, nada além disso o tempo todo.

Enquanto expandimos a nossa experiência, percebemos que frequentemente existem — deve haver — muitas outras vistas remotas, as quais eventualmente alcançaremos quando chegar o momento, mas não sentimos necessidade de apressar ou mudar ou de nos tornarmos "exuberantes demais", ia eu dizer, o que não é bem a palavra, porque ficamos extremamente exuberantes — quero dizer, depois de termos ido, por exemplo, a um grande recital aqui, ou se estamos a ouvir alguma grande obra, claro que ficamos envolvidos nela e, claro, tornamo-nos exuberantes e vociferantes na nossa reação; mas estas são medidas de experiência, percebem. Penso que é verdade dizer que estamos todos a viver dentro de uma certa medida, se preferirem, de experiência, e isto convém-nos, e é idealmente adequado para nós; durante muito tempo isto é essencial, necessário. Mas conheci aqui tantas pessoas que também vêm de outras esferas — presumo que seja a única palavra que posso usar — ou condições de vida, que me abriram os olhos de uma forma ou de outra; e claro que tenho estado a fazer uma certa quantidade de trabalho com outros, e agimos como uma banda, suponho que lhe chamariam assim, ou um grupo, se preferirem, e intervimos na vibração e condição da terra, e ajudamos pessoas menos afortunadas, ou pessoas que estão presas à terra, ou pessoas que estão a fazer a transição e precisam de orientação, precisam de ajuda e de elevação; e colocamo-las, por assim dizer, numa condição — ou, na verdade, na frequência, se puder usar essa expressão — da consciência de outras pessoas que estão à espera, prontas para as receber.

Temos aqui albergues, ou locais onde as pessoas são recebidas e onde são cuidadas, ou recebem ajuda e uma perceção das coisas que é necessária para esse ajustamento, porque algumas pessoas levam algum tempo a despertar ou a ajustar-se; na verdade, existem algumas pessoas que, por um período de tempo — uso esta expressão, tempo — têm de levar as coisas com muita calma e muita facilidade, porque talvez as circunstâncias da sua passagem tenham sido tais que precisam deste tempo para recuperar ou ajustar-se. Vejam, tudo aqui é feito no que chamariam de lazer, e no entanto, lá está, depende do indivíduo, mas suponho que num sentido seria verdade dizer que vivemos uma existência de lazer; isso não significa que sejamos letárgicos ou atrasados, é apenas que

assimilamos tanto que, por vezes, ficamos o que chamariam, suponho, de exaustos. Não é uma exaustão real como a entendem fisicamente, mas vejam, assimilam tanto, absorvem tanto e experienciam tanto, que depois têm um período — só posso dizer que é um período de tempo — no sentido em que acreditam que algumas pessoas dormem, mas não como vocês chamam dormir. Vejam, tenho de usar palavras materiais para vos explicar algo que é quase inexplicável, mas é realmente difícil, porque se quiserem, por exemplo, se ficarem terrivelmente mergulhados em algo e ficarem, por assim dizer, tão envolvidos emocionalmente, têm uma espécie de exaustão mental, suponho, e então sentem necessidade de relaxar, e pode-se ter uma forma de sono, onde se perde também, ao que parece, a consciência, e depois acorda-se renovado. Embora não tenhamos dia ou noite, e não tenhamos o que chamam de horas reservadas para o sono ou horas reservadas para o trabalho, temos algo que, de certa forma, é comparável à existência terrena, na medida em que sentimos que se dermos muito de nós mesmos e estivermos muito envolvidos em algo pelo qual estamos interessados ou entusiasmados, então temos uma reação e sentimos a necessidade de uma pausa. Sabem, temos uma forma de vida aqui que, nalguns aspetos, é... mas se é exatamente ou identicamente a mesma... "Isso parece-me extraordinário, porque a falta de respiração... por que é que isso acontece?". Bem, quero dizer, só posso colocar as coisas desta forma... "Será por causa de outra...?".

Não, não, não, vejam, acho que o ponto central é que estamos a viver num ambiente que, embora muito longe do nascimento, no entanto é uma condição muito necessária e muito natural; e tanto quanto vos posso dizer, estou consciente, por exemplo, do que chamariam de respiração, embora possa não ser exatamente igual ao que era na terra — e tanto quanto sei, pode não ser — mas existe este sentimento de uma espécie de elação tremenda, o sentimento de leveza, o sentimento de substância ao nosso redor. Por exemplo, tudo ao meu redor é muito real, muito sólido, muito concreto. Refiro-me a que uma cadeira é uma cadeira, é muito real, muito sólida. Uma sala é uma sala, e tem paredes e tem o que chamariam de ornamentos, e temos tapetes e coisas assim. Podem

achar isto muito estranho, e há algumas pessoas na terra que nunca seriam capazes de aceitar isto, mas o ponto é que tudo aqui é criado.

Não é necessariamente criado apenas pelo pensamento positivo ou por forças de pensamento. Existem pessoas aqui que têm prazer em realizar vários trabalhos, em fazer vários ofícios, e devem lembrar-se de que as pessoas não poderiam ser felizes em qualquer forma de existência a menos que estivessem a ser criativas de alguma forma. Se tivessem algum tipo de trabalho para fazer, seria necessário e essencial para elas; portanto, alguém que ama um jardim terá um jardim e trabalhará num jardim, e cuidará de um jardim, e as flores crescerão, etc. Pode haver invariavelmente muito poucas, por exemplo, deste lado, que experienciem muitos dos problemas que se experienciariam sob condições normais na terra, mas eu não vi ervas daninhas num jardim; mas dizem-me que isto se deve parcialmente ao facto de aqui as pessoas estarem a pensar num nível diferente de consciência, visualizando e pensando apenas na beleza, pensando apenas em coisas criativas que são de valor e de alegria para os outros; em consequência, um estado de ser mais evoluído. Uma vez que não pensam num nível de vibração, ou não pensam no mal, ou não pensam em coisas más, ou não se preocupam com coisas desnecessárias, então estas coisas deixam gradualmente de existir, e vivem num mundo consciente onde, conforme pensam, assim criam; embora ao mesmo tempo não signifique que se desejarem algo ou pensarem em algo, isso se torne necessariamente automático. Têm de trabalhar para um certo objetivo, ou para um certo fim.

Têm de criar e têm de produzir, e é por isso que aqui, este mundo — este mundo tão real — não é um mundo insosso; não é algo que apenas desejam e pensam, e aí está. Têm de trabalhar para um objetivo, têm de definir uma meta, têm de experienciar muitas coisas e algumas das coisas, claro, nas fases iniciais, têm de ser erradicadas de nós próprios. Se trouxerem convicções fortes, ou ideias fortes, ou o que quer que seja que seja prejudicial ao vosso progresso, então têm de aprender a pô-las de lado, a afastá-las de vós, e têm de se concentrar nas coisas que realmente são importantes.

Abram os olhos, por assim dizer, para as vistas que se estendem à frente, e assimilem o conhecimento que vos é preparado ou dado, e a oportunidade de o agarrar com ambas as mãos. Experienciem grandes professores, grandes filósofos, grandes profetas também, num sentido — embora pareça estranho quando se fala de profetas e profecia no nosso mundo, que está ainda para vir, que está a criar as condições. Ouvimos pessoas a fazer exatamente o mesmo numa esfera, criando a condição de vida que para elas é feliz e, ao mesmo tempo, abrindo o caminho para uma experiência maior noutra existência, ainda mais longe e mais remota, como deve ser temporariamente, mas está tudo lá.

Vejam, eu acredito — aprendi — que tudo está lá, à espera de ser descoberto. Não é necessariamente algo que tenha de ser criado obrigatoriamente de imediato, ou num futuro imediato, por assim dizer, mas já lá está. "Se está lá, se está lá, suponho que os profetas, como refere do outro lado, esse tipo de pessoas vos farão descobrir essas coisas". Sim, é interessante, porque na verdade — quero dizer — há muitas coisas que passam pela luz, mas estou a começar a ver agora que não há começo nem fim, que a vida é contínua e que todos os graus variados de experiência, as diferentes encarnações que alguém possa ter tido, as diferentes vidas e todas estas coisas no passado... estas coisas por que passaram continuam lá no fundo, mas aquilo que será o futuro já está, por assim dizer, num sentido, preparado. Isso não significa que só possas evoluir numa certa direção. Ah.

Podes evoluir em muitas direções. Aliás, podes tomar rotas desviadas, se quiseres, para chegar ao mesmo ponto; e estas rotas desviadas, se preferires, ou passar por diferentes ambientes ou condições ou esferas, podem ser muito necessárias — e tenho a certeza de que devem ser — enquanto algumas pessoas irão por um caminho mais direto, outras irão numa direção diferente, mas todas chegarão eventualmente ao mesmo ponto dado; mas para algumas é necessário experienciar isto ou aquilo, e para outras experienciar algo talvez bastante diferente. Há toda uma variedade, e é uma variedade tremenda, de experiência que se pode ter aqui; é inacreditável.

Quero dizer, no vosso mundo podem ter muitas experiências, podem ter muitos casos extraordinários de inspiração e aqui isso é muito mais evidente, muito mais variado. Refiro-me a que uma pessoa não tem necessariamente de permanecer num certo modo, por exemplo. Uma pessoa pode romper com esse modo e pode reformar-se e tornar-se algo, num sentido, um bocado diferente, ou até muito diferente; e no entanto, não pode escapar de si própria. Muita gente foge, sem se aperceber, do seu verdadeiro "eu". De facto, não conhecem realmente o seu verdadeiro "eu", andam à procura dele; mas o que as pessoas não percebem é que somos uma combinação de muitos "eus". Quero dizer, por exemplo, na minha última encarnação na terra, eu fui um certo algo, e dei a aparência e a forma como a minha vida era levada, sabem, e as coisas que aconteceram.

Vejo agora que poderia ter sido evitado, claro, e no entanto, ao mesmo tempo, foi algo sobre o qual não tenho agora arrependimentos, porque sinto que estas coisas tinham de ser. Vejam, realmente, de tudo isso, saí muito melhor do que se poderia ter pensado. Acho que tive de ser submerso, num sentido. Tive de ser, de certa forma, abatido. Tive de aprender certas coisas que só poderiam ter sido aprendidas de uma certa maneira. Acho que é óbvio que na vida de toda a gente, mais cedo ou mais tarde, se deve passar por muitas fases, muitas condições, muitas desilusões, muitas deceções; deve-se atingir um pico de felicidade e deve-se também experienciar as mortes.

Todas estas coisas, claro, acontecem a muita gente — à maioria das pessoas, talvez. Nós somos muitas pessoas. Embora nos lisonjeemos de que somos isto ou aquilo, ou o que for, numa existência ou numa vida, conhecemo-nos como aquela pessoa e as outras pessoas conhecem-nos. Isto é apenas uma faceta do nosso verdadeiro "eu". Estamos de tal forma envolvidos uns com os outros que somos todos, num sentido, muito misturados. Embora por vezes nem sempre pareçamos misturar-nos, nem sempre pareçamos encaixar com esta ou aquela pessoa, consigo ver agora que "eus" de grupo, povos, são reunidos através de variados graus e tipos de experiência, em diferentes eras, diferentes décadas e por aí fora, e a questão toda é que a vida é um padrão.

Vejo este padrão tão claramente agora e não tenho arrependimentos, claro, agora, em relação à minha última encarnação ou à minha última condição de vida. Vejo que não poderia ter feito muito mais e que também tive de desempenhar um papel que, em certa medida, afetaria outras pessoas e que, do que me aconteceu, evoluiria uma certa quantidade de bem; e creio que isto é verdade. Penso que, até certo ponto — embora nem todos concordassem com isto — num sentido a minha vida não foi desperdiçada ou em vão, porque penso que do que me aconteceu se desenvolveram coisas de modo que nunca poderia voltar a acontecer.

Não creio que pudesse voltar a acontecer. Estejam cientes disto. Aliás, eles podem não estar conscientes disso de todo, mas as suas vidas, de alguma forma ou feitio, são criadas ou trazidas à existência, temporariamente num sentido material, para que o homem beneficie. Não creio que a minha morte e o que me aconteceu tenham sido realmente, de forma alguma, um esforço desperdiçado. Acho que não tive quaisquer arrependimentos. Quando cheguei aqui pela primeira vez, estava cheio de arrependimentos, e ajudou-me imenso ver-me a mim próprio e ajustar-me.

Estou tão ajustado agora que consigo ver tudo no seu verdadeiro sentido, no seu verdadeiro valor. Vejo agora que a minha vida tinha de ser da forma que foi. Não poderia ter sido de outra forma. Eu não era exatamente, poder-se-ia dizer, um peão num jogo, mas ao mesmo tempo percebi que, até certo ponto, as vidas de algumas pessoas são deliberadamente trazidas à existência, num sentido material, para cumprir um certo algo que é essencial para a edificação, ou para o bem-estar, ou para a educação, se preferirem, daqueles que hão de vir. Refiro-me a que sei que fiz coisas estúpidas, mas era uma pessoa estúpida em alguns aspetos. Consigo ver agora que, de muitas formas, eu estava a resolver algo que era parcialmente cármico e também algo que seria benéfico num momento posterior — o que está agora certamente a tornar-se bastante óbvio; tenho o pensamento pela geração que veio depois, porque o que me aconteceu quase certamente não poderia acontecer novamente com qualquer outra pessoa.

Eu estava envolvido em algo, mas não... "Oh, mas o que acontece às pessoas que fizeram tudo aquilo acontecer-te?". Bem, elas também estavam, num sentido... "O quê?". Quero dizer, este é o ponto. Refiro-me a que é tão fácil sentarmo-nos e culpar, ou dizer: isto é preto e aquilo é branco. Não existe tal coisa como o preto e não existe tal coisa como o branco. Na verdade, cada ser humano, realmente, é uma mistura de muitos tons, sabem; e eu vejo isto, e vejo que às vezes as pessoas são apanhadas num círculo, ou são apanhadas numa espécie de posição onde não conseguem realmente escapar, e só conseguem fazer o que conseguem fazer ou o que lhes é permitido fazer nos confins do seu grupo particular ou espaço particular. Sim, sim. Refiro-me a que não... Agora, claro, não tenho qualquer... qualquer sentimento em relação a ninguém. Quero dizer, sejam as pessoas ou as próprias pessoas...

* * *

220672

Esta sessão não é um registo completo e integral da sessão original. Parte da sessão foi de natureza pessoal para a Sra. Creed e apenas as observações gerais e interessantes feitas por Stephen Ward foram regravadas para reprodução ao público. Esta sessão foi gravada a 22 de junho de 1972, com a médium Lesley Flint.

Fale-me de si, se puder. Isso será muito interessante. Recentemente, trabalhámos imenso em relação ao acidente recente, sabe, o acidente aéreo. Sim, ajudando as pessoas na transição. Multidões de pessoas vêm para aqui às vezes, sabe, através de algum desastre de grande magnitude ou algo desse género. E nós

saímos e esforçamo-nos por ajudar as pessoas, porque muitas vezes, quando elas deixam o corpo pela primeira vez, não sabem bem o que lhes aconteceu. Lembro-me de quando deixei o corpo pela primeira vez, estava um pouco atordoado. A pessoa precisa de ajuda, sabe.

Sim. E você recebeu-a, não foi, quando estava...? Oh sim, recebi-a aos montes. Quero dizer, tantas pessoas foram muito amáveis e prestáveis comigo. Nos primeiros dias, suponho que devam ter sido dias, eu estava bastante atordoado e algo curioso por saber o que se estava a passar. E, de facto, para dizer a verdade, durante algum tempo andei como que à deriva entre os dois mundos, pode dizer-se, ouvindo as conversas das pessoas do vosso lado e vendo o que se estava a desenrolar em relação aos meus problemas e assuntos por aí. Sim.

Era tudo muito desconcertante. Bem, é como viver em dois mundos ao mesmo tempo. Oh, sim. Mas voltando a mim, estou totalmente bem agora. Não tenho arrependimentos, estabeleci-me e estou feliz. E, como lhe disse, estou a fazer uma certa quantidade de trabalho de resgate com um grupo de amigos aqui. Espero vir ver-vos, mesmo que talvez não tenha tanta oportunidade de falar — pelo menos não tanto quanto costumava ter.

Espero agora ser capaz de proporcionar essa ocasião e ter uma cavaqueira. Oh sim, seria adorável. Adoraria ouvi-lo dizer qualquer coisa. Aquilo que está a acontecer à minha volta e que ninguém sabe. Então isso é... Oh, por outras palavras, quer que eu mantenha os olhos abertos e veja o que anda a fazer e o que acontece à sua volta e que depois venha prestar-lhe contas. Não, não, não, não é isso.

O que quer dizer exatamente? Bem, o que quero dizer é que, quando eu estiver aqui sozinha e sem ninguém por perto, você pode vir ver-me e mencionar coisas diferentes que eu tenha estado a fazer ou a dizer, ou algo do género. Bem, foi exatamente o que eu disse. Isso é experiência. Isso é... por outras palavras, para lhe provar que sei o que se passa. Está correto? Oh sim, sim, está certo. Oh, bem, caramba, sim, faço isso com frequência.

Tenho conhecido tantas pessoas interessantes. Conheci Churchill. Oh, conheceu? Sim, e, bem, não apenas Churchill, imensas pessoas que estavam associadas a... bem, ao governo, por exemplo. Quero dizer, a pessoa assume sempre — não sei por que razão haveria de o fazer, mas assume — que geralmente os políticos são pessoas muito maçadoras. Bem, alguns podem sê-lo na terra, mas devo dizer que dei muitas gargalhadas com o Jack e passei momentos muito felizes com Churchill.

Ele também está, como provavelmente sabe, muito interessado em arte, em pintura. Sim, eu sei. Como eu próprio era algo artista, embora nunca tenha realmente desenvolvido isso na medida em que poderia ter feito, temos muita discussão sobre o assunto. E, claro, conheci muitos grandes pintores por aqui. Conheci pessoas como Constable, cujo trabalho admiro imenso. Não que ele fosse um retratista, mas era muito talentoso e, na verdade, conseguia fazer retratos. Não fez muitos, apenas alguns, sobretudo paisagens.

E, claro, conheci muita gente que, na sua própria época, sabe, foram homens e mulheres notáveis. Na verdade, conheci Florence Nightingale, e achei-a muito conversadora, muito divertida e muito mais espirituosa do que se pensaria ser possível. Oh, Charles de Gaulle? Não, não, Florence Nightingale. Oh, certo. Sim, estou a ver.

Conheci muita gente que está interessada em várias coisas, claro. Sim, sim. Suponho que seja por se ter esta ideia de que os vitorianos... ou os gregos... Florence Nightingale foi uma mulher bastante notável. E ela tem estado a falar comigo e a contar-me imenso sobre os seus primeiros anos, sabe, quando foi para a Crimeia e tudo isso, onde ela realmente deu início a algo. Ela foi realmente uma das, se não a primeira, sufragistas, creio eu. Penso que ela deve ter sido a primeiríssima sufragista, não acha? Ela foi.

Bem, de certa forma, sim. Quero dizer, a Sra. Pankhurst foi provavelmente a primeira. Pankhurst, sim. Não, mas penso que Florence Nightingale foi, de certa maneira, uma sufragista. Sabe, ela defendeu as mulheres e o direito de as mulheres fazerem coisas. Quero dizer, ela saiu e iniciou o sistema de enfermagem, não foi? Sim, sim.

Oh, sim, ela é toda uma personagem. Tem andado por aqui ocasionalmente. Um dia, talvez ela venha falar consigo. Olho para trás para a minha vida e penso para comigo: se ao menos eu tivesse sido mais inteligente. Bem, eu era inteligente, mas andava sempre a correr atrás das pessoas erradas. Esse foi o meu problema.

Sim, infelizmente, não se consegue saber se se está... Enfim, estou perfeitamente feliz agora e não tenho arrependimentos. E é maravilhoso falar consigo novamente, e voltarei a falar consigo, se puder, na próxima semana.

* * *

060273

Stephen Ward: Olá, Rose.

Rose (Rose): Olá.

Stephen Ward: Olá.

Stephen Ward: Olá, Rose, como estás?

Rose: Estou muito bem, obrigado, querido.

Stephen Ward: Bem.

Rose: Oh, eu sei quem é.

Stephen Ward: Vou dar-te três tentativas. Acho que provavelmente acertarás à primeira. Consegues ouvir-me? Estás a achar difícil. Passou tanto tempo desde que ouvi a tua voz. Afastei-me um pouco desta forma de falar.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E estou a fazer o meu melhor.

Rose: Sim, eu sei que estás.

Stephen Ward: Eu não queria que ficasses dececionada. Não queria que sentisses que...

Rose: Não, eu não ficaria dececionada.

Stephen Ward: Deus, mas estou a fazer o meu melhor.

Rose: Eu sei, tenho a certeza que sim.

Stephen Ward: Mas, apesar do facto de não ter conseguido vir falar contigo durante eras e eras, tenho estado muito, muito presente. Tenho estado muito perto de ti. E tenho tido um interesse tremendo em ti.

Rose: Tens tido.

Stephen Ward: Claro que sim.

Rose: Tu és um querido.

Stephen Ward: Tenho estado muito perto de ti. Tenho estado muito, muito perto de ti. Tenho estado muito, muito perto de ti. Tenho estado muito ciente de todos esses problemas.

Rose: Bem, é por isso que eu considero tudo.

Stephen Ward: Sim. Quero dizer, bem, estás a fazer progressos bastante bons.

Rose: Oh, que bom. Fico feliz por ouvir isso.

Stephen Ward: Claro, desde que não cometas nenhuma extravagância, que não andes por aí em farras.

Rose: Nunca farei isso. É só o que estou a fazer. Peço desculpa.

Stephen Ward (referindo-se à dificuldade da voz): Não, ela é uma peça, suponho. Oh, estou tão entusiasmado. Pensei que estivesses a voltar outra vez. Deve levar-te muito tempo a habituar-te ao instrumento agora, não é?

Stephen Ward: Bem, na verdade, em certos aspetos, afastei-me de certa forma da terra.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Não quero que penses, por causa disso, como já disse, que eu não via nada. Claro que vejo. Quero dizer, eu mantenho o contacto. Sobre eles, de um ponto de vista de comunicação, suponho que provavelmente perdi o hábito.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Muito em breve, ficarei muito feliz por poder vir hoje e conversar contigo por alguns minutos.

Rose: Sim. A tua voz está... o que dirias? A voz dela está ligeiramente alterada.

Stephen Ward: A sério? Mas, na verdade, do meu ponto de vista, não faço a menor ideia. Quero dizer, quanto a se a minha voz soa igual ou... Se não soa igual, é o forte dela. Difícil de explicar isso. Quero dizer, estou ciente de concentrar os meus pensamentos.

Rose: Sim.

Stephen Ward: No instrumento ou caixa de voz, poder-se-ia dizer?

Rose: Sim.

Stephen Ward: É o que transmite os meus pensamentos em sons e tu recebes-nos como tal. Se sou capaz de reproduzir ainda eu próprio, num sentido pleno, acho que há muito tempo com a experiência dos sentidos. E, claro, tenho estado um pouco fora de contacto neste aspeto. Mas posso simplesmente voltar ao velho hábito. Em qualquer caso, quero muito vir falar contigo ou ver as coisas que quero dizer-te, coisas que levei para a minha vida.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Aposto. Tenho estado tremendamente interessado desde que estou aqui em, bem, muitos aspetos do que suponho que alguém chamaria arte.

Rose: Oh, sim.

Stephen Ward: Oh, bem, claro, aqui a nossa conceção das coisas é bastante diferente. Enquanto na Terra é, em grande medida, comercial. Suponho que isso se deve obviamente a certos sentidos além do controlo de qualquer pessoa. Mas aqui, a arte está tão à frente de qualquer coisa que possas imaginar. Quero dizer, por exemplo, vi aqui grandes obras de arte criadas por artistas de tal, bem, calibre crónico e tremendo, mas em comparação com o que possam ter alcançado na Terra, por grandes que devam ter sido em alguns casos. Fazem tudo parecer infinitesimal, quero dizer, as pessoas lá no sol vão parar porque vêm para aqui, criando pensamentos criativos e o poder criativo é a seiva, poder-se-ia dizer, da

vida aqui. Quero dizer, um grande músico não para, por exemplo, de tocar um instrumento ao qual respondes, envolve um grande compositor, para de compor grande música. A única coisa é, claro, aqui os instrumentos são muito mais meritórios e são muito mais capazes de lidar, por assim dizer, com os quatro quartos que emanam da pessoa em questão que tem sido criativa. Quero dizer, quero dizer, obviamente muitos grandes artistas, grandes músicos por vezes que devem desanimar porque o seu material, no que toca ao mundo, mas eles são adequados o suficiente para demonstrar.

Rose: Compreendo.

Stephen Ward: Sim. O que eles estavam a tentar alcançar, quero dizer, por exemplo, aqui pegas numa cor. Temos cores aqui que, bem, mal consigo começar a descrever-te. Portanto, há uma cor tremenda no vosso mundo, ou o que parece ser cor ao olho. Aqui existe em tal variedade de matizes, tão distantes de qualquer coisa que possas imaginar. Aqui um artista pode pintar, e quando digo que um artista pode pintar, não desejo que imagines que isto é feito puramente pelo pensamento. Tudo aqui é uma realidade. Temos substâncias. Um artista tem substâncias, tem as paletas se quiseres, a cor de muitas cores. E estas são criadas não pelo pensamento, mas pela ação, utilizando substâncias extraídas do mundo em que vivemos. Percebes, tal como tens um mundo que é tão sólido e real para ti, no qual migras em harmonia, assim temos também um mundo, ou muitos mundos onde, de acordo com o estado de evolução de cada um, temos substâncias que podem ser influenciadas, que podem ser transformadas em várias coisas. Quero dizer, as pessoas têm esta ideia, quão bem sabes o que ela quer dizer? Quero dizer, sem edifícios, quero dizer, há um mundo, um mundo feminino de imaginação, se quiseres, do norte, existem realidades, são criadas, criadas, são desenhadas por pessoas cuja vida é, poder-se-ia dizer, cujo amor é ser criativo nesse sentido, depois há aqueles que amam usar as mãos com materiais, que criam os materiais das substâncias, o necessário para a construção, outros aparecem que fazem a construção. As pessoas não devem ficar com a ideia de que o nosso mundo é algo que é apenas algum tipo de estado de ser, onde os pensamentos sendo predominantes — ou de facto são predominantes —

então eles simplesmente saem do éter pela vontade. As coisas são criadas de uma forma substancial. Isto é o que faz do nosso mundo tal realidade e um lugar tão maravilhoso, porque cada um encontra o seu próprio nicho, ou a sua própria esfera de atividade, é capaz de fazer e alcançar com amor e as coisas que o aprazem.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Ouvi grandes concertos aqui em vastos auditórios, alguns deles no que me dirias ser ao ar livre, onde ouvi música que é ainda absolutamente fantástica e bela, onde não conseguirias descrevê-la, não conseguirias retratá-la, e não há instrumento no teu mundo que pudesse meramente transmiti-la. Quero dizer, por exemplo, sei que existem certos músicos, músicos muito talentosos deste lado, que tentam impressionar, ou usar pessoas do vosso lado, de mente semelhante, quero dizer, por exemplo, podes ter alguém no teu mundo que é um pianista brilhante, pela habilidade natural e talento para estudar imenso e tornar-se muito proficiente nesse campo particular. E, por vezes, eles vão subitamente surpreender-se a si próprios ao dar uma atuação nisto, quer seja sobre isso ou piano, ou o que quer que seja, que agora sabem instintivamente ser algo que nunca tinham alcançado antes, o que é obviamente, de facto, nalgum sentido, por vezes além daquele regime normal de benefício. Não creio que as pessoas percebam que um indivíduo, acredita, uma pessoa artisticamente criativa, é por própria natureza muito psíquica, ou muito sensível, de tal forma que há momentos em que podem ser numa arte, de facto, tomados. E percebem que há algo a acontecer, não sabem bem o quê. Mas não há dúvida sobre isso com génios infantis. Quero dizer, por exemplo, conheci isto, conheci este artista, sabes, ele não era um génio, ele era muito mais quando criança pequena, era capaz de compor música que estava longe do que se teria pensado ou sentido estar além de uma criança normal. Ele tinha este poder notável, habilidade, e não há dúvida de que prodígios infantis são de facto impressionados e inspirados, e são tomados em tempos vossos. Quero dizer, sabe-se até de uma criança que tinha conhecimentos diferentes de um certo assunto, que disse na sombra do brilho, muito além dos seus anos, e disse na

experiência oposta, de facto, nalguns casos, não tínhamos tido experiência, entre estas coisas em que falo de uma realidade, é que onde existe o poder do pensamento, e ele é capaz de ser teu, e assim será, pela sua própria natureza, trazer num sentido criativo coisas antes, que foram feitas no latente contado, estava preparado para não ser sequer existente numa personalidade pessoal. Já estou a começar a compreender muitas coisas, que, francamente, outrora, possivelmente, quero dizer, eu costumava, à minha própria maneira, costumava esforçar-se, neste lugar, no mundo, para ser criativo. Costumava pintar para ir e desenhar e tudo isso, mas nunca senti que, hum, estivesse realmente a alcançar grande coisa. Sinto-me pago. Estava realmente feliz com os meus esforços nessa direção, mas, lá está, sabia que tinha uma necessidade de consciência e que tinha algum talento. Suponho que, na verdade, parte da propriedade nos afetou, chamados e outras coisas, pelo menos no meu sangue, e antes, cada ser humano tem dentro de si a habilidade de ser criativo de algum modo, ou de alguma forma, ou algum tipo de forma de talento. E é uma questão de, claro, até certo ponto, quanto pomos nisso, obviamente, tens de estudar. Aqui, estou a estudar. Estou a aprender a tornar-me, espero, um artista bastante bom. E também o meu aspeto musical, que, bem, não era muito até agora na terra, bem, e isto está a desenvolver-se, a marcar, mas estou a aprender a alcançar, aprender a tornar-me criativo de tal forma que sinto que há grande esperança para a Internet, à medida que chegamos aqui, proficientes. E espero, talvez, ser capaz de criar alguma obra nova, que dará grande alegria, prazer a muitas pessoas, é a única coisa que fazemos aqui, é, é para o, não, do ponto de vista do teu desejo de, de dar gozo, prazer e felicidade, que é a única coisa que fazemos, embora não seja um pessoal persistente, é também, em grande medida, deliberadamente, feito do ponto de vista de dar um contributo aos outros.

Rose: Oh, sim, eu compreendo.

Stephen Ward: Sim. Eu quero, eu quero, numa enorme troca de mim sobre diferentes tecnologias. Agora, como é que isso acontece? E de repente, talvez, esta incapacidade?

Stephen Ward: Bem, acho que isso é facilmente explicado. Quero dizer, pessoalmente, acho que não há dúvida sobre isto, que um artista através deste lado, um grande, grande génio se quiseres.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Pode, ele próprio, digamos, imprimir-se sobre alguma criança muito provável.

Rose: Oh, talento natural, natural.

Stephen Ward: Sim, sim. Ou beleza.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E, percebes, a mente de uma criança não está formada. Não está contaminada pelo materialismo. Invariavelmente, também, uma criança tem uma iniciativa vinda de dentro de si mesma, para ele mesmo, para ela mesma.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E depois, como criança, é mais subtil, mais, mais parecida com — como é que eu ponho isto? — é mais capaz de ser usada, porque então, alguém, digamos, como aquele, aquele, aquele, aquele, aquele, não, tu podes conhecer a criança, percebes, quero dizer, como criança, ela pode ser moldada, em grande escala, na sua influência, nos seus primeiros anos, pelos pais e pela forma como é criada numa escola que chega a, começa a assimilar o material, a coisa do ensino dos pais.

Rose: Sim. Sim. Sim.

Stephen Ward: Como criança, até tem uma tendência artística, até tem uma habilidade natural, até tem o tipo de plasticidade, assim como o mundo que eu me esforço por descobrir. E depois, frequentemente, um génio de alguém deste lado pode controlar uma criança, pode impressionar uma criança, e a criança, muitas vezes, por causa da sua inocência, e porque não está contaminada num sentido material, não tem noções e ideias preconcebidas fortes de visão, como se não estivesse, por assim dizer, formada, a criança não se tornou formada, de forma alguma.

Rose: Sim. Sim. Sim.

Stephen Ward: E, muitas vezes, eles podem ser teus, deste lado, para a mostra, um bocado, talvez, para compor, ou para tocar um instrumento, ou para pintar, ou o que quer que seja, mas, por vezes, e acontece frequentemente, lamento dizer, à medida que a criança se torna, onde duvido, se torna mais do tipo de coisas materiais, ações materiais, seguindo a força material, e torna-se mais imersa no mundano e nas coisas pertencentes à sua carreira, ou pertencentes à sua vida selvagem. Portanto, ele perde isto; esta é a parte infeliz sobre isso.

Esta é a continuação da tradução da sessão de voz direta com Stephen Ward, mantendo o rigor, o português europeu e a distinção clara entre as Rosees.

<>

Stephen Ward: Sabes, não há dúvida nenhuma sobre isso: as crianças têm experiências que não são, necessariamente, aplicáveis aos adultos. Os adultos tornam-se demasiado — digamos — "calejados" para conseguirem prosseguir mais além, para serem capazes de chegar a algum lugar ou de estarem conscientes de coisas fora do mundo material. E é aqui que, frequentemente, uma criança mostrará uma promessa notável, uma maior habilidade, um grande talento; algo que ela pode possuir de forma normal e natural, mas que pode ser acentuado por um poder que a rodeia. E esse indivíduo, em particular, escolhe os "instrumentos" — a criança.

Mas, muito frequentemente, isto perde-se; o elo quebra-se. Muitas vezes acontece quando a criança é desenraizada, enviada talvez para a escola, e torna-se imersa no futebol, ou no que quer que seja, em coisas materiais. E esse talento natural — e é um talento natural que está dormente, latente — que está, até certo ponto, a ser alimentado pelos esforços de um indivíduo deste lado, que manipula ou controla.

Por outras palavras, parece-me que, em muitos, muitos casos, frequentemente aqueles que partilham grandes promessas acabam por perdê-las, porque a atitude da mente muda, os interesses mudam, deixam de ter o mesmo incentivo, deixam de ter o mesmo tipo de realização. Não estou a dizer, com isto,

que a criança esteja ciente, sempre, de estar a ser usada ou de estar a ser controlada.

Claro que existem algumas crianças que são realmente "tomadas" a tal ponto que, de certa forma, as suas identidades se perdem no processo. Mas, à medida que ficam mais velhas, a sua própria identidade começa a afirmar-se e, frequentemente, a criança é chamada de "sonhadora", ou de alguém com um pensamento muito interiorizado, e não muito, por assim dizer, exteriormente vivaz. Refiro-me àquelas crianças que parecem estar a viver num mundo muito próprio. Alguns pais dizem: "Oh, bem, ele está sempre mergulhado na sua própria imaginação", ou "ele não sai para brincar com as outras crianças como todas as crianças fazem, é uma criança muito estranha".

Mas, frequentemente, é uma criança muito antiga, a criança introspetiva. Essa é a criança muito psíquica, o instrumento muito sensível que é, muitas vezes, utilizado por seres deste lado. Quero dizer, há muitos, muitos casos de crianças extraordinárias que, na sua infância, ou melhor, nos seus primeiros anos, mostram um talento tremendo. Refiro-me a... oh, havia um jovem rapaz do vosso lado que tinha uma habilidade tremenda, uma habilidade natural e, lá está, ao mesmo tempo, ele foi "tomado" a tal ponto por alguém deste lado que foi capaz de dirigir uma grande orquestra.

Mas, terá ele superado isso? A centelha divina, como lhe chamo, costumava existir. Ele ainda tinha a habilidade, a sua própria habilidade natural e a acumulação de experiência. Mas já não tinha aquele "algo" tremendo que tornou possível para ele, numa idade muito precoce, por volta dos oito anos ou algo assim, ser capaz de dirigir uma grande orquestra. E isto é uma tragédia, percebes, porque muitas crianças, à medida que crescem, perdem-se; o contacto quebra-se, não consegue ser mantido devido à atitude mental que se está a formar na criança — a qual, na própria criança enquanto infante, tinha ficado submersa.

E suponho que, quando perdem esta habilidade, é uma deceção, de certa forma, para aqueles que as estão a usar a partir do lado de fora. Bem, claro, é uma grande deceção. Mas isto não acontece apenas com crianças, percebes. Quero dizer, por exemplo, se pudesses entrar num hospital, encontrarias lá vastos

números de almas que estão a controlar ou, pelo menos — se não necessariamente a controlar — a influenciar médicos do vosso lado, nas suas investigações, no seu trabalho.

Quem me dera que fosse possível colocar isto totalmente em palavras, mas em cada campo de atividade que é benéfico para a raça humana, que é bom para a raça humana — particularmente quando se trata de coisas que acontecem à mente e ao espírito — no vosso mundo, milhões de pessoas, até certo ponto, são ajudadas. Claro que muita da ajuda que é dada é frequentemente inibida pelo indivíduo do vosso lado. Quero dizer, há inúmeras pessoas no vosso mundo que estão a fazer coisas, parcialmente porque querem, sim, mas também superando grandemente a sua habilidade através do poder do espírito do indivíduo deste lado que os está a impressionar, a inspirar e a ajudar.

Não há limite, claro, para o que poderia ser feito ou alcançado no vosso mundo pelo poder de indivíduos deste mundo, usando esse poder para guiar, ajudar, elevar e inspirar a pessoa e, de facto, em tantos campos diferentes de atividade, ajudar a humanidade. Mas, infelizmente, muita gente, que é frequentemente muito sensível e muito recetiva a isso, tem dificuldade em compreendê-lo, em como é ajudada e guiada; se apenas compreendessem estas coisas, seriam mais cooperantes e trabalhariam em harmonia de tal forma que muito mais poderia ser feito.

Refiro-me ao facto de que há coisas deste lado a serem ensinadas por vários professores e sinto que, em alguns aspetos, enfim, eu não sou um mau aluno; quero dizer, sou muito cooperante e estou realmente ansioso por aprender, muito ansioso por me expressar e trazer algo de mim próprio para interpretar os meus sentimentos e emoções mais íntimos. E estas coisas... todos deveriam trazer algo de si mesmos, o que torna tudo bastante único. Quero dizer, uma pessoa pode ensinar algo, uma pessoa pode ajudar-te, guiar-te numa certa direção, dar-te conselhos de especialista, mas tu deves ainda assim trazer algo pessoal de ti mesmo para tornar aquilo original.

Rose: Sim, sim.

Stephen Ward: Ou torná-lo mais interessante aos olhos de quem vê.

Rose: Sim.

Stephen Ward: Sim. Isso é muito bom. Bem, eu estou envolvido em tantas coisas. Estou envolvido na música. Estou envolvido na arte. Acho que... outra coisa que as pessoas não compreendem é que se pode ler aqui. Quero dizer, agora, algumas pessoas assumem que não seria necessário ler, e que se pode aprender tudo através do contacto pessoal e da experiência, o que é verdade até certo ponto. Mas existem bibliotecas — suponho que essa seja a única palavra a usar — pois bem, são bibliotecas.

Eu tenho todos os meus próprios tipos de livros. Muitos dos grandes livros clássicos que foram escritos por pessoas preocupadas com a vida existem aqui, e também muitos, muitos outros livros que foram escritos por grandes almas para a iluminação da mente das pessoas que estão a lutar, que estão ansiosas por aprender. Percebes, podes aprender aqui de várias formas. Quero dizer, é uma grande alegria e prazer estudar.

E isso é tudo muito, muito bom, e eu não consigo possivelmente compreender... porque vocês, no vosso lado da vida...

Rose: Vocês conseguem ler os pensamentos das pessoas.

Stephen Ward: Oh, sim, ora, isso é verdade, mas o ponto fulcral é que, uma vez que algo é colocado entre capas, uma vez que algo é escrito, uma vez que é posto em formato de livro... e estou a falar aqui muito mais de pessoas que talvez não tenham desenvolvido almas muito poderosas. Para elas, há uma grande alegria e prazer em ler, e podem ler aquilo que foi escrito. E, claro, o indivíduo que talvez escreveu aquele livro pode ter ido muito mais além, para um plano muito superior, um plano muito mais evoluído, e não seria fácil para algumas pessoas de certos níveis de consciência conseguirem sintonizar-se com essa mente.

E, depois, lá está: um indivíduo, embora possa ser capaz de se "dividir" — e esta é a forma de o dizer — de tal maneira que poderia enviar os seus pensamentos em muitas direções e ser recebido por muitas pessoas ao mesmo tempo, essa alma altamente evoluída tem a sua própria vida para cumprir, o seu próprio aspeto de si mesma para evoluir, para desenvolver e até para ajustar. É

muito difícil. E o ponto é que tudo aqui cai no seu lugar de acordo com o estado de espírito ou o estado de evolução do indivíduo; e o que se pode aplicar numa esfera, num plano de existência, não se aplica necessariamente noutro.

E eu estou a pensar aqui, quando falo contigo sobre várias coisas que se pode fazer ou alcançar deste lado, estou a falar das fases iniciais, as fases mais precoces da chegada do homem aqui, e não estou a falar das almas altamente evoluídas que não precisam dessas ajudas.

Rose: Não, eu compreendo.

Stephen Ward: Sim. Quero dizer, quando a pessoa chega aqui pela primeira vez, quando se aclimatiza ou se ajusta, por assim dizer, e atinge o seu próprio nível natural de pensamento e de vida... então, muitas das coisas de que falo são importantes para elas. Elas não querem ficar sentadas ociosas; podem fazê-lo, se desejarem, por algum tempo, mas depois, se alguém sente que quer fazer algo, que quer tornar-se um participante útil na vida, que quer expressar-se, quer sentir que está a ser útil... em consequência, uma pessoa encontra o seu trabalho particular numa direção e, portanto, começa a estudar, começa a pensar nessa linha de pensamento, começa a procurar pessoas com essa mentalidade — ou pessoas com essa mentalidade virão até elas, atendendo às suas necessidades, sendo mais capazes de as ajudar porque tiveram muito mais experiência, em consequência.

Aqui existem muitos, muitos objetivos, muitos, muitos aspetos disto. Acho que é vitalmente importante que as pessoas percebam que a vida tem também muitos, muitos, muitos padrões. Quero dizer, ouves muita gente falar sobre esta esfera ou aquela esfera e por aí fora, mas cada uma destas esferas, por assim dizer — não exatamente divididas em centenas de esferas, mas elas estão. Oh, há tantos aspetos diferentes de pensamento e há tantas partes integrantes diferentes que elas terão.

Rose: Sim, e é isso. Há tantas subtilezas.

Stephen Ward: Quero dizer, por exemplo, um indivíduo pode estar a viver num ambiente feliz, rodeado por pessoas com a mesma mentalidade e interesses, o que lhes dá um grande prazer e uma felicidade inevitável; mas existem

pequenos mundos nos quais eles podem viver. Para eles, esse mundo pode parecer muito grande e enorme, mas é provavelmente uma parte infinitesimal de uma esfera particular. Da mesma forma que tu podes viver no teu mundo numa pequena parte e tens consciência de outros aspetos através da mente... sim, e sabes, por ouvir dizer, sobre outros países que nunca visitaste. Isso não retira o facto de que existem muitas, muitas coisas, muitos, muitos lugares, muitos, muitos aspetos da vida dos quais podes não estar consciente, mesmo estando ainda na Terra.

Rose: Sim, sim.

Stephen Ward: E tudo se aplica aqui, mas muito mais.

Stephen Ward: Refiro-me ao facto de estarmos a falar de mundos; estamos a falar de mundos que são habitados por incontáveis milhões, por biliões e biliões e biliões e biliões de almas, que outrora foram de várias nacionalidades, que estiveram na Terra há séculos e séculos e séculos. Percebes, os nossos mundos são infinitos. Não conseguirias — percebes, quando as pessoas dizem: "bem, onde é que fica este outro mundo?" — não podes dar uma área geográfica, porque isso torna-se fora de questão, seria de facto impossível.

Sabes, por exemplo, agora... são idiotas, mas digo sempre: milhões de pessoas a viver, a respirar e a existir são como uma partícula, não é? É como uma partícula de pó em comparação com o nosso mundo. Sabes, é muito difícil. Suponho que, à medida que me habituar mais a voltar, serei capaz de me tornar mais fluente e capaz de explicar e expressar melhor as coisas. É apenas uma questão de me habituar mais. Mas eu sei como tu estás tão interessada em todas estas coisas.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E eu enviarei... a pessoa comum que vem a isto está, mais ou menos, interessada puramente em coisas materiais ou, bem, em algo realmente casual ou algo assim, a um nível pessoal; mas ainda se dedica muito pouco tempo a permitir-nos discutir coisas que poderiam ser mais úteis do que o interesse de muitos. Quero dizer, tu tens isto porque vens através de todo o

melhor. Tu não precisas da prova pela evidência. Ora, isso vai abordá-los no norte, ou na conversa, o que torna tudo também maravilhoso.

Quero dizer, não venho há eras por várias razões — não necessariamente por minha total culpa, mas por circunstâncias. O médium tem o seu trabalho a fazer. Percebemos isso demasiado bem. Esse pouco tempo dado a alguns de nós que voltamos e falamos sobre um nível diferente e te damos algo que sentimos que poderia ser uma grande ajuda e barreira. Quero dizer, estou aqui há comparativamente pouco tempo quando consideras algumas das almas que aparecem. E nesse curto espaço de tempo, estiveste a falar com muita gente, gente grande. Bem, eu dou um... como algo que eu poderia ter feito, ou poderia fazer no futuro.

Tu dizes, eu não estou aqui há tempo suficiente, talvez, para me tornar o meu... trabalho de utilizador de calor ou um remoto. Quero dizer, algumas das almas que estão aqui há séculos e progrediram, tornaram-se tão remotas ou afastadas, se quiseres, do mundo material...

Rose: Sim.

Stephen Ward: Que é de facto muito difícil para algumas delas conseguir fazer uma ligação ou contacto, ou transmitir o que desejariam transmitir. Quero dizer, os mundos delas estão tão afastados do material, e são algumas circunstâncias diferentes.

Rose: Sim.

Stephen Ward: E elas vêm em linguagem, num sentido, se quiseres, o cerne da linguagem e do ponto de vista material. Elas conseguem comungar num processo mental de tal forma, mas não têm de dizer palavras ou agitar a atmosfera para criar som. Mas aqueles de nós que não partiram há demasiado tempo e que fizeram uma certa quantidade, ainda podemos regressar, ainda podemos transmitir, ainda podemos colocar numa linguagem que seja compreensível para ti alguns dos nossos pensamentos, algumas das nossas ideias, algumas das nossas experiências; e isto, acho eu, é o que poderia ser muito interessante, útil e valioso para aquilo que tu procuras no teu mundo.

Enfim, é isso que eu gostaria de fazer. Bem, agora as portas abriram-se novamente. Graças a Deus. Talvez eu consiga passar por elas ocasionalmente, para uma cavaqueira.

Rose: Oh, sim, senhor.

Stephen Ward: Quero dizer, e se houver alguma coisa, particularmente aí, que queiras perguntar-me, é possível que o façamos obviamente — ou se eu não puder, se conseguir encontrar alguém que possa, quem sabe, provavelmente encontrarei. Eu não queria... quero ser de ajuda, sabes. Estou extremamente agradecido por tudo o que foi feito por mim naqueles primeiros meses, porque eu estava tão desolado, eu disse... bem, tu sabes qual é o estado. Eu disse, oh, isso já passou de qualquer maneira. Enfim, tenho de ir. Ou poderia passar ou esperar, creio. Mas, seja como for, é maravilhoso falar contigo no fim.

* * *